

Gore Vidal



HOLLYWOOD

UM ROMANCE
DA AMÉRICA
NOS ANOS VINTE



2ª EDIÇÃO

Rocco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GORE VIDAL

HOLLYWOOD

**UM ROMANCE DA
AMÉRICA NOS ANOS VINTE**

TRADUÇÃO DE ELIANA SABINO

Rocco
1991

William Randolph Hearst baixou lentamente seu corpanzil de urso sobre uma linda cadeira Biedermeier, cheia de liras, pergaminhos e marcheteria.

— Não conte a ninguém que estou em Washington — ordenou.

Em seguida piscou devagarinho os olhos azul-claros para Blaise Delacroix Sanford. Embora Blaise estivesse com quarenta e um anos e fosse o editor do *Washington Tribune*, ainda temia seu antigo chefe e mentor, agora grisalho em seus cinquenta e quatro anos, o jornalista mais famoso do mundo, proprietário de "dezenas de jornais e revistas e, curiosissimamente, recente criador da sensação mundial que era um filme seriado chamado *Os perigos de Pauline*.

— Claro que não.

Blaise estava sentado na beirada de sua escrivaninha, flexionando os músculos da perna. Ao contrário do Chefe, Blaise estava em excelente forma física: cavalgava todos os dias, jogava squash em sua própria quadra, lutava contra a idade.

— Millicent e eu passamos o inverno nos Breakers. Sabe, em Palm Beach.

O rosto do Chefe estava moreno como o de um índio, em razão do sol. Logo atrás da cabeça de Hearst, Blaise tinha, através da janela, uma vista parcial da Rua 14, até que, com um suspiro leve e seco, a cadeira Biedermeier desmoronou sobre si mesma como um acordeão; Hearst e a cadeira tombaram sobre o espesso tapete persa, e a vista da Rua 14 ficou desobstruída.

Blaise pôs-se de pé num salto.

— Lamento...

Mas Hearst ignorou serenamente a intromissão da força da gravidade em seu raciocínio. Permaneceu no chão, onde estava, segurando numa das mãos uma frágil lira de madeira que tinha sido um dos braços da cadeira: o Orfeu do jornalismo popular, pensou Blaise histericamente, perturbado por aquela visão.

— De qualquer maneira, vim escondido a Washington para descobrir se há alguma coisa de concreto nesse negócio do telegrama Zimmermann; se houver, como é que você pretende agir a respeito? Afinal, é o editor de

Washington. Eu sou só de Nova York.

— E de todos os outros lugares. Pessoalmente, acho que é uma fraude... Por que não experimenta outra cadeira?

Hearst pousou sua lira.

— Sabe, quando estive em Salzburgo comprei um monte de mobília Biedermeier e mandei de navio para Nova York, e afinal nunca cheguei a tirar dos caixotes. Agora acho que não vou mesmo. — Tão lentamente como se sentara, majestosamente, Hearst ergueu-se em toda a sua estatura; era pelo menos duas cabeças mais alto que Blaise. — Desculpe ter quebrado esta coisa. Mande-me a conta do estrago.

— Deixe disso, Chefe.

Em seu nervosismo, Blaise chamou Hearst pelo nome pelo qual ele era conhecido por todos os seus empregados, mas nunca por Blaise, seu igual. Enquanto Hearst acomodava-se numa poltrona de couro que parecia uma fortaleza, Blaise pegou o assim chamado "telegrama Zimmermann". Recebera uma cópia de fonte segura na Casa Branca, assim como Hearst, aparentemente. O telegrama fora transmitido secretamente de Londres para o Presidente Wilson no sábado, 24 de fevereiro de 1917, Agora era segunda-feira, e na tarde desse mesmo dia Woodrow Wilson iria discursar numa sessão plenária no Congresso sobre a guerra ou a paz ou a continuação da neutralidade ou fosse o que fosse com as Forças do Centro, especificamente a Alemanha, em sua guerra contra a "Entente Cordiale", ou França, Inglaterra e Rússia e, ultimamente, Itália. Se autêntico, o telegrama do ministro do Exterior alemão, Arthur Zimmermann, para o embaixador alemão no México, um país havia algum tempo mais ou menos em guerra com os Estados Unidos, acabaria de uma vez por todas com a neutralidade dos Estados Unidos. Blaise suspeitava de que o telegrama fosse obra do Ministério do Exterior britânico. O tom ousado era o tipo de coisa que apenas um país desesperado, perdendo uma guerra, engendraria para assustar os Estados Unidos e fazê-los vir em seu socorro.

— Meus espíões dizem que o telegrama estava de molho em Londres desde o "mês passado, o que significa que foi escrito lá, se é que não começou primeiro aqui. — Hearst tirou sua cópia de um bolso e leu em sua voz alta e fina: — "Pretendemos começar em 1º de fevereiro uma guerra submarina irrestrita." — Ergueu os olhos. — Bom, esta parte é verdade, os alemães estão realmente nos martelando, afundando todos os navios que encontram entre os Estados Unidos e a Europa. Burrice deles, sabe? A maioria dos americanos não deseja a guerra. Eu não quero a guerra. Sabia que Bernstorff foi amante da Sra. Wilson?

O Chefe tinha o desconcertante hábito de mudar de um assunto a outro sem qualquer ligação perceptível; no entanto, com frequência havia algum elo misterioso juntando suas divagações desencontradas. Blaise realmente ouvira o boato de que o embaixador alemão e a viúva Sra. Galt, como a Sra. Wilson era

conhecida um ano antes, tinham sido amantes. Mas Washington não era apenas a "cidade das conversas" de Henry James, mas a cidade dos mexericos fantásticos de Hearst.

— Se foram amantes, tenho certeza de que estava tudo terminado quando ela se casou com o Presidente.

— Ninguém pode ter certeza a não ser que estivesse no quarto deles, como minha mãe está sempre me dizendo. Que fortuna mamãe possui! E ainda por cima ela é a favor dos ingleses. — Hearst recomeçou a leitura: "Apesar disto, vamos tentar manter a neutralidade dos Estados Unidos. Caso isto não aconteça,, fazemos ao México uma proposta de aliança nos seguintes termos: fazemos juntos a guerra, fazemos juntos a paz, generosa ajuda financeira e de nossa parte a aceitação de que o México reconquiste os territórios perdidos no Texas, no Novo México e no Arizona. — Hearst ergueu os olhos.

— Pelo menos, quem quer que tenha escrito isto não lhes prometeu minha propriedade na Califórnia.

— Quem você acha que escreveu, se não foi Zimmermann?

Hearst assumiu uma expressão de seriedade.

— Thomas W. Gregory, o procurador-geral. Foi o que ouvi. Ele está pressionando Wilson cada vez mais a entrar na guerra agora. Felizmente o resto do Gabinete quer que Wilson resista, porque...

— Hearst olhou para o telegrama, franzindo os olhos — esta parte aqui é o verdadeiro motivo da guerra. Quer dizer, Zimmermann, ou Gregory, ou os ingleses, ou quem quer que tenha escrito, sugere que o Presidente do México procure os japoneses e os faça entrar em guerra conosco. Bem, esta é a grande ameaça!

Blaise rodeou a escrivaninha e sentou-se em sua cadeira. Na parede atrás de si estava pendurado um retrato em tamanho real dele, com sua meia-irmã e co-editora Caroline e seu diretor, Trimble. Blaise sabia, todos sabiam, que sempre que Hearst precisava de uma história sensacional para seus jornais ele invocava o Perigo Amarelo. Embora Blaise fosse neutro no que se referia à expansão japonesa na China, outras pessoas não eram. Em 1º de fevereiro, quando a Alemanha enviara seu ultimato aos Estados Unidos no sentido de que todos os navios que saíssem de portos americanos com destino a portos dos Aliados seriam presa fácil para os submarinos alemães, ou "U-boats", como eram popularmente conhecidos, o Gabinete reunira-se, e embora Gregory, entre outros, estivesse ansioso por uma declaração de guerra, o Presidente, lembrando-se de que acabava de ser reeleito como "o homem que nos manteve fora da guerra", queria apenas cortar relações entre os dois países. Ele recebera o apoio inesperado de seus secretários da Guerra e da Marinha; ambos declararam que os Estados Unidos deveriam deixar que a Alemanha se apoderasse da Europa e então, no futuro, toda a raça branca unir-se-ia contra as hostes amarelas,

lideradas pelo Japão. Hearst dera grande destaque a essa alternativa. Blaise, não.

Trimble entrou sem bater. Era um sulino idoso, cujos cabelos antes ruivos tinham agora um desagradável tom rosado.

— Sr. Hearst — falou, com uma reverência.

Hearst inclinou a cabeça, e Trimble disse:

— Acabamos de receber um relatório sobre o que o Presidente vai dizer ao Congresso...

— Guerra? — Hearst endireitou-se na cadeira.

— Não, senhor. Mas ele vai pedir neutralidade armada...

— Estado de alerta... — suspirou Hearst. — Paz sem vitória. Uma liga mundial das nações com o Sr. Wilson na Presidência. Autodeterminação para todos.

— Bom, ele não fala isto tudo neste discurso — fez Trimble, antes de retirar-se.

Blaise repetiu a piada da semana em Washington.

— O Presidente quer declarar guerra confidencialmente, de modo que os bryanistas, que são os pacifistas do partido, não fiquem contra ele.

— Além de mim. Ainda estou na política, você sabe.

Blaise sabia; todos sabiam. Hearst preparava-se para concorrer novamente ao governo do estado de Nova York, ou à prefeitura da cidade de Nova York, ou à Presidência em 1920. Ainda tinha um número imenso de seguidores, principalmente entre os assim chamados de dupla nacionalidade: germano-americanos e irlandeses-americanos, inimigos da Inglaterra e de seus aliados.

— *Viu Os perigos de Pauline?* — perguntou.

Blaise acomodou-se facilmente à súbita mudança de assunto. A cabeça do Chefe era um prodigioso caleidoscópio que nenhum tipo de consciência protegia. Como uma criança, dizia o que quer que lhe viesse à mente. Não havia um processo de filtragem, exceto quando ele decidia, como fazia com frequência, ficar enigmáticamente silencioso.

— Vi vários episódios. Ela é muito bonita, a Srta. Pearl White, e sempre em ação.

— É por isso que eles são chamados de imagens em movimento. — Hearst mostrava-se professoral. — Ela tem que ficar fugindo do perigo, senão a plateia vai começar a fugir do cinema. Sabe, neste negócio de guerra, sou a favor de ficarmos de fora, tanto quanto você é a favor de entrarmos. Mas vou dizer uma coisa: se o povo realmente quiser a guerra, então vou concordar. Afinal, é o povo que vai ter que lutar nela, não eu. Vou pedir um plebiscito nacional, fazer todo mundo votar, sabe como é? Querem lutar pela Inglaterra e pela França contra seu próprio povo, os alemães e os irlandeses?

Blaise riu.

— Acho que não vão deixar você colocar a pergunta assim.

Hearst grunhiu.

— Bom, sabe o que quero dizer. Não existe um apoio de verdade. Sei disso muito bem: tenho oito jornais, da Califórnia a Nova York Mas claro que é tarde demais. A coisa já foi muito longe. Vamos mesmo entrar na guerra. Então a Inglaterra vai desmoronar. Depois os alemães virão aqui, ou tentarão. Já pensou nas bandeiras?

— Bandeiras?

Dessa vez o inconsciente do Chefe estava à frente de Blaise.

Hearst extraiu de seu enorme bolso lateral um exemplar do *New York American*. Na primeira página havia bandeiras em vermelho-branco-azul, assim como várias estrofes do hino nacional.

— Bonito, não é?

— Muito patriótico.

— A ideia é essa mesma. Estou ficando cansado de ser chamado de pró-Alemanha. De qualquer maneira, estou prestes a começar uma empresa de cinematógrafo, e gostaria que você entrasse comigo.

Blaise adaptou-se a essa nova mudança com admirável sangue-frio, segundo ele próprio achou.

— Mas não entendo nada de filmes.

— Ninguém entende. Isto é que é maravilhoso. Sabe, enquanto estamos sentados aqui, no mundo inteiro chineses, hindus e patagônios analfabetos estão assistindo à minha Pauline. Entende, para assistir um filme não é necessário falar outra língua, como quando se lê um jornal, porque está tudo ali. Tudo ali, em movimento. É a única coisa internacional que existe. De qualquer maneira, o importante é que mamãe, que é quem tem dinheiro, não quer me emprestar, e não pretendo recorrer aos bancos.

Finalmente Hearst surpreendera Blaise. Era verdade que Phoebe Apperson Hearst controlava a grande fortuna em minério do finado pai de Hearst, mas o império pessoal de Hearst era mais que suficiente para financiar uma companhia cinematográfica. Naturalmente Hearst vivia mais luxuosamente do que qualquer pessoa nos Estados Unidos, com cinco milhões por ano, dizia-se, grande parte dos quais era destinada à aquisição de qualquer obra de arte espúria à venda em qualquer lugar.

— Bem, vou pensar nisto — Blaise estava cauteloso.

— E aquela sua irmã, Caroline?

— Pergunte a ela.

— Você não quer me vender o *Tribune*?

— Não.

Hearst pôs-se de pé.

— É o que você sempre diz. Estou de olho no *Times* daqui. É um jornal

horrível, mas este aqui também era até Caroline comprar e consertar.

A súbita onda de inveja de Blaise, ele esperava, não era visível para o outro. Caroline realmente comprara e revigorara o moribundo *Tribune*, depois, e só depois, permitira que seu meio-irmão comprasse uma parte. Agora, em conjunto, em harmonia, eram sócios.

Hearst contemplava a Rua 14.

— Quatro — disse. — Não, cinco casas de cinema só nesta rua. Estou de olho num lugar lá no Harlem, um antigo cassino, onde posso montar um estúdio. — Chutou distraidamente os restos da cadeira Biedermeier. — Tenho que ficar em Nova York. Por causa de 1920. Com ou sem guerra, vai ser o grande ano da política. Quem quer que se eleja presidente vai poder... — Hearst deu um tapinha no telegrama Zimmermann que estava sobre a escrivaninha de Blaise. — Acho que é falso.

Blaise assentiu.

— Eu também. É perfeito demais.

Hearst apertou a mão de Blaise.

— Vou voltar para Palm Beach. Vamos ter esta guerra de qualquer jeito, querendo ou não. Lembre-se da minha proposta. Só vou começar no Harlem porque Nova York é a minha base. Mas o lugar certo de se estar de agora em diante é Hollywood. Está por dentro?

— Não — respondeu Blaise. Como um domador, levou o grande urso até a porta. — Mas tenho certeza de que você está.

2

A Duquesa estava atrasada. Enquanto Jesse Smith esperava por ela na ante-sala de Madame Marcia, estudava ou fingia estudar o *Almanaque do vermifugo* do Dr. Jane, um grosso volume cheio de fantásticos mapas celestes e estranhos desenhos de criaturas ainda mais estranhas, uma das quais, um monstruoso caranguejo, provocou em Jesse ou Jess — "Não se pronuncia o 'e' final, por favor, rapazes, isto é só para as senhoras da loja" — angústia e azia, pois em seus repetidos pesadelos frequentemente figurava um caranguejo gigante e devorador, de completa malignidade; e Jess acordava aos soluços, segundo Roxy, nas poucas vezes, durante seu breve casamento, em que tinham passado uma noite inteira juntos.

Jess virou rapidamente várias páginas, até chegar a uma neutra balança

de dois pratos, mais tranquilizadora do que a lagosta com o ferrão na cauda ou o ameaçador leão. Não que ele temesse ser devorado pelo caranguejo, pela lagosta, pelo leão: asfixia era o seu terror noturno, com a pesada pata do leão tapando-lhe a boca e o nariz.

Jesse inspirou profunda e entrecortadamente. O apartamento de Madame Marcia recendia a galinha cozida e incenso velho, vindo de um prato de bronze de Benares cheio do que parecia fumo de cachimbo usado mas que na realidade era o mais recente incenso de sândalo indiano, pelo qual Roxy também tinha uma queda.

A sala de espera de Madame Marcia era separada do "santuário" por uma cortina feita de cordões de contas de cores diferentes para dar um efeito de *Mil e uma noites*, mas as contas eram tão foscas que o efeito era mais de balas de tostão enfiadas numa linha. No entanto, metade das figuras importantes de Washington D.C., dizia-se, vinham até ali para conhecer o futuro e assim impedir — ou apressar — o destino inexorável. Uma feiticeira em ação, Madame professava "fazer presidentes e dirigir presidentes". Por trás da cascata de contas Jess ouvia Madame resmungando consigo mesma em voz sem inflexão, que sugeria os mais elevados reinos espirituais, até que se distinguia a letra de uma recente canção popularizada pelo espetáculo de *Ziegfeld follies* de 1916, ouvida havia quase um ano em todas as vitrolas do país. Jess olhou sem muito interesse para um espalhafatoso diploma na parede, que declarava a todos que uma certa Mareia Champrey ocupava elevada posição na Igreja Espiritualista.

Madame Mareia tinha sido inspiração de Daugherty.

— Nunca fui lá. Mas dizem que ela é tiro e queda, e é disso que a Duquesa está precisando — dissera ele.

Como todos os políticos, Daugherty falava em código; e Jess, que crescera à sombra das colunas do Tribunal em Washington, Court House, sua cidade natal no Ohio, entendia esse código. Além disso, não havia o que ele não fizesse por Harry M. Daugherty, que tornara-se seu amigo quando ele estava começando, fizera seu trabalho legal de graça, apresentara-lhe os políticos de Ohio que sempre vinham pedir ajuda a Daugherty na época das eleições — eleições deles, naturalmente. Embora Daugherty tivesse sido presidente do Comitê Estadual Republicano e era agora para sempre parte da história porque indicara William McKinley para governador em 1893, dessa forma lançando o sol, por assim dizer, ao céu da república, o próprio Daugherty não tinha tido sorte na política; por 77 votos não conseguira ser candidato a governador e agora contentava-se em ser o poder oculto atrás de qualquer trono que conseguisse erguer. Naturalmente o trono mais alto de todos estava vazio no momento, ou, para ser mais preciso, ocupado por um tal Woodrow Wilson, um democrata — um estado de coisas antinatural que seria corrigido em 1920 com a eleição de um Presidente republicano. Mas para isso faltavam três anos, e havia certos

preparativos a serem feitos. Madame Marcia era um deles.

— Ela sempre se atrasa assim?

Madame Marcia deslizou para dentro da sala num estranho ângulo em relação ao solo. Já fora dançarina, segundo contara a Jess em sua visita anterior, na Companhia de Ópera de Frank Deshon.

"Aos 16 anos, acrescentava, caso alguém fosse contar os anos passados desde que seu nome aparecera em letras bastante miúdas num enorme cartaz cuja data colocava-a como uma artista da remota época de McKinley. A dançarina era agora uma espiritualista e guia astrológica nos dias sombrios de Woodrow Wilson, quando todos os dias, para os republicanos, eram como hoje, fevereiro, com a neve caindo e um vento frio vindo do norte.

— Não. A Duquesa é a pontualidade em pessoa. — Jess ergueu-se, como sempre fazia, quando uma senhora, qualquer uma, entrava num aposento, qualquer um. — O mau tempo...

— Ah, sim, o mau tempo.

Ao longo dos anos, uma a uma, as vogais com sotaque do Brooklyn de Madame Marcia foram-se fechando gradualmente até que ela passou a soar refinada e profundamente espiritual. Usava um hábito preto e um cordão de pérolas. Apenas a basta cabeleira ruiva destoava, evocando a bailarina da Companhia de Frank Deshon. Jess conhecera-a com Daugherty, que punha a mão no fogo por ela, o que quer que isso significasse. Embora Jess acreditasse ardorosamente em todo tipo de fantasma e assombração, não tinha particular interesse em qualquer mundo espiritual exceto o que havia no armário do vestíbulo de sua casa, onde, atrás de um velho sobretudo de inverno e uma pilha de galochas, reinava o horror. Apenas seu motorista George ousava entrar naquele armário, de onde saía são e salvo.

— O Sr. Micajah vai bem?

Madame Marcia sentou-se numa cadeira de espaldar reto e sorriu, mostrando dentes semelhantes a pérolas, mais autênticos em qualidade do que as pérolas que ela usava. Micajah era o primeiro sobrenome de Daugherty. Madame desencorajava o uso de nomes verdadeiros — "para que eu não seja influenciada quando consulto os astros". Daugherty garantia que ela não tinha a menor ideia da pessoa cujo horóscopo estudava; daí o preço alto. Ela era uma lenda na capital, muito procurada por altos figurões, geralmente através de intermediários, pois suas fisionomias seriam conhecidas de Madame Marcia, graças à fotografia e ao noticiário filmado.

— Vai, sim. Ele voltou para... — Jess interrompeu-se antes de dizer "para o Ohio". — ... casa. Mas o, hum... amigo está aqui. O marido da Duquesa.

— Um horóscopo interessante, até mesmo significativo.

Madame Marcia recebera apenas a data e a hora do nascimento do marido da Duquesa. Naturalmente ela tinha um catálogo do Congresso em seu

santuário e podia, se quisesse, comparar as várias datas de nascimento com aquela em suas mãos, partindo do princípio de que seu proprietário estivesse no Congresso. Mas, como dizia Daugherty, mesmo sabendo de quem era o horóscopo, como podia prever seu futuro sem uma ajuda qualquer, dos astros ou do que fosse? A cidade inteira sabia que ela previra que o atual vice-presidente, Thomas R. Marshall, seria elevado a esse cargo. Sem uma ajuda espiritual esse palpite seria impossivelmente arriscado.

— Nunca vi um inverno tão frio. Pior que qualquer um em Nova York..

— Por que veio para Washington?

— Foi o destino — declarou Madame Marcia, como se falasse de um amigo velho e querido. — Eu estava ligada à cigana Oliver no parque de diversões de Coney Island. Mais por divertimento. Porém... — a voz de Madame tornou-se baixa e vibrante — ela tinha dons também, além de... esperteza. Dons misteriosos. Entre eles o da profecia. Eu pensava ter um casamento feliz. Com dois filhos lindos. Meu marido, o Dr. Champrey, tinha uma excelente clientela. Era especialista em região lombar inferior e, naturalmente, em todo o aparelho renal. Mas os espíritos falaram com a cigana Oliver e ela falou comigo. Cuidado com o peru, ela me disse um dia. Pensei que estivesse brincando. Achei graça. Que tola fui! Que peru?, perguntei. Conheço perus, e não gosto muito; seco demais, a não ser que se saiba assar, e o destino não quis que eu soubesse. Bem, pois não é que no mês seguinte, era novembro, eu estava preparando o jantar de Ação de Graças para a minha família quando o Dr. Champrey disse: "Vou comprar um peru para nós." Ainda me lembro que senti um estremecimento, um arrepio, como se um fantasma segurasse em mim.

Jess estremeceu no aposento abafado. Era tudo para valer, mesmo. Sem sombra de dúvida.

— Respondi: "Horace, você sabe que não gosto muito de peru. Um frango cozido está bom." — Ela suspirou. Jess respirou fundo e sentiu cheiro de galinha cozida e sândalo velho. — "Por que não fazemos uma festança?", ele falou, e saiu. E nunca mais — os olhos de veias vermelhas encararam Jess — voltou.

— Assassinado?

Jess sempre soubera que ele próprio teria morte violenta. Roxy dizia que ele era doido. Mas Jess tinha certeza; por isso nunca ficava sozinho numa rua deserta, num corredor ou, aliás, numa cama, se pudesse evitar. Quando George não dormia com ele, um dos empregados do armazém fazia esse favor. Em Washington de sempre dividia um quarto com Daugherty, ao lado do quarto da inválida Sra. Daugherty. Em qualquer cidade que estivesse, ficava amigo de policiais. Lia todas as histórias de detetive, para aprender como se sobrevive na selva da cidade, com suas mortes selvagens, seus formigueiros humanos, seus becos escuros.

— Quem é que sabe? Aquele filho da puta... — ela arrematou, com súbita

melancolia. — De qualquer maneira, tenho a minha vocação. — Apontou para o diploma da Igreja Espiritualista. — Não preciso de homem, felizmente, a não ser quando sinto que conheço um deles de outra encarnação.

Sorriu para Jess, que enrubescceu e tirou os óculos de lentes grossas, de modo que o rosto dela tornou-se um borrão; adorava mulheres mas, com uma coisa e outra — como o seu problema de peso e a diabetes — de que adiantava? Foi o que Roxy disse no terceiro mês de casamento. Na ocasião Jess chorou. Ela foi firme, mas carinhosa. Roxy jamais sairia para comprar um peru sem voltar. Ela saiu foi para o divórcio, e como Jess mesmo naquela época já valia uma pequena fortuna, mais que cem mil dólares, ele podia sustentar os dois em alto estilo. Hoje eram mais amigos do que nunca, ambos fãs de mexericos, ambos capazes de lembrar a data do casamento de alguém, de modo que no nascimento do primeiro filho eles podiam — ela sem usar os dedos, ele usando — calcular a data da concepção e sé a criança era ou não abençoada aos olhos do Senhor. Ambos deliciavam-se secretamente com o fato de que o filho da Duquesa com seu primeiro marido tinha nascido seis meses depois do casamento que acabou terminando em divórcio seis anos depois. Roxy compartilhava o prazer de Jess nesse tipo de informação, que era, na opinião de Jess, bênçãos ainda por vir, principalmente se Roxy acabasse em Hollywood como estrela do cinematógrafo, sonho usual deles — para ela.

A Duquesa surgiu na sala,

— Entrei por minha conta.

A voz era seca e anasalada, e sempre que uma palavra tinha a letra "r" a Duquesa fazia essa pobre letra atravessar seus lábios finos e ressequidos vezes sem conta, como se fosse francesa. Mas era o tipo perfeito de alguém do Meio-Oeste descendente de alemães. Seu nome de nascença era Florence Kling. Tinha a cabeça grande e o corpo pequeno. A Duquesa sofria do que Madame Marcia rotularia de problemas renais, e costumava ter os tornozelos inchados, ao passo que sua costureira cor amarelada com frequência ficava cinzenta de doença. Possuía apenas um rim, o que a obrigava a beber grande quantidade de água. Frequentemente acamada com um saco de água quente mesmo nos mais abafados dias de verão, ela tentava, às vezes em vão, transpirar. Mas hoje os olhinhos azuis brilhavam, e havia até uma sugestão de cor em sua face, pelo efeito do vento norte, ao passo que a ponta do nariz um tanto grosso mostrava-se também rosada — e úmida também. Assoou o nariz num enorme lenço, como uma trombeta, e declarou:

— Odeio incenso. É tão estrangeiro! E é tão ruim para o ar...

— *Chacun à son gout.* — Madame Marcia foi simpática. — Deixe-me guardar seus agasalhos.

Enquanto se despia, a Duquesa voltou-se para Jess.

— Fomos convidados para a casa da Sra. Bingham, mas... — A Duquesa

ia mencionar o marido pelo nome, mas viu os olhos de Jess, castanhos e míopes, tão diferentes dos seus próprios, pequenos, cinzentos e enxergando longe; e se lembrou da regra de *omertà*. — Mas não quero ir sozinha. Você pode me levar, não pode?

— Claro, Duquesa.

— E agora, Madame Marcia. — A Duquesa fez o nome da sacerdotisa soar como o da dona de uma casa de diversões. — Nos últimos dois anos tenho ouvido falar tanto em você, e tenho muito prazer em conhecê-la, embora não possa dizer que acredite muito nisto tudo.

A Duquesa assumiu uma expressão que Jesse estava convencido de que ela achava ser jovial, mas o lábio superior comprimido como o de um carneiro e a boca fina produziam um efeito mais para o assustador.

— Minha cara senhora... — Marcia suspirou e pestanejou. — Somos a matéria de que os sonhos são feitos...

— Detesto Shakespeare. — A Duquesa sempre surpreendia Jess pela quantidade de coisas que conhecia e geralmente detestava. Mas ela tivera uma vida difícil, que provavelmente não ia ficar mais fácil. Conseguia distinguir os avisos de tempestade com mais clareza do que qualquer outra pessoa que ele conhecia, como aqueles animais que conseguiam prever terremotos, o que nunca lhes foi de utilidade alguma. — Uma vez assisti à Companhia de Ópera Frank Deshon — continuou ela, numa virada completa; era também uma grande política quando queria ser. — Foi em Cincinnati. Fui com meu... irmão. Foi antes do seu tempo, é claro...

— Ah, minha cara senhora! — Madame Marcia estava devidamente fígada.

— Agora o que faço? Sinto-me como se estivesse no dentista...

Madame Marcia tomou sua cliente pelo braço e guiou-a para o aposento dos fundos.

— Não vai doer, prometo.

— Agora, não fique escutando, Jess. — A Duquesa tocou nas contas da cortina.

— Nunca escuto o que não devo.

— Pois sim! Estas suas orelhas, grandes assim só vi no circo.

Jess resolveu não escutar e ouviu tudo.

— A pessoa — como o marido da Duquesa era chamado — nasceu em 2 de novembro de 1865 às 14:00h no Meio-Oeste dos Estados Unidos. Júpiter... — algo ininteligível, e depois — Signo de Sagitário, na décima hora.

Jess fixou os olhos no carvão em brasa atrás da grade de ferro. Washington era igualzinho a Ohio, aquelas ruas de casas de tijolo nada tinham de cidade grande. Todos diziam que Washington era apenas uma aldeia grande que por acaso estava cheia de pessoas importantes, do tipo que atraía Jess

naturalmente, e era atraído por ele.

Ultimamente Jess vinha registrando num livrinho o nome de todas as pessoas importantes que ele conhecia a cada dia. Em Washington seus dedos logo ficaram cansados de somar o total do dia. Mesmo assim ele estava ansioso pela recepção da Sra. Bingham. Viúva e rica, a Sra. Bingham mantinha em sua casa o que Jess a princípio pensava ser um salão de cabeleireiro, até que lhe explicaram que "salão" eram as reuniões políticas que ela promovia em casa. A Sra. Bingham era também sogra do editor do *Washington Tribune*, um jornal bastante favorável aos republicanos de Ohio, ao contrário do *Washington Post*, cujo dono, John R. McLean, um democrata de Ohio, falecera no verão anterior, deixando seu filho Ned para apoiar a Duquesa e seu marido. Ned e a esposa, Evalyn, eram agora seus amigos íntimos; e então maravilhosamente se sentia Jess, que nunca sonhara ser adotado por um casal rico e sofisticado da mais alta sociedade. Evalyn era especialmente deslumbrante, com mais diamantes do que qualquer outra mulher no planeta, entre eles o Diamante Hope, aos olhos de Jess um caco de vidro azulado usado numa corrente comprida que ela levava ao pescoço e tão cheio de mal, dizia-se, quanto o armário do saguão de Jess. Porém, ao contrário de Jess, Evalyn não tinha medo.

— Sinto envoltimentos extraconjugais que podem trazer sofrimento — cantarolou a voz rica de Madame Marcia atrás da cortina de contas.

A resposta anasalada da Duquesa veio em tom alto:

—Você deve estar vendo o marido de outra qualquer. Mas tudo bem. Continue.

— Os astros...

A voz de Madame Mareia baixou para um sussurro e Jess suspirou voluptuosamente pensando em todos os pecados do mundo, boa parte deles carnisais. A Duquesa sofria porque o marido era um conquistador e ela nada podia fazer a não ser fingir que não via, como fazia com sua vizinha Carrie Philips, esposa de James, que, como Jess, comerciava com panos e artigos de armarinho, miudezas e roupas infantis.

Carrie era bonita, loura e bem-nascida — diziam que era aparentada com o Fulton dos barcos a vapor. Era em parte alemã, e isso causava muita discussão nos lares de Washington Court House e da vizinha Marion; pior ainda, muita discussão entre Carrie e seu amante, que era obrigado a agradar seus constituintes, tanto pró-Alemanha quanto contra. Nesse assunto Carrie conseguia ser feroz; fora isso, fazia feliz o grande homem, pensou Jess, assoviando baixinho consigo mesmo a canção: "*Meu Deus, como entra dinheiro!*"

— Tudo isto foi muito interessante. — A voz da Duquesa soava rascante. — Realmente. Dá o que pensar.

Enquanto ela entrava na sala, Jess pensou no que o marido certa vez dissera dela: "Não consegue ver uma banda sem querer ser o maestro." Gostava

que as pessoas pensassem que ela era a fonte de energia do marido, mas Jess duvidava disso, mesmo que só pelo fato de que ele gostava que as pessoas achessem que ela o impulsionava. Daugherty os via mais como uma equipe, como um par de bois velhos puxando uma carroça, sendo que ela era quem mais mugia e ele quem mais puxava. Mas graças, porém, à mãe de Jess, a Roxy e à mãe desta, ele sabia mais sobre as mulheres como pessoas do que outro qualquer, e sua opinião era de que a Duquesa era uma feliz escrava de seu marido aparentemente preguiçoso, encantador e sortudo, que era quem dava as cartas.

— Jess, você cuida de tudo? — A Duquesa estava agora confortavelmente escondida dentro de seus inúmeros envoltórios. O sorriso de Madame Marcia era doce e distante.

— Certo, Duquesa. — Jess percebeu que o "d" de "Duquesa" tinha produzido um repentino jato de saliva. Felizmente ninguém ficou encharcado. Ele secou os lábios com a manga esquerda; teria que enxugar o espesso bigode mais tarde, sem ser observado.

— Você me pega na Avenida Wyoming. Cinco em ponto. Use uma roupa alinhada.

— Sim, senhora.

As duas damas despediram-se em meio a afirmações de mútua simpatia e profunda — da parte de Madame — compaixão.

— Quanto foi o prejuízo? — perguntou Jess, pegando a carteira.

— O prejuízo...! — Madame Marcia contemplou etereamente através da janela o céu escuro — já foi feito. — Então pestanejou, como se acordasse de um sonho. — O Sr. Micajah pagou. Esta senhora não é muito forte — acrescentou, e Jess viu que ela queria mais informações. — Tem um problema renal — completou.

Bem no alvo. Jess assentiu, impressionado:

— Ela tem andado bastante adoentada ultimamente.

— A doença de Bright, eu arriscaria, pois não fiz seu horóscopo. Ele também está adoentado.

— Ele é a própria saúde em pessoa.

Novamente bem no alvo. Jess ficou impressionado pela primeira vez. A saúde instável da pessoa em questão era um dos poucos segredos de sua vida pública; particular, também. Quando ele foi para Battle Creek, no Michigan, a cidade pensou que ele estava apenas fugindo da Duquesa e da política, mas na realidade estava tentando baixar sua pressão sanguínea, moderar o ritmo do coração, enxugar seu sistema. Jess fora com ele uma vez e espantara-se com o modo como o rosto marcado ficava quando ele parava de beber, e como ele era frágil, apesar de toda a sua robustez altamente visível, para não dizer notavelmente bela.

— Acho que você devia contar ao Sr. Micajah, que afinal está pagando, o que não contei a ela. — Madame Marcia fechou a cortina, escondendo o céu de fevereiro.

— Alguma coisa ruim?

— Estas coisas são abertas à interpretação. Se eu acertasse sempre, estaria morando num palácio na Avenida Connecticut, como Blaise Sanford. Claro que nossos dons não se estendem a nós. Neste sentido somos todos um pouco como médicos, que nunca cuidam de si próprios.

— E nunca provam de seus próprios remédios. — Jess raramente ficava livre dos médicos — a asma, a diabetes.

— Nisso eles são espertos. O Sr. Micajah deixou bem claro que se eu encontrasse nos astros aquilo que ele achava que eu ia encontrar, devia informar... a Duquesa, o que fiz. Raramente vi um mapa tão glorioso e tão breve. Entendo por que ele é melancólico e temperamental, e quer aproveitar a vida antes de subir às alturas...

Ela se interrompeu. O coração de Jess estava batendo com força. Então era isso! Daugherty era esperto; e Madame era clarividente?

— Ele vai ser Presidente?

Madame Marcia assentiu solenemente; depois voltou-se para contemplar-se prazerosamente num espelho empoeirado.

— Sim. Com esse mapa astral e aquele leão rampante, ele não pode fracassar. Contei isto a ela. Contei-lhe tudo, a não ser... — Por um instante ela pareceu perder o fio dos pensamentos. Em que estaria pensando? O peru que não houve, ou... ? Deu as costas ao espelho;, aproximou-se de uma mesa onde, em meio a numerosos objetos de arte, uma pequena xícara de porcelana continha palitos de dentes; ela escolheu um e com toda concentração pôs-se a limpar os dentes inferiores. — Não contei a ela o que quero que você conte ao Sr. Micajah. Depois da glória na casa do progresso, o Sol e Marte estão em conjunção na oitava casa do zodíaco. É a casa da morte. Morte súbita.

— Ele vai morrer?

— Nós todos morremos. Não. Vejo algo muito mais terrível que uma simples morte. — Madame Marcia abandonou o palito como uma imperatriz soltando o cetro. — O Presidente Harding, pois é claro que sei exatamente de quem se trata, vai ser assassinado.

Desde o princípio Caroline Sanford Sanford e Eleanor Roosevelt eram amigas. Para começar havia a ridícula redundância de seus nomes; ambas casaram-se com primos com o mesmo sobrenome; além disso, ambas tinham estudado na Inglaterra com Mlle. Souvestre. Como Caroline, agora com quarenta anos, era sete anos mais velha que Eleanor, não tinham se conhecido nessa escola. Mas ambas tinham sido moldadas — ou até mesmo esculpidas — pela extraordinária Mademoiselle, uma solteirona de maxilar quadrado, intelecto e caráter formidável e livre de qualquer superstição, particularmente a cristã — o que preocupava o tio Theodore de Eleanor, o Presidente. Mas como a irmã predileta de Theodore sobrevivera impune à mesma escola, ele concluiu que a sobrinha — alta, desajeitada, órfã de mãe e pai — conseguiria adaptar-se no estrangeiro, coisa que ela não conseguia em Tivoli, Nova York, onde morava, perto do rio Hudson, longe da orla do grande mundo — mundo dela, pois não podia convidar seus amigos do vale do Hudson para sua casa por medo de que seu irmão alcoólatra, postado na janela do segundo andar, atirasse neles com seu rifle de caça. Embora ele até então sempre errasse, não se podia ficar eternamente confiando no tremor alcoólico para defender vidas.

Tirar Eleanor de Tivoli, da América, tinha sido uma inspiração. Na verdade, Caroline gostava de atribuir-se algum crédito por ter ajudado a convencer — ou teria sido Blaise, seu meio-irmão? — o então governador Roosevelt a deixar que a sobrinha partisse para o mundo dos livres-pensadores. Dois anos depois, Eleanor voltara para a América mais educada do que qualquer pessoa de sua classe, exceto, talvez, a própria Caroline, mas Caroline tinha sido criada na França, o país para onde seu pai, americano, partira em excêntrico exílio depois da Guerra Civil.

Aos 33 anos, Eleanor falava um excelente francês, assim como um pouco de alemão e italiano. Não sucumbira ao ateísmo aveludado de Mademoiselle; em vez disso, reagira a ele com um renovado vigor protestante e falava, com frequência e sem afetação, em "ideais", uma palavra raramente ouvida nos lábios de Caroline; mas Caroline, junto com Blaise, era editora do *Washington Tribune*, um jornal muito influenciado pelo jornalismo sensacionalista "amarelo" de William Randolph Hearst, ao passo que Eleanor era uma nobre matrona, mãe de cinco filhos, dos quais a mais velha estava na Escola das Senhoritas Eastman com Emma, filha de Caroline. Além disso, Eleanor era a esposa tímida, porém decidida, do subsecretário da Marinha, Franklin Delano Roosevelt, um cavalheiro encantador, fazendeiro no vale do Hudson, considerado, na expressão do senador Lodge, "bem-intencionado, porém fraco". Caroline não estava tão certa de quão bem-intencionado era o ambicioso Franklin — ela era imune ao seu encanto agressivo, até mesmo cruel — mas sabia que, por mais que lhe faltasse força moral e intelectual, Eleanor compensava largamente. Um completava o outro.

Ambos viam a política como uma estrada confortável a ser percorrida inteira. Como o primo da Franklin e tio de Eleanor, Theodore, Franklin tinha sido eleito para o Legislativo estadual de Nova York; agora ocupava o mesmo cargo que Theodore utilizara para ganhar as Filipinas para os Estados Unidos e a presidência para si mesmo.

— Qual é o estado de espírito do Presidente Wilson? — Caroline perguntou. — Sobre a Alemanha atual?

— Ele não confia em seus subsecretários. Mas Franklin acha que a guerra está sobre nós. — Ela franziu a testa. — Espero que não, é claro.

— Seu tio, o Rei Theodore, como Henry Adam o chama, clama pela guerra.

— Tio Ted é, às vezes, enfático demais, até mesmo para nós.

Eleanor mostrou os grandes dentes num sorriso tímido e baixou a cabeça, um gesto estranho, como se pedisse desculpas pelo queixo pequeno demais, os dentes superiores grandes demais, que lhe impediam a entrada no famoso clube de beleza que eram sua mãe e as duas tias. Mas Caroline achava-a encantadora de aparência, embora um pouco grandalhona. Era alta como um homem. Felizmente Franklin era ainda mais alto que ela; ambos magros, de pernas compridas, cheios de energia. Eleanor morava a dois quarteirões da casa de Caroline, e ambas gostavam de caminhar, sempre que havia tempo, em seu bairro, Georgetown, ainda quase todo de negros, mas mostrando, aqui e ali, casas do século XVIII sendo restauradas por brancos ricos. Caroline comprara duas casas e juntara-as numa só. O resultado era mais que suficiente para uma mulher solteira cuja filha de 14 anos passava **Q** dia todo na escola. Por outro lado, os sete Roosevelt, sem dinheiro, apinhavam-se na Rua 1773 N, numa casinha de tijolos à mostra que pertencia à tia de Eleanor.

Nessa ocasião Eleanor estava na casa de Caroline, sentada diante da lareira da sala de estar, o pescoço rodeado de estolas de pele, estudando a agenda do dia. Parece um general, pensou Caroline: preparada para qualquer eventualidade. Tinha uma secretária social trabalhando em horário integral, além de babás para as crianças; naturalmente ela própria se encarregava da obrigação de toda mulher de político, o cartão de visita, que praticamente todas as manhãs ela saía a distribuir pelas casas de outras esposas de políticos, diplomatas e juizes. Elas, por sua vez, deixavam seus cartões na casa dela. Moradora da cidade durante vinte anos, Caroline era quase aborigine, de modo que jamais deixava seu cartão de visita senão para alguém de mais idade que ela ou uma amiga recém-chegada à cidade.

— Daqui a vinte minutos precisamos estar na casa da Sra. Bingham — anunciou Eleanor.

— Você precisa. Eu vou porque quero.

A risada de Eleanor era alta, e sua pele normalmente de um cinza pálido

ficava rosa-claro de repente. Embora Eleanor enrubescesse com facilidade, Caroline suspeitava que isso não se devia à timidez, como todos pensavam, mas tratava-se da arma de uma fantástica estrategista social para quem ruborizar era uma tática evasiva comparável à do polvo, que espalha uma nuvem de tinta em torno de si e desaparece dentro dela para planejar nova rota.

— Claro, faço isto por causa do Franklin. Temos que ficar com as pessoas certas no Congresso, e todas elas vão lá.

— Mas não esta semana. Todos viajaram. Avisei a ela para não se dar o trabalho, mas ela tem suas obsessões. Agora está correndo atrás de diplomatas que ficam, e pelo pessoal do governo, que nunca sai da cidade como os anteriores costumavam fazer.

— Eles não podem mesmo. Pelo menos agora. Com essa campanha de "Estado de Preparação"... — Eleanor franziu a testa. — Acha que vamos entrar na guerra?

— Foi o que escrevi no *meu* editorial ontem. Acho, sim.

— Pensei que fosse do seu irmão. Ele anda tão... ansioso para entrarmos...

— Bem, eu agora também estou ansiosa.

Caroline pilhou-se a contemplar um busto de Napoleão, presente de seu antigo mentor no jornalismo, William Randolph Hearst, cujos presentes, como a sua vida, tendiam ao inadequado, mas nem por isso deixavam de ser reveladores.

— Todos os homens jovens estão — Eleanor desabotoou a luva direita; logo estaria distribuindo apertos de mão graciosamente, como o tio, mas com muito menos barulho. — Estou me referindo aos do Governo, como Franklin e Bill Phillips. Eu mesma sou mais... Não conte a ninguém!

Encarou Caroline com ansiedade, e Caroline achou encantadora aquela inocência, pois ninguém em seu juízo perfeito confiaria num jornalista. Mas assentiu carinhosamente, como sempre fazia cada vez que o Presidente Wilson fingia confiar nela; ele não era inocente, é claro; apenas egocêntrico e portanto às vezes obtuso em relação à estratégia. Eleanor continuou:

— Bem, pessoalmente, e cá entre nós, gostei do modo como o Sr. Bryan pediu demissão do cargo de secretário.

— Paz a qualquer preço?

— Quase isto, sim. Você não?

— Quase. Não. — Caroline foi ríspida. — Já é tarde demais, graças ao telegrama de Herr Zimmermann. Até Mlle. Souvestre seria a favor da guerra.

— É verdade. Aquilo foi demais. Tão desanimador! Acho que estou me acostumando com a ideia. Mas quando o Sr. Bryan renunciou, achei que ele foi muito corajoso. Não sou pacifista, é claro. Nem posso ser. Franklin ficaria furioso. Ele está ficando igualzinho ao tio Ted: guerra a qualquer preço. Agora, graças ao Sr. Zimmermann... — Eleanor olhou melancolicamente para sua agenda.

A princípio, tanto Caroline quanto o anglófilo Blaise pensaram que o telegrama fosse uma invenção dos ingleses; como resultado, vergonhosamente, o *Tribune* foi um dos últimos jornais a registrar aquele insulto chocante — extremamente chocante — ao povo americano. No entanto, quando o Presidente pediu permissão ao Congresso para armar os navios americanos, o pedido foi destruído no Senado e o Congresso entrou em recesso no dia 3 de março, deixando sem solução o problema do país.

Em 5 de março o Presidente tomou posse do cargo pela segunda vez, numa cerimônia simples na Casa Branca, para a qual nem Blaise nem Caroline foram convidados. O fato era que o Presidente era vingativo não apenas nas coisas importantes, o que era necessário, mas também nas pequenas e insignificantes. Para Caroline, essa era uma prova cabal da grandeza dele, pois todas as grandes figuras políticas que ela conhecia apreciavam igualmente uma vingança desinteressada.

Jacques, a metade menor do casal da Martinica, assomou à porta.

— O carro chegou, madame.

Caroline ergueu-se enquanto Eleanor abotoava perversamente a luva que acabara de desabotoar. O processo teria agora que ser repetido quando chegassem à reunião. Havia algo de compulsivo na energia da amiga, que Caroline achava ao mesmo tempo comovente e misterioso. Acontecia que o temível — e para Caroline, se não para o resto do mundo, encantador — tio Theodore tinha imposto padrões de atividade extraordinariamente altos, que iam desde mostrar-se eternamente irrequieto dentro de um aposento até subir e descer alucinadamente o Amazonas para matar qualquer animal ou ave que ousasse colocar-se em seu caminho. Felizmente as mulheres da família nunca se deixaram levar por isso. Desde sua serena esposa Edith até a brilhante filha Alice, incluindo as várias irmãs, as damas nunca se esforçavam, ao contrário dos cavalheiros, que não cessavam de fazer imitações pouco convincentes da disposição e da soberba masculinidade de Theodore Roosevelt em todas as circunstâncias. Até mesmo Franklin, primo distante, que em nada se parecia com os Roosevelt presidenciais, passara a jogar a cabeça para trás como se seus cachos cada vez menos fartos fossem a juba de um leão, e naturalmente não deixava de exibir os dentes grandes em imitação daquele que tinha sido o que ele — como todos os outros — queria ser: Presidente. Eleanor, no entanto, rompeu o padrão sexual: de modos serenos e controlados, ela era superativa nos atos. Subia ao mastro de navios, fazia mais visitas do que o necessário, organizava exageradamente a rotina doméstica e estava sempre com pressa, pensou Caroline, andando depressa para alcançá-la na porta do carro onde estava postado o motorista irlandês com o rosto ansioso de sobriedade.

— Por que você está sempre com tanta pressa? — Caroline perguntou.

— Porque acho que estou sempre atrasada — respondeu Eleanor.

— Atrasada para quê?

— Ah... — Ela saltou para o banco traseiro do carro. — Para tudo — disse. O sorriso cheio de dentes era repentino e muito simpático — Para a vida.

Caroline acomodou-se ao lado dela.

— Isso se resolve sozinho logo, logo. Nós também.

— Então temos que correr para fazer tudo.

Caroline perguntou-se, e não pela primeira vez, se Eleanor gostava mesmo do marido. Era um casal que combinava tanto, politicamente, que apenas uma tensão qualquer poderia explicar o perfeccionismo de Eleanor e seu pavor irracional de atrasar-se — ou ser deixada para trás?

A Sra. Benedict Tracy Bingham era a maior invenção de Caroline. Na virada do século, quando a jovem Caroline tomara a frente do moribundo *Washington Tribune*, não havia o que fazer

com o espírito do jornal a não ser baixá-lo — baixá-lo até alcançar o maior número possível de leitores comuns — ou então fechar o jornal. Caroline imitou Hearst. Os crimes tornaram-se sua marca registrada, principalmente quando o cadáver — sempre feminino, sempre lindo — era retirado do canal. Caroline tinha um preconceito contra o rio Potomac que seu editor, o Sr. Trimble, honrava sempre que podia. Depois de cadáveres flutuando aos pedaços ao longo do canal paralelo ao rio, os assaltos às casas dos ricos habitantes da parte oeste da cidade eram os mais populares, e quando a Sra. Bingham, esposa do "Rei do Leite", como Caroline o apelidou, foi roubada em algumas quinquilharias por um ladrão que conseguira entrar na casa da Avenida Connecticut, Caroline arbitrariamente elevou a Sra. Bingham, uma senhora que ela nem conhecia, ao cargo de primeira dama da sociedade de Washington, ampliando a casa até o tamanho do Castelo de Windsor e transformando todas as suas jóias em jóias reais. A Sra. Bingham ficou encantada; passou a cultivar Caroline e forçou o Rei do Leite a anunciar no *Tribune*.

Em troca, Caroline ajudara a Sra. Bingham a alcançar e a agarrar-se às alturas da sociedade de Washington, um amontoado de aldeias mutuamente exclusivas que tendiam a excluir a maior de todas, o Governo. Acostumada aos salões políticos de Paris, Caroline encorajara a Sra. Bingham a especializar-se em membros do poder Legislativo, um grupo que nenhum habitante de Washington desejava cultivar. Como Caroline previu, os estadistas ficaram pateticamente gratos por qualquer atenção, e assim, acorrendo *en masse* ao salão da Sra. Bingham, mostraram ser visitantes de peso suficiente para encher a sala de visitas dela com um interessante sortimento de outros aldeões. Agora viúva, cega, maldosa de língua, a Sra. Bingham chegara lá; tornara-se uma instituição; conseguira, para o espanto de Caroline, casar sua filha Frederika com Blaise, e assim o sangue leitoso dos Bingham juntou-se ao púrpura dos Sanford e Burr na forma de uma criança obesa. Tenho muito de que prestar contas, pensou Caroline

entrando com Eleanor na sala onde penas de pavão transformavam em cocares de guerra alguns inocentes jarros chineses, ao passo que gigantescas luminárias Tiffany's iluminavam os piores ângulos de todo mundo.

— É Caroline. — Os olhos cegos da Sra. Bingham voltaram-se na direção de Caroline. Parecia mais velha do que era, graças a uma dieta preparada para ela pelo próprio Dr. Kellogg. Ela vivia de trigo moído, de modo que arrotava constantemente por causa da excessiva matéria fibrosa, necessária apenas às vacas de seu finado marido, fonte de sua fortuna e glória. — E a Sra. Roosevelt, Sra. Franklin Roosevelt.

A Sra. Bingham nem mesmo tentou disfarçar a decepção. Poiéin Eleanor, uma Roosevelt do ramo "certo" da família, estava bastante acostumada a ser tomada por alguém do ramo "errado", graças ao marido.

A Sra. Bingham pegou a mão de Eleanor.

— Todos falam do seu marido. Tão cheio de energia, tão bonito! Onde está ele?

— Ele esteve no Haiti e em São Domingos inspecionando nossos fuzileiros navais.

Eleanor não mentiu, mas sabia como evitar a verdade. Na realidade, quando as relações com a Alemanha foram rompidas, Franklin tinha sido chamado de volta a Washington pelo secretário da Marinha. Na melhor tradição rooseveltiana, ele agora fazia a todo mundo queixas de seu paciente chefe, Josephus Daniels, um simpático sulino proprietário de jornal, que odiava a guerra e o álcool, e por causa disso a Marinha americana lhe fora confiada.

— Bom, ele deve andar muito ocupado. Sou pró-Alemanha, vocês sabem.

Quando não estava espalhando mexericos espantosos, a Sra Bingham dedicava-se a defender posições insustentáveis, sem que ninguém se irritasse com isso a não ser a filha, que, Caroline percebeu, não estava presente.

— É mesmo? — Eleanor não estava acostumada com a Sra. Bingham.

— É, sim. Beethoven, Mozart, Goethe, Romain Rolland. Estes são os meus ídolos.

— Rolland é francês — murmurou Caroline.

— Quem disse que ele não era? Eu não.

Eleanor afastou-se. A Sra. Bingham segurou com força o braço de Caroline.

— Precisamos conversar. Agora não, é claro. — A voz rouca tinha um tom conspiratório. — Mas ele está aqui. Com o irmão dela. E é verdade. Custou 75 mil dólares. As cartas agora estão nas mãos dele.

Caroline fez uma mesura para o pai de sua filha. O senador James Burden Day inclinou a cabeça enquanto a esposa, Kitty, sorria vagamente para aquela que era amante de seu marido havia 16 anos.

Caroline tinha certeza de que Kitty não sabia, pois se soubesse haveria

cenas terríveis e ameaças de divórcio ao estilo americano, tão diferente do de Paris, onde, pelo menos nessas questões, as coisas eram melhor planejadas. Naturalmente o marido de Caroline divorciara-se dela ao descobrir a identidade do pai da criança. Felizmente não havia problema de ciúmes — apenas de dinheiro; ela era rica, ele não. De qualquer maneira, o primo sabia que ela estava grávida de outro quando se casou com ela por precisar de dinheiro tanto quanto ela precisava de um marido com um bom sobrenome, que também era o dela, Sanford. Depois de algum tempo, separaram-se. Depois de algum tempo, ele morreu. Depois de algum tempo, Caroline seguiu sua vida, pois nada mais se pode fazer com o tempo.

Enquanto a Sra. Bingham contava-lhe escândalos esqualidos demais até mesmo para o *Tribune* publicar, Caroline percebeu que o amante estava engordando, que os cachos antes espessos e dourados eram agora grisalhos e em menor número, que os olhos azuis mostravam-se menores no rosto enrugado. No entanto ainda faziam amor pelo menos uma vez por semana; e, mais importante, havia sempre muito assunto para conversarem. Ela porém tinha agora quarenta anos, com uma esquadra de navios incendiados atrás de si. Não havia como voltar no tempo, ao passo que o que havia pela frente era menos consolador, quanto mais não fosse porque ela não sabia como ser idosa e duvidava que conseguisse aprender algum dia.

Todos, até mesmo Blaise, aconselhavam-na a casar de novo, como se a pessoa pudesse simplesmente ir a uma festa e escolher um marido. Mas as poucas possibilidades eram sempre casados, como seu primeiro amante fora e ainda era. Com as possibilidades, ela permitira-se inúmeros casos curtos, sem grande entusiasmo. Agora descobria-se atraída por homens com a metade da sua idade, o que teria sido aceitável na França mas não ali, onde ela poderia ser levada à fogueira. Às mulheres não eram permitidas tais licenciosidades na república puritana. Às mulheres não era permitida muita coisa, a não ser que tivessem fortuna própria — a única vantagem dela, da qual raramente se aproveitava.

A Sra. Bingham aceitou a veneração de dois casais de novos congressistas que, quando ouviram o nome de Caroline viram Deus, por assim dizer. Cônsua de que um dono de jornal era a fonte de toda a vida de um político, Caroline encorajava que lhe acendessem velas, murmurassem preces e fizessem confissões sussurradas porque, em resumo, gostava muito do poder.

De repente sentiu menos pena de si mesma, enquanto a Sra. Bingham, uma taça de ponche na mão, contava-lhe, com hálito acre, que um dos "ele" de sua história estava parado do outro lado da sala, um homem gorducho e apagado chamado Randolph Bolling, irmão da segunda Sra. Woodrow Wilson.

— E é por isso — completou a Sra. Bingham, deliciada com o horror de tudo aquilo — que ele está com ele.

— Quem está com quem? — Caroline sempre tinha dificuldade em acompanhar os mexericos mais elevados da Sra. Bingham. Agora, já meio caduca, a Sra. Bingham não se dava mais o trabalho de identificar pelo nome aqueles pronomes à deriva que pululavam em tal confusão na superfície de suas narrativas rápidas e sombrias.

— Ele, o irmão dela. — A Sra. Bingham franziu a testa, irritada. Não apreciava o específico. — Randolph Bolling. Aquele ali. Com cabeça de carneiro. Bem, ele trouxe o outro. O grande especulador. Bem ali. O judeu. Bem bonito, para falar a verdade.

Caroline reconheceu Bernard Baruch, um especulador de Wall Street, de grande estatura e grande fortuna, que ostentava um sotaque sulino tão carregado que fazia Josephus Daniels parecer um ianque de Vermont. Baruch era novorquino de origem sultista. Fizera sua fortuna lembrando-se de vender algumas ações que comprara antes que elas custassem menos do que ele tinha pago por elas, um talento de que Caroline carecia inteiramente. Uma ou duas vezes ela se sentara ao lado de Baruch à mesa de jantar e divertira-se com a conversa dele, na qual todos os pronomes eram firmemente ligados a um, nome famoso. Como tantos novos-ricos sem tradição — ela percebera que ele só era judeu quando lhe interessava —, Baruch tinha sido atraído por Washington, pela política, pelo Presidente. Dizia-se que ele pessoalmente doara cinquenta mil dólares a Wilson para a eleição de 1912; dizia-se também que usava suas ligações na Casa Branca para conseguir informações sobre quais ações comprar. Caroline não tinha muita certeza dos fatos — ao contrário da Sra. Bingham, que estava agora à toda velocidade.

— A *Sra. Peck*. — Ela pronunciou o nome em tom acusador, preferindo muito mais o pronome "ela". — A antiga amante do Presidente. Ela agora está na Califórnia. Estava ameaçando vender as cartas do Presidente para os jornais antes da eleição, de modo que Randolph Bolling pediu ao Sr. Baruch para ir lá e comprar as cartas por 75 mil dólares, e foi assim que o Presidente pôde casar-se com Edith Bolling Galt, que esta ficando gorda, e o Presidente conseguiu vencer a eleição, por pouco...

Uma mulherzinha de aspecto comum e cabeça grande marchou em direção à Sra. Bingham, seguida por um homem gorducho e usando óculos, que tinha a palma da mão úmida, como Caroline constatou quando a mão dele fechou-se em volta da sua.

— Sra. Harding!

A Sra. Bingham produziu seu sorriso mais sinistro para a esposa do senador mais jovem de Ohio, Warren Gamaliel Harding, que, depois de James Burden Day, era o homem mais bonito do Senado.

A Sra. Harding empurrou seu acompanhante para a frente.

— Este é um velho amigo. De Washington Court House, no condado de

Fayette. Jesse Smith. Cumprimente a Sra. Bingham, cumprimente a Sra. Sanford, Jesse.

Os cumprimentos foram feitos. Então, para puxar assunto, Jesse declarou a Caroline:

— Sou amigo de Ned McLean. E de Evalyn também. A mulher dele, você sabe. A do diamante.

— Eu não sou. — Caroline foi simpática. — Quero dizer, não sou amiga.

— Foi expansiva em sua insinceridade: — Gostaria de ser!

— Posso dar um jeito — fez Jesse. — A qualquer momento.

— Jesse pode dar, um jeito em qualquer coisa. — Porém o tom da Sra. Harding parecia hesitante.

— Onde está o senador? — A Sra. Bingham chegou à única questão que lhe interessava; as esposas eram apenas toleradas, nada mais.

— Foi para Palm Beach. Com os McLean. Ele odeia o frio. Eu também. Mas tenho muito quê fazer aqui. Sabe, compramos uma enorme casa na Avenida Wyoming que é dividida em duas. Moramos numa parte e alugamos a outra. Bom, inquilinos são um problema sem fim, não é mesmo?

A Sra. Bingham respondeu:

— Não tenho ideia.

— Precisa vir visitar-nos depois que nos estabelecermos. A senhora também, Sra. Sanford. Estive na linda casa de seu irmão.

— Quase tão grande quanto a dos McLean — foi a contribuição de Jesse.

— Minha filha acha-a suficientemente grande hoje em dia. — Com seu golpe rápido de costume, a Sra. Bingham lembrou-lhes de que a Sra. Blaise Delacroix Sanford era ninguém menos que sua filha Frederika.

Minha protegida, pensou Caroline, que estava feliz por Blaise ter se casado com alguém que conseguia aguentar seu temperamento difícil, tão parecido com o do pai, apesar de, ao contrário daquele monstro antigamente tão vivo e agora tão morto, Blaise ainda não estar louco. Caroline admirava bastante a força de caráter da cunhada, principalmente pelo modo como esta tinha, pelo menos socialmente, abandonado a mãe, uma vez tendo saltado para o topo de seu mundo. Nem Blaise nem Frederika apareceram uma vez sequer nos "salões" da Sra. Bingham para o Congresso, nem a Sra. Bingham era convidada para a casa dos Sanford a não ser para uma refeição íntima no seio da família, o último lugar em que a Sra. Bingham desejava estar. A própria Caroline era menos radical que Frederika. Além disso, a Sra. Bingham era invenção sua e não devia ser abandonada. Tinha também seu valor, quando se conseguia separar suas invenções daquelas verdades escandalosas para as quais ela tinha olho de lince.

A Sra. Harding encarava Caroline. Deixara seu cartão logo que chegara à cidade, no início de 1915; è ficara por isso mesmo.

— Precisa vir nos visitar, Sra. Sanford. Somos gente simples, mas sei que

a senhora é amiga de Nick Longworth...

— E aqui está a Sra. Longworth — anunciou Caroline, salva pela chegada de uma linda criatura toda em azul.

— Caroline!

As mulheres abraçaram-se.

— Sra. Bingham... — Os frios olhos cinza-azulados de Alice Roosevelt Longworth estreitaram-se de riso reprimido. A Sra. Bingham tinha esse efeito sobre ela. — Sra. Harding! — Os olhos de Alice arregalaram-se de súbito; o riso foi cortado pela raiz.

— Eu estava justamente falando do seu Nick e do meu Warren. O "Warren" saiu num rugido em staccato.

— Eles jogam pôquer — Alice anunciou euforicamente. — No apartamento de vocês.

— É uma *casa* dividida em duas partes — começou a Sra. Harding, com um brilho de aço em seus olhos também cinza-azulados.

Caroline não estava certa de qual das duas venceria, se houvesse uma guerra. O frenético senso de humor de Alice era uma espada na qual ela própria poderia ferir-se, ao passo que a Sra. Harding... qual era mesmo o nome dela? Florence — jamais cederia. Normalmente as duas damas não teriam se encontrado, se não fosse pelo fato de o marido de Alice ser deputado por Ohio, por onde Warren Harding era senador; daí, nenhuma das duas poderia ignorar a outra. Mas até então Alice conquistara mais pontos.

— Preciso visitar seu apartamento. Quero dizer, sua casa — disse esta. Voltou-se para Caroline: — Não vou porque não sou convidada para as partidas de pôquer. Só os rapazes podem ir. Mesmo sendo uma excelente jogadora. — Voltou-se para a Sra. Harding: — Talvez nós duas devêssemos promover umas noitadas de pôquer para mulheres, Florence. — Alice pronunciou o nome da outra com suficiente espaço em volta dele para acomodar uma mortalha.

— Sou Jesse Smith — disse Jesse Smith, apertando a mão de Alice. — Também sou de Ohio.

— Que sorte — fez Alice — a sua.

— Acho que a senhora conhece meus amigos, os McLean. Ela joga pôquer, a Evalyn. E muito bem.

— Ah, meu Deus! — Alice já deixara havia muito de prestar atenção nos imigrantes de Ohio. — Minha prima Eleanor! Ela é como um farol, não é? Tão alta e tão cheia de luz! Preciso ir implicar com ela.

Alice afastou-se em direção à lareira onde Eleanor estava a escutar polidamente o Sr. Baruch. Era o único casal na sala afinado um com o outro. Como todos os gigantes bondosos, eles postavam-se diante da lareira é cumprimentaram Alice.

A Sra. Bingham sabia de tudo.

— O pai dela vai concorrer novamente em 1920. Vai ser indicado. Já fez as pazes com os republicanos ortodoxos.

— O meu Warren admira muitíssimo o coronel Roosevelt. — Com olhar de caçador a Sra. Harding estudava Alice a distância, a presa que até então lhe escapara. — O coronel precisa de Ohio, se quiser ir a algum lugar, e meu Warren pode influenciar a favor dele.

— Mas certamente o Sr. Wilson vai concorrer de novo, e vencer de novo.

Enquanto falava, Caroline perguntava-se se devia tentar ter outro filho; ou estaria velha demais? A menopausa ainda não começara; mesmo assim a Dama da Sociedade do *Tribune* nunca deixava de aconselhar as leitoras contra ter um filho com tanta idade e tão depois do primeiro. Não havia um marido, naturalmente, mas hoje em dia uma viúva respeitável podia simplesmente fazer uma longa viagem em volta do mundo e voltar com um filho adotivo e uma história complicada de uma empregada da família na França, em Saint-Cloud-le-Duc, que morrera de parto. O último desejo em relação ao bebê: a América. Adoção. *Que mais eu poderia fazer?* A cada quatro anos, coincidindo com a eleição presidencial, ela pensava em ter um filho, em voltar para a França de vez, em envolver-se, finalmente, num furioso caso de amor. Além disso, qualquer menção a Theodore Roosevelt tinha o efeito de fazer com que ela se introvertesse. Embora apreciasse bastante o antigo Presidente apesar — ou por causa? — do seu ruidoso contra-senso, pensar em sua auto-estima tão intensamente retribuída fazia com que a afeição dela fosse voltada não para ele, mas para si própria. Ele despertava nela o instinto de competição. Ela ainda poderia recomeçar. Não tinha perdido sua beleza; ainda poderia encontrar.. o quê?

— Acho que vou para a Califórnia — declarou, para espanto geral dos outros e o seu próprio.

Com isso abandonou os outros pelo pai de sua filha, Burden Day, que entrara para o Senado em 1915, no mesmo ano que Warren Harding. Antes disso estivera na Câmara dos Representantes, onde, durante seu primeiro — ou segundo? — mandato, ele a deflorara, pelo que ela estava em débito com ele: caso contrário, poderia ter ficado como Mlle. Souvestre, um vasto jardim abandonado, estéril.

— Jim — ela murmurou. Ele acabava de deixar o grupo em volta de Alice e Kitty. *Kitty: A Esposa Sem Suspeitas*. Caroline tinha a tendência a pensar em manchetes, maiúsculas, grifos e negrito muito, muito negro. Podia não ser mais grande coisa como mulher, porém era realmente uma ótima editora. — Ou devo chamá-lo de Burden? — Com a entrada de Jim no Senado, Kitty decretara que ele fosse conhecido por Burden Day, que tinha um belo som presidencial, ela achava, embora a Caroline esse nome sugerisse um solteirão de Newport, Rhode Island, escravo exuberante da arte da tapeçaria.

— Pode me chamar do que quiser. Você está linda. Que mais?

— Tenho mesmo outra coisa em mente. A beleza é apenas uma armadilha da natureza. Quero outro filho.

— Meu?

O sorriso de Burden mostrou-se imaculado, mas a voz baixou para um sussurro. Perto deles, o embaixador austriaco falava de paz com o secretário do Interior, que só se preocupava com petróleo.

— Seu. É claro. Ainda não virei libertina.

— Acho que pode-se dar um jeito. — Ele sorriu, lembrando a ela o rapaz que fora quando se conheceram. — É engraçado — ele acrescentou, e ela sorriu largamente, sabendo que quando alguém dizia "é engraçado" era quase certo que a coisa não tinha graça. — Kitty disse quase a mesma coisa no ano passado.

— E você deu um jeito.

— Dei um jeito. Ela na verdade nunca se recuperou da morte de Jim Júnior.

— E agora?

— Feliz Novamente. Como está Emma?

— Nossa filha quer ir para a faculdade. É muito inteligente, não puxou a mim.

— Nem a mim.

— Venha visitá-la. Ela gosta de você.

Na realidade, Emma era inteiramente indiferente a seu pai verdadeiro, apesar da mística atração inevitável da consanguinidade. Mas Emma era indiferente à maioria das pessoas; era retraída, introvertida, neutra. Lia livros de Física como se fossem romances. Surpreendentemente, a única pessoa de quem gostara era o marido de conveniência de Caroline; naturalmente pensava que John Sanford era seu pai. Como ele estava morto, ficara tudo por isso mesmo. Caroline, no entanto, não deixava de achar estranho — e até mesmo pouco feminino — que Emma nunca tivesse percebido a semelhança física entre ela própria e o velho amigo de sua mãe, James Burden Day. Porém Emma nunca consultava um espelho para ver-se, e sim ao penteado ou ao chapéu.

— Ela fez amizade com a garota dos Roosevelt.

Junto à lareira, Alice falava com a prima Eléanor, cujo sorriso paciente estava começando a parecer-se com o esgar petrificante da Medusa.

— É difícil imaginar um Roosevelt *democrata*. — Burden examinava as primas, semelhantes em aparência, diferentes em caráter.

— Que acha dele?

Burden deu de ombros.

— Não joga no meu time. É um pouco encantador demais, eu diria. E é também belicoso demais. Não consegue esperar para nos botar na guerra.

— E você consegue?

— Sou um democrata de Bryan, lembra-se? — Burden esticou os braços, como se os medisse para uma cruz de ouro. — Lá de onde eu venho, a guerra não é muito popular. Os do Leste deviam ir lutar na guerra e nos deixar quietos em casa...

— Para vocês lutarem contra o México?

— Bom, pelo menos lucrariamos alguma coisa nos saques. Na Europa não há coisa alguma para nós a não ser problemas.

A Sra. Harding passou marchando, Jesse Smith dois passos atrás. Ela cumprimentou Burden; depois agarrou-se ao embaixador russo, Bakhmeteff, cuja esposa era tia de Ned McLean, o amistoso concorrente de Caroline, do *Post*.

— Agora, *ele* tem um problema. Estou falando de Warren Harding. — Burden pegou uma taça de champanhe de um garçon que passava. Caroline tinha dado à Sra. Bingham a ideia de romper a tradição de Washington e servir champanhe além do inevitável chá com bolo. Toda a Washington oficial ficou feliz, a não ser os abstêmios radicais, tais como Josephus Daniels, que chegara ao ponto de banir o vinho do refeitório dos oficiais da Marinha. No momento a Sra. Daniels estava sendo muito falada por ter oferecido um chá onde foram servidos *sanduíches de cebola*. Ela nunca conseguiria superar isso — opinião abalizada da Sra. Bingham. Até em Washington a vulgaridade tinha seus limites.

— Existem tantas pessoas de dupla etnia no Ohio?

Caroline achava fascinante o problema dos germano-americanos e irlandeses-americanos; o governo achava assustador. Se os Estados Unidos entrassem na guerra contra a Alemanha, como reagiriam um milhão de cidadãos americanos de língua alemã?

— Não mais do que lá em casa, proporcionalmente. Mas Harding tem uma amiga que é um dragão, dizem. Ela ameaçou denunciá-lo...

— Denunciar?

— Denunciar os dois. Vai contar tudo, se ele votar a favor da guerra contra a terra natal dela.

— Isto não é comum. *Cherchez le pays*.

— Os senadores são conhecidos pelas mulheres que têm. — Burden sorriu. — Na verdade ele é um cara bacana, se não levarmos seus discursos em consideração.

— Isto é o que dizemos de todos vocês. Exceto o senador Lodge. Gostamos dos discursos dele. É ele quem...

A Sra. Bingham aproximou-se, os olhos cegos brilhando de excitação:

— O Sr. Tumulty está aqui. Veio da Casa Branca. Vão convocar todos, senador. O Congresso inteiro.

— Convocar para quê?

Burden voltara a aparentar sua idade; e Caroline resolveu não ter outro

filho... com ele.

— Sessão extraordinária. Para receber um comunicado do Executivo a respeito de Graves Questões de Política Interna. Palavras do próprio Sr. Wilson. Tenho certeza de que finalmente é a guerra. Não é excitante?

O coração de Caroline pôs-se a bater com força — de excitação? O rosto de Burden avermelhara-se de repente.

— Tenho certeza de que não é a guerra ainda. Quando vai ser a sessão extraordinária?

— Dezesesseis de abril, segundo o Sr. Tumulty.

Burden pareceu aliviado.

— Isso nos dá um mês. Muita coisa pode acontecer.

— Muita coisa está acontecendo — retorquiu Caroline, a jornalista. — O Presidente está muito ocupado equipando aqueles navios que vocês, senadores teimosos, disseram que ele não podia equipar. — Embora a famosa Constituição americana fosse para Caroline um mistério total, aquilo lhe parecia errado. — Como é que ele consegue? — perguntou a Burden.

— Ah, ele pode fazer isso se quiser. Pode chamar de "necessidade militar", como Lincoln fez.

— Lincoln! Guerra! — A Sra. Bingham estava nas nuvens. — Eu ainda não era nascida, é claro — mentiu. — Mas sempre quis viver uma guerra. Estou falando de *uma guerra de verdade*, não aquela bobagem espanhola.

— Acho que é só isto que todos querem. — Caroline não estava alegre. — Viver numa guerra.

4

James Burden Day subiu os degraus até o pórtico norte da Casa Branca, onde foi recebido por um funcionário que o conduziu ao pequeno elevador elétrico do outro lado do saguão de entrada.

— A Sra. Wilson está esperando no saguão do segundo andar. O Presidente está de cama. Ainda tem a gripe.

Burden impressionou-se com a tranquilidade da Casa Branca. Não havia sinal de qualquer emergência. Viam-se alguns políticos mostrando os aposentos oficiais a amigos. Naturalmente os escritórios da administração ficavam em outra ala, no lado oeste, e embora nos escritórios os telefones nunca parassem de tocar, não havia, até então, aquela tensão que ele recordava dos tempos de McKinley e da guerra espanhola, para não mencionar a tremenda confusão da

era Roosevelt, quando se viam crianças e seus pôneis dentro e fora de casa e o Presidente dava a impressão de estar presidindo simultaneamente em todos os aposentos com o máximo de ruidosa euforia.

A Casa Branca de Wilson era como o próprio Presidente: erudito, distante e algo amaneirado. O Presidente tinha sido inteiramente devotado à primeira esposa; agora estava inteiramente derretido pela sucessora dela. Era de longe o mais conjugai dos últimos presidentes; tinha também o menor número de amigos. Pouco à vontade com os homens, Wilson preferia a companhia de mulheres, particularmente de suas três filhas, réplicas graciosas de si mesmo, que iam da triste falta de graça da solteirona Margareth, que queria ser cantora, à beleza mortíça de Eleanor, casada com o secretário do Tesouro William G. McAdoo, e às feições equinas de Jessie, casada com um certo Francis B. Sayre.

O elevador estacou. Abriu-se a porta envidraçada. Burden encontrou-se no familiar corredor de cima que atravessava o comprimento do prédio de leste a oeste. Nos velhos tempos, os gabinetes presidenciais ficavam na extremidade leste e os aposentos residenciais a oeste, com o Salão Oval como uma espécie de terra de ninguém bem no centro. Mas a família de Theodore Roosevelt era grande; e ambiciosa, também. Ele acrescentara à mansão a ala executiva, ao mesmo tempo que reformava todo o segundo andar para ele e a família; para os sucessores também, naturalmente.

A esposa do mais desprezado de seus desprezados sucessores postava-se diante do elevador, esperando por Burden. Edith Bolling Galt Wilson era uma mulher corpulenta, de seios fartos, cujo rosto de feições pequenas e regulares refletia o sangue indígena que ela herdara, segundo afirmava, de Pocahontas. O sorriso era realmente encantador.

— Senador Day! Diga-me a verdade completa: o funcionário lá embaixo referiu-se a mim como Sra. Wilson ou como a primeira dama?

— Acho que ele disse "Sra. Wilson".

— Ah, ótimo! Detesto tanto *primeira dama!* Parece coisa de revista musical, com Weber e Fields, e eu como Lillie Langtry.

Burden tinha consciência de que ela era a origem de um forte aroma de jasmim que aumentava e diminuía de intensidade em ondas atrás dela enquanto o conduzia ao extremo do saguão, onde uma escrivanhinha com dois telefones tinha sido colocada sob uma grande janela semicircular voltada para os escritórios executivos a oeste e o prédio do Departamento da Guerra e da Marinha ao norte. Sentada à escrivanhinha estava a secretária social de Edith, Edith Benham, filha de almirante, que substituíra a magnífica Belle Hagner, rainha da Cidade Aborígine e secretária da primeira Sra. Wilson, assim como da Sra. Roosevelt e da Sra. Taft. Insinuava-se que, não tendo sido Edith Bolling Galt incluída em qualquer lista da Sra. Hagner das pessoas convidáveis à Casa Branca, a própria Srta. Hagner não mais seria encontrada lá com suas listas, suas fichas,

seus telefones, à escrivaninha sob a janela em semicírculo. Kitty não falara de outra coisa durante uma semana; e Burden escutara menos que o normal.

— Espero que a Sra. Day venha ao chá em 12 de abril — foi o cumprimento da Sra. Benham.

Burden respondeu que também esperava que ela viesse.

— Edith é um tesouro — declarou Edith. — Claro, é da Marinha. Estamos cercados pela Marinha. Conhece o almirante Grayson?

Um homenzinho empertigado e de bela aparência, usando um mufti, saía da Suíte Sudoeste.

— Senador... — disse, apertando a mão de Burden.

Outro sulino, Burden observou, achando certa graça no fato de que a Virgínia levava menos de meio século para reconquistar a Casa Branca com Woodrow Wilson, que quando garoto chegara a contemplar as sagradas feições de Robert E. Lee nos dias de ruína do país de ambos. Agora o Sul retornara em triunfo a seu lar verdadeiro, sua cidade, nação; e o Presidente estava cercado, como devia ser, de virginenses.

— Ele está indo muito bem, senhor. — Grayson falava com Burden mas olhava para Edith. — Apenas não o deixem cansar-se. Ele é forte como um touro, mas vulnerável à tensão. O sistema digestivo...

— ... é o primeiro a registrar os contratemplos. — Edith sorriu, como uma criança, Burden observou; daí o famoso apelido que o Presidente lhe dera, "garotinha", e que tinha provocado muitas

risadas, considerando-se a opulência de formas de Edith, sempre enfeitada, engalanada de orquídeas. — Fiquei horrorizada quando descobri qual era o desjejum do Sr. Wilson...

— Dois ovos crus em suco de uva — aconteceu Grayson. — Resolveu a dispepsia, tanto quanto possível. De qualquer maneira, deixe que ele conduza a conversa.

Grayson deu outras instruções, para profunda irritação de Burden: era perfeitamente capaz de discutir política a seu próprio modo com quem era, afinal, apenas outro político, não importava quão elevado e cercado de cerimônia. Então Edith conduziu-o ao quarto.

Woodrow Wilson estava recostado em quatro travesseiros; usava um roupão simples, de lã quadriculada, e seu famoso pincenê. Ao lado da cama, numa cadeira, sentava-se seu cunhado Randolph. Entre eles, sobre a colcha, havia uma tábua de Ouija, e ambos tinham uma das mãos no topo do instrumento parecido com uma mesa, que se movimentava, como se por vontade própria, sobre um tabuleiro de madeira em que tinha sido traçado o alfabeto, estacando, sob as ordens do espírito, numa ou noutra letra, que Randolph prontamente transcrevia num bloco de anotações. Wilson levou um dedo aos lábios enquanto Burden e Edith sentavam-se perto do leito, um móvel enorme de madeira escura

entalhada que Edith trouxera do assim chamado quarto de "Lincoln" no outro extremo do corredor. Na realidade, o "quarto de Lincoln" tinha sido o escritório de Lincoln, e a cama, respeitosamente conhecida como a cama *dele*, nunca fora usada por ele. Tudo que se podia lembrar era que a Sra. Lincoln comprara-a para um quarto de hóspedes. De qualquer maneira, Burden considerava o móvel singularmente horrível apesar da procedência; o fato era que ele não gostava do que quer que fosse ligado à época da Guerra Civil. Veludo vermelho, estofamento de crina, lampiões a gás eram coisas misturadas com suas próprias lembranças de ter crescido pobre no Sul da Reconstrução do pós-guerra antes que sua família se transferisse para o oeste.

Enquanto os dois homens usavam a tábua de Ouija, Edith cochichou a Burden.

— Este lugar estava, está, tão mal conservado! É preciso vigiar o trabalho de todos aqui 24 horas por dia, o que a pobre Sra. Wilson, estando doente, não podia fazer, e a Sra. Taft era grã-fina demais para fazer. Agora, é claro, o dinheiro vai todo para o Estado de Preparação, de modo que vamos vivendo mesquinhamente.

Mas viviam mesquinhamente de um modo muito agradável, pensou Burden. A lareira estava acesa, e acima dela uma esplêndida paisagem americana fornecia um certo alívio de todas aquelas réplicas de políticos obscuros e suas esposas, que davam aos aposentos da Casa Branca uma sensação de meros cenários para uma plateia de fantasmas sombrios e perscrutadores. A janela defronte a Burden emoldurava uma vista invernal das colunas do prédio do Departamento da Guerra e da Marinha, onde as luzes já estavam acesas. Sobre uma mesa, debaixo da janela, estava colocada a máquina de escrever Hammond do Presidente. Dizia-se que ele não apenas datilografava tão bem quanto qualquer profissional, mas também que escrevia sozinho aqueles discursos elevados e melífluos que tanto tinham encantado o país, inclusive Burden, em geral imune à oratória alheia.

Tanto Edith quanto Burden observavam atentamente o Presidente. Dava-se que ele era altamente observável, Burden" concluiu. Roosevelt estava sempre em movimento, e assim sempre no centro das "atenções; mas nada havia de particularmente interessante no rosto redondo de T. R. ou nos movimentos algo espasmódicos de seu corpo pesado. Por outro lado, Wilson era esguio, tinha a cabeça avultada e era quase bonito. O rosto comprido terminava num queixo saliente; os olhos de um cinzento pálido eram observadores; os cabelos ralos e grisalhos, cortados curtos; a pele descorada, profundamente enrugada. Grayson mantinha-o fisicamente ativo, em particular no campo de golfe, onde Edith com frequência juntava-se a ele; ela tinha fama de ser melhor jogadora. Aos sessenta anos, o 28º Presidente dos Estados Unidos, reeleito para um segundo mandato cinco meses antes, parecia bastante capaz (no interesse da Virgínia?) de ser eleito

para um inédito terceiro mandato em 1920. Esse era o pesadelo do político profissional; e o próprio Burden nada mais era que profissional, como o resto da tribo via-se instalado nesta casa, embora não com um tabuleiro de Oujia. Com leve desânimo contemplava aquele que ainda poderia ser o primeiro Presidente de três mandatos.

Randolph leu a mensagem do mundo dos espíritos: "Use minas para afundar submarinos alemães. Horatio Nelson."

— Como será que Nelson sabe de minas, ou de submarinos?

A voz do Presidente tinha ressonância, e apenas um ouvido apurado como o de Burden poderia detectar a Virgínia debaixo da dicção correta e professoral. Se Wilson não tinha escrito mais livros que seu nêmesis Theodore Roosevelt, tinha escrito livros de mais peso — histórias solenes que eram usadas nas universidades, o que o tornava algo anômalo: o historiador arrancado subitamente de seu escritório para fazer história para ser escrita por outros. A maioria dos políticos não gostava dele por causa dessa suspeitada — real? — duplicidade. Mas Burden achava-a curiosa. O Presidente parecia estar sempre observando a si próprio e aos outros como se soubesse que mais cedo ou mais tarde estaria ensinando a si próprio — e a outros também.

O fato de nunca ter havido um Presidente como Wilson tornava-o ainda mais difícil de ser avaliado. Por exemplo: o historiador profissional, que preferia o sistema parlamentar britânico ao sistema executivo americano, inibia o Presidente em seus deveres? Certamente Wilson iniciara seu reino com um teatral gesto parlamentarista: em lugar de mandar uma mensagem para ser lida no Congresso, como seus antecessores, ele próprio foi ao Capitólio e leu sua mensagem, o primeiro Presidente a agir assim desde John Quincy Adams. No Congresso, comportara-se como um primeiro-ministro, exceto que ninguém podia fazer-lhe perguntas naquele local constitucionalmente independente. Gostava também de conversar pessoalmente com membros da imprensa; assim, conseguia aplacar, se não enganar, os editores. Finalmente, como não podia alterar os freios e o equilíbrio da Constituição, ele era obrigado a manter o poder através de um total domínio do Partido Democrata, uma tarefa delicada para alguém que pertencia à minoritária ala do Leste, composta por Tammany Hall, [11](#) Hearst e, coisa, pior, ao passo que a maioria do partido era do Sul ou do Oeste, e por tempo demais apaixonada por William Jennings Bryan.

Burden sabia que tinha sido convocado à Casa Branca porque, com sua entrada para o Senado, ele era agora líder da ala bryanista do partido, que odiava a guerra, a Inglaterra, os ricos e, de modo geral, Woodrow Wilson também. A reeleição de Wilson tinha sido realmente apertada, graças à suspeita de seu próprio partido de que ele queria unir-se aos Aliados na guerra, contra a Alemanha. Apenas o inspirado slogan: "Ele nos manteve fora da guerra" tinha finalmente unido os fiéis. Agora a guerra estava às portas; que fazer?

Wilson indicou a Randolph que retirasse o tabuleiro de Ouija e ele próprio se retirasse. Edith também obedeceu à indireta. Disse da porta:

— Não se canse.

— Coisa impossível, garotinha, numa cama de doente. — Ela saiu, e Wilson então observou a cama enfeitada, parecida com um carro fúnebre napolitano que Burden vira certa vez na base do Vesúvio. — Embora eu não tenha tanta certeza quanto a esta aqui. — Pegou uma pilha de papéis na mesa-de-cabeceira e colocou-a sobre a colcha. — Esteve com o Sr. Bryan?

Burden sacudiu a cabeça.

— Acho que ele está na Flórida..

— E o Presidente do Senado?

Wilson encarou Burden pelo canto do olho, um efeito inquietante. Mas o assunto era inquietante. O Presidente do Senado, Champ Clark, era o herdeiro *de facto* de Bryan. Opusera-se a Wilson em todos os turnos e em 1916 fora um sério candidato à candidatura presidencial. Se não fosse pelas manobras de bryanistas wilsonistas como Burden, Champ Clark poderia agora estar desfrutando um resfriado na cama de Lincoln.

— O Presidente, é sulino. O Sul e o Sudoeste querem a paz a qualquer preço. Pelo menos na Europa.

— Eu sei. Também sou um deles. Por isso sou orgulhoso demais para lutar. — Wilson citou a si próprio indiretamente. Essa frase irritara todos os partidários da guerra no país, particularmente Theodore Roosevelt, apaixonado pela guerra, que não falava mais coisa com coisa. Wilson pegou os papéis. — Ouça o que lhe digo, Sr. Day, fiz tudo que um homem poderia fazer para ficar fora desta coisa terrível. Esperava que a Alemanha fosse suficientemente inteligente para não me forçar a tomar uma atitude, para nos permitir continuar como somos: neutros, porém prestativos...

— Para Inglaterra e França.

O Presidente não tolerava interrupções. Ensinara durante demasiados anos, a damas em Bryn Mawr e a cavalheiros em Princeton; e em nenhum desses locais os estudantes tinham sido incentivados a interromper o inspirado — e inspirador — professor.

— Inglaterra e França. Mas há também, havia, o algodão para as Forças do Centro, pela insistência dos senadores de algodão barato, contrários à guerra...

— Dos quais eu sou um.

— Dos quais você é um. — Embora tivesse sorrido, era claro que Wilson tinha o pensamento no maço de papéis que ela sacudia distraidamente, como se quisesse desalojar sua mensagem. Burden percebeu que dois deles ostentavam selos vermelhos. — É curioso que, se eu for impelido a entrar na guerra, isso dará prazer aos republicanos, nossos inimigos, e desprazer a uma grande parcela do nosso partido.

Burden ainda era um advogado suficientemente hábil para agarrar uma palavra-chave.

— Impelido? — repetiu. — Quem o impele?

— Os acontecimentos.

Wilson olhou distraidamente pela janela, em direção a uma fileira de luzes onde seu burocrata secretário de Estado, Robert Lansing, estava, sem dúvida, ocupado com coisas burocráticas, tão diferente de seu predecessor, o Grande Plebeu, que era incapaz de qualquer burocracia; aliás, de qualquer coisa menos mundana que trovoadas jupiterianas em prol da paz.

— Sei que muitos de vocês pensaram que eu estava... hum... fazendo uma barganha durante a última eleição. Que vocês votariam porque eu nos mantive fora da guerra, apesar de tanta provocação. Bem... — Ou ele perdera o fio dos pensamentos ou estava a preparar-se para permitir-se o privilégio presidencial de abandonar abruptamente uma linha de argumentação potencialmente perigosa. — Outro dia alguém me perguntou, um antigo colega de Princeton, qual era a pior coisa de ser Presidente. — Wilson olhou diretamente para Burden, o rosto solene mas os olhos brilhantes atrás do pincenê. — Felizmente não me perguntou qual era a melhor coisa. Eu poderia não achar uma resposta. De qualquer maneira, soube responder qual era a pior: o dia inteiro as pessoas nos dizem coisas que já sabemos, e temos que agir como se as ouvíssemos pela primeira vez. Agora o senador Gore vem me dizer — obviamente havia uma ligação entre as repetições do óbvio e o senador cego de Oklahoma, cuja oposição à guerra colocara em movimento uma série de manobras parlamentares destinadas a trazer à tona as intenções do Presidente — que devo minha reeleição inteiramente à ajuda dele na Califórnia — concluiu.

— Mas o senhor realmente deve a sua reeleição à Califórnia.

Na noite da eleição Wilson fora para a cama pensando que seu adversário republicano, Charles Evan Hughes, tinha sido eleito; aliás, o mesmo se dera com o "Presidente" Hughes. No dia seguinte chegaram os números do Extremo Oeste e Wilson foi reeleito por uma estreita margem. Burden sabia que isso poderia não ter acontecido se aquele mago da oratória, Gore, não tivesse sido convencido a deixar sua esquiwa reclusão na cidade de Oklahoma e ir à Califórnia para subir ao palanque a favor de Wilson. Gore concordara, com a condição de poder garantir que Wilson continuaria a manter a paz, como até então. Na noite da eleição Gore telegrafara a Tumulty a cifra exata pela qual Wilson venceria na Califórnia.

Agora Wilson enfrentava seu próprio histórico de falta de coragem. Em várias ocasiões ele conseguira ser ao mesmo tempo o candidato da guerra e da paz. Esse tipo de coisa nunca incomodara o público, cuja memória era curta; mas os senadores eram constitucionalmente dotados de memória longa e, com frequência, um eleitorado caprichoso. Alguns eram obrigados a seguir os preconceitos de seus eleitores pró-Alemanha. Outros viam-se como arquitetos de

uma república nova e perfeita, e seu líder era La Follette, de Wisconsin, muito mais perigoso em seu idealismo que qualquer dos bryanistas, afetados pela opinião pública, uma substância altamente volátil, produzida, frequentemente por capricho, por William Randolph Hearst em seus oito jornais, para não mencionar todos os outros editores — todos, sem exceção, favoráveis à guerra. Até então, Hearst era ainda a voz dos alemães e irlandeses; e seus jornais nas grandes cidades no Norte voltavam-se desavergonhadamente para a multidão urbana com a qual ele ainda contava para fazer-se Presidente em 1920.

— Eu esperava ser um Presidente reformista. — Wilson soava melancólico. — Havia tanto a fazer aqui mesmo, e fizemos tanto, tão depressa...

Burden concordou sem reservas. O tipo de reformas de que Roosevelt sempre falara com uma paixão tão transcendente, Wilson de fato realizara com uma argumentação suave aliada a suaves puxões de orelha nos congressistas. Mas, como ele gostava de dizer, qualquer pessoa que conseguisse dominar a faculdade de Princeton e também a associação de *alumni* acharia fácil lidar com um simples Congresso. Fora o senador Lodge a dizer "Mas ele nunca as dominou. Por isso a política foi a sua única fuga"?

— Que posição eles, quero dizer, *você* tomaria se eu pedisse a guerra? — Wilson conseguira controlar-se.

— Vai depender das razões. Sempre achei que o senhor perdeu, a oportunidade, se é a guerra que deseja, quando os alemães afundaram o *Lusitania* e tantas vidas americanas se perderam. Naquele dia o público estava preparado para isso.

— Porém — Wilson foi frio — eu não estava. Era cedo demais. Não estávamos, não estamos preparados.

— Há duas semanas, quando o senhor mandou o embaixador Bernstorff de volta, o povo estava novamente preparado. — Burden divertia-se com a brincadeira. — Agora vem o negócio do Zimmermann... — Embora Burden fosse muito sensível à aversão de Wilson a qualquer tipo de conselho, sabia que tinha sido chamado ao leito de doente do Presidente para dar-lhe uma visão do estado de espírito do Senado. Mergulhou de cabeça. — Chegou a hora. O senhor não pode esperar muito tempo mais. A imprensa está agindo: a pequena e corajosa Bélgica, as freiras estupradas, as crianças devoradas. O boche é o demônio. Se deve haver guerra, preparados ou não, a hora é esta.

Wilson fixou os olhos nos papéis em sua mão; esperou.

Burden prosseguiu.

— Não foi por isso que convocou uma sessão extraordinária? Para nos pedir que declaremos a guerra?

— Se eu fizer isso, quantos se oporiam? E com que argumentos?

As costumeiras imagens poéticas de Wilson, moralistas e confusas, tendiam a evaporar-se diante de um problema político. Ele agora era

inteiramente o administrador político contando cabeças.

Burden citou uma dúzia de nomes: os líderes.

— Na verdade, há uma maioria nítida, porém frágil, em ambas as Casas, contra a guerra, e nada vai convencê-la a não ser que o senhor tenha um novo exemplo de barbarismo dos boches.

Wilson tirou o pincenê e esfregou as duas marcas a cada lado do nariz — como impressões vermelhas do polegar.

— Creio que os alemães são o povo mais estúpido da terra. Eles nos provocam. Afundam nossos navios. Conspiram com o México contra o nosso território. Então, agora, foram até o fim. — Ele ergueu os papéis com selo vermelho. — Hoje três navios nossos foram afundados. O *City of Memphis*, o *Illinois*, o *Vigilância*.

Burden sentiu um arrepio ao ouvir os nomes.

— Tentei... creio que com absoluta sinceridade, mas quem pode conhecer o coração humano, principalmente o seu próprio? Tentei ficar fora desta guerra incrivelmente estúpida e desnecessária, que nos tornou de repente, graças à falência da Inglaterra, a nação

mais rica do planeta. Uma vez armados, nenhum poder poderá nos segurar. Mas, uma vez armados, será que algum dia nos desarmaremos? Você entende o meu... dilema, ou o que era um dilema até o kaiser me aprontar esta. — O rosto do Presidente parecia ter sido grosseiramente esboçado, com cinzel e martelo, num bloco de granito cinzento.

— Por que o senhor demorou tanto, quando está claro a tantas pessoas que seu coração sempre esteve com a Inglaterra e os Aliados? — Burden perguntou.

Wilson encarou-o como se ele não estivesse ali.

— Eu tinha três anos de idade quando Lincoln foi eleito e a Guerra Civil começou — disse finalmente. — Papai era um clérigo em Staunton, e mais tarde nos mudamos para Augusta, na Geórgia. Eu tinha oito anos quando a guerra terminou e o Sr. Lincoln foi assassinado. Em Augusta a igreja de meu pai foi um... foi *usada* como hospital para os nossos soldados. Lembro-me de tudo isso. Lembro-me de Jefferson Davis sendo levado prisioneiro pela cidade. Lembro-me de como ele... Minha família sofreu muito pouco. Mas o que víamos em volta de nós, a amargura dos que perderam a guerra e a brutalidade dos vencedores... bem, nada disso me escapou. Não sou... — interrompeu-se, e um sorriso frio e curto dividiu por um instante o grosseiro rosto de granito — um entusiasta da guerra como o coronel Roosevelt, que tem a mentalidade de uma criança de seis anos e cuja imaginação com certeza não existe. Entende, posso *imaginar* o que esta guerra nos fará. Rezo para estar enganado, mas tenho um medo mortal de que uma vez que este povo, que conheço tão bem, seja levado à guerra, ele esqueça que já existiu uma coisa chamada tolerância. Porque para lutar para vencer é preciso ser brutal e impiedoso, e esse espírito de impiedade

brutal penetrará em todas as fibras da nossa vida nacional. Vocês, do Congresso, ficarão contaminados por ela, e a polícia também, e o cidadão comum. Todo mundo. Então venceremos, mas o que venceremos? Como ajudaremos o Sul, quero dizer, as Forças do Centro, a voltar de uma época de guerra para uma época de paz? Como ajudaremos a nós mesmos? Nós nos tornaremos aquilo que combatemos! Estaremos tentando reconstruir uma civilização de época de paz com padrões de época de guerra. Isto é impossível, e, já ,que todos estarão envolvidos, não haverá observadores com poder suficiente para fazer uma paz justa. Isto é o que eu queria que fôssemos: orgulhosos demais para lutar na lama, mas prontos para acorrer, prontos para intermediar, prontos para.. . — A voz estacou.

Houve um silêncio longo. Se o sol ainda não se pusera, há muito desaparecera atrás das nuvens densas e frias; e o quarto estava às escuras, com exceção de uma única lâmpada junto à cama de Wilson e das brasas quase apagadas na lareira. Embora Burden estivesse acostumado à eloquência do Presidente, não era inteiramente imune ao seu poder. Wilson tinha o dom de ir direto ao coração por demais palpitante do problema.

— Vou convocar o Congresso duas semanas mais cedo. Em 12 de abril. Irei... — Colocou- os perigosos documentos na mesa-de- cabeceira. — Que coisa irônica! — Sacudiu a cabeça. — Depois de todo trabalho que tivemos para controlar os grandes negócios, adivinhe o que vai acontecer agora? Eles estarão mais firmes na sela do que antes. Pois quem mais poderá nos armar? É o que dirão. Quem mais pode administrar a guerra?

— Quem mais? — Burden tinha tido o mesmo pensamento. Se alguém se beneficiaria com uma guerra americana, seriam os trustes, os cartéis, os especuladores da bolsa. — Vamos voltar à época de Grant.

Wilson assentiu com desânimo.

Então, se a guerra for longa, e nos enfraquecermos, há o verdadeiro inimigo esperando por nós no Oriente: as raças amarelas, lideradas pelo Japão, prontas para nos dominar pela própria força dos números...

Edith Wilson entrou no quarto e acendeu as luzes, dissipando o ambiente apocalíptico. Ao levantar-se, Burden percebeu algumas obras de arte chinesas arrumadas em mesas e estantes, sem dúvida um lembrete bem a calhar das hordas de terror da Ásia.

— Vieram de casa — explicou Edith, percebendo o interesse de Burden. — Este não é um lugar fácil de tornar aconchegante. — Entregou ao Presidente uma folha de papel. — Do coronel House. Já o decodifiquei para você. — Então sobressaltou-se. — Ora, céus, você não devia ouvir estas coisas — disse a Burden.

— Que o coronel House escreve para o Presidente em código? Eu ficaria surpreso se não o fizesse. Ele está na Europa, não está?

Wilson assentiu. Olhou de relance para a carta e ergueu os olhos para Burden.

— Bem, ele acha que devíamos reconhecer o novo governo russo. O czar abdicou. Mas a Rússia ainda está na guerra, de modo que...

Ele interrompeu-se e encarou Edith, nitidamente sem enxergá-la, o pensamento longe.

— Acho que agora precisamos de todos os aliados. — Burden agora hesitava; estava também intrigado com a ideia da esposa de um presidente decodificando documentos altamente secretos do emissário não-oficial do Presidente à Europa, coronel House, o texano rico e misterioso.

— Sim. É a minha opinião. Nosso embaixador está muito entusiasmado com essa revolução. Muito parecida com a nossa, segundo ele. Acha que devíamos dar o exemplo e reconhecê-la.

— Henry Adams previu tudo isso há vinte anos. — Burden de súbito recordou a alegria com que Henry Adams falara de guerras, revoluções e a inevitável decadência da civilização.

— Ele ainda está vivo? — Wilson apertou uma campainha.

— E muito. Mas nunca sai de casa, nunca faz visitas. Ainda mora do outro lado da rua, ali. — Burden apontou na direção do Parque Fayette enquanto Brooks, o criado negro de Wilson, entrava no quarto. Então Burden apertou a mão do Presidente. — O senhor terá tudo que quiser no dia 2 de abril.

— Quantos votarão contra?

— Uns dez, no máximo.

— O senhor me incentiva, senador.

— E o senhor me inspira, Presidente.

— Este era o meu propósito. — Novamente o sorriso frio. — Agora, queria apenas inspirar a mim mesmo.

Com a ajuda de Brooks o Presidente saiu da cama. Edith levou Burden até o elevador.

— Ele não dorme bem — informou.

— Nem eu dormiria, numa época como esta.

Uma criada aproximou-se deles com um cesto de nozes.

— Acabaram de chegar, Srta. Edith. Foi o serviço concreto que trouxe.

— Obrigada, Susan. Leve-as ao Sr. Wilson. — Edith abriu a porta do elevador. — Ainda acontecem coisas engraçadas — comentou. — Susan está conosco há vinte anos, mas levávamos uma vida tão tranquila que ela ainda está em choque por viver aqui. Resolveu que o Serviço Secreto é o "serviço concreto", e não há quem a corrija. — Edith ia acrescentar alguma coisa, mas disse apenas: — Adeus.

Armado de crachá e documentos, Blaise Sanford entrou no Capitólio, na parte do Senado. Além do que parecia ser toda a força policial de Washington, havia soldados postados em todas as entradas, como se uma invasão fosse iminente, ou seriam eles próprios invasão? Haveria lei marcial? Blaise fez a pergunta a si mesmo.

O próprio Blaise redigira um editorial altamente equilibrado para o *Tribune* dessa manhã, para tristeza dos redatores, que se mostravam abertamente desrespeitosos para com qualquer coisa que ele, ou Caroline escrevesse. O *Tribune* era essencialmente republicano e pró-Aliados, graças à influência de Blaise, com concessões ocasionais aos democratas graças à antiga amizade de Caroline com James Burden Day. Quando os irmãos discordavam num assunto qualquer, ambas as posições recebiam espaço igual, para consternação daqueles poucos cidadãos de Washington que levavam os editoriais a sério.

Uma chuva fina e quente anunciava a chegada da primavera. Iluminado por baixo, o domo do Capitólio parecia uma lua corcunda e branca, de encontro ao céu negro. Havia um aroma de narcisos e lama no ar, mas o costureiro cheiro de cavalos estava ausente. Dizia-se que a recente ida de carruagem do Presidente para o Capitólio, para seu discurso inaugural, tinha sido a última que um Presidente jamais faria: finalmente o mundo era de Henry Ford. Blaise refugiou-se sob o portão de carruagens, onde essa noite nem carros nem carruagens eram permitidos, assegurando assim que todos ficassem igualmente, democraticamente, molhados.

Felizmente o Congresso funcionava no interior, dê modo que nenhuma conspiração do Senado poderia impedir a passagem de César. Agora jornalistas, diplomatas, esposas e crianças convergiam para o Capitólio, onde cada um que era admitido recebia uma pequena bandeira americana, presente de um patriota desconhecido, porém bem-organizado.

Na rotunda principal, Blaise foi abordado pelo editor do *Atlantic Monthly*, Ellery Sedgwick

— Vou tentar entrar para ver o Presidente — disse este. — Ele está no Salão de Mármore. Venha, vamos cumprimentá-lo. Tumulty me fez membro temporário do Serviço Secreto. Foi a única maneira de eu poder entrar.

Blaise consultou o relógio: 8:30h. O discurso estava marcado para as 8:30h. Mas no Congresso nada acontecia ria hora marcada. Os senadores ainda estavam entrando no plenário da Câmara onde, por falta de cadeiras, muitos

teriam que ficar de pé.

— Depois vou visitar Henry Adams. Você vai? Um jantar informal. Ele vai.

Sedgwick indicou Henry Cabot Lodge, que estava virado na direção deles. Cabelos brancos, barba branca, rosto branco, o senador Lodge acenou-lhes; as narinas dilatavam-se de excitação. Como o homem de Theodore Roosevelt no Senado, ele era o líder dos partidários da guerra.

À porta do Salão de Mármore um homem do Serviço Secreto montava guarda. Quando os dois editores tentaram entrar, ele os impediu.

— A Sra. Wilson acaba de dirigir-se para a galeria, e ele está quase pronto. É melhor ir tomar seu lugar, Sr. Sanford.

Quando Blaise fez menção de obedecer, avistou o Presidente. Wilson estava parado no centro do aposento ornamentado. Estava só, de costas para a porta, olhos baixos. Na mão esquerda segurava as fichas onde seu discurso estava escrito. Blaise achou que o momento era íntimo demais para ser observado mas, assim como Sedgwick, ficou paralisado quando Wilson atravessou o aposento lentamente, como um homem num sonho, até um grande espelho empoeirado. Então Blaise viu o rosto do Presidente refletido: ele parecia ter-se desmoronado. A boca pendia pateticamente aberta, e a papada derramava-se por sobre o colarinho alto e engomado. Os olhos estavam arregalados e fixos, ao passo que os músculos do rosto estavam frouxos. Se isso fosse Paris e o Presidente um vagabundo francês, Blaise poderia identificar a droga que ele andara tomando: ópio. Mas ali era o Capitólio e o Presidente era um puritano. Abruptamente Wilson tomou consciência da imagem que Blaise podia ver no espelho. Com ambas as mãos empurrou o queixo para cima, esticou as bochechas, pestanejou; a boca firmou-se. Num instante era novamente o esguio, inflexível e carrancudo Woodrow Wilson, cujos olhos claros e frios eram agora atentos como os de um caçador. Devidamente percebida a metamorfose, Blaise afastou-se, sem querer que o Presidente soubesse ter sido observado.

Nas galerias apinhadas, grandes damas imploravam um lugar, enquanto plenipotenciários ameaçavam guerra, em vão. Felizmente o diretor-executivo do *Tribune* ocupava o assento de Blaise e cedeu-o a ele. Ao lado dele estava Frederika, parecendo pálida, jovem, contida. Junto a ela encontrava-se o colega de Blaise, o dono de jornal Ned McLean, com a esposa Evalyn, ornada de diamantes, cada um mais azarado que o outro, a julgar pelo que a imprensa — a imprensa *deles* — dizia.

— Blaise, meu velho!

Ned estendeu a mão por cima de Frederika. Blaise apertou-a. Não gostava de ser chamado de "meu velho" — nem de qualquer outra coisa — por Ned, um jovem idiota insuportável, que em seguida estendeu-lhe uma garrafinha de prata.

— Isto pode ficar muito árido, sabe?

Ned arregalou os olhos comicamente. Parecia um comediante do cinema, pensou Blaise recusando a garrafinha, da qual Evalyn bebeu um longo gole.

— Uma hora ridícula para declarar guerra — comentou ela, enxugando os lábios com a mão coberta pela luva enfeitada em relevo, em cujos dedos brilhavam diamantes. — Oito e meia, imagine! Bem na hora em que estamos começando a pensar em jantar. Não é mesmo, Frederika?

— Mas nós nunca *pensamos* nisso. Apenas jantamos. Não é, Blaise?

Blaise assentiu, olhos postos na galeria em frente, onde, de um modo ou de outro, Caroline conseguira colocar-se entre duas das filhas do Presidente. A Sra. Wilson tomava agora o seu lugar com sorrisos simpáticos e acenos aos amigos no pavimento inferior.

— Lá está a viúva Galt.

Como tantas senhoras de Washington, Evalyn gostava de retratar os Wilson como um casal amoroso, dado a infindáveis prazeres carnavais. Blaise estava com Evalyn no teatro quando o Presidente apareceu em público com a viúva Galt pela primeira vez; ela usava o que pareciam ser todas as orquídeas da estufa da Casa Branca. Evalyn perguntara:

— O que é que vocês acham que eles vão fazer *depois* do teatro?

Frederika respondera:

— Ela vai comer as orquídeas e depois vai para a cama.

Abaixo deles, Brandegee, o elegante senador de Connecticut, fez uma mesura profunda aos senhores da imprensa. Brandegee tentara convencer Blaise a concorrer ao Senado por Rhode Island, onde a campanha seria relativamente barata, certamente mais barata do que o custo de manter a casa que Blaise herdara em Newport:

— Você vai gostar do Senado — dissera o senador. — Apesar de alguns penetras, é o melhor clube do país.

Blaise, porém, não tinha interesse na carreira pública. O poder era outra coisa, naturalmente, e um proprietário de jornal tinha mais poder que a maioria das pessoas — ou a ilusão de poder, que era, talvez, só o que existia. O rosto desfigurado de Wilson no espelho já estava gravado na memória como uma dessas imagens chocantes e jamais esquecidas. Se aquilo era o poder verdadeiro, Blaise estava disposto a passar sem ele. O rosto de Wilson revelara não exatamente angústia, mas puro terror.

Do salão abaixo Burden acenou para eles. Estava num grupo de senadores democratas, ao fundo.

— Alguém viu o discurso? — Ned McLean assumiu o que julgava ser a expressão inteligente requerida do editor do *Washington Post* numa ocasião tão importante.

— Não — fez Blaise.

Ele tentara de tudo — despesa não é problema, como dizia Hearst — para

conseguir uma cópia, através de um amigo do estenógrafo do Presidente, Charles L. Gwen. Mas, aparentemente, o próprio Presidente datilografara o discurso na noite de 31 de março até a madrugada de domingo, 1º de abril — Dia dos Bobos. Blaise ainda não conseguia compreender essa ocasião, essa guerra.

Embora Wilson tivesse tido uma reunião com o Gabinete, não lhe mostrou o discurso. E afirmou que ainda estava indeciso quanto a pedir uma declaração de guerra ou dizer simplesmente que, como já existia realmente um estado de guerra, o Congresso devia dar-lhe os meios para combater. Ressalvados alguns detalhes técnicos, o Gabinete mostrou-se unânime a favor da guerra.

Logo abaixo de Blaise, Josephus Daniels, o pacifista secretário da Marinha, com aparência bastante bélica, tomava seu lugar, com o resto do Gabinete e o Supremo Tribunal. O vice-presidente estava agora em seu trono junto ao do presidente da Casa. Acima de suas cabeças um relógio redondo informava as horas: 8:40h.

— Ele está atrasado — disse Frederika.

— Você soube que agora há pouco — Ned inclinava-se sobre a grade — alguém deu um soco em Cabot Lodge? Veja aquele olho! Inchadíssimo!

— Quem foi? — Frederika era profundamente interessada nas formas mais primitivas de guerra.

— Um pacifista — fez Ned.

— Que engraçado! — Evalyn retirou da bolsa um par de binóculos de ópera cravejados de diamantes e focalizou-os em Lodge. — Deve ter sido um peso-pesado...

O presidente da Câmara pôs-se de pé, olhos na porta defronte a seu palanque.

— O Presidente — anunciou; e acrescentou, quando o salão ficou em silêncio: — dos Estados Unidos.

O Supremo Tribunal levantou-se em primeiro lugar, e em seguida todos o fizeram, no salão e nas galerias. Então Woodrow Wilson, muito ereto, até mesmo rígido, entrou no recinto. Parou por um momento. Na imobilidade geral, o único som era o da chuva tamborilando na clarabóia. Então os aplausos irromperam como trovões. Wilson desceu apressado o corredor até a tribuna, indiferente às mãos estendidas. Subiu à tribuna; voltou-se e cumprimentou com um gesto de cabeça o vice-presidente e o presidente da Câmara. Depois sentaram-se todos, e o processo histórico começou.

Wilson ergueu as fichas acima da estante e discursou como se para elas. Mas a voz era firme, e a cadência, como sempre, de uma beleza fora do comum. Blaise não achava que a voz parecesse americana ou inglesa — a primeira, toda nasalidade, e a segunda, toda balbucio. A voz de Wilson era um agradável equilíbrio entre as duas.

— Senhores do Congresso. — Um breve olhar de polidez por cima das

fichas; depois passou a dirigir-se a seu texto com mais intimidade: — Convoquei o Congresso para uma sessão extraordinária porque existem decisões muito sérias a serem tomadas imediatamente...

Wilson expôs sucintamente o problema. Mas, como ele ensinava História além de agora também fazê-la, era obrigado, na grandiosa tradição daqueles que devem guerrear, a invocar um Princípio Mais Elevado do que meramente raiva, sentimentos feridos ou ataques a pessoas ou propriedades americanas.

— A guerra submarina alemã contra o comércio é uma guerra contra a humanidade — afirmou.

Blaise sentiu-se fraco de repente: os americanos iam lutar, realmente lutar, na França, o país onde ele tinha nascido e crescido. Estava com 42 anos; devia entrar na guerra pelos dois países.

Tudo parecia, irreal: o salão mal iluminado, a chuva de abril na vidraça, os rostos tensos, para não mencionar as orelhas, muitas delas envoltas por mãos em concha, de estadistas meio surdos tentando amplificar a voz da nação que rompia seu longo silêncio — desde quando? Gettysburg? "Última das melhores esperanças da Terra?" Governo do, para e pelo povo. Todos esses conceitos definitivos, perfeitos, únicos, para descrever mera política. As nações eram organismos incorpóreos; daí a extraordinária oportunidade para um orador eloquente, numa apropriada noite chuvosa de abril, denunciar a ambição coletiva, embora incipiente, da tribo. Já que uma oportunidade dessas poderia nunca repetir-se, Blaise sabia o que vinha a seguir; e veio.

— O desafio é dirigido a toda a humanidade. Cada nação tem que decidir por si como vai enfrentá-lo. — Que faria então, perguntou-se Blaise quase rindo, o Paraguai? Ou a Costa do Ouro? Ou o Sião? Wilson enfiou com firmeza o primeiro prego no lindo caixão da paz: — A neutralidade armada, pelo que parece, é impraticável. — Mais pregos: — Há uma opção que não podemos fazer, somos incapazes de fazê-la: não escolheremos o caminho da submissão...

Um suspiro profundo percorreu o aposento, e depois algo que soou como um tiro. O Presidente, perplexo, ergueu os olhos, no momento em que o presidente do Supremo Tribunal, um sulino idoso e corpulento, erguia as mãos bem alto e batia palmas, como um sinal de batalha, e as tropas, se é isto que somos, pensou Blaise, bradaram em unísono — inclusive ele próprio. Ned McLean soltou um grito rebelde e tomou outro gole da garrafa. Os olhos de Evalyn brilhavam como diamantes. No outro extremo do salão, Caroline sentava-se imóvel entre as filhas de Wilson, que aplaudiam. Vai haver muita discussão ainda nas reuniões de pauta do jornal, pensou Blaise.

O rosto de Wilson estava algo menos pálido depois dessa demonstração, e a voz mais forte ao enfiar o último prego:

— Com uma profunda consciência do caráter solene e até mesmo trágico do passo que estou dando...

Blaise perguntou-se: trágico para quem? Para os mortos, é claro. Mas Wilson estava dizendo que a nação encontrava-se agora sujeita a uma tragédia como nação? Uma massa tão grande de pessoas diferentes entre si poderia compartilhar uma coisa tão elevada, terrível

e íntima como uma tragédia? A tragédia era individual, pelo menos assim fora incorretamente ensinado a Blaise. Então ele entendeu: Wilson referia-se a si mesmo: "... o caráter trágico do passo que *estou* dando". Isso era nobreza, até mesmo loucura. Era verdade que naquele momento Wilson era a personificação de um povo; mas o momento passaria e outros homens vaidosos, alguns até mesmo sentados agora nesse aposento, tomariam seu lugar.

— Recomendando ao Congresso declarar o comportamento recente do Governo Imperial Alemão nada menos que um ato de guerra contra o Governo e o povo dos Estados Unidos...

Wilson colocava na Alemanha a culpa da guerra; depois pedia a guerra. Novamente os aplausos foram puxados pelo presidente do Supremo, obviamente bêbado e agora aos prantos. Brados soavam. Alguma coisa começava a romper-se; seria a civilização? Blaise não era entusiasta desse conceito vago, mas essa definição nebulosa não era melhor que homens ladrando como cães, uivando como lobos?

Como se tivesse previsto o tumulto que estava provocando em volta da fogueira tribal, Wilson passou depressa para um terreno elevado, sagrado:

— Estamos no início de uma era na qual será necessário que os mesmos padrões de conduta e de responsabilidade pelo mal cometido observados pelos cidadãos dos países civilizados sejam observados pelas nações e seus governos.

Frederika, surpreendentemente, cochichou ao ouvido de Blaise em tom irônico:

— Ele conhece o Sr. Hearst?

Blaise quase soltou uma gargalhada; ela tinha pelo menos rompido o feitiço que o pajé estava jogando em seus silvícolas embriagados pela guerra.

— Ou o coronel Roosevelt — Blaise cochichou de volta, para irritação da agora emocionada Evalyn. Ned dormia.

— ... lutar assim para a definitiva paz mundial e para a libertação de seus povos, inclusive os povos alemães; pelos direitos das nações, grandes e pequenas, e o privilégio dos homens em toda parte de escolherem seu modo de vida e de obediência. O mundo precisa ser tornado seguro para a democracia.

Uma pessoa começou a aplaudir muito alto.

O Presidente já começara a frase seguinte quando interrompeu-se, como se só agora cômico da importância do que dissera. O aplauso começou a crescer quando outras pessoas aderiram. Blaise perguntou-se com desânimo: o que é a democracia? E como ela ou qualquer outra coisa tão indefinível podia ter a certeza da segurança? A escravidão humana era algo tão específico que podia-se

realmente fazer do mundo um lugar perigoso para ela florescer; mas a democracia, o que era, afinal? Tammany Hall? As lideranças do Partido Democrata? O dinheiro? Alguma vez já houvera tantos milionários nesse Senado democrático?

Blaise ergueu o olhar para o relógio. Eram agora 9:15h. O Presidente estava discursando havia quase meia hora. A magia estava solta no recinto, vozes ancestrais tinham iniciado seus sussurros, e velhas canções de guerra soavam no tamborilar da chuva: *pois estaremos unidos em torno da nossa bandeira, rapazes, estaremos novamente unidos, entoando o brado de guerra da liberdade*. O pajé-guerreiro soltava agora seu feitiço definitivo: — É uma coisa terrível levar este povo grandioso e pacífico à guerra, à mais terrível e trágica de todas as guerras, em que a própria civilização parece estar em jogo. Mas o direito é mais precioso que a paz, e lutaremos pelas coisas que sempre trouxemos em nossos corações...

Ah, sim, pensou Blaise. Vamos matar pela paz! Frederika quebrara o feitiço para ele; no entanto, ele reconhecia a sua potência; via-a agir nos silvícolas lá embaixo, que dedicavam ao pajé não apenas a sua confiança como também a sua fúria, a qual, por sua vez, alimentava a fúria do pajé. Assim, magia cria magia.

— ... com o orgulho daqueles que sabem que chegou o dia em que a América terá o privilégio de dar seu sangue...

Ali estava, finalmente, o objetivo da cerimônia: sangue. Estavam agora mergulhando na pré-história, em volta da fogueira. Sangue! E agora, a bênção celeste para a tribo. Ela veio, na última frase: — Com a ajuda de Deus ela não poderá agir diferente. Portanto ali estava: no final o protestante Martinho Lutero. Nunca Blaise sentira-se mais católico.

Wilson ergueu o olhar para as galerias. Seus olhos estavam brilhantes e arregalados, e... ele estava nesse momento a sós consigo mesmo ou unido aos caçadores que o cercavam? Blaise não soube a resposta, pois todos ficaram de pé, inclusive ele próprio e o cambaleante Ned, braços rodeando frouxamente o peçoço de Evalyn.

Blaise debruçou-se para observar o Presidente descer o corredor até a porta. Lodge adiantou-se um passo — o rosto definitivamente, agradavelmente, inchado — para apertar a mão de Wilson e mur-

murar algo que fez o Presidente sorrir. Logo atrás de Lodge sentava-se o grande La Follette, braços cruzados para mostrar que não estava aplaudindo o pajé, e lentamente, ritmadamente, mastigando chicletes.

— Quem pode acreditar que ontem mesmo a maioria era a favor da paz? — perguntou Blaise a Frederika enquanto abriam caminho no corredor apinhado.

— Você acha que eles sabem mesmo o que estão fazendo? Quero dizer, é bastante divertido... para os homens. E imagino que deve haver dinheiro nisso.

— Muito dinheiro, acredito, para aqueles que são...

Blaise perguntou-se: são o quê? Afinal, ele era filho e neto de ricos. O fato de não ter vontade de aumentar sua fortuna — ao contrário da circulação do *Tribune* — não significava que ele era diferente do Sr. Baruch, o especulador nova-iorquino que comprara um lugar importante no Partido Democrata como financiador do próprio Presidente, para lucrar com a troca. Mas o Sr. Baruch não merecia mais censuras por seu singelo desejo de ganhar dinheiro do que todos os membros milionários do Clube do Senado, que só diferiam dos membros pobres por sua atitude quanto à transitoriedade.

Caroline interceptou-os no corredor pintado, que cheirava a lã úmida e uísque: a garrafinha de Ned McLean não tinha sido a única.

— Prometi ao tio Henry que iria fazer-lhe o relatório. Ele prometeu que vai nos dar jantar.

Blaise disse não; Frederika disse sim; de modo que todos embarcaram no Pierce-Arrow de Caroline.

— Como foi que você acabou sentada com os Wilson? — Frederika frequentemente fazia as perguntas de Blaise por ele.

— Estou cultivando o Sr. McAdoo porque ele quer ser Presidente também, e sempre gosto mais das mariposas antes que elas saiam do casulo.

— Como é que você faz para cultivar alguém como Eleanor McAdoo?

Frederika tinha o velho senso de irrealidade de Washington quando se tratava do teatro federal, que mudava seu programa a cada quatro ou oito anos — às vezes mais depressa, se acontecesse de um ator ser, excitadamente, assassinado.

— Começo sendo extraordinariamente simpática com a irmã feia, Margaret. Isso me dá cartaz com todos da família.

— Como você é astuta!

O tom de Frederika era amigável. Blaise decepcionava-se constantemente com a falta de atrito entre as cunhadas. Ele esperava mais tragédia entre as duas senhoras Sanford, particularmente numa cidade tão pequena. Mas cada uma ficava em seu terreno; e quando a nobre Frederika Sanford recebia no palácio de Blaise na Avenida Connecticut, Caroline muitas vezes aparecia para sorrir para a velha Washington, o mundo de Frederika, e para os velhos fidalgos republicanos que cortejavam Blaise, que os festejava. A corte de Caroline em Georgetown era menor e mais seleta. Os jantares nunca eram para mais de dez pessoas. Os convidados de Caroline eram famosos por sua conversa; isso significava mais estrangeiros que americanos, e dos americanos, mais habitantes de Nova York do que da velha Washington.

A partida dos Roosevelt da Casa Branca devolvera a cidade à sua tradicional monotonia rural. Embora o Presidente Taft, gordo e de mau gênio, fosse pintado como muito simpático e alegre, graças à incapacidade dos jornalistas de fugir ao lugar-comum, ele e sua presunçosa esposa não tinham sido

um grande enredo para o espetáculo federal. A chegada dos Wilson tinha sido excitante; ela, porém, adoecera, e ele, já uma pessoa distante, transformara-se simplesmente em seu cargo. Isso significava que o eloquente Presidente era proeminente e vitorioso em público, ao passo que em particular o erudito Woodrow Wilson ficava escondido no andar superior da Casa Branca, cuidando da esposa doente e adorado pelas filhas.

Os esforços de Caroline para ingressar na Casa Branca dos Wilson tinham sido, no máximo, tíbios. Como pessoas, eles não lhe interessavam; mas agora, com esse novo acontecimento, tudo devia ser visto sob uma luz diferente, sombria. A história começava a dar um salto para a frente, ou para trás, ou o que fosse; e Wilson estava montado na fera, como o velho John Hay costumava dizer do pobre McKinley. De repente até Edith Wilson começara a brilhar a meia distância, ao passo que a guerra tinha criado um halo em volta da cabeça equina da Srta. Margaret Wilson.

O idoso criado de Henry Adams — tão velho quanto ele? Não, ninguém poderia ser tão velho — conduziu-os ao escritório, que tinha sido para Caroline o centro de toda a sua vida em Washington, ao mesmo tempo sala de aula e teatro, onde reinava Henry Adams, pequeno, rosado, calvo e de barbas brancas, neto e bisneto de dois ocupantes da Casa Branca do outro lado da rua. Era ele o historiador da velha república e, com seu irmão Brooks, profeta e vidente do império mundial que estava por vir, se é que estava.

O ancião recebeu-os diante de sua lareira modestamente espetacular, entalhada num bloco de ônix verde mexicano cravejado de escarlate, acima da qual via-se o desenho que William Blake fizera do louco Nabucodonosor comendo capim, para Adams um lembrete constante do ridículo que costuma ensombrear a grandeza humana. Nos vinte anos em que Caroline conhecia Adams, nem o belo aposento com seus móveis pequenos, na escala de Adams, nem seu proprietário, tinham mudado muito; apenas, muitos dos ocupantes das poltronas tinham partido, ou por morte, como John e Clara Hay, construtores em conjunto daquele duplo palácio românico no Parque Lafayette, ou por mudança para a Europa, como Lizzie Cameron, amada por Adams, agora em pleno verão de seus dias, cortejando furiosamente os jovens poetas na verdejante primavera dos deles. Para encher sua vida e seus aposentos, Adams contratara uma secretária, Aileen Tone, uma dama tão devotada quanto ele à música do século XII, visivelmente representada a um canto da biblioteca por um piano Steinway, o equivalente a uma aliança de casamento para Caroline, que ficava muito feliz ao ver o ancião tão bem cuidado. Como sempre, havia "sobrinhas" presentes. Caroline tinha sido uma sobrinha, em sua época. Agora consolidara-se a amizade, paixão essencial do círculo de Adams.

Adams abraçou Caroline como a uma sobrinha; e fez uma mesura para Blaise e Frederika. Como os reis, ele não apreciava muito o aperto de mãos.

— Ele conseguiu! Estou atônito. Agora contem-me, como é que ele se saiu?

Adams sentava-se numa poltrona especial, colocada de forma a ter a luz do fogo por trás; mesmo assim seus olhos pestanejavam sem parar, como os de uma coruja ao meio-dia. Caroline incentivou Blaise a descrever o que acontecera no Capitólio; e Blaise, como sempre, foi preciso, até mesmo sensível aos detalhes. Caroline ficou particularmente impressionada, assim como Adams, pela cena diante do espelho.

— Que quer dizer isso? — Caroline fingiu inocência, a qualidade que Adams menos apreciava.

— Ele está comprometido demais. É isto que quer dizer. — Adams estava deliciado. — De qualquer maneira, finalmente aconteceu.

— O senhor aprova? — Caroline esperava a costumeira negativa engenhosa, típica de Adams; em vez disso, surpreendeu-se com o entusiasmo do ancião.

— Sim! Pela primeira vez na vida estou com a maioria, pelo menos entre as pessoas que conheço, e não ousou pronunciar uma única palavra de crítica. Toda a minha vida desejei um tipo qualquer de comunidade atlântica,, e agora aí está ela! Vamos combater lado a lado com os ingleses. É bom demais para ser verdade. — Ele sorriu o famoso sorriso brilhante e amargo. — Agora posso pensar na ruína total de nosso velho mundo mais filosoficamente do que jamais julguei possível.

— O senhor vê tudo acabar-se em ruínas?

Caroline pensou: Blaise ainda era bonito — uma grande concessão, já que, como o de Lizzie Cameron, seu gosto agora começava a voltar-se para a juventude nos homens.

— Bem, as coisas se acabam. Afinal, não previ isso desde o início? Desde o início dos tempos, é o que me parece agora. E não estava certo? A Revolução Russa, tudo previsto por mim. Bem, Brooks também merece algum crédito. É estranho como nos sentimos donos de nossas profecias...

— A não ser que estejam erradas — interpôs Caroline.

Então Eleanor Roosevelt e sua secretária social, uma bela lourinha, entraram no aposento, trazendo consigo o frio.

— É culpa de Caroline — Eleanor desculpou-se. — Eu ia diretamente para casa do Capitólio, em tal estado, quando ela disse que o senhor poderia receber-nos, e quem quer ficar sozinha neste momento?

— Onde está o seu marido? Não precisa me dizer. No Departamento da Marinha, ordenando o almirante Dewey a dominar a Irlanda.

— Enterramos o almirante há dois meses.

Caroline achou a secretária de Eleanor extraordinariamente encantadora e maravilhou-se com a coragem de Eleanor em empregar alguém tão mais

atraente do que ela. A não ser, naturalmente, que Eleanor estivesse apaixonada no sentido souvestriano.

— Mandem o caixão para a Irlanda.

Adams mostrava-se exuberante, enquanto William servia champanhe. No aposento ao lado fora posta a mesa. Eleanor olhou para ela fixamente, quase que nostalgicamente. Gostava de comer, Caroline tinha percebido; no entanto servia a pior comida de Washington.

— Franklin está no Departamento da Marinha, com o Sr. Daniels. Está tudo começando a acontecer. Minha cabeça está girando. Estou feliz por termos o Sr. Wilson morando aqui em frente.

— Ora, criança!

Caroline reconheceu o tom especial, ancestral, da voz de Adams ao profetizar desgraças. Ele prosseguiu:

— Não faz diferença para o curso da história quem mora naquela casa. Nunca fez. A energia, ou a falta dela, é que determina os acontecimentos.

— Não diga isto ao Franklin, por favor — Eleanor mostrou-se inesperadamente firme. — O senhor não devia desencorajar qualquer pessoa jovem e idealista, que poderia alcançar algo maravilhoso.

Quando Eleanor percebeu ter-se tornado de repente o centro das atenções, a pele prateada tornou-se rosa-escuro — a rosa puritana, pensou Caroline, que apreciava tanta nobreza doce e sem senso de humor.

— Acho que ele talvez seja exatamente a pessoa a quem eu deveria dizê-lo. Ah, os fidalgos chegaram. Como os magos. Minha estrela, sem dúvida. Bem-vindos à minha manjedoura, ou *manger à la fourchette*.

À porta postava-se Sir Cecil Spring Rice, o embaixador britânico, com o senador Henry Cabot Lodge, cujo rosto vermelho e inchado causou muita alegria a Adams, que gostava de atormentar seu antigo aluno de Harvard. Enquanto Blaise, Frederika e Eleanor dirigiam-se à mesa do bufê, Caroline e a secretária social permaneceram para saudar os fidalgos.

Spring Rice era velho amigo da velha Washington. Tinha sido designado para a embaixada na juventude; ingressara no cerne do círculo de Adams, conhecido como o Cinco de Copas; tornara-se o maior amigo de Theodore Roosevelt, e padrinho do segundo casamento do viúvo. Agora, velho e doente, voltava em triunfo como embaixador inglês em Washington. Usava uma barba loura e brilhante como a do seu rei; seus olhos não eram muito diferentes dos de seu Presidente. Ele estava, pensava-se com muita insistência, morrendo.

— O senhor venceu. — Spring Rice deu a Adams um exuberante abraço à francesa.

— Sempre venço, Springy. Quem o feriu, Cabot?

— Um pacifista. Mas o senhor devia...

— Falar com ele. Conheço todo o jargão mais recente da sua encantadora

Praça Scollay. Quem haveria de pensar que Wilson algum dia teria coragem?

Spring Rice indicou Lodge.

— Ali está o apoio dele. Com alguma ajuda de Theodore, nossa tarefa está cumprida, isto é, apenas começada. — Pegou uma taça de champanhe na bandeja de William e ergueu-a. — Agora começa tudo.

Aquela parte da sala bebeu solenemente.

— Nossa última sessão de relaxamento. — Lodge sorriu dentro da barba para o embaixador.

Este explicou:

— Nos dois últimos anos, sempre que eu estava prestes a explodir por causa da eterna, indecisão do Sr. Wilson, Cabot deixava que eu fosse ao escritório dele e falasse mal do seu governo até o ataque de raiva passar. Daí chamarmos de sessão de relaxamento.

— Pobre Springy — fez Adams.

— Agora feliz — retrucou Lodge.

— Os Aliados vão querer tropas americanas?

Caroline conhecia a resposta que os leitores do *Tribune* não conheciam e que o Presidente evitara, a não ser pela única referência ao "privilégio" de derramar o sangue americano.

— Com certeza seremos o cofre — afirmou Lodge. — Fornecendo armas. Dinheiro. Comida. Só isso.

Spring Rice sorriu para Caroline.

— Só isso! — ecoou, e em seguida acrescentou, com a ansiosa indiscrição do diplomata profissional diante da plateia apropriada: — Porém o Sr. Wilson realmente disse algo estranho ao Sr. Tumulty no caminho de volta à Casa Branca...

— O senhor já está sabendo o que ele disse? — Adams parecia um duende jovial, pestanejando à luz.

— O serviço de informações inglês nunca dorme, ao contrário dos governos ingleses...

— Que foi que ele disse a Tumulty?

Lodge ficou alerta de repente. Embora fosse compreensível que seu amigo Roosevelt não gostasse do pacífico professor que tomara seu lugar como chefe de Estado, a aversão de Lodge tinha algo de estranho, Caroline sempre pensara, como se um erudito da altaneira Harvard tivesse sido suplantado por um de Princeton, inferior; na realidade, a pior crítica de Lodge a qualquer discurso de Wilson era que, embora apropriado, talvez, para Princeton, não estava à altura dos padrões de Harvard. Naturalmente, Lodge fora o único intelectual na alta política até que Wilson, no espaço de dois anos, saíra de Princeton para o governo de Nova Jersey e daí para a Presidência. Nunca houvera um progresso tão rápido para uma pessoa que não fosse um general. Embora fosse natural que

Lodge sentisse ciúmes, por que até esse ponto? Talvez Alice Longworth estivesse certa quando, no enterro da Sra. Lodge no ano anterior, tinha dito: "Cabot vai ficar impiedoso sem a irmã Anne".

— Enquanto o carro passava pela multidão que aplaudia, entre as compridas fileiras de soldados sombrios e molhados, em posição de sentido... — Spring Rice sorriu para Caroline. — Está vendo como dou colorido a meus frios relatórios políticos?

— Como eu — assentiu Caroline. — Mas, talvez, se é que eu posso ser editorial, menos adjetivos, mais verbos.

— Mais luz — foi a contribuição de Adams.

— Que foi que ele disse, afinal? — Lodge era como um terrier idoso, olhos fixos no buraco da toca do rato.

— O Presidente disse: "Ouvii os aplausos?"

— Vaidade de professor! Não. Não, vaidade de pregador de Maryland! — Lodge descobrira seu pior epíteto.

— Mas ele tinha razão — interpôs Caroline. — Eu estava lá. Parecia uma trovoadas, ou...

— Um dique rompendo-se? — Spring Rice forneceu a imagem jornalística.

— Na realidade, nunca escutei um dique no momento do rompimento. — Caroline manteve a fleuma.

— Que foi... Que foi que ele disse? — Lodge mexeu-se como um terrier.

— Se parar de me interromper, Cabot, eu lhe conto. Ele disse: "A minha mensagem era uma mensagem de morte aos nossos jovens. Como é que eles podem aplaudir isso, pelo amor de Deus?"

— Covarde! — desferiu Lodge.

Caroline voltou-se para Lodge e sem qualquer parcela de seu eterno, pelo menos lhe parecia, tato, desfechou de volta:

— Isto não fica bem, vindo de alguém velho demais para lutar.

— Caroline... — Adams prendeu-lhe o braço com o seu. — Leve-me para comer. — Mas foi Adams quem levou a trêmula Caroline; o ancião tranquilizava-a: — Não adianta censurar os entusiastas. Eles são como pequenos motores automáticos. Usam qualquer energia que houver no ar, e hoje há uma grande quantidade.

— Demasiada para mim. Desculpe-me.

Adams deu-lhe um tapinha no braço; depois voltou-se para seus outros convidados.

A conversa era agora generalizada. Os líderes dos Aliados logo estariam em Washington. Arthur Balfour, secretário do Exterior e chefe de Spring Rice, seria o primeiro a chegar, antes dos franceses, Caroline percebeu, aceitando de — como era mesmo o nome dela? Lucy de alguma coisa — pato frio *en gelée*

da mesa cujo esplendor à luz de velas estava mais para o Faubourg Saint-Germain do que para o Quincy de Adams em Massachusetts. Acontecia que todos os anos, até o início da guerra, Henry Adams estabelecia-se em Paris, onde fazia a corte a Lizzie Cameron, meditava sobre a música do século XII e denegria seu próprio e muito elogiado *Mont-Saint-Michel and Chartres*, tantas décadas sendo escrito e agora, desde 1913, um livro publicado, que o público não era convidado por seu irritadiço autor a comprar ou ler. No entanto, Caroline nunca poderia ter vivido na América — ou pelo menos em Washington — sem o sempre sábio, sempre benévolo Henry Adams, tido pelos não "sobrinhos" como sublimemente cáustico e rígido a serviço da verdade.

— Não gosta do Sr. Lodge?

A voz de Lucy era baixa, com sotaque ligeiramente sulino. Era a popular convidada extra sempre vista nos jantares maiores, mais do que nos menores, na zona oeste de Washington. Quem era ela? Caroline, que não se interessava pelas questões genealógicas que sustentavam a vida social da cidade, tinha, como autodefesa, decorado as infinitas ramificações de quem era parente de quem, evitando a famosa pergunta quando um nome novo era pronunciado: "Então, afinal, quem é ela?" — estabelecendo o lugar da esposa no esquema das coisas. "Saint-Simon sem o rei" era um artigo que ela pretendia escrever para o *Tribune* até Blaise ironizar, com a maldade sincera de um irmão: "É sem Saint-Simon também."

O rosto pálido de Lucy brilhava à luz da lâmpada. "Cútis de pétala de camélia", uma expressão muito usada pela Dama da Sociedade do *Tribune*. Olhos azul-escuros. Eleanor devia adorar Lucy, uma versão linda de si mesma. O que teria — aliás, o que não teria — dito Mlle. Souvestre?

— Conheço o Sr. Lodge há tempo demais para não gostar dele. É uma das coisas inevitáveis daqui. Naturalmente eu preferiu a mulher dele, Nannie. E ela era chamada de Irmã Anne...

— O Sr. Roosevelt o admira...

— São grandes amigos.

— Estou falando do *seu* Sr. Roosevelt.

Os olhos eram lindos, Caroline concluiu. Mlle. Souvestre teria aprovado. E Lucy era também, de alguma forma, uma Carroll de Carrollton, portanto uma católica romana, o que também teria agradado Mademoiselle, que, como a maioria dos ateus franceses, respeitava a igreja. Lucy Mercer: Caroline ficou aliviada ao lembrar-se. Afinal, se ela não conhecesse melhor que um nativo a sua cidade de adoção, não tinha o direito de publicar um jornal familiar para famílias em sua maioria políticas. O pai de Lucy, major Carroll Mercer, fundara o mais elegante clube campestre da cidade, na aldeia de Chevy Chase, em Maryland, onde o quadro de membros era tão seletivo que Woodrow Wilson recusava-se a jogar golfe lá enquanto o jovem Sr. Roosevelt o fizesse.

Aileen Tone juntou-se a eles. Não era em absoluto uma pessoa apagada, como as acompanhantes deveriam ser.

— Não desisto de tentar convencer Lucy a cantar conosco, o Sr. Adams e eu, mas ela não quer.

— Porque você se lembra de mim na juventude. Agora com a idade avançada, sou barítono — disse Lucy. — Você se lembra do meu soprano de adolescência.

— Perfeito para Richard Coeur de Lion. — Aileen voltou-se para Caroline. — Estamos estudando as notações musicais antigas, tentando verificar como soava a música do século XII. Estamos fazendo progressos, eu acho, com a canção de prisioneiro de Richard.

— *Oh, Richard, oh, mon roi, tout le monde t'abandonne* — Caroline grasnou a balada francesa, tão amada, por razões óbvias, por Marie-Antoinette.

— Século XVIII — informou Aileen. — Linda, é claro...

— Já fui atacado hoje. — O senador Lodge estava ao lado de Caroline. — Mas respondi com um soco poderoso de direita. Agora...

— O senhor vai usar seu soco poderoso de esquerda em mim? — Caroline sorriu com doçura.

— Não. Sempre reajo à altura. Você me acusa, eu acuso você.

— Ah, meu Deus. — Aileen parecia assustada. — O Sr. Adams não vai gostar.

— Eu ia apenas responder com um elogio a observação de Caroline de que sou velho demais para lutar. Ela é esperta demais para não saber por que chamei Wilson de covarde. Deveríamos ter entrado na guerra na época do *Lusitania* mas ele temia perder os votos das pessoas de dupla nacionalidade. Porque não existe Partido Democrata sem os alemães e os irlandeses.

— Os alemães geralmente votam nos republicanos — começou Caroline.

— Porém, se ele apoiasse uma guerra contra a Alemanha naquela ocasião, todos votariam contra ele. — O tom de Lodge era suave. — E existem 12 milhões deles entre nós, inclusive os judeus alemães, como Kuhn, Loeb e Warburg, que odeiam a Inglaterra e amam o kaiser, e agora que o nosso bom Sr. Morgan está morto, não há quem consiga mantê-los na linha. O medo que tem deles fez Wilson fingir neutralidade. Mas uma vez conseguidos os votos deles, e também os dos irlandeses, ele agora entra no último ato para reclamar uma grande vitória, de modo que consiga ser o nosso primeiro presidente com três mandatos.

Caroline apreciava a coerência de estadista de Lodge. Pelo que ela sabia — aliás, pelo que *ele* também —, ele acreditava no que estava dizendo. Mas o espírito travesso a dominava.

— Vi o senhor apertar-lhe a mão depois do discurso. Que foi que disse a ele?

Lodge foi magnífico:

— Eu disse... que poderia ser? "Sr. Presidente, o senhor expressou de maneira majestosa' os sentimentos do povo americano."

— "Peque com audácia!" — Caroline lembrou-se dessa frase quando Wilson inesperadamente colocou-se no papel de Martinho Lutero.

Lodge pareceu sobressaltado; e então lembrou-se da referência.

— Só mesmo um católico conhece Martinho Lutero...

— Eu não conheço — fez Lucy, acenando para Eleanor.

— Não é apenas bom protestantismo, é também bom-senso — declarou Caroline.

— Neste caso, então, qual é o pecado? — Lodge soava como se estivesse ensinando catecismo.

— O orgulho, senador Lodge.

— Que mais, Sra. Sanford?

— Que mais existe? Que mais provocou a queda de Lúcifer?

— Lúcifer era o filho da manhã. Wilson é um professorzinho, nada mais.

— Ele é o nosso filho da manhã, Cabot. E com todo orgulho. E pecando corajosamente através desta guerra, que o senhor adora e ele, para seu crédito, não.

— Como é que você sabe que ele não adora, ou que eu sim? — O rosto de Lodge estava pálido, à exceção da face direita, onde o soco do pacifista acertara. — Ele é traiçoeiro. Hipócrita. Corajoso, também, pelo menos como pecador. Sim, talvez esteja certa. Mas se ele não adora, como a senhora diz, esta guerra, deve admitir que ama a si mesmo e sua glória, e talvez não seja diferente de...

— Reconheço, Cabot. O Lúcifer é *você!* — Caroline estava aturdida de fúria; e de tristeza, também.

— Eu? — Lodge recuou um passo, como se para evitar um segundo soco no mesmo dia. — Lúcifer?

— Curioso — fez Henry Adams, que aparecera num passe de mágica. — Deus nada tem a dizer de inteligente em qualquer parte de *O Paraíso perdido*, ao passo que todas as palavras de Lúcifer são arrebatadoras, o que o torna bem diferente do nosso querido Cabot,

— Está vendo? — Lodge sorriu para Caroline. — Vou deixar que coloque o Sr. Wilson no grandioso papel satânico. Mas lembre-se, é ele, e não eu, quem sofreu a queda, está caindo...

— Mas Lúcifer levou consigo vários outros anjos. — Milton começava a dançar na cabeça de Caroline.

— Eu lhe juro que Cabot teria permanecido em segurança no Céu, junto ao trono de Deus, como líder da maioria, cantando hosanas — disse Henry Adams.

— Isto é porque venho de Boston, onde os Lowell só falam com os Cabot e

só *eu* posso falar com Deus.

Caroline perguntou-se se alguém que ela conhecia na América seria agora morto na guerra que na semana anterior arrebatará, aos cinquenta anos, seu meio-irmão favorito, o príncipe Napoléon d'Agriente. Plon estava no quartel-general de seu regimento, numa fábrica de papel perto do rio Somme. Houve um bombardeio durante a noite. No dia seguinte o corpo dele só foi identificado por causa de uma cigarreira de ouro, amassada, na qual suas iniciais entrelaçavam-se às de uma dama desconhecida de Caroline, como sem dúvida também da viúva dele. Embora Plon não fosse muito mais jovem que o senador Lodge, ele insistira em voltar ao regimento ao qual, para fins ornamentais, fora ligado. Enquanto sorria calorosamente para Cabot Lodge, Caroline desejava, com a maior sinceridade, que ele estivesse no centro gelado do inferno.

DOIS

1

O cheiro de salsicha frita deliciou as narinas de Jess quando ele entrou na metade dos Harding da casa na Avenida Wyoming 2314. A Duquesa mantinha o marido bem alimentado e tão abastémio quanto possível, considerando-se a paixão dele por pôquer, bourbon, tabaco e pela companhia daqueles tentadores insidiosos, os políticos.

— É você, Jess? — A voz do andar superior parecia a de um corvo.

— Sou eu, Duquesa.

— Já tomou café?

— Não, senhora.

— Bem, está muito atrasado. Vá e sente-se.

Jess sentou-se na moderna janela em rotunda que dava para um quintal vazio. A casa, ainda sem acabamento, não estava inteiramente pronta, ao contrário da bela casa dos Harding em Marion, com seus inúmeros toques sutis de decoração que lembravam não apenas todos os outros lares opulentos de Marion mas a residência da própria mãe de Jess ali perto, em Washington Court House, para não mencionar o ninho, há muito planejado mas nunca terminado, para Roxy, que preferia morar em apartamento, deixando Jess enfrentar sozinho o horror do armário do andar térreo. Jess sentiu lágrimas nos olhos ao pensar em Roxy. O médico avisara que como um caso na fronteira da diabetes e pressão alta ele estaria sujeito a acessos súbitos de lágrimas, por motivos físicos, não sentimentais. Harry Micajah Daugherty apareceu, vindo do escritório, um charuto apagado na mão enorme.

— Oi, Jess.

— Quequiá?

Esse era o cumprimento costumeiro de Jess para qualquer pessoa que ele

tivesse conhecido em sua cidade natal e, com frequência, para aqueles que ele não conhecia mas encontrava por acaso nas vizinhanças do tribunal, centro de origem de seu mundo que agora estendia-se não apenas até Colúmbia e o palácio estadual, mas à imperial Washington e ao Capitólio.

— Há que as coisas vão ferver hoje, sem dúvida.

Daugherty assobiou desafinadamente a canção que acabava de citar e que tornara-se ligada à Guerra Hispano-americana em geral e ao herói de monte San Juan, Theodore Roosevelt, em particular.

— Dizem que T. R. chegou à cidade esta madrugada.

Daugherty sentou-se numa poltrona funda, cujo forro estava ligeiramente torto, como os olhos de Daugherty. Jess nunca conseguira decidir se olhava para o castanho ou para o azul. Por motivos estéticos, ele preferia a qualidade cristalina do azul; em questões de confiança, porém, preferia a sinceridade canina e caseira do castanho, apesar de seu leve cacoete inconsciente e de um toque de estrabismo. Fora isso, Harry M. Daugherty era um político inteiramente comum, corpulento, com 57 anos e pequena quantidade de cabelos lisos e grisalhos; nenhuma barba e, salvo uma crispação ocasional, nenhuma expressão facial tampouco. Daugherty passou a assobiar três notas em escala ascendente.

— Como vai a madame? — Jess perguntou.

As notas agora eram assobiadas em escala descendente. Daugherty sacudiu a cabeça, desfranziu os lábios.

— Nada bem, rapaz, nada bem. Uma mártir, aquela garota. Mártir da artrite.

E, como fazia com tanta frequência a menção da esposa inválida, Lucie, ele pôs-se a assobiar, com um ligeiro *tremolo*, *Loves old sweet song*. Até a severa Duquesa era obrigada a admitir que aquela era uma verdadeira história de amor, em marcante contraste, Jess sabia — adorando saber tudo sobre seus grandes amigos —, com o casamento dos Harding. Mas a Duquesa era cinco anos mais velha que o senador. Aliás, tinha a mesma idade avançada que Harry Daugherty; e as mulheres feias que eram mais velhas que os maridos estavam acostumadas a tirar a vareta mais curta, como se dizia no condado de Fayette.

Harry ficara muito satisfeito com o modo como Jess organizara o encontro com Madame Mareia. Até então, a Duquesa nunca levara realmente a sério a ideia de Warren e ela na Casa Branca. O Senado servia-lhe muito bem. A Warren também, ela dizia, e ele repetia. Mas o que Warren dizia e o que pensava eram com frequência duas coisas, diferentes, segundo Harry Daugherty, que conhecia Warren — ou W.G., como o chamava — melhor que ninguém.

Vinte anos antes, quando Daugherty começara a perceber que sua própria carreira nunca chegaria a muito mais do que chefe de partido, ele decidira encetar uma carreira brilhante por procuração. Quando conheceu o extraordinariamente belo Warren Gamaliel Hard- ing certa manhã bem cedo, no

jardim do Globe Hotel de Richwood, a uns vinte quilômetros de Marion, ele decidiu no mesmo instante que aquele belo e jovem legislador estadual e jornalista iria alcançar as estrelas, ou pelo menos assim Daugherty contava agora; quando o fazia, W.G. sorria uma metade daquele seu sorriso e fixava no espaço os olhos semicerrados, a cabeça meio de lado. Jess conhecia ambos havia tempo suficiente para ter ouvido essa história tornar-se cada vez mais enfeitada, à medida que W.G. progredia em ziguezague, com muito mais zagues do que qualquer deles tinha imaginado. Depois de dois mandatos no Legislativo estadual, W.G. zagueara para vice-governador do estado; cumpriu um mandato; voltou para a direção do lucrativo *Marion Star* com uma ajuda considerável da Duquesa, que era inexorável quando se tratava de cobrar dívidas atrasadas. Seis anos depois, em 1910, W.G. zagueou desastrosamente quando concorreu a governador e perdeu. Dois anos mais tarde, porém, Daugherty mudou a sorte de Harding quando manobrou os magnatas republicanos para que deixassem Warren fazer o discurso de indicação de William Howard Taft na convenção do partido. Em questão de horas, o jovem político bonito, altissonante, grisalho, de sobranceiras negras, tornou-se uma figura nacional; e dois anos depois, em 1914, foi eleito para o Senado dos Estados Unidos na primeira eleição em que os senadores foram escolhidos, não pelos legislativos estaduais, como os patriarcas tinham desejado, mas pelo próprio povo. Agora Daugherty fazia planos para colocar seu amigo na Casa Branca. O que W.G. pensava de tudo isso era um mistério para Jess. O que a Duquesa pensava era frequentemente verbalizado: "Já conheço o interior da Casa Branca. Sem gosto e sem refinamento, o que talvez seja culpa dos Wilson. De qualquer maneira, como uma pessoa aguenta tanta gente em volta o tempo todo? Ora, não se pode dar meia-volta sem ver alguém escondido atrás de uma planta, de olho na gente."

A Duquesa encontrava-se agora na sala, ocupada em arrumar, o que significava jogar os tocos de charuto na grelha da lareira a carvão.

— Onde é que vocês dois vão encontrar o coronel Roosevelt?

— Na casa da Sra. Longworth. Sua casa favorita, Duquesa, depois da Casa Branca.

Daugherty gostava de implicar com a Duquesa. Como ela não tinha senso de humor, tolerava bastante bem as brincadeiras à sua custa.

— Ainda não botei os pés lá. Nem ela aqui. E. Eu. Sou. A esposa. Do senador. De Ohio — soletrou a Duquesa. — E Nick Longworth é só o representante de um bando de vadios alemães de Cincinnati. Coisa que não seria hoje, se Warren não o tivesse ajudado depois que ele apanhou em 1912, é foi muito bem feito para aquele bêbado indecente.

— Bom, ele agora está no Congresso. E Alice ainda é a filha do Presidente...

— Ex-Presidente. Tão presunçosa! Com aquela cara pintada. E os

cigarros. E — a boca fina da Duquesa tornou-se uma fresta, como a de uma caixa de correspondência — a cocaína.

Jess endireitou-se na cadeira. Era para isso que ele vivia: o interior verdadeiro de tudo. Quequiá? A resposta vinha agora.

— Como sabe disso?

— O dentista. — A Duquesa parecia muito satisfeita consigo mesma. — O meu dentista. É dela também. Ele lhe dá as receitas. Ele mesmo nie contou. Ela tem aquele problema no queixo desde que levou um coice na cabeça. Bom, ele lhe dá cocaína, e agora ela pede cada vez mais, dizendo que está viciada.

Harry suspirou.

— Falando como advogado, Florence, se a parte culpada admite a culpa assim, ela não é realmente culpada. Só está gracejando, o que é bem o estilo dela.

— Não há coisa alguma que eu não saiba sobre dentistas, Harry — foi a resposta sisuda, embora algo tangencial.

O senador dos Estados Unidos Warren Gamaliel Harding, republicano de Ohio, entrou na sala, carregando o paletó do fraque sobre um dos braços. Usava suspensórios de um vermelho brilhante e um colarinho duro destacável, de um branco de neve em contraste com sua pele cor de azeitona, cujas feições regulares eram ligeiramente brutas, para satisfação daqueles que gostavam de crer na lenda

jamaís inteiramente desacreditada — de que os Harding eram uma família negra que só recentemente, na penúltima geração, passara a ser branca.

— Harry, Jess, Duquesa...

A vòz parecia um trovão vindo do peito e do abdome altos. Embora Harry não tivesse ultrapassado ainda a sutil fronteira entre o corpulento e o gordo, já havia uma agourenta unidade e falta de demarcação entre o estômago e o peito, algo aliviada pelo hábil caimento das calças.

— Vão tomar o café da manhã, rapazes.

— Não dá. — A Duquesa foi firme. — Tillié já tirou a mesa.

Jess ajudou W.G. a vestir o paletó do fraque. Daugherty observava atentamente a sua criação. Jess, porém, perguntava-se às vezes se não podia ser o inverso. Daugherty falava sobre estratégia de manhã, à tarde e à noite, ao passo que W.G. apenas contemplava a distância, sorrindo do que quer que visse lá. Raramente comprometia-se com alguma coisa; raramente dava uma opinião política, ao contrário dos solilóquios eruditos a respeito das coisas que encontrava em sua leitura favorita, as páginas esportivas dos jornais. No entanto, sempre que Daugherty discutia a eleição de 1920, seu graal em comum, era W.G. quem parecia orientar a discussão, como fazia agora, sentado numa velha cadeira de balanço, folheando um maço de cópias a carbono de telegramas e cartas, enquanto a Duquesa dirigia-se aos fundos da casa para tiranizar a criada.

— Bem, aqui temos o primeiro telegrama do coronel. No mês passado. Ele está feliz, como podem imaginar. Patriotismo, preparação. E assim por diante. — Harding ajeitou os óculos. — Comprometi-me a conseguir-lhe uma "divisão Roosevelt", que ele próprio ia reunir. Voluntários. Voluntários! — Harding suspirou. — Não sei o que vou poder dizer a ele. Agora... — Harding deixou a frase por terminar.

Daugherty estava de pé, chegando lentamente ao ponto de ebulição, como o motor de um Ford Modelo T, pensou Jess, que invejava ao amigo brilhante não apenas o cérebro formidável mas também a energia que ele próprio conseguia pôr em funcionamento.

— Você fez tudo que pôde, W.G. Conseguiu colocar sua emenda, a emenda *Harding*, no projeto de lei sobre o Estado de Preparação, e ela foi aprovada; não é culpa sua que Baker e Wilson tenham se recusado a obedecê-la, ignorando a vontade do Congresso, por causa da febre de guerra...

— Não faça um discurso — pediu Harding em tom calmo. — Faz mal para a digestão, tão cedo assim. A minha dispepsia está começando a agir.

— Então, o que vai dizer ao coronel? — Daugherty deixou-se cair numa poltrona.

— Três, não um. — O sorriso de Harding era angelical.

— Três de quê?

— Vou dar um jeito para que quando vier o próximo projeto de lei a respeito da convocação militar, fique estipulado que o coronel reúna não apenas uma, mas *três* divisões de voluntários, exatamente como fez durante a guerra com a Espanha, quando incentivou os corajosos a se 'alistarem em defesa da nossa bandeira! — W.G. arrotou baixinho, castigado por desobedecer seu próprio regulamento contra discursos matinais.

— Vão derrubar você. — Daugherty foi direto. — Wilson não dará ao coronel sequer o encargo de cavar as fossas das latrinas.

Harding guardou os papéis.

— Isso será entre o Presidente e o coronel. Eu terei cumprido meu dever para com o coronel, que é tudo que importa, não é, Harry? — O olhar de Harding era de inocência.

Daugherty assentiu.

— Bom, é danado de esperto, W.G., de verdade. Você é a única ligação que há entre aquele maluco e os republicanos ortodoxos, e se ele quer mesmo unir-se a nós...

— Ele quer, tanto quanto nós queremos nos unir a ele, mesmo que ele tenha dividido o partido em dois e facilitado a eleição dos democratas, que é o que ele agora mais lamenta. — Harding tornou a acender o charuto apagado que tinha na mão. — Acho — disse finalmente, em tom sonhador, exalando fumaça azulada — que vou sugerir-lhe que da próxima vez ele seja nosso porta-

estandardarte.

— Por quê? — Daugherty mostrou-se alerta de repente, o olho castanho piscando rapidamente.

— Bem, Hughes deu com os burros n'água, e Taft está sempre fora, de modo que quem sobra? — Harding sorriu para Jess, como se este fosse uma delegação de mulheres a favor do voto feminino.

— Você sabe quem sobra. — Daugherty desviou o olhar.

Mas Harding nunca, pelo menos na presença de Jess, reagia à provocação de Daugherty.

— Se ele conseguir suas divisões e for para a guerra, voltará como herói pela segunda vez ..

— De modo que é melhor que ele não consiga.

— Imagino que seja exatamente isto que o Sr. Wilson está dizendo a si mesmo esta manhã. De qualquer maneira, como sempre, quero que meus amigos fiquem felizes.

— O coronel Roosevelt é seu amigo? — Daugherty deu uma risadinha.

— Ah, é, sim. Ou vai ser, depois de hoje.

Para alegria de Jess, ele teve permissão para acompanhar seus grandes amigos à casa da Sra. Nicholas Longworth na Rua M. A manhã mostrava-se úmida, o sol pálido, a imprensa superexcitada. Uma dúzia de repórteres e fotógrafos postavam-se de frente à estreita casa de tijolos vermelhos. Quando viram o senador Harding, rodearam-no, fazendo perguntas. Jess achava emocionante pensar que acabara de ver esse homem tão importante em casa, de suspensórios à mostra, ao passo que a imprensa, olhos e voz do povo, devia contentar-se com um mero vislumbre formal, uma breve falação — a palavra favorita de Harding para descrever um discurso — e um mistério.

— Calma, rapazes. Eu sou apenas o proprietário do *Marion Star*, um jornal de cidade pequena, não importante como os de vocês, e... Epa! Ali está o *World*, é melhor eu ficar de boca fechada.

W.G. conversou durante alguns minutos, distribuindo simpatia mas nenhuma notícia. Depois entrou na casa, seguido por Daugherty e Jess.

O saguão estava apinhado de jornalistas da ala progressista, além de amigos do grande homem. Embora Jess odiasse todos os progressistas sem exceção, Harding sabia exatamente como levá-los. Mas Alice não pretendia permitir-lhe qualquer papel em sua casa que não fosse o de cortesão, se não suplicante, do rei-guerreiro:

— Senador!

Pegou-o pelo braço e levou-o para a sala de jantar. Jess olhou para Daugherty — que fazer? Como se tivesse sido chamado, Daugherty marchou diretamente para a sala de jantar e Jess fez o mesmo, com profunda consciência de que estava no palco da história, pois à cabeceira da mesa sentava-se Theodore

Roosevelt com o senador Lodge à sua direita e meia dúzia de políticos importantes. Jess fez-se invisível junto a uma cristaleira cheia de presentes de casamento ainda sem uso, como ele pôde perceber com seu olho de dono de loja.

A entrada de Harding foi como um choque elétrico. Roosevelt pôs-se de pé num salto. Lodge levantou-se bem devagar. O que quer que pensasse de Harding — e Jess tinha consciência do desprezo social que aquela gente tinha pelas pessoas simples como W.G. e a sua Duquesa — a presença de Ohio naquela sala, com toda a riqueza daquele estado, sem mencionar os votos do eleitorado, despertava o respeito até mesmo daquele coronel gordo e agitado.

— Sr. Harding! — Apertaram-se as mãos. — Não sabe o que isto significa. Jamais esquecerei sua lealdade, senador. Jamais. Não estou falando em lealdade a mim. — Roosevelt voltou-se para os outros, pegando Lodge em pleno bocejo. Mas Jess percebeu então que o coronel não vira o bocejo porque o olho que ele voltara para Lodge era visivelmente cego, atingido, dizia-se, por uma bola na Casa Branca. — Estou me referindo ao país inteiro. No Senado, só o Sr. Harding percebeu a necessidade de voluntários, além dos convocados.

— Só ele? — murmurou Lodge.

Mas Roosevelt andava pela sala de jantar, a voz erguida. No saguão, Alice conferenciava com o marido de olhos tristes, Nick, um homem calvo, de bigode cheio, que vinha de uma das maiores famílias de Cincinnati e conhecia os McLean melhor que ninguém. O velho John McLean começara sua carreira em Ohio ao herdar o *Cincinnati Examiner*; mais tarde comprou o *Washington Post*. Jess tinha bastante orgulho do seu estado natal: três presidentes recentes, Hayes, Garfield, McKinley; além dos Longworth, os McLean — e Harding?

Harding finalmente conseguia dizer alguma coisa.

— Eu estava passando por aqui — disse, com um gesto tímido de cabeça. E era mesmo tímido, pelo menos na presença daqueles que nunca se esqueciam das origens dele, ou deles. — De modo que pensei em vir cumprimentá-lo, coronel, e dizer-lhe que não importa que tipo de lei de alistamento tenhamos a seguir, haverá uma emenda Harding pedindo três, talvez quatro, divisões de voluntários, e quanto mais cedo permitirmos que o senhor as reúna, coronel, mais cedo teremos ganho esta guerra.

Enquanto Roosevelt segurava a mão de Harding entre as suas, Jess percebeu que o rosto famoso era acinzentado; da mesma cor eram também o bigode e os cabelos; ao passo que por trás do pincenê empoeirado havia lágrimas. Aos 58 anos, Roosevelt era um homem muito idoso. O fato era que quase morrera no ano anterior, do uma febre que apanhara caçando em alguma floresta sul-americana.

— Eu lhe juro, senador, que saberei honrar a sua confiança, e quero lhe dizer o que pretendo dizer ao Presidente hoje. — A voz alta baixou de súbito para

um cochicho. — *Eu* próprio irei para a França com as minhas tropas, à frente delas, e não retornarei. Porque sei que três meses na guerra vão acabar comigo...

Lodge interpôs:

— Acho, Theodore, que se você conseguisse convencer o Sr. Wilson de que não vai voltar da guerra, conseguiria sua divisão hoje mesmo.

— Roots já fez esta piada de humor negro — disse o coronel, um homem demasiadamente grandioso para ter senso de humor.

Alice apareceu à porta:

— O Sr. Tumulty acaba de ligar da Casa Branca. O Logotécnico vai receber você ao meio-dia.

— O Sr. *Presidente* Logotécnico — Nick corrigiu Alice.

Jess perguntou-se que coisa seria um logotécnico; provavelmente alguma coisa horrível. O coronel gostava de palavras difíceis e contundentes.

— Ótimo! Ótimo! — O coronel bateu palmas. Alice serviu café de um enorme bule sobre o aparador. Vou chegar como mendigo. De joelhos. Chorando...

- O.Sr. Wilson vai gostar disso — disse Lodge sabiamente.

Então W.G. assentiu para Harry: hora de ir. Porém, quando os políticos de Ohio levantavam-se, preparando-se para sair, houve um tumulto entre os repórteres no saguão, pois chegavam mais três visitantes. Jess reconheceu o democrata James Burden Day, que chegara ao Senado em 1915, no mesmo ano que Harding. Com Day estava um casal alto e esguio, o homem ocupado em desviar os repórteres e a mulher tentando em vão colocar o grande chapéu ou tirá-lo de vez.

— Senador Day! — O coronel deu em Burden um forte aperto de mão.

— Sou seu acompanhante à Casa Branca — fez Burden. — Caso o senhor tenha esquecido o caminho. O Presidente achou que o senhor iria precisar da proteção de um democrata.

— Democratas por toda parte! — Roosevelt beijou a mulher na face. — Pare de mexer neste chapéu, Eleanor. Agora é tarde demais para colocá-lo ou tirá-lo.

— Acho que enfiei um grampo de um lado a outro da cabeça. — A voz era alta e musical.

Era a sobrinha do coronel, a respeito de quem Jess já lera, e o marido, outro Roosevelt, chamado Franklin. Como secretário da Marinha de Wilson, Franklin tinha sido bastante cortejado por Daugherty, que estava sempre interessado nos departamentos do governo que lidavam com contratos.

— Bem, coronel. — O sorriso de Franklin era ainda maior do que o do primo Theodore; felizmente os dentes não lembravam um cemitério da Nova Inglaterra. — Se alguma vez precisamos de alguém aqui e agora, este alguém é o senhor.

— Vamos esperar que esse Presidente de *vocês* concorde. Já tenho mais de mil nomes. — O coronel deu um tapinha no bolso da carteira. — Voluntários, prontos para assinar no instante em que eu pedir.

— Tenho certeza de que não haverá problemas. — O jovem Roosevelt era todo simpatia, leveza e rapidez de olhar. — Imediatamente apertou a mão de Lodge; depois voltou-se para Harding. — Espero que nosso golfe em Chevy Chase ainda esteja de pé.

— Sábado — assentiu W.G. — Se o tempo e a Duquesa permitirem. Agora, coronel... — Harding dirigiu-se a Roosevelt, que lhe dera as costas para voltar-se para o primo.

— O que eu não daria para estar no seu lugar, Franklin! E com a sua idade, também.

— Mas o senhor esteve em meu lugar em 1898 e nos deu as Filipinas. Temo não conseguir a mesma oportunidade.

— Provavelmente não vai. Foi uma sorte rara encontrar o almirante Dewey a tempo, e o pobre Sr. Long sempre fora da cidade.. .

— Ao passo que o meu pobre Sr. Daniels está sempre na cidade, com o Presidente.

O sorriso do jovem Roosevelt tinha algo de falso, pensou o perito Jess, mesmo para um político do tipo grã-fino, que falava mais como um inglês do que como um americano.

— Ah, não estou falando do Departamento da Marinha. Uma vez começada a guerra, qualquer pessoa tem capacidade para ocupar esse posto.

O sorriso de Franklin era fixo, ao passo que os olhos cinzentos, pequenos e muito juntos, estavam fixos em seu primo gorducho, que se pusera agora a andar de um lado para o outro, braços em movimento, exatamente como Jess achava graça de vê-lo e aos seus imitadores durante tanto tempo em sua vida.

— Não. A sua oportunidade é mais como a minha *agora*. Lutar! Alistar-se. Como soldado, se necessário. E ir para onde as coisas estão acontecendo. Nada é mais adequado a um homem do que lutar por seu país, com as mãos nuas, se necessário.

— Mas, tio Ted... — A esguia Sra. Roosevelt era ao mesmo tempo firme e tímida. — Qualquer pessoa pode dar tiros, ao passo que muito poucas têm a experiência de Franklin, quatro anos no Departamento da Marinha...

— Trabalho de burocrata! — O coronel aplicou um murro poderoso no tampo da mesa de jantar. — As recompensas pertencem ao guerreiro, ao herói, não ao funcionário que fica em casa em segurança, protegido pelos soldados.

Embora o sorriso de Franklin estivesse no lugar, as bochechas enrubesceram. Mas ele falou calmamente.

— Devemos servir onde podemos fazer o melhor pelo país, não por nós mesmos.

Isto era dirigido ao primo famoso, que de súbito rillhou os dentes ameaçadoramente, três vezes; depois bradou:

— Se está querendo insinuar...

Mas a voz de Alice Longworth foi mais alta que as outras:

— Ah, ótimo! Uma discussão! Papai,,agarre-o. Use aquela sua chave de pescoço japonesa. ..

— Eu creio que... — começou o senador Harding, aproximando-se do coronel, com Jess e Daugherty a cada lado.

— Tente o que chamam de gancho de direita — disse o elegante senador Lodge —, do tipo com que recentemente derrubei um pacifista...

— Tente isto — fez Alice.

Para o espanto de Jess, ela desapareceu por um instante. Então todos explodiram em risadas. Alice tinha dado unia cambalhota de costas, terminando de pé, em perfeito equilíbrio, o vestido quase no lugar.

— Francamente, Alice!

A prima Eleanor não achara graça. Mas Jess ficou maravilhado. Mal conseguia esperar para contar à Duquesa que o dentista estava certo e que a orgulhosa Alice era realmente uma viciada.

Jess sentiu genuína tristeza em deixar a casa da Rua M, onde, pelo menos naquele momento em particular, estava focalizada a atenção de todo o país; e no entanto, à exceção do privilegiado Jess, ninguém tinha conhecimento da baixaza e das altas tragédias que aquelas paredes encerravam, envernizadas, como se, por assim dizer, com a glória mundana dos Roosevelt. Jess sempre tivera vontade de ser detetive. Agora sabia que tinha talento para ser um dos grandes, como o personagem Nick Carter, baseado no verdadeiríssimo Sr. Pinkerton, cuja glória continuava ainda, mesmo depois de sua morte, na agência que levava seu nome. Se não fosse pela loja e pelo medo de escuridão, Jesse Smith poderia ter deixado sua marca no mundo da investigação. Agora satisfazia-se com o que conseguira, com sua posição no interior do alto-mundo, onde sabia coisas tais como quem era secretamente viciado e quem era secretamente candidato à Presidência.

— Roosevelt vai concorrer — foi o comentário melancólico de Daugherty quando os três homens entraram no bonde elétrico quase vazio, a caminho do Capitólio.

— Por isso estou no time dele.

Harding, estava de bom humor; sorriu para uma velhinha, que imediatamente virou-se para olhar pela janela a Avenida Pennsylvânia, vasta e erma em sua lama de abril.

— Se ele conseguir ir para a França, vai conseguir a indicação. — Daugherty mastigava um charuto apagado.

— Ele não vai para a França.

Harding ajeitou as sobrancelhas espessas com o polegar umedecido. A

velhinha agora o observava com obscuro horror.

— Então, se Wilson não o deixar ir, ele realmente terá a indicação garantida.

— Harry, você às vezes enxerga longe demais. — Harding voltou-se para Jess, que segurava um exemplar do *Tribune*. — Dê-me a página esportiva, Jess.

— Fico imaginando o que Burden Day estava realmente fazendo na casa dos Longworth — comentou Harry arregalando os olhos, tanto o marrom quanto o azul, para a aterrorizada mulher.

— Ele é o acompanhante, Harry. Para levar o coronel do fogo para a frigideira. — W. G. mergulhou na página esportiva. — Bem, aqui está a verdadeira história de por que o capitão do time de futebol americano do Exército não vai jogar contra a Marinha. Por causa do trote, diz aqui. Ele trancou um cadete no armário do vestiário, saiu e se esqueceu do rapaz. Que coisa mais idiota!

— Isto é que é ser distraído — comentou Jess, que admirava o capitão do Exército ainda mais que a qualquer dos outros deuses do futebol, inclusive Hobe Baker.

— Imagino que vão diplomar todos os alunos de West Point e Annapolis um ano antes, por causa da guerra.

Daugherty contemplou o prédio dos Correios, que a Jess sempre parecia um dos castelos do Reno, tão amados por Carrie Phillips, que tivesse se extraviado no Potomac.

— Lembra-se daquela finta dele? — W. G. suspirou. — Linda. O que eu não daria para fazer uma coisa assim, aquela distância toda...

2

Burden Day tinha sido realmente escolhido pelo próprio Presidente para conduzir o coronel Roosevelt através da massa de jornalistas no pórtico norte; não que alguém conseguisse controlar o coronel, que trouxera consigo alguém chamado Julian J. Leary como um abre-alas extra. No carro, Burden achara Roosevelt surpreendentemente pequeno, até mesmo fraco, até terem chegado ao portão de carruagens, onde foram recebidos por uma equipe de cinema, uma dúzia de jornalistas e fotógrafos encasacados e o Serviço Secreto, cujo número dobrara desde a declaração de guerra. De todo o país vinham histórias assustadoras: os germano-americanos marchavam sobre Washington fortemente

armados, ao passo que os espiões alemães estavam em toda parte, com dinamite, preparados para eliminar do mapa a cidade de Washington.

Havia um certo frio no ar. Burden e Leary ajudaram o coronel a sair do carro. A certa distância, no gramado, os lilases estavam entre botões e flores desabrochadas — é sempre em abril, Kitty dissera inesperadamente nessa manhã, que os presidentes são assassinados, as guerras são declaradas, a república é ameaçada. Teria algo a ver com o despertar da primavera, com a ressurreição da vida? Então por que havia tanta morte em abril, e tão pouca glória? Excetuando-se, naturalmente, o baile de gala anual da Páscoa dos McLean em sua propriedade senhorial, Amizade.

— Coronel! — gritaram uma dúzia de vozes.

Roosevelt voltou energética e subitamente à vida e começou a representar o papel de si mesmo, o braço, esquerdo movimentando-se vigorosamente enquanto a mão direita esmurrava, de vez em quando, a palma esquerda. Parecia quase exatamente o Theodore Roosevelt que dominara a imaginação do público durante vinte anos, reinando naquela casa por quase oito deles.

— O Sr. Wilson vai disputar o terceiro mandato? — perguntou um jornalista.

— Faça esta pergunta a ele. Eu não farei. Agora estamos além da política. Todos nós. É a guerra. Não somos democratas nem republicanos.

Como todo político, Roosevelt conseguia tecer esse tipo de teia sem qualquer esforço, mas Burden observava-o, mais que ouvia, e percebia como os olhos dele eram opacos enquanto um segundo rosto redondo agora rodeava, ominosamente, o primeiro. Era contra a natureza que T. R. ficasse velho; mas a natureza tinha sido vencida pelo tempo. Agora um velho prematuro de 58 anos imitava a si mesmo com plausibilidade cada vez menor, principalmente quando se cansava. Mas Burden acreditava quando ele dizia que desejava conduzir seus homens no combate e morrer no campo de batalha. Sabia também que, velho ou não, patriota ou não, Theodore Roosevelt retornara ao centro do palco do partido e não havia pessoa alguma, incluindo Wilson, que pudesse impedi-lo de voltar como soberano àquela casa em que agora entrava como um suplicante temporário.

No saguão de entrada, alguns empregados antigos esperavam para cumprimentar o coronel, que falou com cada um com muito carinho. Possuía o mesmo que todos os bons políticos: o dom da intimidade com desconhecidos, a capacidade de cortar toda a timidez e as abordagens preliminares e ser ele mesmo, ou algo bem parecido. Todos bons políticos, com a possível exceção da figura esguia agora parada, solitária, à porta do Salão Vermelho, observando, como num teatro, o desempenho do rival, que o acusara não apenas de ser um horrível escrevinhador ou logotécnico mas também um covarde, o pior epíteto rooseveltiano, já que o coronel havia, muito antes, convencido a nação, se não a

si próprio, que como homem era espantosamente corajoso, tanto moral quanto fisicamente.

De súbito, Roosevelt ergueu os olhos e viu o Presidente; e os dois, simultaneamente, lembraram-se de sorrir. Os dentes compridos e descoloridos de Wilson eram equinos, ao passo que os de Roosevelt, embora gastos por décadas de serem batidos e rilhados, ainda eram enormemente bovinos.

— Sr. Presidente!

Roosevelt atravessou o saguão de entrada, Burden logo atrás. O Sr. Leary permaneceu com os porteiros e os empregados. Simultaneamente, o secretário de Wilson, Joseph P. Tumulty, um clássico político irlandês da escola de Jersey, surgiu do Salão Vermelho para juntar-se aos cumprimentos. Quando olhos irlandeses sorriem, pensou Burden, certamente existe uma faca. As possibilidades de outras letras para a canção, todas de natureza assassina, eram infinitas. Mas os olhos claros de Wilson eram escoceses, e não sorriam, apesar dos dentes de fora, ao passo que o rosto de Roosevelt era como um coco entalhado, do tipo que os guerreiros polinésios levavam para a batalha.

— Coronel Roosevelt, fico muito feliz que tenha tido tempo para me visitar. — O tom era de uma cortesia virginense assassina. — Entre. Entre. Por favor, senador Day.

Assim, Burden foi convidado a testemunhar um confronto histórico. Aqueles homens não se encontravam desde a eleição de 1912. Antes disso, o Presidente Roosevelt fora uma vez a Princeton, sendo recebido pelo reitor, Wilson. Roosevelt, por sua vez, recebera o professor Wilson em Oyster Bay, Long Island. Fora isso, os dois tinham existido um para o outro como simples inimigos, refletindo um ao outro enquanto se desafiavam: Roosevelt pela guerra em qualquer época ou lugar e Wilson pela paz, ou parecendo ser pela paz, sob circunstâncias que tendiam a modificar-se mais do que a retórica erudita do Presidente podia justificar. Roosevelt pelo menos sempre fora a favor da guerra; Wilson, uma vez obrigado a entrar na guerra, não podia mais pintar seu rival como um patrioteiro excêntrico, quando ele próprio era o grande comandante.

Wilson indicou que Roosevelt se sentasse diante da lareira, de frente para a janela, um velho truque que Roosevelt evitou movendo a cadeira de modo que a luz não caísse diretamente em seu rosto. Wilson sentou-se defronte a ele, sorrindo polidamente; Tumulty sentou-se junto à porta numa cadeira de espaldar reto, fingindo não estar presente, ao passo que Burden acomodou-se confortavelmente num sofá meio distante.

Roosevelt olhou à sua volta.

— Mudamos algumas coisas — Wilson comentou distraidamente. — Não me lembro ao certo quais.

— Bom, houve um Presidente entre nós dois, não me lembro o nome dele, e não fui convidado muitas vezes para vir aqui naquela época.

Burden nunca vira o coronel tentar agradar, senão a alguém mais velho, a um superior. Espantou-se ao ver como o coronel conseguia ser simpático e juvenil quando desejava alguma coisa.

— Não — continuou o coronel. — Sempre penso nesta sala como a sala em que eu disse, depois de eleito em 1904, que não concorreria em 1908.

— Eu me pergunto uma coisa — disse Wilson. — Se o senhor não tivesse dito isso, eu estaria aqui agora?

— Não sei. Mas sei que o Sr. Taft jamais teria estado aqui — Roosevelt foi incisivo. — Isto eu posso garantir. Mas fiz uma promessa ao país, e cumpri.

— Nunca concorrer à reeleição? — Wilson era como um professor bondoso com um aluno promissor.

— Exatamente! Nunca concorrer à reeleição. — Roosevelt deu um sorriso brilhante. — *Em 1908*. — A porta para 1920 foi aberta com violência. Wilson pela terceira vez versus Roosevelt pela segunda por si mesmo, embora na prática fosse o terceiro mandato, pois herdara quase todo o segundo mandato quando McKinley fora assassinado. — Mas tudo isso é passado, Sr. Presidente. Para não dizer outra coisa. Quero que ganhemos a guerra e que lideremos o mundo, e quero fazer minha parte, assim como meus quatro filhos, todos adultos, farão a deles.

— Sei disso. O Sr. Baker conversou com o seu mais velho, eu acho. O Sr. Baker ficou muito emocionado...

— Quero que eles tenham suas horas intensas de vida gloriosa, como eu tive as minhas e ainda terei. — Sabiamente, o coronel não deu ao Presidente abertura para uma negativa. — Como documento de governo, considero a sua declaração, com as justificativas, igual às de Washington e Lincoln. Mas é preciso ainda uma coisa para torná-la viva, isto é, que nós, o senhor e eu, inspiremos a nação a levar adiante o seu sonho.

Quando se tratava de lisonjear, Burden espantava-se ao ver como o coronel dava com o mesmo prazer com que recebia. Sendo Wilson, em matéria de simples vaidade, inteiramente humano, inchou-se visivelmente sob os elogios de seu predecessor.

O diálogo corria muito bem, melhor do que Burden sonhara, considerando-se o que os dois diziam e pensavam um do outro — tudo agora, como o coronel declarou com exuberância, "como a poeira num dia de vento, se conseguirmos tornar válida a sua mensagem".

Dessa maneira Roosevelt deu as boas-vindas a Wilson à sua guerra. Então mencionou a divisão de voluntários. Antes que Wilson pudesse responder, o coronel estava de pá, fazendo soberbamente o papel de si mesmo.

— Estou disposto a procurar meus conterrâneos e pregar a espada do Senhor e de Gideão. Posso reunir exércitos de voluntários dos melhores, a nata da nação, como já fizemos uma vez na minha época, e também antes, na época de

Lincoln...

— Mas na época de Lincoln os voluntários foram poucos. — A voz de Wilson tornara-se nervosa de súbito, e mais uma vez Burden deixou de ouvir a elegante neutralidade da voz do professor de Princeton e sim a cadência sulina da... que outra palavra, se não liberdade, mas rebelião? — Este é o problema que temos de enfrentar. Temos que convocar os jovens. Recrutá-los. Arranjar outra palavra para o recrutamento, se necessário, mas, seja qual for essa palavra, temos pouco tempo e muita coisa a fazer. — O Presidente interrompeu-se por um instante. — Sei que o senhor acha que eu deveria ter entrado nesta guerra há um ano, mas se eu o tivesse feito, apenas o senhor, que vale dez divisões, me teria seguido.

— Tudo isto é passado. — O coronel deixou-se cair na poltrona. — O senhor é o Presidente. Não eu. A tarefa é sua. Deus vai ajudá-lo. Eu irei lutar, se é que isso vale alguma coisa. Clemenceau pediu-me para ir à França, apenas como um símbolo de nossa vontade de lutar.

Burden ficou fascinado ao ver um político tão habilidoso quanto Roosevelt cometer um erro tão fundamental. O fato de uma autoridade francesa pedir a ajuda de um ex-Presidente significava a certeza de um veto presidencial.

— Toda a Europa o acha fascinante, coronel. Como nós também. — Virgínia foi substituída por Princeton. — Mas não devemos desencorajar os homens que vamos convocar, formando um corpo especial de soldados voluntários. — Antes que Roosevelt pudesse interromper, Wilson continuou rapidamente: — Não que não se possa utilizar o espírito do voluntariado e da... da espada de Gideão. Tenho também certa cautela em não permitir que nos tornemos demasiado apaixonados por um lado ou por outro, e nisso imito o general Washington, talvez, mais do que o senhor, sendo esta a razão — e Wilson começou a lançar seu próprio feitiço — pela qual desejo a paz sem vitória para qualquer dos lados, se for humanamente possível, já que a vitória de um é a derrota do outro, e se isso acontecer os canhões soarão mais uma vez, e haverá mais sangue na próxima geração. De modo que nos apresentei não como aliados dos Aliados nem como inimigo dos povos das Forças do Centro, mas como uma "força associada" para que a paz e a justiça triunfem, assim como a vida!

Habilmente, Wilson afastou Roosevelt do assunto específico da visita; e teceu para ele uma de suas teias verbais, tão plausíveis, tão belas e, com tanta frequência, enganadoras. Wilson certa vez confessara a Burden que, sempre que estava diante de alguém pedindo um favor, o modo mais certo de desviar o assunto era "controlar eu mesmo a conversa e entrar para o terreno moral. A pessoa geralmente fica envergonhada de mencionar seu motivo interesseiro". Roosevelt, naturalmente, também conhecia esse truque; e sabia também quando permitir que uma certa quantidade de fumaça encobrisse interesses conflitantes. Desviou a conversa de sua própria particularidade para a generalidade.

— Assim como o senhor e eu nos aliamos, o país inteiro deve fazer o mesmo. — O coronel virou a cabeça em direção à janela e à clara luz de abril. — Sugiro agora ao senhor, apenas entre nós, o que logo estarei explicando num artigo no *Star* de Kansas City. Querem que eu contribua regularmente para o jornal, todas as semanas, e se houvesse tempo...

Uma leve pausa deixou claro que se o coronel não conseguisse seu comando militar ele seria ouvido regularmente na imprensa como uma oposição não tão leal.

Se Wilson percebeu a ameaça implícita, preferiu ignorá-la. De queixo erguido, a própria retidão personificada, como um patriarca presbiteriano, Wilson assentiu encorajadoramente; e deixou o outro falar. Até então estavam empastados em número de pontos, pelos cálculos de Burden.

— Quero mencionar também a imprensa de língua alemã, que desde o início tem sido desleal a este país. Eu fecharia todos esses jornais, como necessidade militar.

Wilson pestanejou, demonstrando surpresa.

— Isso não seria... arbitrário? Eles certamente têm garantida a mesma liberdade...

— Estamos em guerra, Sr. Presidente. Lincoln suspendeu o *habeas corpus*, fechou jornais, e teremos que fazer o mesmo...

— Espero que não. Afinal, teremos uma censura militar aplicada a todos. Isso manterá os alemães de rédea curta.

— São, também centros de traição; pelo menos, de traição em potencial. Por que correr o risco? Devemos, *o senhor deve*, encurtar as rédeas de todos em nome da vitória. Muitos traidores em potencial, simpatizantes dos alemães, fingem ser pacifistas, para alegarem... qual é mesmo a expressão deles? "Objeção de consciência". Bem, eu os trataria com consciência! Eu lhes negaria o voto. Se tiverem idade pura lutar e se recusarem a defender seu país, então têm que renunciar à sua cidadania.

Wilson aceitava tudo isso de maneira notavelmente tranquila, pensou Burden. Continuava a assentir com ar educado, ponderado — ponderadíssimo, ao observar em tom calmo:

— Imagino que o Supremo Tribunal poderia encontrar um meio de lhes cassar os direitos políticos.

— O Supremo Tribunal! — Roosevelt esmurrou o próprio joelho com tanta força que chegou a fazer uma careta, e o pincenê soltou-se-lhe do olho, ficando pendurado no peito. — O senhor é o comandante-em-chefe. E esta é uma guerra. De modo que o senhor, o senhor próprio, é ao mesmo tempo Presidente, Tribunal e Congresso. Faça o que é preciso fazer, e faça rápido. Finalmente o mundo é quase nosso! — Roosevelt pôs-se de pé. — Temos agora todo o ouro. Todo o poder financeiro. Inglaterra e França, Alemanha e Rússia,

nenhum desses países conseguirá recuperar-se deste derramamento de sangue. Seus impérios estão tão arrasados e extintos quanto Nínive e Tiro. Ah, que dias gloriosos o senhor terá!

— Vamos trocar de lugar? — O sorriso de Wilson era genuíno.

— Vamos! Agora mesmo! — Roosevelt soltou uma gargalhada que parecia um rugido. — Ora, se eu tivesse o regimento de voluntários que reuni em 1898 contra a Espanha, viria aqui como um bandoleiro mexicano e tomaria o poder...

— Eu o ajudaria. — Wilson suspirou. — O senhor tem mais jeito para isso do que eu.

— Também acho — foi a resposta direta de Roosevelt. — Mas a história quis diferente. Se esses estados ainda têm uma estrela de sorte, como tínhamos quando eu estava aqui, o senhor será glorificado, Sr. Wilson, e eu retirarei todas as minhas declarações subversivas.

— O apelido de logotécnico também?

— Achei que o senhor ia gostar dele. Secretamente, é claro.

Wilson riu pela primeira vez.

— Não gosto. Mas nunca o negaria. Sou mesmo um homem de palavra. Como o senhor — desferiu.

Roosevelt não pestanejou, e sua reação foi tranquila:

— Mas há também a ação...

— Ah, coronel, as palavras são a maior ação que há; as palavras são o que nos liga ao Céu... e ao inferno. No final, assim como no princípio, existe apenas o verbo.

Roosevelt estava agora postado diante da lareira, pernas bem abertas, mãos atrás das costas, exatamente como se postara tantas vezes naquele mesmo local quando era Presidente.

— Então, se o caso é este, devo escolher minhas palavras com mais cuidado — disse, sorrindo.

— Nesta questão, coronel, o juiz é o senhor, não eu.

Burden teve a curiosa sensação do tempo ter duplicado. Estavam em 1917; no entanto, simultaneamente, também em 1907; e havia dois presidentes num único Salão Vermelho.

Então o coronel rompeu o feitiço. Atravessou o aposento em direção a Tumulty, que ergueu-se respeitosamente.

— Agora, eis o tipo de irlandês lutador que eu aprecio. — Deu um tapinha nas costas de Tumulty. — Por Deus, Tumulty, você é um homem dos meus! Naturalmente, tem seis filhos...

Burden teve então a certeza de que Roosevelt seria candidato em 1920. Caso contrário, por que decorar o número exato da prole de Tumulty?

— Mas vou lhe dizer uma coisa — prosseguiu o coronel: — Consiga que

eu vá para a França e eu o coloco na minha equipe, e a Sra. Tumulty não terá com que se preocupar. — Roosevelt virou-se para Burden: — Senador, o senhor ainda é um rapaz robusto; venha também.

— Devo levar minha toga?

— Não. Devolva-a. Já existem muitos senadores neste país. Aliás, senadores demais.

— Nisto concordamos inteiramente. — Wilson levantou-se. — Imagino que me queira voluntário também.

— Seria um belo exemplo. — Roosevelt deu uma risadinha.

— Eu poderia ir como capelão, imagino.

— Não se subestime, Sr. Wilson. Eu o faria encarregado dos grandes canhões. O senhor é um artilheiro nato, como o Sr. Taft e eu descobrimos em 1912. De qualquer maneira, já tem o seu lugar. O primeiro lugar. O senhor é o meu comandante-em-chefe. Vim até aqui para receber minhas ordens.

Roosevelt fez uma continência caprichada, que o Presidente retribuiu com seriedade. Então, num turbilhão de despedidas e protestos de amizade, o coronel partiu, deixando Burden com o Presidente e Tumulty. Os admiradores de Roosevelt mostraram-se ruidosos no saguão de entrada. Wilson ergueu os olhos interrogativamente para Burden.

— Bem, foi uma grande experiência — comentou. — Ele parece um garoto crescido.

— Que consegue encantar os passarinhos para que desçam das árvores — completou Tumulty.

— E quanto aos pássaros grandes? — Burden não conseguia imaginar o que Wilson faria.

Mas o Presidente ainda estava impressionado.

— Sempre o achei encantador pessoalmente. Mas agora há nele uma espécie de doçura que não havia antes. Tem quatro filhos — Wilson baixou o tom de voz — e quer todos na guerra com ele... Estou contente por ter filhas. — O estado de espírito de Wilson desanuviou-se. — De qualquer maneira, é difícil resistir a ele. Entendo o que o povo ama nele.

Burden achou que Wilson soava um pouco invejoso. Como homem público, o Presidente despertava admiração ou ódio, mas nenhuma afeição.

— Mas o que é que o senhor vai fazer? — perguntou diretamente. — Ele vai conseguir a divisão de voluntários?

— O senador Harding quer que ele tenha *três* divisões — interpôs Tumulty.

Wilson abriu os braços e endireitou-se.

— Se dependesse de mim, por que não? Mas deixo os assuntos militares para os militares. No momento, eles têm medo de que voluntários especiais, como esses, arruinem todo o nosso sistema de alistamento. Além disso, ele não é

general.

A mão de Wilson descansava agora sobre uma cabeça de bronze de Abraham Lincoln.

— Graças a Deus Lincoln existiu! Quando ensinava história, sabem, eu ensinava Lincoln. E me impressionava ver como ele, quando veio a guerra, cometeu todos os erros possíveis. Bem, graças ao mau exemplo dele, não cometeremos esses mesmos erros agora.

— Um dos erros foi nomear generais os políticos da oposição — afirmou Burden, tentando fazê-lo dizer mais alguma coisa.

— Sim — Wilson concordou, e voltou-se para Tumulty. — Veja se o terreno está livre. Não quero fotografia minha com o coronel.

Tumulty e Burden saíram do Salão Vermelho. Através da porta aberta avistaram o coronel conversando com os jornalistas. Tumulty voltou para o salão.

— Ele está sendo filmado pelas câmeras do cinenticiário Pathé, e não vai se mexer dali.

Wilson então apareceu à porta e, com uma sincronização cômica, digna de um filme de Mack Sennett, atravessou pé ante pé o saguão até o elevador, com olhares teatrais de medo por cima do ombro, como se o perseguisse um fantasma num cemitério.

E foi isso. O coronel não conseguiria sua divisão. Mas havia uma grande chance de que conseguisse mais uma temporada de quatro anos na Casa Branca. De um modo curioso, com ou sem glórias militares, Theodore Roosevelt não podia mais perder. Depois de uma década de ausência, a sorte o acompanhava novamente, o que na sua idade significava até o final.

3

Kitty estava sentada num rochedo acima do regato, atenta à criança, que se aproximava de uma moita de urtiga ao pé de uma nogueira cujos frutos verdes brilhavam ao sol de verão.

— Por que não fazer a sala aqui, dando para o rio, e nosso quarto ali?

— Fica perto demais da estrada.

Burden despiu o paletó e desabotoou a camisa, sentindo-se liberto de todas as coisas mundanas exceto Kitty, que se tornara surpreendentemente bela à medida que envelhecia; não era mais a jovem de feições algo rudes que ele se sentira obrigado a desposar porque o pai dela era o chefe do Partido Democrata em seu estado. Uma coisa pelo menos Caroline lhe ensinara: nunca esconder seus motivos de si mesmo. Nos primeiros tempos, Caroline o deixava chocado. Agora ele a chocava sempre que decidia revelar como eram realmente conduzidos os negócios públicos. Era óbvio que o choque que ela sofria não era moral; ela parecia condenar a falta de método da vida americana, tão diferente da França, onde todos sabiam o que esperar, inclusive a natureza exata do inesperado, quase sempre previsível.

Por outro lado, Kitty era uma política nata, herdeira do pai, o lendário juiz, não apenas como estrategista política mas agora como possuidora da fortuna do finado pai, a ser transformada breve, de ações e títulos abstratos, em madeira, pedra e tijolo.

O próprio Burden nunca conseguira ganhar dinheiro. De uma forma ou de outra o magnífico salário de 75 mil dólares anuais de um senador dos Estados Unidos mal dava para ambos viverem, mesmo estando alugada sua enorme casa em American City. Quando era preciso voltar à cidade para votar ou em campanha, eles ficavam no Henry Clay Hotel, em frente ao capitólio estadual, e fingiam que moravam o ano inteiro na cidade, com apenas uma ou outra visita a Washington.

A primeira parcela da herança de Kitty fora para comprar um acre e meio de terra no Parque Rock Creek, na maior parte colinas cobertas por bosques, cuja vegetação rasteira era tão verde e exuberante quanto em qualquer floresta. Na realidade, o parque era quase que demasiado selvagem para o gosto de Burden, que segurou a filha pelo avental quando ela estava prestes a enterrar o rosto numa moita de urtiga que em poucas horas deixaria sua vítima coberta de feridas que coçavam e purgavam — um tormento para um adulto, um inferno para uma criança.

— Diana! — fez Kitty, tarde demais. — Afinal, que é que acontece com a urtiga? Jim Júnior tem uma vareta mágica para encontrar essa coisa.

Burden acomodou-se sobre um tronco caído, diante de Kitty, com Diana no colo. Pássaros voavam em círculos silenciosos, tendo passado a temporada de cantoria e acasalamento. Agora eram pais e provedores solícitos, assim como instrutores de vôo dos filhotes — e enlutados por aqueles que caíam no solo.

— O arquiteto diz que aqui deveria ser a sala, de frente para o sul. — Burden tentou em vão imaginar um aposento onde estavam sentados. Floresta ou não, ele preferia o espaço aberto. Ao contrário de muitos garotos criados em fazenda, ele não preferia ficar dentro de casa, contanto, naturalmente, que não tivesse que fazer as tarefas. — Ela vai crescer aqui — acrescentou, baixando os

olhos para Diana, uma criança séria, que ainda não aprendera a falar, e que suspirou.

Kitty pegou um migalha de pão na bolsa. Depois, com a migalha na mão, esticou o braço. O milagre, como Burden sempre o classificava, ocorreu em questão de segundos. Um grande tordo fez vários vôos rasantes para examinar Kitty antes de acomodar-se no pulso dela. Depois pegou o pão no bico, sacudiu-o e ergueu-se até um galho da árvore mais próxima, onde comeu a migalha, observando Kitty.

— Como consegue fazer isso?

— Sempre fiz.

O relacionamento de Kitty com o mundo animal era íntimo, conspiratório, extra-humano. Todas as criaturas aproximavam-se dela sem medo; e ela não fugia. Quando criança, fizera amizade com um lobo adulto que morria de fome durante um inverno rigoroso. O lobo seguia-a por toda parte, como um cachorro; então, segundo o juiz, enquanto ela estava na escola, o lobo atacara o empregado e o empregado matara o animal em defesa própria. Ao que Kitty respondera, com frieza mortal: "Não, papai. Foi você quem o mandou matar." Pai e filha nunca mais tocaram nesse assunto, mas o pai discutira o episódio com o genro, anos depois, e perguntara, perplexo: "Como é que ela soube, como poderia saber que matei aquele bicho, quando ninguém viu?" Concluiu-se então que Kitty era paranormal, pelo menos com animais e aves. Parecia menos interessada nas pessoas, a não ser como eleitores. Conhecia os planos e os acordos de Burden tanto quanto ele; no entanto, ele tinha certeza de que ela nada sabia sobre Caroline. Suspeitava também que ela ficaria indiferente se soubesse. Estranho, ele pensou, não conhecer a própria esposa tão bem quanto um tordo conhecia. Quando Jim Júnior morrera, aos seis anos, foi Burden quem chorou. Kitty simplesmente ocupara-se com os preparativos do enterro; depois discutira com a cozinheira negra por causa do lanche para os acompanhantes, um traço de catolicismo bastante popular naquela região protestante. Esse foi o final do filho deles.

Embora uma brisa fria, vinda do oeste, agitasse os galhos das árvores mais altas, Burden ainda se sentia desconfortável por causa do calor. Mas todos diziam que aquele era o verão mais quente da lembrança, o primeiro verão da guerra.

— Tetos altos. — Kitty ergueu os olhos para a árvore mais alta, um carvalho.

— O mais alto possível. — Burden entendia do assunto. — Fachada normanda. Cantaria em pedra cinzenta. Um terraço. Um lago. Um pórtico lateral...

— Vamos esperar que a guerra não atrapalhe.

— As construções continuam. Mesmo que a comida suma. — Burden passou do tronco para o chão, e para as inevitáveis manchas de relva nas calças.

— O Presidente com certeza vai ficar preso pela Seção 23.

— Não se pode culpá-lo. — A paranormal animal dava lugar à paranormal política, tendo afastado qualquer tipo de ligação com os seres humanos entre os dois pólos de sua vida.

— Estão tentando fazer com ele o que fizeram com Lincoln quando organizaram aquele comitê conjunto do Congresso para tomar conta da guerra.

— A mesma coisa — assentiu Kitty. — E tudo enfiado dentro do projeto de lei dos alimentos, que é traiçoeiro. Mas você não vai deixá-lo passar, vai?

— Não. Mas vai haver briga feia. Não imagina os mexericos? Ah, os mexericos!

Mais que nunca, o Senado encorajava a excentricidade pessoal. Originalmente destinava-se à nobreza americana ou seus representantes, e os membros eram escolhidos pelos vários legisladores estaduais, eles próprios pagos pela classe endinheirada. Desde 1913, porém, os senadores eram eleitos pelo povo. Como resultado, surgira na modorrenta instituição um novo tipo de tribuno do povo; e eles adoravam atormentar os cavalheiros nobres da velha guarda. Além disso, como qualquer senador que estivesse na tribuna para discursar podia fazê-lo enquanto aguentasse, raiou uma nova e grande era de obstrução dos trabalhos, e um senador com pulmões de aço poderia, nas últimas horas antes do encerramento da sessão, discursar até morrer a respeito de um artigo qualquer da legislação, ou ameaçar fazê-lo em troca de favores.

Mesmo assim, Burden adorava pertencer a um clube tão poderoso, no qual encontrara seu lugar como principal defensor do chefe de seu partido, o Presidente-professor, cujo controle sobre a maioria democrata do Senado era, na melhor das hipóteses, frágil. Isso significava trabalho constante para Burden, que devia aplacar — quando não se tratava de subornar — os bryanistas, os isolacionistas, os pró-Alemanha e todo o resto, que preferiam reinar nas comissões a servir seu Presidente.

— Fico me perguntando com quem ela se casará. — Kitty olhou amorosamente para Diana, quase como se ela fosse um animalzinho gorducho que tivesse aparecido à porta da cozinha pedindo uma esmola.

— Isto não é ruim? — Burden sentiu um frio súbito, e estremeceu. Certa vez especulara sobre o futuro de Jim Júnior, e logo o perdera, levado por uma difteria.

— Não. Ela vai se casar nesta casa. — Kitty tinha um certo tipo de clarividência. — E acho que vai ser muito feliz, também.

— É. — Burden não se comprometeu. Kitty gostava dele e ele dela; nada mais.

— Seu pai gostava da sua mãe?

Foi uma pergunta inesperada.

— Foi há muito tempo. Não me lembro.

Burden crescera numa fazenda no Alabama, cercado de veteranos da guerra perdida, como seu pai. Burden sempre se impressionara com o modo como Mark Twain conseguira tornar tão idílico aquele mundo grosseiro, áspero e enlameado — sempre a lama — cheio de mosquitos, carrapatos, calor e serpentes venenosas da cor da lama. Twain, naturalmente, escrevera sobre uma geração anterior, antes da guerra, mas mesmo assim Burden tivera consciência, durante toda a sua infância, de que a vida não era feita para ser daquele modo. Houvera uma queda muito grande, que seu pai, ao contrário de muitos veteranos, estava sempre ansioso para explicar e descrever, os olhos azuis-claros ferozes e enlouquecidos, como deviam estar naquele dia em Chickamauga quando a bala feriu-o mas não o matou e ele foi feito prisioneiro. Mais tarde, em meio às ruínas, Obadiah Day recomençara a vida na lama do delta. Dos filhos — sete, oito? Burden não sabia o número — só dois não morreram de defluxo de sangue, como a cólera era conhecida então. Burden lembrava-se de que grande parte de sua infância parecia transcorrer no cemitério local, vendo as pequenas caixas serem escondidas sob a terra vermelha. Lembrava-se também de horas passadas escutando o pai contar como Eles tinham arruinado o Sul e corrompido os negros, apoderando-se das melhores terras. "Eles" eram uma entidade abstrata, composta de todos os ianques, banqueiros, homens da ferrovia e, às vezes, de simples estrangeiros, dos quais os católicos e os judeus eram os piores. Curiosamente, os negros, não importava a extensão de sua indisciplina, nunca eram considerados responsáveis diretos por seu comportamento. Se um crioulo agisse mal, eram Eles que o tinham estragado.

Com o tempo, os Confederados derrotados voltaram-se para a política, a única arma que poderiam usar contra Eles. Os piqueniques políticos e as reuniões dentro de grandes barracas de lona tornaram-se a verdadeira igreja daqueles que tinham perdido suas terras, e Obadiah estava entre aqueles que tinham ajudado a fundar o Partido do Povo para defender o povo; o partido floresceu no Sul em toda parte, e o próprio Obadiah foi eleito para uma série de cargos estaduais de pouca importância. Então veio o dia em que ele ouviu Burden, aos 14 anos, discursar numa reunião, e alegremente acolheu o filho na grande luta, como João Batista acolhera o Messias às margens do Jordão. Assim, na fronteira do Alabama, James Burden Day veio ao seu reino para fazer a obra do pai e triunfar sobre Eles em nome do povo.

Agora, mais nítida para Burden do que a própria multidão — e toda multidão era para Burden como uma namorada encontrada e perdida ou, mais provavelmente, cobiçada e conquistada — era a imagem do pai, ainda de aparência surpreendentemente jovem, apesar dos cabelos brancos, o olho azul, não coberto pela venda, ainda brilhante, corpo suficientemente esguio para usar o uniforme cinzento dos Confederados com que ele tinha voltado para casa, com a bala que o atingira em Chickamauga pendurada em um fio em volta do pescoço

depois que ele insistira em que ela fosse retirada de sua coxa por um médico bondoso para que, se ele morresse, nada que fosse relacionado com Eles ficasse eternamente misturado a seus ossos. Juntos, pai e filho combateram nas fileiras do Partido do Povo até Burden ir para o Oeste, para outro estado, praticar advocacia; e embora nunca deixando de ser, como jurava ao pai e murmurava consigo mesmo, um populista verdadeiro, fora obrigado a iniciar uma vida inteiramente nova num estado novo e empoeirado, ao contrário do seu, velho e enlameado. Obrigado a usar uma ligação de família para conseguir um lugar em Washington no Tribunal de Contas, ele decepcionara o pai. Mas reconciliaram-se quando Burden prometeu ao velho que nunca desistiria da luta, e que quando chegasse o momento ele voltaria para seu novo estado e chefiaria o partido. Quando chegou o momento, ele realmente voltou, casou-se com Kitty e, com o auxílio do pai dela, foi eleito para o Congresso não como um democrata populista, mas como bryanista. O pai não falava mais com o filho. No entanto, Obadiah e sua segunda esposa ainda moravam no Alabama; e embora Burden lhe mandasse um recado depois de sua eleição para o Senado — afinal, não continuava a lutar contra Eles? — não obteve resposta do velho, que no fundo ainda era o rapaz furioso derrubado meio século antes em Chickamauga — dois minutos antes do meio-dia, ele consultara o relógio antes de desmaiar. Viver sem o orgulho de tal pai era insuportável para Burden; particularmente quando ele próprio jamais perdera a fé que ambos tinham no povo, no seu povo. O que era um rótulo partidário? O que era... qualquer coisa?

— Será você? — Kitty ergueu-se e tirou Diana dele. A criança estava quase dormindo ao sol. O cheiro forte e doce da madressilva estava em toda parte, assim como a própria planta, uma tapeçaria verde-amarelada agarrada aos loureiros.

— Eu? O quê?

— Se o Sr. Wilson não concorrer pela terceira vez, o que ninguém fez

Kitty não cessava de fazer cálculos, apesar das ocupações com a filha, a casa, os animais selvagens da floresta e — que mais? — o ar.

— É cedo demais para se saber. A guerra vai ser curta. É uma coisa a favor dele. Ele será um Presidente que venceu uma guerra. E ainda jovem. De modo que se quiser, provavelmente vai conseguir.

— Não faz mal algum nos colocarmos em posição, caso alguma coisa saia errada — disse Kitty, retirando o dedo que Diana, quase dormindo, levava à boca. — Se sair, nossa única concorrência será o Sr. McAdoo.

— Grande concorrência!

Burden franziu a testa, como sempre fazia quando pensava na enorme vantagem que o genro do Presidente e secretário do Tesouro tinha sobre todos os outros membros do partido. McAdoo já se colocara em posição de herdar o legado de Wilson, de tal modo que seria impossível qualquer contestação, a não

ser que fossem verdadeiros os boatos de corrupção que sempre cercaram o amplo prédio de granito cinzento do Tesouro.

— E há também o coronel.

— Ele vai ter que morrer um dia. — Kitty era docemente implacável.

— Aos 61 anos? Já dono da indicação? Se existe algo que dá vida e saúde, é isso. Quase tão bom quanto uma pensão federal para assegurar a longevidade. Existem — continuou Burden, que sempre achava esse fato interessante — 73 viúvas da Guerra de 1812 atualmente recolhendo pensões do governo.

— Moças jovens que se casaram com velhos.

— Agora são velhas que a pensão tornou imortais.

O motorista negro, Albert, juntou-se a eles. Era nativo de Washington e um esnobe consumado. Durante anos, quando Burden estava na legislatura estadual, Albert referia-se a ele, por trás, como "o senador". A eleição de Burden para o Senado tinha sido, segundo Kitty, mais emocionante para Albert do que para o casal. "Sempre me senti rebaixado naquele lugar com aquelas pessoas sem classe mascando tabaco", Albert costumava dizer. A mãe dele chamava-se Victoria, em honra da rainha; e ela o chamara de Albert, em honra ao príncipe consorte. "Muito psicológico", Kitty explicava, com ar sábio. "Ele é bastante filhinho da mamãe."

Albert lembrou a Burden que este concordara em passear no rio com o subsecretário da Marinha. De modo que Burden recolheu Diana enquanto Kitty recolhia louros para enfeitar a sala Mintwood; e então desceram a colina até a estrada e o carro que esperava.

O *Silfide* parecia com o próprio nome — uma embarcação esguia e rápida, de um tipo que Burden não conhecia; mas na realidade ele não entendia coisa alguma de barcos. Porém estava contente com aquele passeio — qualquer coisa para fugir ao calor abafado de Washington.

O subsecretário estava todo de branco, de aparência náutica, assim como Cary Grayson, o médico do Presidente, e sua jovem esposa, Altrude, a maior amiga de Edith Wilson. Obviamente o subsecretário da Marinha descobrira que o caminho mais direto até o Presidente era através dos Grayson, e, para sorte de Franklin Roosevelt, Grayson tinha pertencido à Marinha. Era um homem de baixa estatura; e a graciosa Altrude, que tinha a estatura de Edith, agigantava-se ao lado dele. Havia outro casal, que Burden não conhecia — "gente da moda", como classificava a nobreza do Leste que ele encontrava de vez em quando em terreno dos Sanford. Finalmente, no novo uniforme de marinheira, escrevente de terceira classe, a encantadora Lucy Mercer, secretária social de Eleanor. O acompanhante de Lucy era um rapaz da embaixada britânica.

Depois da partida, Burden livrou-se do paletó e da gravata e pôs-se a aproveitar a brisa fria e algo fétida que vinha do rio Potomac enquanto desciam a corrente em direção ao monte Vernon e ao Chesapeake. Por um instante a

frenética cidade em tempo de guerra parecia distante; e também a guerra, apesar de um par de destróieres, se eram mesmo isso, ancorados fora do cais da Marinha.

Enquanto Burden aceitava um uísque com gelo, açúcar e hortelã, Franklin sorria de contentamento.

— Se Josephus Daniels nos visse agora. ..

— Certamente a proibição ao álcool não se estende a convidados da Marinha.

— A todos, inclusive ao Presidente.

Mas Burden percebeu que Franklin bebia apenas limonada, ao passo que os outros estavam agora todos na proa, esperando que o barco passasse pelo monte Vernon, ao qual faria uma saudação, como requeria um antigo costume da Marinha.

Franklin tinha uma conversa agradável. Era muito mais simpático que o primo Presidente, pelo menos para Burden, um especialista nesses assuntos, já que todos em Washington queriam ser simpáticos aos senadores, particularmente àqueles, como Burden, do partido majoritário. Normalmente, Burden não tinha qualquer ligação com a Marinha. As suas comissões eram: a Agricultura, a primeira delas, à qual não deixara de pertencer; Relações Exteriores, como divertimento, e Finanças por grave necessidade, já que essa comissão gêmea da comissão de Modos e Meios, era a fonte de todas as verbas; daí a boa vontade do governo. Porém, como Burden estava em seu primeiro mandato, não dispunha de muito poder, a não ser o poder que lhe advinha de ser a ligação entre os senadores bryanistas e o Presidente, uma posição recentemente cedida pelo senador cego de Oklahoma, que não tolerava o Presidente nem a guerra. Mas a verdadeira ligação entre Burden e os jovens Roosevelt era Caroline e, um pouco menos, Blaise. Os Roosevelt frequentavam a alta sociedade, mantendo distância de gente vulgar como os Ned McLean.

— Onde está a Sra. Roosevelt? — O coquetel era extraordinariamente saboroso; e o sol, filtrado por uma espessa neblina branca, era, pela primeira vez em muitos dias, suportável.

— Foi para o Canadá com as crianças. Ficou combinado que eu iria ao encontro dela em agosto. Acontece que... — Franklin fixou os olhos na costa.

— Acontece o quê?

Mas Burden sabia. Franklin estava planejando candidatar-se ao Senado por Nova York na eleição do outono.

— Você acha que devo concorrer?

— Não conheço muito o estado de Nova York. Mas se eu fosse você não deixaria este emprego. Pediria uma licença.

Franklin riu sem muita alegria.

— Farei isso. Se conseguir. Acho que o velho Josephus gostaria de me ver

definitivamente longe.

— Mas o Presidente...

— ... Tem sido muito compreensivo. Todos me dizem que se eu perder terei um lugar aqui, mas acontece que...

Nova pausa; a expressão "acontece que..." parecia agir como uma barreira para Franklin, que, embora parecesse não ter segredos, conseguia fugir a qualquer intimidade com muito tato.

— Acontece que você preferiria não perder.

— Exatamente.

— Tem o apoio de Tammany Hall?

— Não. Eles têm seu candidato. De modo que acho que serei dissidente. Outro tio Ted disfarçado de democrata. — Bebeu ura pouco de limonada e fez uma careta. — Estou com dor de garganta. De falar demais. Falo, falo e ninguém escuta. Sabe, descobri um meio de anular os submarinos alemães. Mas os ingleses não se convencem. E nossos almirantes são tão lentos! A solução, Burden, é a seguinte.

Burden nunca gostava muito de ser chamado pelo primeiro nome, principalmente por alguém não apenas mais novo que ele dez anos mas também tão abaixo dele na hierarquia nacional. No entanto, parte da considerável simpatia de Roosevelt estava em levar espontaneamente outras pessoas a um grau de intimidade consigo, sendo ele membro da nobreza soberana que ainda possuía muitos representantes num Senado que tinha sido inteiramente deles até que a democracia tão rudemente arrombara a porta e deixara entrar, entre outros, Burden.

— É muito claro. Fechamos o Mar do Norte com uma barragem de minas desde a Escócia até a Noruega, de modo que nenhum submarino possa passar, o que os prenderia em seus próprios portos. Bem, levei semanas para chegar ao Presidente, que agora me deu passe livre. Mas os ingleses ainda estão arrastando o assunto, mesmo eu tendo dito que faríamos o mesmo no estreito de Dover, o que protegeria as águas deles. Mas eles estão dormindo.

Fez outra careta ao beber mais limonada. Burden percebeu que o rosto de Franklin brilhava de suor apesar da brisa fresca. A bela cabeça, com seu nariz finamente cinzelado, parecia frágil; os olhos pequenos não apenas eram demasiadamente juntos, mas também, em razão da assimetria do rosto, um era mais alto que o outro.

De súbito estavam passando diante da mansão de colunas do primeiro Presidente. Franklin pôs-se de pá num salto, assim como Burden, que manteve posição de sentido enquanto um corneteiro na popa executava o toque de silêncio.

Quando o elegante casal juntou-se a Franklin na popa, Burden dirigiu-se para a proa, onde o diplomata inglês e a marinheira escrevente de terceira classe Lucy Mercer estavam sentados. Ambos ergueram-se em deferência ao cargo

senatorial.

Burden sentou-se entre eles. Um taifeiro ofereceu-lhes a limonada de Josephus Daniels. Como todas as outras pessoas no pequeno mundo de Washington, Burden achava Lucy singularmente atraente e misteriosa. Por que não se casara? Naturalmente ela pertencia à nobreza católica de Maryland e não havia muitos solteiros católicos disponíveis na capital. Por outro lado, uma pequena viagem a Baltimore e ela estaria cercada por pessoas de sua própria classe. No entanto, preferia morar em Washington trabalhando para Eleanor Roosevelt e preenchendo lugares vagos em jantares, até entrar para a Marinha.

— Agora você é uma guerreira — declarou Burden.

— Foi ideia do Sr. Roosevelt. — Ela sorriu e desviou o olhar.

— O serviço militar de vocês é decididamente seletivo — afirmou o inglês.

Burden mais de uma vez reclamara para si o crédito pelo sublime eufemismo "serviço seletivo". A expressão "alistamento compulsório" era tabu, lembrando a todos os distúrbios sangrentos da Guerra Civil. Como Wilson, tanto quanto Lincoln, não podia contar com voluntários, criou-se uma nova expressão. Anos antes, quando parecia que os problemas de fronteira com o México poderiam transformar-se em guerra total, Wilson fizera uma retumbante convocação de voluntários e quase ninguém acorrera para defender sua bandeira. Desta vez ele não ia correr riscos. O alistamento compulsório seria rápido, geral e sob outro nome. No dia 5 de junho dez milhões de homens entre 21 e trinta anos tinham sido registrados sob a Lei de Defesa Nacional para "serviço seletivo" nas forças armadas, o que soava ura pouco melhor do que, por exemplo, carne de canhão na França.

Burden no fundo odiava todo o projeto. Sua infância tinha sido cercada pelos feridos na Guerra Civil, e a pobreza geral do delta nessa época derivava diretamente da perda de mão-de-obra e de dinheiro durante a guerra. Publicamente, Burden apoiava a guerra; no entanto, jamais conseguia racionalizar para si mesmo a maneira brutal com que os Estados Unidos tinham violado sua própria e sagrada

Doutrina Monroe para poder combater na Europa, algo que a república original garantira ao mundo inteiro que nunca faria. Entretanto, como um político prático, ele fora capaz de racionalizar a necessidade de tornar o mundo seguro, não para a democracia — uma empreitada quixotesca, já que os Estados Unidos ainda não tinham experimentado essa forma de governo tão perigosa, como aquelas mulheres militantes que queriam votar não cessavam de lembrar a seus senhores sexuais — mas para enriquecer a nação. Isso já estava iniciado, como o inglês, Sr. Nigel Law, lembrou:

— Seu discurso na comissão foi muito aplaudido em Londres, senhor.

— Trata-se de simples bom-senso. É só a gente ter um tiquinho de tino. —

O sotaque britânico costumava fazer Burden adotar o estilo jeca de um comediante caipira. Ele mastigou um talo de capim imaginário. — Não podemos deixar o colega na pendura.

— Que discurso foi esse? — Os olhos azuis de Lucy trocaram a costa verde-azulada da Virgínia pelo capim imaginário de Burden.

— Sobre o empréstimo à Inglaterra. No mês passado o Presidente foi comunicado que, sem uma rápida ajuda nossa, a Inglaterra não poderia mais sustentar à libra. Na verdade, em 24 horas teriam que abandonar o padrão ouro, de modo que informei meus colegas, que não se preocupam muito com estrangeiros em geral e com os ingleses em particular, que, se a libra cair, o dólar vai cair também, de modo que era melhor dar-lhes um apoio, o que fizemos, e o que ainda estamos fazendo, graças ao Sr. McAdoo e seus Bônus Liberty, que estão atraindo dólares de todo o país.

A retórica da campanha para os Bônus Liberty — inteiramente bárbara e macabra — deixara Burden irritado. Até mesmo um pangaré republicano como Harding tinha reclamado disso, em vão.

— Para seu eterno crédito, senador.

O Sr. Law estava exagerando um pouco. Para o bem da Inglaterra, naturalmente. Burden sorriu.

— Na realidade, trata-se do seu eterno débito. De qualquer maneira, pegamos o dinheiro de todo mundo, o que é muito agradável. — Voltou-se para Lucy. — O Sr. Roosevelt está doente. Devia mandá-lo a um médico.

Pela primeira vez ela olhou para Burden com interesse.

— Conseguiu perceber?

— Pela maneira como transpira.

— Ele diz que é só a garganta inflamada. Sim, vou mandá-lo ao médico quando desembarcarmos.

— A Lei Lever vai passar no Senado? — O diplomata não acreditava que febres e gargantas inflamadas deveriam ter permissão para atrapalhar a diplomacia.

Burden assentiu:

— Mas vamos apará-la um pouco.

O Presidente queria controlar o preço e a distribuição de alimentos; e escolhera o vitorioso engenheiro de minas Herbert Hoover para seu diretor. Mas num estado de espírito recalcitrante o Senado estabelecera a condição de que fosse criada uma comissão conjunta do Congresso para a guerra, para vigiar o Presidente. O Presidente-historiador foi rápido em reunir suas tropas no Senado; e era Burden quem estava agora na agonia de eliminar a Seção 23 da Lei Lever.

— O Presidente de vocês tem os poderes mais extraordinários, não é mesmo? — O Sr. Law parecia sentir uma certa inveja.

— Só em tempos de guerra.

— Então, se eu fosse um Presidente ambicioso, ia manter o país sempre em guerra.

— Não seria possível — Burden foi peremptório. — Nosso povo não gosta de guerra. E por que gostaria? Temos todo o espaço de que precisamos. Tudo o que queremos é portas abertas em toda parte, para podermos entrar e fazer negócio. Qualquer Presidente que tentasse nos colocar numa guerra que não fosse popular logo seria um ex-Presidente. Veja como foi difícil para Wilson nos colocar nesta agora.

Burden percebeu que tinha falado demais. O Sr. Law encarou-o, como se esperasse que ele prosseguisse. Mas Burden não pretendia imputar a Wilson a responsabilidade de uma guerra na qual ele fizera algo mais do que não ficar de fora:

— Se a Alemanha não tivesse sido tão estúpida e belicosa, poderíamos estar ainda em paz, e a libra esterlina. . .

— Caída na poeira — completou o Sr. Law.

— Sua família é de Washington, não é? — Lucy desviou a conversa.

Burden assentiu.

— Uma parte. A parte que ficou na capital enquanto o meu ramo foi para o Oeste. Morei algum tempo aqui com parentes, quando perdemos nossa fazenda no pânico da crise.

Prazerosamente mergulharam na genealogia, o que significava a ligação de Burden com o ubíquo clã dos Apgar, Lucy também era ligada a eles por casamento, assim como Caroline, assim como todos que valiam alguma coisa, de Albany à cidade de Nova York e a Washington D.C. Burden encarou os lindos olhos de Lucy e sentiu uma onda de angústia, uma necessidade de ser, novamente, amado por uma moça, não necessariamente uma que fosse católica, complicada e, provavelmente, virginal. Mas ele tinha que recomeçar logo: dentro de três anos teria cinquenta, no final de qualquer coisa remotamente parecida com a juventude. Ainda havia Caroline, mas isso era terreno conhecido. Além disso, ao longo do tempo ela mostrara sua verdadeira natureza, que não era a de uma esposa ou amante mas sim de irmã e amiga. Gostava dela, mas ela não era aquilo que ele agora almejava furiosamente — pele, carne.

Franklin juntou-se a eles, pálido de calor mas extremamente jovial:

— Vamos atacar no Lock Tavern Club — anunciou. — Para um almoço no cais. Com um pôr-do-sol.

Quando o outro descansou a mãozorra sobre o ombro de Lucy, Burden percebeu que os dois estavam apaixonados, e ele não estava.

Blaise também estava no mar; sozinho, também, embora nem um pouco zangado. Frederika mostrara-se a melhor esposa possível. Estava presente quando sua presença era necessária, e ocupada com outras coisas quando não era. Mostrara-se também extraordinariamente perspicaz a respeito das pessoas, coisa que Blaise não era. Da Avenida Connecticut eles presidiam a vida grã-fina da capital, e seus caminhos cruzavam-se com os da outra Sra. Sanford, Caroline, que geralmente preferia o círculo de Henry Adams, agora reduzido ao próprio Adams e a um punhado do que ele chamava de "sobrinhas".

— Pelo menos pode-se respirar.

Blaise voltou-se e deparou com a Sra. Wilson, usando um vestido de estilo náutico, parecendo bastante refrescada. O grupo presidencial embarcara no *Mayflower* pouco antes do meio-dia, quando todo o ar tinha sido consumido no fogo do disco de bronze do sol. O Presidente estava extraordinariamente quieto; a Sra. Wilson, vermelha e ofegante, ao passo que vários parentes seus refrescavam-se vigorosamente com leques de folhas de palmeira e murmuravam uns com os outros em seus suaves sotaques sulinos. O *Mayflower* dirigia-se para a baía Chesapeake e, graças à censura de guerra, ninguém em Washington suspeitava de que o Presidente, derrotado pelo calor, abandonara temporariamente a capital.

— Sente-se, Sr. Sanford. — Edith indicou uma das duas cadeiras lado a lado na popa e acomodou-se na outra. — Pelo que sei, este é o único prazer que permitem ao Presidente, embora eu ache que se trata mais de uma necessidade médica do que qualquer outra coisa. Não que ele não seja de ferro — acrescentou depressa. — Admiro muito a sua irmã.

— E ela a senhora. — Blaise era igualmente rápido em washingtonês.

— Não temos tido o prazer de vê-la, ou ao senhor e sua esposa. Ela está em Newport?

Blaise assentiu:

— Fiquei para historiar o governo, e a guerra.

Edith deu uma risadinha — um som agradável, suave.

— Confesso que por um lado não há coisa pior para um Presidente do que ter o Congresso reunido durante todo o verão, criando problemas. Mas quando penso neste calor horrível e em alguns daqueles homens horríveis e suas esposas, alegro-me por estarem presos aqui conosco.

— O coitado do Cabot Lodge queria tanto ir para North Shore, para ficar perto de Henry Adams em Beverly Farms...

— Coitado do Cabot Lodge. — Edith entoou o refrão como se estivessem cantando; depois começou uma nova estrofe. — Beverly Farms... — e fez uma pausa. — Não é a casa que o Sr. Adams construiu...?

— Com a Sra. Adams, na década de setenta. Depois que ela morreu ele

nunca mais voltou lá, até agora.

— Claro que não foi crime, foi?

Edith mostrava-se ansiosa, como uma criança prestes a escutar sua história favorita. Mas Blaise não podia satisfazê-la.

— Ela se matou, pelo que se sabe. Bebeu aquele líquido de revelar fotografias. Desde então ele nunca mais falou nela, pelo que eu saiba. Mas minha irmã é grande amiga dele. A mim ele apenas tolera.

— E a mim nem sequer conhece.

Mas Edith não parecia infeliz. Quando se está montado no mundo, é possível deixar passar qualquer desfeita. Desde o início Blaise divertira-se ao ver como Edith adotara de coração sua posição de realeza, exibindo cada vez mais orquídeas, além de ares cada vez mais simpáticos, bondosos, imperiais.

— Washington não é uma cidade, mas uma dúzia de aldeias — observou Edith, como todos que lá viviam mais cedo ou mais tarde observavam mais de uma vez. — E não há ligações entre a maioria delas.

— A não ser a Avenida Pennsylvania, que liga todas as aldeias à Casa Branca.

— Foi o que sempre pensei. Mas não é realmente verdade. Somos muito isolados, sabia?

— A guerra...

— Não ajuda. Mas considero os presidentes uma espécie de prisioneiros do cerimonial. E a minha aldeia, os Galt, os Bolling e todo o resto, mal percebem quem está na Casa Branca. Aliás, preciso agradecer-lhe pelo modo como nos trata, como trata o Presidente. Não temos muita oportunidade, hoje em dia, de ler algo que nos seja agradável.

— Talvez a censura tenha alguma coisa a ver com isso — respondeu Blaise, lembrando-se de sorrir.

— O Sr. Creel está a bordo. Você me disse que gostaria de conhecê-lo. Está vendo? Nunca esqueço as coisas.

O sorriso era, como sempre, infantil e sedutor. Blaise agradeceu-lhe. George Creel surgira de repente no cenário nacional, na esteira de um furacão de leis na maioria inspiradas pelo Presidente, para estabelecer um controle sobre todos os aspectos da vida americana. A censura à imprensa cabia ao Sr. Creel, que em abril fora designado presidente do Comitê de Informação Pública. O Sr. Creel era um jovem jornalista do Oeste. Como editor, Blaise tinha muito receio do modo como os vários poderes recém-adquiridos pela censura pudessem ser usados. No início do paroxismo da guerra e do ódio aos boches, fora aprovada uma Lei de Espionagem que permitia que alguém fosse preso por vinte anos, além de pagar uma multa de dez mil dólares, por transmitir "notícias ou declarações falsas com intenção de interferir na operação ou no sucesso das forças militares ou navais dos Estados Unidos, ou de promover o triunfo de seus

inimigos... Ou tentar provocar insubordinação, deslealdade, rebelião ou recusa ao dever, nas forças militares ou navais dos Estados Unidos, ou... obstruir propositalmente o serviço de recrutamento ou de alistamento".

Quando essa esplêndida anulação da Primeira Emenda tornou-se lei no mês anterior, em 15 de junho, Blaise recebeu um recado diretamente de William Randolph Hearst em Nova York segundo o qual essa lei era dirigida especificamente aos dois. "Faça alguma coisa", foi a recomendação do Chefe ao antigo discípulo.

Edith ergueu-se quando surgiu George Creel, um homem jovem aos quarenta anos, o chapéu de palha colocado bem para trás. Na presença da soberana o chapéu foi retirado. Edith fez as apresentações, depois declarou:

— Preciso ajudar o Presidente com os últimos relatórios do coronel House. Ah, que teia intrincada tecemos... — entouceu misteriosamente, e desapareceu no salão.

— Teia de quem? — Blaise perguntou, indicando ao rapaz que se sentasse.

Blaise ofereceu um charuto a Creel, que aceitou.

— Do coronel House — disse Creel, recolocando o chapéu. — Imagino que a Sra. Wilson considere que ele goza de demasiada liberdade na Europa.

Como isso era novidade para Blaise, ele fingiu tédio:

— Sempre pensei que ele fosse só um mensageiro, uma espécie de cortesão...

— Ela concordaria com o senhor a respeito do cortesão. — Como tantos jovens cheios de energia, novos na vida pública, George Creel não conseguia esconder qualquer coisa que pudesse demonstrar seu domínio dos negócios públicos. — Ela acha que ele concorda demais com o Presidente.

— Não concordam todos?

— Eu tento não concordar. Naturalmente estou neste trabalho há três meses somente...

— Qual é este trabalho?

Creel pareceu surpreso.

— Informação. Tentamos dar as boas notícias sobre o nosso lado e as más notícias sobre os boches. De certa maneira, é como a propaganda, embora o Presidente não aprecie esta palavra.

Blaise assentiu. Creel agora entrava em foco. Blaise esperava um presunçoso jornalista do Meio-Oeste; em vez disso, encontrava um presunçoso, publicitário, um criador de slogans, um homem perfeito para Hearst, se não para Blaise.

— Quem foi que decidiu acabar de uma vez com as entrevistas coletivas?

Creel desviou o olhar.

— Bem... Não vi razão para elas em tempo de guerra — disse (mentindo?). — Quero dizer, sim, nossas tropas estão na França agora e sim, elas

vão combater quando estiverem prontas, mas qual é o sentido em ter de não responder essa pergunta em todas as entrevistas? Afinal, ele não pode falar sobre a situação militar, e não quer falar sobre política partidária, então para que entrevista? A não ser quando se trata de alguém como o senhor, e em particular.

— O senhor tem poder para fechar um jornal ou prender um editor que possa simplesmente desaprovar o modo como a guerra está sendo conduzida...

— Este é o propósito da lei que o Congresso aprovou e que o Presidente tem que executar — disse Creel cautelosamente.

— Isso poderia significar a suspensão da liberdade de expressão?

— Em casos em que a segurança nacional o requer, sim. Mas não sou o czar. — Creel riu sem muita alegria. — Tenho que trabalhar com os secretários de Estado, da Guerra e da Marinha. Bem, o Sr. Lansing já declarou que não confia em mim porque sou socialista! De modo que depois de um único encontro com ele desisti do Departamento de Estado. Agora trabalho apenas com os outros dois. Sabe, já conversei com a sua irmã, a Sra. Sanford.

— Eu não sabia.

— O senador Day promoveu o encontro. Eu disse a ela que seria ótimo se ela trabalhasse *ex officio* no meu comitê.

— Para fazer o quê?

Blaise não se surpreendeu por Caroline não ter lhe contado, já que ela era sempre assim, mas surpreendeu-o que o censor e propagandista oficial do país estivesse interessado nela.

— Acho que as mulheres fazem toda a diferença. Veja os Bônus Liberty: o Sr. McAdoo vai conseguir seus dois bilhões de dólares, graças ao modo como vem utilizando gente do cinema como Mary Pickford e Charlie Chaplin para vender os bônus, e senhoras importantes de todo o país para organizar as vendas, mostrando que as mulheres, pelo menos essas mulheres, realmente acreditam na nossa democracia,

— E as sufragistas não acreditam, não é?

— Eu que o diga! — Creel soprou um enorme anel de fumaça na direção da costa de Maryland. — Elas solapam o quadro que quero pintar de nós como a primeira democracia do mundo, lutando por outras democracias em toda parte.

— Mas não é fácil pretendermos ser uma democracia se as mulheres não podem votar. — Blaise foi serenamente hipócrita: não aprovava o voto feminino, nem a democracia.

— Então graças a Deus por Mary Pickford! — exclamou Creel. — Pedi a Sra. Sanford para ir à Costa Oeste. A Hollywood. Para influenciar no cinema. Trabalho bastante bem com a Pathé News; aliás, com todas as companhias de noticiário cinematográfico. Mas a maioria delas fica no Leste. O problema é que não tenho uma pessoa lá, onde quase todos os filmes estão sendo feitos. De modo que, a Sra. Sanford disse que talvez pudesse ir até lá e ver o que poderia fazer

pela causa.

A velha competição entre meio-irmão e meia-irmã revivia agora:

— Que é que ela pode fazer, se não conhece o pessoal do cinema?

— Mas todos a conhecem. Conhecem o *Trib*. Isto é que importa. Além disso, ela conheceu Mary Pickford na mesma ocasião que eu, em Nova York, naquela campanha do Bônus Liberty em que os artistas angariaram um milhão de dólares em... quanto tempo mesmo? Uma hora.

— Então ela vai organizar campanhas de venda de bônus...

— Não, senhor. Ela, como minha representante, vai convencer Hollywood a fazer filmes pró-americanos, pró-Aliados...

— O que significa antialemães...

— Sim! — Os olhos de Creel brilhavam. — A plateia de cinema é a maior do mundo. De modo que, se conseguirmos influenciar o que Hollywood produz, poderemos controlar a opinião mundial. Hollywood é a chave de quase tudo.

O almoço com o Presidente foi uma espécie de anticlímax depois das revelações de Creel. Meia dúzia de parentes de Edith, todos chamados Bolling, e vários ajudantes-de-ordem da Marinha tomaram seus lugares sem qualquer disposição especial, enquanto o Presidente presidia num extremo da mesa e Edith no outro.

— Sente-se aqui — ela disse a Blaise.

O Presidente agora parecia em melhor estado de saúde e de espírito do que nas últimas ocasiões em que Blaise o vira.

— Acho que qualquer lugar é melhor que Washington — Wilson afirmou, e em seguida mostrou seu sorriso surpreendentemente simpático. — Para mim, o único prazer verdadeiro é saber que o Congresso estará em sessão durante o verão inteiro. — Olhou para Blaise. — E, graças ao senador Day, sem a Seção 23 para me importunar.

— Vamos beber vinho — disse Edith em voz baixa ao criado de bordo.

— Mas ninguém pode contar ao Sr. Daniels. — A audição de Wilson era ótima. — Na verdade, o Sr. Daniel está se tornando um sinal premonitório de humor. — Há pouco tempo ele estava a bordo de um navio de guerra, conversando com um almirante, quando o oficial do dia entrou para fazer seu relatório. O oficial ficou em posição de sentido e disse o de sempre: "Desejo declarar, senhor, que está tudo em segurança." Então o almirante virou-se para o superior dele, o secretário da Marinha, Sr. Daniels, que simplesmente o encarou, até que afinal percebeu que devia dizer alguma coisa. Então o Sr. Daniels deu um enorme sorriso e disse: "Ora, ora!" — Wilson imitou perfeitamente o forte sotaque sulino de Daniels. — "Mas isto é ótimo! Fico muito feliz em saber. Muito feliz."

As risadas foram genuínas. Blaise, que fora várias vezes ao teatro com o Presidente, tinha consciência do incongruente talento do grande homem como

comediante, mímico e sapateador exímio. Certa noite, quando namorava Edith, ele fora visto sapateando pela Avenida Pennsylvania, cantando uma canção de amor que falava em "linda boneca".

A linda boneca em pessoa serviu-se de lagosta e disse:

— Sabem, quando o Sr. Wilson era criança ele sempre quis ir para Annapolis. Tem grande afinidade com o mar, coisa que eu não tenho. No ano passado, quando pegamos um mar agitado na costa de Long Island, passei tão mal que fui pegar uma garrafa de conhaque no armário, exatamente quando uma onda atingiu o barco, e caí no chão, quero dizer, no convés. O Sr. Grayson me encontrou caída de costas, de rosto verde, com uma garrafa de conhaque apertada contra o peito.

— Uma visão rara — disse Blaise.

Ele gostava de ambos os Wilson, para sua própria surpresa, pois era um republicano que teria preferido Elihu Root como Presi-

dente, por ser um homem brilhante e altamente qualificado. Mas Wilson era simpaticamente inteligente; e seu primeiro mandato tivera um sucesso notável. Agora, como o mundo, ele estava em mares nunca navegados.

— É verdade que o senador Lodge disse que o Sr. Wilson é o segundo pior Presidente, depois de Buchanan?

— Ele nunca disse isto a mim.

Blaise foi cauteloso. A língua desenfreada de Lodge fizera Henry Adams gritar, à sua própria mesa: "Cabot, não permitirei palavras de traição na minha casa!". Edith, porém, foi branda:

— Se ele disse, vou começar a estudar a administração do Sr. Buchanan, que deve ter tido todo tipo de virtudes, se o senador Lodge realmente o odeia tanto assim.

Blaise observou mais uma vez que o Presidente jamais mencionava a política durante as refeições; observou também que um médico da Marinha, ajudante-de-ordens de Grayson, não tirava os olhos de Wilson, cuja dispepsia crônica já o ameaçara de invalidez.

No extremo da mesa onde estava Edith, com um irmão à esquerda e Blaise à direita, ela podia distrair-se enquanto o Presidente contava piadas de irlandês, do tipo Pat-disse-a-Mike, para grande divertimento de George Creel.

— É uma pena isso do coronel Roosevelt, que deveria ser mais amigável, já que ele e o Sr. Wilson têm tanto em comum...

— Inclusive o emprego.

— É uma guerra. Embora esta vá ser bem mais terrível do que aquela guerrinha contra a Espanha. Porém eles parecem estar sempre se desentendendo.

— São rivais. Só isso — disse Blaise. E jogou verde: — É bem certo que o coronel será o candidato Republicano em 1920. Contra o Sr. Wilson, imagino.

— Acha mesmo que o Sr. Wilson vai concorrer de novo?

Os olhos pequeninos de Edith tomaram um súbito ar travesso, e Blaise perguntou-se se ela sabia. Aliás, se o próprio Wilson sabia.

— Por que não? Ele terá vencido a guerra.

— Mas o general Pershing ficará com as honras, e as pessoas sempre elegem os generais, quando podem. Mas nunca admirantes. Não sei por quê.

— Podem abrir uma exceção para Josephus Daniels.

Edith riu. Blaise soltou-a de seu anzol investigador. O Presidente por certo parecia preparado para um terceiro mandato; e suficientemente vaidoso, também. Apesar de todo o encanto e os belos modos de Wilson, ele ainda era uma estranha combinação de professor universitário desacostumado a ser contestado num mundo que ele considerava a sua sala de aula e de pastor presbiteriano incapaz de questionar a verdade divina que o inspirava em todas as horas.

Depois do almoço o Presidente decidiu fazer uma caminhada, e o capitão atracou numa pequena ilha na Baía de Chesapeake com o exótico nome de Tangier. Blaise e Creel acompanharam duas damas Bolling.

A cidade propriamente dita eram duas ruas paralelas com casas de madeira recém-pintadas, como se fossem brinquedos de crianças, bloquinhos brancos dispostos lado a lado. No fundo de cada uma havia um jardim, e na frente, soturnamente, o cemitério da família.

— Não havia pessoa alguma à vista quando os Wilson, precedendo os outros, desceram a primeira rua, o homem do Serviço Secreto olhando nervosamente à direita e à esquerda: estariam caminhando para uma emboscada? Até mesmo Blaise começou a ficar nervoso, ao passo que Creel admitiu diretamente:

— Alguma coisa está errada. A tinta daquela casa ali está fresca. Ela ainda está sendo pintada, mas não há ninguém à vista.

— Espiões? — Blaise não conseguiu resistir.

— Ou pior. — Creel estava carrancudo.

Uma das damas Bolling disse:

— Ora, afinal é uma aldeia de pescadores. Então imagino que estejam todos pescando.

— As mulheres também? — Creel sobressaltou-se quando um gato (marrom) atravessou seu caminho.

— Os gatos ficaram. — Blaise olhou para o Presidente, que estava parado, perplexo, no meio da rua.

— Nem carros, nem charretes — começou Creel.

— Não é permitido — explicou o capitão do barco, que se juntara a eles.

— Este é o encanto do lugar. Embora seja um mistério para mim onde está toda a gente.

Blaise dirigiu-se para a frente do cortejo presidencial, juntando-se ao Sr. Starling do Serviço Secreto.

— Finalmente alguém — fez Edith atrás deles. — Ali na calçada, o velho com a criança.

A sombra de um salgueiro estava sentado um senhor de idade, segurando no colo um garotinho.

— Boa tarde, meu senhor — disse Edith,

— Belo dia — fez o Presidente.

E de mãos dadas atravessaram a rua em direção ao velho. Com simpatia cheia de suspeita Starling cumprimentou:

— Oi, vovô.

— Escute, moço. — O velho estava igualmente cheio de suspeita, mas de modo algum simpático. — Quem é aquele homem lá com a mulher dele?

— Ora, é o Sr. Wilson. O Presidente dos Estados Unidos.

— Não é uma trama como da última vez?

— Última vez? Uma trama...?

— É ele mesmo, o Presidente?

— Você está me apertando — choramingou o garoto.

O velho deixou-o cair na poeira e ergueu-se.

— Pensamos que vocês eram os alemães vindo tomar Tangier como os ingleses fizeram em 1812. Saiam! — berrou.

E as ruas começaram a encher-se da boa gente de Tangier.

— Acho que temos que chamá-los de tangerinos — disse Creel, jornalisticamente emocionado por tanto interesse humano.

Blaise de repente lembrou-se do nome de Creel de muito tempo antes.

— Você trabalhou para o Chefe, no *Journal* em Nova York.

— Isto mesmo. Queria ver se você se lembraria de mim. Depois me regenerei e fui para Kansas, e de lá para o *Rocky Mountain News*. Mas sou eternamente cria de Hearst.

— Eu também — disse Blaise. — Isso deixa marca.

Então aproximaram-se do Presidente, que achou por bem dirigir-se não apenas a seus eleitores ilhéus mas também ao grupo do iate.

— Tangier é o lugar lógico de onde se pode atacar Baltimore por mar. De modo que a esquadra britânica chegou aqui há 105 anos e dominou a ilha. Mas o pároco local, um certo Joshua Thomas, disse-lhes que eles não conseguiriam tomar Baltimore porque o Senhor dos Exércitos não estava com eles; aconteceu que não estava mesmo, naquela ocasião, e, eu lhes juro — o tom coloquial de Woodrow Wilson transformara-se na voz mágica do grande sedutor da imaginação, que invocava o espírito superior, a própria essência da república virtuosa que ele fora escolhido para personificar — que o Senhor dos Exércitos não está com os alemães agora, e nunca estará, enquanto formos leais ao

grandioso pacto que fizemos com o espírito de toda a humanidade quando nos tornamos independentes do Velho Mundo com suas intrigas e desigualdades, e todos nós como

uni só, e *pluribus unum*, criamos uma liberdade para todos que era realmente algo novo sob o sol.

É como uma torneira, pensou Blaise, que esses oradores conseguem abrir e fechar quando querem. Será que chegavam a ouvir a si mesmos? Ou eram simples condutores de um tipo de energia de massa à qual estavam ligados de um modo misterioso, capazes de articular instintivamente as emoções dos mudos e dos muitos?

— E com isto já temos sermão suficiente para qualquer tarde de domingo em Tangier — terminou Woodrow Wilson, fechando a torneira.

O Presidente foi entusiasticamente aplaudido.

TRÊS

1

Amarrada aos trilhos do trem, o sol queimando-lhe o rosto, Caroline ouviu o som sinistro de uma locomotiva a vapor que se aproximava. Uma voz masculina instruiu:

— Faça cara de medo.

— Eu estou mesmo com medo.

— Não fale. Olhe mais para a esquerda.

— Mas, Chefe, há sombras demais no rosto dela. Não se vêem os olhos.

— Olhe para a frente.

A locomotiva, que se movia lentamente, já estava a um metro dela. Ela a via pelo canto do olho direito. O maquinista olhava para ela, a mão no... no quê? No freio, ela esperava. Uma pedra machucava-lhe as costas, e ela sentiu vontade de gritar.

— Grite! — berrou William Randolph Hearst.

E Caroline obedeceu. Enquanto ela enchia o ar com seus gritos aterrorizados, um homem a cavalo aproximou-se da locomotiva e saltou para dentro da cabine, onde puxou uma corda, liberando grande quantidade de vapor malcheiroso. O trem parou derrapando e ele correu para Caroline, ajoelhando-se ao lado dela.

— Corte! — ordenou o Chefe. — Fique onde está, Sra. Sanford.

— Não tenho escolha — disse Caroline.

O rapaz suado — um vaqueiro da fazenda de Hearst — sorriu para ela de modo tranquilizador.

— Não vai demorar, dona — explicou. — Ele tem que mudar a câmara para poder filmar bem de perto quando eu desamarrar a senhora.

— Por que ele não mostra um cartão na tela, informando que duas semanas depois do salvamento de Lady Belinda ela estava de novo em casa, em Londres, tomando chá? Acho que sei fazer isso muito bem.

Hearst estava agora de pé acima dela, o corpo grandalhão misericordiosamente tapando o sol.

— Foi fantástico. De verdade — ele disse. — Joe está trazendo a câmera. Não vai levar um minuto. Não sabia que você era uma profissional...

— Nem eu — respondeu Caroline.

— Na realidade, nada é mais fácil que fazer filmes — interpôs Millicent Hearst, que Caroline conhecia desde que ela era a parceira mais jovem de uma dupla de irmãs no teatro musical. — Ou você fica bonita na tela ou não fica. Se fica, eles vão adorar você. Se não fica, pode representar até ficar seca e nada vai acontecer.

— Você certamente faz muito efeito na tela.

Caroline falava com entusiasmo, ainda deitada de costas, com o empoeirado vaqueiro a um lado, ao passo que no outro lado o Sr. e a Sra. Hearst contemplavam-na de cima, observando as boas maneiras com um fluxo de conversação.

— Se Millicent não fosse tão velha, eu faria dela uma estrela — afirmou Hearst com sua falta de tato e sua bondade costumeiras.

— Não sou tão mais velha que Mary Pickford. — O sotaque de Millicent nunca saíra do bairro irlandês de Nova York. — Mas representar é muito chato, e os horários, você não acreditaria!

— Acreditaria, sim. Aliás, uma hora já passou depois que me amarraram — disse Caroline.

— Estamos prontos — avisou Joe Hubbell, que manejava a câmera, fora da visão de Caroline.

— Certo. Vamos começar.

Os Hearst se afastaram. O vaqueiro e Caroline esperaram pacientemente que lhes fosse dito o que fazer. Caroline tornou a admirar o instinto de Hearst, que agora o levava ao mais excitante de todos os brinquedos que seu país inventara até então. Assim como inventara a "imprensa amarela", que fazia a realidade refletir não a si mesma mas à versão de Hearst, ele agora mergulhava no cinema, tanto como amator — como nesse filme — quanto como profissional, como *Os perigos de Pauline*, produzido por ele, o seriado de maior sucesso em 1913. Agora, passando o verão em San Simeon, uma fazenda de 250 mil acres ao norte de Hollywood, o Chefe divertia-se com um longa-metragem no qual ele galantemente entregara o papel principal à sua convidada, Caroline, que era muitos anos mais velha que Millicent e de modo algum possuía sua beleza convencional. Depois que aceitou o convite de George Creel para ser a emissária do governo junto à indústria cinematográfica, ela iniciara seu trabalho com uma

visita ao velho amigo Hearst, que desaprovava a guerra de modo geral e Wilson em particular. No entanto, era um anfitrião generoso, para não mencionar um diretor metucioso.

Uma hora depois, Caroline, não mais Lady Belinda, foi solta dos trilhos pelo vaqueiro, a quem lhe ordenaram beijar na boca. Ele enrubescou furiosamente, e ela ficou intrigada ao descobrir que os lábios de um rapaz podiam ser tão macios — não que ela tivesse muita experiência com rapazes ou com homens mais velhos; percebeu também que ele recendia a suor de cavalo.

Caroline e-sua criada, Héloise, dividiam uma barraca perto da casa de madeira dos Hearst no topo do Monte Camp. Como havia sempre uma dúzia de hóspedes, além de um exército de empregados, jardineiros, vaqueiros, a colina era agora uma cidade de barracas provisórias em volta da ampla casa de madeira, que eram erguidas no verão e desmontadas no inverno.

— É aqui, bem aqui, vou construir um castelo — declarou Hearst. — Exatamente como o que você e Blaise possuem em Saint-Cloud-le-Duc.

Estavam sentados na sala de estar principal do Chefe, com suas traves rústicas e paredes de pinheiro onde estava pendurada talvez a maior coleção de pintores clássicos falsificados que qualquer milionário americano conseguiria juntar. Mas dizia-se de Hearst que, depois de trinta anos de comprar arte no atacado, ele sempre sabia distinguir uma boa falsificação de uma ruim; e das falsificações ele invariavelmente escolhia aquelas de melhor qualidade técnica. Dizia-se que Duveen, o comerciante de arte, comentara a seu respeito. "Ele tem um excelente olho escroque."

Enquanto Caroline bebia xerez, Hearst postou-se junto a uma mesa redonda sobre a qual estava colocado algo que parecia um bolo de casamento coberto de veludo. Como um toureiro, ele retirou o veludo, revelando uma maquete de um castelo com duas torres, tudo meticulosamente detalhado em gesso.

— É isto que vou construir aqui — afirmou.

Caroline foi discreta:

— Nunca vi algo assim.

— Pelo menos na Califórnia. Estou ansioso para começar.

George Thompson, mordomo de Hearst havia vinte anos, era agora redondo como uma coruja e rosado como um porquinho; por mais de vinte anos ele aparecera à mesma hora com uma Coca-Cola numa caneca com enfeites de prata para o Chefe; e agora xerez para Caroline.

— Boa noite, Sra. Sanford.

Ela sorriu para ele. Afinal, foi George quem encorajou o Chefe a fazer amizade com pessoas da moda, como ela, em acréscimo à preferência do Chefe, políticos e gente de teatro, ao passo que a simpática Millicent costumava manter distância dos amigos do marido. Ela preferia Nova York à Califórnia; ser

mãe a ser grã-fina; a respeitabilidade à fama de Hearst; a severidade católica à tolerância protestante. Dizia-se que ela sabia muito bem ter sido substituída nas afeições do Chefe por uma corista de vinte ou 17 anos; se essa última hipótese fosse verdadeira, ela tinha a mesma idade de Millicent quando esta e a irmã, dançarinas, deixaram o palco do Herald Square Theater, onde eram duas das muitas donzelas da peça *A garota de Paris*, e penetraram no grande coração de Hearst. Agora a história repetia-se com a Srta. Marion Davies, filha de um político do Brooklyn chamado Bernard Douras. Blaise aprovava o artigo do *Tribune* sobre o romance, que Caroline lera com prazer e prontamente vetara, invocando Uma Questão de Bom Gosto, algo muito importante para o *Tribune*, o jornal de Washington favorito do Presidente nessa época de guerra, agora que o *Post* de Ned McLean era conhecido como "a circular da corte". Na realidade, o Presidente, que amava o teatro musical, provavelmente teria gostado muito do artigo — altamente sugestivo, porém jamais inteiramente calunioso — a respeito da jovem corista por quem o cinquentão Hearst havia, se não deixado a esposa, abandonado-a aos rigores da respeitabilidade doméstica enquanto acompanhava suas coristas, sem cigarros, álcool ou palavrões, pela vida noturna de Nova York, apenas levemente prejudicada em razão da guerra. A Srta. Davies deixara o colégio de freiras — sempre um colégio de freiras, Blaise decretara — quando ainda menina, para juntar-se ao corpo de dança de *Chuchin chow; oh, boy!* e agora sua apoteose no *Ziegfeld follies* de 1917. Em San Simeon cochichava-se que quando a senhora partisse, a senhorita chegaria. Mas Hearst silenciava a respeito de assuntos pessoais; e Millicent parecia tranquila.

— Então George Creel quer que você organize a indústria do cinema. — Hearst sentou-se num trono defronte a Caroline, enquanto George acendia os lampiões a querosene. A eletricidade em

San Simeon era gerada lá mesmo e não se podia confiar nela. — Histórias de boches estuprando freiras belgas?

— Com certeza os seus jornais já nos contaram tudo que queremos ouvir sobre este assunto. — Caroline estava calma, relaxada pelo xerez. — Pensei, talvez, em boches estuprados por freiras belgas, para encorajar as mulheres a resistirem à fera.

Hearst sequer sorriu.

— Sempre afirmei que jornalista era você, não Blaise.

— Bom, realmente comprei o *Tribune*, e tornei-o popular copiando fielmente o seu *Journal*.

— Não. Você tem um jornal melhor. Uma cidade melhor, também. Principalmente agora. Estou pensando... Sabe, Creel trabalhou para mim no *Journal*. Ambicioso. Cinema.

Hearst fixou o olhar num Mantegna cuja moldura de madeira exibia buracos de cupim em apenas um dos lados; graças à costumeira pressa de

Hearst, o falsificador não tivera tempo para furar os buracos no resto da moldura.

— Acho que o cinema é a resposta — acrescentou.

— A quê?

— Ao mundo. — Os olhos de águia de Hearst fixaram-se em Caroline; os cabelos que tinham sido louros quando ambos se conheceram eram agora grisalhos. — Sempre achei que seria a imprensa. Tão fácil de imprimir, tão fácil de transmitir pelo telégrafo. Mas há o problema da linguagem. Quando Jamie Bennett acaba de roubar os nossos artigos para o seu *Paris Herald*, as novidades já são antiguidades. A beleza dos filmes é que eles não falam. Só alguns cartões em línguas diferentes dizendo o que está acontecendo, o que estão dizendo. Todos na China assistem *Os perigos de Pauline*, mas não conseguem ler meus jornais.

— Você vai entrar?

Hearst assentiu.

— Faço por divertimento, isso que fizemos hoje. Apesar de que, se ficar bom, vou distribuir. Tenho minha própria empresa. Você se importa?

— Eu adoraria, é claro.

De todas as profissões que Caroline fantasiara para si mesma, a de atriz não era uma delas. Quando garota, fora levada pelo pai ao camarim de Sarah Bernhardt; e o suor, a sujeira, o terror impressionaram-na de um modo que o esplendor que o público via pela frente do palco não a tinha impressionado. Quanto a representar nos filmes, Millicent — antiga corista — tinha compreendido muito bem: ou a câmera favorecia a pessoa, ou não favorecia. Aos quarenta anos, Caroline imaginava que teria exatamente essa aparência; afinal, não havia, pelo menos oficialmente, estrelas com quarenta anos. Ela própria interessava-se apenas pelo aspecto financeiro dos filmes; além disso, fora encarregada de estudar as possibilidades, para fins de propaganda, dessa inesperada novidade popular. Só depois que Charlie Chaplin e Douglas Fairbanks lançaram-se no mercado vendendo Bônus Liberty a seus milhões de fãs foi que o Governo percebeu o poder dos inventores de Hollywood; e Creel concordara.

Mas Hearst, como sempre, foi diferente:

— Empresas distribuidoras, cadeias de cinemas, isso é que importa. O resto é um pouco como o teatro: uma aposta. Com a diferença de que é quase impossível perder dinheiro num filme, a não ser que alguém como aquele diretor, como é mesmo o nome dele, as duas garotas, as iniciais...?

— D. W. Griffith. — Caroline conhecia todos os nomes, de seu próprio jornal.

— Resolve querer fazer o maior filme do mundo gastando a maior quantia de dinheiro, construindo coisas como a Babilônia inteira. Ouvi dizer que ele está falido. E que a Triangle está à venda. Fiz uma oferta. Mas Zukor e Lasky têm mais dinheiro que eu; quero dizer, à mão. Este negócio é como uma cornucópia,

como o Alasca em 49. Um milhão de dólares só para Mary Pickford. Incrível. O único perigo são esses tipos como o Griffith. Fanzocas que começam a pensar alto quando alguém lhes dá uma câmera para brincar. Apesar de que... — os lábios finos abriram-se num sorriso - é a coisa mais divertida que há, fazer um filme. Parece um jogo de armar, o modo como vamos mudando as peças de lugar. Parece a diagramação de um jornal, o modo como vamos mudando os blocos de lugar. Mas sem prazo marcado, como o jornal. Pode-se ficar mudando até estar tudo no lugar certo. Eles chamam a essa parte "edição", assim como nós. Mas depois ele não fica ali morto na página; ele se move...

— Vamos vender nossos jornais e mudar para a Califórnia!

— Caroline sempre se entusiasmava facilmente com Hearst.

— Se eu fosse mais jovem, iria. Mas — Hearst franziu a testa — há Nova York

— É verdade. Nós não apoiamos você para prefeito nas eleições do outono?

O rosto de Hearst ficou inexpressivo.

— O *Tribune*, acredito que por ordem de Wilson, disse-me para eu cuidar de meus jornais e apoiar John Purroy Mitchel, aquele caso perdido.

Caroline arregalou os olhos, toda inocência:

— Deve ter sido o nosso novo editorialista...

— Foi o meu velho amigo Blaise. Você deve ter perdido esse número. De qualquer maneira, posso contar com Murphy. E com Tammany Hall. De modo que se eu vencer...

— Será o candidato democrata à presidência em 1920.

— E Presidente em 1921, quando tomar posse. Já estava na hora, não acha?

Caroline jamais compreendera a ambição de Hearst, além de suspeitar que ela nada mais fosse que pura energia. Comentou:

— Nunca vi uma eleição com tantos candidatos tão cedo, e tão... tão à vontade.

— Não há de que se envergonhar. — Ele bochechou ruidosamente com a Coca-Cola. — As pessoas não gostam de terceiros mandatos. E também não gostam de Wilson. Roosevelt é um espoliador, e um caco velho, e as pessoas estão cansadas dele. McAdoo...

Ele parou de falar.

— James Burden Day? — Caroline lealmente citou aquele nome que não interessava a Hearst. — Champ Clark? — O presidente da Câmara era o líder dos bryanistas e já estava em ação. — E esses são apenas os democratas...

— Os republicanos vão indicar Roosevelt, que está perdido, ou Leonard Wood, que posso liquidar com um pé nas costas. Ele é general — Hearst acrescentou com desdém.

— Persing também é, e quando venceremos...

— Não haverá general algum na eleição. Lembre-se do que eu lhe digo. Esta guerra é grande demais. O homem comum odeia oficiais, principalmente os de West Point. Todos os homens que fizeram o serviço militar vão querer vingar-se daqueles que os maltrataram.

— Por que isso não ocorreu nas outras guerras?

— Bem, ocorreu na minha pequena guerra contra a Espanha. Não estou incluindo Roosevelt, que já era político quando subiu aquela colina com os meus melhores repórteres fazendo a cobertura. O verdadeiro candidato da guerra, naquela ocasião, deveria ter sido Dewey. Dewey de Manila. Dewey, o herói conquistador. Que foi que aconteceu então? Nada.

— Ele era burro.

— Isto não costuma ser uma desvantagem. De qualquer maneira, desta vez uma coisa chamada serviço seletivo vai expulsar os militares. Esses garotos não são voluntários nesta guerra. Estão sendo aprisionados e obrigados a lutar ao lado de povos que detestam, como os ingleses, ou contra seu próprio povo.

— Está falando dos seus eleitores irlandeses e alemães?

— Isso mesmo. Ou, se forem americanos comuns, quando chegarem à Europa não saberão onde estão ou por que têm que ter raiva de uma coisa chamada "o kaiser". Isso significa que quando voltarem, se voltarem, vão culpar Wilson e seus oficiais. Sabe, você devia colocar algumas bandeiras na primeira página. Existe agora um novo processo de cor. Um bom vermelho. Um azul razoável. Fica bonito e alegre. Patriótico. As pessoas gostam.

Caroline sempre considerara Hearst um gênio imbecil; ou um sábio idiota; ou algo simplesmente incalculável pelos padrões normais de inteligência. No entanto, não havia como ignorar a precisão e a competência de seus instintos, inclusive suas incursões ocasionais ao socialismo. Recentemente convencera Tammany Hall da necessidade do monopólio municipal dos serviços públicos. Se uma coisa dessas passasse e se Hearst se elesse Presidente, o Senado inteiro, no dia da posse, cairia sobre ele e o derrubaria, como a César, em nome dos sagrados encargos que tinham financiado suas togas.

Vinte pessoas sentaram-se para jantar numa sala comprida, de madeira, com tapeçarias Aubusson nas paredes. Sobre a mesa, enormes candelabros de cristal alternavam-se com frascos de ketchup e molho inglês. Caroline sentava-se à direita do Chefe, em deferência à sua elevada posição de colega na imprensa. À direita de Caroline, a pedido dela própria, sentava-se Timothy X. Farrell, o bem-sucedido diretor de dez — ou seriam vinte? — filmes nos dois últimos anos. Farrell viera visitar Hearst por causa de negócios secretos, que Caroline logo descobriu serem relacionados a uma carreira cinematográfica para Marion Davies e uma nova empresa produtora para Hearst, que acabava de adquirir, como contara em tom casual a Caroline, a Pathé Company de seus proprietários

franceses, premidos pela guerra.

Farrell era magro e moreno, mais perto dos trinta que dos quarenta anos; falava com um sotaque irlandês de Boston; estava em Holy Cross quando recebera o convite para fazer filmes em Flushing, Nova York. Mudara-se para Santa Mônica, na Califórnia, onde trabalhara como carpinteiro e ajudante de Thomas Ince. Agora era um diretor de sucesso, famoso por seu jogo de luz. Caroline estava num novo mundo, de novo jargão, não muito diferente do jornalismo — embora também não muito parecido. Farrell estava comoventemente ansioso para fazer-filmes que elogiassem os Estados Unidos, a liberdade e a democracia, atacando, naturalmente, os boches bestiais, a monarquia e o mais recente horror, o bolchevismo, agora emergindo das ruínas da Rússia czarista e intimamente ligado, segundo Creel, a vários sindicatos trabalhistas americanos, principalmente aqueles que procuravam reduzir a jornada de trabalho de 12 para oito horas.

— Precisamos é de uma história — declarou Farrell. — Não se pode sair filmando, como faz o Chefe. Ele é antiquado. Acha *Os perigos de Pauline* a maior novidade em filmes. Mas não é. Aquele seriado tem quatro anos de idade. Quatro anos no cinema é como um século. Tudo agora é diferente. A plateia não vai gastar seus dólares, nem mesmo seus níqueis, para ver qualquer coisa que se movimente numa tela. Mas pagam até dois dólares por uma história de verdade, um espetáculo de verdade. Griffith mudou tudo.

— Você também — Caroline lembrou-se de lisonjear. Um diretor de cinema não era diferente de um senador.

— Bem, tive sorte no ano passado. *Missy Drugget* teve a maior renda bruta de qualquer filme o ano inteiro, nos Estados Unidos. — Farrell franziu a testa. — É outro problema desta guerra. Nossos distribuidores de além-mar, todos vigaristas, agora com a guerra vão poder nos roubar realmente, e roubam. Goldstein ia fazer alguma coisa a respeito disso. Mas agora acho que ele vai para a prisão.

— Quem é Goldstein, e por que prisão?

— *O espírito de 76*, lembra-se? Sobre a Revolução Americana. Foi lançado no final de maio, antes de entrarmos na guerra. Bem, seus amigos de Washington acharam — parecia não haver sarcasmo na voz naturalmente intensa de Farrell — que qualquer menção à nossa revolução era um insulto à nossa aliada, a Inglaterra. Sabe, pode confundir nossa gente simples saber que certa vez tivemos essa guerra contra a Inglaterra para podermos ser um país livre. De qualquer maneira, sob uma das novas leis, o governo indiciou Bob Goldstein, o produtor, e dizem que ele vai pegar dez anos de prisão.

— Só por fazer um filme sobre como nos tornamos um país livre?

Farrell não parecia usar de ironia, mas seu tom era áspero:

— Livre para colocar qualquer um na cadeia. Realmente.

— Por que a imprensa não noticiou isso?

— Pergunte ao Sr. Hearst. Pergunte a si mesma. — Os olhos eram de um azul gelado, com pestanas e sobrancelhas negras.

— Qual é a acusação exata contra Goldstein?

— Não sei. Mas está preyista na... qual é o nome? Na Lei de Espionagem, que nem existia quando fizemos o filme.

— O filme é seu também?

Farrell enrubesceu.

— É. Meu também. Fiz a iluminação e o trabalho de câmara, como favor. Mas eles não perseguem a arraia-miúda. Agora estou trabalhando com a Triangle. Foi o grupo com que o Sr. Ince fez *Civilização*. Ele é amigo do Sr. Hearst, e acho que é por isso que estou aqui.

— O Sr. Ince vai ser preso também?

Caroline lembrava-se de que *Civilização*, de Ince, era um filme pacifista. Como Hearst não apenas era contra a guerra, mas também considerado pró-Alemanha, Caroline suspeitava de uma ligação entre os filmes anti-guerra de alguns dos melhores diretores e o próprio Hearst. Aliás, Hearst era tão anti-Aliados que os governos da Inglaterra e da França negaram a seus jornais a utilização de seus cabos internacionais. Num ataque de histeria o Canadá banira todos os jornais de Hearst, e o canadense que fosse pego lendo mesmo os quadrinhos seria aprisionado por cinco anos.

— Duvido. Ele tem ligações. Conhece o Presidente. Mas aposto que preferia ter ficado com os faroestes.

Depois do jantar, Hearst levou-os para uma barraca que servia de sala de exibição e ali exibiu-lhes um faroeste de sua própria autoria, *Romance no rancho*. O herói era Hearst, parecendo mais corpulento que a sua gigantesca montaria; a heroína era Millicent, que ficou sentada ao lado de Caroline durante a exibição queixando-se amargamente de sua aparência.

— Pareço um pequinês. É horrível a pessoa se ver assim...

— Nunca tive esta experiência — disse Caroline.

Ela se sentia atraída pelo cinema não como uma arte, uma versão ou como quer que se quisesse chamar aquela forma tão coletiva e vulgar de contar uma história, mas sim como um meio de preservar o tempo, aprisionar o efêmero e o fugaz — aqui está, agora já se foi, passou, desapareceu para sempre. Millicent agora estava sentada a seu lado, o rosto iluminado pela luz pulsante na tela, ao mesmo tempo que na tela via-se Millicent semanas antes — ou em qualquer momento, preservada, para sempre imutável.

Quando os aplausos para *Romance no rancho* cessaram, Hearst levantou-se e fez uma reverência zombeteira, dizendo:

— Escrevi os cartões com as legendas, também. Não podia ser mais fácil. Exatamente como legendas de fotos. — Olhou para Caroline. — Agora vamos

ver algo que ainda está sendo feito. Um faroeste épico.

As luzes apagaram-se. Um raio de luz do projetor atingiu a tela, que subitamente iluminou-se com a imagem do trem-para-toda-obra de Hearst parando de repente. Caroline reconheceu o vaqueiro suado com quem ela trabalhara naquele dia. Ele obviamente era muito utilizado nos filmes caseiros de Hearst. Ela ficou impressionada com o modo como o rosto dele, um tanto grosseiro na vida real, tornara-se belo na tela. Percebeu, também, que as sobrancelhas dele cresciam em linha reta, como as de um antigo atleta de Minos.

Houve um murmúrio na barraca quando uma mulher magra desceu do trem. Ela foi recebida pelo vaqueiro, chapéu na mão, a quem um carregador entregou a mala. A câmera estava agora muito perto do rosto da mulher: um bico-de-viúva e uma covinha no queixo realçavam a simetria das feições; as maçãs altas criavam sombras lisonjeiras sob os olhos grandes. A mulher sorriu lentamente. Houve um suspiro na plateia.

— Minha nossa! — exclamou Millicent, agora toda irlandesa de Hell's Kitchen. — Você está um estouro!

— Não acredito!

E Caroline não acreditava mesmo. Na tela, um cartão dizia: "Bem-vinda a Dodge City, Lady Belinda."

Então o vaqueiro e Lady Belinda dirigiram-se para uma charrete que esperava; e Caroline olhava fixamente para si mesma, hipnotizada. Aquela, porém, não era mais ela. Aquela era ela de duas semanas antes, portanto duas semanas mais nova do que agora. No entanto, ali estava, com quarenta anos, para sempre; examinou a tela em busca de rugas e encontrou-as apenas na borda dos olhos. A maquiagem podia esconder o pior, pensou automaticamente. Então, enquanto sorria aquilo que sempre julgara ser o seu sorriso mais visivelmente falso, geralmente, produzido em honra de um dignitário estrangeiro ou o Presidente do momento, ela percebeu que Lady Belinda — considerava a mulher da tela como sendo inteiramente uma terceira pessoa — parecia fascinante e fascinada, e as únicas rugas discerníveis à brilhante luz do sol eram dois delicados parênteses nos cantos da boca. O filme incompleto durou vinte minutos.

Quando as luzes se acenderam, Caroline foi aplaudida de pé, por iniciativa de Hearst.

— Temos uma nova estrela — ele declarou.

Soava exatamente como um artigo de Hearst na página de lazer do *Journal*, onde pelo menos meia dúzia de vezes por ano uma corista subia ao palco no lugar de uma estrela impossibilitada, "iempre triunfava e tornava-se a Musa da Cidade.

Arthur Brisbane, o principal editor de Hearst, apertou a mão de Caroline com ar grave.

— Mesmo sem olhos azuis você domina a tela. — Brisbane era famoso por sua teoria de que todos os grandes homens, e presumivelmente as grandes mulheres também, tinham olhos azuis.

— Talvez no sol meus olhos desbotem para azul.

Caroline dirigiu-lhe seu sorriso fascinante e sentiu-se como uma pessoa possuída. Ela era duas pessoas: uma que existia ali na tela, uma figura do passado mas agora e para sempre imutável, enquanto a outra estava parada no centro de uma barraca abafada, envelhecendo rapidamente a cada batida finita do coração, inteiramente no tempo presente, sendo parabenizada.

— É uma pena que você não seja mais jovem — disse a implacável Millicent. — Poderia realmente fazer sucesso no cinema.

— Ainda bem que não desejo isso, e posso aproveitar minha meia-idade.

O câmara, Joe Hubbell, aproximou-se dela.

— Na verdade a ideia de montar o filme assim foi minha. Para que a senhorita pudesse vê-lo.

Hearst assentiu.

— Temos que agradecer a Joe. Nunca olho pela lente da câmara e nunca vejo os copiões. Então, quando Joe insistia em que a Sra. Sanford era realmente espetacular, achei que ele estava apenas sendo simpático com uma hóspede.

— Estava mesmo — disse Caroline. — Está.

Ela se sentia inteiramente perplexa e assustada, como um silvícola que acredita que uma fotografia pode roubar sua alma.

Depois que a maioria dos hóspedes retirou-se para suas barracas, Caroline e uns poucos escolhidos voltaram para a casa de madeira de Hearst, onde George serviu Coca-Cola e Caroline conversou com Farrell sobre a utilidade do cinema para fins de propaganda.

— Acho que a senhora, ou o Sr. Creel, não precisarão fazer muita pressão. Todos em Hollywood estão fazendo a mesma coisa, principalmente agora que estamos na guerra e pode-se ir para a prisão por criticar a Inglaterra ou a França ou...

— O nosso governo. Para tornar o mundo um lugar seguro para a democracia — Caroline parodiava a si mesma como editorialista — temos que extinguir a liberdade em casa.

— É mais ou menos isto. — Farrell lançou-lhe um olhar perspicaz. — Pessoalmente, não vejo muita diferença entre os boches e a Lei de Espionagem.

— Você é irlandês e odeia a Inglaterra, e queria que tivéssemos ficado de fora. — Caroline foi direta.

— Sim. Mas como não quero ir fazer companhia a Bob Goldstein no xadrez, farei filmes patrióticos sobre os galantes pracinhas, ou como quer que chamemos nossos soldados.

Caroline olhou para Hearst do outro lado da sala. Ele estava conversando

com alguns editores de vários jornais de sua propriedade; ou melhor, os editores, liderados por Brisbane, conversavam enquanto o Chefe escutava enigmaticamente. Pela primeira vez em sua vida Caroline teve consciência de um perigo real. Alguma coisa estava mudando em sua república livre e tranquila — em certos casos tranquila demais. Embora ela e Blaise tivessem contribuído para o espírito belicoso — o *Tribune* foi o primeiro a favor da guerra ao lado dos Aliados —, ela não pensara nas consequências daquilo que ajudara a criar. Aprendera com Hearst que a verdade era o único critério pelo qual um artigo podia ser julgado, mas ao mesmo tempo não duvidava de que, enquanto o seu *Tribune* dava destaque a atrocidades reais ou fictícias cometidas pelos alemães, os vários jornais de Hearst estariam defendendo sentimentos pró-germânicos. Cada um deles criava "fatos" com o fim de venderem jornais; além disso, cada um deles tinha uma opinião formada que só se satisfazia quando era impressa. Mas a de Hearst agora emudecera. A grande democracia decretara que só se podia ter uma única opinião de uma guerra imensamente complexa; caso contrário, a prisão estava pronta para receber aqueles que decidiam não se curvar à ordem do governo, que, por sua vez, refletia um espasmo de histeria nacional que ela e os outros editores tinham tão oportunisticamente criado, com o apoio maior que o costumeiro por parte de demagogos políticos de seu próprio país e propagandistas pagos pelo estrangeiro. Agora o governo convidara Caroline para fazer com que o cinema criasse fundamentos lógicos cada vez mais simplistas, para aquilo que secretamente ela, apesar de seu favoritismo francês, viera a considerar uma guerra sem sentido. No entanto, ficara atônita ao descobrir que alguém tinha realmente sido preso por fazer um filme. Onde ficava a tão venerada Constituição nisso tudo? Ou nunca fora mais que um documento a ser usado pelos dirigentes do país quando lhes convinha, e fora isso ignorado?

— O seu amigo Sr. Goldstein vai ao Supremo Tribunal?

— Acho que ele não tem dinheiro para isso. De qualquer maneira estamos em guerra, de modo que não existe liberdade de expressão. Não que sempre tenha havido muita.

— O senhor é severo demais. — Caroline correu em defesa do que era, afinal de contas, o seu país. — Pode-se, ou podia-se, dizer, ou escrever, quase qualquer coisa.

— Lembra-se daquele filme com Nazimova? *Noivas de guerra?* Em 1916?

— Aquilo foi uma exceção.

Em 1916, uma versão modernizada de *Lisistrata* tinha irritado de tal maneira os defensores da guerra que fora retirada de cartaz.

— Foi em época de paz.

— Bem, ninguém foi preso.

A reação de Caroline foi tibia. De que maneira estranha, de que maneira gradual, as coisas tinham saído erradas!

— Será engraçado se pegarem o Sr. Hearst.

— Já tentaram antes. Lembra-se de quando o coronel Roosevelt responsabilizou-o pelo assassinato do Presidente McKinley?

— Aquilo foi só politicagem de tempo de paz. Mas agora podem trancafiá-lo se ele não elogiar a Inglaterra e atacar os alemães...

— E os irlandeses? — Caroline acertara o alvo de Farrell. — Por não ajudarem a Inglaterra?

— Bem... — Farrell aceitou a Coca-Cola que George lhe servia. — O seu amigo Sr. Creel está agindo rápido. Fui convidado para fazer parte da divisão de cinema do comitê dele, trabalhando com o Serviço de Comunicações do Exército para glorificar nossos soldados.

— Mas eles ainda não fizeram coisa alguma. É claro que quando fizerem...

— Estaremos prontos. A senhora é muito bonita, sabia?

Como ninguém dissera tal coisa a Caroline desde que ela tinha nove anos, ela concluíra que a beleza que pudesse ter tido era literalmente indiscernível, portanto indiscernida.

— Acho que o senhor acha bonito — ela foi precisa em seu êxtase — o meu retrato projetado dez vezes maior que o normal num lençol, o que não é a mesma coisa que eu.

— Não. É a senhora mesmo. Desculpe-me, não tenho modos. — Ele riu, depois tossiu. — Meu pai era dono de bar em Boston.

— O senhor é muito educado. O que estou questionando é o seu gosto. Mas sem entusiasmo, como dizem os franceses. Na minha idade posso aturar um bom número de elogios sem perder a cabeça.

Caroline permitiu que o Sr. Farrell a acompanhasse até a sua barraca, onde, ao luar, em meio aos uivos de coiotes, um homem que não era o seu amante beijou-a. Ela percebeu que os lábios dele eram muito menos macios e gostosos do que os do vaqueiro de Minas.

— As mulheres não são destinadas a ter tudo — comentou com Héloise, que a ajudava a despir-se. — Ou, talvez, coisa alguma. — Mas isso soava arrumadinho demais, além de errado. — Quero dizer, coisa alguma que possamos desejar de verdade.

Para Jess Smith o Natal significava a rua principal de Washington Court House com a árvore de Natal eletrificada no pátio do tribunal do condado e bastante neve e gelo para manter os médicos da cidade ocupados com gessos e ataduras. Além disso, ele estava feliz com os negócios da loja. Por uma razão qualquer, a guerra estimulava as pessoas a comprarem tudo que viam; parado junto à entrada principal, defronte à moça com sua grande caixa registradora preta, ele inalava o cheiro perfumado de dinheiro de Natal, uma embriagadora combinação de lã molhada e galochas de borracha. Automaticamente cumprimentava metade dos fregueses com seu costumeiro "Quequíá?"

Jess cumprimentou Roxy com a mesma expressão, quando ela desceu a escada que vinha do apartamento da mãe. Roxy duvidara que fosse apropriado morar na loja do ex-marido, mas Jess não permitira que ela se mudasse.

— Você é a minha melhor amiga — ele dissera.

— Depois de Harry Daugherty — ela retrucara.

Roxy deu-lhe um beijo fraterno na bochecha gorducha, e juntos saíram para a noite fria. Roxy ainda sonhava ir para Hollywood e tornar-se estrela do cinema. Mas até conseguir fazer a viagem ela assistia todos os filmes que chegavam à cidade. No momento, no Strand, Geraldine Farrar fazia *Joana, a mulher*. Roxy adorava filmes históricos em geral e a gorda Farrar, uma cantora de ópera, em particular. Como não havia filmes de bandidos em cartaz, Jess concordara em ir com Roxy, depois de um jantar leve no Blue Owl Grill.

Com sorte haveria um bom seriado acompanhando o filme, que já tinha um ano e só fora relançado por causa da guerra.

— É sobre Joana d'Arc — Roxy explicou enquanto desciam lentamente a rua gelada, meio cegos pelos faróis dos automóveis que chegavam à cidade para compras de última hora.

— Não me lembro desse nome. — Mas Jess conhecia todos os nomes da cidade, e cumprimentava alegremente os passantes.

— Você devia ter outros interesses além da política.

Roxy quase caiu, o que Jess considerou um pronto castigo do destino por sugerir que a vida dele era qualquer coisa menos idílica, excluindo-se uma certa tendência a ganhar peso. Jess equilibrou Roxy contra a parede; então de braços dados, o casal entrou no Blue Owl Grill, onde o proprietário disse "Quequíá?" primeiro, uma velha brincadeira com os antigos frequentadores; e Jess foi levado à sua mesa nos fundos do que era, apesar de todo aquele recente nervosismo patriótico contra tudo que fosse alemão, uma cervejaria alemã dos velhos tempos, com sólida comida alemã e conhecida até recentemente como o Heidelberg. Os proprietários eram um casal de suíços- alemães, ferozes em sua neutralidade.

— *Bratwurst e sauerkraut*. — Jess sempre pedia o mesmo jantar.

— Salsicha e repolho liberty — corrigiu a enorme garçonete

alemã sem um sorriso.

— Dá para imaginar? — fez uma voz de mulher. — Mudar os nomes só porque são alemães!

Era Carrie Phillips, sozinha à mesa ao lado. Mesmo tendo a idade de Jess, ela parecia mais que nunca uma deusa viking, com cachos dourados emoldurando um rosto que não recorria à ajuda de cosméticos.

— Às vezes acho que as pessoas estão doidas — Carrie acrescentou, para inquietação de Jess.

Afinal, não era hora de levantar a voz em público a favor dos alemães ou de qualquer coisa alemã. Em muitas cidades não se podia executar a música de Wagner, o que estava muito bom para Jess, mas no início da semana o Congresso declarara guerra à Áustria, e Jess rezava para que isso não significasse o fim das valsas de Strauss, a única dança que ele sabia executar com prazer e com uma certa graça. Jess não estava preparado para tanto ódio. Tampouco estava W.G., cujo grande amor achava-se sentado à mesa próxima a Jess e Roxy.

— Onde está Jim? — Roxy perguntou.

Carrie colocou o casaco sem se levantar, com o auxílio de Jess.

— Foi buscar o carro. Vamos voltar para Marion esta noite.

— Nessas estradas cheias de gelo? Ora! — fez Roxy.

As relações entre Jess e sua loja e Jim Phillips e sua loja de Marion sempre tinham sido surpreendentemente boas, considerando-se que na era do automóvel a distância entre as duas cidades reduzira-se a praticamente nenhuma, tornando-os concorrentes. Mas Jess não era ambicioso, ao passo que a ambição que Jim pudesse ter era mais que compensada pela filial da Uhler-Phillips que ele abria na cidade de Nova York, bem na Broadway. Depois dos Harding, os Phillips eram a primeira família de Marion, talvez de todo o condado de Fayette. A ironia era tanto maior porque, sem que a Duquesa e Jim soubessem, W.G. e Carrie Phillips foram profundamente apaixonados durante 12 anos. A princípio Daugherty ficara preocupado; depois compreendera que não havia possibilidade de um escândalo, no sentido de que os amantes pudessem chegar a querer casar-se um com o outro ou que houvesse uma criança, e passou a aceitar a situação, como faziam aqueles que suspeitavam, e que eram muito poucos, ao contrário daqueles que sabiam, e que eram muitos, pelo menos em Marion.

O caso começara quando da operação de rins da Duquesa, que coincidia com a remoção de Jim Phillips, igualmente doente, para o hospital de Battle Creek em Michigan. Durante o verão, quando W.G. fazia o circuito de chautauqua, ^[2] apresentando-se numa cidade diferente a cada dia da semana, Carrie ia juntar-se a ele no anonimato caseiro dos hotéis de cidades pequenas.

Jess achava a coisa toda verdadeiramente romântica. Decerto eram o casal mais bonito de Ohio; por outro lado, não combinavam tão bem assim. Ela era um pouco nariz em pé, como Alice Longworth. Adorava a Europa; pior

ainda, orgulhava-se de sua ascendência alemã; ainda pior que isso, não cessava de falar no assunto.

— Imaginem, Jim e eu tínhamos reservas no *Bremen* para o verão. Eu tinha esperança de passar talvez um ano na Alemanha, aperfeiçoando o meu alemão. Agora esta guerra...

Ela franziu a testa. Várias pessoas das mesas próximas voltaram-se para olhar. Jess enrubescceu e fingiu que era um soldado na Frente.

— Bem, não vai durar — comentou Roxy.

Estava alegre. Jess finalmente convencera-a a cortar os cachos tipo Mary Pickford; como resultado, os cabelos curtos, de um vermelho não muito natural, faziam-na parecer mais jovem que seus 35 anos. Mais *gamine*, como ela dizia; Roxy também passara um ano na Europa e podia ser quase tão esnobe quanto Carrie.

— Agora que nossos rapazes estão lá — acrescentou, inesperadamente patriota, e as cabeças voltaram-se para seus jantares.

— Acho que nossos rapazes terão momentos difíceis contra o maior exército da terra — Carrie declarou friamente, com deliberação e elegância, que para ela significava o uso de um leve sotaque alemão. — Nós... eles — ela demorou um pouco a mudar o pronome — estão ganhando na França, e agora, com os russos prestes a sair da guerra, Ludendorff vai empurrar os Aliados para o mar.

— A nós também. — O tom de Roxy era áspero.

Jess colocou o guardanapo sobre o rosto; acabara de ser ferido em combate. Estremeceu, como sempre fazia ao pensar em armas, balas, morte.

— Não somos Aliados. — Carrie de súbito mostrava-se infantil, delicada e agourenta. — Não viu o que o Sr. Wilson disse? Estamos na guerra para que ela termine, e nada mais. Não vamos apoiar um lado ou outro. Paz sem vitória. — Carrie sorriu para o seu próprio reflexo nas costas de uma colher pesada, que tinha gravada em letras góticas a palavra Heidelberg, uma lembrança do mundo anterior ao Blue Owl. — Não, o único meio de vencermos os alemães é com um general como Johann Josef Pfoershing.

— Quem? — Jess deixou cair o guardanapo e pescou um bolinho do prato de Roxy.

— Ele mudou seu nome para John J. Pershing.

Carrie mostrava-se triunfante: o general comandante da América era um membro da raça dos super-homens, para não mencionar mulheres. Os fregueses sentados naquela área do Blue Owl agora falavam todos ao mesmo tempo.

— Bem, nunca pensei — disse Roxy em tom pensativo, esquecendo-se de seu ano na Europa e voltando ao sotaque de Ohio.

— Acho que não são muitos os que sabem disso — fez Jess.

Ele estava preocupado. Se Pershing fosse um agente duplo, recebendo

ordens do kaiser... Que enredo isso daria, pensou excitadamente; agora era um superespião, como antes fora um detetive nmador, atento às pistas, e capaz de encontrar um assassino numa » tiln nplniada, apenas pelo modo de movimentar-se.

— Fico feliz por W. G. ter finalmente tentado levar um pouco de juízo ao Senado, para variar, a respeito de toda aquela histeria dos Bônus Liberty. Fiquei enojada com aquilo, e foi o que disse a ele. O modo como falavam em crimes alemães, e em boches, esquecendo-se de todos os crimes que esses franceses morenos estão cometendo, e os ingleses.

— Pelo menos contra os irlandeses — disse Roxy sem pensar.

Então Jim Phillips, amarelo, magro e franzino, juntou-se a eles.

— O carro está lá fora, Carrie.

Jim cumprimentou Jess fraternalmente como um colega da Confraria dos Alces, sorriu para Roxy e ajudou Carrie a levantar-se.

— Temos uma viagem dura pela frente, com a neve caindo novamente...

Carrie agigantava-se perto do marido, como a rainha da Inglaterra perto do dela; e postava-se tão ereta quanto um bambu.

— Diga a nossos amigos de Washington que eu... — Mas modificou o que quer que pretendesse dizer — ... que estamos com saudades.

— Isto mesmo — corroborou Jim.

Trocaram votos de feliz Natal. Roxy olhou para Jess, que olhou para Roxy.

— Ela não pára — comentou Roxy.

— Eu gostaria que parasse. — Jess bebeu cerveja de uma caneca de estanho.

— Senhor...

Jess ergueu os olhos para um jovem gorducho, com a metade inferior de um . bigode; o resto não crescera ainda, ou não havia para crescer.

— Se me permite interromper sua refeição, senhor... — O homem tirou uma carteira do bolso interno e abriu-a pela metade, de modo que apenas Jess visse que ela continha um distintivo. A voz sussurrou: — Silas W. Mahoney, Serviço Secreto dos Estados Unidos.

— Sente-se.

Jess mal conseguia falar. O terror e a excitação deixavam-no literalmente sem fôlego. Por um instante chegou a parar de respirar. Era o mais alto que se podia chegar no mundo dos detetives: investigadores secretos do próprio governo, sempre em ação, capturando criminosos e protegendo presidentes — e a liberdade, também.

— Que foi que você fez, Jess? — perguntou Roxy, mais curiosa do que preocupada.

O Sr. Mahoney sentou-se numa cadeira entre eles. Felizmente o restaurante estava tão cheio que as chegadas e saídas na mesa de Jess passaram

despercebidas.

— É a respeito da Sra. Phillips — informou o homem do Serviço Secreto, retirando do bolso do paletó um bloquinho e um lápis.

— Como sabe, estamos em guerra.

O Sr. Mahoney esperava que essa notícia causasse mais efeito do que causou. Mas Jess ainda respirava com dificuldade, e Roxy não se deixava impressionar pela lei em geral e pelo Sr. Mahoney em particular. Este disse, bem devagar:

— A Sra. Phillips é uma mulher de alguma influência aqui em Ohio, e em Washington também.

— A filial da loja não é em Washington — disse Roxy, com um sangue-frio que Jess admirou e invejou. — Fica na Broadway, na cidade de Nova York. Uhler-Phillips só é influente em matéria de utilidades domésticas, Sr. Mahoney.

— Não ouvi o seu nome. — O Sr. Mahoney pousou o lápis sobre o bloquinho.

— Esta é a minha esposa — começou Jess.

— Sou a ex-esposa dele, Roxy Stinson...

— Smith — Jess acrescentou; estava começando a divertir-se com a situação. O Sr. Mahoney fez uma anotação. — Agora diga-me: por que exatamente está investigando a Sra. Phillips?

— Temos razões para crer que ela é uma agente alemã. Que fornece informações a Wilhelmstrasse.

Roxy soltou uma forte gargalhada, do tipo conhecido no condado de Fayette como gargalhada de cavalo.

— Bom, imagino que ela poderia dizer aos alemães qual será o desconto nos cobertores depois das vendas de Natal, e acho que ela é muito boa em roupa de baixo. A Uhler-Phillips tem a melhor coleção desta área de Ohio. ..

— Roxy! — Jess estava embasbacado. Ele se orgulhava da grande coleção de excitantes calcinhas de seda costuradas a mão da Smith's.

— Acho que não percebem o perigo que uma mulher com as ideias dela representa para uma grande nação em tempos de guerra.

— O Sr. Mahoney tentava falar com calma, mas via-se que Roxy o irritava.

— Eu acho — começou Jess, sua mente tão excitável finalmente sob controle — que ela não conseguiria por aqui uma informação que o Wilhelmstrasse quisesse obter.

— Sr. Smith, quando se trata de informações, o menor detalhe pode ser importante.

— Nisto o senhor tem razão! — exclamou Jess.

Aquele era realmente um artigo genuíno; o Sr. Mahoney poderia ter saído de uma história de Nick Carter.

— Escute, Sr. Mahoney. — Roxy agora acenava ao garçom para pedir a conta. — A Sra. Phillips é apaixonada pela cultura alemã, só isso. Trabalha para a Cruz Vermelha, como qualquer senhora patriota daqui, e não há coisa alguma para ela espionar em parte alguma por aqui.

— Mas e quanto à Washington?

— Que é que tem Washington? — Roxy lançou um olhar inocente ao homem do Serviço Secreto. — Acho que ela não vai lá há anos. Vai, Jess?

Jess sacudiu a cabeça.

— Não tem oportunidade. Ela nem vai a Nova York, a não ser para pegar o navio para...

Roxy chutou-o por debaixo da mesa. Felizmente o Sr. Mahoney não conseguiu escrever e escutar ao mesmo tempo, e não ouviu a parte perigosa.

— Mas acho que Washington vem até ela, quando o senador Harding vem para Marion.

Um alarme soou na cabeça de Jess. Felizmente ele conseguiu acalmar os nervos fingindo ser um agente duplo, um superdetetive, que sábia muito mais que aquele insignificante parafuso na vasta maquinaria pinkertoniana. Usou de astúcia:

— O senador e a Sra. Harding são amigos íntimos do Sr. e da Sra. Phillips. Aliás, foram juntos à Europa há alguns anos...

— Para visitar a Alemanha, não foi?

— Não foi, não. — Jesse foi delicado, como Raymond Griffith, seu astro de cinema favorito: elegante, inabalável e raramente sem seu smoking. — A França e a Itália, principalmente procurando obras de arte.

W. G. voltara para casa com duas estátuas de mármore de mulheres nuas, ao passo que a Duquesa comprara uma dama inteiramente vestida chamada "Prudence, a Puritana".

— Entendo — disse o Sr. Mahoney, que, Jess percebeu, também não conseguia pensar e falar ao mesmo tempo, o que facilitava o trabalho de Jess. — Eles costumam viajar juntos...

— Costumavam. Mas isso nos velhos tempos. Agora o senador está ocupado em Washington, ou então viajando, nos chautauques, e a saúde do Sr. Phillips não é tão boa, e ela tão ocupada na Cruz Vermelha...

— Por que acha que ela disse o que disse sobre o general Pershing?

Foi uma surpresa, que Roxy registrou:

— Então o senhor estava ouvindo...

— É o meu trabalho, Srta. Stinson. . . Sra. Smith.

— Acho que ela achou uma boa piada que nosso general-comandante contra os alemães seja alemão. Também acho bastante engraçado. Roxy ficou de pé. — Não queremos perder o filme — murmurou.

Jess ajudou-a com o casaco.

— Eu gostaria de saber... — começou o Sr. Mahoney teimosamente.

Roxy interrompeu-o:

— Se quer saber se o general Pershing é ou não um espião alemão, sugiro que vá até a França e pergunte a ele. De qualquer maneira — acrescentou, com típico entusiasmo — um rapaz forte como você devia estar mesmo na França, lutando por seu país, em vez de ficar incomodando senhoras em Ohio.

Aquilo acabou com o Sr. Mahoney, obviamente. Se houvesse, porém, uma verdadeira investigação sobre Carrie, o caso com W. G. viria à tona; se isso acontecesse, estaria tudo perdido. Mesmo enquanto parabenizava Roxy pelo modo hábil com que ela tratara o detetive, Jess perguntava-se o que ousaria contar a Daugherty pelo telefone, que podia muito bem estar grampeado pelo governo. Subitamente o país inteiro tornara-se excitante e perigoso, e Jess sentia-se ao mesmo tempo excitado e apavorado ao ver que seus sonhos com espiões, detetives e fantasmas no armário de vassouras estavam começando a virar realidade.

3

Burden Day parabenizou o Presidente pelo aniversário recente. O rosto magro de Wilson parecia mais melancólico que nunca.

— Obrigado, senador. Sessenta e um é uma idade turbulenta. O senhor ainda tem um espera ansiosa pela sua. Enquanto isso, diga ao senador Reed do Missouri que realmente comemoro meu aniversário em 28 de dezembro, e não em 25 como ele pensa.

Burden sentou-se num sofá junto à lareira, ao passo que o Presidente escolheu uma cadeira reta em frente a ele. Não se comentava mais o fato de o Presidente preferir conduzir seus negócios no pequeno escritório do andar superior em lugar do escritório presidencial na nova ala oeste. Sem dúvida ele gostava da proximidade do fantasma de Lincoln ou, mais provavelmente, da ampla presença de Edith.

Embora o Senado estivesse em breve recesso pelos feriados do Natal, poucas pessoas vindas do Oeste foram para casa. Burden e Kitty tinham mandado buscar alguns parentes; e como um caleidoscópio, o Senado continuava a girar, arrumando suas peças componentes em combinações sempre novas; o aliado da semana anterior era o inimigo da semana próxima. Apenas o código dos políticos de um favor por outro favor dava alguma forma ao clube muito

peculiar que fizera de si próprio um lugar tão poderoso no esquema das coisas que até mesmo o Presidente, com todos os seus poderes de tempo de guerra, frequentemente via-se à mercê da língua selvagem de Jim Reed — um membro de seu próprio partido — para não mencionar o mais ou menos enlouquecido Henry Cabot Lodge da oposição.

Nesse dia, o último de 1917, o Presidente pedira a Burden que viesse vê-lo no final da tarde para juntos discutirem algumas das declarações que o Presidente faria ao novo Congresso sobre o curso da guerra e, mais importante, sobre a paz que se seguiria. Burden descobrira, havia muito, que Wilson não gostava de conselhos; conseqüentemente, o que mais fazia era assentir com um gesto e murmurar sua concordância, grato à lareira acesa no aposento. Metade da Casa Branca fora fechada para poupar aquecimento; pelo menos assim Tumulty informara à imprensa. Certamente o saguão do andar térreo estava algo mais frio que o pórtico externo.

Enquanto a bela voz se arrastava, Burden fazia o possível para permanecer desperto. Se Wilson não gostava de conselhos, Burden não gostava de ouvir leituras. Finalmente o Presidente pousou as páginas, datilografadas por ele mesmo, Burden percebeu, reconhecendo o azul característico da fita da máquina de escrever de Wilson.

— Você percebeu aonde quero chegar. Tenho um grupo trabalhando nos detalhes. Uma espécie de pesquisa, pode-se dizer, sobre o que fazer depois. Porque não há, não havia, sentido em entrarmos na guerra se no final não pudermos encontrar um meio de impedir essas empreitadas sangrentas.

— O senhor concorda com o Sr. Taft, o que deveria impressionar os republicanos ortodoxos — Burden decidiu opinar. — Se me permite dizer, acho um pouco cedo demais para falar como se já tivéssemos ganho a guerra, quando os alemães vêm destroçando os ingleses e ainda não fizemos muita coisa. Quero dizer, no campo de batalha.

Para surpresa de Burden, Wilson não se ofendeu.

— Concordo — afirmou. — Não estou planejando fazer um discurso amanhã, mas tentando definir qual deveria ser a nossa posição quando chegar o momento de...

Ele parou de falar, e Burden terminou, a seu modo, o pensamento do mestre da eloquência.

— ...justificar uma guerra tão impopular para tanta gente, principalmente as pessoas da minha região, que são as que mais o apóiam.

Uma mancha vermelha formou-se em cada lado do rosto presidencial.

— Eu tinha a impressão de que a guerra agora é mais popular para o americano médio do que para mim. Apesar de todas as más notícias da França.

— Vai faltar carvão? — Burden fora convencido a fazer essa pergunta por vários senadores dos estados mineiros. — E o senhor vai... tomar alguma

providência?

Wilson parecia taciturno. No dia seguinte ao do Natal, o Presidente encampara as ferrovias e colocara-as sob McAdoo.

— O senhor vai nacionalizar o carvão também?

Esse era o objetivo da visita de Burden, se não do convite de Wilson.

— Há... necessidades imperiosas, sim. A cidade de Nova York está perto de uma séria escassez; e hoje à noite a temperatura lá está abaixo de zero. Nós os obrigamos a racionar a eletricidade...

— "Nenhuma luz na Broadway."

A reação dos teatros tinha sido furiosa; a do Presidente, inflexível.

— Vai ser ainda pior. — Wilson levantou-se. À luz da lareira ele parecia um espantinho, mal definido e fisicamente incoerente. Caminhou arrastando os pés até sua escrivaninha e abriu uma gaveta, a qual Burden já sabia ser conhecida como A Gaveta, onde as mensagens importantes e confidenciais eram armazenadas. Wilson retirou vários documentos. — A Rússia está fora da guerra. Os bolcheviques aceitaram os termos da Alemanha, não que tivessem alguma escolha. Eu tinha esperanças de ter o novo governo russo como aliado, mas agora o país deles está a desmorronar-se por inteiro. — Wilson relanceou o olhar por uma das mensagens. — De nosso cônsul em Harbin. Ele diz que Irkutsk, que fica na Sibéria, eu acho, está em chamas. Os bolcheviques mataram muita gente de seu próprio povo, assim como vários oficiais franceses e ingleses.

— Acha que é verdade?

— Eu não acho coisa alguma, senador. Eu leio o que me dizem ser um relato do que acontece quando extremistas tomam um país do tamanho da Rússia, do tamanho — Wilson tornou a sentar-se em sua cadeira de espaldar reto — dos Estados Unidos. Acredito que fizemos todo o possível para manter aberta uma linha de comunicação com aquela gente. Não tenho escolha. Se a Rússia sair da guerra, isso vai liberar todo o exército alemão para reforçar a frente ocidental. E então? — Wilson suspirou. — Temos notícias tão ruins... — O Presidente tirou o pincenê e esfregou as duas marquinhos vermelhas a cada lado do nariz, que pareciam miniaturas daquelas que agora desbotavam em sua face. — Há também a Inglaterra. Estamos caindo na rede deles. Nunca vi algo como a "propaganda" deles, como George Creel gosta de chamar. Como podemos convencer o mundo dê que estamos realmente desinteressados, não estamos pedindo qualquer território, coisa alguma, quando a Inglaterra nos faz parecer um sócio no imperialismo, em vez do que realmente somos, uma república que só deseja a paz..

Wilson podia fazer esse tipo de coisa durante horas, e, embora Burden admirasse o genuíno idealismo do Presidente, ele próprio tendia ao literal, ao objetivo, ao útil. Como se sentisse a inquietação de Burden, Wilson substituiu um documento confidencial por outro.

— Este chegou ontem. É de Brest Litovsk, um apelo do bolchevique Trotski. É americano, pelo que entendi. Pelo menos foi. Agora é o encarregado da delegação russa. Ele rejeita, graças a Deus, a essência do acordo alemão, mas por outro lado exige que os Aliados façam a paz, o que certamente me agrada, porém ele acrescenta esta bobagem intolerável:

Wilson leu um trecho da declaração de Trotski:

— "Se os governos Aliados, na cega obstinação que caracteriza as classes em decadência e em extinção..."

— Nós?

Wilson assentiu.

— "... novamente recusarem-se a participar das negociações, então a classe trabalhadora terá que enfrentar a necessidade férrea de arrancar o poder das mãos daqueles que não podem ou não querem trazer a paz para a nação." — Wilson pousou o documento. — Há aqui um grande perigo. Se os bolcheviques se impuserem, que efeito poderão ter em nosso próprio povo, em todos os comunistas, radicais e agitadores trabalhistas que temos aqui?

Burden não se impressionou com o temor de Wilson, se era mesmo temor e não uma simples encenação política.

— Já que nunca imitamos a Rússia quando eles tinham um czar fascinante, duvido que o Sr. Trotski da cidade de Nova York, ou seja ele de onde for, tenha algum efeito. Mas pensei — Burden abordou a verdadeira política do assunto — que o Sr. Root tivesse feito um acordo com o governo provisório no verão passado.

Elihu Root, o mais brilhante, assim como mais conservador estadista americano, fora mandado pelo Presidente a Petrogrado para manter os russos na guerra. Como contrapeso, Wilson mandara com ele dois colegas, um dos quais um genuíno socialista americano. Ao mesmo tempo, para complicar as coisas, havia um Congresso do Socialismo Mundial em Estocolmo. Depois de muita discussão pública, Wilson recusara-se a fornecer passaporte aos delegados americanos, invocando suas "declarações que significavam quase uma traição". Cada vez mais fundo, pensou Burden; mas sabia que, como ele próprio estava inteiramente inserido em seu lugar, sua época e sua classe, portanto ao mesmo tempo isolacionista e populista, o Presidente identificava-se agora com a classe dominante que vinha do Leste e que Burden não considerava americana, sempre mais disposta a aventuras estrangeiras com regimes que Burden mal teria tolerado por educação.

— Não estou certo se "acordo" é a palavra correta. — O nariz de Wilson estremeceu de desagrado. — Em maio o governo deles concordou em prosseguir a guerra contra a Alemanha, ao passo que nós lhe oferecíamos um crédito de trezentos milhões de dólares a juros muito baixos.

— Foram comprados.

— Foram comprados. — Wilson foi igualmente direto. — Porém, como o Sr. Frick comentou a respeito do coronel Roosevelt, eles não permaneceram comprados. — Sacudiu o documento secreto como uma bandeira, — Isso foi em maio, quando eles nos amavam. Agora estamos em dezembro e eles não nos amam. Encorajam os piores elementos de nosso movimento trabalhista. Leia isto... Não.

Acabei de ler para você a mensagem do Sr. Trotski. Ele propõe que nossos trabalhadores nos derrubem. — Wilson levantou-se e recolocou os documentos em A Gaveta. — No ano que vem, segundo todas as projeções, nossos sindicatos trabalhistas terão aumentado o número de membros em quatro milhões e meio.

— Boas notícias para o Partido Democrata.

— Vamos rezar para que não sejam boas para o Sr. Trotski. Ele está tentando arranjar capital, que é certamente a palavra errada, com Thomas Mooney, que é inocente, segundo ele próprio, das bombas em San Francisco...

— Sempre achei que era.

Alguém, em julho de 1916, interrompera com bombas um desfile do Dia do Estado de Preparação. Nove pessoas morreram, e o radical trabalhista Mooney fora preso, julgado culpado de assassinato e condenado à morte.

— Não estive no julgamento. — Wilson foi jurídico. — Mas nosso embaixador na Rússia quer que eu comute a sentença, coisa que acho que não posso fazer, pois a coisa toda está sob jurisdição do governador da Califórnia. O coronel House acha que eu deveria interferir, ou fingir que faço isso. De modo que vou criar um comitê de mediação e, se eles encontrarem novas provas, como esses comitês costumam fazer, pedirei ao governador, com todo respeito, que adie esse auto-da-fé até haver um novo julgamento, e assim por diante. Eles estão fazendo chantagem conosco!

Wilson esfregou a testa. Parecia doente. Um médico amigo de Burden asseverava que Wilson sofria de arteriosclerose precoce, com uma história longa e secreta de derrames. Tendo jurado segredo como todos os médicos, esse não conseguia manter silêncio a respeito de um assunto tão excitante. Não era o médico particular do Presidente, o qual estava sob constante vigilância, despertando suspeitas. Além disso, era fato conhecido que Grayson não permitia a seu paciente mais que três ou quatro horas de trabalho burocrático por dia, interrompido por numerosos passeios de automóvel ou a cavalo, ou partidas de golfe. No frenesi de Washington em guerra, a Casa Branca era o lugar mais tranquilo. No entanto, não se podia dizer que esse Presidente não dominasse inteiramente a política da nação e provavelmente de seus aliados de tempo de guerra também. Burden nunca conhecera um cérebro tão capaz de relacionar rapidamente um fato a outro para obter a visão mais ampla possível do que lhe era necessário saber. Mas a necessidade de Wilson podia não ser a de Leon Trotski, ou a de Lloyd George na Inglaterra, ou a de Clemenceau na França, ao

passo que até mesmo para muitos senadores de seu próprio partido a visão mundial do Presidente era excêntrica. Havia ainda no Congresso alguns populistas antiquados que acreditavam implicitamente na acusação de Trotski de que os Estados Unidos entraram na guerra para proteger os empréstimos de J. P. Morgan aos Aliados. O próprio Burden, em seus dias de demagogia, inclinava-se a essa opinião simples e brilhante.

O Presidente, como sempre, uma vez feitas as considerações morais, desceu para a política prática. Burden sabia por experiência que o grande Wilson, no caso pouco provável de que qualquer dos muitos egos do Presidente fossem elevados àquela categoria principal, era o chefe do Partido. Nenhum distrito congressional lhe era desconhecido. Sobre a escritaninha ele tinha o que parecia um grande álbum de fotografias de família; dentro havia fotografias de cada membro da Câmara dos Representantes e do Senado. No início de seu governo ele estudara e decorara cada rosto. Burden era quase o único a saber que na eleição do ano seguinte Wilson planejava expurgar aqueles democratas, a maioria do Sul e do Oeste, que alguma vez o tinham desafiado. Burden avisara do perigo desse tipo de revanche, mas Wilson foi firme: queria extirpar as ervas daninhas de *seu* jardim, e acabou-se.

No momento o Presidente não estava pensando nas futuras eleições; em vez disso, ainda estava perturbado pela recente eleição do candidato de Hearst e de Tammany Hall para prefeito da cidade de Nova York, um juiz do condado de Brooklyn chamado John F. Hylan. Quando Hearst percebeu que sua própria candidatura dividira o Partido Democrata, ele e o chefe do Tammany, Murphy, escolheram Hylan para derrotar John Purroy Mitchel, o caso perdido. A eleição fora extraordinariamente amarga. O coronel Roosevelt fizera campanha a favor de Mitchel, denunciando seu velho inimigo Hearst como "um dos mais eficientes aliados da Alemanha neste lado do oceano". Hearst era o boche dentro de casa, mais perigoso que aqueles de fora. "Hearst, Hylan e Hohenzollerns devia ser o slogan de triunfo de Mitchel", Roosevelt declarara. O candidato de Hearst vencera por 147.000 votos. Tanto pior para a magia de Roosevelt.

— Não entendo essa cidade. Nunca entendi. — Wilson sacudiu a cabeça.

— Eu entendo — retrucou Burden. — Ela é antiguerra, anti- Inglaterra, anti-França. O que não entendo é Hearst. Por que, tendo tudo que tem, ele se dá o trabalho?

— Para chegar aqui, meu amigo. Ele acha que será indicado em 1920; e eleito. Foi o acordo que fez com Murphy. — Wilson mostrava-se agora um político preocupado com os elementos fundamentais do assunto. — Hearst fica fora da corrida para prefeito, financia Hylan, apóia-o em seus jornais, e Tammany Hall, agradecido, lhe dá a candidatura por Nova York no verão de 1920, daqui a uma eternidade.

— Mas, se sobrevivermos a essa eternidade, será o senhor, e não Hearst.

Wilson sorriu.

— Se eu me saí tão bem na guerra e depois na paz, posso vir a me considerar digno...

— O senhor é modesto. Será eleito por aclamação.

— Não, senador. Isto nunca. Não sou um homem popular, como Roosevelt. Nada é muito fácil para mim. Nada. Nada mesmo.

Burden assentiu em melancólica concordância com essa espantosa falsidade. Em exatamente dois anos Wilson fora eleito governador de Nova Jersey e Presidente. Nenhum político americano tivera um progresso tão rápido e fácil. Porém ninguém sabia como o próprio Wilson via essas eleições, ou como ele via a si próprio em relação a esse campo, muito menos à história. Vaidoso de suas façanhas intelectuais, ele era estranhamente modesto quanto à sua habilidade política. Burden pensou com uma certa inveja: poderia ser ao contrário. O Wilson professor era, como Lodge gostava de lembrar a quem quer que estivesse disposto a ouvir, bastante trivial, mas como político e como um eloquente — embora às vezes monótono — enunciador da natureza mais elevada do homem, Wilson era único.

— Conhece Hearst?

Burden assentiu.

— Estive muito com ele quando ele estava aqui no Congresso.

— É incrível imaginá-lo num trabalho tão humilde.

— Ele também estava um pouco espantado. Tive que mostrar-lhe como se apresenta um projeto.

— Fico pensando se ele poderia ser acusado de traição — comentou Wilson, sem escutar.

Burden descruzou as pernas e seus dois pés bateram no chão simultaneamente.

— Por quê?

— Por ajudar a causa alemã em tempo de guerra. É claro que não sou especialista em Direito Constitucional e nunca estudei a Lei de Espionagem, mas parece que poderíamos acusá-lo de ajudar e favorecer o infame Paul Bolo Pasha, um espião alemão reconhecido. Afinal, Hearst costumava recebê-lo em Nova York.

Durante a eleição, muito se dissera sobre a ligação de Hearst com o malafamado Bolo, que mais tarde recebera dinheiro de Bernstorff para subverter os franceses, que o tinham prontamente aprisionado. Colocado na defensiva, Hearst dissera que encontrara Bolo apenas uma vez; e passou a imprimir ainda mais bandeiras coloridas na primeira página do *Journal*.

— Bem, Sr. Presidente, eu teria muito cuidado com Hearst. Ele é capaz de qualquer coisa.

— Eu também — respondeu o simpático velhinho, que era pastor

presbiteriano, sentado na cadeira em frente.

— Sim — fez Burden, deixando o assunto morrer.

— Lembra-se daquele seriado horrível, *Pátria*, que Hearst fez há dois anos?

Burden assentiu. Sempre que havia falta de notícias, Hearst invocava o Perigo Amarelo. Mas em *Pátria* ele sobrepujara a si mesmo. Misturara o Perigo Amarelo com bandidos mexicanos, todos dedicados à destruição dos Estados Unidos. O governo japonês queixara-se amargamente.

— Eu costumava acompanhá-lo no Keith's — revelou Wilson. — Ridículo, eu achava. Mas tive que escrever-lhe uma carta pedindo-lhe para interromper o seriado. O cinema tem um efeito muito forte na opinião pública. Pode até alterar as circunstâncias. — Wilson riu. — Acabei de fazer uma paráfrase de Burke que se aplica a nós todos: "A conveniência e a sabedoria das circunstâncias."

Burden assentiu, mostrando apreciação; então fez sua própria frase de efeito:

— A sabedoria é achar conveniente não fazer coisa alguma.

Edith entrou no final da frase de Burden.

— O clã está se reunindo. Fique conosco, senador.

— Não, não. Já é tarde. Meu próprio clã vai se reunir e...

— Festa de Ano-Novo nos McLean.

— Exatamente.

Burden desejou ao Presidente um feliz Ano-Novo; recebera não apenas a informação que desejava a respeito do possível confisco das minas de carvão mas dezenas de outras mensagens do tipo que os políticos trocam sem o uso de palavras faladas, às vezes comprometedoras e sempre ambíguas.

Edith acompanhou Burden ao patamar frio e escuro. A única luz vinha da porta aberta do salão oval no andar superior, onde as vozes da família dela eram ligeiramente mais altas que as da dele.

— Já tenho o livro.

Edith foi até a mesa de sua secretária sob a janela redonda no extremo do saguão. Burden esquecera inteiramente qual o livro que solicitara. Ela voltou com um volume fino. O título era *Philip Dru, administrador*. Burden lembrou-se: um romance do coronel House, publicado seis anos antes. Agora que House era o *alter ego* do Presidente na Europa, Burden tinha curiosidade em conhecer mais sobre aquele texano rico e elegante que desejava apenas servir como olhos e ouvidos do Presidente, embora nem sempre como língua, pois, segundo Edith:

— Ele tem certa tendência a concordar com tudo. Há poucas semanas mostrei-lhe o discurso do Sr. Wilson ao Congresso, aquele quando ele confiscou as ferrovias, e o coronel não gostou nem um pouco. E me disse por quê. E fiquei realmente impressionada. De modo que aconselhei-o a dizer tudo aquilo a

Presidente no dia seguinte. Naturalmente avisei a Woodrow, e ele ficou aborrecido, porque pensa maravilhas do coronel House. Bem, no dia seguinte, Woodrow diz que lamenta que o coronel House não tenha gostado do discurso a respeito das ferrovias, e o corofel ficou todo nervoso e disse: "Bem, eu o reli depois e agora concordo com todas as as palavras."

Essa, Burden pensou, era a única maneira de lidar com o Presidente; e ele passou a admirar ainda mais o coronel House. Burden despediu-se e levou o livro, que, pelo que lhe tinham dito, tratava do primeiro ditador dos Estados Unidos, um homem muito esclarecido e benevolente que, tendo resolvido todos os problemas domésticos, resolve também os do mundo, estabelecendo-se como chefe de uma Liga Mundial das Nações.

4

O fato de que a propriedade de McLean, chamada Amizade, tivesse sido anteriormente um convento nunca deixava de deliciar Blaise; ele e Frederika desembarcaram do que ela chamava "nosso iate de terra", um enorme sedã fechado, dirigido por um refugiado russo que falava francês e afirmava ter sido capitão da guarda pessoal do czar. "Afinal, não é uma boa referência", Frederika comentara.

Amizade era um lugar extraordinário dentro dos limites do distrito de Colúmbia, e Blaise invejava aos McLean seus oitenta acres de lagos, riachos e parques; não lhes invejava a casa antiquada e algo vulgar com o teto baixo que os lúgubres aquecedores do século passado tornavam indispensável. Mas agora, depois do ar noturno gelado, o calor da casa era um choque agradável. As estufas de Amizade tinham produzido centenas de plantas raras; e os aposentos recendiam a flores e lenha queimando. Uma vez despojados dos agasalhos mais pesados, foram calorosamente recebidos pelo mordomo. No fim das contas, segundo a opinião de Blaise, as únicas pessoas que se conhece bem na vida são os empregados, os garçons e os maîtres. Ele conversara mais com o maître do Cosmos Club do que com sua sogra, que agora postava-se, às cegas, na soleira do salão de visitas principal.

— É mamãe — murmurou Frederika com o mesmo tom de voz com que uma matrona do século XIV teria avisado a família do perigo da praga.

Simultaneamente o mordomo anunciou:

— Sr. e Sra. Blaise Delacroix Sanford.

Mãe e filha beijaram-se, enquanto Evalyn aproximava-se, usando numa corrente aquele enorme e sinistro diamante Hope, e o cintilante Star of the East nos cabelos. Evalyn cumprimentou o editor rival com um beijo algo frio e bulbhante.

— Não é uma maravilha? — ela exclamou.

— *Você*, como sempre. — Blaise perguntou-se o que era uma maravilha.

— Sim! — Evalyn abraçou Frederika, que conseguira combater e imobilizar a Sra. Bingham.

— Dá para ver? — Evalyn lançou um olhar conspirador a Blaise, mas virou o corpo para Frederika. — Estou grávida.

— Isto é maravilhoso. — Frederika tinha um modo de esticar as sílabas que fazia o interlocutor sentir como se ele apenas, de toda a população mundial, despertara não apenas o interesse dela, mas também sua admiração maravilhada.

— Vinson precisa de um irmãozinho, eu disse a Ned.

— E que foi que Vinson disse?

— Ele só tem seis anos.

— Eu, se fosse você, primeiro me livraria desse diamante — intrometeu-se a Sra. Bingham, sempre disposta a semear o terror.

— Ah, agora está tudo bem. Chamei um padre para exorcizá-lo. E em latim. — Evalyn apontou para um fantástico arranjo de orquídeas escarlates, com três metros de altura. — Alice foi até aquela coisa e disse bem alto: "Boa noite, Sra. Wilson!"

Havia duzentas pessoas para jantar; depois, dançar até que 1917 tivesse entrado e se estabelecido. Blaise teve Alice Longworth como companhia ao jantar, como acontecia com frequência, a pedido tanto dela quanto dele. Alice envelhecia com graciosidade; e Blaise perguntou-se como a vida deles teria sido se tivesse se casado, uma ideia que ocorrera fugazmente a ambos, mas em ocasiões diferentes. Ela era decerto uma ótima companhia, mas Frederika estava longe de ser entediante. Por outro lado, Alice era, para sempre, a filha do Presidente Washington, Jefferson e Lincoln eram simplesmente meros precursores colocados em seus lugares pela história, como João Batista, para preparar o mundo para a maravilha que era Theodore Roosevelt, brevemente Presidente outra vez — pelo menos assim pensava Alice. E Blaise. Já que nada ligado à missão messiânica era trivial, ela provavelmente estava melhor com Nick Longworth, passivo, amável e beberrão, rico congressista de Ohio, que estava sentado ao lado oposto da mesa, junto a uma mulher feia e demasiadamente enfeitada que era, segundo Alice, a Sra. Wilson Gamaliel Harding, "a esposa do *nosso* senador". Alice fez o "nosso" soar como uma posse embaraçosa, um cão que acabasse de sujar um tapete valioso.

— Nick costuma convidá-los para jogar pôquer em nossa casa. Eu fico

maravilhosamente diplomática e muito, muito simpática. Dizem que ela só tem um rim, em lugar dos dois que poderia ter.

— Geralmente você só mencionaria isso se estivéssemos comendo rins.

Alice cutucou com o garfo a massa em seu prato.

— Tartaruga de água doce. Entende? Ando muito, muito diplomática hoje em dia porque precisamos de todo mundo, papai e eu. É claro que ela só poderia ter uma única tartaruga, localizada no terceiro queixo.

— Acho que ela pode escutar.

A Sra. Harding tinha os olhos azuis e frios fixos sem afeição em Alice, enquanto Nick, sempre cortês, cochichava em seu ouvido.

O jantar foi grandioso, como todas as recepções dos McLean. Até então Ned ainda não estava bêbado; e Evalyn estava em seu elemento. Dizia-se que ela era ainda mais rica que Ned, tendo minas de ouro no Oeste. Blaise considerava-a muito melhor que os outros novos-ricos do Oeste. Ao contrário das outras damas, ela adorava sua origem humilde e sua grande fortuna; comprava mais diamantes que qualquer outra pessoa desde Maria Antonieta e, em geral, criava euforia a seu redor. Quem mais teria iluminado seu palácio com tanto esplendor, quando as luzes tinham sido diminuídas em todo o país e até mesmo a Grande Via Branca da Broadway desligada?

— Onde está Caroline?

— Na outra mesa, eu acho.

Blaise vislumbrara a irmã em animada conversa com a tia de Ned McLeans, esposa do ex-embaixador da Rússia czarista. Blaise esperava que Caroline lembrasse que era jornalista e arranjasse alguma notícia.

— É verdade que ela trabalhou num filme? — De repente Alice parecia mais ciumenta do que sarcástica.

— Foi só uma brincadeira do Sr. Hearst.

— Hearst! — Aquilo mudava o assunto em definitivo. — Papai ainda acha que ele é o homem mais perigoso do país, e espião alemão.

— Não vejo o que ele poderia espionar, a não ser a *Ziegfeld follies*.

Alice atacou novamente, dessa vez mirando a jугular do escândalo.

— Já esteve com *ela*?

Blaise assentiu. Parecia que todos estavam interessados no amor "secreto" do Chefe, Marion Davies.

— É muito jovem, muito loura. Gagueja e o chama de "Pops".

Alice riu alto; depois pôs-se a gaguejar "Pops" diversas vezes,

até que a remoção da tartaruga permitiu que Blaise se dirigisse ao outro vizinho de mesa.

Depois do jantar chegaram mais convidados; e uma orquestra começou a tocar no salão de baile. Enquanto Blaise observava os dançarinos, tinha consciência de que alguém sentara-se na cadeira ao lado da sua. Era o

embaixador inglês, Cecil Spring Rice, parecendo velho e cansado.

— Meu caro Blaise! É difícil acreditar que há uma guerra.

— Do outro lado do mundo. Tudo me parece irreal, e eu sou na verdade francês, sabe?

Blaise fez uma confissão tão falsa para poder consolar o inglês pelo derramamento de sangue. Decerto os filhos da classe dirigente inglesa estavam sendo usados para adubar os campos da França; e qual seria a colheita?

— Este é o meu último Ano-Novo em Washington. De modo que vim apreciar o espetáculo pela última vez.

Blaise sabia que houvera problemas entre Spring Rice e os Lordes Reading e Northcliffe, recentemente enviados pelo governo britânico como representantes dos políticos; além disso, a antiga amizade de Spring Rice com Roosevelt e Lodge não o recomendava aos Wilson.

— Quando parte?

Spring Rice deu de ombros.

— Quando me ordenarem. Imagino que por volta de abril, quando faço sessenta anos e me aposento. Como as coisas mudaram desde que eu era jovem! — Seu estado de espírito era elegíaco. — Vim pela primeira vez como secretário. Eu era muito jovem. Naquela época Washington era considerada uma capital menor. Buenos Aires era mais desejável, mais na moda. Agora... veja!

Blaise viu o diamante Hope balançando de um lado para o outro como o pêndulo de um relógio altamente sinistro.

— A coisa agora chegou até nós — concordou Blaise. — Mas não tenho muita certeza de que saberemos o que fazer com... o mundo inteiro.

— Vocês pensarão em algo, tenho certeza. De qualquer maneira, vocês não são a Alemanha. — Spring Rice franziu o cenho. — Por outro lado, a Alemanha também não é mais a Alemanha. Antigamente eu achava que se podia generalizar, de um modo vago, a respeito de uma nação, um povo, uma tribo. Mas não se pode. A Alemanha da minha juventude era o país mais civilizado do mundo, e meus colegas alemães os mais inteligentes e profissionais. Depois...

— Os boches?

— Existem boches em todos os países, estou convencido. Os militares, os boches, dominaram a minha Alemanha.

— Por que os seus boches não dominaram o seu império?

— Somos preguiçosos demais para esse tipo de coisa. A indolência sempre salvou a Inglaterra de si mesma.

— Será que vai nos salvar?

Blaise percebia, com certo espanto, a facilidade com que o governo conseguira criar tanto ódio no povo americano. Embora não houvesse coisa alguma que Blaise não soubesse a respeito de manipulação da opinião pública,

até mesmo ele se espantava com a eficiência e a rapidez com que pessoas como George Creel tinham conseguido tornar maligno tudo que se relacionasse à Alemanha. Se isso podia ser feito tão depressa com um povo cuja ascendência comprometia uma minoria bastante significativa do povo americano, também poderia ser feito muitas vezes por qualquer governo, e com qualquer propósito.

— Vocês não são um povo indolente e preguiçoso. — Spring Rice era preciso. — São também mais suscetíveis do que nós a... emoções tempestuosas.

— Exatamente o que eu estava pensando. Minha irmã esteve em Hollywood, onde agora estão fazendo filmes sobre os boches bestiais, e milhões de pessoas vão ver esses filmes e acreditam no que vêem.

Spring Rice sorriu ao comentar:

— Assim como acreditam nos meus relatórios e nos seus editoriais.

— Mas nós temos uma *certa* dose de vergonha, não temos?

O embaixador assentiu.

— Temos, sim. Mas nunca tenho certeza a respeito daqueles que nos governam. O Presidente me fez a gentileza de explicar o que é que ele faz

— Conte-me! Eu jamais saberia.

— Aparentemente, ele é um barômetro em forma humana. Registra com precisão o estado de espírito popular. Então, quando esse estado não é mais... variável?... ele age de acordo com ele.

— O qual o senhor, eu e os filmes criaram para ele.

— Nós criamos parte dos fenômenos meteorológicos. Mas não tudo. Na verdade, ele me parece muito mais um nadador tentando evitar que uma onda caia em cima dele enquanto tenta encontrar outra que o leve até a praia.

— O senhor preferia Roosevelt. Eu sei. — Blaise desculpou-se imediatamente pela gafe: — Desculpe-me. Eu não devia ter dito isto.

— Não ouvi coisa alguma além da música, meu caro Blaise, e não vi coisa alguma além da minha querida esposa ali, ensinando um senador a dançar o foxtrote.

— O que o senhor fez... *faz* pela Inglaterra!

— Fiz tudo. — Então, por um instante, Spring Rice ficou sério. — Você sabe, o Presidente, mais o coronel House, que é o Buckingham dele, acredita que deveria existir uma liga pós-guerra, um acordo de todos os países, para manter a paz.

— Eu também. E também Taft, que lhe deu a ideia.

— Eu também, imagino. Mas também sou um barômetro, sem dúvida um barômetro velho, doente e estrangeiro, mas normalmente consigo prever o tempo por aqui, pelo menos as tempestades, quando eu, o barômetro, começo a cair. Essas pessoas, o seu povo, jamais entrarão em tal organização.

Blaise ficou surpreso. Afinal, era a opinião notória daqueles que chefiavam o país e moldavam a opinião pública que tal organização era

altamente desejável. Se podiam tão facilmente fazer o povo odiar tudo que era alemão, então certamente podiam fazê-lo amar um meio burocrático de manter a paz para sempre.

— Não vejo obstáculo algum. Os republicanos são ainda mais favoráveis a uma liga do que os democratas.

— Não vai funcionar assim. Os americanos estão demasiado acostumados a andar sozinhos no mundo. Vocês estão também no início de seu próprio império, e nenhum império em expansão deseja comprometer-se com a paz quando ainda existem tantas guerras lucrativas a serem encetadas.

— O senhor me deixa atônito.

Caroline e um homem magro, moreno e de olhos azuis aproximaram-se deles. Embora ela tivesse feito as apresentações, Blaise não escutou o nome do homem. Obviamente não era de Washington. Caroline estava esplêndida, toda em dourado; e parecia dez anos mais nova do que antes da viagem à Califórnia, onde, seguindo as instruções de Creel, ela entusiasmara a indústria do cinema a fazer esforços ainda maiores, se possível, no campo da propaganda. Spring Rice foi afastado por Ned McLean, cuja sobriedade aproximava-se do fim, como o ano velho.

— Ouvi falar tanto em você!

O sotaque era irlandês de Boston. O tipo de coisa que as pessoas, encontravam na Califórnia, pensou Blaise reprovadamente. Sentiu vontade de saber se Caroline estava tendo um caso com ele.

— Bem, eu nunca ouvi falar em você. — Blaise irradiava o que ele esperava ser simpatia. — Mas a culpa é de Caroline.

— A culpa é sua — retrucou Caroline. — Nós não nos encontramos fora do trabalho...

— Não nos encontramos no trabalho também. — Blaise mostrava-se bem-humorado. — Existe um editor que nos mantém separados. Que é que está fazendo por aqui?

— Visitando Caroline.

Sim, eram amantes. As mulheres, Blaise percebeu não pela primeira vez, não tinham bom gosto em matéria de homens. O irlandês era mais novo que ela, e felizmente sua educação francesa os libertara do poderoso tabu americano: a monstruosa mulher mais velha que, como um vampiro, suga, destrói, a rara essência da masculinidade jovem e inocente. As mulheres francesas, tanto na cama quanto na feira, valorizavam *les primeurs*.

— Timothy nunca tinha vindo a Washington. De modo que eu quis mostrar-lhe uma festa típica.

— É exatamente como DeMille — Timothy comentou.

— DeMille de quê? — fez Blaise.

Nesse momento as luzes do salão foram apagadas. Então um extremo do

aposento iluminou-se com mil luzes vermelhas, brancas e azuis que escreviam: "Boa Sorte aos Aliados em 1918." Houve aplausos. A orquestra tocou "*Auld Lang Syne*". Todos cantaram alto. Blaise beijou a bochecha de Caroline e apertou a mão de Timothy. Caroline então beijou Timothy nos lábios. Em meio a todo ruído dos busca-pés e da música, ela comunicou a Blaise:

— Vou fazer um filme em 1918.

Então acenderam-se as luzes novamente e começou-se a dançar. Blaise voltou-se para Caroline, que definitivamente estava tendo um caso com Timothy.

— Estou ficando surdo — declarou. — Pensei que você tinha dito que vai fazer um filme em 1918.

— Eu disse, Blaise. E vou.

Caroline e Timothy juntaram-se aos dançarinos. Frederika surgiu para o beijo de Blaise.

— O nome dele é Timothy X. Farrell — disse ela, omitindo o "feliz Ano-Novo". — Ele dirige filmes, ou será que o certo é rege filmes?

— Eu tinha esperanças de que ele fosse um motorista — respondeu Blaise, de bom humor. — De qualquer maneira, o que Hearst fizer, ela faz. Talvez o tenha conhecido como corista no Follies.

— Ótimo para ela, eu acho. Ela andava entediada. — Frederika pegou uma taça de champanhe de um garçom.

— Não está entediada agora.

Então Blaise e Frederika começaram o novo ano com uma valsa.

QUATRO

1

Para Caroline, o amor sempre significara — se significava alguma coisa — separação. Nos dias dourados de seu caso com Burden, ela só podia vê-lo aos domingos em Washington; com raras excursões a outros lugares, a exóticas cidades ribeirinhas como St. Louis, e à maravilhosa neutralidade dos quartos de hotel. Ela não precisava de Burden — ou de qualquer outra pessoa — todos os dias. Tinha uma vida cheia, a começar por sua guerra de sete anos contra Blaise por sua parte na herança Sanford. Embora Blaise tivesse ganho a guerra no sentido de que ela recebera seu capital aos 27 anos e não aos 21 como exigia o testamento do pai, ela alcançara a maior vitória ao comprar um jornal moribundo em Washington e fazer dele um sucesso, principalmente porque Blaise sempre almejava ser jornalista como seu amigo e por algum tempo patrão Hearst. Mas foi Caroline e não Blaise quem ressuscitou o *Washington Tribune*. Finalmente, numa conferência de paz na exótica St. Louis, ela lhe permitira comprar parte do jornal, embora retivesse o controle.

Mas controle de quê?, perguntava-se, atravessando cautelosamente a calçada cheia de gelo defronte à *villa* românica de Henry Adams, que ficava em frente à igreja clássico-bizantina de St. John, cuja cúpula dourada desafiava a sisudez recatada do Parque Lafayette. A necessidade, fosse qual fosse, que ela pudesse ter de um poder político tinha sido inteiramente extinta por seus anos em Washington. Vistos de perto, os dirigentes do país não eram diferentes dos dirigidos, ou, se fossem, ela não conseguia distinguir a diferença. Importante era o dinheiro, e nada mais. Para qualquer pessoa criada numa nação cuja peça teatral mais importante chamava-se *O avarento*, isso não deixava de ser agradável, em particular se a pessoa tivesse bastante do que era importante. O problema agora era o que fazer com o que restava de sua vida. Tim, como ela

agora, com certo embaraço, chamava Farrell, entrara em sua vida regrada como uma ventania repentina num piquenique em Newport, deixando tudo em desordem.

Em Los Angeles, seus dias eram passados nos prédios parecidos com celeiros, surpreendentemente pequenos, onde os filmes eram criados numa velocidade muito alta; e as noites em "ceias", como se dizia na Califórnia, com os homens e mulheres mundialmente famosos que eram os astros, cada um menor que o outro; apenas suas grandes cabeças em proporção aos corpos pequenos demonstravam um obscuro princípio darwiniano qualquer segundo o qual, quando a evolução precisou de astros de cinema, aqueles mais adaptados à tela — cabeças volumosas sobre corpos pequenos — estariam prontos para fazer a viagem para a Califórnia "porque faz sol o ano inteiro", proclamava a cidade. Na realidade, havia neblina quase todas as manhãs e mil outros lugares teriam sido mais apropriados, a não ser por um detalhe fundamental — a fronteira mexicana ficava a 150 quilômetros apenas. Como todos os fazedores de filmes na Califórnia usavam equipamento desenvolvido pelo versátil gênio de Edison, e como nenhum deles respeitava suas patentes, a aldeia era cheia de detetives atentos, esperando vislumbrar alguma coisa chamada Alça Latham, a qual, se encontrada em uso, poderia levar a tiroteios e infundáveis processos na justiça.

Caroline gostava da vida de fronteira. Gostava também de seu primeiro caso em muitos anos. Embora irlandês e frequentemente bêbado, Tim era, para usar o popular verbo novo, entusiasmado pelo sexo, e Caroline sentia-se rejuvenescer a cada dia. E nunca deixava de sentir dor em todas as articulações, porque, como Héloïse sabia e orgulhosamente explicou, "a senhora finalmente está usando todos os seus músculos". Caroline sentia-se como um pugilista em treinamento, enquanto ela e Tim faziam o mínimo de barulho possível no Garden Court Apartamentos, dos quais todo o pessoal de cinema — exceto eles — tinha sido barrado pelo gerente, um nativo de Iowa. Tim explicou a Caroline que a maioria dos habitantes de Hollywood eram pacíficos fazendeiros do Meio-Oeste aposentados, que estavam embasbacados ao encontrar sua aldeia invadida de repente pela beleza e pelo vício, por judeus e oficiais de justiça.

Tim voltara para a Califórnia logo depois do Ano-Novo. Caroline iria encontrar-se com ele, mas no momento permanecia em Washington. Hearst já propusera que ela comprasse ações de seu novo empreendimento, a Cosmopolitan Pictures, já fazendo filmes em seus próprios estúdios em Nova York, na Segunda Avenida com Rua 127. Mas Caroline estava cautelosa com Hearst. Para começar, ele conseguia absorvê-la com demasiada facilidade; depois, ela e Blaise tinham levado um susto ao descobrir que Hearst estava negociando a compra do *Washington Times*, com o propósito de fazer dele o que ela tinha feito do *Tribune*. Blaise concordara com ela que deviam manter Hearst fora de Washington, mesmo que isso significasse comprarem eles próprios o

Times e fundi-lo ao *Tribune*. Finalmente, se Caroline quisesse desempenhar sua tarefa de guerra, o lugar onde deveria estar era a Califórnia. Além disso, era onde Tim estava. Agarre a sua chance, como Burden gostava de brincar quando seus corpos ainda eram novidade um para o outro.

Henry Adams sempre tivera o tamanho de um astro de cinema mas agora, com a idade, quase não estava mais presente na sala. A volumosa cabeça calva e barbada parecia solta ao flutuar perto do chão no escritório que sempre recendia a lírios e rosas, não importava a estação do ano. Ali começara sua vida em Washington, pensou Caroline ao abraçá-lo; agora era ali que terminaria? Estaria ela destinada a terminar seus dias no outro lado dos Estados Unidos, usando perneiras e calças de montaria, gritando ordens através de um megafone para atores minúsculos, quando a neblina de Santa Mónica finalmente se dissipava?

— Estou adiantada?

— Eu é que estou atrasado. Atrasado demais.

Adams levou-a até uma cadeira junto à lareira. Toda em cinzento, Aileen Tone cumprimentou-a baixinho. Caroline teve a impressão de que Adams era mantido como um ovo Fabergé, raro e frágil, num ninho cuidadosamente arrumado, acolchoado e aquecido: o ovo então chocaria? Sim, se a morte fosse o choco definitivo.

— Theodore, outrora Rex, está na cidade. Mas por que lhe conto isso, se você é a cidade?

— É verdade, os ecos fizeram-se ouvir. Ele vem para o almoço?

— Aqui? Ah, não. Eu tenho meus princípios, não muito elevados, confesso, exceto quanto a sobrinhas, mas certos peixões nunca conseguirão subir o rio para chegar até mim. Mas ela virá. Minha sobrinha mais velha, Edith, e a filha Alice.

— Eu gosto dela.

Algumas pessoas achavam significativo da saúde frágil de Roosevelt que a esposa Edith viesse a Washington com ele na esteira dos Quatorze Pontos do Presidente (quatro mais que Deus, era a piada corrente) que tinham sido submetidos ao Congresso. O ponto principal envolvia uma liga de todas as nações que iria, diante do primeiro sinal de tensão entre quaisquer de seus membros, acalmar, arbitrar e tornar a guerra impensável.

Theodore Roosevelt correrá à cidade para discursar no Clube da Imprensa Nacional. Lá, denunciou o Departamento de Guerra, que recusara seus serviços e, indiretamente, o Presidente. Foi sarcástico, como sempre, em relação à "paz sem vitória" de Wilson e declarou: "Vamos ditar a paz pelo fragor das armas, e não conversar pela paz ao som de máquinas de escrever." Na ocasião, Caroline anotara devidamente o primeiro verbo. Mas Blaise vetara a publicação no *Tribune* de um ensaio sobre a necessidade ou não-necessidade de um ditador em época de guerra, algo que uma figura pacífica como Harding de Ohio

considerava desejável. Na vida americana não houvera Bonapartes ou reis-sóis — apenas o ambíguo Lincoln. Quanto mais não fosse por causa de sua nacionalidade francesa, Caroline e Blaise tinham sido vacinados contra esse vírus. Mas Brooks, irmão de Henry Adams, aparentemente sucumbira.

— Ele chora como uma criança, pedindo um ditador — disse Adams, um leve sorriso perceptível dentro da barba. — Depois uiva, como Cabot, cada vez que Wilson faz alguma coisa ditatorial. Não há como agradecer o meu irmão.

— E o senhor?

— Ora, eu humildemente adoro a derrubada de tudo que me foi caro. Mas sempre fui entediadamente mais avançado que todos. O coitado do Brooks acha que o mundo está indo para o abismo com enorme rapidez, e eu o consolo o melhor, que posso, à minha maneira alegre, dizendo-lhe que o mundo já chegou lá há dez anos.

— Isto é mesmo um consolo. — Caroline achava difícil crer que o tio Henry, como ela o chamava sem aspas, faria oitenta anos dali a algumas semanas.

Adams pegou um livrinho.

— Conhece George Santayana?

Caroline assentiu. Metade espanhol, metade bostoniano, ele ensinara filosofia em Harvard, lado a lado, quando não frente a frente, com William, irmão de Henry James. Escrevera várias obras sobre a razão da vida ou a vida da razão. Caroline nunca o lera; mas lembrava-se nitidamente dos olhos escuros e brilhantes em seu único encontro com ele em Boston.

— Ele acaba de escrever peças de propaganda muito elegantes. Sem dúvida inspirado pelo grande Theodore. Aileen, por favor leia a página marcada.

Enquanto a outra pegava o livro com Adams, ele voltou seu olhar ainda brilhante para Caroline.

— Agora estou cego — afirmou.

— Não! — exclamou Caroline.

— Sim. — O tom de Adams era tranquilo. — As luzes se apagaram há três meses. Leia, Aileen.

A Srta. Tone aquiesceu:

— "Com sua maneira hesitante e multifacetada, os alemães vêm tateando há quatrocentos anos em busca de uma restauração de seu ateísmo primitivo."

Adams interrompeu-a:

— Ora, isto faz sentido. Lembre-se, as tribos teutônicas foram as últimas a serem convertidas ao cristianismo, e ainda se ressentem da experiência. É por isso que desde então estão em guerra com o cristianismo, de uma maneira ou de outra.

— O senhor faz com que pareçam simpatíssimos. — Caroline tinha sido separada do cristianismo de modo indolor por Mlle. Souvestre, e não tinha

saudades.

— Você é bolchevique, imagino. É a última moda. É também uma coisa do futuro. Brooks está certo. Vivemos para ver o fim de uma forma republicana de governo, que é, afinal de contas, apenas um estágio intermediário entre a monarquia e a anarquia, entre o czar e os bolcheviques.

— Dizem que você virou católico — anunciou Alice Longworth ao entrar na sala com a madrastra Edith.

"Edith sofredora" era o rótulo dramático que Caroline dava mentalmente à mulher mais velha, que se saíra maravilhosamente com cinco filhos, dos quais o mais cansativo era o marido, ao passo que suas relações com Alice eram sempre difíceis.

Adams cumprimentou as senhoras calorosamente.

— Também já ouvi esse boato. Minha conversão é um objetivo de guerra dos alemães, e vai fracassar, como tudo em que eles põem a mão. "Subjetividade de pensamento", como Santayana os descreve, "e obstinação de princípios morais".

— Está falando do senhor, tio Henry? — Alice não ouvira o pronome.

— Não. Dos alemães. Acho que o coitado do Springy iniciou esse boato a meu respeito para nos animar.

— Sinto saudades dele — Alice declarou.

Edith ocupou o trono junto à lareira onde, em épocas anteriores, Clara. Hay sempre se sentava; agora Clara estava morta e dos Cinco de Copas originais só restava Adams.

— Theodore acha que o Sr. Wilson mandou-o para casa por despeito — disse ela.

— Theodore pensaria mesmo isso. — Adams não se alterou. — Lamento que ele não tenha podido vir. Política?

— Que mais? — suspirou Edith — Ele fica sentado na sala de jantar da pobre Alice como um paxá, e todos vêm a ele. Agora está com a delegação de Nova York. Está se cansando demais. E com problemas de estômago.

— Espere até esta noite, quando ele jantar com a prima Eleanor e o Roosevelt errado. — Os olhos azuis-acinzentados de Alice cintilaram à luz invernal do Parque Lafayette. — Eleanor virou a Lucrecia Borja de Washington, ninguém sobrevive à sua mesa.

Para a surpresa de Caroline, não havia outros convidados.

— Quero vocês três só para mim — disse Adams. — Estou cansado de homens e com alergia a políticos, e fico hidrófobo quando vejo uma farda.

— Todos os meus irmãos estão na Europa. Papai está com inveja.

— Sim. — Por um instante a voz de Adams soou lúgubre. Mas seu estado de espírito logo mudou. — Você sem dúvida irá visitar sua sucessora ali no outro lado da rua.

Passou, o braço pelo de Edith e conduziu todos para a sala de jantar, onde estava servido o seu costumeiro desjejum tardio ou almoço adiantado.

— Ah, imagine! — exclamou Edith, achando graça. — Suspeito que sou a última pessoa que ela quer ver, entrando pela porta como o Fantasma de Natais Passados.

— Dizem — fez Alice, que sempre dizia o que diziam — que os irmãos dela estão roubando tudo que não está pregado.

— Ora, Alice! — A voz de Edith era ao mesmo tempo cautelosa e acauteladora.

— Mamãe insiste em que se a gente não estava presente durante o crime então ele não pode ter ocorrido.

Mas Alice deixou morrer o assunto. Edith era a única pessoa que parecia intimidá-la; sem dúvida o pai não o conseguia. Certa vez, criticado pelas escapulidas de Alice, o então Presidente disse: "Posso vigiar minha filha ou posso presidir os Estados Unidos. Mas as duas coisas não posso fazer."

Enquanto Adams e Edith trocavam novidades — doenças, enterros, testamentos — Alice cochichou à Caroline:

— Franklin acha que Eleanor não sabe, e eu acho que ela sabe.

A resposta de Caroline foi rápida:

— Se ela soubesse, não diria.

Alice ficou surpresa.

— Por que não?

— Eu teria que contar a você tudo sobre a nossa professora comum...

— A ateia Mlle. Souvestre? Eu sei. Acho que *realmente* sei. — A maldade de Alice tinha o mesmo tipo de espontaneidade alegre e generalizada da hipocrisia do pai.

Caroline deixou a isca escapar.

— Eleanor só percebe alguma coisa quando há alguma coisa a perceber, e tenho a impressão, como companheira de catolicismo, *de la famille*, que Lucy Mercer não irá para a cama com Franklin até estar seguramente casada.

Alice ficou profundamente interessada por aquele ponto de vista tão europeu, tão papista.

— Você quer dizer, casada com Franklin?

— De preferência. Mas o casamento com qualquer um torna o adultério uma possibilidade, até mesmo uma necessidade. Você não acha?

Alice, pela primeira vez na longa convivência com Caroline, enrubescou. Obviamente um certo tiro no escuro. Mas se Alice tinha um amante, estava sendo esplendidamente discreta. Finalmente eu compreendo o vício. Nós, americanos, somos muito mais simples: se deu coceira, coce. Mas, sem complicações, sem divórcios, sem casamentos. Quero dizer, só para *aquilo*. Eu os

vi juntos, de carro, Franklin e Lucy, vindo de Chevy Chase. Contei a Franklin o que tinha visto, e que ele quase bateu com o carro por ficar olhando para ela, e ele respondeu, com a maior calma: "Bonita, não é?" Eu os recebo em casa, quando Eleanor está fora da cidade. — Alice franziu o cenho. — Mas eles nunca poderiam se casar. Ela é católica, ele não.

— Pior ainda. Ela é católica, ele é político. Não pode ter uma carreira e ser divorciado.

Caroline sempre sentira que a posição de Eleanor era inexpugnável graças à espantosa ambição de Franklin — espantosa porque, simpático e amável como era, ele parecia curiosamente carente de senso político, como demonstrara recentemente ao candidatar-se a senador por Nova York, apenas para ser afundado pela máquina de dinheiro de Hearst e Tammany Hall. Felizmente ainda tinha seu emprego no Departamento da Marinha; e ainda tinha o sobrenome mágico.

Henry Adams e Edith Roosevelt estavam lamentando a perda de Springy.

— Foi nosso padrinho de casamento em Londres. Acho que Theodore nunca teve um amigo tão sábio.

— Nem eu um tão civilizado. — Adams comia melancolicamente broa de milho, um prato com que Caroline se deliciava apenas à mesa dele. — A grande contribuição secreta de Springy foi sua manipulação dos banqueiros judeus em Nova York e a imprensa deles. Eram quase unânimes a favor do kaiser...

— O editor do *New York Times* resistiu — interpôs Caroline.

Ela estivera bastante envolvida nos problemas da imprensa em 1914. Kuhn, Loeb & Company ameaçaram encampar o *Times*, que era pró-Aliados, enquanto outras pressões caíam sobre a imprensa por parte de Jacob Schiff e o irmão americano dos Warburg alemães. Wilson manobrou com cuidado. Alguns banqueiros judeus pró-Alemanha tinham dado dinheiro para a campanha dele, acreditando que ele manteria o país fora da guerra contra a querida Alemanha. Wilson acalmou-os nomeando Warburg para o Federal Reserve Board e o principal sionista do país, Louis Brandeis, para o Supremo Tribunal. Caroline estava presente na Casa Branca quando Wilson de súbito citou as Escrituras para Spring Rice: "Aquele que guarda Israel dela não fugirá nem dormirá."

— Springy é responsável também pela declaração de novembro passado do Sr. Balfour, quando ele desfez todo o trabalho esforçado do cristianismo devolvendo o Santo Sião aos judeus. Acredito que o Sr. Schiff está planejando reconstruir o templo, do seu próprio bolso.

— Mas com certeza o senhor deve ser sionista, tio Henry. — Como todos em Washington, Alice sabia que até mesmo pensar nos judeus deixava Adams apoplético. — Assim eles irão todos para o único lugar que o senhor nunca terá que conhecer.

Mas Adams houve por bem responder calmamente:

— Mas acontece que eu quero conhecer. E agora que os ingleses tomaram Jerusalém dos turcos, desejo contemplar reverentemente o nosso santo dos santos, o coração petrificado da cristandade.

— Eu acho, Henry — fez Edith Roosevelt naquele tom que usava para acalmar o marido —, que você está blasfemando...

— E na hora do jejum — acrescentou Alice.

Aileen Tone mudou de assunto. Caroline pensava em amor e velhice. Ultimamente ela descobrira que se tornara como todas as mulheres de suas relações e idade: inteiramente egocêntrica. Nessa mesma manhã Emma tinha dito:

— Você devia parar de ficar se olhando nos espelhos.

Caroline irritara-se o suficiente para dizer:

— Como é que posso me ver, se não for num espelho?

— Você é insuportável — respondera Emma.

Ela estava agora em seu segundo ano em Bryn Mawr e interessada em matemática. Mas aquilo era problema de Emma. Caroline tornara-se agora problema de Caroline. Naturalmente havia um meio de ver-se não sendo num espelho: na tela. Caroline, Caroline concluiu, baixando os olhos para o pálido e cego ancião Henry Adams estava fora de si; estava louca. À porta do escritório, ela de repente beijou Adams na face.

— Tente não nos esquecer — disse o ancião.

Assim o quinto e último Copas disse adeus a Caroline.

2

Um bombardeio recente atingira um punhado de árvores, desfolhando-as, quebrando-lhes os ramos. A luz difusa, pareciam um batalhão de mortos descarnados. Entre as árvores havia trincheiras, demarcadas por arame farpado. No chão, mortos americanos. Alguns pareciam dormir. Alguns encaravam com horror o final. Alguns eram inidentificáveis quanto à espécie.

A enfermeira da Cruz Vermelha movia-se lentamente pelo bosque. De vez em quando estacava junto a uma figura no solo e estudava-lhe o rosto. Usava uma capa escura, suja e amarrotada; e botas masculinas enlameadas. Finalmente, na borda do pequeno bosque, ela ajoelhou-se junto a um corpo. Estendeu a mão como se fosse tocar ria testa do rosto que a encarava. Então imobilizou-se.

— Corta! — A voz de Tim, amplificada pelo megafone, era autoritária. — Foi maravilhoso, Emma.

Caroline — conhecida no estúdio e "na arte" como Emma Traxler — levantou-se e desceu do cenário para o brilhante sol de Santa Mônica. A luz cinzenta e difusa do bosque Belleau na França era obra de uma tela de gaze sobre uma plataforma onde árvores esqueléticas, cadáveres vivos e manequins sem vida tinham sido cuidadosamente dispostos por Timothy X. Farrell e seu diretor de arte.

— Preparem o close. — Tim voltou-se para Caroline. — Temos visita. O Sr. Ince em pessoa.

Um homem agradável, que ainda não chegara aos quarenta, Thomas H. Ince era, como ele próprio teria colocado, uma lenda da sua época. Com Griffith e Mack Sennett, ele era a Triangle Films. Na teoria, Ince escrevia, dirigia, produzia. Na prática, supervisionava a maioria das produções do estúdio, agora trabalhando em horário extra para satisfazer a fome de filmes da América. Ali, em Santa Mônica, ele construíra uma aldeia-estúdio, criada expressamente para a confecção de filmes no interior ou ao ar livre. Mas Inceville, como o lugar era chamado com seriedade quase total por todos, inclusive seu criador; já estava pequena demais, e uma nova aldeia-estúdio estava sendo construída alguns quilômetros ao sul, em Culver City.

A primeira descoberta de Caroline tinha sido que não existia uma Hollywood no sentido de capital de cinema, apenas aldeias localizadas em laranjais e plantações de cebola, ligadas por estradas poeirentas. Como o estúdio mais perto do mar, Inceville era o mais agradável de todos os trinta ou quarenta.

O principal rival e futuro proprietário da Triangle, Famous Players-Lasky, ocupava uma pequena estrutura em forma de celeiro perto da esquina de Sunset e Rua Vine; e era ali, num clarão de luzes klieg (por causa dos irmãos Klieg: "Quem chutou o "1" para fora dos Klieg!?", costumavam recitar os veteranos), que peças famosas eram filmadas com artistas famosos, a primeira das quais tinha sido Sarah Bernhardt, que representara a rainha Elizabeth e *La dame aux camélias*. Segundo Plon, o irmão francês de Caroline, quando Bernhardt viu sua própria e imponente figura na tela, desmaiara de horror. "Apesar de que", acrescentara Plon, "nós todos desmaiamos. Por respeito."

No momento, a maior estrela de cinema do mundo estava sob contrato com a Famous Players. Aos 25 anos, Mary Pickford ainda representava adolescentes de cabelos compridos, para o que recebera um milhão de dólares por dois anos de seu tempo pelos Srs. Zukor e Lasky. Ela já fizera *A pequena americana*, para deleite de George Creel, e agora estava em algo chamado *M'liss*. O patriotismo estava solto no país, e Caroline estava fazendo mais que a sua parte num filme de sete rolos que iria, segundo lhe assegurava o Sr. Ince, "fazer uma fortuna. Eu sei. Eu conheço. Mas não me pergunte como".

Sob um guarda-sol, Ince e Caroline tomaram chá, enquanto a orquestra de seis instrumentos, que era usada no estúdio para inspirar os atores, agora tocava música leve para dançar. Na primeira das muitas cenas de choro de Caroline, ela descobrira, como tantos amadores, que é difícil chorar na hora certa. Tim sugeriu que ela pensasse em alguém que amava, morto. Ela pensou na filha, Emma; nem uma lágrima. Pensou em Plon, que estava morto; e fez uma careta de raiva por tê-lo perdido numa guerra tão estúpida. Pediu-se à orquestra para ajudar a inspirar-lhe lágrimas. O maestro, um violinista, disse: "Sei exatamente o que escolher. Mary, Doug e o Sr. Chaplin choram feito crianças quando eu toco..." Com isso, a orquestra, postada num cenário de hospital onde os feridos e os moribundos estavam sendo cuidados por Caroline, tocou "Danny Boy" e Caroline riu. Finalmente, entregaram um bastão de cânfora a Héloïse, que segurou-o perto do rosto de Caroline, de modo que o cheiro penetrante lhe provocasse lágrimas enquanto a orquestra tocava suavemente. O resultado tinha sido inteiramente satisfatório para Caroline; e autêntico, também, segundo o radiante Tim.

— A questão é...

Mas Caroline foi obrigada a fechar a boca para que o maquilador lhe ajeitasse o rosto, começando pelos lábios. Caroline não mais se olhava nos espelhos. Se quisesse ver-se, podia assistir aos copióes. Mas depois de se ver na tela durante meia hora no primeiro dia, ela se fartara. Permitia que os outros a pintassem; movia-se segundo as ordens de Tim; e vestia-se como a figurinista decretava. Rendera-se confortavelmente; que eles a inventassem.

— A questão é: por quanto tempo poderemos mantê-la em segredo? Mas diga-me a senhora. É uma jornalista, Sra. Sanford; sabe mais sobre isso do que eu.

— Na verdade, não. — A boca estava terminada; agora as rugas dos olhos estavam sendo repintadas. — Vou acabar sendo descoberta, e não me importo... contanto que não vá passar vergonha...

Ince contemplou-a. apreciativamente, como se ela fosse uma obra de arte que ele pedira emprestada a um museu. Caroline vira esse mesmo olhar muitas vezes nos olhos de Hearst.

— Impossível. E pode acreditar em mim, porque eu também teria muito a perder. Não, você é uma novidade e isso sempre funciona. Temos um punhado de nobres russos querendo trabalhar conosco. Até mulheres da sociedade estão mostrando interesse. Acabei de receber um recado da Sra. Lydig Hoyt de que ela poderia fazer um ou dois filmes, como trabalho de guerra.

— Seu cálice transborda... — fez Caroline, que conhecia aquela dama de Nova York

— Mas ela é apenas um nome da sociedade, que serve para causar uma certa sensação na imprensa, ao passo que a senhora tem este rosto. — De repente ele parecia triste. — Desperdiçado, se me permite dizer. Todos esses anos

em que podíamos tê-la usado... Ah, como a teríamos usado! Como Marguerite Clark..

— Não Mary Pickford?

Agora que Caroline entrara num mundo de inteira fantasia, estava sujeita a todo tipo de simpatias e antipatias irracionais que nunca experimentaria no mundo real. Mary Pickford, quase jovem bastante para ser sua filha, era a principal rival a ser derrubada, ao passo que o encanto sereno das irmãs Gish a enraivecia.

— Mary, não. Só existe uma e, considerando o que ela custa, pode ser que não dure muito. Não. Você é algo que realmente nunca aconteceu antes. Uma mulher de quarenta anos que aparenta ser mais jovem, é claro.

— Que aparenta a idade que tem.

— Seja o que for. Mas que é extraordinariamente bela na tela. Tivemos muitas atrizes famosas que já não eram tão jovens, a começar por Sarah Bernhardt. Mas você não é uma atriz; é uma desconhecida, pelo menos para o público, e está representando alguém com a sua própria idade...

— E aqui está o meu filho.

Um homem moreno de trinta anos, nariz pequeno e olhos azuis redondos, próprios para fecharem-se em cenas de morte, cumprimentou-os com uma continência. Usava uma farda francesa rasgada. O enredo: um americano que se alistara no exército francês, desaparecido no bosque Belleau. A mãe, uma grã-fina frívola, tornou-se enfermeira — uma segunda Florence Nightingale; e sua busca do filho perdido pelos campos de batalha era como as estações da Via Crucis, proclamava Tim, ou a descida de Dante ao inferno. Caroline tornava-se cada vez mais nobre à medida que a morte e a destruição à sua volta ficavam mais intensas. Caroline estava também mergulhando num estado de espírito alucinatório: estava realmente em sua terra, na França, procurando Plon. Deste ponto de vista, a transferência do eu real para o personagem de ficção estava funcionando perfeitamente, e Tim impressionava-se com a facilidade com que ela se tornava, como se dizia, o personagem.

— Oi, Emma, Sr. Ince. Veio verificar quantos metros de filme gastamos hoje?

— Não, sou apenas um turista!

— Bem, não se esqueça daquele faroeste de que me falou. — Voltou-se para Caroline, os olhos mais redondos que nunca. — Sabia que o Sr. Ince descobriu William S. Hart?

Então Tim puxou o "filho" de Caroline para o cenário e cobriu-o de lama.

— Devo ter feito uns cem faroestes — afirmou Ince. — São divertidos. Sempre o mesmo enredo. Sem problemas.

— Ao contrário de *Civilização*?

Uma das razões para Caroline estar funcionando como emissária de Creel

em Hollywood era assegurar que uma coisa como *Civilização* jamais fosse feita, novamente. Embora considerado a obra-prima de duas horas e meia de Ince, o tema pacifista que era popular em 1916 agora, em 1918, era considerado traição — ou até mesmo blasfêmia, já que o subtítulo era *Aquele que voltou*. O enredo girava em torno da volta de Cristo como um engenheiro submarino alemão que prega a paz com o resultado costumeiro. Mas Ince resguardara-se inteligentemente. Como Wilson estava concorrendo à Presidência como candidato da paz, Ince acrescentou um epílogo ao filme, mostrando Wilson em pessoa agradecendo a Ince por ter feito uma tão grande contribuição à paz e, como se viu depois, à sua reeleição. Sendo um homem sem crenças particulares, políticas ou não, Ince agora concentrava-se em filmes como *Os boches do inferno* de Caroline. Enquanto isso, seu sócio, D. W. Griffith, viajara para Londres para fazer filmes pró-Aliados; e comentava-se que quando a guerra terminasse ele faria seus futuros filmes no Leste. O fracasso de *Intolerância*, filme ambicioso e caro de Griffith, prejudicara de tal modo a Triangle que a Famous Players comprara dois lados do triângulo, Ince e Sennett, assim como o desembaraçado galã das telas Douglas Fairbanks e o bucólico William S. Hart.

— Este é o último filme da Triangle. De modo que queremos o máximo. Estreia no Strand de Nova York Entradas a um dólar e meio.

Enquanto ele falava, Caroline pensava, não em filmes, mas sim na França. Ela não tentara retornar, mesmo havendo tantas coisas que poderia estar fazendo lá, mesmo se algo menos heróico do que ela estava agora representando. A "Sra. Wharton — a antiga amiga de Henry James — organizara as costureiras de Paris e estava fazendo roupas para às tropas. Saint-Claude-le-Duc tinha sido tomado pelo governo francês como hospital, para temor de Blaise e seu próprio prazer secreto. Ela podia imaginar-se, sorrindo gentilmente, indo de leito em leito por entre a familiar *boisserie*, enquanto...

Caroline apagou a imagem de sua mente. Estava começando a pensar como se fosse um filme, sempre um mau sinal. Mas, por outro lado, havia anos que vinha pensando como um jornal — em manchetes, subtítulos, itálico, negrito e, naturalmente, fotografias cuidadosamente distribuídas na página, fotos cada vez maiores, à medida que as reproduções felizmente se aperfeiçoavam na mesma medida em que as pessoas eram cada vez menos capazes de ler. Uma vez por ano o crítico literário do *Tribune* escrevia um artigo pessimista sobre o final iminente da literatura, ao passo que o crítico de teatro deplorava o efeito que a paixão do público pelo cinema exercia sobre o teatro. Por enquanto não havia um crítico de cinema. Mas isso viria, Caroline concluiu, despedindo-se do Sr. Ince. Encontrar-se-iam novamente à noite, socialmente. Havia uma Sra. Ince, e filhos. Havia uma complicada vida social já estabelecida no que era conhecida como "colônia do cinema", colocada como uma coluna de fogo em meio aos perplexos nativos de Iowa.

Tim conduziu-a para o cenário de uma igreja em ruínas. Havia um pedaço da nave contendo o altar principal, sobre o qual um Cristo crucificado erguia-se em meio à destruição. Atrás do altar, uma janela redonda mostrava fragmentos de um vitral. Acima do cenário sem teto, a mesma gaze cinzenta que filtrara a luz do bosque Belleau.

— Muito autêntico — elogiou Caroline.

O diretor de arte era um russo recém-chegado que não falava inglês mas que de alguma forma, entre palavras em francês e a mímica, conseguia criar qualquer coisa que Tim pedisse. O maquilador não cessava de mexer no rosto de Caroline, como um pintor numa tela inacabada. Acrescentou tinta branca à camada branca já colocada. Parecemos pessoas mortas, ela pensou. No entanto, na tela havia uma transformação: os cadavéricos rostos brancos tornavam-se vivos, enquanto a imaginação das plateias deixava vermelhos os lábios e rosadas as faces. Mas não deixava os velhos jovens, ela pensou com melancolia, confiando no instinto de Tim, segundo o qual uma mulher de meia-idade podia ficar "deslumbrante" na tela.

Tim e o câmara cochicharam entre si. Dois técnicos dirigiam um par de luzes klieg que fazia o crucifixo resplandecer sobrenaturalmente na penumbra. Uma terceira luz foi colocada para iluminar o rosto de Caroline. Ela percebeu, profissionalmente, que a luz ficava a uma altura suficiente para apagar suas rugas. A luz do dia era a pior coisa para uma mulher de idade. Apenas quando o sol estava baixo — erguendo-se ou morrendo — a pessoa podia mostrar uma aparência apropriada, e não desfigurada. Por causa da crueldade da luz natural, as primeiras estrelas eram muito jovens, como Mary Pickford e as irmãs Gish. Mas agora, graças às novas câmeras e à iluminação controlada, isso estava mudando; mas o fato era que tudo estava mudando no cinema, ao contrário da vida real.

Caroline iniciou a tarefa de convencer a si mesma que estaria absolutamente "deslumbrante" diante do altar, com a luz mais alta diretamente em seu rosto. Como sempre, só de pensar na luz seus olhos puseram-se a lacrimejar. Ela sofria de "olhos de klieg": por uma razão qualquer, a poeira ou os raios de luz provocavam uma inflamação nos olhos que poderia levar à cegueira temporária. O maquilador, que viu imediatamente as lágrimas, correu a enxugá-las. Se os olhos dela piorassem, gelo seria aplicado nas pálpebras doloridas.

Tim e Pierre, um ator francês que representava um oficial alemão em mau inglês, juntou-se a Caroline junto ao altar. Como convinha a um ator profissional, Pierre era pequenino, com a obrigatória cabeça grande, que fora raspada, de modo que o couro cabeludo pintado de branco parecia o Mont Blanc envernizado. Usava monóculo. Tim instruiu:

— Bem, é agora que você descobre que .seu filho- foi feito prisioneiro. Pierre, você está satisfeito com a situação. Está sentado ali, à sua mesa em frente

ao altar. Está escrevendo. Enquanto ela lhe implora, você continua lendo e escrevendo. Não levante os olhos. Então, quando ela pede que você lhe diga em que prisão ele está... vamos seguir o roteiro. Aliás, vocês dois o conhecem?

Ambos afirmaram conhecer o roteiro. Caroline sempre decorava a sua parte enquanto se dirigia ao estúdio. Houve época em que os atores simplesmente criavam suas falas durante o filme, contando piadas ou casos picantes que não tinham coisa alguma a ver com a cena. Mas não tinham contado com a esperteza da primeira plateia criada vendo filmes: muitas pessoas tornaram-se hábeis leitoras de lábios, e não perdiam detalhe algum e ficavam horrorizadas sempre que um ator as traía com bobagens ou, pior, com obscenidades.

— Ai você levanta os olhos, Pierre. Vê que ela é linda. Fica de pé. Rodeia a mesa pela direita. Tenta agarrá-la. Ela resiste. Você a persegue até o altar. Ela agarra o crucifixo e bate em você com ele. Não se preocupe, é madeira muito leve. Você cai de costas. Terminamos com um close da enfermeira Madeleine segurando o crucifixo, horrorizada...

— Petrificada — disse Caroline, que adorava esse tipo de coisa.

— Como você achar melhor. Certo. Aos lugares.

Tomaram seus lugares. A princípio a câmera estaria em Pierre. Depois Caroline ia colocar-se no centro do quadro e bem na fronteira da tradicional distância de três metros entre os atores e a câmera. Nos primeiros filmes a câmera não se movia. Mas agora elas podiam ser colocadas em automóveis ou carretas, e os atores ficavam menos presos.

— Pronto! — O tom de Tim era autoritário.

— Silêncio! — pediu o assistente.

A orquestra de seis instrumentos estava no lugar, atrás da câmera. O maestro perguntou:

— Que é que vai ser, Srta. Traxler?

— *Die Meistersinger*. — Caroline já descobrira o tipo de música necessária para inspirar-lhe heroísmo.

— Alemã — souu uma voz não identificada.

— Fique quieto — fez Tim. E então, a ordem que iniciava as filhagens: — Engrenar!

— Meu filho... disseram que o senhor saberia. Onde, coronel Von Hartmann, onde está ele? Agora!

— Nome?

Fizeram a parte senta-levanta da cena. Então Caroline moveu-se para o brilhante desconforto da luz klieg que conferia a glória, além de ardência nos olhos. Felizmente dessa vez a glória não se misturou a lágrimas extra-roteiro. Ela adorava a força daquela luz poderosa, mesmo que lhe derretesse a maquilagem do rosto, enquanto Wagner começava a derreter-lhe o cérebro.

— Vocês americanos jamais aprenderam a lutar. Jamais! A Alemanha

trunfará sobre a sua raça de vira-latas!

Caroline sentiu vontade de sorrir; o inglês com sotaque francês era ridículo, por parte do que parecia ser um boche vindo diretamente do inferno.

— Nós cumprimos nosso dever, todos nós, como o meu filho cumpriu o dele — Caroline declamou para a câmara.

— Continue — ordenou Tim.

— Não tenho mais palavras.

— Invente. Vocês dois, depois que ele se levantar.

Caroline começou em seu melhor tom de anfitriã da sociedade:

— Henry Adams achava que vocês, alemães, são essencialmente ateus, e suas guerras são sempre contra a cristandade.

— Interessante — disse Pierre, dirigindo-lhe um sorriso lúbrico. — Talvez isso explique por que eles gostam de derrubar as igrejas. Eu só tenho um pulmão, madame. Caso contrário luto por *la France*.

O coronel boche levantou-se, colocou o monóculo sobre o olho, sorriu devagar e lascivamente.

— A senhora é muito bonita, madame.

— Vocês boches dizem isso a todas.

Pierre endireitou-se em toda a sua estatura napoleônica, que era dois centímetros menor que a de Caroline.

— No meu roteiro diz agora eu a estupro, madame.

— No meu também. Fique sossegado, pois resistirei como uma leoa. Sou incrivelmente corajosa.

— É porque a senhora nunca teve um homem de verdade antes.

Pierre estava agora diante dela, mais perto da câmara que ela, para parecer mais alto. Ele fizera mais de cem filmes na Europa.

— Quem é Henry Adams? — murmurou guturalmente.

— Um amigo muito querido que morreu na primavera.

Pierre saltou sobre ela; ela o empurrou.

— Velho?

— Mais de oitenta anos. — Ela recuou. — Era o homem mais sábio que já conheci.

Caroline mostrou os dentes — um efeito leonino, esperava. *Die Meistersinger* levava-a a alturas jamais alcançadas por uma simples mulher.

— Entendia muito da personalidade alemã — continuou ela.

Um sorriso bárbaro tornava o rosto de Pierre positivamente assustador. Ele estendeu a mão para o pescoço dela. Ela recuou em direção ao altar; em seu rosto o terror misturava-se à obstinação.

— Você devia ler o último livro dele, *A educação de Henry Adams*.

Com um mergulho, Pierre rasgou-lhe o vestido, expondo-lhe o colo.

— Meu inglês não é suficientemente bom — sibilou.

No altar, voltaram ao roteiro.

— Não! Nunca! — Caroline gritou.

— Se quer ver seu filho vivo, tem que ceder.

— Como pode fazer isto?

Pierre empurrou-a sobre o altar; seus olhos brilhavam; ele estava pronto para estuprar.

"Oh!", era o que pedia o roteiro, e "oh!" foi o que Caroline disse ao girar, ver o crucifixo, pegá-lo e então, segurando-o respeitosamente no alto, como se em prece, contou até três e bateu com o crucifixo na cabeça raspada de Pierre. Ele cambaleou para trás e caiu no chão, inconsciente ou morto — o roteiro não especificava, já que Caroline logo estaria fugindo em meio aos horrores do bosque Belleau, onde encontraria os fuzileiros navais americanos que tinham, sozinhos, derrotado todo o exército alemão — pelo menos era o que os cartões inspirados por Creel informariam à plateia.

Tim ficou radiante.

— Vocês foram maravilhosos.

Ele incluiu também Pierre, que estava agora de pé, esfregando a cabeça. Caroline sorriu galantemente para Tim através da lama branca que era a sua maquiagem e que agora escorria-lhe pelo rosto e entrava-lhe nos olhos sensíveis. O maquilador acorreu com uma esponja.

— Você não se importou com a nossa conversa enquanto eu estava sendo estuprada?

— Infelizmente eu estava tão excitado assistindo que não ouvi. Vocês não ficaram dentro do roteiro?

— Roteiro terminou — disse Pierre galantemente. — Nós conversar livros.

— Não tem importância. — Tim pegou o crucifixo. — Os dois estavam se movimentando depressa demais para que alguém leia seus lábios. De qualquer maneira, visualmente foi maravilhoso. — Ele ergueu o crucifixo.

— Isto sempre tem um efeito em vocês, irlandeses — observou Caroline.

— Bem, afinal *somos* católicos.

— Você não. Eu sou católica, Tim querido; você é irlandês. Não é a mesma coisa.

— Mais uma tomada — ordenou Tim, concentrado apenas no filme.

Caroline gemeu, enquanto o maquilador novamente pintava-lhe o rosto.

— Vou ser estuprada de novo?

— Não. Aquilo foi perfeito. Quero um close de você. No altar. Você se volta, pega o crucifixo e vira-se novamente para a câmera. Aí faremos o close.

— Nunca diga não a um close. — Caroline repetiu o provérbio cinematográfico através dos dentes cerrados, pois o maquilador lhe aplicava um batom azulado.

— Então — Tim voltou-se para Pierre — vamos pegar a sua reação. Quando você vê a cruz, fica de repente horrorizado com sua própria maldade. Olha da cruz para o rosto da mulher que está prestes a estuprar...

— Bom. Eu gosto.

— Tudo *isso* vai estar no cartão?

Mas Tim ignorou Caroline e voltou ao seu lugar junto à câmera. Em seu devido tempo a palavra "engrenar" foi pronunciada e Caroline tornou-se, senão outra pessoa, pelo menos outra personalidade, postando-se junto ao altar e fazendo o que lhe pediam.

Enquanto isso, na vida real, o exército alemão avançava em triunfo por toda parte, ao passo que em Santa Mônica demonstrava-se outra coisa, numa tentativa de esconder a milhões de pessoas em todo o mundo que, na ocasião em que esses filmes estavam sendo feitos, em julho de 1918, os exércitos alemães tinham ocupado uma parte da Europa maior que qualquer potência ocupara antes, incluindo Napoleão Bonaparte. Os alemães estavam a setenta quilômetros de Paris. Eram senhores do norte da Itália, dos Balcãs, da Polônia, dos Estados do Báltico, da Ucrânia; e tinham cercado a cidade sagrada da Rússia, Kiev. Mais que nunca era necessário aos Aliados fingir que estavam vencendo. Assim, se não nos campos de batalha, nos filmes os fuzileiros navais americanos continuavam destruindo os boches e uma simples mãe americana, armada apenas com sua virtude e seu rosto fotogênico e encantador, com um crucifixo à mão, era capaz de salvar-se da luxúria carnal do boche bestial. Isso era mais poderoso que os jornais, pensou Caroline, observando Pierre filmando sua reação, olhos arregalados de horror, mãos erguidas para desviar o golpe terrível. Como sempre, Hearst tinha razão. Mas o que fazer com um modo tão novo de... de quê? George Creel diria: de propaganda. Mas isso era simples demais, e com o tempo as plateias descobririam todos os truques. Mesmo agora, no início do cinema, a paixão do público em conhecer tudo sobre os astros iria mais tarde inspirar uma curiosidade cética a respeito dos meios e das razões de uma forma tão poderosa de entretenimento. Em certo sentido, os Aliados podiam realmente perder a Europa enquanto o americano comum, a cinco mil quilômetros de distância, estava convencido de que tudo ia bem e que os boches tinham sido detidos por Caroline Sanford, conhecida na arte, como diriam os franceses, como Emma Traxler, a mais nova e menos famosa artista de cinema em Hollywood.

Como Sra. Sanford, Caroline era conhecida e cortejada pelo mundo surpreendentemente formado pelas pessoas do cinema. Embora Hollywood fosse simplesmente uma de uma série de pequenas aldeias espalhadas ao longo da costa do Pacífico, de Culver a Santa Mônica, esse nome viera a significar a indústria de "imagens em movimento", e àqueles que nela trabalhavam eram conhecidos entre os perplexos nativos como "pessoas em movimento", andando sem rumo em grande velocidade e derrubando todos os dez mandamentos de

Deus.

Na realidade, Caroline achava os famosos artistas bastante cansativos — para não dizer cansados. Moravam em confortáveis casas de estilo espanhol no Bulevar Franklin, ou na beira da praia, ou nos altos desfiladeiros que cortavam as ermas colinas de Hollywood. Já que era um artigo de fé que o público americano não podia apaixonar-se por um astro de cinema que fosse casado na vida real, muitos pais de cinco filhos, como Francis X. Bushman, eram obrigados a passar por castos solteirões levando uma vida solitária e esperando ansiosamente pela mulher de sua vida, que saltaria da plateia escura para a tela brilhante, para compartilhar a sofisticação da vida deles. Enquanto isso, a Sra. Bushman e os filhos ficavam escondidos dos olhos do público.

A Sra. Smythe recebeu Caroline e Tim no que era conhecido nas revistas de fãs como sua suntuosa sala de estar, no alto de um morro com a vista de quilômetros de pomares e o marrom do Pacífico a distância. A Sra. Smythe era pequena e nervosa, e envolta em seda magenta. A voz era mais Liverpool que May fair — sua pretensão; mas ela conhecia bastante o mundo. Mudara-se para a Califórnia por causa da saúde. O Sr. Smythe era presidente de uma firma que fazia sabão. Enquanto ele galantemente passava aqueles tempos de guerra na Inglaterra, Pamela Smythe viera sozinha. Em pouco tempo estabelecera-se como uma anfitriã importante, graças à sua alegada fortuna e alegados amigos nobres. O pessoal do cinema adorava títulos — em grande parte, na opinião de Caroline, porque eram obrigados a personificar tantos nobres, nos filmes. Agora, com a queda do czar, os russos brancos estavam por toda parte. Todos eram nobres e tocava-se balalaica como se comia um blini, e Mary Pickford invariavelmente chorava ao escutar mais um lamento de saudades do distante rio Don.

Os jantares tinham início às 18:30h, porque os artistas deviam estar na cama às 22:00h, a não ser que fosse noite de sábado; nesse caso podia-se dançar no Biltmore Hotel de Los Angeles, beber e jogar num dos poucos lugares abertos até tarde da noite, ou em festas em belas casas como aquela.

— Caroline!

A Sra. Smythe adquirira o hábito do novo mundo de usar o primeiro nome. Caroline respondeu com um "Pamela!" que soava como três nomes dignos da dicção lenta de sua cunhada. Tim ganhou um sorriso radiante.

— Hoje temos velhos amigos. — Montana estava agora misturado a Liverpool-May fair.

— Uma reunião no velho curral. — Caroline completou o sentimento.

Uma mulher muito maquilada aproximou-se dela, braços abertos.

— Permita-me apresentar a condessa de Inverness — disse á Sra. Smythe, algo assustada com a cena iminente.

— Millicent!

— Caroline!

Caroline beijou a velha amiga. Tinham estudado na mesma turma no estabelecimento de Mlle. Souvestre. Millicent era sobrinha de um Presidente americano que nem Caroline nem mais ninguém conseguia recordar, tendo sido ele uma das dignas nulidades entre Lincoln e Theodore Rex. Depois de formada, Millicent e a mãe ficaram em Londres, e Caroline fora apresentada à corte pela mãe de Millicent. Caroline então mudara-se para Nova York, ao passo que Millicent casara-se com o conde de Inverness, um brutamontes local que a fizera infeliz, como todos tinham avisado.

— Vocês se conhecem!

A Sra. Smythe ficou triste com isso, mas a chegada de Douglas Fairbanks desviou radicalmente a atenção dos presentes, deixando Millicent em paz para chorar no ombro de Caroline.

— Ele é simplesmente vil — gemeu.

— Acho que ele é bem atraente. — Caroline contemplou sem embaraço o homem baixinho com a cabeça não tão grande que capturara os corações de metade das mulheres da terra.

— Não estou falando do ator. Estou falando do meu marido.

— Ele está aqui?

— Se estivesse, eu estaria?

Isso foi dito com tanta ênfase que um vaso de orquídeas quase foi ao chão. Era óbvio que Millicent estava encontrando alívio naquela mesma bebida que, quando ingerida pelo marido, tornava a vida vil. O conde, aparentemente, como Jamie Bennett, editor do *Paris Herald*, e Ned McLean, editor do *Washington Post*, não apenas era dado a grandes bebedeiras mas também a aliviar-se em público, se a situação fosse suficientemente pública e de preferência solene. Jamie fizera isso muitos anos antes, num jarro na casa da noiva, cujo irmão então o chicoteara para fora de Nova York e para o outro lado do Atlântico, para Paris, para sempre. Ned preferia as lareiras, apagando alegremente as chamas, ao passo que o conde aumentava o conteúdo das terrinas de ponche:

— Na embaixada americana, na frente do Sr. Page, o nosso embaixador. Todo mundo viu.

— Que foi que você fez?

— Dei-lhe um sopapo. — Millicent ergueu a mão pesada, cheia de anéis trabalhados com numerosas pedras de formato irregular.

— Deve ter feito um grande estrago.

— Acabei com a festa, como se diz lá. — Millicent assumiu um ar de melancólica felicidade. — Vamos nos divorciar quando a guerra terminar; É por isso que estou aqui. Para ficar o mais longe possível da minha vida. Você sabe como é isso.

— Eu nunca soube como é isso. Por isso estou aqui.

Embora Caroline tivesse preferido misturar-se às famosas pessoas baixinhas, Millicent puxou-a para um sofá. Empregados japoneses ofereceram-lhes vinho. O chá era coisa do passado naquela parte do Oeste, a não ser entre os ingleses, que, como Santas Teresas esfregando o chão, trabalhavam no cinema enquanto viviam como se ainda estivessem em casa em Surbiton. Por outro lado, o jantar às 18:30h era uma novidade local que Caroline suportava apenas porque ela também precisava estar de pé ao amanhecer para enfrentar o sol matinal, que a favorecia, e esconder-se ao meio-dia até que o sol estivesse baixo novamente.

— Vou voltar a, morar em Washington.

— Você vai nos animar.

— Certamente vou animar Alice. Que pose ela tem!

Millicent fora a única reliquia presidencial da cidade e não tinha cedido de boa vontade sua elevada posição a Alice Longworth. Mas o casamento de Millicent com um conde de certa forma restabelecera o equilíbrio. Caroline previa problemas à frente; e notícias para a sua Dama da Sociedade.

— Eles não me esqueceram, não é? — Millicent quis saber.

Com menos de cinquenta anos, Millicent conseguira habilmente apagar sua beleza com uísque, que ela agora derramava num copo, de um frasco de prata preso a uma corrente em volta do pescoço. Sim, pensou Caroline, ela vai ser um sucesso nos McLean, se não nos Wilson. A era de Millicent, condessa de Inverness, traria balbúrdia e alegria, desde a costa dourada da Avenida Connecticut até a grandiosidade moral de Thomas Circle.

— Quentin está morto, sabia? — fez Millicent, bebendo seu uísque. — Uma amiga me telegrafou de Londres. Um rapaz tão bom! Morreu num aeroplano, num duelo aéreo, disseram, com os alemães. Que coisa estranha, um duelo aéreo!

Caroline constatou que estivera tempo demais fora do mundo real. Nem mesmo olhava para os jornais locais, a não ser o *Kine Weekly*, que só dava notícias do cinema. Levantava-se cedo demais; ocupava-se demais; dormia cedo demais. Era como viver num sanatório; as únicas notícias de fora eram os telegramas de negócios enviados por Blaise. Agora precisava escrever para o coronel e Edith Roosevelt e... que mais? Para Alice?

Uma das pessoas baixinhas veio até Caroline, exatamente quando Millicent virava-se para cumprimentar um russo branco que atravessara a nado o mar Negro ou alguma outra grande massa de água, em busca da liberdade.

Caroline contemplou os olhos brilhantes, vidrados e vermelhos, mais baixos que os dela, de Douglas Fairbanks, que prontamente notou o estado dos olhos dela.

— Olhos de klieg — diagnosticou. — Que é que você anda fazendo? Filmando?

— É como ser maçom, não é? Estes olhos. — Caroline chorava incontrolavelmente, as lágrimas provocadas pela lembrança.

Com graça e presteza, como se estivesse na tela, ele retirou não uma espada da bainha mas um vaporizador do bolso e vaporizou os olhos dela, tendo primeiro verificado que ela não usava maquiagem. O efeito foi refrescante. Ele então ofereceu um lenço de seda:

— Tome. Fique com ele.

— Você é um amor. — Caroline enxugou os olhos. — Isto foi ótimo — disse; e tinha sido mesmo. — Estou fazendo um apelo paia o Sr. Ince. Pela França. Em francês. Fui criada lá, sabia?

Ela pensava ter conseguido fugir ao assunto, mas caíra apenas em mais confusão.

— Por que em francês? Os cartões são sempre traduzidos.

— Mas não seria eu, não é verdade? Falando para minha... mais ou menos... terra natal.

Por que um astro de cinema podia levá-la a tal confusão?

— Imagino que não. Lembra-se daquela noite, na casa do Sr. De Mille, quando eu disse, que tinha escrito um livro e queria que você o lesse? Bem, eu o trouxe. — Fairbanks entregou-lhe um volume fino intitulado *Assumindo responsabilidades*.

Caroline sorriu, mostrando seu prazer.

— Como é que encontra tempo para escrever? — perguntou, como era esperado dela.

Fairbanks contou-lhe. Fora da tela ele tinha um encanto impressionante, ao contrário de tantos anõezinhos que eram como bonecos até serem adequadamente iluminados e instruídos a movimentar-se pela área de três metros quadrados onde o filme tinha sua tolhida existência no presente, um mero prelúdio da resplandecente imortalidade da tela.

— ... Theodore Roosevelt é o meu ídolo — ele terminou.

— Bem, vocês dois são muito ativos, percebe-se.

O sorriso dele parecia uma fileira de lâmpadas numa marquise de cinema. Ao contrário dos boatos maliciosos, as centenas de dentes eram brilhantemente reais.

— Foi uma ideia maravilhosa de vocês no *Washington Trib*, a crítica dos filmes ser feita pelos críticos de teatro.

Caroline continuava a maravilhar-se com o fato de homens e) mulheres que eram conhecidos literalmente pelo mundo inteiro ainda conseguirem estar ao corrente de qualquer referência obscura a eles próprios na imprensa nacional. Quem ficava sabendo das críticas maravilhosas que Douglas Fairbanks estava recebendo em Xangai, Lisboa ou Caracas? Ele próprio, certamente, quando calculava sua renda; no entanto, tinha também o olhar friamente fixo no crítico

de teatro do *Tribune* porque "depois daquela crítica maravilhosa de *O americano* há dois anos, ele parou de criticar filmes".

Caroline não se lembrava disso.

— Imagino que *O americano* tenha sido um filme tão revolucionário que ele o tratou como uma peça de teatro ou... ou como *O americano* de Henry James — improvisou.

— Perdão?

Caroline' mergulhou de cabeça: nunca olhe para trás.

— Mas concordo. Ele, ou alguém mais, devia entender que um filme é uma obra de arte tão séria quanto uma peça de Belasco...

— E como! — O belo queixo projetou-se, como ela o vira fazer uma dúzia de vezes na tela. — Estamos fazendo algo inteiramente novo na história, e para todos, em toda parte. Você não sabe a arma que isso é.

— Ah, sei, sim. Estou aqui a mando de George Creel, lembre-se. Para conseguir que vocês ajudem a causa dos Aliados.

Fairbanks assentiu vigorosamente, graciosamente. Caroline perguntou-se por que ele não a atraía sexualmente. Seria porque todo mundo em toda parte o vira assentir assim? E sorrir? E amar? Meio bilhão de pessoas vezes dois representava uma grande quantidade de chifres para o amante real de um artista de cinema.

— É verdade. Eu tinha me esquecido. Não, eu vim do teatro...

— *Um cavalheiro do Mississippi!* — Caroline recordou-se subitamente de um belo ator jovem dos palcos da Broadway. Ele tinha movimentos rápidos e era, sim, encantador. Mas agora ela compreendia por que ele movimentava-se sem parar pelo palco: era mais baixo que a artista principal.

Fairbanks ficou maravilhado.

— Essa peça ficou dois anos em cartaz. Você devia ser uma criança. Foi em... quando? 1910. De qualquer maneira, eu era como todos os atores de teatro na época, e muitos deles ainda são: achava que isto aqui era apenas um modo fácil de ganhar uns trocados. Mas havia Griffith, e Chaplin, e...

— Pickford.

Caroline não conseguiu resistir. Fairbanks, dizia-se, estava separado da esposa e tinha um caso com "a namorada da América". Até então, o maravilhado público americano ainda não tinha se tornado confidente de Hollywood. A censura da guerra também tornara fácil a Hollywood controlar sua própria imprensa; e o controle era necessário. Embora a maioria das pessoas tivesse aceitado o fato de que Mary Pickford era uma mulher de 25 anos que ainda representava garotinhas, se se suspeitasse que a "Santa Mary"¹ tinha um caso com um homem de 35 anos, casado e pai, os filmes dela — e os dele — seriam boicotados, e todas as igrejas do país clamariam a Deus pela destruição da Sodoma da Califórnia, e que todos os bonecos fossem transformados em

minúsculas colunas de sal.

Fairbanks ouviu com tranquilidade o nome de Fickford.

— São estes os membros da nossa empresa. Vamos iniciar nosso próprio estúdio, com nossa própria distribuidora. Por que Zukor e você também, Tom — ele incluiu os recém-chegados Sr. e Sra. Thomas Ince na conversa —, deveriam ganhar todo o dinheiro? Agora nós vamos ficar com todo ele, e só faremos filmes de que realmente gostamos.

A Sra. Ince sorriu distraidamente para Caroline. As esposas, se não eram do ramo, passavam muito tempo sorrindo distraidamente umas para as outras e discutindo problemas domésticos e a superioridade dos empregados japoneses sobre os filipinos. Desde o princípio Caroline sentira-se em casa nessa colônia fechada: a obsessão de Washington com a política igualava-se à obsessão de Hollywood com seu próprio produto deslumbrante. Como proprietária de jornal, Caroline estava na feliz posição de ser igualmente útil a ambas as espécies de colonizadores.

— Assim que Griffith voltar de Londres começaremos a nos organizar.

Ince sorriu com tristeza.

— Bem, não existe outro como ele. Isso eu posso garantir, é o melhor diretor que há. Mas não o deixem afundá-los assim como ele afundou a Triangle, gastando todo aquele dinheiro...

Caroline gostava daquela conversa de negócios, principalmente agora que ela própria estava envolvida no mesmo negócio.

Mais tarde, na gelada escuridão de uma compressa fria sobre os olhos, ela disse a Tim, quando estavam juntos na cama:

— Que devo fazer quando todos descobrirem que sou Emma Traxler?

— Todos não vão descobrir. Fora das poucas pessoas que você conhece pessoalmente, o mundo só estará interessado no que está na tela, e que é Emma, não Caroline. De qualquer maneira, você se importa?

— Acho que não. Se me importasse, não estaria fazendo isso, estaria?

— Não sei! De qualquer maneira, Emma Traxler vai ser uma estrela de verdade.

— Já estou com ciúmes dela. Ela vai ter a fama e a glória, e eu vou ser apenas a Sra. Sanford, a matrona de Washington.

— Eu não me preocuparia.

Tim bocejou. Ela removeu a compressa. Fizeram amor. Ele adormeceu. Ela tentou dormir mas não conseguiu parar de pensar naquele crucifixo e no tipo de madeira de que ele era feito para poder ser tão leve.

Burden, sentado no terraço na frente do Chevy Chase Club, observava os jogadores dominicais iniciando ou terminando as partidas no campo de golfe, que à luz prateada de outubro parecia o pano de fundo de um Gainsborough, colinas de um verde sombrio e folhas ainda verdes em meio a outras já cor de terra. O céu estava enevoado; o dia quente. Mais cedo ele jogara nove buracos com William G. McAdoo, a convite de Mac. O que quer que o secretário do Tesouro tivesse em mente, ele conseguira não expressá-lo enquanto aproveitavam o... ar mefítico? Durante um mês a epidemia de gripe espanhola grassara pelo mundo ocidental. Kitty adoecera seriamente. Felizmente Diana tinha boa saúde e Burden evitara multidões e praticara ficar sem respirar, uma profilaxia impossível contra a praga assassina. O Senado fora duramente atingido. Era realmente como uma praga medieval, transmitida de pessoa a pessoa, mas a razão exata por que algumas eram suscetíveis, e outras não, era tão desconhecida quanto a razão por que a praga ocorria nessa época em particular. Alguns suspeitavam do juízo final; outros, do alto comando alemão. Muitos acreditavam que cientistas alemães tinham envenenado os reservatórios do mundo ocidental. Alarmistas declaravam que muitos milhões morreriam antes que a praga desaparecesse. Alarmistas ainda mais extremados sugeriam que a praga desapareceria quando o último homem expirasse, primeiro queimado pela febre, depois afogado pelo maremoto da pneumonia. Tudo isso, e uma guerra mundial — e num ano de eleição.

Quando estavam para deixar o nono buraco, um empregado do clube veio correndo até McAdoo: a Casa Branca. Urgentíssimo. Em silêncio os dois homens voltaram para a sede do clube. McAdoo entrara, enquanto Burden aproveitava a solidão povoada do terraço e se perguntava por que e com que propósito McAdoo o estivera sondando. O porquê era fácil: McAdoo queria muito ser o candidato democrata em 1920. Será que pretendia tê-lo como vice? Decerto seria uma chapa não apenas bem equilibrada mas também uma provável vencedora. Burden tinha o apoio de Bryan e Champ Clark, e dos outros oriundos do Sul e do Oeste que ainda formavam o maior bloco do Partido Democrata, ao passo que McAdoo tinha os chefes municipais do Leste, os banqueiros de Wall Street; tinha sido também um bem-sucedido secretário do Tesouro e membro da Junta de Conferência de Guerra que no momento governava os Estados Unidos. O fato de ser genro do Presidente ajudava e atrapalhava igualmente, portanto podia ser fatorado e retirado da equação final. Mas e o próprio Presidente? Restavam-lhe apenas dois anos para tornar o mundo seguro para a democracia.

Até então a Alemanha não tinha sido derrotada — pelo contrário; e os americanos recém-chegados ainda não representavam a avassaladora força nova no campo de batalha que a obediente imprensa de George Creel proclamava. Mesmo assim, o fato de haver agora ria França um milhão de soldados vindos do outro lado do Atlântico virara o jogo psicologicamente, e o

sábio profeta Henry Adams, constatou-se, estava correto quando disse, ainda em 1914, que a Alemanha era uma força pequena e insignificante demais para conquistar o mundo. No final das contas, com toda honestidade, Woodrow Wilson poderia ter o direito de cantar vitória. Graças a ele, a escolha do momento tinha sido impecável. A entrada tardia na guerra significava poucos feridos, ao passo que os apelos idealistas aos povos do mundo, acima das cabeças de seus egoístas líderes políticos, tinha sido, Burden pensou mas não disse, misteriosamente parecida com as do bolchevique Trotski. Finalmente, "paz sem vitória" era utopia; portanto, impossível; portanto, aceitável por todos. As chances eram de que, se Wilson desejasse um terceiro mandato como Presidente, ele o teria. Mas ele não poderia, como o ditador americano no romance do coronel House, querer liderar o mundo inteiro? Se ele se estabelecesse como Protetor da Democracia em algum lugar da Europa, então por que não McAdoo-Day em 1920? Ou ao contrário?

McAdoo sentou-se ao lado de Burden numa das grandes cadeiras de madeira pintadas de branco que caracterizavam o espaçoso conforto do clube. Um garçom negro trouxe-lhes uísque.

— Para evitar a gripe — explicou McAdoo.

Era um homem alto e desengonçado, com orelhas pontudas de morcego e boca franzida; às vezes parecia um esboço inacabado do sogro.

— O poder Executivo pode confiar segredos ao Legislativo? — perguntou.

Burden brincou:

— Não, nunca.

— Mas vou confiar. Lembre-se, é segredo.

— Sou um túmulo.

— O Presidente acabou de voltar de Nova York com o coronel House...

Ambos beberam de seus copos. O assunto do Presidente-assistente, o *éminence grise*, o Maquiavel do Texas, era enorme demais para qualquer dos dois.

— O Presidente acabou de receber uma mensagem do chanceler alemão — continuou McAdoo. — A Alemanha está pronta a aceitar os Quatorze Pontos. E cessar a guerra. Agora.

Burden ouviu com tranquilidade. Para ele a guerra nunca fora inteiramente real. Agora era igualmente irreal.

— E os Aliados?

McAdoo suspirou e olhou para as nuvens.

— Eles têm tantos acordos secretos...

— Como Trotski contou ao mundo...

Num espírito de travessura, o governo bolchevique revelara todos os vários tratados secretos dos Aliados, tantas vezes deplorados pelo Presidente moralizador, que tinha, ele próprio, entrado em algo muito semelhante: um

acordo secreto com o Japão a respeito da tomada de Xantung, na China, por aquela atarefada nação. Wilson ficara embaraçado, mas não perturbado. Para ele, os Quatorze Pontos eram a única base para a América entrar na guerra, e pronto. Agora a Alemanha o procurara pedindo a paz, e não aos Aliados, que certamente estariam sequiosos de vingança e recompensa.

— Além disso, temos os nossos admiradores da guerra. — McAdoo parecia desanimado. — Eles querem a rendição incondicional.

— Não se consegue isso sem obter uma vitória incondicional. Não ganhamos coisa alguma, e o exército alemão ainda está intacto, ainda na França.

— O Departamento de Guerra calcula que para tomarmos Berlim perderíamos um milhão de vidas americanas.

— Acho que até Cabot acharia esse número alto demais, ou o coronel Roosevelt.

Embora aquele grande patrioteiro fingisse um eufórico orgulho pelo ferimento de um filho e a morte de outro, aqueles que lhe eram chegados diziam que ele estava muito abatido pela tragédia da guerra real, tão diferente do ruído familiar de seu próprio trombetear teatral chamando às armas.

— Querem um armistício agora.

— Que é que o Presidente diz?

— Ele pretende discutir isso conosco, com a Junta de Conferência de Guerra, amanhã. Não vai ser fácil.

— Os Aliados?

McAdoo assentiu:

— Além disso, existem os apaixonados pela guerra, aqui e lá.

Burden compreendia os apaixonados pela guerra daqui: grandes fortunas estavam sendo feitas legal e ilegalmente através do Exército. Burden recentemente entrara para a Comissão Naval do Senado, onde conseguira uma subcomissão sobre fornecimento. Todos os dias ele ouvia solicitações justificativas. Recebia ofertas de subornos, tanto sutil quanto abertamente. Não aceitara, mas outros senadores tinham sido mais fracos que ele — ou mais fortes? Como a moralidade de Washington era sempre relativa à necessidade, o martírio de um poderia ser o parque de diversões de outro.

— Você vai ter problemas com o Exército. — Burden trocou um segredo por outro. — O general Pershing vai opor-se ao armistício. Ele quer lutar mais um ano e entrar triunfante em Berlim.

— Pershing? — McAdoo voltou-se para olhar diretamente para Burden. Com o sol atrás de si, parecia mais que nunca um gigantesco morcego. — Ele não ousaria.

— Não sei o que ele ousará, mas sei, de fonte segura, que ele vai se colocar publicamente contra qualquer tipo de paz negociada.

McAdoo sacudiu a cabeça.

— Esses generais... — murmurou.

— São mais estúpidos que as outras pessoas — Burden concordou.

— Obrigado pelo aviso. — McAdoo estava mesmo grato. — Mas por enquanto o problema será com os Aliados. Eles querem sua parte. Mas nós temos os trunfos.

— Temos o dinheiro.

Burden levava algum tempo para se acostumar com as expressões "nação devedora" e "nação credora" e por que fazia diferença quem era o quê. A Grã-Bretanha tinha sido a maior emprestadora de capital até ficar sem dinheiro em 1914. Quando J. P. Morgan — mais tarde apoiado pelo Tesouro de McAdoo — pagou a dívida inglesa, os Estados Unidos tornaram-se a principal nação credora. No entanto, a cidade de Nova York, fora da Quinta Avenida, era tão pobre quanto sempre fora, ao passo que se dizia que mesmo depois de quatro anos de guerra Londres ainda brilhava majestosamente.

— Temos o dinheiro. — Burden consultou o relógio. Não queria atrasar-se dois domingos seguidos. — De qualquer maneira, vão entrar na linha se o Presidente disser apenas três palavras.

— Quais? — McAdoo sorriu. — "Eu amo vocês"?

— Não. "Paz em separado". Não entramos na guerra para ajudar os Aliados mas para fazer os alemães aceitarem os Quatorze Pontos. A Alemanha agora aceitou. Gostando ou não, a guerra acabou. E nós vencemos.

McAdoo assentiu.

— É verdade. Mas os ingleses e os franceses vão ter que concordar num ponto qualquer. O coronel House disse-me confidencialmente que os líderes ingleses e franceses detestam o Presidente ainda mais do que ele desconfia deles. — McAdoo sacudiu a cabeça. — Imagine Pershing querendo esticar a guerra para poder parecer herói!

— Para poder ser Presidente.

McAdoo lançou um olhar perspicaz a Burden; sim, aquele era o objetivo do seu jogo de golfe dominical.

— Se as pessoas descobrissem que um milhão de americanos morreram só porque ele queria marchar pela Wilhelmstrasse, ele seria odiado.

— Votaram em Grant. Ele matou mais que um milhão.

— Uma outra guerra. Uma outra época. Uma causa melhor. Será que devo pedir demissão?

Burden estava esperando a pergunta; e tinha uma resposta preparada.

— Não. Você fez grande sucesso com os Bônus Liberty. Está no centro de um governo que ganhou uma guerra. Fique onde está.

— Sou mantido de rédea curta.

— Melhor do que ficar pastando por aí durante dois anos, tentando conquistar os delegados do partido.

Burden foi direto, mas McAdoo fingiu não ouvir a parte sobre os delegados. Saiu pela tangente:

— Sabe qual a melhor maneira de chegar ao Presidente? É mencionar alguém que ele odeia. Contar-lhe alguma coisa sobre um inimigo. Inventar, se for preciso. Ele se abre imediatamente. Então você pode fazer o que quiser com ele.

Burden levantou-se.

— Obrigado pelo golfe.

Os dois apertaram-se as mãos. McAdoo explicou que teria que esperar um carro da Casa Branca vir buscá-lo. Por deferência ao "domingo sem gasolina", ambos tinham ido ao clube de charrete e cavalo. Enquanto atravessava o saguão de teto alto do clube, Burden perguntava-se o que teria saído errado entre sogro e genro. Pensava também, com inveja, na grande quantidade de dinheiro de Wall Street, que McAdoo teria à sua disposição se entrasse na corrida para a Presidência. Como Burden tinha tantos votos quanto McAdoo .tinha dólares, a combinação era irresistível; apenas a ordem estava errada. Por que não Day-McAdoo? O secretário do Tesouro era mais conhecido no país inteiro do que o líder da maioria no Senado, mas onde os eleitores estavam, ali Burden estava entrincheirado, um segundo Bryan sem o primitivismo do primeiro Bryan; e também, para ser honesto, sem a sua magia.

No meio do saguão Burden encontrou-se cara a cara com um pálido Franklin Roosevelt, que estivera chorando. Pego em flagrante, Roosevelt conseguiu dar um sorriso; em seguida cobriu rapidamente o rosto com um lenço e assoou o nariz.

— Você está com uma aparência horrível — comentou Burden.

O rosto que emergiu do lenço era agora o costumeiro rosto jovial e algo vazio de sempre. Mas a cor era doentia, e os olhos muito juntos estavam vidrados.

— Acabo de sair do hospital.

— Gripe?

— Pneumonia. Peguei na Europa. Passei dois meses lá. Nunca fiquei tão doente.

Apesar de toda a afetação rooseveltiana de vigor, Franklin era uma criatura doentia, como Burden se lembrava do *Silfide*. Então a associação seguinte de suas ideias foi abruptamente antecipada. Lucy Mercer juntou-se a eles; usava roupas civis.

— Senador...

Ela sorriu para ele. Estava linda como um sonho. Qual era o mexerico sobre eles? Ele ouvira algo, e esquecera.

— Houve uma proposta de paz — Franklin apressou-se a desviar o assunto. De quê? Da doença? De Lucy?

— McAdoo acaba de me contar.

— Ele está aqui?

Burden assentiu e despediu-se. De Chevy Chase à Avenida Connecticut seria mais de meia hora de charrete; devia ter pedido a McAdoo que lhe desse uma carona no carro da Casa Branca.

Embora Burden estivesse atrasado, ela estava calma.

— Domingo sem -gasolina é domingo sem graça — ela entou — até agora.

Estavam na sala de estar do andar superior, forrada de lambris de paurosa. O chá fora servido diante da lareira. Nas tardes de domingo, apenas a criada pessoal dela permanecia de plantão para deixá-lo entrar e para providenciar que a costa ficasse livre de empregados. Mais tarde ela o conduziria pela escada dos fundos até uma saída lateral. O quarto principal ficava no extremo oposto do palácio de mármore, ao passo que o dono da casa estava no extremo oposto do país.

— Deve estar de volta amanhã.

Sendo ela tão mais jovem que Burden, ele nunca lhe prestara muita atenção, considerando-a parte do grande contingente de moças bonitas da cidade. Agora ela lhe servia chá aos domingos. Graças a Caroline, o domingo agora era associado em sua mente não apenas ao prazer mas também à liberdade de si mesmo. O' que o domingo podia significar para uma mulher estava além da sua compreensão. Afinal, se fossem razoavelmente habilidosos em controle de trânsito, teriam também mais seis dias da semana.

— Por que Franklin Roosevelt estaria chorando no Chevy Chase Club, com Lucy Mercer? — Essa era uma boa pergunta de domingo.

— Porque — ela estendeu-lhe o chá e um prato de biscoitos Hylers — esse foi provavelmente o último encontro deles. A não ser — ela ficou pensativa — que tenha sido o primeiro encontro sob a nova ordem. Eleanor descobriu tudo.

— Finalmente! — ele exclamou. Até mesmo Kitty estivera preocupada com a demora de Eleanor em descobrir o que todos na pequena Washington sabiam. — Como?

— Ele voltou da Europa com pneumonia dupla, que é duas vezes pior que pneumonia simples, que já é suficiente para o resto de nós. De qualquer maneira, Eleanor levou-o para o hospital. Quando chegou em casa as crianças estavam fora e ela começou a fazer arrumação. Examinou os ternos dele da Europa para mandar para a lavanderia, e ali estavam as cartas de amor de Lucy. Parecia uma dessas peças bobas. Preciso contar a Caroline quando ela voltar. — O riso de Frederika tinha um tom conspirador, como se só houvesse eles dois no mundo inteiro.

— Quem lhe contou? Alice?

— Entre outros. Agora vem a parte onde há uma diferença de opiniões.

Todos concordamos que Eleanor, nobremente, "tão nobre" — Frederika imitou Alice imitando Eleanor — disse que Franklin poderia ter o divórcio, mas que Lucy teria que ficar com seus cinco filhos. Isso foi brilhante. Afinal, Lucy tem sido sua secretária e sabe que aquelas Cinco crianças valem por dez. Lucy concordou em não ver Franklin mais. E agora reina uma triste paz.

— Mas eles se encontraram hoje...

— No Chevy Chase Club, onde o senador Day e o Sr. McAdoo e todo mundo podia vê-los, ver como estavam infelizes, e discuti-los, como estamos fazendo. Acho que querem que saibamos que ela, como uma virgem católica, diante de uma esposa e mãe protestante, decidiu não prosseguir sem o matrimônio, que está fora de questão. De modo que o homem chora descontroladamente, e ela entra para o convento.

Burden pensou confortavelmente no adultério alheio. Então disse:

— Alguma coisa está errada nessa história.

— O quê? — Frederika afastou os cabelos louros dos olhos.

— Não entendo de mulheres...

— Você devia ter esperado que eu dissesse isso. Com raiva, é claro, meu amor. — Frederika era surpreendente. — Que é que está errado na história?

— É um ponto de vista feminino demais. Quero dizer, e o homem?

— É tão diferente assim?

Burden assentiu.

— É sempre diferente., e quando o homem é um político, e disso eu entendo, é realmente diferente. Primeiro, Franklin jamais poderia, em circunstância alguma, casar-se com uma católica. Segundo, Franklin, divorciado e com cinco filhos, jamais poderia, jamais, casar-se com uma católica e esperar ganhar uma eleição, nem mesmo para xerife do condado de Dutchess.

— Então o que aconteceu?

— Eleanor fez ameaças, ele recuou. É óbvio. Os termos é que são curiosos. Quero dizer, ele sempre soube que jamais poderia casar-se com Lucy. Mas Lucy sabe, ou sabia, disso?

— Entendo. — Frederika era rápida. — Ele podia tê-la enrolado. Sim. Entendo. Então Eleanor forçou uma definição. E ele... ele é um embusteiro.

— É disso que se trata o adultério.

— Quero dizer, duplamente embusteiro — explicou Frederika sem se alterar. — O que você tem que admitir que é um pouco demais.

— Caroline acha que ele é triplamente embusteiro. Mas não tenho tanta certeza.

— Por que triplamente?

— Ela acha que Eleanor está apaixonada por Lucy e que Franklin acabou com o romance por causa de todos, quer dizer, de si próprio.

— Se é verdade, ele é um mestre da política.

Foram para a cama. Durante o ato, ele pensou em Caroline, não como ela era agora mas como tinha sido naquela primeira vez, que fora na verdade, para espanto dele, a primeira vez dela. Ao longo do tempo, ele tornou-se pai da filha dela, então atribuída ao marido e primo, John Apgar Sanford, com quem ela prontamente se casara. Pelo menos aquele segredo tinha sido bem guardado. Blaise o conhecia; mas, para surpresa de Burden, Frederika não conhecia, e Frederika tinha sido, de vez em quando, ao longo dos anos, amiga íntima de Caroline. No final das contas, Burden era grato a Blaise por não ter contado à esposa, agora amante de Burden no lugar da meia-irmã dele, no momento vivendo abertamente na Califórnia com um certo Timothy X. Farrell, cujo filme mais recente, *Os boches do inferno*, estreará com excelentes críticas no Capitol Theater em Washington e no Strand de Nova York. Era o filme de guerra para acabar com todos os filmes de guerra, e estreará, felizmente, exatamente quando a guerra para acabar com todas as guerras estava para acabar.

4

Jess e a Duquesa sentaram-se na última fila do Capitol, de modo que ela conseguia ver a tela sem seu pincenê e ele mal conseguia ver coisa alguma. Mas tudo o que a Duquesa queria, os outros faziam. Embora as figuras na tela não fossem tão nítidas quanto o míope Jess gostaria que fossem, o pouco que ele podia ver era nitidamente um filme maravilhoso. A coragem da mãe americana levava-lhe lágrimas aos olhos, e até mesmo a normalmente pétrea Duquesa foi obrigada a segurar os saís numa das mãos e o lenço na outra. O órgão tocava música triste, apropriada aos horrores da guerra. Os ataques noturnos; bombas explodindo; o gás venenoso; homens contorcendo-se no arame farpado; o hospital com os mutilados. Pela primeira vez Jess compreendeu algo da guerra. A maioria dos filmes sobre a guerra tinha sido propaganda feita às pressas. Ninguém parecia realmente morto ou ferido, e os cenários pareciam mesmo cenários. Mas aquele era real; e diziam que grande parte dele tinha sido filmado na França com uma mãe americana de verdade, procurando seu filho de verdade no bosque Belleau. Todos comentavam a beleza da mãe — como uma Madona, diziam os jornais, uma Mater Dolorosa, acrescentavam os intelectuais. Agora a música do órgão tornava-se pressaga. A mãe estava numa igreja arruinada. Jess detestava qualquer um que destruísse deliberadamente uma

igreja, como aqueles boches tinham feito. Pior ainda: na frente do altar principal sentava-se um oficial alemão careca, de monóculo. Como um monóculo ficava no lugar era algo que sempre intrigara Jess, cujos olhos redondos não poderiam segurar coisa alguma, ao passo que seu nariz pequeno mal podia aguentar um pincenê. O oficial prussiano estava profanando a igreja ao usá-la como escritório. Agora a música insinuava que algo ainda mais terrível estava prestes a acontecer. As mãos de Jess estavam úmidas. Pelo canto do olho ele percebeu que a Duquesa chegara para a frente, a boca grande e fina enrijecida como se ela fosse a pobre mulher na tela.

A Madona implorava pela vida do filho e para saber onde ele estava prisioneiro. Então — isso não podia estar realmente acontecendo, pensava Jess, o coração disparado — o boche sorriu malignamente; levantou-se; saltou sobre a mãe devotada, que recuou. Houve um unísono na plateia, ao perceber que o boche estava prestes a estuprar a Madon*anuma igreja*. Ela lutou contra ele; ele a perseguiu, ela fugiu para o altar; ele a seguiu. Jess parou de respirar. Então ela ergueu o crucifixo.

A plateia gemeu de horror e medo. O rosto do boche era puro terror quando ele viu o crucifixo descendo lentamente sobre si. O rosto da mãe estava transfigurado com um poder mais alto que o desta terra; ela agora estava transcendente, unida a Deus. O crucifixo acertou a cabeça raspada do boche, que caiu de costas nos degraus da escada, acompanhado de um forte *crescendo* do órgão. A Duquesa soltou um soluço dentro do lenço. Jess soltou a respiração, trêmulo, e rezou para não estar tendo um ataque do coração. O filme terminou com mãe e filho unidos pelos fuzileiros navais americanos no rio Marne; enquanto o órgão tocava baixinho a Marselhesa, as luzes se acenderam e as pessoas não ousavam olhar umas para as outras, com medo de que suas lágrimas fossem visíveis, enquanto elas caminhavam, nobremente, como a mãe, pelo corredor, para enfrentar a luz baça de uma tarde em Washington.

Na Rua 14 a Duquesa assoou o nariz ruidosamente e declarou:

— Conheço aquela mulher.

— Quem? A mãe?

A Duquesa assentiu e estudou o cartão na frente do cinema.

— Emma Traxler. É o nome dela.

— Não é um nome de Ohio.

— Chicago, talvez. Naturalmente pode ter sido inventado, como Mary Pickford. — A Duquesa parou um táxi. — Para o Capitólio. O lado do Senado.

— Bom, acho que foi um dos melhores filmes que já vi — afirmou Jess, ainda perturbado. — Pelo menos sobre a guerra. Parecia que eu estava lá, nas trincheiras, com todo aquele barulho.

A Duquesa marchou para a porta da sala de descanso dos senadores, que ficava atrás do trono do vice-presidente. Quando ela e Jess estavam prestes a

entrar — todos os guardas do Capitólio conheciam e apreciavam a Duquesa, apesar ou por causa de seus modos autoritários — o senador saiu do banheiro, de braços dados com o senador Borah, de Idaho, um homem alto, truncado, com uma cabeleira de leão, considerado um radical. Era típico de W. G. dar-se o trabalho de fazer amizade com alguém como Borah, que se opusera furiosamente ao alistamento compulsório, à Lei de Espionagem e ao Bônus Liberty. O primeiro, porque não se destrói a Prússia prussianizando os Estados Unidos; a segunda, porque a Primeira Emenda garantia liberdade de expressão; o terceiro, porque os bônus elevavam os preços, criando inflação. Como homem de negócios, Jess aprovava inteiramente o número três, e o mesmo acontecia, secretamente, com W. G. Embora não fosse politicamente aconselhável tomar essas posições num país que ansiava pela guerra, Borah era destemido, ao passo que W.G. era cauteloso. A Sra. Borah e a Duquesa tinham boas relações; eram vizinhas na Avenida Wyoming.

O sorriso de W. G. foi enorme ao ver a esposa, e igualmente enorme ao cumprimentar Jess.

— Duquesa, por que não está na sua roda de costura?

— A guerra acabou, dizem. Como vai, Sr. Borah?

— Sra. Harding...

Borah sorriu também para Jess, sem se lembrar dele. Jess estava acostumado a isso: o sorriso de reconhecimento já era reconhecimento suficiente. A cabeça de Borah era como uma maçã cujas duas metades começavam no repartido no meio dos cabelos e terminavam na cova do queixo redondo.

— Viu a resposta do Presidente ao kaiser? — perguntou ele.

— Fui ao cinema. — A Duquesa falava como se de alguma forma ela tivesse acabado de ganhar a guerra no Capitol Theater. — A matinê estava repleta, o que mostra que a guerra está no fim.

Borah assentiu.

— Wilson disse ao kaiser que ele terá que abdicar antes de falarmos de negócios. Primeiro sinal de iniciativa em muito tempo.

— Vou discursar — disse W. G. — Tudo isto é muito histórico.

Jess teve permissão para acompanhar os Harding ao supra- sumo dos locais, a sala de descanso dos senadores, um aposento comprido e estreito, remanescente do que realmente era — um clube masculino —, com uma fila de armários altos ao longo de uma parede, cadeiras de couro, mesas e sofás ao longo da outra. Portas duplas de vaivém em cada extremo davam entrada ao plenário do Senado.

Como todos os outros lugares, o Senado estava pouco frequentado naqueles dias: as pessoas que não estavam com a gripe evitavam lugares públicos. Uma dezena de senadores estava na sala de descanso; alguns

escreviam; outros conversavam em tom conspirador; vários cortejavam-o senador da Pensilvânia, o chefe republicano Bóies Penrose, um homem tão enormemente gordo que, uma vez enfiado na maior poltrona do aposento, eram necessários pelo menos dois funcionários para puxá-lo de lá. Jess sabia que Penrose, velho e decadente, ia decidir, como sempre fizera, quem seria o candidato republicano em 1920. Quando avistou Harding, ele acenou distraidamente; então continuou sua conferência com uma dupla de senadores do Oeste. Borah foi para o plenário.

Harding e a Duquesa sentaram-se lado a lado num sofá de couro preto; enquanto o senador estudava suas anotações, a Duquesa conversava com Jess.

— O que Daugherty não daria para estar aqui... — ela comentou.

— Talvez ele chegue aqui um dia desses — respondeu Jess.

Ele daria uma perna e um braço para ser membro daquele clube extraordinário, contanto, naturalmente, que jamais tivesse que levantar-se e fazer um discurso. Mais que a escuridão, as armas de fogo e o infame armário de vassouras, falar em público o aterrorizava. Grande parte do respeito que sentia por W. G. devia-se à facilidade com que este podia postar-se diante de uma multidão e discursar horas a fio sem a menor hesitação ou o menor sinal de nervosismo.

Naturalmente era de grande ajuda ser bonito como W.G.; e simpático...

— Não, Daugherty perdeu definitivamente há dois anos. Quem não consegue derrotar Myron Herrick nas primárias republicanas jamais conseguirá eleger-se em Ohio.

O senador do Novo México veio do plenário. Era um genuíno vaqueiro, com um enorme bigode. Tinha sido um dos voluntários de T. R. na Guerra Hispano-americana, e era presença regular nas noites de pôquer de Harding e Longworth.

— Oi, Duquesa. Oi, Jess. — Albert B. Fali jamais esquecia o nome de Jess.

— Pensei que você tivesse ido para casa, consertar umas cercas — disse a Duquesa.

Ela não tinha um interesse verdadeiro pela política, mas adorava eleições. Como uma fã de beisebol, conhecia os pontos de cada um. Fali, por exemplo, ia tentar a reeleição em novembro.

— Estou a caminho.

Fali olhou com curiosidade para Harding, que continuava examinando suas anotações. Com os óculos colocados e os espessos cabelos brancos despenteados, W.G. parecia mais que nunca o proprietário-editor do *Marion Star* que Jess conhecera em criança.

— Vai discursar?

— Um pouco de falação para sacudir o coro senatorial, irmão Fali. —

Harding ergueu os olhos e sorriu. — Evocarei o amor fraternal, para acolhermos mais uma vez no concerto das nações o bom povo alemão, não mais ludibriado por seus líderes malvados que agora foram derrubados de seus tronos.

— Isso vai agradar Carrie Phillips. — observou a Duquesa, mais sibilando do que propriamente falando.

Jess sentiu o rosto esquentar; as palmas das mãos começaram a transpirar. W.G. parou de sorrir. O senador Fali, que não tinha ideia de quem era Carrie Phillips, disse apenas:

— Acabei de fazer mais ou menos o mesmo discurso. Aliás, consegui que o coronel Roosevelt faça campanha para mim.

— Ótimo para você — disse Harding, numa péssima imitação do coronel.

— Ele adora você, W.G.

— Em maio ele disse a Daugherty que, se fosse candidato em 1920, teria Warren em sua chapa. Foi quando estava discursando em Columbus — informou a Duquesa, como se apagasse, com uma profusão de detalhes, sua inoportuna menção a Carrie Phillips.

— Ele vai precisar de Ohio, e Ohio é você, W. G.

Harding tirou os óculos e guardou as anotações no bolso.

— O coronel disse-me certa vez: "Acho que compreendo bastante bem a maioria das coisas, exceto a política em Ohio."

— É simples — retrucou Fali. — Cincinnati é um lugar e Columbus é outro. Muitas pessoas confundem.

Fali então aproximou-se de Penrose e sussurrou algo no ouvido do gordo.

— Onde está Daugherty? — a Duquesa perguntou.

— Em Cincinnati. Ou talvez Columbus. — Harding estava relaxado. — Não tenho notícias dele. Também não parei de viajar.

Com a bênção do Presidente, o chautauqua estava mais popular que nunca, e os políticos que ganhavam a maior parte de sua renda fazendo preleções em barracas eram encorajados a falar sobre o que quisessem, com a condição de que, sutilmente ou não, apoiassem o esforço de guerra. A palestra fixa de Harding tinha sido, durante anos, a carreira de Alexander Hamilton, resultado de ter lido certa vez, enquanto fazia um tratamento em Battle Creek, um romance baseado na vida de Hamilton. Jess ouvira essa conferência dezenas de vezes, e poderia ouvir mais dezenas. Harding nunca modificava uma só palavra ou um dos seis gestos que sempre usava, na mesma sequência, como era ensinado no livro de retórica. Mas o final do discurso inalterável não era fixo. Harding sempre conseguia ligar seu herói, Hamilton, a qualquer tema contemporâneo que escolhesse — nesse caso, ganhar a guerra para acabar com todas as guerras em nome da democracia.

— Daugherty é um homem brilhante. — W. G. penteou os cabelos sem usar espelho, algo que Jess, com seus cabelos ralos, jamais poderia fazer. — Mas

atualmente ele tem tantos ódios políticos que estou preocupado. Ele leva as coisas muito a sério.

— É um bom amigo — acrescentou a Duquesa.

Desde o início Daugherty fizera dela uma aliada em sua campanha para fazer W. G. Presidente; uma empreitada muito difícil, se Theodore Roosevelt se candidatasse, e ele se candidataria. Mas vice-presidente não era tão ruim, como até mesmo Daugherty concordava quando ele e Jess discutiam o assunto infundavelmente.

W. G. pôs-se de pá e ajeitou o paletó, enquanto a Duquesa limpava a caspa de seus ombros.

— Eu gostaria — disse ele — que ele não ficasse confundindo minha delicadeza com as pessoas com concordância ou fraqueza. Por uma razão qualquer ele cismou que politicamente sou abaixo da crítica. Que sou facilmente "enrolado".

— Você é bom para as pessoas. Acredita em todo mundo. — retrucou a Duquesa, ecoando Daugherty.

— Acreditando em todo mundo não é preciso acreditar em pessoa alguma. De qualquer maneira, é mais fácil pegar moscas com mel do que com vinagre.

Harding encolheu a barriga e ergueu a cabeça. Na vida pública não existe homem mais bonito, pensou Jess. Então o senador abriu as portas de vaivém e entrou no plenário do Senado e na história daquele dia.

CINCO

1

Quando o crucifixo foi erguido, Caroline fechou os olhos. Até então tinha assistido a *Os boches do inferno* uma dúzia de vezes, e a cada vez descobria algo novo de que não gostava, apesar do fato de ter sido favoravelmente comparada a Eleonora Duse, a atriz dos efeitos sutis. Ela própria achava-se mais da escola de Sarah Bernhardt, artificial e cheia de gestos embaraçosamente largos.

Passado aquele momento, ela abriu os olhos e olhou para o Presidente; ele estava absolutamente concentrado na tela, ao passo que ao lado dele a Sra. Wilson abriu a boca, sem perceber, quando o crucifixo mais uma vez teve seu encontro fatal com o crânio do pobre Pierre. Por toda a eternidade, ou até que o celulóide virasse pó ou fosse o que fosse que o celulóide estava destinado a virar, Caroline estaria erguendo e baixando o crucifixo e Pierre estaria caindo para trás, para trás, para trás. Seria isso o inferno — a repetição?

No final acrescentara-se um novo cartão de legenda, anunciando a série de inexoráveis vitórias americanas do Marne ao Argonne, à medida que os boches eram forçados a retroceder em direção ao seu covil do outro lado do Reno. Os convidados no Salão Leste aplaudiram as vitórias, sem que lhes perturbasse o fato de que os Aliados, que tanto tinham contribuído, não tivessem sido mencionados. "Faremos cartões diferentes para cada país", dissera Ince. "Assim, todos ganham a guerra, menos os boches." E Tim respondera: "O mercado alemão também é muito grande; por que não deixá-los vencer na Alemanha?"

Houve mais aplausos quando o filme terminou com uma longa tomada de Caroline caminhando galantemente para o futuro, os cabelos despenteados pelo vento criado por uma máquina, os olhos brilhantes com um forte ataque de

kliequite, e desolação por toda parte, rompida apenas no final por uma nuvem que passava e... vejam! O sol! Demorara dois dias para conseguirem esse efeito da nuvem no cais de Santa Mônica.

As luzes no Salão Leste foram acesas. Os convidados do Presidente, de olhos vermelhos, ficaram de pé. O Presidente apertou a mão de Caroline.

— Você deve ter orgulho de ter produzido este filme.

— Infelizmente acho que foi um pouco tarde para o esforço de guerra.

Caroline, como sempre, espantava-se ao ver que, depois de duas horas vendo-a na tela, as pessoas podiam então virar-se para ela na vida real e não fazer ligação entre a gigantesca imagem de sombras e a miniatura da vida real. Ela se arvorara em produtora porque a Triangle ficara sem dinheiro na metade do filme, e se a empresa fechasse seria fatal para a carreira de Tim — pelo menos ela gostava de pensar assim, e ele de dizer.

Os boches do inferno fizera um sucesso espantoso; e havia grande curiosidade a respeito de Emma Traxler. Havia também numerosos convites para filmes, todos dirigidos a ela por intermédio do Sr. Ince, que achava que ela devia levar a sério a nova carreira. Mas Caroline entendia de sorte: havia certos acidentes na vida que não se repetiam. Esse era um. Naturalmente ela podia ser uma atriz velha, mas isso era um pouco pior que ser uma velha senhora que jamais era obrigada a olhar para um espelho.

Edith Wilson deu o braço a Caroline e saiu com ela do Salão Leste, atravessando o saguão e entrando no Salão Verde.

— Algumas pessoas vão ficar para um café. Fique também.

— Naturalmente, mas...

— O Sr. Farrell também. — A Sra. Wilson mostrou ter tato. — Não tinha imaginado que um filme pudesse ser tão... bem, tão forte. De certo modo, é mais excitante que o teatro.

— Mais rápido, certamente.

— Devíamos ter tido música. Eu disse a Woodrow para arranjar o pianista da banda dos fuzileiros. Mas, coitado, ele morreu. De repente. De gripe. E onde é que se encontra um bom pianista em cima da hora?

O Salão Verde estava começando a encher-se de gente. Do Conselho de Guerra estava o californiano Herbert Hoover, de quem se dizia ser um gênio para a organização — pelo menos foi o que

Caroline lera no *Tribune*. Durante o jantar Caroline achara-o agradavelmente tímido. Tinham conversado sobre a China, onde ele fora engenheiro na época da rebelião de 1900. Não tinham discutido o racionamento de alimentos, um assunto que seu rosto gorducho personificava paradoxalmente.

George Creel e Tim entraram juntos. Creel estava maravilhado.

— Vamos exibir isto em toda a Europa — disse a Caroline. — Mostrar a eles o que devem a nós.

Caroline ficou espantada com .aquela declaração.

— Eles com certeza sabem melhor do que nós o que nos devem, se é que nos devem alguma coisa.

— Você devia dar uma olhada nos jornais deles! Parece até que nem entramos na guerra. Por isso um filme como este é tão importante. Eles vão fingir que venceram sozinhos e então vão tentar encontrar motivos para não aceitarem a proposta de paz alemã.

O aposento dividia-se em grupos. O maior reunia-se em torno do Presidente e do coronel House, que estava para voltar à Europa, onde teria que convencer os Aliados de que os Quatorze Pontos eram as imutáveis condições da América para à paz.

— Acho que não vão querer continuar lutando sem nós. — Creel sorriu. — Lembra-se do verão passado? A França estava liquidada. A Inglaterra, falida. Bem, nós vamos fazer a paz, gostem os Aliados ou não. O que vai fazer em seguida, Sr. Farrell?

Tim sorriu seu sorriso de coroinha de igreja.

— Agora que a guerra está terminada e vencida, acho que gostaria de fazer alguma coisa sobre Eugene V. Debs.

Creel ficou perplexo.

— Debs? Mas ele está a caminho da prisão!

O líder do Partido Socialista nunca interessara a Caroline, mas, agora que ela era obrigada a ver uma parte do mundo uma parte do tempo através dos olhos do amante, tornara-se interessada em Debs, que recebera um milhão de votos para Presidente em 1912. Então, com retórica violenta, Debs opusera-se à guerra, assim como ao capitalismo. Era também dado a elogiar, senão, talvez, a ler, Marx e Lenin, e não considerava a revolução bolchevique inimitável. O governo dos Estados Unidos prontamente acusou Debs de violar, através do exercício da livre expressão, a Lei de Espionagem de 1917. Prontamente também um tribunal condenara-o a dez anos de prisão. No momento ele estava em liberdade por recurso. Mas todos sabiam que o Supremo Tribunal ia ser unânime em considerá-lo culpado, invocando a famosa teoria do ministro Oliver Wendell Holmes de quando a expressão era livre e quando não era. A expressão era absolutamente livre, ele julgava, exceto quando havia um "perigo claro e presente".

Tim colocara Caroline cara a cara com as realidades desse país agora mais estranho que nunca, cujas contradições brutais ela costumava considerar normais. Embora não fosse tão sentimental quanto ele a respeito de abstrações tais como justiça, sua educação cartesiana deixava-a desconfiada de proposições ilógicas. Ou se podia falar livremente a respeito de assuntos políticos, ou não; se não, que não se dissesse que havia liberdade de expressão quando o seu exercício significava dez anos na prisão. A teoria do "perigo claro e presente" era, para

Caroline, um perigo claro" e presente para a própria liberdade. Fora isso que ela argumentara com Blaise, que dissera que ela entendera mal a natureza de uma república cujas contradições eram, de um modo místico qualquer, a sua força.

Enquanto isso, a mente rápida, ativa e grosseira de Creel tinha agora aceitado a ideia de um filme a respeito de Debs, achando-a boa.

— Sabe, é uma ideia inspirada, Sr. Farrell. Tem toda razão. O senhor nos mostrou os boches do inferno. Bem, já cuidamos deles. Então, o que vem a seguir? Os bolcheviques, o comunismo, o socialismo, os agitadores trabalhistas, o inimigo dentro de nosso próprio país. É aí que está o verdadeiro perigo agora. Mostre Debs e Trotski trabalhando unidos para escravizar cada americano, algo que nem mesmo os boches pensaram em fazer porque somos ambos países cristãos com o mesmo sistema capitalista. Mas os bolcheviques têm uma nova religião, que poderia florescer em nosso país. Veja as greves nas estradas de ferro, nas minas de carvão; não me diga que em algum lugar não existe alguém manipulando nossos operários para destruir nossa liberdade...

— Da qual — Caroline foi solene — a liberdade de expressão é a mais importante.

— Exatamente.

— Mesmo quando o perigo está claro e presente...

— Exatamente!

Creel estava fora de si de entusiasmo com a nova cruzada. Caroline lançou um olhar de repreensão a Tim. Tim deu de ombros. Era inevitável que os Creel encontrassem um novo inimigo para tomar o lugar dos boches. Enquanto Tim descrevia a implacável acusação a Debs que Creel queria que ele fizesse e que ele não iria fazer, Edith Wilson puxou Caroline para a órbita do Presidente.

— Sabe, aquela atriz maravilhosa se parece muito com você. Naturalmente ela é mais velha.

Era o mais perto que as pessoas chegavam de descobrir a identidade de Emma Traxler. A princípio Caroline ficava espantadíssima ao constatar que ninguém percebia que ela era Emma. Mas Tim explicara: "É porque as pessoas não olham realmente para o rosto de quem elas conhecem." O trabalho de Tim era ver precisamente o que via. "Mas um desconhecido que não conheça Caroline Sanford vai ver você na rua e perceber que é Emma Traxler." Isso acontecera mais de uma vez em Nova York e Washington. Mas ela era tão claramente identificada consigo mesma entre aqueles que a conheciam, que simplesmente não poderia ser outra pessoa. Além disso, os cabelos de Emma eram diferentes; e seu rosto luminoso de Madona- era resultado de uma cuidadosa iluminação, que a vida — a luz — real recusava-se cruelmente a dar.

— Emma Traxler é suíça, de Unterwalden, em Schweiz. Uma família muito antiga. Conheci-a em Paris quando ela estava no teatro.

Caroline adorava inventar Emma. Mas o mesmo acontecia com a

imprensa, que mudara sua origem para a Alsácia-Lorena, aquela terra de fronteira, terra dividida e maravilhosa, que dera tanta coisa ao mundo, inclusive o criador do estúdio de cinema Universal, Carl Laemmle, da vizinha Wurttemberg.

O coronel House tomou a mão de Caroline entre as suas. Edith afastou-se. Como um simpático rato cinzento, House sussurrava elogios ao ouvido de Caroline, particularmente pela linha editorial do *Tribune*. Atrás dele, o Presidente dava audiências.

— Os Aliados vão criar problemas, não vão? — perguntou ela.

Caroline jamais conseguira entender a natureza da influência de House sobre Wilson. Obviamente o homenzinho era um hábil lisonjeador, ao estilo exagerado do Texas; obviamente era desinteressado, no sentido de que não queria dinheiro ou posição pública, o que impressionava a todos, menos a Caroline, que sabia que exercer poder no mundo era o mais refinado de todos os interesses; obviamente era inteligente. O mistério, se mistério havia, tinha mais a ver com a personalidade singularmente distante de Wilson do que com qualquer plano, não importa quão interesseiro ou interessante, do coronel texano. Wilson não tinha amigos homens porque acreditava, como somente um professor de universidade poderia acreditar, não ter similar; certamente essa era a impressão que dera aos líderes de seu partido, homens que se consideravam tão ímpares quanto ele se considerava. Para uma pessoa tão isolada por sua própria retórica

e pelos poderes constitucionais de época de guerra, um coronel House era uma necessária ligação com o mundo exterior a si.

— ...embarco em 4 de dezembro. Espero, antes de partir, ouvir boas notícias da Alemanha.

— E de França e Inglaterra?

— Temos a maioria dos trunfos, Sra. Sanford. Aliás, talvez todos, por agora. O verdadeiro problema é fazer a paz, depois.

— Conheci alguns dos seus rapazes. São formidáveis.

— Do Inquiry?

Caroline assentiu. Um ano antes, House criara uma junta de jovens eruditos cuja tarefa era fazer planos para o novo mundo que emergiria da conferência de paz. Os historiadores puseram-se a trabalhar estudando as fronteiras, os grupos linguísticos, as religiões da Europa; além disso, tiveram permissão para estudar os tratados secretos que os Aliados tinham feito uns com os outros e com países interessados, como a Itália, a quem tinha sido prometida uma boa fatia do Império Austro-Húngaro em troca de uma neutralidade falsa, seguida pela guerra. Os bolcheviques publicaram todos eles, embaraçando o Presidente, que fingiu não ter conhecimento deles. Como os Quatorze Pontos significavam modificar o mapa da Europa, a nada invejável tarefa do Inquiry era adaptar a generosa "paz sem vitória" de Wilson — uma expressão inventada por um dos homens do Inquiry, um editor do *New Republic*, Walter Lippmann —

aos tratados secretos, que representavam a vitória total dos Aliados e não muita paz.

O sussurro suave era eminentemente calmante:

— ... o kaiser abdicará, e haverá uma república, e um armistício, e então a conferência de paz, onde, espero não estar contando vantagens demais, nós entraremos, aqueles meus rapazes, certamente, os mais preparados de todos. Estamos prontos para qualquer coisa, inclusive, se for necessário, a divisão de Schleswig-Holstein segundo critérios raciais.

— Como os franceses ficarão espantados! Eles nos julgam totalmente ignorantes... a respeito da política europeia — ela acrescentou, consciente do desprezo ciumento da França por tudo que fosse americano.

— O Ministério das Relações Exteriores britânico também tem uma espécie de mentalidade francesa. — Os olhos do rato cinzento brilharam de bom humor.

Atrás dele, o Presidente, de olhos semicerrados, parecia estar fazendo um sermão.

— Quem vai negociar por nós? — Caroline não esperava uma resposta, mas às vezes a maneira como não se responde a uma pergunta era por si só reveladora.

— Acho que vamos continuar como estamos.

— Com o senhor em Paris... ou em qualquer outro lugar...

— E o Presidente aqui, dizendo-me o que fazer.

— Nada de Lansing?

O desagrado que o Presidente sentia pelo seu secretário de Estado era do conhecimento de todos.

— Bem, talvez pouca coisa de Lansing. — House soltou uma risadinha. — De qualquer maneira, não deve demorar muito. Estamos prontos, desta vez.

— O Presidente fica aqui?

House assentiu.

— Este trabalho não é para um chefe de Estado. Afinal, ele é o rei e o primeiro-ministro da Inglaterra numa só pessoa. É grande demais para nossa conferência. Provavelmente vai aparecer rapidamente, mostrar a bandeira. Acha que ele é Deus, sabia? Depois, desaparecer no firmamento, como Deus.

No caminho de volta a Georgetown, Tim estava ao mesmo tempo exultante e impressionado.

— Se o pessoal do bairro pobre de Boston me visse agora...

— A maioria dos que estavam lá veio de bairros pobres. — Caroline estava melancólica e não sabia por quê. — Apenas saíram muito antes de você.

O motorista fez uma parada na Avenida Wisconsin, quando uma comprida fila de carros fúnebres pretos cruzou a rua a caminho — ou voltando — do necrotério.

— Será que todo mundo vai morrer? — Caroline tirou da bolsa a sua máscara de gaze e colocou-a no lugar sobre o nariz e a boca. A maioria das pessoas usava "máscara na rua ou em lugares públicos.

— Isso resolveria muitos problemas. — Tim era otimista; não usava máscara.

— Dizem que já morreu mais gente de gripe do que na guerra. Frederika, a minha cunhada, pegou a gripe.

— É sério?

— É.

Uma Emma autêntica estava esperando por eles na sala. Era alta, loura e muito parecida com Burden; obstinadamente escapara da beleza. Caroline queria muito fazer alguma coisa por ela, mas Emma não se deixava modificar. Estava feliz com a matemática, um campo para sempre vedado à sua mãe. Agora, porque todas as escolas estavam fechadas, Emma viera para casa. Caroline ficou feliz porque o relacionamento das duas era suficientemente cortês para que nenhuma pergunta fosse feita quando Tim ficasse para dormir. Emma aceitava facilmente qualquer coisa; Caroline não conseguia decidir se isso era sinal de inteligência ou de total indiferença. Por outro lado, ela também tinha suas reservas de indiferença sempre prontas para serem usadas.

— Cinco mil pessoas morreram ontem — foi o animador cumprimento de Emma. Ela estava enrodilhada num sofá junto à lareira, cujo fogo estava agora reduzido a cinzas e carvão.

— No país inteiro? — Caroline removeu a máscara.

— Aqui em Washington. Olá, Sr. Farrell.

— Oi, Emma. — Tim estava eufórico Com seu sucesso na Casa Branca. — Viu a cara de Creel quando eu disse que queria fazer um filme sobre Debs?

— Vi, sim. Felizmente ele não entendeu direito.

— A democracia devia começar em casa. — Tim sentia-se em casa; serviu-se uma dose de uísque puro.

— A tia Frederika piorou — interpôs Emma.

— Ah, meu Deus! — Caroline sentou-se perto do fogo. Talvez fosse mesmo o fim do mundo, afinal. A praga entraria em todas as casas, até que todos estivessem mortos. — E o tio Blaise?

— Está com ela. Ele está bem. Acha que já teve a gripe, de uma forma branda.

— Até que ponto você é católica a sério? — perguntou Tim a Caroline, seriamente.

— Nem um pouco. Tenho medo é desta vida agora, e não da próxima, que não existe.

— Sorte sua pensar assim. — Ele mudou de assunto. — Acho que o Presidente reconheceu você. Eu o peguei olhando para você depois da cena do

crucifixo...

— Somos velhos conhecidos — disse Caroline depressa; Emma não sabia da Emma fictícia. Felizmente não costumava ir ao cinema. — Que é que está lendo?

Emma ergueu o livro do colo.

— O último livro do tio Henry. Sobre a educação dele. Hoje fui visitar a Srta. Tone. Ela ainda está na casa. É tudo muito triste...

— Mais triste para nós do que para ele. Morreu dormindo. — Ela olhou para Tim, como se isso fosse, de alguma forma, muito importante.

— Ele estava sorrindo quando foram acordá-lo, a Srta. Tone me contou.

— Tanta história... terminada!

Caroline perguntou-se se estaria começando a falar como cartões de legendas de cinema, com muitas reticências e pontos de exclamação.

— Toda a questão dos negros é realmente interessante, e ninguém fez isso ainda. — Tim não pretendia chorar a morte de Henry Adams.

— Interessante por quê? — Para alguém tão cioso da cortesia de sua classe, Emma foi ríspida.

— Veja a situação deles. São 12 milhões vivendo aqui, num país que está lutando para tornar o mundo seguro para a democracia, e a maioria não pode votar ou ter os mesmos direitos dos brancos.

— Talvez eles não queiram esses direitos.

Emma não tinha uma natureza imaginativa, ou mesmo generosa, pensou Caroline, que também não era generosa mas era suficientemente imaginativa para entender o que os outros sentiam. Talvez fosse esse estranho dom que lhe tornava possível transformar-se tão facilmente na imaginária Emma Traxler, que por sua vez podia transformar-se em Madeleine, uma mãe na frente de batalha.

— Se não quisessem os mesmos direitos, por que centenas de pessoas foram mortas ou feridas em Chicago no verão passado? — Tim olhava para Emma com interesse.

— Talvez os brancos pensassem que os negros queriam alguma coisa que não deviam ter, e então atacaram antes, como fazem no Sul quando lincham um deles — disse Emma.

— Inteligente — aplaudiu Caroline.

Para ela, grande parte do encanto de Washington era a sua africanidade, tanto no clima quanto na população. A igualdade racial não significava muito para ela, ou — segundo ela achava — para a maioria dos negros, que ignoravam o mundo dos brancos assim como o mundo dos brancos os ignorava — ou pelo menos assim lhe parecia, cada raça vivendo em universos separados, embora contíguos, em duas Washingtons separadas, porém simultâneas.

— Não. Eles querem os mesmos direitos. Particularmente agora que'

estiveram no Exército, lutando pela democracia...

— Uma palavra tão sem sentido!

Embora qualquer retórica política deixasse Caroline irritada, a invocação respeitosa à palavra "democracia" irritava-a mais que qualquer outra coisa. O respeitado professor de Harvard, George Santayana, agora aposentado e vivendo na Europa, percebera a capacidade curiosamente americana de absoluta crença em coisas absolutamente falsas, assim como uma incapacidade curiosamente americana de perceber uma contradição, porque, como ele escrevera, uma "incapacidade de receber educação, quando unida a uma grande vitalidade interior, é uma raiz do idealismo". Era isso — o idealismo americano — o aspecto mais insuportável daquele povo. Pela primeira vez em muitos anos, Caroline teve vontade de fugir, voltar para a França, ou ir para Timbuctu, para qualquer lugar onde não houvesse essas pessoas com seus discursos hipócritas.

Tim não era hipócrita; mas chegava perigosamente perto disso ao abraçar a causa dos direitos do homem — liberdade, igualdade, fraternidade. Mas enquanto ele acreditava ou pensava que acreditava nessas coisas, os franceses consideravam-nas meros rituais para afastar distúrbios desagradáveis como as revoluções.

— É claro que a democracia não significa coisa alguma para eles. Lá em Chicago estavam carregando um cartaz. A rua estava cheia de brancos que gritavam, negros amontoados, policiais com armas, porretes, e aquele cartaz dizendo, como um cartão de legenda, sabe? "Tragam a Democracia Para a América Antes de Levarem Para a Europa."

Emma encarou Tim com curiosidade.

— Você é comunista? — perguntou.

— Não. Sou católico. — Tim sorriu para Caroline. — Católico que acredita.

— Tim tem essa preocupação com as massas só porque faz filmes para elas. — Caroline assumiu o tom de uma anfitriã educada.

— Griffith também, e *O nascimento de uma nação* contribuiu mais para reviver a Ku Klux Klan do que qualquer outra coisa em muitos anos.

Caroline respondeu à altura:

— O Sr. Griffith faz filmes para as massas brancas que estão dispostas a pagar até três dólares para ver um filme muito longo.

— Meu professor de história estava em Princeton quando o Sr. Wilson era reitor — Emma estava remexendo os carvões com um atizador. Tinha o rosto vermelho demais para o gosto de Caroline. Febre? Gripe? Morte? — Ele disse que toda vez que um negro requeria admissão em Princeton o Sr. Wilson escrevia uma carta pessoal dizendo que ficava feliz ao ver um homem de cor tão preparado, mas julgava ser seu dever avisar que muitos dos estudantes eram do Sul e o rapaz teria muitos problemas lá.

— E então o rapaz não entrava na faculdade — completou Tim, terminando seu uísque.

— Não entrava. — Emma largou o atizador e fixou os olhos no fogo reavivado.

— Vou para a França — declarou Caroline, erguendo-se; então, uma fração de segundo depois, ouviu suas próprias palavras.

— Por que foi que eu disse isso? Queria mesmo era dizer que vou para a cama.

— Você quer dizer que vai fazer as duas coisas — disse Emma.

— Devia mesmo ir. Tio Blaise diz que vai. Vai participar da Conferência de Paz.

— Paz sem vitória. — Tim continuou sentado.

Caroline almejava uma cama só para si. A luxúria vinha em ciclos e desaparecia do mesmo modo. Além disso, ela se recusava a pensar morbidamente na morte súbita e silenciosa da gripe durante o ato de amor. Seria possível que Frederika, tão serena, competente, divertida, fosse morrer?

Do quarto de dormir Caroline ligou para Blaise. Ele parecia cansado.

— Ela está na mesma. A crise ainda não veio, seja isso o que for. Esses malditos médicos são impossíveis.

— Ela está consciente?

— Às vezes. Não diz coisa com coisa. Que foi que aconteceu na Casa Branca?

— Os Quatorze Pontos ganharam a guerra, e o coronel House embarca para a França daqui a quatro dias, para fazer a paz eterna.

— Ele é o negociador oficial?

— É o que insinua. Ajudado por aqueles rapazes brilhantes daquela pensão da Rua 19...

— Todos judeus e socialistas.

— Vou para Paris assim que for possível — declarou Caroline, interrompendo o costumeiro discurso.

— Será que nós dois devíamos viajar?

— O Sr. Trimble ficaria aliviado se nós dois viajássemos para sempre.

— Vamos ver. — Blaise parecia exausto. — Eu vou ter que ver.

— Naturalmente — disse Caroline.

Ela despediu-se em seguida. Antes de apagar a luz, passou longo tempo olhando para o retrato de sua mãe, Emma I. A semelhança dela com a imperatriz Eugénie não passara despercebida ao pintor. Embora os olhos escuros encarassem Caroline, não havia neles uma mensagem. Apenas um simulacro pintado de uma mulher que ela não conhecera; no entanto, Caroline por duas vezes dera o nome de sua mãe às suas próprias invenções, como se houvesse algum negócio inacabado no passado a ser levado a termo; se não agora, mais

tarde.

2

Burden estava sentado em seu escritório assinando cartas, enquanto a Srta. Harcourt, velha, grisalha e silenciosa, empoleirava-se numa cadeira de espaldar reto junto à escrivaninha dele. Ela usava uma camisa masculina, gravata e paletó; apenas a saia era uma relutante concessão aos preconceitos de sua época infeliz, seu lugar infeliz. A Srta. Harcourt morava com a mãe na parte nordeste de Washington. Trabalhava — esplendidamente, grisalhamente, silenciosamente — para Burden desde que ele entrara para o Congresso, quando o velho século dava lugar ao novo, agora quase um quinto transcorrido.

As cartas eram dirigidas a vários líderes em todo o país e pediam apoio para o Partido Democrata na eleição próxima. Como o próprio Burden "não era candidato à reeleição, podia mostrar-se pessoalmente desinteressado ao pedir ajuda para o partido. Naturalmente a lista cuidadosamente compilada ao longo de mais de uma década compreendia aqueles que o apoiariam quando chegasse o momento em que ele tomasse a coroa. Estava cultivando essas relações.

Assinada a última carta, ele recostou-se em sua alta cadeira giratória de couro; sentia-se eufórico. O sol da tarde lançava um raio de luz no busto de Cícero diante da escrivaninha. De cada lado da lareira de mármore branco, estantes com portas de vidro continham livros de direito, assim como livros com as leis dos Estados Unidos da América. Acima da lareira estava pendurada uma gravura da rendição de Lee no Appomattox, o que não desagradava a seus eleitores, cuja maioria, embora agora vivendo no Oeste, descendia de soldados confederados. Sobre a estante da lareira havia a bala que atingira seu pai em Chickamauga — um pedaço de metal colocado num pedestal de mármore. Quando o velho morrera, deixara a bala ao filho, com alguma amargura, como lembrança de quem ele era e o que era a guerra, uma lembrança do povo, do povo, do povo. Ultimamente as palavras tendiam a repetir-se estranhamente em sua cabeça: uma série de ecos não desejados e irritantes começavam e então, estranhamente, cessavam.

A melhor coisa era conversar durante os ecos. Enquanto "do povo" ecoava em sua cabeça, ele falou com a Srta. Harcourt.

— O Congressista Momberger está na sala dele?

— Não. Ele também está doente. A gripe espanhola. Começou esta

madrugada, disse a Sra. Momberger.

— Precisamos entrar em recesso. Lembre-me de conversar com o senador Martin ainda hoje.

"Do povo" parou, deixando-o com dor de cabeça.

— Liguei para a casa dos Sanford — disse a Srta. Harcourt, que ou sabia de tudo e não pensava a respeito ou nada sabia e nada pensava. — Ela já passou a crise, acham.

— Ah, ótimo. Preciso... dizer a Kitty para fazer-lhe uma visita quando ela melhorar.

A princípio ele tinha certeza de que Frederika ia morrer. O destino fazia dessas coisas. Mas ela agarrara-se à vida, ou a vida agarrara-se a ela; e quando ele encontrou Blaise no Cosmos Club quase deserto, este dissera que ela ficaria boa.

O telefone tocou. A Srta. Harcourt atendeu, depois voltou-se para Burden.

— O Sr. Tumulty quer saber se o senhor poderia ir ver o Presidente esta tarde.

— Às cinco.

Enquanto a Srta. Harcourt transmitia a resposta ao secretário do Presidente, Burden levantou-se e foi até a janela alta com a vista do monte Capitólio. Mas não olhava para a paisagem familiar através da vidraça, e sim para seu rosto pouco familiar, pálido e idoso, refletido no vidro. Precisava fazer mais exercício, como cavalgar. Pensou em Caroline, como sempre fazia quando pensava em todos aqueles domingos em que costumava cavalgar ao longo do canal junto ao Potomac, terminando a manhã na casa dela. Como não eram casados, o romance teve um final agradável e natural. Um não tinha ciúmes do outro. Gradualmente passaram a encontrar-se cada vez menos às escondidas e cada vez mais em público. Finalmente, depois da dura eleição de 1916 quando Burden passou semanas viajando pelo país, o romance terminara sem uma palavra de qualquer um dos dois.

— Diga a Kitty que vou jantar em casa.

A Srta. Harcourt inclinou a cabeça. Como a maioria das secretárias do Senado, ela estava em permanente desavença com a esposa do senador. Afinal, as secretárias passavam mais tempo com os senadores do que as esposas; e as esposas tinham ciúmes de todas aquelas horas, aqueles dias e anos dos quais eram excluídas.

O Presidente e o almirante Grayson estavam jogando golfe no gramado sul da Casa Branca, nos fundos dos escritórios executivos. Um homem do Serviço Secreto cumprimentou Burden pelo nome.

Burden atravessou o campo de golfe improvisado. Wilson dizia a Grayson:

— Basta de ar fresco, almirante.

— Ar fresco nunca é bastante, senhor. — Grayson pegou o taco do

Presidente. — Tenho bursite no ombro, de modo que o médico me prescreveu golfe. Uma verdadeira tortura.

Burden nunca vira Wilson tão relaxado, até mesmo juvenil, apesar das dores.

— Vamos ver os carneiros — disse ele.

O gramado sul da Casa Branca era um parque em miniatura, que Edith entregara a um rebanho de carneiros Shropshire Downs, cuja lã tinha sido vendida por uma boa quantia em todo o país como encorajamento para as mulheres americanas tricotarem para a paz — sem vitória.

— Quando será, Sr. Presidente?

— O armistício? Uma semana, talvez, ou duas. Não há qualquer problema da parte dos alemães ou da nossa...

Wilson não terminou a frase. No meio do gramado tinha sido colocado um banco de tal maneira que os passantes não poderiam vê-lo através da grade de ferro, ao passo que o homem do Serviço Secreto via tanto os passantes quanto o banco. Burden muitas vezes fantasiara a respeito da presidência; no entanto, a realidade nunca deixava de surpreendê-lo — uma combinação de banalidade e grandiosidade, de tédio e verdadeiro terror diante da ideia de tanta energia concentrada em um homem, um lugar, uma época.

— Dizem que nunca consulto o Senado. Mas sempre o consulto, não é?

— Às vezes o senhor me consulta.

A antipatia de Wilson pelo Senado era calorosamente correspondida. Cada senador era para si mesmo um microcosmo do governo e, junto com seus pares, soberano — um estado de coisas que o verdadeiro soberano, Wilson, não pretendia reconhecer.

— Ainda não discuti isto com o Gabinete. — Wilson entregou a Burden uma declaração datilografada em sua máquina de fita azul. — Mas quero primeiro a sua opinião. Tumulty aprova. Também o coronel House. Mas eles não são políticos como nós.

Enquanto Burden lia o texto, Wilson cantarolava uma canção do último musical do Keith's antes de ser fechado por causa da gripe. Com a alegre canção em seus ouvidos, Burden sentiu-se num pesadelo. O grande mestre político de sua época e nação cometera, pelo menos no papel, uma enorme imprudência política. Burden dobrou a página cuidadosamente duas vezes, como se pudesse destruí-la duas vezes. Wilson tinha parado de cantarolar.

— Você desaprova?

— Sim. — Não havia sentido em usar dos costumeiros rodeios evasivos, adequados ao maior autocrata do mundo, como Wilson re-feria-se à sua própria pessoa em época de guerra. — O senhor está fazendo um apelo direto ao povo para lhe dar, ao senhor pessoalmente, é o que está parecendo, uma maioria democrata no Congresso, para que possa fazer a paz sozinho. Estou apenas

antecipando o que Lodge e Roosevelt dirão.

Wilson mostrou-se brando e racional:

— Também lembrei ao eleitorado todas aquelas reformas internas que nós, do Partido Democrata, fizemos e que seriam desfeitas se os republicanos ganhassem.

Burden olhou, desanimado, para os carneiros que pastavam. Que fazer?

Wilson mostrava-se surpreendentemente apaziguador.

— Vance McCormick e Homer Cummings e todo o Comitê Nacional querem esta declaração agora, pelo menos é o que me dizem.

— Senhor Presidente, sem qualquer declaração sua vamos organizar o Senado com uma maioria entre cinco votos para dez a, talvez, 15 para vinte na Câmara. Mas se o senhor interferir e disser ao país que os republicanos não podem fazer o tipo de paz que o senhor pode, será como um pano vermelho diante de um touro...

— Lincoln, McKinley e até o coronel Roosevelt fizeram apelos semelhantes.

— Ultimamente não tenho lido a chamada às armas feita por eles, mas um comentário leve de que não se muda de barco no meio da correnteza é muito diferente de uma conferência... — Ele usou a palavra fatal. O conferencista Wilson endireitou-se, porém Burden seguiu em frente: — ...dizendo ao povo que se não votarem como o senhor quer que votem, os europeus vão pensar que o senhor foi repudiado. Está sendo pessoal demais, se me permite dizer.

As duas manchas vermelhas de costume surgiram em cada lado do rosto do Presidente.

— Este cargo tem mesmo um lado pessoal, senador.

— Mais uma razão para o senhor despersonalizá-lo ao máximo. Não faça de si mesmo a questão principal...

— Eu sou a questão principal. Se perdermos o Senado, Lodge será o líder da maioria. Será também presidente da Comissão de Relações Exteriores. Quando eu trouxer um tratado para casa, ele pode atrasá-lo, exatamente como costumava atrasar, e finalmente matar, pelo que me disseram, seu amigo John Hay. Assim, você percebe que devo fazer todo o possível para manter nossa maioria no Congresso.

Burden assentiu.

— Concordo. E a melhor maneira de manter nossa maioria é rasgar este negócio. Depois fale humildemente com o povo, de quem emana o seu poder, porque o senhor sabe que em sua justiça essencial eles irão, como sempre, ou pelo menos como em 1912 e 1916, fazer o que é acertado. O senhor conhece essa conversa.

Wilson fixou os olhos nos carneiros, que eram, até mesmo aos olhos rurais de Burden, extremamente desinteressantes. Então o Presidente suspirou e

levantou-se.

— Dizem que um em cada quatro americanos tem ou terá a gripe.

Burden ergueu-se também.

— Dizem que no mundo inteiro morrerão vinte milhões de pessoas.

Juntos caminharam lentamente de volta aos escritórios executivos, onde o homem do Serviço Secreto estava de vigia.

— Eu me pergunto se devo usar máscara na próxima vez em que discursar no Congresso.

— Ou tampões nos ouvidos.

— Como falam! De qualquer maneira, até agora não me passaram a gripe. — Os dois tocaram rítmica e supersticiosamente. — Como foi recebido meu último discurso?

— Aqueles que odeiam o sufrágio feminino não se comoveram. Mas as muralhas sem dúvida conseguirão o direito de votar em um ou dois anos.

— Sempre fui contra deixá-las votar. Mas depois disse a mim mesmo que as mulheres não podem ser mais idiotas que os homens.

— Nisso nós concordamos inteiramente.

— Além disso, percebi que nas áreas em que as mulheres podem votar, a tendência delas é me apoiar. Acho isso um sinal de grande sabedoria.

— Bem, Sr. Presidente, afinal foi Eva quem comeu o fruto do conhecimento.

Wilson riu.

— Cá entre nós, que história estranha essa!

Na manhã seguinte Burden acordou com febre alta, músculos doendo e uma tosse incontrolável. O médico declarou-o vítima da gripe. Com isso ele penetrou num reino de pesadelo, onde Kitty às vezes era o anjo consolador, às vezes o demônio que atormenta. Um dos pesadelos era que o Presidente tinha utilizado sem qualquer alteração o texto que Burden lera. Mais tarde, os pesadelos envolviam Roosevelt e Lodge fazendo campanha pelo país, denunciando Wilson. Mas sinos tocavam também. Havia um armistício comemorado prematuramente; depois, um armistício que significava o fim da guerra. Tudo isso girava nos sonhos febris de Burden, onde várias vezes ele foi visitado pelo pai em sua farda de cabo, jovem e vibrante, e nos lábios do pai, vez após outra após outra após outra, as palavras "do povo".

Burden voltou à vida e concluiu que preferia a morte ou fosse qual fosse o reino em que ele penetrara depois que o sonho cessou e não havia mais coisa alguma. Abriu os olhos e viu Kitty, que lia um jornal sentada ao lado da cama.

— Que horas são? — ele perguntou.

— Ora viva!

Kitty jogou o jornal para o ar. Estava completamente diferente. Mas nada estava como devia estar. Para começar, ele fora transferido de seu corpo

vigoroso para o corpo desgastado de um velho. A luz do sol feria seus olhos idosos. Ele os fechou.

— A febre passou, disse o médico. Mas leva tempo para suas forças voltarem. Está com fome?

— Com sede.

Kitty deu-lhe um copo com água. Com grande esforço ele sentou-se e bebeu, com dificuldade, pois os lábios estavam rachados pela febre. Depois caiu sobre os travesseiros.

— Estive doente — disse estupidamente.

— Muito doente — concordou Kitty. Sorriu para ele, mas o rosto estava abatido, os olhos azuis mostravam-se cansados e havia mais grisalho em seus cabelos antes louros. — Mas agora está bem. Desde a madrugada você... está bem.

Burden ergueu uma das mãos — a mão de um desconhecido, que ele nunca vira antes, dedos cinzentos e esqueléticos a não ser pelas juntas grossas, que eram vermelhas.

— Você perdeu peso. — Kitty recolheu o jornal do chão. — Agora sou sua enfermeira. Tivemos duas em tempo integral, dia e noite.

— Quanto tempo foi isso?

— Quinze dias.

— Meu Deus! — Quinze dias fora do tempo, da carne, da vida. A morte era nada, essa era a mensagem.

— Hoje é dia 12 de novembro, e a Alemanha assinou o armistício. Quer ver? — Ela ergueu o jornal. A manchete declarava paz. O Presidente discursaria no Congresso ao meio-dia e revelaria os termos. — Houve muita decepção na semana passada, quando todos achavam que a guerra tinha realmente terminado porque o kaiser abdicou e alguém disse que o armistício estava aprovado, mas depois não estava. Desta vez é real. Todo mundo escreveu ou telefonou — acrescentou ela, indicando as pilhas de cartas, telegramas e cartões de visita sobre a secretária ao lado da janela. — O Presidente me telefonou duas vezes para saber como você estava.

Burden queria perguntar por Frederika; mas com seu corpo de velho ele tinha agora a cautela de um velho.

— A eleição...?

A eleição tinha sido em 5 de novembro.

— Bem, você tinha razão. — Kitty franziu o cenho, mais uma vez em sua condição de política total. — O Senado tornou-se republicano por um voto, e a Câmara por 46.

Em seu espanto, Burden esqueceu sua velhice.

— Não é possível! Que foi que aconteceu?

— Primeiro, o apelo idiota do Presidente, como você definiu, espero que

na cara dele. Depois, T. R. e os republicanos tiveram momentos gloriosos acusando o Sr. Wilson de ser ditador do mundo, e isso nos tirou os votos dos alemães e dos irlandeses, e das mulheres que podiam votar...

— Por que das mulheres?

— Por causa de todos os democratas do Sul no Senado que tinham votado contra conceder-lhes o direito de voto...

— Eu avisei. Eu avisei.

— Além disso, havia os agricultores de trigo que achavam que dávamos mais apoio ao algodão, que é você...

— Quem foi derrotado?

Kitty repetiu de cor a lista inteira. Ela conhecia cada senador não apenas como homem, mas como senador; sabia como ele votava e por quê. Enquanto Burden escutava os nomes, sentia a costumeira combinação de alegria e desânimo. Desânimo por causa dos amigos afastados do clube; alegria por sua própria sobrevivência. O que Wilson conseguira fazer foi criar para si mesmo, no momento de uma vitória militar, a mesma espécie de hostilidade no Congresso que Lincoln enfrentara durante suas últimas semanas de vida e que ocasionaria o impedimento de seu herdeiro.

— Um desastre.

Os lábios de Burden pareciam uma lixa. Ele gesticulou pedindo mais água; ela levou-lhe o copo aos lábios.

— Sim — concordou. — E ele tem que agradecer a si mesmo. Naturalmente o Comitê Nacional queria que ele fizesse uma declaração forte, mas por que lembrar a todos da razão por que não gostam dele? Dizem que ele está secretamente feliz por tantos sulinos terem sido derrotados.

— Sem eles, o partido de Bryan não é um partido. Sem Bryan, Wilson não existe. Acho que ele não compreende isso.

— Andaram falando em você na Califórnia. Dois jornais o colocaram em primeiro lugar na lista para 1920.

Burden suspirou; duvidava que algum dia tivesse novamente forças para atravessar o quarto, muito menos para candidatar-se a Presidente.

Kitty então leu para ele as diversas mensagens. Guardara numa caixa especial aquelas que tinham alguma importância política. Começou pelos governadores; depois passou para os líderes partidários. Ele estava reunindo apoio, foi sua conclusão. Com Wilson prejudicado por um Congresso republicano, qualquer coisa podia acontecer em dois anos.

— E McAdoo? — perguntou.

— Muito simpático. Positivo, eu acho.

Burden e Kitty nunca precisavam dizer com todas as letras alguma coisa de natureza política. Completavam as frases um do outro. A carta de McAdoo era muito positiva, e significava McAdoo-Day. Como trocar a ordem? Kitty

continuou a ler. Havia uma carta de Blaise.

— Coitada da Frederika! — ela exclamou de súbito, sem malícia.

Ela não sabia, ele tinha certeza. Ao contrário de Franklin Roosevelt, ele não guardava cartas de amor nos bolsos. Ao contrário de Lucy Mercer, Frederika não sonharia em escrever uma. Coitada da Frederika. Mas ele achava que ela se recuperara. Agora via-a morta, e seu coração disparou.

— Os cabelos dela caíram todos, cabelos tão lindos! Ninguém sabe se vão crescer de novo.

Burden respirou com mais facilidade.

— Ela se recuperou...

— Como você. Ela teve" sorte. — Kitty então deu-lhe a lista mais recente dos mortos, dos moribundos, dos doentes. — Que inverno foi este! Mas dizem que a epidemia está terminando, ninguém sabe por quê.

Burden permitiu que a escuridão o engolisse. Dormiu e sonhou que estava voando, com muitos gestos frenéticos com os braços, acima de um campo onde as pessoas estavam reunidas para ouvi-lo discursar e não voar, mas ele voava, para espanto delas e sua própria alegria.

3

Frederika parecia etérea, pensou Blaise, a quem nunca antes essa palavra ocorrera. Ela usava um vestido de noite que era quase inteiramente preto, com uns toques prateados, e na cabeça um turbante esplendidamente enfeitado de jóias. Encontravam-se no escritório de casa, onde o mordomo maltês — a população de Washington estava se tornando exótica, graças ao aumento populacional causado pela guerra — serviu-lhes xerez. Essa noite seria a primeira ocasião social de Frederika desde que a morte mandara seu lembrete de que um dia haveria um convite que não poderia ser polidamente recusado.

— Sinto como se o turbante fosse transparente — disse Frederika. — E todo mundo pudesse ver minha cabeça careca em toda a sua glória.

— Ninguém vai suspeitar — disse Blaise, em tom consolador. — Diga-lhes que resolveu ser como... qual é o nome dela? A mulher de um Presidente, que sempre usava um turbante.

— Dolley Madison. O médico acabou de dar uma olhada em Enid. Ela está bem. Não há razão para medo, diz ele.

Blaise perguntou-se se algum dia aprenderia a aceitar o nome banal de

sua filha, colocado no batismo porque sua feroz sogra insistira que a criança tivesse o seu nome e não havia como recusar algo à Sra. Bingham.

O mordomo avisou que o carro estava pronto. Iam jantar com o secretário Lansing, um homem que em todos os aspectos era a antítese do Presidente, que raramente o consultava. Onde o Presidente era toda intuição e propósitos elevados, o secretário de Estado era o advogado completo — seco, lógico, frequentemente mas não sempre previsível. Por exemplo: para surpresa de Blaise, Lansing odiava profundamente os alemães, e conseguia ser muito enfadonho quando falava de autocracia versus democracia, como se qualquer das duas nações fosse realmente uma coisa ou outra. Mas Lansing tinha sido convencido de que os alemães estavam dedicados à conquista do mundo e que se os Estados Unidos não tivessem entrado na guerra, o kaiser teria ocupado a Casa Branca. Blaise na realidade gostava da companhia de Lansing, porque o secretário era um chato de sua predileção. Além disso, Lansing podia ser surpreendentemente perspicaz, o que significava que ele via as coisas à maneira de Blaise. Lansing era particularmente interessante no que se referia ao Perigo Amarelo com que Hearst periodicamente assustava o povo americano. O secretário era essencialmente um advogado cuja especialidade era o direito internacional e as disputas de fronteira, e desejava muito, assim como Blaise, uma *détente* entre os Estados Unidos e o Japão, cujo expansionismo China adentro ofendia o senso moral de Wilson. Quando o representante japonês, visconde Ishii, viera a Washington para descobrir o que os Estados Unidos pretendiam fazer na Ásia Oriental, Wilson falara vagamente em portas abertas e sobre a integridade da China, ao passo que Lansing tentara regularizar as relações entre os dois impérios em expansão. Lansing via a necessidade de boas relações com o Japão assim como com a China, por causa dos mercados de que a indústria americana ia precisar depois da guerra. Estava também disposto a aceitar a presença do Japão não apenas em Xantung mas também na Manchúria e na Mongólia. O acordo resultante era uma obra-prima de subterfúgios e não podia ser inteiramente publicado, por deferência à opinião pública japonesa.

A Sra. Robert Lansing recebeu-os à porta da sala de visitas. Blaise conhecera-a ligeiramente quando ela era Eleanor Foster, filha do secretário de Estado de Harrison, cuja casa os Lansing agora ocupavam.

— Você agora é praticamente hereditário — Blaise observara quando Lansing fora inesperadamente promovido depois da partida de Bryan.

Frederika ouviu elogios à sua aparência, e o turbante foi admirado. Entre os convidados estavam os William Phillips do Departamento de Estado e os inevitáveis Jusserand, representando a glória e a civilização francesas. Lansing era cortês e preçoso e, como sempre, um pouco prolixo, a que Blaise reagia com uma sensação de contentamento. Ele sempre se sentira atraído por chatos e quando, em sua juventude, Henry James vinha visitar seu pai, ele ficava

extasiado com aquelas frases compridas que se enrolavam em volta dele como novelos de uma-lã reconfortante. As frases de Lansing eram mais curtas, mas existiam em grande número.

— Os McAdoo viriam. Mas agora não vêm.

— Muito imperial — observou Blaise. — Muito francês — acrescentou, por nenhum motivo a não ser que Jusserand estava encantando um grupo de senhoras com seu inglês maravilhosamente marcado pelo sotaque.

— Mais britânico. Mais hanoveriano.

Blaise olhou para o belo rosto cinzento do secretário com seu bigode cinzento, aparado e quase invisível.

— Problemas entre o soberano e... o príncipe de Gales?

Lansing, tardiamente discreto — de propósito? — disse:

— Acho que Mac vai pedir demissão, agora que a guerra acabou. Eles discordam demais, de um modo amigável. Mas...

A frase foi estrategicamente abandonada.

— Que é que ele vai fazer entre agora e 1920?

— Ouvi dizer que nessas ocasiões os políticos costumam viajar muito, e fazer discursos.

Lansing agora fazia um favor a Blaise. E Blaise retribuiria na ocasião adequada. A demissão de McAdoo significava que Wilson seria o candidato e que, se fosse, não haveria futuro presidencial para o príncipe de Gales.

Depois do jantar as damas voltaram para a sala de visitas. O porto foi servido, junto com charutos. Blaise sentava-se entre Lansing e Jusserand. A gripe espanhola tinha dominado a conversa durante o jantar; conversa pós-jantar era sobre a iminente Conferência de Paz. Lansing mostrava-se reservado, Jusserand, diplomático, Blaise, curioso.

— O coronel House vai representar os Estados Unidos na Conferência de Paz?

— Ele já está lá. — Lansing empurrou sua taça de porto para a frente e para trás. — Com seu Grupo Inquiry. Soube que M. Clemenceau está ansioso para começar.

Lansing olhou para Jusserand, cujas barbas brancas davam-lhe a aparência de um Zeus benevolente.

— Há muito trabalho a ser feito. — Jusserand foi vago.

— Nosso correspondente em Paris diz que M. Clemenceau declarou que, como o Presidente Wilson não poderia encontrar-se com os representantes europeus num mesmo nível de hierarquia, ele imagina que o secretário de Estado, o Sr. Lansing, ou alguém do mesmo nível, vai chefiar a delegação americana — Blaise gostava de contar às pessoas aquilo que elas já sabiam mas não queriam comentar.

Com um sorriso, William Phillips observou:

— O nível hierárquico de um coronel texano não é muito alto fora do Texas.

— É, sim, se o Presidente nomeá-lo embaixador especial.

Lansing assentiu.

— O coronel conseguiu que os líderes aceitassem os Quatorze Pontos; qualquer pessoa que consiga isso provavelmente conseguirá negociar. Além disso, o Presidente tem poderes constitucionais para escolher quem quiser. Mais interessante será a delegação que irá com o negociador...

— Senadores republicanos, se ele for esperto — disse Brandegee, um senador republicano de língua afiada, de Connecticut.

— Sugerir o Sr. Root, meu predecessor. — Lansing mostrava frieza. — Mas o Presidente o considera velho demais, e, talvez, conservador demais...

— Só para M. Clemenceau — comentou Blaise.

Ele piscou para Jusserand, que cochichou-lhe em francês:

— Ainda bem que sou surdo do ouvido direito.

De repente a Sra. Lansing surgiu à porta e gesticulou para que Lansing fosse até lá. Ele pediu licença. Jusserand e Blaise continuaram a conversar em francês. Jusserand havia tanto tempo fazia parte da vida de Blaise que este pensava nele como algo permanente, além de um lembrete de suas próprias origens francesas.

— Nós gostamos muito, quero dizer, minha esposa e eu, do filme da sua irmã Caroline. É espantoso como tudo parecia realmente à frente de batalha. Todos os detalhes estavam certos, e aquela atriz com o crucifixo estava esplêndida, absolutamente esplêndida.

Apenas Blaise sabia que a atriz era Caroline, e ela fizera com que ele jurasse segredo. Até então, ninguém que eles conheciam tinha identificado Emma Traxler, e a imprensa nacional não farejara coisa alguma. Um dia, naturalmente, aconteceria. Enquanto isso, de todos os conhecidos de Washington, apenas o meio-irmão de Caroline identificara imediatamente a melancólica, muda e gigantesca figura na tela.

— Ela diz que o filme está passando em Paris agora. Parece que estão gostando...

— É real demais, eu imagino, para ser muito popular. Sabe, eles são loucos se não nos mandarem Root. — Jusserand baixou a voz. — Ele tem autoridade. É respeitado. É idoso, mas...

— Mais jovem que M. Clemenceau, que tem... quantos anos?

— Setenta e sete. Concordo, confidencialmente, é claro, com o Sr. Lansing: devíamos tratar de estabelecer o tratado de paz, um negócio por si só difícil, e depois, separadamente, mais tarde, cuidar da criação de um tipo de liga mundial. Essa liga é uma ideia simpática ao povo daqui, graças ao Sr. Wilson e ao Sr. Taft, mas não é levada a sério em nossa velha e perversa Europa. Alguma

notícia de Saint- Cloud?

— Ainda é um hospital. Estou tentando ir até lá no próximo mês...

Blaise sentiu uma súbita necessidade de aliviar-se — uma fraqueza congênita nos rins, agravada pela idade. Pediu licença e levantou-se. Abriu a porta para o banheiro do térreo e deparou com Woodrow Wilson, pente na mão, diante do espelho.

— Sr. Presidente! — Blaise exclamou.

Wilson silenciou-o com um gesto.

— Não estou aqui — sussurrou, guardando o pente. À porta do banheiro, estacou. — Poderia ir à biblioteca por um momento?

Quando entrou na biblioteca, Blaise encontrou Lansing sentado junto à lareira e Wilson de pé diante dela. Um retrato do secretário de Estado Foster lançava-lhes do alto olhares carrancudos.

— Entre. — O Presidente voltou-se para Lansing. — Desculpe-me. Mas o Sr. Sanford me viu, e eu queria ter certeza de que ele nada diria...

— Como jornalista?

— Como cavalheiro. — Wilson mostrou um sorriso simpático. — Entre, sente-se. O *Tribune* nos apoiou galhardamente, pelo menos na maior parte do tempo.

— Nunca se consegue agradar inteiramente a um governo.

— Os políticos necessitam de muitas atividades prazerosas — afirmou Wilson jovialmente. Parecia ao mesmo tempo perturbado e encantado. — É por isso que deixo Tumulty ler os jornais para mim. Só leio aquilo que ele acha que lerei com prazer...

Blaise ficou espantado, e sorriu seu próprio sorriso simpático. Num país como os Estados Unidos, era perigoso para um Presidente não estudar a imprensa, quanto mais não fosse para tomar conhecimento das superstições correntes e dos pânicos iminentes. Obviamente Wilson estava muito isolado do mundo por esposa, médico, secretário.

— Espero que ele lhe dê para ler a coluna de T. R. no *Kansas City Star*.

— Essa eu leio. — Wilson sorriu. — Mas acontece que devo sempre escutar a ele e a Taft. São meus predecessores, minhas vozes ancestrais...

— ... profetizando guerra — Blaise completou a citação.

— Exatamente, Sr. Sanford. Sr. Lansing, importa-se de explicarmos o problema para alguém tão culto quanto nosso amigo aqui?

Embora mostrasse um ar de quem se importava e muito, Lansing assentiu:

— À vontade, Sr. Presidente.

— Resolvi ir a Paris no próximo mês. O Sr. Lansing acha que não devo ir. Isto é — Wilson antecipou-se à ressalva de Lansing —, não vê problema em que eu me apresente lá, mas acredita que não devo tomar parte na Conferência de Paz porque estou num nível mais alto, constitucionalmente, que os representantes

europeus. Eles são chefes de governo, eu sou' chefe de Estado. Ora, Sr. Sanford, o senhor conhece os franceses muito melhor que eu. Devo ou não tomar parte?

Blaise não estava preparado para um diálogo tão sério depois do jantar. Assim como o Presidente, percebia as possibilidades teatrais do legendário líder do outro lado do oceano, cujos suprimentos infundáveis de homens, armas e alimento haviam, mais do que qualquer batalha específica, obrigado a Alemanha a cessar a guerra e substituir o kaiser por uma república.

— Se pudesse fazer isso muito depressa, eu diria para ir.

— Por que depressa?

— Porque eles farão o possível para envolver o Presidente em detalhes, nos tratados secretos, em velhas brigas como a Alsácia-Lorena. Ele não deve ser desperdiçado nesse tipo de coisa." Deixe-o ir. E conquistar o apoio da opinião pública para os Quatorze Pontos. Fazer com que sejam aceitos de uma vez por todas e depois voltar para casa, deixando a conferência nas suas mãos.

Sem aviso prévio ou qualquer preparação, Blaise achou que tinha se saído muito bem. O Presidente parecia satisfeito. Lansing estava menos carrancudo do que quando Blaise entrara no aposento. Talvez houvesse — talvez essa fosse — uma rota pelo centro.

— Entendo o que quer dizer. — Wilson balançou-se nos pés, como fazia com frequência enquanto discursava. — Certamente não posso ficar fora muito tempo, por motivos políticos e até constitucionais.

— Jamais um Presidente saiu dos Estados Unidos para participar de uma conferência de qualquer espécie. — Lansing mostrava-se seco. — O Presidente devia ser como o Papa, misterioso, isolado, um personagem que inspira respeito e a quem as pessoas vêm procurar.

Deliberadamente, Blaise fez a pergunta errada, que era, naturalmente, a certa:

— Que é que o coronel House acha?

Wilson franziu o cenho e parou de balançar-se.

— Imagino que ele vai continuar como antes. Não disse que não iria. Até agora ele falou por mim; mas sabe que quando eu estiver lá, falarei por mim mesmo. Naturalmente, em questões de detalhes ele e seus técnicos farão com que eu saiba de que estou falando. Além disso, o Sr. Lansing e seu pessoal estarão comigo, também. O importante — continuou, já completamente fora do assunto e sem ter respondido a pergunta de Blaise — é o Artigo Dez, a liga, o pacto entre às nações. Caso contrário, a iniciativa toda perderá o sentido. Não entramos na guerra para anexarmos minas de carvão ou ganhar novos portos. Entramos para acabar com este fato intolerável de forças militares sendo usadas para fins que poderiam ser alcançados pacificamente por uma liga de todos os interessados. Acho que posso explicar tudo isso muito melhor que os líderes dos Aliados, que no fundo não aceitam os Quatorze Pontos, os quatorze artigos, mas concordam

porque os povos de seus países estão a meu favor... por enquanto. Por isso a pressa é importante: as coisas mudam.

— Fazer a paz, isso sim — rebateu Lansing. — Mas até-la ao estabelecimento de uma liga poderia ser demais para uma só conferência.

— Mas não fazer isso é admitir que somos apenas outra nação belicosa atrás dos saques, como os franceses, os ingleses e os italianos.

— Que há de errado nisso? — perguntou Blaise.

O rosto do Presidente estava agora rígido, como granito bruto: estava na sala o pastor presbiteriano.

— Há *tudo* de errado. Não somos como os outros povos. Não devemos ser como os outros povos. Não iremos, nisto, ser como os outros povos.

— Mas somos apenas povo, Sr. Presidente. — Blaise falou com suavidade, temeroso da ira de Deus.

— Por isso devemos pelo menos tentar ser melhores do que somos. Não percebe que tenho pouco tempo? Lodge controla o Senado e dirige a Comissão de Relações Exteriores. Roosevelt — cada sílaba do nome foi pronunciada como uma maldição de um antigo profeta — já disse que ninguém iria me escutar na Conferência de Paz porque eu tinha sido rejeitado pelo meu próprio povo há duas semanas. Disse também — um sorriso endureceu em vez de suavizar o rosto pétreo — que a contribuição da América para a vitória foi de apenas dois por cento, ele está falando de mortos, dois por cento do total entre os Aliados, de modo que a Inglaterra pode pedir qualquer coisa, tendo sofrido mais! Bem, isso vai cair em cima dele na próxima eleição.

Wilson parou de falar abruptamente. Tinha rompido sua própria moratória — nada de política até a paz.

— Talvez fosse bom que o senhor chamasse seus dois predecessores para irem à França com o senhor — disse Blaise. — Então haveria em casa uma frente totalmente unida.

— Eu não me importaria com o Sr. Taft. Mas... — Wilson sacudiu a cabeça.

Blaise ergueu-se.

— Já me intrometi demais nas altas questões.

Wilson estendeu-lhe a mão:

— Vai guardar segredo?

— Claro que sim. Mas quando é que o senhor vai dizer alguma coisa?

— Quando falar ao Congresso na semana que vem. Então o Sr. Lansing e eu partiremos para alto-mar.

Blaise saiu, suspeitando que deixava os dois homens numa conversa bastante tensa. Felizmente para Wilson, Lansing era essencialmente um advogado que faria o que seu chefe mandasse. Além disso, Lansing, sendo humano, sem dúvida estava adorando ter a oportunidade de suplantar o coronel

House em Paris. No entanto, Blaise estremeceu à ideia desse Presidente, todo duro e empertigado, acompanhado por dois grupos de assessores em guerra um com o outro; cara a cara com os malandros políticos mais inescrupulosos da velha Europa. Clemenceau e Lloyd George devorariam aquele cristão simplório. Blaise juntou-se às senhoras e acalmou a Sra. Lansing:

— Vou guardar segredo.

— Você é bondoso — disse ela. — É uma preocupação, não é?

Blaise imaginou que ela se referia à decisão do Presidente, e concordou que era realmente uma preocupação. Mais tarde, enquanto colocava a máscara para sair à rua — um negócio ridículo, já que era mais fácil pegar a gripe num jantar apinhado do que no ar gelado de novembro — ocorreu-lhe que ela não poderia saber do propósito do Presidente. Qual era, então, a sua preocupação?

Frederika — sem máscara, como convinha a alguém a quem a praga fizera o pior — respondeu em parte:

— A Sra. Lansing acha que o Presidente está perdendo a lucidez.

Dirigiram pelas ruas desertas da zona nordeste de Washington.

— Ele parece muito lúcido. — Blaise não contaria a Frederika sobre o encontro. — E muito feliz.

— Ela pensa o contrário. Anda esquecido, mal-humorado. ..

— Quem não ficaria, depois de perder o controle do Congresso?

— Ela acha, o que significa que Lansing acha, que ele está com arteriosclerose.

— Todo mundo depois dos sessenta tem isso, mais ou menos.

Blaise estava agora na meia-idade. Quarenta e dois anos lhe parecera muito velho no ano em que o século mudou de XIX para XX; agora que ele chegara a uma idade tão avançada, não a achava diferente dos 22. Ainda conservava o que Caroline chamava de seu físico de cavalição, com suas pernas grossas, levemente arqueadas. Recentemente passara a interessar-se por aventuras sexuais do tipo que apreciara na juventude — obviamente uma última florada antes da... arteriosclerose. Achava divertido que, praticamente na mesma idade, Caroline também estava tendo um renascimento semelhante com seu diretor de cinema, um tipo físico que Blaise achava repugnante, para certa surpresa sua, já que no passado eles frequentemente se sentiam atraídos pelos mesmos tipos.

Caroline esperava nos fundos do cenário enquanto Tim preparava a cena. O interior de um depósito de ferrovia tinha sido recriado fielmente, Caroline imaginava, pois nunca estivera dentro de um. Podia-se presumir que um depósito desses parecia-se com o próprio pavilhão de filmagens, no que antigamente fora o cassino Harlem River Park, transformado por Hearst num estúdio de cinema. Ali ele fez a Cosmopolitan Pictures, cujos filmes eram lançados pela Paramount, uma companhia de distribuição que pertencia à Famous Players-Lasky. Para surpresa de Caroline, Hearst recusara-se a levar sua empresa para Hollywood, segundo ele por causa da carreira teatral de Marion Davies. Na realidade, o Chefe estava, mais uma vez, como um lendário personagem obcecado, planejando concorrer ou a governador de Nova York em 1920 ou a Presidente, se Wilson vacilasse. Não ousava deixar sua base em Riverside Drive, no que era facilmente o maior apartamento do mundo, com sua infundável sucessão de aposentos atulhados de obras de arte, algumas genuínas.

Caroline iniciara sua própria companhia produtora, Traxler Productions, e apesar da jovial zombaria de Blaise ela fizera três filmes em seis meses; e todos estavam rendendo dinheiro. Ocorria que, a não ser que se gastasse demais, era impossível perder dinheiro em qualquer filme até a epidemia de gripe. Antes da epidemia, o país inteiro ia ao cinema, e aqueles produtores que tinham capacidade — e disposição — para lidar com os magnatas do cinema poderiam fazer fortuna.

Mas a grande fortuna não estava na produção dos filmes, e sim em sua distribuição. Adolph Zukor, um judeu húngaro, tornara-se um dos primeiros produtores quando convenceu artistas de teatro famosos, como Sarah Bernhardt, a aparecer nos filmes. Nos últimos sete anos, a companhia de Zukor não apenas tinha absorvido uma dezena de outras companhias de cinema, mas ele estava agora em processo de comprar, através da Paramount, centenas de salas de exibição de filmes em todo o país. Wall Street também se interessava por salas de cinema, pelo menos como imóveis, e o First National era seu veículo e principal rival de Zukor. No momento, Zukor era o maior de todos, e tanto Caroline quanto Hearst o cortejavam, como ele os cortejava. A publicidade era importantíssima para Hollywood, e podia-se contar que Hearst elogiasse incessantemente seus próprios filmes em seus próprios jornais. Para os milhões de leitores de Hearst, Marion-Davies era a rainha de Hollywood, mesmo morando em Nova York e fazendo seus filmes com prejuízo na Rua 127.

Embora Tim pudesse fazer filmes em qualquer lugar, Caroline fazia o possível para mantê-lo trabalhando na Costa Leste. Adquirira o hábito de contar nos dedos o número de anos que lhe restavam como uma mulher ainda apta a competir nas Listas do Amor, como definira a escritora inglesa Elinor Glyn, e embora Caroline usasse ambas as mãos para fazer essa contagem, ela se perguntava se não estava sendo indevidamente otimista ao passar dos dedos de

uma única mão, o que significava cinco anos.com Tim, e então... não mais dedos, amor, qualquer coisa. Era exatamente o oposto do que ela fora com Burden. Então ela confiara na ausência para manter o interesse mútuo. Agora era a presença que ela almejava todos os dias, todas as noites, até que o último dedo fosse contado. Subitamente perguntou-se: o que significaria o polegar? Deveria contar como meio ano, um ano aleijado? Olhou para as mãos e viu dois punhos cerrados, as juntas brancas.

— Está certo. José, você está com medo. O cara do sindicato é comunista e você sabe disso, mas ele não sabe que você sabe. Você finge que concorda com ele. Mas na verdade está assustado, só que está tentando não parecer assustado.

A estrela, antiga dançarina do Follies, tinha as proporções regulamentares de anã, com um belo rosto latino na frente de uma enorme cabeça que parecia maior do que era por causa da massa de cachos negros. O sindicalista tinha tamanho e proporções normais, o que significava que ia parecer sinistro na tela. Tinha um rosto um tanto ascético, que Caroline achava inadequado, mas Tim convencera-a de que era sempre interessante colocar atores de" aparência contrária ao tipo de papel que iam representar. O filme tinha sido escrito por uma das melhores escritoras de Hollywood — curiosamente, a maioria dos que escreviam para o cinema era mulher. Na realidade, a de mais sucesso era Frances Marion, que ganhava dois mil dólares por semana de Hearst para fazer por Marion Davies o que já fizera por Mary Pickford. A escritora de Tim era mais barata, porém bastante temperamental. Ela e Tim estavam sempre discutindo sobre "o tema", o que deixava Caroline perplexa, já que a história era muito simples, inspirada por George Creel, que agora queria os bolcheviques substituindo os boches o mais depressa possível como o atual inimigo do americanismo.

No momento, uma dezena de filmes anticomunistas estava sendo produzida. Para surpresa de Caroline, Tim ficara ansioso em fazer um. Compraram os direitos de uma história de revista sobre a infiltração de um sindicato ferroviário por comunistas americanos dirigidos por Moscou. Um operário, José, a princípio recusa-se a concordar com os chefes comunistas do sindicato até ser convencido pela filha do diretor da ferrovia a tornar-se um agente duplo.. Havia enredo demais, achava Caroline. No final, os trabalhadores enxergam a luz, que não é vermelha e sim vermelha-azul-e-branca, e a greve é cancelada, mas é tarde demais para salvar José, que, esfaqueado mortalmente nas costas pelo chefe comunista, representado por um príncipe georgiano, caminha ao longo dos trilhos em direção à filha do diretor, que, sem saber que ele tinha sido ferido mortalmente, espera por ele de braços abertos.

Caroline tinha achado que havia, talvez, demasiadas cenas envolvendo trilhos de trem. Por outro lado, graças a uma vida privilegiada, ela própria nunca

tivera um encontro, muito menos uma cena de amor de qualquer espécie, nas proximidades de uma estrada de ferro. Mas Tim assegurou-lhe que o efeito seria deslumbrante.

Quando José alcança a moça, abre os braços — novamente a crucificação — e cai morto. Então, operários felizes surgem de lugar nenhum e erguem o corpo dele, carregando-o de volta pelos trilhos, afastando-se da garota, da câmera, da vida.

Caroline odiava profundamente todo o projeto, mas George Creel adorou. Apesar da preferência de Tim pelos oprimidos, ele parecia bastante contente em servir de instrumento para o capitalismo.

— Engrenar! — gritou ele.

A filmagem teve início. Caroline esgueirou-se para fora do cenário e entrou num corredor que levava ao escritório do "presidente da Traxler Productions, ela própria. Tudo era adequadamente modesto, como convinha a um antigo cassino do Harlem no final de uma lenta decadência. Mas dentro da concha do cassino Hearst construía vários estúdios modernos, enquanto não melhorava a propriedade, como os banqueiros gostavam de dizer.

A secretária de Caroline reinava no pequeno escritório externo, atendendo o telefone, que tocava sem parar. Todo mundo queria representar, escrever ou fazer qualquer coisa que servisse de porta para o mundo mágico das imagens gigantescas, e salários reduzidos: o lucro do cinema em 1918 fora uma fração do que tinha sido no ano anterior, e se a epidemia de gripe mantivesse as salas de exibição vazias por muito tempo ainda, 1919 seria um desastre para todos, exceto para os banqueiros e suas propriedades imobiliárias. A produção europeia estava também tornando-se competitiva, e Hollywood corria o perigo de perder seu mercado mundial. Felizmente Caroline, que dedicara anos a procurar alcançar um improvável sucesso com o *Washington Tribune*, estava acostumada ao trabalho e à renúncia ao prazer. Além disso, aquele "negócio" em particular era na realidade mais agradável em sua labuta do que o Tribune era em sua glória, porque no jornal ela estava sozinha em sua vida particular, ao passo que agora a vida particular e o trabalho misturavam-se de um modo que ela jamais julgara possível. Contava suas sortes num só dedo.

A secretária deu-lhe uma lista de recados telefônicos e um longo cabograma de Blaise em Paris. Ele estivera em Saint-Cloud-le-Duc: a ala que tinha sido usada como hospital estava vazia agora, e precisando de consertos. Wilson era o messias. O coronel House não era. Isto parece código, pensou ela. Blaise tinha sido convidado pelo Presidente para ir à conferência como observador, e, presumia-se, estava bastante ocupado observando, mas não noticiando para seus leitores.

Blaise embarcara em dezembro no *George Washington* com o Presidente e a Sra. Wilson. Havia mais de mil americanos na comitiva presidencial, e Blaise

relatara que Wilson estava muito animado. Nenhum senador de qualquer dos dois partidos tinha sido escolhido para a delegação oficial — um erro fatal, segundo Burden; por outro lado, desde que ele quase morrera de gripe tudo lhe cheirava a fatalidade. Com exceção do velho Henry White, não havia na delegação um estadista mais velho, apenas os carregadores de lança wilsonianos e Lansing, que estava à mão para atuar como representante do Presidente e dedicava-se a eliminar o coronel House. George Creel também estava presente, para cuidar da propagação. Mas pelo menos dessa vez George Creel não foi necessário.

Em 14 de dezembro Wilson chegou a Paris como o salvador da Europa. Pelos filmes de noticiário, Caroline constatava que o povo francês era diferente de qualquer coisa que alguém tivesse visto antes, mesmo aqueles idosos membros do Jockey que gostavam de afirmar que nos braços das mães tinham visto Bonaparte passar em triunfo pelas ruas, reis acorrentados a seu carro de ouro. Na realidade eram as mães, nos braços de suas mães, que recordavam a glória imperial. A sogra de Plon lembrava-se nitidamente do dia em Fontainebleau quando Napoleão postou-se na escadaria externa e disse adeus à guarda. Caroline conseguia visualizar perfeitamente esse momento num filme.

Sobre a escrivanhinha de Caroline empilhavam-se roteiros de filmes. Eram uma mistura de peças com artigos de jornal. Mas a coisa mais interessante era que não havia meio de distinguir um bom de um ruim. O que no papel parecia péssimo tornava-se maravilhosamente vivo na tela; e vice-versa. Havia dois filmes sobre Napoleão, por escritores que não tinham tomado o trabalho de ler alguma coisa sobre ele. Caroline perguntou-se ociosamente se ela própria seria capaz de escrever uma história sobre o imperador, confiando não tanto em batalhas dispendiosas quanto em diálogos dentro de casa, para economizar nos custos da produção: lágrimas na alcova, história na cama. A secretária tocou a campainha.

— O Sr. Hearst — anunciou respeitosamente: tratava-se do Napoleão delas.

Caroline pegou o telefone. Antes que pudesse falar, ouviu a voz fina e alta:

— Aqui é o Chefe.

— Aqui é a índia velha — rebateu Caroline.

Uma pausa.

— Desculpe — disse Hearst finalmente. — Acho que é hábito.

— O meu também.

Insensível a ironias, Hearst era sempre um escravo das piadas, principalmente das muito velhas.

— Estou no Beaux Arts. Quer vir tomar o café da manhã conosco? Tenho notícias.

Caroline adoraria, disse ela, um segundo café da manhã. Notícias também.

A manhã estava fria e nublada, as ruas desertas. As tropas não tinham retornado, e a gripe ainda mantinha as pessoas dentro de casa. Caroline tornara-se fatalista e não mais usava máscara.

O Beaux Arts na Sexta Avenida atendia a alta boémia de Nova York. Atores e atrizes preferiam seus aposentos altos, as janelas góticas, a sanearia italiana. Ali Marion Davies vivia em tranquilo esplendor às custas de Hearst. Um mordomo japonês conduziu Caroline à sala de estar, onde Hearst estava de pé sob um retrato seu que se parecia mais com Hearst do que ele próprio. Marion, toda rosa e ouro natural, saltou do sofá como um gato, rodeou Caroline com os braços e beijou-a com hálito de vinho. O Chefe não gostava de beber e fazia o possível para desencorajar os outros; Marion não se desencorajava facilmente.

— Meu filme... — A primeira palavra não deu trabalho, a segunda deu. Mas ela continuou, gaguejando, ofegante: — só começa na outra semana. Então Pops e eu estamos de férias de verdade, aqui na cidade.. .

— Eu preferia estar em Palm Beach.

Hearst ergueu a primeira edição do *American*. Mesmo do outro lado da sala Caroline conseguiu ler a manchete: "TR MORTO."

— É uma brincadeira?

Hearst era conhecido por suas brincadeiras, que envolviam manchetes falsas e artigos planejados para aterrorizar convidados, de tom não muito diferente, Caroline observara, de seus jornais reais.

— Não. Ele morreu em Oyster Bay ontem à noite. Acho que somos o primeiro a dar.

— Espero que nós não sejamos o último.

Caroline rezou para que o Sr. Trimble tivesse estado no trabalho de manhã bem cedo. Desde a recente estada de Roosevelt no Roosevelt Hospital, Caroline ordenara que seu obituário fosse atualizado; no entanto, ninguém esperava realmente que toda aquela energia se apagasse na véspera de um restabelecimento político.

— Qual foi a causa?

— Um tipo qualquer de coágulo sanguíneo. Ontem à noite. Enquanto dormia. Eu não me importaria de ir assim.

— Pops!

Marion serviu-se de mais vinho branco do Reno. Em reação à notícia, Caroline bebeu uma taça de uma só vez.

— Você é novo demais — continuou Marion, olhando carinhosamente para o enorme urso em que Hearst se transformara, tão diferente do rapaz esguio e exuberantemente vestido que Caroline conhecera vinte anos antes.

— Isso muda tudo — observou Caroline, tentando lembrar exatamente o quê seria mudado.

— Bem, os republicanos não têm candidato, isto é certo. TR tinha a coisa

toda costurada. Há muitos meses. Ele e Taft tinham enterrado o machado de guerra. Isso cuidou dos ortodoxos. E Beveridge ia correr em sua chapa, para deixar felizes os progressistas. E teria vencido.

— Contra Wilson?

— Sim. Mas não contra mim.

Isso foi dito tão casualmente que Caroline por pouco não compreendeu.

— Você? — perguntou. Tinha os olhos fixos estupidamente, não em Hearst, mas na manchete do jornal.

— Pops tem um monte de cartas daquele homem horrível, e cartas para ele também. Aquele que tomou dinheiro do pessoal do petróleo como a Hannah... como era o nome dela?

— Mark Hanna era o nome *dele*. — O sorriso de Hearst estava mais tenso que o normal. — Dessa vez eu ia mesmo pegá-lo, como ele me pegou no caso McKinley, dizendo que tinha sido eu e o *American*, naquela época o *Journal*, que inspiramos o assassino, quando há quem pense que ele próprio pode ter tido algo a ver com o assassinato de McKinley.

— Roosevelt? — A cabeça de Caroline girava.

— É o que dizem. Roosevelt e Rockefeller estavam metidos nisso, para impedir que McKinley fosse atrás do monopólio da Standard Oil, e esta é a razão por que Roosevelt nunca foi atrás de Rockefeller até que eu o forcei, e então nada fez além de muito barulho.

Como tantos inventores de notícias, o próprio Hearst era capaz de acreditar em qualquer coisa. Logo que se tornara editora, Caroline ficava impressionada com o número de pessoas normalmente sãs que de repente surgiam com "provas" cuidadosamente documentadas de que o assassino do Presidente Garfield, por exemplo, agira a mando dos jesuítas ou dos sionistas. Quando as "provas" mostravam-se falhas, outros documentos surgiam; e a trama crescia. Agora Hearst parecia acreditar que Roosevelt estivera envolvido no assassinato de McKinley.

— Vai incluir isso no obituário? — perguntou ela, tentando brincar.

— Não. — Hearst levou-as para a sala de jantar contígua. — Mas um dia vou fazer, alguma coisa.

— Coitado do Pops!

Marion tomou seu lugar em frente à Hearst. Caroline sentou-se à direita dele. Enquanto o mordomo japonês servia um requintado café da manhã, Caroline falou do cabograma de Blaine. Mas Hearst mostrou-se indiferente à Conferência de Paz e a Wilson, a quem não apreciava, principalmente por ser um enfadonho professor que arrebatara o prêmio que deveria caber a ele. Mas Hearst era eloquente quando se tratava de seu inimigo mais recente, o governador irlandês de Nova York, um tal de Al Smith, cujo acordo com Tammany Hall tinha tirado de Hearst a oportunidade de ser prefeito em 1917.

— Agora o governador está reclamando porque fui indicado como recepcionista oficial das tropas quando elas voltarem...

— Uma ótima coisa para o Pops — comentou Marion, olhando melancolicamente para a taça de vinho vazia. — Bem no meio de todas aquelas câmeras de jornal de cinema, quando os navios chegam e os rapazes desembarcam marchando, e lá está o prefeito, que escolheu Pops e nomeou o meu Pop, o meu verdadeiro papai, magistrado municipal até o Bronx.

Essa torrente cessou quando ela parou para encher a taça.

— Roosevelt foi a escolha deles para tomar meu lugar na semana que vem quando o *Mauritania* chegar. Bem, ele não vai estar lá, e eu vou. Mamãe não vai — acrescentou ele.

— Mamãe não vai o quê?

— Estar lá. A minha mãe.

— Ela pegou a gripe. — Marion parecia satisfeita.

— Não sabia que ela estava aqui.

— Veio durante as férias, para estar com os meninos. Eu avisei. Este lugar é perigoso, eu disse. De qualquer maneira, ela está melhorando. Vai voltar para a Califórnia. Deu 21 milhões de dólares para obras de caridade...

— Menos do que você gastou com jornais e — Caroline olhou para Marion e apressou-se a concluir: — arte.

— Eu não sou desse time. Mas estou perdendo dinheiro. E você?

Caroline estava acostumada com a franqueza do Chefe para com ela. Ele a tratava não como uma dama, nem mesmo como outro homem; tratava-a como igual, lisonjeando-a com sua óbvia inveja do que ela tinha feito com o *Tribune*.

— Não. Somos lucrativos. Foi um bom ano para o *Tribune* e...

— Não estou falando dos jornais. Não se perde dinheiro quando há uma guerra. Não. Estou falando dos Seus filmes.

— Bem, estamos sofrendo como todo mundo. Mas ainda não estamos no vermelho.

— Mas Pops está — disse a causa imediata dos prejuízos dele, comendo um ovo trufado em galantina. — Ele paga demais ao Sr. Urban e a todo mundo...

— Eu quero o melhor. É como um jornal...

— Tínhamos uma cena em que eu me encontro com o meu amado numa casa de campo inglesa, eu estou fazendo o papel da... esqueci. É tudo muito confuso. Estive em cinco filmes no ano passado, representando cinco pessoas diferentes, com quinhentas roupas diferentes. De qualquer maneira, Pops entra no estúdio e eu estou de pé na frente da lareira, chorando desbragadamente com... Ah, agora me lembro! Ramon Novarro, que não é meu pretendente mas está me chantageando por causa de alguma coisa. E Pops diz: "Esta lareira não é dessa época". Então o Sr. Urban, o cenógrafo mais caro do mundo, que diz ao Sr.

Ziegfield o que fazer, responde: "é, sim, e os cinzentos realçam os pretos." Não é o máximo? De qualquer maneira, adivinhe quem vence. Assim, enquanto todo mundo tem que sair procurando nos depósitos de Pops, cheios de coisas velhas, porque ele sabe que tem a lareira certa mas não se lembra onde a colocou, a filmagem pára mas todo mundo continua sendo pago.

— São coisas como essa... — começou Hearst de maneira vaga; e concluiu, a mente em outro lugar: — Devíamos fazer um filme anticomunista...

— Estou fazendo um.

Caroline nunca entendera o hábito de Hearst de usar a primeira pessoa do plural, às vezes colegial, outras vezes imperial, editorial.

— Zukor também — disse ele. — Ele comprou os direitos daquela peça... você sabe.

Caroline sabia, e também quis comprá-la: *Totalmente pago*, por Eugene Walter.

— Tim diz que está fazendo concorrência a ele.

— Filmes assim nunca são demais. Quando não há epidemia, nada como os comunistas para atingir todo mundo.

— Há um fã-club de Marion Davies em Moscou. — Marion Davies tinha uma comovente admiração por si mesma.

— Provavelmente há um em toda parte. E achávamos que os jornais eram o máximo! Engraçado, como os judeus perceberam isso antes de nós.

Como todas as pessoas envolvidas com os filmes, Caroline pensara muito no assunto.

— Não acha que é porque são o mesmo tipo de gente que as plateias costumavam ser? Imigrantes recém-chegados que só podiam pagar os níqueis da entrada do cinema?

— Então por que não os imigrantes irlandeses ou italianos? — Hearst sacudiu a cabeça e ele próprio respondeu: — Moda.

— Que significa isso?

— Zukor e Loew são donos de metade das salas de exibição do país, e a Famous Players e a Paramount, e acabaram de engolir a Triangle e a maioria das pequenas companhias exceto você e eu. Bem, eles não foram a Yale e nós fomos.

— Você foi. Eu sou apenas uma mulher...

— Mostre a ele, Caroline.

Marion estava alta; era, ou pelo menos assim dissera a Caroline, uma sufragista em segredo.

— Eles eram imigrantes, estavam no negócio de peles, e Zukor fez uma pequena fortuna adivinhando qual seria a moda no ano seguinte. Raposa vermelha — concluiu Hearst enigmaticamente.

— Ele gostava de raposas vermelhas? — Caroline interrogou o oráculo.

— Ele deu um grande golpe em junho, imaginando que as mulheres todas estariam usando peles de raposa vermelha em outubro. Depois comprou as salas. Depois imaginou que podia ganhar dinheiro com filmes que fossem tão longos quanto as peças teatrais, coisa que todos disseram ser impossível, provando que o que tinha sido bom para as massas agora era bom para as classes. E funcionou. Inacreditável! Ai estão eles, na maioria peleteiros judeus, que mal sabem falar inglês, a maioria da Hungria, logo de lá, e eles têm os filmes. Por sorte são bons americanos, tenho que reconhecer. Servem bem ao país. Só que onde é que nós ficamos nisso tudo?

— Certamente D.W. Griffith... — começou Caroline.

— Ele também é judeu. Mas nega. Por ser do Sul, e por querer ser confundido com um cavalheiro, coitado. Além disso, ele foi ator. — Hearst usou o epíteto mais ofensivo de seu ramo.

— Eu sou uma atriz — fez Marion, com um olhar furioso por cima da taça.

— Não — disse Hearst mansamente. — Você é uma estrela.

— Em resumo, há muito dinheiro nos filmes — disse Caroline, de repente uma mulher de negócios dura e fria.

O Chefe assentiu.

— Sim. Dinheiro meu.

Juntou-se a eles Edgar Hatrick, o esforçado rapaz encarregado dos empreendimentos cinematográficos de Hearst. Já que obviamente iam discutir negócios, Caroline despediu-se e caminhou pelas ruas frias até o Plaza, um hotel moderno e confortável que substituíra, em 1907, o Plaza Hotel anterior.

Na sala de estar da suíte de Caroline, os dez jornais que ela estudava todas as manhãs, de todas as partes do país, estavam empilhados. Enquanto percorria um por um, para tomar conhecimento dos diversos tratamentos dados a um caso, ela encontrou-se devaneando a respeito de filmes. Eles eram traiçoeiros. Eram como sonhos despertados que então, durante o sono, roubavam os sonhos de verdade. Havia ali uma força, mas ela não tinha certeza do que se tratava. Havia propaganda crua, do tipo que ela fizera por insistência de Creel. Mas os jornais também podiam fazer esse tipo de coisa. Havia mais coisas por trás daquela nova forma de diversão do que qualquer pessoa já percebera, e ela conseguia entender por que também Hearst ficava perplexo com a coisa toda. Para começar, um filme era um retrato de algo que realmente acontecera. Ela tinha realmente atingido um ator francês com um crucifixo de madeira certo dia e em certa hora, e agora existia, presumia-se que para sempre, um registro desse emocionante acontecimento. Mas Caroline Sanford não era a pessoa que milhões de pessoas tinham visto naquela igreja francesa em ruínas. Elas tinham visto a fictícia Emma Traxler personificando Madeleine Giroux, uma mãe franco-americana, que pegava um crucifixo que parecia de metal mas não era e atingia

um ator francês personificando um oficial alemão numa igreja francesa em ruínas que era na verdade um cenário em Santa Mônica. A plateia sabia, naturalmente, que a história era inventada, assim como sabiam que as peças de teatro eram imitações da vida, mas o fato de que uma história inteira podia atingir as pessoas da forma como os filmes faziam, e assim, literalmente, habitar seus sonhos, tanto dormindo quanto acordadas, criava uma outra realidade paralela àquela em que viviam. Durante duas horas do tempo real Caroline era três pessoas diferentes, enquanto a luz brilhava através de uma fita que se movia, a realidade podia agora ser inteiramente inventada e a história revista. De repente ela soube o que Deus devia ter sentido quando olhou para o caos, sem nada em sua mente além de si próprio.

— BLAISE apertou a mão de seu irmão de criação. Desde a morte de Plon, André era agora príncipe d'Agrigente. Dez anos mais velho que Blaise, pela aparência podia ser pai dele. Os cabelos eram brancos; o rosto era branco; apenas os olhos negros pareciam vivos em todo aquele vazio ártico. Como Plon, fizera um casamento por dinheiro; diferentemente de Plon, mantinha boas relações com a esposa, com quem se encontrava várias vezes por ano. Ela morava em Aix-les-Bains, na casa da família. Ele ficava em Paris, com a amante e os dois filhos, nenhum dele, dizia com amargo orgulho, pois era impotente havia vinte anos.

Blaise contemplou com mais curiosidade do que carinho aquele irmão que ele mal conhecera: André não se afastava de Paris e Blaise não se afastava do *Tribune*.

— Você está magro — comentou Blaise, quando entravam no bar do Crillon. Para todos os efeitos, esse hotel tinha sido inteiramente ocupado pela delegação americana.

— Você não — respondeu André, olhando em volta com curiosidade. — Nunca tinha visto tantos americanos ao mesmo tempo.

— Venha à América.

— Para quê? Eles vêm a nós. Você gosta deles?

— Sou um deles.

— Eu acho que não.

— Eu acho que sim.

Blaise arranjou-lhes uma mesa perto do balcão. O aposento latia e rosnava com a língua inglesa. A maior parte dos homens era relativamente jovem, e não havia muitas damas presentes, já que o Presidente insistira em

absoluta seriedade para os mil e poucos americanos que tinham vindo a Paris para providenciar a paz eterna para toda a humanidade. Todos se levavam muito a sério, o Presidente mais que todos.

André pediu uísque; como o resto de sua geração, apreciava muito o estilo inglês. Blaise bebeu Pernod.

— Esse Presidente de vocês é tão estúpido quanto aparenta ser?

André estava acima da política, mas não acima de Saint-Simon. Interessavam-lhe os traços pessoais, e não a política, dos personagens importantes.

— Até que ponto ele lhe parece estúpido?

Blaise surpreendeu-se ao constatar que ficava profundamente irritado quando um europeu criticava qualquer coisa americana, algo que ele próprio nunca cessara de fazer.

— Aqueles discursos! — André girou os olhos para cima. — Ele é tão... protestante!

— Bem, essa é a natureza da missão dele.

— Um messias? É, dá para se perceber. Todos vêem isso quando ele passa de carro entre a multidão, e a multidão também fica louca de estupidez. Observei-o entrar aqui: o santo que vem do outro lado do oceano. Imagino que agora ele vá voltar para casa, que é o seu lugar.

— Não. Vai ficar até meados de fevereiro. Depois vai para casa, para o recesso do Congresso. Diz que depois volta para cá.

Lansing apareceu na porta do bar. Houve silêncio imediato. Então dois homens ergueram-se e juntaram-se a ele, e os três saíram.

— É o grande homem?

— Não. Apenas o secretário de Estado, um dos membros da comissão da paz.

Ao escolher a comissão americana, Wilson não seguira qualquer conselho. Arbitariamente, o Presidente escolhera Lansing, House, um general do Conselho Supremo de Guerra e, como símbolo dos republicanos, o idoso bruxo-diplomata Henry White, um homem sem qualquer peso político a não ser sua amizade com Theodore Roosevelt, agora criando confusão em Valhalla^{3} ou onde quer que ficassem os heróis guerreiros.

Depois da entrada triunfal do Presidente em Paris, até Blaise ficou otimista a respeito da pronta assinatura do tratado. Tecnicamente, tratava-se da Conferência Preliminar de Paz, que discutiria os termos aos quais os alemães, quando finalmente participassem da conferência em si, deveriam submeter-se. Mas apesar das glórias mundanas o Presidente não conseguiu imediatamente o que desejava. Como a conferência ainda não estava pronta para começar, Wilson foi encorajado pelo primeiro-ministro Lloyd George a exibir-se para uma Inglaterra cheia de gratidão, e pelo primeiro-ministro Orlando para uma

Itália cheia de gratidão. Assim, duas semanas tinham sido agradavelmente desperdiçadas. As multidões viravam a cabeça; e a cabeça virada, como os ministros espertamente pretendiam, era a do próprio Wilson. Ele voltou para seu quartel-general em Paris, o Falais Murat, cansado, porém exaltado.

Nesse interim, Blaise trabalhara com o coronel House, cuja equipe ocupava grande parte do terceiro andar do Crillon, sob a supervisão do genro dele, Gordon Auchincloss, primo dos ubíquos Apgar. Blaise atuava como ligação não-oficial com a imprensa francesa, que mostrava uma tendência à mordacidade em relação ao seu salvador, seguindo o exemplo de Clemenceau, cuja opinião sobre aqueles que gostariam de mudar a natureza humana era sardônica, quando não venenosa. O conservador André imitava o radical Clemenceau nessa sombria opinião sobre a raça humana.

— É inútil pedir-nos para não fazer o possível para esmagar a Alemanha. Veja o que fizeram conosco desta vez! Veja o que fizeram em 1870. ..

— Veja o que nós fizemos a eles com Napoleão.

— Hoje em dia eles matam mais pessoas, e os sobreviventes recordam por mais tempo. Meu caro Blaise, os alemães voltarão um dia, se não os dividirmos em pequenos países, como era antes de Bismarck.

Blaise conhecia todos os argumentos, todas as respostas. Esse era o problema com a política, fosse nacional ou internacional. Como as grandes questões eram sempre colocadas do mesmo modo, provocavam respostas igualmente previsíveis e imutáveis. Como se conseguia decidir alguma coisa era para Blaise um mistério. Ele imaginava que essa particular conferência seria "vencida" pelo mais paciente; mais cedo ou mais tarde Wilson se cansaria. No entanto, Blaise estava convencido também de que o Presidente era certamente um agente da história, ocupando o lugar certo no momento certo, e quando todo o poder estava assim reunido em alguém com um plano, os Clemenceaus, os Lloyd Georges e os Orlandos seriam impotentes. Até mesmo Blaise ficara impressionado com o tamanho das multidões, naqueles três países que tinham perdido milhões de homens durante os últimos quatro anos, assim como outros milhões que morreram de gripe.

George Creel juntou-se a eles, como se tivesse sido convidado. André contemplou-o com a curiosidade divertida de uma pessoa que vai ao circo, ansiosa para deliciar-se com coisas exóticas.

— Como está o quarto 315?

Creel gostava de fingir que ele e Blaise estavam em campos opostos, o que, em certo sentido, era verdade. O coronel House e Lansing estavam perpetuamente em desacordo, uma situação que se refletia na equipe de cada um. Embora Creel fosse o grande propagandista, o coronel House e seu genro eram formidáveis manipuladores da imprensa, como Blaise, melhor que qualquer outra pessoa, podia reconhecer. Porque o coronel House era

aparentemente tão reservado, era a única pessoa que os homens importantes procuravam. Ele, que fora olhos e ouvidos de Wilson, agora passava por ser também o cérebro do grande homem. No devido tempo, Wilson perceberia tudo isso e, a não ser que Blaise estivesse completamente equivocado a respeito da vaidade humana, o Presidente livrar-se-ia do sussurrante e simpático texano. Lansing não tinha suficiente imaginação para causar problemas entre Wilson e House, ao passo que Creel só podia fazer isso indiretamente. No *George Washington* Blaise tivera a impressão de que Wilson não estava muito satisfeito com qualquer dos dois. Ambos lhe tinham dito, cada um a seu modo, que ele não devia arriscar o prestígio da Presidência no que, afinal, seria nada mais que uma espécie de jogo de pôquer violento, onde os jogadores roubavam e facas cintilavam. Wilson, porém, estava tomado de zelo missionário, aguçado pelas multidões que lhe provaram que ele era o instrumento divino de toda a esperança de cada indivíduo que compunha aquelas hordas cinzentas-rosadas-marrons que, como manchas enormes, inundavam praças antigas e escoavam por avenidas largas e modernas. O cheiro das multidões parisienses tinha sido suficiente para enviar Blaise de volta ao seu quarto no terceiro andar do Crillon, onde o coronel House reinava em segredo — um segredo amplamente divulgado.

— O 315 quer começar assim que possível. E o segundo andar?

— Lansing está tendo problemas com Clemenceau. — Creel foi direto. Depois voltou-se para André. — Espero que você não seja sobrinho dele, ou membro do Gabinete.

— Não. Sou um ocioso. Sempre fui ocioso. Mas a coisa que mais gosto de fazer é observar às formigas correndo sem direção depois que o formigueiro foi destruído.

Blaise adorou que seu parente do Velho Mundo não fizesse o menor esforço para agradar o Novo Mundo.

— É uma maneira de encarar as coisas. — Creel era indiferente à malícia. — Clemenceau gostaria de esperar até que as coisas se assentassem antes de o bate-boca começar. Lansing quer começar agora, mas deixar a Liga das Nações para depois que o tratado estiver assinado.

Blaise assentiu.

— Já que o Presidente está mais interessado na Liga do que no tratado, Lansing não devia surpreender-se com a influência do terceiro andar.

House sempre apoiara o Presidente cara a cara. Lansing ousava argumentar, mas até certo ponto.

— O coronel certamente tem o apoio dos membros da sua família. São mais numerosos que a delegação — declarou Creel, feliz por retribuir a malícia.

— Um pai de família amoroso é admirado em toda parte.

Mas Blaise surpreendera-se com a imprudência inesperada do coronel quando se tratava de seus assuntos particulares. Além de Edith,

Wilson não trouxera pessoa alguma de sua família, nem mesmo o genro Francis Sayre, que tinha trabalhado no Grupo Inquiry. Wilson desencorajara também a presença das esposas. House, no entanto, trouxera a irmã, além da filha e do marido desta, Gordon Auchincloss, que, por sua vez, trouxera seu sócio na advocacia e a esposa deste. No momento House estava tentando designar Auchincloss como secretário do Presidente durante a conferência, e a opinião da Sra. Wilson era cada vez mais negra a respeito daquela eminência cada vez menos parda que era House. O próprio Wilson lembrava a esfinge, seguindo seu próprio e elevado destino a seu modo próprio e eloquente. Por toda parte havia nuvens de tempestade.

— Clemenceau já morou na América.

Creel acenou para um integrante do Inquiry que saía. Essa seria uma noite tranquila para todos. No dia seguinte a conferência começaria às 10:30h, 18 de janeiro, 48º aniversário da declaração do Segundo Reich por Bismarck na derrotada capital da França. Clemenceau escolhera essa data com um sombrio prazer.

— Casou-se com uma garota de Nova York, depois divorciou-se — continuou Creel.

— Isso explica o amor que ele sente pela América — disse André, os olhos brilhando.

— O divórcio? — perguntou Blaise. — Ou o casamento?

— A experiência.

— Você viu o filme da sua... hum... irmã? — Creel sabia que havia um parentesco entre André e Caroline.

— Minha meia-irmã. Não. Na verdade, nunca vi um filme. Jogo bridge. Não se pode fazer as duas coisas. Mas já li a respeito de *Os boches do inferno*, e percebi que alguém tomou o nome de nossa avó, Emma Traxler. É Caroline?

— Não — fez Blaise, sem saber se Creel estava ou não sabendo.

— Não — repetiu Creel, sorrindo para mostrar que sabia. — Ela só produz os filmes.

— Isto soa como se fosse um mágico produzindo algo de dentro de um chapéu — comentou André.

— E é mesmo — respondeu Blaise, consultando o relógio.

A amante de sua juventude convidara-o para as 10:00h, o novo horário da moda ria Paris em guerra, uma cidade ainda abastada apesar dos talões do racionamento e da escassez. Creel viu o gesto dele e levantou-se.

— Tenho um jantar tardio, ou uma ceia adiantada — disse Blaise. — Vai estar amanhã na abertura?

Creel assentiu.

— Vou ficar assistindo até me botarem para fora.

— Vou fazer a mesma coisa, acho.

House dissera a Blaise que podia dar um jeito para ele entrar. Mas se não se providenciara um lugar para o Creel de Lansing, Blaise não pretendia despertar cóleras divulgando o fato de que tinha sido providenciado um lugar para o Sanford de House. Na realidade, as preliminares seriam abertas para um punhado de observadores privilegiados, ao passo que a conferência em si seria fechada e secreta — se 72 delegados de 26 países não revelassem ao mundo mais do que ele queria saber a respeito de novas fronteiras. O mapa inteiro da Europa Central seria redesenhado e, teoricamente, Wilson segurava o lápis azul que criaria novos países como a Tecoslováquia, enquanto desmembrava, se não apagava, impérios antigos como o da Áustria.

— Espero que o coronel House esteja recuperado — disse Creel, em seguida, despedindo-se de André.

— Ah, a gripe veio e se foi, como o Presidente.

Quando Wilson viera ao Crillon para visitar House, passara pelo escritório de Lansing mas não parara para cumprimentar o grande estadista. Isso causara um escândalo.

— Mas a bexiga está cheia de pedras — fez Creel, e saiu.

— Não compreendo os americanos! — André não parecia triste por isso.

— Não se preocupe com isso. Não há necessidade de nos compreender.

— É, você é um deles. Caroline também?

Principalmente. Ela virou nativa.

— Minha mãe também fez isso. E trouxe seu pai para a nossa casa, e você também, é claro.

— É. Ela é a ligação: Emma de Traxler Schuyler d'Agrigente Sanford. Mas não é sangue meu.

— *Tant pis* — fez André, voltando à primeira língua deles.

Blaise teve curiosidade em saber por que os descendentes de

Emma tinham tanto orgulho de uma mulher que, Caroline descobrira, deliberadamente deixara a mãe de Blaise morrer ao lhe dar à luz, para poder então casar-se com o pai dele e o dinheiro dos Sanford. Naturalmente todos se orgulhavam de Aaron Burr, seu ancestral indireto através do pai de Emma, um dos muitos filhos naturais do brilhante vice-presidente que era agora conhecido somente por ter matado Alexander Hamilton. Quando Blaise era jovem, o fato de haver na família, por casamento, dois assassinos, excitava-o e horrorizava-o um pouco. Mas a arbitrariedade de tantas mortes recentes, de guerra ou de praga, tinham destruído o encanto do assassinato numa onda de estatísticas que só podia ser compreendida quando se entendia que Plon, por exemplo, não estava mais lá para conversar com ele — nunca mais.

Blaise era adolescente quando se tornou amante de Anne de Bieville, cujo filho, mais velho que ele, tornara-se então seu melhor amigo. Blaise mantivera o romance mesmo em Yale, cuidando em não deixar que seus colegas de classe,

barulhentos, piolhentos, virginais, soubessem que, enquanto eles se embebedavam e tagarelavam a respeito de garotas, ele era praticamente um homem casado.

O romance terminara tranquilamente, graças à largura do oceano Atlântico, tanto quanto à passagem do tempo. Blaise agora via o rosto dela pela primeira vez em uma dezena de anos, e achou-a a mesma, porém velha; tinha pelo menos 65 anos. Tendo permitido que seu corpo se estragasse, ela estava vestida como uma odalisca, numa espécie de roupão que não tentava revelar onde costumava ficar a cintura ou até mesmo detalhes tais como a localização exata dos seios à medida que reagem, como toda carne, à gravidade inexorável.

Anne recebeu-o à entrada da sala de visitas, onde vinte pessoas estavam alegremente reunidas. A casa era mais modesta do que ele se lembrava. O marido condescendente estava morto havia muito, assim como o amigo dele, filho dela, levado pela guerra.

— Não falemos nele. — Anne foi firme. Segurou Blaise a distância para que seus olhos claros e cansados pudessem dar uma boa olhada nele. — Você, pelo menos, mantêve um belo corpo.

— O seu...

— Não diga nada, meu amor. Estou aposentada. Mas você ainda parece... como é que Caroline sempre o chamava? Um pônei furioso. Bem ao meu estilo... antigamente. Agora não cavalgo mais.

— Está fora da batalha?

— Fora da guerra. Não poderemos conversar agora. Mas venha amanhã, ou qualquer dia às cinco. Quero saber tantas coisas! Vi Caroline naquele filme. Ela fotografa muito bem.

— Você é uma das poucas pessoas que a reconheceram. Ela está adorando ser ao mesmo tempo famosa e desconhecida.

— Emma Traxler é o nome mágico desta temporada em Paris. Fale-me sobre Frederika. Não, agora não. Guarde para depois. Os Jusserand estão aqui. Culpa minha. Obviamente você os encontra todos os dias em Washington. Mas eles querem vê-lo. Há também velhos amigos de nossa velha vida. Quase consegui M. Clemenceau. Mas ele está se guardando para amanhã.

Pela primeira vez em vários anos, Blaise sentia-se inteiramente em casa: pela primeira vez em muitos anos estava num aposento cheio de pessoas que conhecera toda a vida e para quem nada mudava. Suas fileiras podiam ser — e tinham mesmo sido — dizimadas pela guerra, mas continuavam a ser o que sempre tinham sido, e todo mundo tinha uma relação correta com todo mundo. Cada um dos presentes, por mais vigoroso, jovem e até mesmo rebelde, podia "localizar" cada um dos outros e a si próprio numa teia familiar e histórica. Na terra escolhida de Blaise, apenas Boston era assim; mas ele não era bostoniano. Era francês, porque passara os primeiros vinte anos de sua vida em Paris e em

Saint-Cloud-le-Duc, e ninguém o esquecera.

Blaise mergulhou naquela banheira morna; nadou graciosa mas velozmente através dos Jusserand e das pessoas preocupadas com a Conferência de Paz, que agora parecia um assunto sem importância. Ali estava o mundo, como diziam alguns, ou a família, como diziam outros, e ele, gostando ou não disso, seria para sempre um membro.

— Conhece minha mãe?

O rapaz parecia literalmente familiar. Geração após geração, as semelhanças familiares podiam ser, como ás borboletas, identificadas através de marcas hereditárias, para não mencionar traços de caráter.

— Tenho a idade certa para isso.

Blaise sequer se importava de ser tomado por homem de meia-idade, embora a cada momento se tornasse mais jovem e mais... como era que Anne o chamava? Como um pônei furioso. Blaise identificou corretamente o rapaz como um Polignac. Foi apresentado então a uma jovem morena, meio gorducha, a quem não localizou imediatamente, embora o nome fosse famoso: Charlotte, nascida duquesa de Valentinois, pois ela não usava aliança. Blaise alegrou-se com a facilidade com que conseguia retornar ao mundo abandonado na juventude. Charlotte era filha ilegítima de uma atriz — com sangue negro, diziam alguns; árabe, diziam outros — e do solteirão príncipe Louis de Mônaco, cuja falta de herdeiros preocupava tanto o pai dele, o príncipe de Mônaco reinante, que a jovem fora recentemente legitimada e reconhecida como herdeira daquele conveniente principado junto ao. mar. Pierre de Polignac trabalhava no Ministério das Relações Exteriores.

— Embora não vá estar presente amanhã. Sou um dos peixes menores. Mas soube que você estará presente.

— Como? — surpreendeu-se Blaise: nada saíra publicado nos jornais.

— Temos no Quai d'Orsay uma lista que ninguém pode ver, portanto eu vi.

— Muito sensato. Vou assistir à abertura., pelo menos.

— Nós todos adoramos a sua irmã em *Os boches do inferno* — afirmou a filha da atriz.

— Todos a reconhecem aqui, e em casa ninguém! — Blaise achou isso ótimo.

— Na verdade, o *Figaro* revelou o segredo — esclareceu de Polignac. — O mérito não é nosso. Como estou ansioso para ir para a América!

Blaise conversava casualmente, sem pensar — o principal prazer dessa sociedade onde, se alguém quisesse pensar, poderia deliciar-se com uma conversa exaustiva ao estilo de Henry Adams; caso contrário, a conversa envolvia calidamente a pessoa e a incessante narrativa de cada um naquele mundo estendia-se, com suficientes surpresas e fatos inesperados para manter o

tédio a distância.

Etienne de Beaumont era um animado mestre do que Blaise gostava de definir como histórias de salão. Era um contemporâneo de Blaise, elegante e vivaz, e os dois tinham se conhecido na infância.

— Quem haveria de pensar que você viraria americano!

— Eu.

Houve uma leve excitação no salão quando a rainha de Nápoles entrou. Ela perdera o reino anos antes, e agora seu cunhado, o imperador austríaco, estava prestes a perder seu império para o lápis azul de Woodrow Wilson. Mas a rainha ainda era tão serenamente linda quanto afirmava a lenda, e levava uma vida sossegada em Neuilly, impávida diante da pobreza. As mulheres fizeram uma reverência profunda quando ela passou. Os homens inclinaram a cabeça.

— Fui influenciado por seu parente, o Beaumont que foi para a América com Tocqueville e escreveu o livro...

— *Aquele* Beaumont era um monarquista apaixonado; como eu, embora me falte a paixão. De qualquer maneira, Pierre de Polignac, que precisa de emprego, vai casar-se com a jovem Grimaldi e tornar-se o príncipe consorte; de Mônaco. Afinal, ele fracassou na literatura; que é que resta?

— O ministério?

— Lá ele é só uma peça decorativa.

— Em Mônaco?

— Uma peça decorativa com salário melhor. Sentimos saudades de você. Vai reabrir Saint-Cloud?

— Não é de mim, mas de minha casa que todos sentem saudades.

— Somos gente honesta. Ah, meu Deus, os recém-casados!

Um casal de meia-idade dirigia-se resolutamente a eles, acompanhado por uma jovem robusta e pesada, de grande vivacidade e feiúra.

Blaise reconheceu o homem, poucos anos mais velho que ele; mas nenhuma das duas mulheres lhe era familiar. Aparentemente, era a mais velha delas que se casara com Louis de Talleyrand-Périgord, duque de Montmorency.

— Posso dar-lhe os parabéns? — Blaise apertou formalmente a mão do noivo.

Este mostrou-se feliz ao ser lembrado pelo americano que pertencia ao seu mundo e agora retornava em triunfo; a nova duquesa parecia cheia de energia, embora não fosse bela, ao passo que a jovem gorducha parecia cheia de vivacidade. Para espanto de Blaise, ela era americana.

— Já nos encontramos uma centena de vezes, Sr. Sanford, mas o senhor não se lembraria. Sou amiga de Elsie de Wolfe.

A partir daí, vários, nomes, a maioria de lésbicas, foram desfechados como fogos de artifício.

Etienne estava se divertindo.

— E como vai seu encanto de filho? — perguntou à duquesa.

— Muito bem, obrigada. — Mas ela queria caça maior; voltou-se para Blaise. — Vi sua linda residência em Saint-Cloud tantas vezes pelo lado de fora. ..

— Precisa ver por dentro...

— Volte para nós! — exclamou a dama. — Nosso velho mundo precisa de sangue novo. É claro, você é muito ocupado com seu jornal. Sabe, o meu marido, o duque, é assinante. Naturalmente todos os jornais chegam juntos. De modo que temos pilhas do *New York Times* por toda a casa.

O sorriso de Etienne tinha as proporções do de um gato Cheshire.

A americana veio em seu socorro.

— Cecília! — trovejou, a voz bastante grossa. — Não é o *New York Times* que ele publica.

— Eu sei. Elsa, eu sei. — A nova duquesa sorriu para Blaise. — Tenho que ir cumprimentar a rainha de Nápoles. Ela deve estar muito deprimida por causa daquela república boba na Alemanha e o coitado do pai dela, o cáiser, prisioneiro na Bélgica!

Os três atravessaram o aposento até onde a rainha estava parada de costas para um espelho, Anne a seu lado.

— Cecília é maravilhosa. Entende tudo errado! Uma obra de arte. — Etienne falava como se de alguma forma ele próprio tivesse inventado a duquesa. — Não se lembra dela?

Blaise sacudiu a cabeça.

— Ela não era tão recebida antigamente, quando era Madame Blumenthal, nascida Ullmann...

— Muito rica. Eu me lembro. — As lembranças estavam começando a voltar. — Ela queria ser uma anfitriã famosa...

— E ter um nome. Conseguiu as duas coisas. Tem também um filho adulto, de M. Blumenthal, e uma das condições de seu casamento com nosso amigo Louis era que ele passasse o título para o filho dela, coisa que ele concordou em fazer em troca de alguns dos milhões dos Ullmann-Blumenthal.

— Como é bom saber que nada muda por aqui...

— Bem, algumas coisas mudam. — Etienne franziu o cenho. — Ele nunca teria se casado com ela em nossa juventude, por mais pobre que estivesse.

— O caso Dreyfus?

— Aquilo foi só um sintoma passageiro. O mundo muda, infelizmente. De qualquer maneira, nosso pobre Louis, agora nosso rico Louis, é conhecido como duque de Montmorenthal.

Embora Blaise se sentisse confortavelmente em casa ali, ficava mais estimulado pela anarquia das relações sociais na América, onde quase todo mundo era recém-chegado e obviamente inventado.

— Fiquei mais surpreso com a gorducha — afirmou Blaise. — Esta não estaria aqui quando éramos jovens.

Etienne deu de ombros.

— Sempre houve os bobos da corte. Esta é muito vigorosa. Acompanha cantores ao piano, profissionalmente. O nome dela é Maxwell, Elsa Maxwell, e eu diria que será permanentemente solteira. A família é conhecida na América?

Blaise protestou ignorância. Depois curvou-se diante da rainha de Nápoles e beijou Anne cerimoniosamente nas faces.

— Se você quiser ser apresentada a Edith Bolling Wilson, rainha dos Estados Unidos, posso providenciar.

— É tudo que eu desejaria.

Blaise meditou sobre a atração física enquanto o táxi o levava do Faubourg Saint-Germain, do outro lado do Sena, até a quase invisível Rue de l'Arcade, que era exatamente isso — uma ruela coberta onde, no número 11, o Hôtel Marigny ocupava um prédio estreito, com dois quartos e uma escada de largura e cinco andares de altura.

Quando jovem, Blaise era totalmente absorvido por Anne; então um dia deixou de ser. Seus gostos se modificaram; agora preferia garotas a mulheres. Felizmente ela sempre compreendera ser simplesmente uma porta através da qual ele passaria a caminho de sua própria maturidade — aonde quer que isso fosse levar. Ele gostava dela, mas com o passar do tempo ela teria se tornado a mãe que ele perdera ao nascer, e embora ele às vezes se sentisse curioso a respeito dessa personagem, a ausência dela não lhe causara tristeza. Não queria uma mãe adotiva.

Blaise percorreu a pé os poucos metros da praça ao hotel. A noite estava intensamente fria, e o hálito dele era uma nuvem cinza-escuro à luz do único poste da rua.

O calor dentro do Marigny era tropical. Cheiro de nabos cozidos, poeira, incenso. À direita da frágil escada, o escritório do gerente — não muito maior que um armário do Crillon. Ali, na soleira, postava-se Albert, um homem pálido, de trinta e poucos anos, de modos requintados.

— O cavalheiro americano. — Levou Blaise ao escritório, que continha um sofá-cama coberto com pano oriental, uma escrivaninha e uma cadeira. — Infelizmente temos escassez de mobília. Só assumi isto aqui no ano passado, e, se não fosse por amigos, não teria nem mesmo esses poucos móveis. Já o vi antes, é claro.

Blaise assentiu. Sentou-se na beirada do sofá-cama. Recusou uma taça de xerez.

— Nosso amigo comum falou-me de seu... — Albert interrompeu-se com um gesto gracioso.

Aos 16 anos ele fora da Bretanha para Paris, onde trabalhara como laçao

em várias casas importantes, das quais a mais famosa tinha sido a do príncipe Constantin Radziwill, para quem tinha sido composta uma cançoneta: "É a maior indelicadeza que já se viu falar de mulheres para Constantin Radziwill."

Ao longo dos anos, Albert apaixonara-se tão profundamente pela aristocracia que se tornara especialista em genealogia, chegando a conhecer o parentesco de todas as pessoas melhor, às vezes, do que elas próprias. Como Saint-Simon, ele era fascinado — obcecado — pela hierarquia. No Faubourg, velhas damas punham a mão no fogo por ele, e era costume consultá-lo antes de um jantar para determinar quem entraria antes de quem e onde se sentaria. Certa vez, Albert enfrentou o desafio mais perigoso: se uma dama convidasse a grande duquesa da França, d'Uzès, uma antiga criação dos reis Bourbon, e a princesa Murat, uma criação dos imperadores Bonaparte, quem teria precedência? Albert respondera severamente: "Nenhuma dama convidaria as duas juntas."

Albert falou educadamente do tempo, dos Estados Unidos; discretamente de certas figuras do grande mundo. Blaise respondeu distraidamente. Então Albert indicou que Blaise o seguisse; subiram a escada cheia de ecos até o primeiro andar. Ali Albert abriu uma porta, de tal modo que Blaise pudesse enxergar dentro do aposento sem ser visto por seus ocupantes. Três jovens soldados fardados estavam sentados num sofá-cama tomando vinho tinto, enquanto um açougueiro, a quem não faltava sequer o avental ensanguentado, lia um jornal socialista. Blaise estudou os quatro, depois murmurou a Albert:

— O soldado louro.

Albert então levou Blaise para um quarto com uma cama de dossel, pesadas cortinas de veludo na janela, uma cortina de seda rasgada a um canto, quase escondendo bidê e pia. O pulso de Blaise batia irregularmente. Ele contemplou-se ao espelho para ver se estava ficando de rosto — doentiamente? — vermelho. Mas o rosto que o encarava estava normal, exceto que, graças à poeira que manchava o espelho, ele parecia vinte anos mais jovem do que se lembrava, quase tão jovem quanto o rosto que agora olhava por trás de seu ombro.

Blaise voltou-se, e eles apertaram-se as mãos gravemente. O rapaz — que não tinha mais de vinte anos — murmurou um cumprimento. Como Albert, vinha da Bretanha.

— Tive baixa no mês passado. — O sotaque bretão agradou Blaise. — Mas não fui para casa. Devia ter ido, mas estava me divertindo. Eu bebo demais.

— Calvados?

— Qualquer coisa — disse o rapaz melancolicamente. — Vivi duas semanas com aquela mulher. Ela levou todo o meu dinheiro. É por isso que estou aqui.

— Como os outros soldados naquele quarto.

O rapaz assentiu. Blaise indicou que ele tirasse a roupa. Ele despiu-se devagar, a pele clara enrubescida de vergonha. Obviamente não estava acostumado àquilo.

— O rapaz que vestiram de açougueiro — disse, deixando a camisa cair no chão — é ria verdade um estofador, mas o maluco dono daqui...

— Albert?

— Não. O velho. Ele é muito doente, muito pálido. Comprou o hotel para Albert. De qualquer maneira, ele gosta de falar de sangue, coisas assim. Então Albert, se não consegue encontrar um açougueiro de verdade, veste um sujeito qualquer, que fica falando com o velho sobre estripar animais. O velho gosta de sangue. É doido de verdade.

As ceroulas caíram no chão e o rapaz postou-se diante de Blaise. As pernas eram como as de Blaise, pernas de cavaliço, e os pêlos louros brilhavam à luz do lampião.

— Que é que tenho que fazer? — O desafio estava tão misturado ao medo e à vergonha que a reação de Blaise foi igualmente misturada: ele se sentiu ao mesmo tempo lascivo e paternal.

— Bem, pelo menos não vai ter que falar de sangue.

— Ótimo. — O rapaz sorriu pela primeira vez, um sorriso hei sitante. — Já vi o suficiente de sangue.

Blaise estava agora despido. O rapaz olhou para ele e pareceu aliviado por Blaise não ser um monstro.

— Você é como um pônei — disse Blaise, deslizando a mão pela pele macia do peito glabro do soldado.

— O meu cheiro é esse mesmo — disse o rapaz com tristeza. — Mas não sou eu. Quero dizer, estou limpo. Mas a farda é a única que tenho. Tive que dormir com ela durante semanas.

Nos últimos anos, Blaise tivera tão pouco dos prazeres masculinos que quase se esquecera de como era esplêndido estar com um corpo que era igual ao seu mas completamente diferente, e jovem. Mais que qualquer coisa, a juventude do outro funcionava como um gatilho tanto para a luxúria quanto para a memória, e de repente, *fugazmente*, Blaise uniu-se ao seu eu original. A falta de complicação também era. uma perfeita alegria. Mulheres significavam envolvimento, mesmo quando, com uma prostituta, a responsabilidade era anulada pelo dinheiro: o hábito de um relacionamento cujo propósito era levar a filhos estava sempre presente. Mas nada desse tipo havia numa cama de dossel com um rapaz suado. Isso era ter prazer sem ter que pensar; e a liberdade. O melhor de tudo: como todos os homens comuns, a não ser que orientados diferentemente por uma mulher ou por um superescrupuloso Albert, eles não beijavam. Isso era coisa de homem-pai com mulher-mãe, depois que a cobra e a maçã estragaram o Éden.

Quando estavam novamente vestidos, Blaise pagou ao soldado o dobro do esperado, e o rapaz deu-lhe um sorriso tímido revelando um dente frontal torto.

— Foi bom — declarou, com certo grau de surpresa.

— Você faria isso por prazer?

— Bom, talvez, se não tivesse mulher...

Ambos riram e saíram do quarto.

Albert ficou gravemente satisfeito por eles estarem satisfeitos. Blaise tentou lembrar-se do nome do romancista de sociedade que pagara pelo estabelecimento. Já lhe ouvira o nome, recentissimamente, dito por Etienne de Beaumont. O sujeito era um judeu, semi-invalído e, como Albert, obcecado por genealogia e linhagens de sangue, assim como por sangue de verdade. Fosse quem fosse, entrara em cena depois da época de Blaise em Paris. Mesmo assim Blaise sentiu-se extremamente grato a ele por ter tornado possível encontrar, tão inesperadamente, sua própria juventude numa arcada invernal.

2

À porta do Quai d'Orsay Blaise foi obrigado a mostrar vários crachás e documentos. Felizmente a manhã cinzenta e enevoada ainda não produzira chuva; mas o frio era penetrante e típico do inverno parisiense. Então, atravessando uma multidão de jornalistas, o correspondente do *Tribune* veio apressado cumprimentar seu patrão. Era inglês, criado na França. Conhecia tudo e todos, ou pelo menos era o que dizia e sem dúvida acreditava.

— O Presidente está pronto. Está prestes a apresentar ao mundo a sua namorada. — O Sr. Campbell pensava como jornalista.

Blaise observou como aquilo era adequado — 14 de fevereiro de 1919. Depois de quatro semanas de trabalho intenso e na maior parte secreto, Wilson completara seu pacto da Liga das Nações, com pouca ajuda e muita atrapalhação por parte da conferência, reduzida, por motivos práticos, a um conselho de dez, dirigido por Clemenceau, com muito trabalho do coronel House no Crillon, onde a Comissão da Liga das Nações se reunia, do outro lado do rio.

As pedras na bexiga de House não mais o perturbavam, e ele foi capaz de obter para o Presidente o graal que este buscava. Tinha também providenciado para que todas as outras nações, por mais relutantes que se mostrassem, aceitassem a obra deles. Na noite anterior, às sete horas, os 26 artigos do pacto tinham sido aceitos pela conferência. Agora o Presidente ia apresentar sua obra-prima completa, no grande Salão do Relógio; e depois correr para casa para apresentar-se ao Congresso. Blaise viajaria com a comitiva presidencial a bordo do *George Washington*, que zarparia naquela noite de Brest.

— Já telegrafei o texto para o Sr. Trimble. Recebi à meia-noite de ontem,

através de um amigo na comissão...

— Gordon Auchincloss?

O contingente da Câmara cultivava incansavelmente a imprensa à custa de Lansing e, começava-se a perceber, do Presidente também.

— Um amigo — repetiu o Sr. Campbell, alegremente misterioso.

Blaise foi obrigado a juntar-se à seção militar na ante-sala do salão apinhado, cujas portas abertas permitiam a visão parcial da mesa em forma de ferradura à qual sentavam-se os delegados dos países vitoriosos e seus futuros clientes.

Os franceses eram mestres nesse tipo de teatro, pensou Blaise, enquanto o Sr. Campbell colocava-o numa cadeira dourada junto a um marechal francês não identificado. Blaise soubera que seu colega editor, Lord Northcliffe, também estava presente, mas não havia sinal dele na ante-sala. Será que Northcliffe, graças ao primeiro-ministro britânico, conseguiria um lugar melhor do que o editor do jornal mais poderoso de Washington, o que significava do mundo? Blaise mergulhou prazerosamente em fantasias imperiais, identificando-se com os Estados Unidos, cujo Presidente trouxera a paz à Europa no presente e agora estava prestes, a impor uma paz universal no futuro.

O saguão atapetado de vermelho não era grande — vinte metros por 15, calculou o Blaise-repórter — e era todo multicolorido e dourado. À mesa em forma de ferradura, coberta com uma toalha de baeta de um verde-ácido, sentavam-se os delegados, sob o enorme relógio epônimo entre os braços de uma donzela de gesso rococó. Por uma licença especial, no extremo da ferradura a Sra. Wilson reinava em magnífico escarlate, o almirante Grayson de pé ao lado dela. À cabeceira da mesa, Clemenceau liderava, Wilson a seu lado.

Durante as últimas quatro semanas Blaise tivera uma única conversa, longa e sem sentido, com Lloyd George, ou melhor, escutara o histriônico galês cuja flagrante insinceridade era tão misturada a um encanto animal que Blaise gostara bastante dele.

Blaise achara o primeiro-ministro italiano, Orlando, triste; sem dúvida porque assinara tantos tratados secretos como preço pela presença da Itália entre os Aliados que agora percebia que não ia ganhar uma parte tão grande do império austríaco despedaçado quanto seu povo esperava.

De todos, Clemenceau era quem mais agradava Blaise. Conversaram sobre pessoas mortas, amigos do pai de Blaise. Clemenceau falou sobre a Guerra Civil americana, durante a qual ele tinha sido correspondente de um jornal francês. Ainda se lembrava, afirmou, da aparência da capital confederada, Richmond, após a derrota, pouco depois de Lincoln deixar, vitorioso, a cidade. Lembrava-se também da capital derrotada da França, Paris, onde Bismarck impusera uma paz alemã. Clemenceau interrogara Blaise intensamente a respeito de Wilson; e Blaise achou-o menos cheio de suspeitas do que imaginara.

Obviamente Clemenceau no início julgava o Presidente um cavalheiro como Lloyd George; agora parecia julgá-lo apenas um tolo.

À cabeceira da mesa, Clemenceau usava um gorro preto e luvas de gaze cinza-pérola para esconder seu eczema. O rosto parecia uma máscara de pergaminho — na qual havia, como os jornalistas gostavam de escrever, olhos de tigre. Dizia-se que ele aceitara o pacto de Wilson como um *quid* cujo *quo* seriam indenizações vultosas a serem pagas aos Aliados pela Alemanha. O fato de que uma Alemanha arruinada poderia tornar-se comunista, como fizera a Rússia, não o preocupava.

O Presidente consultou o relógio. Então pegou uma pilha de papéis e levantou-se. Wilson estava mais cinzento que de costume, mas quando falou, a voz era quase tão entusiasmada quanto poderia ser aquela voz clerical. Wilson conseguira, através de sorte, de esperteza ou de uma combinação das duas coisas, fazer dos Estados Unidos o primeiro país do mundo, como resultado de uma guerra que custara à sua nação cinquenta mil vidas, ao passo que a Alemanha, a Rússia e a França tinham perdido cada uma perto de dois milhões de homens, e a Inglaterra, um milhão; uma geração desaparecera para sempre na Europa, e o verão, assim como a primavera, desaparecera do ano.

O discurso de Wilson foi calmo. Ele leu o que era, como Blaise percebeu na metade, nada menos que uma declaração de interdependência de todos os países do mundo. O que Jefferson fizera por 13 colônias britânicas, seu sucessor estava fazendo pelo mundo inteiro. Blaise olhou em volta, com certo respeito, para a embevecida atenção do Japão e da China, dos impérios coloniais que incluíam a África, dos dirigentes antípodas, todos presentes sob o relógio de ouro, enquanto o professor explicava-lhes como a paz podia ser mantida. Depois que terminou com o texto, ele pôs-o sobre a mesa. Então Wilson falou, com simplicidade, porém com oventemente, sobre o pacto.

— Nasce uma coisa viva, e precisamos cuidar para que as roupagens que nela colocamos não a prejudiquem. — Esse eco doméstico de Jefferson funcionou surpreendentemente bem. — Acho que podemos dizer desse documento que ele é ao mesmo tempo um documento prático e humano. Há nele um pulsar de solidariedade. Há nele uma compulsão de consciência. Ele é prático, no entanto sua intenção é purificar, retificar, elevar...

Até mesmo Clemenceau parecia comovido, ao passo que os olhos azuis de Lloyd George cintilavam como se molhados de lágrimas de felicidade.

O Presidente sentou-se depois que terminou. Não houve aplausos. O final tinha sido improvisado a partir de umas poucas anotações, algo que deslumbrava a maioria dos estadistas e jornalistas em Paris. O próprio Clemenceau lia cuidadosamente seus discursos, temeroso de trair-se se improvisasse. Mas os anos de Wilson como professor de história mostraram-se peculiarmente úteis a ele agora como criador da história. Em certo sentido, estava discursando como se

ele próprio já fosse uma figura do passado. Mas o fato era que Blaise tinha a estranha sensação de que tudo que estava agora testemunhando acontecera muito tempo antes. O grande relógio dourado acima da cabeça de Wilson já marcara tanto tempo passado que agora o que quer que ele marcasse seria, por seu próprio processo circular, enriquecido e concluído.

O tradutor tomou a palavra e leu rapidamente o pacto; e fez o possível com o imprevisto do Presidente. Depois de uma votação rápida, silenciosa e unânime, Clemenceau adiou a sessão para outro dia.

Blaise foi empurrado para a frente por uma onda de jornalistas excitados, até chegar à cabeceira da ferradura, onde George Creel estava preparando uma fotografia dos personagens principais.

Wilson parecia singularmente infeliz; e Blaise ouviu-o dizer a Creel:

— Não os deixe usar os flashes. Ele ferem os meus olhos.

Mas Creel não conseguia mais controlar a situação. As personalidades estavam enfileiradas, o Presidente um pouco à parte e afastado das câmeras. As luzes produziam um clarão terrível. Wilson pestanejava e fechava os olhos. E comentou com Lloyd George:

— Vamos todos ficar com cara de mortos num necrotério.

3

Naquela noite havia dois trens para Brest. O primeiro continha a equipe de Wilson e seus escoteiros, entre eles Blaise, e o segundo era para a comitiva presidencial. As tropas postadas ao longo do desvio da ferrovia apresentaram armas quando o primeiro trem partiu, vinte minutos antes do trem do Presidente. Blaise dividia um compartimento com os Roosevelt e o jovem tio de Eleanor por casamento, David Gray. Eleanor viera para visitar hospitais e ser útil, ao passo que Franklin acabara de chegar de Bruxelas, Coblenz e Renânia, onde colecionara um grande número de lembranças, entre elas um capacete alemão pontudo, que ele guardava a seu lado no banco.

Os Roosevelt acenaram devidamente para a multidão, que não os conhecia. *Noblesse* — ou *politique* — *oblige*, pensou Blaise. Afinal, Eleanor era sobrinha do finado Presidente. Ela agora interrogava Blaise sobre o discurso de Wilson. Estava extraordinariamente pálida, o que, considerando-se sua costumeira falta de colorido, fazia-a tão branca e etérea quanto uma nuvem, obviamente uma nuvem grande e inchada. Ela estivera muito doente, com

pleurisma.

— De modo que teremos uma liga de nações — concluiu Blaise.

— Espero que sim — disse ela.

Embora estivesse conversando com David Gray, Franklin ao mesmo tempo escutava. Interrompeu-se com:

— A opinião pública está com o Presidente agora. Mas vamos esperar que ele consiga passar isso pelo Senado depressa. Antes que os republicanos aticem a oposição...

— Mamãe diz.. a Sra. James, quer dizer, a Sra. Roosevelt — Eleanor soltou uma risadinha nervosa — ...que todos do grupo dela acham que o Sr. Wilson é um bolchevique, e ela parou de falar com os Whitelaw Reid por causa disso. Mamãe é muito leal.

— Eu gostaria que todos os senadores democratas fossem também. — Franklin franziu a testa. — Tantos são pagos pelos alemães, ou estão tão comprometidos com os irlandeses que se esquecem de que se não fosse por Wilson eles não teriam sido eleitos.

Isso era exagero, pensou Blaise. A oposição ao Presidente dentro de seu próprio partido era o verdadeiro cerne do partido: os chefões de cidade grande com suas obedientes massas de imigrantes e os bryanistas populistas como Burden Day. Como partido dos banqueiros e dos grandes comerciantes, os republicanos sempre tinham sido os internacionalistas, e, recorriam ao mundo exterior à América para comércio e lucro; não era por acaso que, na medida em que a liga era ideia de alguém, o crédito deveria ser dado ao antigo presidente republicano, Taft, ou a Elihu Root, ou até mesmo ao belicoso

Theodore Rex, que tinha, quando lhe convinha, apoiado uma organização como essa.

Eleanor estava preocupada com os soldados americanos em Paris.

— As histórias que a gente ouve! — Havia agora traços de cor em seu rosto. — Se as mães deles soubessem dos perigos...

— Ainda bem que não sabem. — Franklin trocou um olhar rápido e conspirador com Blaise: o pavilhão masculino devia agora fechar suas janelas.

— Disseram-me que nossos oficiais são os piores — comentou David Gray com tristeza. — Enquanto os soldados perguntam o endereço do Túmulo de Napoleão, os oficiais procuram o Maxim's.

— Exatamente o que eu ouvi! — A veia na têmpora de Eleanor pulsava.

"Pobre Franklin", diria Alice Longworth, "ele tem Eleanor, tão nobre!" Embora Blaise gostasse de Eleanor, não conseguia imaginar-se casado com tanta energia e idealismo.

— Bem, logo estarão em casa — continuou ela. — De qualquer maneira, espero que não seja verdade... Será? — De repente passou a hesitar. — Será verdade que os franceses preparam para as suas tropas umas... casas de

encontros?

Eleanor estava agora levemente rosada — o máximo de cor que o sangue conseguia lhe dar através da pele grossa e cinza-alabastro.

Franklin assentiu gravemente.

— Horrroso, porém verdadeiro — entouu. — Eu estava no escritório de Newton Baker quando o general March disse a ele o que os franceses faziam, e Baker disse: "Não conte ao Presidente, senão ele vai parar a guerra."

— Um bom motivo — afirmou Eleanor com seriedade, ignorando as risadas dos três homens.

4

Blaise estava deitado numa cadeira de convés ao lado de David R. Francis, embaixador americano na Rússia; ambos estavam enrolados em cobertores de lã do exército como casulos, os quais emergiriam algum dia como imponentes borboletas. O mar de fevereiro tinha sido demais para a maioria dos passageiros do *George Washington* — exceto para Blaise, que gostava dos estremecimentos causados pelo encontro do navio com as ondas negro-acinzentadas, como rochas arremessadas das profundidades.

O embaixador Francis também apreciava a agitação do mar. Mas apreciava menos, segundo confessou, os bolcheviques.

— No início, pensávamos realmente que era uma coisa boa.

Um chuvisco de água salgada fez com que ele fechasse os olhos; em seguida enxugou o rosto com o canto de um cobertor.

— Eu sei. — Blaise não lembrou ao embaixador sua embaraçosa comparação de Lenin com Washington e do czar com George III.

— Mas como foi que tudo se despedaçou?

— Os franceses. Os ingleses. Clemenceau. — Francis sacudiu a cabeça. — Queriam a Rússia destruída, de qualquer maneira. Estou convencido de que não é só o bolchevismo.

— Não mais Império Alemão, não mais Império Austro-húngaro, não mais Império Russo... dá para entender. A Inglaterra domina as ondas, e a França, o continente.

Francis assentiu.

— Mas, exceto no caso da Áustria, os impérios continuam onde estavam. Apenas os imperadores desapareceram.

— Haverá problemas?

— Já há problemas. Nossos rapazes estão neste momento lutando no norte da Rússia, com os Aliados, contra os bolcheviques.

— Quantos soldados americanos?

— Mais de cinco mil. — Francis contemplou, com ar infeliz, o céu para os lados do ocidente, opaco como estanho. Então uma onda quebrou por sobre a amurada, e a borracha das capas dos marujos ficou brilhante como pele de foca. — Graças ao Departamento da Guerra, em vez de procurar-me diretamente em Petrogrado eles foram para Archangel e se apresentaram ao comandante inglês. Agora estão presos no gelo, a ferrovia para Murmansk está impedida e quando começar o degelo como é que vamos tirá-los de lá?

— Abrindo caminho pelas armas, segundo o jovem Sr. Churchill. Ele afirma que há meio milhão de soldados contra os bolcheviques, prontos para derrubar o governo comunista, se nós ficarmos para ajudá-los.

— Seria ótimo — disse Francis com amargura. — Se ele fosse liderá-los. Estive com ele e com o Presidente logo antes de partirmos. Ele estava cheio de... — O embaixador, ex-governador do Missouri, controlou-se.

— Que foi que o Presidente disse?

— Ele ouviu, mais do que falou. Finalmente disse a Churchill que estávamos irreversivelmente — esta foi a palavra que ele usou — comprometidos em tirar nossos soldados de lá quando o tempo melhorar. Particularmente, Lloyd George acha que Churchill é um grande idiota e que se nós, os Aliados, entrássemos numa guerra total contra os bolcheviques para dividir a Rússia entre nós, que é o sonho de Clemenceau, o povo inglês se tornaria inteiro comunista durante a guerra.

Blaise achou uma certa graça triste.

— Pelo menos Lloyd George compreende a natureza da tirania em seu próprio país.

Francis não ouviu — ou preferiu não ouvir — essa heresia: os países vencedores eram todos democratas e assim garantiam a segurança para eles próprios e para todo mundo, contra os déspotas e os revolucionários.

— De qualquer maneira, no verão estaremos fora de Archangel — afirmou.

— Mas, e a Sibéria? Disseram-me que temos 8.500 soldados lá.

Francis sorriu.

— Outro engano do Departamento de Guerra. Dissemos aos japoneses que mandaríamos sete mil soldados. De modo que o Departamento de Guerra foi e acrescentou mais mil, o que deu aos japoneses a oportunidade de romper o acordo e mandar dezenas de milhares de soldados para evitar que nós anexássemos a Sibéria.

— E nós vamos fazer isso?

— Anexar? Não vejo como. Estamos distantes demais, e os japoneses estão perto demais, e o almirante Kolchak ainda está combatendo os bolcheviques, e, se ele ganhar, a Rússia se divide em duas. É uma confusão danada para todo mundo.

Blaise apresentou-se à porta da cabine de Wilson justamente quando soava o sino que marcava as três horas da tarde no mar. O almirante Grayson conduziu Blaise para um amplo escritório, com uma grande escrivaninha de mogno na qual estavam colocados dois telefones. Ligados a quê? — pensou Blaise.

O Presidente estava vestido como se fosse jogar golfe. O ar do mar trouxera-lhe cor ao rosto; o pincenê brilhava à luz da lâmpada pendurada.

— Sr. Sanford, quanta gentileza ter vindo!

Fazia parte da simpatia de Wilson agir como se cada um de seus visitantes estivesse fazendo um extraordinário sacrifício pessoal indo procurá-lo — simpatia essa sem dúvida necessária quando lidava em Princeton com alunos ricos e pais difíceis.

Blaise aceitou a cadeira indicada, à direita de Wilson. Através da escotilha oposta ele via os fuzileiros navais patrulhando e ouvia suas botas batendo ritmadamente no convés. Wilson percebeu o olhar de Blaise.

— A Sra. Wilson não suporta o barulho ou a ideia desses rapazes marchando para cá e para lá o dia inteiro. Mas eu acho tranquilizador.

O navio inclinou-se de repente; um dos telefones começou a escorregar por cima da escrivaninha. O Presidente firmou-o.

— É a sua linha direta com o vice-presidente?

— O vice-presidente? — Wilson pareceu perplexo, depois riu. — Sim, o vice-presidente. Bem, nós realmente temos uma ligação por rádio com o Departamento de Guerra, e eles nos ligam com a Casa Branca, de modo que imagino que o vice-presidente esteja lá, em algum lugar, na outra ponta da linha. De qualquer maneira, graças ao rádio, estou em contato com a administração pública aqui, tanto quanto estava em Paris ou até mesmo em Washington.

Wilson soava como se estivesse se defendendo. Muitos dos que o apoiavam estavam chocados com o fato de um Presidente sair do país até mesmo por um dia, quanto mais por dois meses.

— Vai voltar, então?

— Posso falar extra-oficialmente?

— Naturalmente, Sr. Presidente.

Ao longo dos anos, Wilson passara a confiar em Blaise, quanto mais não fosse porque o *Tribune* era geralmente favorável ao seu governo, ao passo que no *Post* não se podia confiar, e o *Times*, agora manipulado por Hearst através de Brisbane, era hostil. Além disso, Blaise jamais traíra uma confidência nas raras ocasiões em que alguma lhe fora feita.

— Não vejo como posso abandonar a Conferência de Paz. O coronel House é esplêndido, mas não está bem de saúde. Os franceses... — Mesmo extra-oficialmente Wilson não confiava em si mesmo. — Clemenceau... — começou; e deixou por terminar. — Muita coisa pode dar errado, se eu não estiver lá.

— Mas o senhor tem o seu pacto...

— Bem aqui — disse Wilson, abrindo o casaco para que Blaise visse o famoso documento dobrado no bolso. — Em cima do meu coração. Embora Edith insista que aí fica o baço. De qualquer maneira, não pretendo me aborrecer, mesmo que a luta no Senado seja brava.

— Por que deverá haver luta?

— Eles querem lutar. Portanto eu tenho que lutar também.

— Mas eles... os republicanos... inventaram a ideia, se é que se pode dizer que alguém pensou nisso primeiro.

— E preferem acabar com ela do que nos ver ganhar o crédito pelo pacto. Ah, vai mesmo haver luta. Mas nunca vi alguém ganhar alguma coisa que valesse a pena sem ter que lutar. — Assim falou o chefe escocês ao seu clã na véspera de uma guerra de fronteiras.

— Certamente toda a civilização ocidental está construída sobre concessões.

Blaise esperava perturbar o Presidente, e conseguiu. Wilson encarou-o seriamente, até mesmo com hostilidade.

— Você andou conversando com o coronel House.

Blaise assentiu.

— Citei exatamente as palavras dele.

— ... quando ele citou Burke para mim. Sim. Nós discordamos. Minha esposa diz que sou o homem mais obstinado da América.

— O sorriso era leve, e não se podia dizer que fosse orgulhoso. — Mas sei o que vou ter que enfrentar. Lodge fará tudo para destruir a Liga ou qualquer coisa que eu proponha.

— Se houvesse uma votação agora neste Senado atual, o senhor venceria.

— Uma votação de dois terços? É o que preciso para aprovar um tratado.

Blaise assentiu. Burden explicara tudo; até mesmo com a nova maioria republicana, não tão segura, por causa da falta de confiabilidade no apoio do Senador independente La Follette, havia suficientes republicanos e democratas leais para conceder ao Presidente o seu tratado. Blaise então deu ao Presidente a detalhada anatomia que Burden fizera do Congresso e de como seriam os votos. Para sua surpresa, Wilson não fizera qualquer sondagem a respeito do estado de espírito do Senado. A estimativa de Burden quanto a esse ou aquele voto lhe pareceu estranha.

— Bem, tudo isto que você me conta é tranquilizador, na teoria - disse

finalmente. — Mas não se deve subestimar a esperteza de Lodge. Sabe, durante toda a conferência ele providenciou para que a imprensa e os delegados fossem sempre lembrados de que não tenho o apoio do povo americano, que perdi a maioria no Congresso, que represento apenas a mim, e mais ninguém. Não dá para imaginar o efeito disso, e como é difícil dissipar as dúvidas das pessoas, principalmente quando se lida com pessoas que desejam o meu... o nosso fracasso.

Wilson recostou-se, o rosto de repente pálido e tenso.

— Atribuo tudo isso a um único homem, Theodore Roosevelt. — Esse nome nos lábios de Wilson soava como um palavrão. — Doente, no hospital, à beira da morte, ele conspirava com Lodge e Root para destruir esta nossa missão. Todos os três desejavam a Liga muito antes que eu aparecesse. Mas por causa da raiva e da maldade de Roosevelt, sim, maldade, ele não podia suportar que qualquer outra pessoa pudesse ficar com o mérito de ter beneficiado o mundo. Não tinha a menor compaixão humana. Só se importava consigo mesmo e com sua ridícula carreira. Francamente, considero a morte dele uma verdadeira bênção, e rezo para que nunca mais apareça, um monstro como ele, pregando a guerra sem razão.

Blaise ficou chocado com a intensidade do ódio de Wilson; mas não se surpreendeu. Durante a vida, Roosevelt tinha realmente feito todo o possível para destruir Wilson, e agora, na morte, graças a Lodge, a maldade persistia. Mas Blaise tinha também certeza de que o Presidente, envolto em glória, prevaleceria, como fizera em Paris contra oponentes muito mais experientes do que meros cavaleiros de Idaho, do Missouri e até mesmo de Massachusetts.

O telefone soou.

— Oi, garotinha — murmurou Wilson, transformado de súbito de profeta do Velho Testamento em marido amoroso. — Sim, claro que vamos ao show esta noite. Sim. — Wilson desligou. — Estavam com medo de que eu não tivesse gostado do programa de ontem à noite.

Um marinheiro, vestido de prostituta, fizera uma dança algo lasciva, e depois cutucara o Presidente sob o queixo. Os marinheiros tinham dado gargalhadas; os cortesãos presidenciais tinham ficado boquiabertos; o próprio Presidente ficara rígido como pedra.

— Estavam um pouco entusiasmados... — Blaise começou.

— Eu fiquei... — Wilson interrompeu-se e franziu o cenho. — Bem, não gostei, não. Por causa da minha posição essas coisas não podem acontecer. Mas pessoalmente fico aliviado ao ver que as pessoas não me acham apavorante. Durante minha vida tive muito pouco contato com indivíduos, a não ser para ensinar, o que não é, de modo algum, uma atividade... amistosa, ou então para executar as tarefas de um governante, outra atividade que não é das mais simpáticas.

Wilson recostou-se e suspirou.

— Sabe, eu teria me saído bem no teatro musical.

De repente ele relaxou os músculos do rosto e Blaise recordou a cena no Capitólio antes da declaração de guerra. Lentamente, Wilson sacudiu a cabeça. O rosto, totalmente frouxo, era idiótico e cômico. O corpo pendeu, complementando o rosto.

— Sou o João Bobo — cantou. — Sou casado com a Maria Meia-Noite...

Com isso ele encetou uma espécie de dança de espantalho através do aposento, assobiando. Ao terminar, fez uma reverência.

Blaise aplaudiu com entusiasmo.

— Faça isto quando for ao Congresso, Sr. Presidente, e vai conquistar o país.

— Se eu fizer isso, me prendem. — Wilson riu. — Ou então me mandam para os palcos de Keith com a Maria Meia-Noite, o que de modo nenhum é o pior dos destinos.

Mais que nunca Blaise achava-se confiante de que o Presidente conseguiria facilmente dobrar o Congresso, para não falar do fantasma de Theodore Roosevelt.

A sala de descanso dos senadores era agora dividida ao meio por uma parede invisível. De um lado, os republicanos trocavam cochichos com seu líder Lodge, e no outro os democratas meditavam, sob a liderança benigna, embora não particularmente capaz, de Gilbert M. Hitchcock, Claude Swanson e o próprio Burden, em cuja opinião os três não eram os melhores agentes para conseguir a aprovação do tratado pelo Senado.

Do lado de fora, o soldado de plantão reunira precavidamente um bom número de camas de campanha e cobertores do exército, caso os senadores obstruíssem os trabalhos como tinham feito na véspera, 2 de março, quando La Follette de Wisconsin tomou a liderança ao explorar o direito de qualquer senador de discursar pelo tempo que desejasse. Ostensivamente, o decreto a ser descartado referia-se à concessão de reservas públicas de carvão e petróleo a interesses particulares suspeitos. Mas, como o 65º Congresso era obrigado a encerrar em 4 de março, e como uma lei referente a sete bilhões de dólares em títulos ainda não tinha sido aprovada, La Follette e seus amigos liberais estavam ameaçando, na realidade, deixar o governo sem fundos até que o 66º Congresso se reunisse, em dezembro.

Como "Wilson não tinha intenção de convocar o Congresso entre março e dezembro, havia uma considerável urgência por parte da minoria democrata em providenciar para que os decretos necessários fossem aprovados e o Congresso fosse para casa. Se o Congresso voltasse para uma sessão extraordinária, Lodge e seus aliados conseguiriam, com toda calma, desmembrar o pacto de Wilson enquanto o Presidente ainda estivesse em Paris, trabalhando no tratado de paz

definitivo.

Em plena saúde Burden apreciava esse tipo de manobra, mas agora ele estava no máximo em meia saúde. Na convalescença da gripe, ele sentia permanentemente um cansaço mortal e uma alarmante tendência a cair em sono profundo não importava onde estivesse. Kitty lhe implorara que ficasse longe do Capitólio, mas o Presidente lhe implorara que ficasse em seu posto. De modo que agora ele estava sentado com Hitchcock no lado democrata da sala de descanso, os pés apoiados numa cama de campanha.

Até então, tudo que Burden e Hitchcock tinham tentado fazer não dera certo. La Follette e seus amigos tinham desistido de obstruir os trabalhos às 6:40h da madrugada de 2 de março, a pedido dos líderes do Partido Republicano, que não queriam que o partido fosse culpado se a lei não passasse. Houve uma barganha. La Follette levava a sério o roubo de propriedade pública; Lodge levava a sério a destruição do tratado de Wilson. Como líder partidário, Lodge prometeu ajudar La Follette mais tarde, se ele cessasse a obstrução. La Follette aceitou; a lei passou. Mas o financiamento do governo através de uma lei de crédito complementar de 840 milhões de dólares ainda estava pendente. O Senado adiara a sessão para as 10:00h da manhã de 3 de março, o que significava que só haveria 26 horas para conseguir dinheiro para pagar as dívidas do governo federal. Se o dinheiro não viesse, Lodge conseguiria o que queria: o Congresso seria obrigado a abrir na primavera.

Burden consultou o relógio. Eram agora 11:35h. Dentro de 12 horas, ao meio-dia de 4 de março, o Presidente viria ao Capitólio para assinar as leis que o Congresso tivesse preparado para ele.

— Marshall está disposto a nos dar a palavra. — Hitchcock olhou através da fumaça do charuto para Lodge, que pontificava num sofá de couro preto. Rodeado de senadores republicanos, ele tinha a aparência grandiosa do rei-filósofo.

— Mas eles não largam. Quando um termina, faz um sinal a outro para substituí-lo. E o vice-presidente nada pode fazer.

Vinda do outro lado das portas, de vaivém, Burden ouvia a voz ligeiramente rouca de... Francis, de Maryland? Sim: a expressão "rei Woodrow" estava sendo repetida vezes sem conta, para a alegria da galeria. Washington inteiro convergira para o Capitólio para divertir-se: Frederika e Caroline estavam sentadas lado a lado na galeria, e Burden sentia-se um pouco como um galo ao erguer os olhos para as suas galinhas, lado a lado, facilmente as duas damas mais distintas do lugar, agora que Evalyn McLean caíra no sono na sessão diplomática.

— Às dez para meia-noite vou fazer minha tentativa. Avisei a Marshall que quando ele me der a palavra vou pedir uma votação.

— Vamos rezar para que ainda haja quorum. Eles podem sair correndo

para o almoxarifado.

— Mandaremos o guarda de plantão atrás deles.

— Não somos maioria. — Hitchcock estava amargo.

La Follette entrou na sala. Não parecia cansado depois da obstrução de sábado. Um homem parrudo, de cabeça grande, muito eficiente no debate e feroz na defesa dos interesses do povo. Burden sempre imaginara que, como a maioria dos populistas instintivos, La Follette tivesse tendências pacifistas, e assim apoiaria a Liga. Mas nisso ele era mais progressista ao estilo de Roosevelt do que um verdadeiro homem do povo. Afinal, ele era mais La Follette, o histriônico guerreiro solitário, do que qualquer outra coisa. Lodge usara inteligentemente a objeção genuína de La Follette ao decreto do empréstimo para conseguir adiar a votação da lei de apropriação. La Follette concordara. Agora Burden perguntava-se que preço o outro pedira por sua colaboração.

— Ouviremos sua voz magnífica esta noite, senador? — Hitchcock perguntou com grandiloquência.

La Follette deu de ombros e balbuciou:

— Estou com uma pastilha na boca.

— Então vamos ouvi-lo — afirmou Hitchcock.

— Vai discursar *a noite inteira*? — Burden quis saber.

— Se estiver suficientemente inspirado pelo meu assunto...

La Follette saiu para o plenário. Burden percebeu que Lodge estivera observando La Follette atentamente — ansiosamente? Ninguém sabia qual era a estratégia dos dois, além daquela de impedir que o Senado votasse antes do recesso.

Burden foi até a porta e olhou para o plenário. A luz elétrica realçava mais que a luz do dia os verdes predominantes. O efeito era quase como olhar dentro de um aquário onde os senadores, como peixes grandes, flutuavam, e funcionários, como peixinhos, seguiam um, depois outro. O fatigado vice-presidente estava em seu lugar, o retrato do mau humor.

Um democrata tomou a palavra: Martin, da Virgínia. O ex-líder da maioria avisou os colegas sobre o pânico financeiro que haveria se a lei orçamentária não fosse aprovada antes do recesso. Ele foi eloquente. O republicano Lenroot, de Wisconsin, ergueu-se para perguntar: se a lei não passasse, o Presidente convocaria o Congresso antes de voltar da França?

Martin foi enfático:

— Em duas ocasiões e em bom inglês ele disse que tinha decidido e sua decisão era definitiva: em nenhuma circunstância o Congresso seria convocado antes de sua volta.

Burden cruzou o olhar com o do vice-presidente. Marshall assentiu. Como combinado, Burden tomaria a palavra pouco antes da meia-noite; e pediria uma votação. Burden entrou no plenário e ficou um momento sentado em seu lugar.

Frederika sorriu para ele; os cabelos dela estavam começando a crescer novamente, não louros, mas brancos sob a peruca temporária. Caroline endereçou-lhe um sorriso fraterno.

Atrás de Caroline, Alice Longworth estava sentada com sua prima Eleanor e o senador Borah. Alice, como sempre, era a única que falava, e Eleanor parecia embaraçada. Eleanor era tão favorável a Wilson quanto a prima era contra. Burden perguntou-se como a amizade, ou, mais especificamente, o parentesco, sobreviveria a tanta paixão política. De súbito o senador Harding sentou-se ao lado de Burden. O belo rosto estava corado — ele gostava de beber.

— Juro que não consigo perceber o sentido de tudo isto — declarou. Sacudiu a cabeça melancolicamente. — Seria mais fácil sentar-se e estudar o que é possível e o que não é, no tratado, e chegar a um acordo.

— Não acho que isso seja fácil, Sr. Harding. O Presidente deu sua palavra aos Aliados que esse era o motivo por que entramos na guerra, esse tratado, essa Liga das Nações, então eles lhe concederam o tratado, e é por isso que ele não pode chegar e mudar tudo agora.

Burden consultou o relógio: faltavam cinco minutos. O vice-presidente também consultava o relógio. Lenroot ainda estava discursando.

— Bom, não estou convencido de que o jeito dele seja a melhor coisa do mundo, e ainda não sei por que entramos nessa guerra estúpida. Isto é cá entre nós. — Harding sorriu. — Naturalmente, em público sou a favor da democracia para todo mundo em toda parte em todos os minutos. Mas acho que grande parte desse bolchevismo que está acontecendo na Europa, e começando aqui também, é obra do Sr. Wilson.

Burden de repente tomou consciência da presença de Lodge no recinto. A galeria aplaudiu quando Lenroot cedeu a palavra a Lodge, que se dirigiu ao Senado com um documento na mão. Isto não estava de acordo com os planos de Burden.

A esplêndida voz bostoniana de Lodge estava aguçada pela tensão.

— Sr. Presidente, desejo tomar apenas um momento do tempo do Senado. Desejo apresentar a seguinte proposta, que é bastante curta. — Passou a ler: — O Senado considera que, embora seja seu sincero desejo que os países do mundo unam-se para promover a paz e o desarmamento geral, a constituição da Liga das Nações, na forma atualmente proposta pela Conferência de Paz, não deverá ser aceita pelos Estados Unidos...

Os partidários de Wilson arfaram nas galerias; os outros aplaudiram.

Burden pôs-se de pé e acenou pedindo a palavra. Lodge insistiu, enquanto Marshall pedia ordem:

— ... seja imediatamente dirigida à rápida conclusão da urgente tarefa de negociar os termos da paz com a Alemanha...

Burden conseguira atrair a atenção de Marshall tarde demais.

— ...e que a proposta de uma Liga das Nações para garantir a paz mundial deveria então ser cuidadosamente examinada.

Burden tinha certeza de que não havia senadores em número suficiente para aprovar essa ou aquela outra medida com esperanças de sobrevivência até uma votação posterior e mais completa; além disso, muitos dos senadores ali presentes tinham sido derrotados em novembro, e os que tinham sido eleitos ainda não haviam tomado posse. Como Lodge sabia que sua proposta não tinha qualquer efeito até a abertura do próximo Congresso, qual seria o seu objetivo? Lodge disse:

— Peço unanimidade na aprovação do atual exame desta proposta.

Burden sabia reconhecer uma armadilha parlamentar. Não havia possibilidade de aprovação unânime, nessa ocasião ou em qualquer outra. Burden voltou-se para Harding, mas Harding desaparecera. Burden ergueu-se e começou a descer o corredor central, pronto para fazer uma objeção quanto à propriedade da medida. Mas Claude Swanson, da Virgínia, conseguira atrair a atenção do vice-presidente, e declarou:

— Protesto contra a introdução da proposta.

Swanson mordera a isca!

Lodge permanecera de pé durante o episódio, a venerável cabeça branca inclinada para um lado, como um pássaro atento; depois assentiu com um gesto grave, como se finalmente lhe fosse esclarecido um ponto importante que antes lhe era impossível compreender. Swanson sentou-se.

Aparentando a maior humildade que seu perfil romano lhe permitia, Lodge fez uma mesura para Swanson.

— O protesto foi feito, e eu o aceito. Desejo apenas acrescentar, como explicação, o seguinte.

Burden sentiu um arrepio: a armadilha funcionara. Em tom de satisfação Lodge recitou os nomes dos senadores republicanos que teriam votado a favor de sua proposta se estivessem presentes e houvesse uma votação. Lodge leu os nomes de 37 senadores, mais do que um terço necessário para derrotar a Liga das Nações. Quando as galerias começaram a entender o que estava acontecendo, ouviram-se aplausos; e então vaias. O vice-presidente pediu ordem.

Lodge deixou a tribuna e então recomeçou a obstrução de La Follette, com Sherman de Illinois falando em primeiro lugar. Discursariam sem parar a noite inteira até o encerramento ao meio-dia. Não haveria lei orçamentária. Haveria uma sessão extraordinária enquanto Wilson estivesse fora do país. Não haveria a Liga das Nações se Lodge conseguisse segurar seus 37 senadores, fato de que Burden duvidava. Até o próprio Lodge era favorável a uma Liga. O problema era tão simples quanto insolúvel: a Liga de Wilson, aprovada em Paris

pelos Aliados, não seria aceita, ao passo que a Liga de Lodge era tão deliberadamente vaga que até mesmo o mais extremado isolacionista poderia ser capaz de apoiá-la no momento adequado.

Na sala de descanso Lodge presidia a conversa. Quando Burden foi até seu armário, onde guardava uísque e soda, encontrou Brandegee fazendo a mesma coisa.

— A ideia foi minha — disse este com simpatia. — Do abaixo-assinado.

— O quê? — Além de cansado, Burden sentia-se estúpido.

— As 37 assinaturas.

Brandegee serviu-se de sua própria bebida escura, enquanto Burden bebia diretamente da garrafa e sentia-se de imediato menos cansado, porém não menos estúpido.

— Não deixe de contar ao Presidente — pediu Brandegee. — Não quero que Cabot fique com todo o crédito.

— Crédito? Por colocar o acordo em risco?

Burden soou mais escandalizado do que pretendia. Na realidade, simpatizava bastante com aquele jogador político profundamente conservador e ainda mais profundamente cínico que lhe explicou que no domingo de manhã encontrara correspondência acumulada em sua casa, inclusive uma carta de um desconhecido implorando aos senadores republicanos que aprovassem algum tipo de resolução declarando a Liga inaceitável na forma atual; caso contrário, Wilson voltaria a Paris e diria que o Senado e a nação o apoiavam.

— Depois que li essa carta, fui direto à Avenida Massachusetts e expliquei tudo a Cabot, e disse-lhe que poderia conseguir mais de um terço do Senado, o suficiente para derrotar o tratado, e então ele podia pedir uma votação no último minuto de 3 de março...

— Ele jamais teria conseguido uma votação — disse La Follette, entrando no recinto.

Ele vinha do saguão, onde presumivelmente estivera no banheiro, esvaziando-se para a obstrução que se seguiria. Ele e os amigos discursariam a noite inteira e toda a manhã seguinte até o encerramento da sessão ao meio-dia.

— Sabíamos que não conseguiríamos uma votação — continuou Brandegee. — Sabíamos também que um de vocês cometeria o erro de protestar, o que o irmão Swanson fez, e então Cabot aceitaria humildemente o protesto e diria que, naturalmente, ele compreendia, pois o Senado não estava lá inteiro, mas que, se estivesse, os seguintes senadores tinham declarado que votariam contra a Liga do irmão Woodrow, e foi assim que conseguimos colocar o abaixo-assinado em ata, e agora poderemos enviá-la para nossos muitos amigos e companheiros patriotas rio país inteiro.

— Belo trabalho — comentou Burden, sem ironia.

— Achei que você ia gostar. Respeito o irmão Cabot, mas não quero que

ele fique com todo o crédito pelo meu ato de salvar o país no último minuto das mãos de um tirano em potencial e seus aliados decadentes na velha Europa, tão diferente de nossa terra ensolarada, onde nenhuma sombra cai.

— A não ser que seja abatida... pelo irmão Frank Brandegeer.

Brandegeer fez uma mesura e foi juntar-se aos felizes republicanos no extremo oposto do aposento enfumaçado.

Hitchcock e Swanson conversavam sombriamente com o vice-presidente.

— Lamento muito — fez Burden. — Mas antes que eu pudesse pedir a votação, Lodge tomou a palavra.

— Não tem importância — respondeu Hitchcock, esfregando o rosto. — De um jeito ou de outro eles iam conseguir colocar aquela maldita coisa em ata.

— Se eu não tivesse protestado... — começou Swanson.

Mas o vice-presidente interrompeu-o.

— Você protestou porque tinha que protestar. Vou para casa. Vou entregar a presidência da mesa a companheiros que sabem que não vai haver votação esta noite ou amanhã de manhã.

— Que é que dizemos ao Presidente? — perguntou Hitchcock.

— Diga "bom dia" — respondeu o vice-presidente.

Era um homem de cabelos e bigodes prateados que, como a maioria de seus predecessores, achava cruel o capricho do destino que fazia dele para sempre o segundo. Lá vai o vice-presidente Marshall, dissera alguém recentemente, sem coisa alguma na cabeça a não ser a saúde do Presidente.

Burden concordou em passar a noite capitaneando a minoria democrata de uma cama armada no saguão. Se acontecesse alguma coisa, ele seria despertado imediatamente. Mas nada aconteceu; e ele acordou com um susto vendo um contínuo de rosto descansado inclinado sobre ele.

— Já é de manhã, senador — disse o rapaz.

Burden inclinou a cabeça gravemente, como se estivesse meditando e não dormindo, e perguntou-se por que era sempre tão desagradável ser apanhado dormindo.

No banheiro amplo, com seus altos mictórios de mármore e pias gigantes, ele barbeou-se enquanto outros senadores exaustos entravam e saíam. Água fria no rosto era o revigorante preferido. A obstrução ainda continuava. La Follette discursara durante muitas horas, a respeito de muitos assuntos. Quando Burden entrou no corredor, ouviu a voz rouca e rascante vinda do plenário. Dirigiu-se apressado à sala do Presidente.

O Capitólio estava apinhado de jornalistas, diplomatas, cidadãos, todos ansiosos para apreciar o grande obstrutor e o constrangimento de Woodrow Wilson.

O Presidente estava sentado sob um lustre de cristal, atrás de uma escrivaninha sobre a qual pousariam os decretos de última hora para a sua

assinatura.

— Senador Day!

O sorriso era cálido. Wilson não iria dar a republicano algum a alegria de vê-lo perturbado. Hitchcock estava ao lado dele. O almirante Grayson poetava-se logo atrás. Burden tornou a questionar em pensamentos a sabedoria política de ser sempre visto com seu médico.

— Infelizmente não conseguimos pagar o governo desta vez.

— Bem, tenho certeza de que o Sr. Glass — ele assentiu para o pequenino gnomo que substituíra o Sr. McAdoo — conseguirá pedir emprestado o suficiente entre agora e dezembro para pagar a conta de luz da Casa Branca.

— Posso também transformar pedras em pães e peixes. — O sotaque virginiense era ácido.

Wilson pôs-se de pé e acenou para que Burden fosse juntar-se a ele a alguma distância dos outros.

— Diga-me uma coisa — falou, em voz baixa. — Lodge fez alguma referência à Liga nos envolver com... como é que ele diz? "o socialismo e a anarquia internacionais"?

— Ontem à noite, não. Ele foi muito vago. Tem que ser, pois é favorável à Liga, à qual se opõe.

— Salomônico. Agora estou sendo pressionado a envolver os Estados Unidos numa guerra contra o bolchevismo...

— A Rússia?

— Em particular, mas também o socialismo internacional em geral. Esta noite vou discursar em Nova York Vou dizer que, segundo a minha interpretação da Carta de Direitos da Virgínia, qualquer povo tem direito ao tipo de governo que bem desejar, gostemos ou não. Afinal, não creio que o atual rei George realmente nos aprove. A lei devolvendo as ferrovias aos seus proprietários passou?

— Não. O Sr. La Follette estava ocupado demais dando-nos a sua ideia de um mundo futuro e melhor. Ou pelo menos foi o que me disseram. Dormi numa cama de armar. — Burden baixou os olhos para o Presidente, que era meia cabeça mais baixo que ele. — Quando é que o senhor volta de Paris?

— Em junho. — Wilson antecipou-se à pergunta seguinte: — Não vou convocar uma sessão extraordinária antes de voltar, mesmo se nenhum de nós receber seu salário.

— Vai ser duro.

Wilson fez uma careta e levou a mão à mandíbula.

— Meu dente. Sempre, quando uma pessoa vai viajar, um dente cria problema. Vamos esperar que os dentistas da Marinha...

Wilson interrompeu-se. O vice-presidente, Lodge e Hitchcock entravam, cada um deles o retrato da auto-importância e do cansaço.

— Sr. Presidente, o 65º Congresso encerrou-se às 11:35h — anunciou Marshall, acrescentando, em tom brincalhão: — Não *sine die*, mas *sine Deo*.

— Isto depende, senhor, de qual Deus o senhor serve. — Lodge souou amavelmente carola; e não tirou os olhos do Presidente, sua caça.

Mas Wilson ignorou Lodge. Ergueu a caneta, expectante.

— Há alguma lei aguardando a aprovação do Executivo? — perguntou formalmente.

Lodge declarou que não havia. Marshall disse:

— Há a emenda à proibição, Sr. Presidente. Mas não está pronta. Há uma cláusula segundo a qual se os estados não a ratificarem em sete anos a maldita coisa está acabada. Vamos enviá-la ao seu navio, onde o senhor poderá fazer um brinde à proibição de álcool nos Estados Unidos.

— Só farei o brinde fora dos nossos limites territoriais. — Wilson então acenou para que um rapaz jovem e atento se aproximasse. Apresentou-o a Burden. — Acho que precisa conhecer meu novo procurador-geral, o Sr. Palmer, e prepará-lo para sua admissão a esta igreja *sine Deo*.

Burden apertou a mão de Palmer.

— Vou escoltá-lo pelo labirinto do Senado.

Wilson dirigiu-se devagar para a porta. Então voltou-se.

— Cavalheiros, nós nos veremos em dezembro. Desejo-lhes um bom dia.

Lodge tinha os olhos fixos nas costas de Wilson enquanto esse se distanciava pelo corredor. Grande maldade estava sendo preparada para Wilson. Burden perguntou-se: será que para o país também?

2

Aos 35 anos, Cissy Patterson, a antiga — ainda o seria? ninguém sabia — condessa Gizycki, era tão bonita e tão original quanto fora aos 19, quando seus pais compraram-lhe um título polonês e enviaram-na de seu palácio em Dupont Circle para três anos de casamento infeliz. Agora os cabelos de Cissy eram mais vermelhos do que quando ela era menina, e a maturidade dera-lhe um ar distintamente voluptuoso, um pouco prejudicado pela inteligência. Caroline considerava-a, se não exatamente uma filha, uma irmã mais jovem.

— Ah, como eu invejo tudo em você! — exclamou Cissy.

Ela observava o escritório de Caroline no prédio do *Tribune*, com vista

para os bondes, os engarrafamentos e os cinemas da Rua F. No momento, um filme produzido por Emma Traxler estava sendo exibido com lotação sempre esgotada no Capitol, ao passo que a própria Emma Traxler podia ser vista no vizinho Mercury, num "veículo muito especial", como Thomas Ince denominara o que parecia ser um carro fúnebre para quaisquer ambições que ela pudesse ter tido como estrela do cinema. Seu papel era o de uma adúltera da sociedade na virada do século, o que ela própria fora na vida real. Mas no filme, diferentemente da vida real, ela fora expulsa da sociedade e se jogara de uma janela do Waldorf-Astoria. O enredo tinha sido roubado da Sra. Wharton, que se queixara com Blaise, que contara a Emma, que avisara Thomas Ince, que dissera: "Ela que processe." A beleza bastante madura de Emma Traxler tinha sido reconhecida por todos, mas a história não era boa, e a própria Emma — isto é, Caroline — ficara algo perturbada por não ter percebido antes os defeitos da história. Porém Tim estava na Califórnia durante as filmagens em Nova York

— Você precisa comprar um jornal. Afinal, tem a tinta certa no sangue — Caroline declarou. — Seu avô, seu pai, seu irmão, seu primo, todos lançaram jornais. Por que não você? É fácil.

— Sei que é, mas comprar o quê? Hearst tem o *Herald* de manhã e o *Times* à tarde. Você e Blaise têm o *Tribune* e não querem vendê-lo, certo?

— Certo.

— Fico pensando no que vai acontecer com o *Post* se Ned finalmente beber até morrer.

— Evalyn vira editora. Por que não começar uma coisa nova?

Caroline ergueu o exemplar do *New York Daily News* que Cissy lhe trouxera. O irmão mais velho de Cissy, Joseph, fundara-o em junho, com alguma ajuda do primo Robert McCormick, agora dirigindo o jornal da família em Chicago. O *News* tinha a metade do tamanho de um jornal comum — tamanho tablóide, como era chamado, e Hearst achara graça na ideia: "Ninguém quer um jornal onde não caiba um monte de fotos." Mas dessa vez a esperteza do Chefe em assuntos jornalísticos falhara. O tablóide de Joe Patterson foi um sucesso instantâneo, e, assim como o irmão de Caroline enciumara-se com o sucesso não tão instantâneo de Caroline com o *Tribune*, agora Cissy sentia ciúmes do sucesso de Joe, o primeiro na terceira geração. Até agora, o gigante da família tinha sido o avô deles, Joseph Medill, cujo *Chicago Tribune* passara para o genro, pai dela, e agora para o neto, primo dela, Robert R. McCormick

— Os rapazes ficaram com Chicago e Nova York. Então por que não posso ficar com Washington?

— Você tem dinheiro para iniciar um tablóide aqui?

— Para competir com você e Hearst? Não. Aquele polaco filho da puta está me custando uma fortuna.

— Mate-o.

— Tente encontrá-lo. — Cissy olhou com raiva para o retrato pintado de Caroline, Blaise e o Sr. Trimble, editor deles. — Pelo menos consegui tirar Felicia dele.

A batalha entre pai e mãe tinha atraído a atenção da imprensa popular durante anos. A mãe finalmente vencera, mas o custo fora alto. Cissy agora vivia solitária na casa do pai em Dupont Circle; e sonhava com jornais.

A secretária anunciou a chegada de Blaise. Caroline assentiu: ele podia entrar. Desde o início eles tinham combinado que um jamais entraria de surpresa na sala do outro.

Cissy adorou ver Blaise. A reputação dela tinha sido tão prejudicada por sua guerra conjugal que ela então se pusera, perversamente, a prejudicá-la ainda mais aos olhos dos aborígenes de Washington. Era moderadamente promíscua e bebia "como um homem", como se dizia, e às vezes jogava-se, também como um homem, sobre outras de seu sexo. Embora fosse importante demais em Washington para ser esnobada, a menção de seu nome provocava um lamurioso coro grego de mexericos, na maioria inventados, e todos eles tão agradáveis a Caroline quanto indiferentes à inquieta e disposta Cissy.

— Acho que vou escrever um romance. Vai se chamar *Telhados de vidro*.

— Em quem você vai jogar pedras?

— Em Alice Longworth; quem mais poderia ser? E naquele animal polonês. Implorei ao reverendo Woodrow que dividisse a Polônia até não sobrar coisa alguma.

— Imagino que ele tenha achado graça no seu humor delicioso — fez Blaise.

Ele gostava de Cissy, que por sua vez, Caroline achava, tinha um certo fraco por Blaise.

— Ele não se impressionou. Viu o jornal do Joe? — Cissy ergueu o *Daily News*.

Blaise assentiu.

— Acabo de ganhar uma aposta com Hearst. A respeito da circulação. Ele disse que o público jamais compraria um tablóide.

— Certamente está comprando este aqui. A única coisa que eu faço é ter inveja dos outros. Este é um sinal de falta de caráter, eu sei. — Cissy parecia satisfeita consigo mesma. — Ele chama a si mesmo de capitão Patterson. — E acrescentou, com certa malícia: —

É como a Guerra Civil, não é? E meu primo Bob quer ser chamado de coronel McCormick

— Bem, eu sou apenas o Sr. Sanford.

— Monsieur, é mais adequado. — Cissy pôs-se de pé. — Há um jornal em Baltimore...

— Não! — exclamou Caroline. — Blaise comprou-o e tornou a vendê-lo

anos atrás.

— Há uma maldição sobre aquele jornal — explicou Blaise. — Ninguém o lê, e as oficinas sempre pegam fogo.

— Que sorte a minha ter amigos tão experientes! Diga a Millicent que vou ligar para ela — Cissy recomendou, e retirou-se.

— Millicent? — Blaise perguntou a Caroline.

— Smith. Inverness. Ela vai voltar a morar em Washington. Está hospedada comigo até encontrar um lugar. — Caroline olhou para a marquise do cinema no final da rua, onde conseguia distinguir o "xler" de seu outro nome. — Tim vai comprar uma casa em Los Angeles.

— Para ficar perto da fronteira mexicana?

— Não acredito que o Departamento de Justiça ouse prendê-lo.

— Eu usaria — afirmou Blaise, olhando pensativamente para o *Daily News* que segurava em uma das mãos, o *Tribune* na outra.

— Imagino que a situação vai piorar — prosseguiu Caroline. — George Creel acha que vai. Ele diz que Palmer vai candidatar-se a Presidente...

— Por que não? Todo mundo está se candidatando...

Dos dois, Blaise era o mais suscetível à propaganda anticomunista que agora varria o país, os boches substituídos pelos bolcheviques como o novo Satã.

Naquela primavera Tim tinha sofrido um duro golpe quando seu filme sobre os fura-greves fora exibido e, para horror de Caroline, ele não apenas era favorável aos grevistas, ao trabalhismo organizado e à semana de oito horas, mas também zombava do perigo bolchevique. O filme fora retirado de cartaz imediatamente, e Tim, indiciado sob a Lei de Espionagem, uma figura da legislação singularmente abrangente, que podia ser usada para prender qualquer pessoa que o zeloso procurador-geral resolvesse castigar. Caroline usara sua influência. Como os tribunais estavam ocupadíssimos, o caso poderia ser adiado até prescrever se o procurador-geral fosse menos zeloso. Caroline tinha a impressão de que Palmer não desejaria ofender o *Tribune*; por outro lado, o *Tribune* não ousaria ofender Palmer,

cuja casa na Rua R tinha sido dinamitada dois meses antes, tornando-o quase um mártir do capitalismo, ao passo que os seus vizinhos, os Franklin Roosevelt, receberam quilômetros de espaços nos jornais: o galante Franklin telefonara para a polícia, enquanto Eleanor, a quem logo juntou-se sua deliciada prima Alice, dava consolo à família Palmer, que estivera dormindo nos fundos. Ninguém sabia quem tinha cometido o atentado, mas suspeitava-se dos comunistas. O criminoso explodira também, deixando atrás de si, misteriosissimamente, duas pernas esquerdas. O *Tribune* espojava-se nos detalhes anatômicos, e uma grande nação estremeceu à ideia de todos os seus homens públicos, um por um, explodindo durante a noite. Radicais foram presos em toda parte, ao passo que o Departamento do Trabalho aproveitava-se agora

da Lei da Sedição, promulgada durante a guerra, que dava ao secretário do Trabalho o poder de deportar os cidadãos nascidos no estrangeiro, cuja aparência e discurso ele considerasse perturbadores.

— Por que Tim fez isso?

Blaise, delicadamente, não lhe perguntara isso antes; mesmo assim ela ainda não tinha pensado numa resposta.

— Bem, ele... é um radical, eu acho.

— De Boston? Irlandês? Católico?

— Pode-se mudar. *Ele* mudou. Acho que começou quando mandaram aquele produtor para fazer um filme contra a guerra. Mas não sei. Nunca conversamos realmente sobre isso.

— Acha que ele é comunista?

— Duvido. É independente demais para ser qualquer coisa. — Caroline mergulhou de cabeça: — Ele quer que eu me mude para a Califórnia.

Ela encarou Blaise, que parecia genuinamente surpreso... e feliz?

— Você não vai.

— Talvez. Acho que posso estar cansada disto — indicou, vagamente, o retrato dos três editores do *Tribune* — por algum tempo. Gosto dos filmes...

— E do clima. Todo mundo sempre diz isso.

— Na verdade, não gosto do clima. É meio bolorento. Mas os filmes ainda são tão... fluidos, e ainda se pode fazer alguma coisa nesse campo.

— É melhor agir depressa. Os judeus tomaram conta de tudo.

— O desafio é este. De qualquer maneira, Hearst está lá, ou logo estará, diz ele, assim que 1920 estiver para trás...

— E ele se mudar para a Casa Branca.

— Mais provavelmente para San Simeon. Está mais rico do que nunca, agora que Phoebe morreu... e muito mais doido, também.

O Sr. Trimble foi anunciado. Caroline não conseguia acreditar que aquele velhinho frágil que não conseguia postar-se ereto tinha sido o bonito rapaz ruivo de 1900. Ela estaria também tão mudada aos olhos dele?

— A reunião terminou — declarou Trimble, acomodando-se lentamente em sua cadeira costumeira ao lado da mesa de Caroline. O ventilador elétrico ficava diretamente sobre ele, movimentando o ar pesado. — Recebi o primeiro telefonema, de um senador que estava lá e que ficará anônimo. — Trimble ainda adorava informações confidenciais, para não mencionar as notícias que o *Tribune* conseguia dar antes que qualquer outro jornal. — O Presidente perdeu o controle, parece. Toda a Comissão de Relações Exteriores estava presente: Lodge, Knox, Borah.

Caroline perguntou-se qual deles teria telefonado para Trimble, que apreciava Lodge mais que qualquer dos Sanford o fazia.

— Perdeu controle, como? — Blaise sentou-se na mesa de Caroline,

sabendo que isso a irritava.

—r Fizeram muita pressão a respeito de Xantung. Por que ele fez um acordo com os japoneses? Ele respondeu que ele próprio também não estava muito satisfeito com aquilo, o que soou como fraqueza. Então Borah começou a interrogá-lo sobre todos os tratados secretos que os Aliados tinham feito, e Wilson não conseguiu lembrar-se de quando ouviu falar deles pela primeira vez, e então, quando Borah perguntou se ele sabia dos tratados quando lançou os Quatorze Pontos, ele disse que não, o que foi uma loucura, pois os bolcheviques já os tinham tornado públicos e todo mundo sabia. Os senadores ficaram meio espantados.

— Foi isso que vieram fazer: ficar espantados — disse Caroline, subitamente solidária com Wilson.

— Como foi que terminou? — quis saber Blaise.

— Foram todos almoçar, depois de três horas e meia de interrogatório. — Trimble tirou do bolso uma folha de papel. — Ele ficou completamente sem graça quando lhe disseram que Lansing tinha dito que os japoneses teriam entrado para a Liga mesmo sem o acordo de Xantung.

— Você escreveu o editorial?

Trimble assentiu; Caroline pegou o papel da mão dele, leu-o rapidamente e entregou-o a Blaise, que começou a reescrevê-lo enquanto lia. Trimble suspirou.

— Acho que a Liga é inútil. Pelo menos para nós — declarou.

Caroline sentiu uma leve onda de raiva.

— Porque vocês, americanos, querem ter liberdade para anexar as jazidas de petróleo mexicanas...

— Diga nós, americanos, *chérie* — interrompeu Blaise em tom calmo. — Nós também queremos a Sibéria, mas se não conseguirmos não queremos que os japoneses a tenham, de modo que vamos todos entrar para a Liga e discutir.

— Pode ser tarde demais. Ambos estaremos na Sibéria — disse Trimble. — E eles têm mais soldados do que nós. De modo que quando a Rússia se dividir...

— Pronto.

Blaise entregou a página a Caroline, que leu e concordou: a Liga era a esperança do mundo. Sem a Liga, haveria outra guerra com a Alemanha dentro de trinta anos, por causa da paz cartaginesa sendo imposta pelos Aliados, que não apenas tinham rompido os termos do armistício wilsoniano mas agora pretendiam levar a Alemanha à falência com as indenizações. Caroline e Blaise estavam sempre de acordo a respeito da selvagem inclinação da velha Europa para jogos de capa-e-espada. Mas, tendo a Europa uma tendência fatal a mergulhar na barbárie, os Estados Unidos ainda não tinham atingido uma civilização da qual decair. Caroline rezava para que o pomposo professor fosse

capaz de segurar as rédeas do que ainda era, em essência, um país de camponeses ignorantes, supersticiosos e descabidamente orgulhosos de sua fácil proeminência.

Trimble pegou o editorial corrigido e saiu mancando da sala.

— Acho que precisam de um outro sistema de governo aqui — comentou Blaise, descendo da mesa.

Wilson também acha. Ele ainda quer um governo parlamentarista. Depois do seu mandato, é claro. Alguma notícia de Saint-Cloud?

— O hospital foi desativado. Estará tudo pronto para nós na primavera.

— Vou passar a Páscoa lá. Você também?

— Provavelmente. — Blaise sorriu. — Mas você não vai.

— Por que não?

— Porque você estará em Hollywood com o seu homem. — Imbecil!

Millicent Smith, condessa de Inverness, parecia um galeão com velas de crepe-da-china cor-de-rosa e amarelas, agora enfunadas pelo quente ar de agosto. Duas portas-janelas abriam-se para o pequeno jardim nos fundos da casa de Caroline em Georgetown. Ali, todos os tipos de hera cresciam em desordem, e nenhuma flor brotava, por causa da densa sombra de uma enorme magnólia. Em meio à hera, exércitos de ratos dedicavam-se, como os europeus, à guerra.

— Caroline! Tenho recados para você. Em algum lugar. Héloise foi ao médico. Vamos jantar em casa? Eu me esqueci.

— Vamos, sim. Só nós duas.

Caroline serviu-se uma faça de vinho. Millicent bebia gim puro em grandes quantidades, sem qualquer efeito daninho.

— Encontrou uma casa?

Millicent descreveu as que tinha visto e reclamou, dos preços, como todo mundo fazia, inclusive a maioria dos operários do país, que estavam em greve, inspirados, segundo o procurador-geral, por Moscou. Millicent tinha almoçado com Alice Longworth, sua rival na Casa Branca.

— Ela está de péssimo humor. — O humor da própria Millicent melhorou consideravelmente ao pensar nisso. — Nick nunca está em casa. Ela reclamou da bebida dele...

— Então ela tem sorte por ele nunca estar em casa' — disse Caroline, perguntando-se se ficaria mesmo em Hollywood.

— Mas com quem ele está quando não está em casa? Esta é a questão. Naturalmente fingi que não sabia dos boatos, e naturalmente ela não disse coisa alguma sobre eles. Ela é tão política, não é?

— Todos nós somos. Isto é Washington.

— Agora. Mas não na minha época. Quando estávamos na Casa Branca, era considerado falta de educação falar de política em público. Como dinheiro,

— Você sabe. Mas acho que *ele* mudou tudo isso.

— O coronel Roosevelt?

Millicent assentiu.

— Para implicar — declarou, rindo. — Douglas Fairbanks faz isso o tempo todo. Acho que ele pensa que é Teddy Roosevelt. É muito atraente, sabe?

— Todas as mulheres do mundo acham isso.

Caroline achava difícil levar a sério qualquer dos grandes galãs da tela. À parte suas proporções de bonecos, ela nunca conseguiria relacionar-se de modo pessoal com um rosto que todos conheciam, e que o próprio dono jamais conseguia esquecer que todos conheciam, mesmo se acontecesse o improvável fato de tentarem esquecer. Embora os rostos dos políticos fossem muitas vezes tão conhecidos quanto os dos atores, seus donos eram essencialmente naturezas-mortas, ao contrário do ator, cujo rosto ao vivo e em movimento era sempre mais interessante que uma foto eternamente fixa na primeira página de um jornal.

— Nunca vou ao cinema — declarou Millicent. — Simplesmente gosto da crueza da vida lá no Oeste. O excesso. A formalidade. Tão parecido com Londres durante a temporada!

Caroline jamais conseguira acompanhar com facilidade o fluxo de pensamentos de Millicent, portanto nem chegou a tentar.

— De qualquer maneira, o Sr. Fairbanks está envolvido com a Srta. Pickford.

— Ele me deu uma rosa. — Millicent sorriu secretamente para seu gim.

— Isto já é muita coisa — disse Caroline, com suprema justiça.

— Você precisa trabalhar com ele num filme.

Millicent conhecia o segredo de Caroline. Aliás, a essa altura a maioria de seus amigos conhecia. Porém, graças à sua posição de dona de jornal, a imprensa amavelmente a deixara em paz: cão não come cão, no dizer do Sr. Trimble.

— Sou velha demais para ele — disse Caroline em tom solene.

— E ele é velho demais para ser meu filho.

— É tarde demais para *eu* começar a representar?

— É. — Caroline foi cruel.

A Emma real apareceu, o rosto avermelhado pelo calor.

— Conseguimos! A tempo de jantar, se não houver problema.

— Claro que não há. — Caroline beijou a face da filha. — Quem é nós?

— Não lhe contei? É Giles.

E Giles entrou na sala. Professor-assistente de história em Bryn Mawr, Giles Decker era dez anos mais velho que Emma. Era louro, robusto e eunucoíde, um tipo que sempre atraía a garota, que se sentia intimidada por homens atraentes, nenhum dos quais, por sua vez, lhe tinha alguma vez

presenteado com uma rosa. Foram feitas as apresentações. Millicent controlou-se fidalgamente e deu um sorriso bondoso ao rapaz. O sorriso bondoso tornou-se extasiado quando o professor Decker revelou que fizera sua tese a respeito do tio de Millicent.

— Principalmente sua política externa.

— Ele tinha isso? — Caroline perguntou.

O tio tinha sido Presidente nos dias ociosos antes que o império tivesse agarrado pelo cangote a república adormecida.

— Não seja rude! — Millicent soou como Alice Roosevelt quando alguém insinuava que o pai *dela* não era feito de mármore divino, mas de argila humana. — Nós tínhamos enormes quantidades de política externa. A Nicarágua, por exemplo. Sempre. Supurando, como titio dizia. E a China, nós abrimos a China, não abrimos, professor Decker?

— Na realidade, não, Lady Inverness, o Presidente não fez isso. Na verdade, ele...

— Está vendo? — interrompeu Millicent.

Ela serviu-se mais gim, e dessa vez acrescentou angustura. Como uma aurora cor-de-rosa, pensou Caroline, que percebeu que não teria tempo de banhar-se antes do jantar antecipado, ditado pela ausência da cozinheira, cuja substituta tinha medo de ir pafa casa no escuro.

— É tão bom saber que alguns jovens lembram-se de nossa herança... Mas até mesmo os imigrantes estão interessados em nós. Pelo menos alguns deles. Quando sugeri ao Sr. Zukor que a vida de titio daria um filme maravilhoso para o Sr. Fairbanks, o Sr. Zukor ficou muito interessado.

— Tenho certeza de que ele estaria interessado, agora que o Sr. Fairbanks iniciou seu próprio estúdio com a galinha dos ovos de ouro do Sr. Zukor, Mary Pickford. O Sr. Zukor faria qualquer coisa para ter seus astros de volta. Como ele diz, os internos estão dirigindo o hospício.

Todos os três perguntaram:

— O quê?

E Caroline explicou que quando Fairbanks, Pickford e Chaplin, com D. W. Griffith, fundaram sua própria empresa produtora, a United Artists, Zukor fizera esse comentário famoso e nem um pouco jocoso. Afinal, a Famous Players-Lasky de Zukor era o maior estúdio, graças à sua propriedade de centenas de casas de cinema onde ele podia exhibir, se quisesse, apenas seus próprios filmes — uma política conhecida como bloqueio de bilheteria. First National, Fox e Loew eram concorrentes menores, ao passo que a United

Artists, com ajuda de McAdoo, que ficara conhecendo os artistas através de seus apelos para os Bônus Liberty, era agora tão lucrativa que Caroline abria negociações para usá-la para o lançamento dos filmes da Traxler Productions.

— Giles ficou muito aborrecido com o filme do Sr. Farrell, *Os fura-*

greves.

— O que, ou quem, é um fura-greve? — perguntou Millicent, mas ninguém respondeu.

— Aborrecido por quê?

Ao fazer a pergunta, Caroline dirigiu a Giles seu sorriso especial de Madona, que tinha um efeito espantoso, dissera-lhe um publicitário experiente, em rapazes adolescentes de 13 a 16 anos e em mulheres lésbicas de qualquer idade, dois grupos extraordinariamente dedicados a frequentar os cinemas.

Giles, como se viu, não era adolescente nem lésbico.

— Vi-o em Nova York antes que ele fosse retirado de cartaz, e fiquei muito perturbado com a mensagem comunista, que me surpreendeu, sabendo que a senhora era à produtora...

— E o Sr. Farrel é católico — acrescentou Emma.

— Em Londres não se vêem *essas coisas* — contribuiu Millicent. — O duque de Norfolk, sim. Mas até ele tem que ter cuidado onde bota o nariz, não como aqui, onde nem boas empregadas se encontram mais, porque elas estão sempre, com sua licença — deu um sorriso de compaixão aos dois jovens —, grávidas.

— Bem, o Sr. Farrel não está grávido — disse Caroline, bancando a ingênua. — Achei que o filme era simplesmente contra a violência. No caso, por parte dos patrões.

— Mas *este* é um assunto comunista, Sra. Sanford. É preciso ter cuidado ao lidar com eles. Eu sei.

— Sabe como? — Caroline foi mais ríspida do que pretendia.

— Giles é muito ativo na Federação Cívica Nacional, e escreve para à revista deles...

— Com certeza conhece o editor, Ralph Easley? — perguntou Giles.

Segurava agora um cachimbo, mas não o acendeu. Ralph Easley era um editor profissional que andava perseguindo comunistas por todo os Estados Unidos. Causara furor com um artigo intitulado "Se o bolchevismo viesse para a América". Aparentemente todos teriam que se levantar antes do amanhecer, tomar um banho gelado e, como seus carros lhes tinham sido confiscados, caminhar até o trabalho, onde carregariam pedras durante 12 horas. Easley encontrara comunistas em toda parte na vida americana, principalmente na imprensa, nas igrejas e nas escolas. Atacara o *Tribune* por causa de seu editorial sobre a necessidade de trazer as tropas americanas de volta da Rússia. Desnecessário dizer, o movimento trabalhista conservador americano o admirava e torcia para que ele expulsasse os comunistas escondidos em suas fileiras. Hearst também o adorava. Caroline achava-o uma piada de mau gosto, ao passo que Blaise julgava que talvez houvesse algo em suas acusações.

Caroline disse que não tivera o prazer de conhecer Easley, mas sabia de

sua ocupação.

— Nós o levamos muito a sério, Sra. Sanford. Estou no comitê acadêmico para a libertação contra a anarquia, que trabalha intimamente ligado ao Sr. Easley...

— Giles redigiu uma exposição de todos os departamentos de história, mostrando como são controlados pelos marxistas.

— Pensei que sua matéria fosse a matemática — disse Caroline, olhando com leve desagrado para as feições avermelhadas da filha.

— Emma é também uma cidadã consciente...

— Esta cidadã consciente vai se trocar para jantar — interpôs a condessa de Inverness.

— Acho que eu também vou. — Caroline ia poder tomar Seu banho, afinal. Ela se levantou. — Vocês dois podem jantar como estão. Seremos só nós. Às oito.

Mas Caroline não pôde tomar seu banho. Quando Héloïse estava a ajudá-la a despir-se, Emma bateu à porta.

— Entre, minha querida.

Caroline já estava se sentindo culpada pela súbita onda de desagrado que sentira por sua filha única. A luz do final de tarde através da folhagem espessa da magnólia tinha um intenso e profundo tom dourado.

Caroline estendeu-se numa espreguiçadeira. Emma sentou-se sob uma pintura de Saint-Cloud-le-Duc. Caroline lembrou-se com carinho da filha criança, brincando no parque do *château*, e dela própria, Caroline, brincando nos últimos anos do velho século, que parecia, nessa época de telefones e automóveis e aeroplanos mais pesados que o ar, um milênio antes.

— Giles está muito preocupado com você, mamãe.

— Diga-lhe para não ficar. Ainda tenho minha... minha esperteza.

— Ele acha que você está sendo enganada por Tim, que é membro do Partido Comunista.

— Eu não sabia que havia um Partido Comunista neste país. Afinal, uma condição de nossa liberdade é que ela seja exercida apenas em apoio à maioria, como o Sr. Debs descobriu.

Emma não achou graça.

— Há um partido *secreto*, assim como os anarquistas são secretos.

— *Você* conhece os segredos deles?

— Giles conhece, e também Ralph Easley. Eles querem derrubar o governo. Veja o que fizeram com o Sr. Palmer.

— Ele perdeu algumas janelas da frente. Eles, fossem quem fossem, perderam as vidas.

— Você fala como se concordasse com eles.

— É mesmo? Pensei que falasse casualmente, com indiferença.

— Giles acha, e o Sr. Easley também, que você devia tomar uma posição mais ativa e definida contra o bolchevismo.

Caroline perguntou-se se a filha teria sido, de algum modo, enfeitiçada.

— Nunca vi você tomar o menor interesse pela política, e agora vem me dar aulas sobre o Perigo Vermelho.

Emma franziu a testa; o queixo forte, tão parecido com o do pai, salientou-se.

— Não me interessa mesmo. Quero dizer, pelas bobagens de sempre. Mas isto é sério, mamãe. Podemos perder tudo, perder nosso país, nossa liberdade, se eles vencerem...

— Eles quem?

— Trotski, Lenin, os húngaros, os alemães. Estão em toda parte. Trezentas greves este ano, só nos Estados Unidos. Por quê? Pergunte a Lenin. Ele sabe. Ele tem um comitê especial. Em Chicago. Dirigido por Moscou pelo rádio. Quem você acha que ordenou a greve em Seattle? Trotski. Temos suas instruções em código, que conseguimos decifrar. Nós...

Emma falava cada vez mais depressa e cada vez com menos coerência. Interrompia-se várias vezes, quando um novo assunto lhe irrompia no cérebro. E, com sua tendência a começar pelo meio uma afirmação, o assunto muitas vezes não ficava claro.

— Guerra naval. Submarinos. Sob o tratado. A armada vermelha agora a maior. Saindo da ilha de Catalina. Em junho. Um investimento básico de um quarto de milhão de dólares. La Follette, é claro. Sempre La Follette. Ligação entre Moscou... a Terceira Internacional foi convocada em março deste ano. Para todos os países. Em toda parte. Trabalhadores, uni-vos! La Follette sabe tudo sobre isso. Assim como Borah. Por isso o filme de Tim com o seu apoio... no ano passado noventa filmes comunistas foram feitos pelos judeus por ordem de Trotski, um sionista. Todo mundo sabe. A condição do *New York Times* para apoiar a Inglaterra em 1917. Um lar para o comunismo na Palestina. Hearst é o único que vai falar. Você precisa... — Emma ficou temporariamente sem fôlego.

— Preciso? Preciso o quê?

— Giles e o Sr. Easley acham que você devia escrever, ou ser entrevistada, ou coisa assim, sobre o comunismo em Hollywood, e como você foi enganada por Tim para fazer aquele filme de propaganda comunista...

Caroline esmurrou o braço da espreguiçadeira com tanta força que machucou a mão.

— Você está inteiramente louca? Não sabe coisa alguma de política ou de cinema ou de qualquer outra coisa além de matemática. Eu não fui enganada...

Como a filha, Caroline enveredara por um caminho que poderia mostrar-se um beco sem saída. Tim realmente a enganara a respeito do filme, e o

relacionamento deles ficara seriamente ameaçado. No outono ela iria à Califórnia para ver o que poderia ser feito para juntar novamente os cacos. Caso contrário, poderia simplesmente levantar âncora e partir esplendidamente para a meia-idade, sem cabos humanos que a prendessem.

— Bem, se fez o filme deliberadamente, então o Sr. Easley está certo, e você sabia mesmo o que estava fazendo, porque é basicamente uma estrangeira e deveria ser deportada através da Lei da Imigração de 1918 e também da Lei de Espionagem.

— Cale a boca! — Caroline nunca falara tão bruscamente com a filha. — Você obviamente precisa de ajuda. Um desses behavioristas, ou como quer que se chamem. Não sou estrangeira. Sempre tive um passaporte estrangeiro, quero dizer, americano...

— Sua mãe era estrangeira. Eu sei, Ela matou a mãe do tio Blaise...

Caroline pôs-se de pé, gritando com Emma em francês.

Somente o sorriso de superioridade de Emma diante dessa prova de que a mãe era estrangeira fez Caroline conter-se.

— Você está muito... difícil, Emma. Atribuo isso à má influência do Sr. Decker.

— Não, mamãe. Já vinha de muito tempo. Acordei, realmente, para o modo como estamos perdendo nosso país para vocês, estrangeiros.

— Talvez fosse melhor você arranjar outro namorado. — Caroline era novamente a pessoa sedosa de sempre.

— Acho que não poderia fazer isso. Sabe, nós nos casamos hoje de manhã em Maryland.

Caroline teve dificuldade em respirar, mas logo se recuperou inteiramente.

— Então você é uma idiota — declarou.

— Eu sei. — Emma suspirou de um modo que, para ela, era teatral. — Mas a culpa não é minha, é? De ser filha ilegítima.

— Não — disse Caroline, pondo-se de pé. — A culpa não é sua. Agora... saia daqui.

— Um momentinho.

Wilson continuou datilografando, numa velocidade quase profissional. Burden sempre se impressionava com tais habilidades. Como a maior parte do Senado, Burden utilizava secretários para redigir seus discursos. Quando chegava a escrever um discurso, fazia-o a mão, numa caligrafia quase ilegível. O Presidente, porém, não apenas criava sua própria eloquência como também datilografava-a quase sem erros. Por "outro lado, Wilson não sabia deitar falação, como dizia Harding, que tinha muito fôlego para isso: discursar de improviso com paixão incoerente. O próprio Burden tinha um talento definido nesse terreno' demagógico. Guardava-o para os comícios. No Senado, orgulhava-se de sua precisa concisão.

Wilson retirou a folha da máquina e deixou-a cair sobre a escrivaninha; ergueu-se e apertou a mão de Burden. O rosto do Presidente estava mais pálido que de costume — por causa do calor de agosto? O 66º Congresso, que deveria tomar posse em 19 de dezembro de 1919, tinha sido convocado a Washington em maio. O Presidente retornara da França em julho. Agora todo o governo era obrigado a aturar o calor equatorial. O Presidente, Burden percebeu, adquirira um cacoete no canto do olho esquerdo e, de modo geral, parecia tenso. A um gesto de Wilson, Burden sentou-se em sua poltrona costureira, em ângulo com a escrivaninha. Nenhum dos dois gostava de postar-se cara a cara com alguém.

Para surpresa de Burden, Wilson não mencionou a Liga, que Lodge estava matando aos poucos com emendas no Senado.

— Que faria com os trabalhadores, se fosse eu?

— O senhor se refere às greves?

— Refiro-me a todos os entendimentos entre patrões e empregados.

— Em dúvida, é melhor não fazer coisa alguma. O senhor tem dúvidas, Sr. Presidente?

— Sim e não. Acho que durante a guerra provamos que podemos dirigir as ferrovias tão bem quanto os proprietários. Bem, mas...

— O senhor acha que nós, que o governo, deveria tomar conta delas?

Wilson assentiu:

— Seria um modo de colocar na linha tanto os patrões quanto os líderes trabalhistas.

Burden deu de ombros.

— Não vejo muita diferença entre o governo tomando conta de alguma coisa ou os proprietários. Apenas vai tornar a vida mais difícil para nós se um sindicato de ferroviários fizer greve contra o governo.

— Ou menos difícil. A maioria dos países controla as necessidades vitais como água, eletricidade, transporte. Nós não. Permitimos que qualquer um engane os usuários, explore os trabalhadores.

Burden sorriu.

— Com todos os seus problemas, Sr. Presidente, ainda quer ser chamado de socialista?

— Por que não? Já fui chamado de tudo mais. Por ter pavor ao bolchevismo é que acho que podemos roubar algumas teorias deles, para impedi-los de roubar nosso país inteiro. Já estive com meu genro, o Sr. McAdoo?

Burden sacudiu a cabeça.

— Imagino que ele esteja em Nova York, advogando.

Wilson recostou-se na cadeira e moveu a cabeça lentamente da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda. Aparentemente um tipo de exercício.

— Estou sendo pressionado para decidir a respeito do ano que vem. Já disse que não quero um terceiro mandato, e meu genro certamente gostaria de pelo menos um primeiro mandato. — O sorriso era amargo. — Seria útil para ele se desde já eu me declarasse fora do páreo. Então ele teria um ano para apressar-se.

— Sim. — Burden não deixou escapar coisa alguma. Perguntava-se se Wilson sabia a respeito da conversa no Chevy Chase Club.

— Gostaria de poder ajudá-lo, isto é, a ele, mas não sei. Até que a Liga esteja a salvo, meu trabalho aqui não está completo. Quando acha que o Senado vai votar?

— Lodge está arrastando as coisas. Acha que cada dia que passa fica mais difícil para nós apoiar a Liga, e ele tem razão. Por que não aceitar as emendas dele e terminar logo com a coisa?

— Nunca — disse Wilson em tom calmo.

— Como o senhor provavelmente sabe, hoje de manhã a Comissão de Relações Exteriores adotou cinquenta emendas que impediriam os Estados Unidos de algum dia trabalhar em quase todos os comitês internacionais que viabilizariam a Liga. Lodge conseguiu também uma votação de nove a oito revertendo a posição da Conferência de Paz em Xantung.

Enquanto Burden falava, o tremor da pálpebra de Wilson tornou-se "tão pronunciado que o Presidente retirou o pincenê e, fingindo enxugar a testa com um lenço, fez pressão no nervo rebelde.

— Tumulty me contou.

— Contou-lhe também que Knox, Borah e Johnson, e alguns dos outros irreconciliáveis, como eles próprios se denominam, pretendem correr o país, particularmente o Oeste, fazendo comícios contra à Liga?

Em silêncio Wilson dobrou o lenço em quatro.

— Então nós todos devemos, agora, ir a César.

— Aos nossos senhores.

Burden sorriu, como sempre fazia quando pensava na ficção de que o povo americano de algum modo controlava seu próprio destino. A Constituição

os tinha excluído em grande parte, ao passo que a ampliação do direito de voto tinha, paradoxalmente, limitado qualquer participação importante dos governados no governo. Naturalmente era preciso levar em conta as emoções do povo, mas essas emoções podiam facilmente ser manipuladas por demagogos e pela imprensa. Se os irreconciliáveis aproveitassem com habilidade o ódio da América aos estrangeiros, Wilson precisaria aproveitar a acentuada auto-estima do povo num mundo onde os americanos eram agora, acreditava-se, não apenas a maior potência mas também a mais obviamente inocente. Seria muito fácil, se houvesse tempo. Sem qualquer esforço Burden conseguiria fazer uma plateia aceitar a Liga e uma Pax Americana; depois, com a mesma facilidade, ele poderia entusiasmá-la com o fantasma das liberdades perdidas para uma Liga dominada pelos ingleses, que deveria ser rejeitada de imediato em obediência ao sagrado aviso de George Washington contra envoltimentos com estrangeiros. A isso se limitava a política na grande democracia. Depois que o professor Wilson percebera isso, optara pelo sistema parlamentarista. Mas o Presidente Wilson agora tinha a coroa e o cetro; e jogava o jogo.

— Também vou — declarou ele, recolocando o pincenê. — A Sra. Wilson e Grayson querem que eu descanse, mas não tenho escolha.

— Vai subir aos palanques?

Wilson assentiu.

— Vou seguir os senadores de uma ponta a outra do Oeste.

Wilson citou as cidades onde pretendia discursar, e Burden logo percebeu que aquela intensiva turnê pelo país era o início da campanha de Wilson por um terceiro mandato, algo que nenhum Presidente jamais tentara.

Burden deu alguns conselhos sobre as cidades a serem visitadas. Wilson fez anotações. Quando discutiram a estratégia para o Senado, Wilson pegou a folha de papel que estivera datilografando.

— Isto é anônimo — disse, sorrindo para Burden. — Quero que você tome conhecimento, e Hitchcock também. Mas ninguém mais. Secretamente, estou disposto a fazer concessões a respeito do tratado.

Burden ficou atônito e encantado. O louco do Presidente que não cederia porque estava desempenhando uma tarefa do Senhor tornara-se, mais uma vez, o mestre político, capaz de qualquer adaptação para conseguir o que queria.

— Fiz uma lista de quatro áreas de interpretação do tratado a respeito das quais vocês, a liderança democrata, concordarão em ceder para que a Liga seja aprovada. Mas Lodge jamais poderá saber que isso partiu de mim. Se soubesse, quereria quatro vezes quatro mais concessões. Mas acho que estas cobrem quaisquer divergências e são aceitáveis para qualquer um, exceto os palhaços profissionais.

Burden pegou o papel.

— Sinto-me aliviado — disse. — Acho que não teremos problemas, agora que podemos negociar.

— Mais cedo ou mais tarde, porém, o Senado, quero dizer, os amigos de Lodge, terão que provar seu próprio remédio.

Wilson não cessava de oscilar entre uma rígida truculência e uma negociação maleável. Burden perguntou-se se isso seria apenas uma atitude de efeito. Em muita coisa o tranquilo professor de 1912 estava flagrantemente mudado. Estava mais irritável e sensível que nunca, ao passo que sua formidável capacidade de concentrar-se num assunto desaparecera. Finalmente, além da arteriosclerose congênita de Wilson, ele estivera extremamente doente em Paris, Burden soubera. Oficialmente, ele tivera a gripe, mas não-oficialmente havia boatos de que sofrera um enfarte. Simultaneamente houvera uma ruptura com o coronel House, o que explicava a desordem no lado americano quando o tratado de paz definitivo fora completado num espírito bem diferente da grandiosa "paz sem vitória" que Wilson proclamara ao levar os Estados Unidos à guerra.

Não haveria um terceiro mandato, Burden concluiu quando o Presidente começou a ler uma lista.

— Sabe que sou *pessoalmente*, responsável pelo conteúdo da casa na Place des Etats-Unis, assim como fui responsável pela Villa Murat, o que está correto. Nosso governo não deve pagar pelos copos que a Sra. Wilson e eu quebramos, embora ela não tenha quebrado copo algum, e eu apenas um. No entanto, eles escreveram *dez* copos, o que é intolerável, você há de concordar.

Wilson ergueu os olhos para encarar Burden. Atribuía aos copos quebrados a mesma gravidade que à Liga das Nações.

— Parece que sim, Sr. Presidente. Mas por que não deixa isso a cargo do Sr. Tumulty?

— Se eu pudesse... Mas ele não estava lá. Só eu sei com certeza quantos copos foram quebrados. Foi no banheiro, na manhã do primeiro domingo depois que voltamos para Paris e nos estabelecemos na casa nova. Os outros nove copos, se foram quebrados, o foram por outras pessoas. Não excluo os próprios franceses. Afinal, todos os que foram destacados como nossos empregados eram espíões. Cheguei a ouvir dois deles cochichando em inglês. - Fixou os olhos no livro à sua frente. — E agora isto! A moldura quebrada da cópia de Fragonard, que nem era um original mas uma cópia muito primitiva, que estava pendurada no quarto da Sra. Wilson...

Edith entrou de repente, serena e autoritária.

— Woodrow — murmurou, e fechou o livro com a lista. — Este é trabalho meu. Como foi que o pegou?

— Vi-o sobre a mesa da Srta. Benson, e claro que preciso verificar cada item, inclusive Fiume, que a Itália...

Burden surpreendeu o olhar de medo da Sra. Wilson; medo de que Burden testemunhasse... o quê? Wilson não era louco, como demonstrara com sua magistral concessão em quatro pontos, mas estava obcecado a um ponto incalculável. Para ele, aquela lista tinha o mesmo peso moral que a Liga, e as duas coisas pareciam misturar-se em sua mente. Grayson também entrara no aposento. Estariam escutando à porta? A esposa e o médico estavam resolutamente alegres e simpáticos.

— Hora de um passeio de carro — disse Grayson.

— Está mais fresco.

— Dias equatoriais — comentou Edith. — Minha pobre mãe está quase morta no Hotel Powhatan, com seis ventiladores funcionando ao mesmo tempo e uma pedra de gelo no meio da sala.

Wilson, inteiramente são e normal, levou Burden até a porta.

— Muito obrigado pela... informação. Quanto ao resto... — acrescentou, erguendo um dedo.

Burden assentiu:

— Só Hitchcock deve ser informado.

Apertaram-se as mãos. Surpreendentemente, Edith não o acompanhou até o elevador. Ela e Grayson ficaram com o Presidente enquanto Hoover, o chefe da portaria, acompanhava Burden. Ao longo dos anos Burden cultivara a amizade daquele alto funcionário. Com frequência aprendia-se mais em cinco minutos de conversa ociosa com o chefe da portaria ou com um funcionário do Serviço Secreto do que com alguma autoridade.

— Estou sabendo que você vai fazer uma longa viagem.

— O Presidente vai, senador. Eu fico. Gostaria que ele não fosse.

— Ele parece inteiramente recuperado — arriscou Burden.

— Ah, ele está muito bem, a não ser por este calor, e o cansaço. Estamos todos bastante tensos depois de Paris, e agora com o Senado... Com a sua licença, senhor.

— Eu sou um dos bonzinhos. — À porta do elevador, Burden teve a inspiração de 'perguntar: — Quem foi que quebrou a moldura da cópia do Fragonard, afinal?

Hoover deixou entrever um brevíssimo olhar de alarme. Em seguida tornou a mostrar-se tranquilo e natural.

— O Presidente é muito consciencioso, não é? Como se fosse sua propriedade, aquele palácio sujo.

O palácio de Burden estava limpo finalmente, e mobiliado, também. À luz vespertina, a casa de pedra cinzenta, com dois andares e mansardas, brilhava contra o verde-azulado do Parque Rock Creek. Tinham decidido inaugurar a casa com um chá informal, algo bastante popular no mês de agosto quando se morava numa colina arborizada acima do Rock Creek, um regato frio e

refrescante.

Meia dúzia de garçons de raça negra tinham sido contratados para a ocasião. Kitty já estava pronta, usando um vestido longo verde-amarelado, ao passo que Diana ainda não se deitara: tinha permissão para ver as chegadas da grande janela do primeiro andar com vista para a alameda de entrada, agora a cargo de um policial especial, que conhecia os convidados e era conhecido por eles. Burden sempre o chamava de Bedel, como o bedel do Senado, que conhecia todos os senadores e suas manias.

Burden tomou um banho de chuveiro e depois vestiu um terno branco do tipo usado por estadistas sulinos, assim como pelo finado Mark Twain, cujos cabelos e bigodes brancos combinavam perfeitamente com o terno, quando ele transformava em ocasião para aplausos as suas entradas estratégicas pelo topo da escada que descia para a Peacock Alley de New Willard.

Burden foi até a varanda lateral, seu local favorito na casa, e o mais fresco. Atrás do bosque espesso que rodeava a casa ele ouvia riacho correndo em seu leito de pedregulhos. Um pássaro — um cardeal, todo escarlate — empoleirava-se numa cadeira diante dele, esperando que Kitty o alimentasse. Mas ela estava ocupada demais, e faltava a Burden intimidade com a natureza. Burden contemplou amorosamente seus dois acres de bosques, e perguntou-se por que alguém precisava de algo mais. Ele começara pobre; agora tinha segurança, graças à herança de Kitty e à indulgência dos eleitores. Mas a primeira estava sendo gasta e a segunda era, no mínimo, instável. Particularmente agora que tantas coisas estavam confusas nos Estados Unidos.

A guerra tinha sido fraudulenta: os Estados Unidos jamais tiveram a menor preocupação com o fato de a Alemanha dominar ou não a Europa. Aliás, a maioria dos americanos acreditava piamente que a única razão da existência de seu país era fornecer um refúgio seguro para os europeus que não conseguiam mais suportar as confusões e crueldades do Velho Continente. Wilson, por motivos obscuros, manobrou a república para colocá-la no palco mundial. Se havia um desígnio da história, então Wilson tinha sido obrigado a conformar-se com o inevitável. Se não havia um desígnio, apenas o acaso, então Wilson tinha. — por vaidade? — feito uma péssima escolha. No que se referia a relações internacionais, o povo americano incliniava-se a lealdades tribais que desapareciam ao longo das gerações. Os imigrantes recém-chegados da Alemanha apoiavam o cáiser; os imigrantes recém-chegados da Irlanda odiavam a Inglaterra. Mas nenhuma das duas tribos estava ansiosa para retornar ao antigo continente, definitivamente abandonado. Apenas a propaganda mais contundente e incessante poderia excitar uma organização política tão plácida. Como se viu depois, a propaganda tinha sido inspirada, e os alemães tinham sido transformados em demônios. Mas agora, com tanto ódio ainda no ar, o político profissional sabia instintivamente que ele próprio poderia ser vítima daquelas

emoções invocadas das profundezas. Para piorar as coisas, iniciava-se uma crise financeira e as pessoas em geral estavam inquietas e desejosas de que *eles* fossem castigados, fossem *eles* quem fossem. Ele logo teria que decidir como se apresentaria para a reeleição em 1920.

A princípio a guerra fora altamente impopular no estado; então, do dia para a noite, todos sucumbiram alegremente diante de qualquer demagogo anti-Alemanha, anticomunismo, antinegros. A Ku Klux Klan estava renascendo, dessa vez nas cidades e não no campo, um péssimo sinal. Os eleitores iriam castigar Wilson — e Burden — pela guerra? Ou aceitariam a ideia de que, graças aos pró-guerreiros, os Estados Unidos eram agora importantes no contexto mundial? Era difícil acreditar, se a pessoa tinha que caminhar vinte metros numa noite fria para ir ao banheiro. Não pela primeira vez, Burden desejou que Bryan tivesse uma inteligência pelo menos mediana, pois só ele tinha a capacidade de ser porta-voz da maioria confusa. Burden e seu pai louco tinham se separado por causa de Bryan. Para o veterano de Chickamauga, tudo o que era preciso fazer era organizar o povo para que houvesse um governo representativo e um sindicato mais perfeito para todos. Mas Burden sabia que isso jamais poderia acontecer. Uma olhadela pela sala de descanso do Senado era suficiente para demonstrar ao populista mais entusiasmado que ele não tinha chance de afastar pessoas como Penrose. Eles eram donos de tudo, inclusive dele próprio. Não era aquele esperto advogado de Wall Street, McAdoo, que queria, na realidade, alugar Burden para que este participasse de sua chapa como uma isca para os não-representados?

Borah sentou-se diante dele:

— Sonhando acordado?

Burden teve um sobressalto, e desculpou-se:

— Desculpe-me, senador. Este calor...

— É a gripe. — Borah foi compreensivo. — Ela custa a desaparecer.

Ceguei um pouco cedo.

Um garçom trouxe-lhes chá gelado. Kitty estava na sala contígua com a Sra. Borah, um dragão atento, pronta para intimidar as damas demasiado entusiasmadas.

— Wilson vai viajar.

Burden assentiu.

— Bom, vai fazer-lhe bem. Conhecer o país, depois de todo esse tempo na Europa. Ver as pessoas. Johnson vai cobrir a Califórnia. Eu vou começar nas Cidades Gêmeas.

— Cem por cento contra a Liga?

Borah assentiu.

— Também estou ansioso para tirar nossos rapazes da Sibéria.

— O Presidente também está.

— Mas foi ele quem os colocou lá!

— Pensei que você fosse homem de T. R.

— E sou. Mas também sou a favor de sairmos dos lugares que não são de nossa jurisdição.

— Roosevelt achava que todos os lugares eram de nossa jurisdição, como civilizadores.

— Agora estou mais velho, mais sábio. Gosto de achar que provavelmente há muito que fazer aqui mesmo, em casa. Se começarmos a ter colônias pelo mundo, acabaremos prisioneiros delas. Pensei que Wilson tivesse mais bom-senso. Mas ele está com a cabeça virada por todos aqueles reis, chanceleres e banqueiros.

Burden nunca sabia ao certo como lidar com Borah. Eram amigos pessoais, tinham eleitorados semelhantes, mas Burden seguira seu partido e Wilson, ao passo que Borah permanecera fiel ao que julgava ser o pensamento da maioria dos americanos. Se as pessoas se sentissem traídas pelo internacionalismo wilsoniano... Burden sentiu um leve arrepio: ele poderia ser derrotado. Por outro lado, se a economia melhorasse e a propaganda a favor da Liga tornasse as perspectivas alegres, Borah teria dificuldades.

— Acho que a Liga é popular, pelo pouco que o povo conhece dela.

— Mas não será, quando eu terminar de explicar que perderíamos o controle até de nossas próprias forças armadas, e que, se a Inglaterra nos ordenasse mandar cem mil soldados, digamos, para Constantinopla, nós teríamos que obedecer, gostando ou não.

— Acho que não vai ser exatamente assim.

— Não vai ser coisa alguma — afirmou Borah, a boca fina não mais que uma linha reta e horizontal. — São os bancos que estão fazendo isso conosco. Nova York já é um lugar muito ruim para se conviver. Mas Londres também? Não, obrigado. Já lutamos uma guerra da independência, não precisamos de uma segunda. Sibéria!... — Borah sacudiu a cabeça.

— Você permitiria que o Japão a tomasse?

— Por que não? Eles são vizinhos. De qualquer maneira, quem quer que fique com aquela geladeira vai ter que negociar conosco.

— E quanto ao nosso hemisfério?

— Bem, o México está no nosso próprio quintal. De modo que quando eles pegam nossa terra e matam nossa gente eu sou inteiramente favorável a castigá-los. Não sou pacifista. O México é importante para nós, portanto lutamos. A Alemanha não é.

— E quanto ao Haiti, República Dominicana, Nicarágua, Panamá, Honduras, Cuba?

— Que é que tem eles?

— Cada um desses supostos Estados soberanos está atualmente ocupado por fuzileiros navais americanos, que obedecem apenas ao Presidente. Nós nos comportamos em relação a eles como o Império Austro-Húngaro comportou-se com a Sérvia, Montenegro e Eslovénia...

— Não me dê dor de cabeça. Não quero pensar nesses lugares velhos e horríveis. Wilson realmente quer ser o primeiro Presidente do mundo, não quer?

Burden deu de ombros, um tanto deslealmente.

— Ele nunca disse coisa alguma sobre isso. E depois dessa última vez em Paris, acho que não vai querer envolver-se com os europeus novamente. Odeia os franceses, acha Lloyd George um trapaceiro, os italianos uns urubus...

— Bom, fico aliviado ao ver que ele entendeu o essencial, Sabe, não fiquei bem impressionado com ele na Casa Branca. Na verdade, fiquei bastante chocado. Ele mente muito, você não acha?

Burden riu.

— Você quer dizer, mais do que eu ou você?

— Eu nunca minto — mentiu o leão de Idaho; sua devoção a si mesmo era mais religiosa do que secular: considerava-se simplesmente Deus, e sabia-se bom. Apesar — ou por causa — dessa certeza, Borah era o homem mais popular na política, e não estava disposto a dividir sua divindade com meros mortais. — Não. O que me chocou foi o modo medíocre como Wilson nos mentiu a respeito dos tratados secretos. Certamente ouviu falar deles quando nós ouvimos, se não antes, mas diz...

— Ele anda tenso. Perturba-se com facilidade. Esteve doente em Paris...

— Encefalite. — Como Deus, Borah era bem informado.

— Eu não soube disso. Mas ainda está bastante fraco, e não deveria viajar pelo país agora, com este calor.

— Imagino que ele será o seu candidato, não?

Por essa razão Borah chegara mais cedo, concluiu Burden. Até Deus precisava de um palpite político de vez em quando.

— Será, sim — mentiu Burden. — Se não houver algo diferente.

— Você vai ser companheiro de chapa dele?

— Ele ainda não foi tão longe. Mas pretende entusiasmar o país a favor da Liga.

Enquanto improvisava, Burden ficou algo decepcionado ao descobrir que sua mentira improvisada, destinada a confundir o inimigo, era a pura verdade. Naturalmente Wilson estava se preparando para a reeleição como o primeiro Presidente com três mandatos. Naturalmente precisaria de alguém como Burden para equilibrar sua candidatura. Burden perguntou-se se o raio cairia. Se caísse, será que ele poderia apenas por segurança, concorrer também ao Senado? A lei estadual era ambígua, e a opinião pública, severa: quem concorresse a dois cargos provavelmente perderia ambos; e naturalmente

desagradaria a Wilson uma falta de confiança tão pública.

— Você vai ser de grande ajuda para ele, — Borah assentiu, em divino reconhecimento á uma de suas criações menores.

— E você seria de grande ajuda... para quem? — perguntou Burden.

Com a morte inesperada de Roosevelt às vésperas de seu renascimento político, o Partido Republicano era um grupo sem líder de senhores feudais como Penrose e Plat, sem qualquer herói — ao contrário de uma divindade como Borah, que era grande demais para o cargo de Presidente, ao passo que Lodge era velho, estranho e encolhido demais.

— Acho que eu não ficaria bem como vice-presidente — Borah declarou sem sorrir. — Quanto a ser Presidente, terei que esperar até todos me alcançarem e perceberem que grande erro foi esta guerra.

Kitty surgiu à porta e acenou para que os estadistas fossem juntar-se aos outros.

Kitty conseguira reunir um pouco de tudo para a festa. O Senado estava presente em massa. Os Lansing e os Phillips representavam o Departamento de Estado. Os Longworth e os Momberger simbolizavam o grande rebanho da Câmara dos Representantes. Os sempre presentes lobistas dos anos de guerra não eram mais vistos sorrindo e esperando para apresentar suas petições. Da antiga Washington, havia os costumeiros Apgar, reverenciando a vetusta Sra. Marshall Field de Chicago, que recentemente, misteriosamente, estabelecera sua corte na capital.

Blaise e Frederika estavam parados diante da lareira de pedra trabalhada, cheia de vasos de flores, algo que Burden vira pela primeira vez anos antes na casa de Caroline e gradualmente convencera Kitty a imitar. Frederika usava agora seus próprios cabelos louro-acinzentados, ainda ralos. Parecia mais jovem do que antes da gripe.

— Estou tentando convencer Blaise a irmos para o campo, para um lugar fresco como este.

— Se a Avenida Connecticut não é campo, onde é o campo? — retrucou Blaise com rispidez.

— Virginia, por exemplo — respondeu Frederika prontamente. — O Potomac Heights. Já temos cem acres lá, logo depois da Ponte Chain. Quero construir lá, onde se possa ouvir o barulho da água, como aqui...

— Água? Só consigo ouvir chá gelado — disse Blaise, pegando uma taça de champanhe, outro hábito importado de Caroline ao qual Kitty, abstinência como a maioria de seus eleitores, durante muito tempo se opusera.

— Quando estamos sozinhos conseguimos escutar o riacho. Onde está Caroline?

— Foi para o Oeste. Foi ser vaqueira — disse Blaise, que estava ligeiramente bêbado.

— Estrela de cinema... — fez Frederika em tom pensativo. — Sinto inveja dela. Toda aquela energia! Emma se casou, sabia?

Burden espantou-se por Caroline não ter lhe contado.

— Quando? — perguntou, querendo saber com quem.

— Um professor de Bryn Mawr — respondeu Blaise, restaurando a ordem correta. — Há pouco tempo. Ela o trouxe para a casa de Caroline, e as duas acabaram brigando. Agora estão passando a lua-de-mel conosco na Avenida Connecticut.

— Ele é contra o diretor de cinema de Caroline — acrescentou Frederika.

A chegada de Henry Cabot Lodge obrigou Burden a afastar-se para ir cumprimentar o grande homem, que nos últimos anos enfraquecera bastante. Sem a esposa, ele parecia apenas meia pessoa, mas essa metade era toda senador.

— Não sobram muitas pessoas com quem conversar — observou ele a Burden, com uma rudeza perfeita, embora inconsciente.

— Existe a história — respondeu Burden, com respeito exagerado.

— A história não responde — retrucou Lodge. — Adoro este parque — acrescentou, relanceando o olhar pelo aposento arejado. — Nós tínhamos vontade de morar aqui, mas não moramos. E se não se faz isso logo, não se faz nunca. O coronel Roosevelt e eu costumávamos atravessar sua propriedade, vindo do vau do rio.

— Eu me lembro.

Kitty aproximou-se com o procurador-geral, e Lodge recebeu-o com simpatia. A. Mitchell Palmer estava em estado de euforia desde a explosão em sua casa: o inimigo estava em toda parte, e ele tinha sido escolhido para salvar a democracia do bolchevismo. Com uma simpatia ensaiada, Lodge deu-lhe toda a corda necessária, enquanto Burden continuava a circular, cumprimentando os convidados, mostrando-se conversador.

— Jess Smith, senador — disse uma voz cujo dono ele nunca conseguia identificar. — Estou aqui com a Sra. Harding. O senador está de cama.

Jess Smith tinha cara de coruja e queixo frouxo. A Sra. Harding nada tinha de frouxo; os olhos azuis e penetrantes cintilavam atrás do pincenê.

— Sua casa é mesmo linda, Sr. Day. O que prova que a pessoa tem que construir ela própria, se quiser um bom resultado.

— Achei sua casa na Avenida Wyoming muito imponente.

A memória de político de Burden raramente o abandonava. Estivera na casa dos Harding uma vez e lembrava-se de tudo, inclusive do nome de solteira dela, Kling, e do fato de que ela se divorciara do primeiro marido antes de se casar com Harding, que era alguns anos mais jovem, e de que ela tinha um filho do primeiro marido, e de que seu rico pai desaprovava Harding alegando que ele tinha sangue negro. Saber coisas nunca era demais, era a teoria de Burden; ou,

mais precisamente, esquecer-se das coisas nunca era demais.

— Precisa vir nos visitar, quando Warren voltar do chautauqua. Ele adora essas viagens! A multidão, os hotéis, e os cem dólares por cada palestra, são muito importantes agora que tudo está tão caro. O senhor não faz esse tipo de apresentação, não é?

A Sra. Harding falava como se se tratasse de um preceito religioso que tinha de ser observado. Burden respondeu que não tinha tempo, e muito menos o dom da oratória de Harding. A Sra. Harding não o escutou; prestava atenção nos Longworth, que estavam à porta da sala de jantar com Cissy Patterson Gizycki, os cabelos ruivos realçados pela roupa verde-jade. Alice parecia triste, apesar do amplo sorriso. Cissy parecia sedutora, e Nick Longworth parecia seduzido, e bêbado.

— A condessa é mesmo uma figura — observou Florence Harding.

— Duquesa ela não é, isto é certo — disse o amável Jess.

— Ela sempre foi popular por aqui.

Burden achou que tinha falado como um de seus severos e antiquados primos Apgar, em vez de seu jeito costumeiro de rústico representante do povo. Mas ocorria que ela estava na política em Washington, havia mais de vinte anos; conhecera Cissy e Caroline quando elas eram crianças. Aliás, também Alice, a Grande.

—•Ainda bem que o pessoal de casa não sabe o que acontece por aqui — observou a Sra. Harding, encarando-o com severidade, exatamente quando Emma, a filha natural, entrava na sala.

— Tenho certeza de que Washington não é diferente de Marion, quando se trata de... segredos — disse Burden, acertando na mosca.

A Sra. Harding enrubesceu. Jess pigarreou desnecessariamente.

— Marion é tão certinha que já morreu — declarou ele. — Agora, Washington é outra coisa.

Burden, como anfitrião, se não como senador, tinha ido longe demais. Todos sabiam que Warren Harding gostava dos prazeres carnisais, e não cabia a Burden trair os segredos de uma confraria cujos membros eram conhecidos pelas mulheres que mantinham. Ele mudou de assunto:

— Convidamos os seus amigos, os McLean...

— Ela ainda não está saindo. Pelo menos não muito, desde que Vinson morreu. O garoto era tudo para eles. Sempre acompanhado por seguranças para não ser sequestrado, e de repente o carro o atropela. Ela está feito doida, e naturalmente sabe, como eu sei, que a culpa é daqueles diamantes, principalmente o Hope, mas não quer ficar sem eles, e agora Vinson está morto.

— Trágico! — gemeu Jess.

Burden encontrou Emma junto ao bufê na sala de jantar.

— Cadê seu marido?

— Já soube?

Burden. deu-lhe um beijo senatorial na face.

— Já. Parabéns. Por que tanta pressa?

— Teve que ser assim. O casamento. Nós brigamos. Mamãe e eu. Dessa vez foi sério.

Burden encarou seus próprios olhos azuis, enquanto ela encarava os olhos azuis dela própria, sem reconhecê-los; aquele era simplesmente o velho amigo de sua mãe, não seu pai, semiciador.

— Isso passa. Seu marido veio?

— Não. Ele tinha uma reunião. Com um comitê. Contra o bolchevismo. Há muitos, nos departamentos de história. Uma das razões. Principalmente Henry Adams.

— Henry Adams? — Burden não acompanhara inteiramente o rápido discurso dela, atribuindo o fato ao ruído do aposento.

— Harvard é a pior, entende? Mas Hollywood também é comunista. Mamãe é uma idiota, ou pior. Espero que não. Se conseguirmos fixar agora. Conseguiremos! É preciso...

— Fixar o quê, Emma? — Burden perguntou-se se a surdez hereditária de sua mãe finalmente o atacara.

— O limite! Temos que fixar o limite.

Enquanto ela continuava a falar rapidamente, os olhos apertados como se observasse seus próprios pensamentos passando disparados como o mais rápido dos trens, Burden viu a libertação aproximar-se.

— Justamente a pessoa com quem você deveria estar conversando...

Mas Emma estava fora de controle agora.

— Riram dele no Wihter Palace, 1917. Nossa oportunidade. Kerenski nos avisou. Quisemos escutar? Não. A China. A última maçã a despencar do galho...

Burden agarrou o procurador-geral pelo braço e puxou-o para perto de si, buscando proteção.

— Emma Sanford... Ainda não sei seu nome de casada, foi muito recente — disse ele ao procurador-geral. — Conhece a mãe dela, Caroline Sanford.

— Ah, sim. É um prazer.

— Emma, este é o Sr. Palmer. Sr. A. Mitchell Palmer.

— Finalmente! — exclamou Emma, encantada. — Sou de Bryn Mawr. Uma carta. Todos nós. A bomba de dois de junho. Trotski... quem mais podia ser? Sua divisão anti-radical. Fantástico. Escrevemos para o Sr. J. Edgar Hoover, a pessoa certa. Apesar de...

— Sim. Foi bastante barulhenta, eu garanto. A explosão.

Mas A. Mitchell Palmer não tinha ideia do que Burden soltara em cima dele. Emma finalmente encontrava a língua, pensou Burden ao afastar-se para cumprimentar outros convidados; infelizmente o cérebro dela movia-se agora

depressa demais para que a língua expressasse tanta urgência.

Burden completou sua ronda onde começara, na varanda. Um fragmento de lua crescente enfeitava o céu púrpura-escuro e os últimos vaga-lumes da temporada deslizavam preguiçosamente no vento oeste. Do vinhedo aproximaram-se duas figuras enlaçadas, sem perceberem que ele as observava. Diplomáticamente escondeu-se atrás de uma coluna quando Cissy Patterson, com o batom manchado, subiu à varanda, seguida pelo ligeiramente despenteado Nick Longworth bêbado. Os dois entraram na casa. Burden não ficou surpreso; Nick era um conquistador compulsivo, a quem a bebida desinibia, ao passo que Cissy era inquieta, na melhor das interpretações. Então, por desejo do destino, ou dela própria, Alice Longworth entrou na varanda pela outra porta. Não podia ter deixado de ver Cissy e seu marido juntos.

— Que noite fresca, depois de um dia tão quente — comentou ela, sentando-se de costas para a festa.

— Sempre adorei este parque — afirmou Burden, com mais sentimento do que merecia uma observação tão neutra.

— Não consigo pensar numa coisa que eu adore. — Alice estava melancólica. Quando não estava sorrindo o amplo sorriso rooseveltiano, seus lábios finos criavam uma linha de sombra, ao passo que à meia-luz seus olhos cinzentos ficavam opacos. — Este não é um lugar para se viver.

— Em nosso tipo de trabalho, é preciso.

— No seu tipo. No de Nick. Eu não tenho trabalho.

— Então vá embora.

— Para onde? Sempre achei que ia morar em outro lugar quando papai morresse. Mas agora que ele morreu mesmo, não há outro lugar. Vou virar monumento, como esses horríveis Apgar.

— Meus primos.

— Coitado de você! — Como um gato, Alice pôs-se de pé num salto; a auto-piedade desapareceu rapidamente.

Kitty saiu para a varanda:

— O Sr. Lansing quer falar com você, Burden...

— Vou escutar e contar tudo a Cabot — fez Alice. — Sabe, quando Wilson voltou para a Casa Branca eu fiquei no meio da multidão e roguei uma praga para ele, uma praga muito séria...

Burden foi até a porta.

— Praga? — fez Kitty.

— Um feitiço. Uma maldição. Eu sou bruxa, sabia?

— Você consegue enxergar o futuro? — perguntou Burden.

— Claro que sim — respondeu Alice. — Mas nunca faço isso. Não tenho coragem. Você teria?

— Não — fez Burden.

E foi até o canto onde Lansing e Hitchcock esperavam por ele no presente que os envolvia a todos como á noite com sua meia-lua e seus ociosos vagalumes.

O Presidente estava de pé no carro aberto. Edith estava sentada ao seu lado, segurando um ramo de flores. O Presidente segurava o chapéu na mão esquerda e acenava com a direita. O sorriso parecia genuíno; o cansaço também. Então o carro com seus batedores do Serviço Secreto entrou numa rua cheia de trabalhadores. Quando o Presidente acenou, eles cruzaram os braços e olharam em outra direção. De repente um homem ergueu um cartaz: "Liberdade para os Presos Políticos". O Presidente baixou o braço. O sorriso desapareceu. Edith ergueu os olhos para o marido com um horrível sorriso fixo, enquanto o veículo, como um carro fúnebre, atravessava a multidão.

As luzes se acenderam na sala de projeção.

— Onde foi isso? — perguntou Caroline, adequadamente chocada.

— Em Seattle. — Tim acenou para o homem do projetor. — É só isso.

Obrigado.

Saíram juntos da sala de projeção e atravessaram o saguão que recendia a mofo até os escritórios que a Famous Players-Lasky tinha alugado para Traxler Productions, na esquina de Vine com Selma. Logo teriam que decidir se compravam ou construíam um estúdio ou se continuavam pagando aluguel.

— Você não pode usar isso. — Caroline foi firme.

— Se eu soubesse como, usaria. Mas não tenho uma história onde colocar isso.

Tim fixou os olhos na fila de aroeiras que ladeavam a Rua Vine. O estúdio Lasky, como todos chamavam, ocupava dois quarteirões. Na Rua Vine ficava o estúdio, um prédio cinzento de dois andares, ao passo que nos fundos, na Rua Argyle, ficava o terreno cercado, cheio de barracões dos técnicos, ruas de Nova

York, aldeias francesas, mansões inglesas — todo tipo de cenário de que um filme poderia precisar.

Caroline estudou uma pilha de fotos suas. Na última hora, pelo menos para ela, um operador de câmera tinha descoberto que, se um pedaço de seda preta fosse colocado sobre a lente da câmera, subtrair-se-iam alguns anos da pessoa fotografada, acrescentando, portanto, alguns anos à vida ativa de atores mais velhos, entre eles Emma Traxler. As rugas desapareceriam ou eram reduzidas a meras essências platônicas. No pior dos casos, Emma simplesmente parecia abatida, porém espiritual, e era isso que o enredo de *Os anos perigosos* exigia: uma viúva rica apaixonava-se pelo melhor amigo de seu filho na faculdade, um rapaz que usa calças presas nos joelhos para enfatizar sua pouca idade. Embora o ator fosse apenas uma década mais jovem que Caroline, a nova lente fazia dele um garoto e de Caroline uma conservada mulher de trinta e tantos anos. No final, Caroline cometeria suicídio, algo que ela esperava com ansiedade. Geralmente era vista, no final de um filme, caminhando para o futuro num pântano desolado, que quase sempre era o Campo de Golfe Burbank depois que a máquina de fazer neblina disfarçava os buracos. Então, um close final de seu rosto luminoso, transfigurado, enquanto o órgão do Sr. Wurlitzer tocava a Quarta Sinfonia de Tchaikovsky e as mulheres na plateia choravam. De alguma forma, misteriosamente e sem querer, Caroline Sanford tornara-se Emma Traxler, se não para sempre, pelo menos pelo tempo que ela decidisse passar em Hollywood com Tim, e isso parecia ser a maior parte do ano.

Tim recuperara-se do fracasso de *Os jura-greves* através de um truque simples: reescrevera os cartões de legenda para favorecer a direção da ferrovia e denunciar os grevistas. O resultado tinha sido elogiado pela imprensa popular como uma vitória para o capitalismo; e ninguém fora ver o filme. Assim, no final, como Caroline observou, a integridade política tinha sido mantida.

— Você tem que admitir que aquela cena daria um final sensacional para uma história sobre os wobblies^[4]. Sabe, os operários ignorando o Presidente que colocara tantos de seus líderes na prisão.

— Para que perseguir o coitado do Sr. Wilson?

— Porque ele perseguia o coitado do Sr. Debs.

Caroline tomara a decisão de ignorar a curiosa linha política de Tim. "Filosofia" era uma palavra grande demais para descrever o que a ela parecia ser um impulso perverso de tomar sempre o lado dos fracos e perseguidos. Como os americanos só respeitavam os fortes e os lutadores, ela pelo menos conseguira convencê-lo de que era ruim para a carreira dele identificar-se demais com os odiados pobres; no entanto, surpreendentemente, quando ela sugerira que fizessem um filme sobre a Revolução de Outubro da Rússia ele não se interessara. Obviamente era mais radical do que revolucionário. Ela própria sabia demais sobre política para acreditar em outra coisa além do fato

prevalente da força nos negócios humanos. Henry Adams fora um bom professor.

Quando a secretária anunciou que Grace Kingsley do *Los Angeles Times* tinha aparecido, Tim deixou o escritório pela porta dos fundos. A coluna de lazer da Srta. Kingsley no *Times* era lida por todos em Hollywood, e bastante reproduzida em outros lugares. O mundo não se cansava de novidades a respeito do cinema, e a Srta. Kingsley era a principal ligação entre os estúdios e o público. Sendo solteirona, ela era espantosamente pouco escandalosa: não se interessava por romances ou escândalos, apenas pelos filmes planejados, em produção ou em lançamento.

— Querida Srta. Traxler! — A Srta. Kingsley despiu uma comprida luva da mão pintalgada e Caroline, embora preferindo a luva, apertou carinhosamente a mão. — É ótimo tê-la perto de nós. Meu coração se aperta quando tenho que ir a Burbank ou àquela *ultima* Thule, a Universal City. Sinto-me uma desbravadora! Tanto cactus, tanta cebola, e o desfiladeiro Cahuenga me apavora.

A Srta. Kingsley acomodou-se numa poltrona forrada de chintz.

— Acabo de vir do Sr. Griffith. Graças ao Sr. Lasky, ele conseguiu financiamento novamente, e vai poder terminar *Dias escarlates*, sem dúvida um futuro monumento aos filmes de faroeste, que, se minha memória não falha, ele nunca fez. Ele me contou também, e isto cá entre nós, é claro, pois ainda não vou publicar, que vai voltar para o Leste quando terminar seu contrato com a Arcraft aqui. Mas então outro passarinho me contou que ele acaba de assinar um contrato para três filmes com a First National, e isso vai mantê-lo aqui, imagino, por pelo menos outro ano.

— O estúdio dele está à venda? — quis saber Caroline.

Ela reverenciava o Sr. Griffith, como todo mundo; mas estava muito mais interessada no estúdio que ele construira na esquina dos bulevares Hollywood e Sunset: dois palcos sonorizados, uma casa cujo proprietário fora despejado, e um laboratório onde era possível não apenas experimentar efeitos especiais mas também criar um filme inteiro, desde a impressão do negativo à edição e à cópiagem para os distribuidores.

No caso de Griffith, o processo inteiro raramente levava mais de um mês. Uma vez tendo decidido o enredo, ele fazia seu desenhista contratado desenhar cada cena, que então entregava ao diretor de arte, que chamaria os carpinteiros, pedreiros e pintores do estúdio, para que os cenários fossem construídos. Enquanto isso, Griffith estaria ensaiando os atores. Durante anos ele próprio fora ator numa companhia de repertório, constantemente em turnê, e aprendera em primeira mão o que agradava ao grande público. Então, numa grande explosão de energia, às vezes em apenas 18 dias, ele realizava o filme numa atmosfera muito parecida com uma guerra, segundo Tim, que trabalhara como operador

de câmara em dois dos primeiros filmes de Griffith. Embora o próprio Griffith fosse sempre muito educado, gostava de criar tensão e inquietação à sua volta. Tim aprendera com ele tudo que podia, e logo se afastara.

— Eu suspeito... não tenho certeza... que ele vai vender, depois que terminar com seus compromissos aqui e se mudar para Mamaroneck, no Leste, só Deus sabe porquê.

— Nós gostaríamos de aumentar nossa produção, sabe? O Sr. Lasky tem sido muito gentil, mas estamos apertados aqui. O Sr. Farrell encontrou um lugar no Beco da Pobreza...

A Srta. Kingsley sacudiu a cabeça e suspirou.

— Não, não. Não para a Traxler Productions. Vocês são um símbolo de qualidade. Naquela rua eles fazem um filme por semana. Filmes vulgares!

Através da janela Caroline contemplou o Beco da Pobreza, quase invisível na vizinha Rua Gower. Os estúdios baratos pareciam uma fileira de galpões ou garagens reunidos ao acaso no que ainda era uma vasta plantação de laranjas.

— Poderíamos construir, eu acho.

— Faça isso! Como Charlie Chaplin. Aquele é um lindo estúdio. Como gosto de ir lá! Tão inglês! Servem chá o tempo todo, e é claro que é *lá* que considero minha casa, a verdadeira Hollywood, e não o Vale ou Culver City, apesar do querido Sr. Ince.

O estúdio de Chaplin ficava no lado ocidental de La Brea, abaixo do Bulevar Santa Mónica, ao passo que, dois quarteirões a oeste de La Brea, seu colega da United Artists, Douglas Fairbanks, construira *seu* estúdio. Ali Mary Pickford juntar-se-ia a ele se ela, uma católica, conseguisse divorciar-se de seu marido alcoólatra, uma fonte de constante interesse para o mundo inteiro, se não para Caroline, que nada mais queria que um palco sonorizado barato e seu.

— Você está pensando em fazer um filme sobre o terror comunista na Rússia — afirmou a Srta. Kingsley abrindo seu bloquinho.

— Como soube disso? — Caroline sempre se surpreendia com a quantidade de coisas que a distraída Srta. Kingsley sabia sobre tudo que se referia à "sua casa", a verdadeira Hollywood.

— Um dos meus passarinhos me contou. Ora, você sabe que aquele pessoal da Warner Brothers gastou cinquenta mil dólares para comprar o livro do embaixador Gerard sobre a Alemanha e a guerra, de modo que existe uma forte tendência a fazer filmes com histórias da vida real de natureza moderna. Você estaria trabalhando a partir de um compêndio sobre o assunto?

Caroline achou tanta graça em ouvir a palavra "compêndio" usada correntemente que disse sem pensar:

— Ah, sim. Sim! O compêndio será *Os dez dias que abalaram o mundo*. Se conseguirmos os direitos, é claro.

O bloquinho da Srta. Kingsley quase lhe caiu das mãos.

— Mas me disseram que esse é um "compêndio a favor do bolchevismo!"

— Ah, não da maneira como planejamos fazer o filme.

— Vai mudar a mensagem, como fez em *Os fura-greves*?

A Srta. Kingsley estava longe de ser a tola que aparentava ser, e Caroline já se arrependia de ter falado sem pensar.

— Naquela base, sim. O Sr. Farrell está ansioso para alertar todos os americanos para os perigos do comunismo, que está em marcha por toda parte...

A Srta. Kingsley cantarolava alegremente enquanto escrevia sem parar e Caroline improvisava sem parar. Então Emma Traxler foi interrogada a respeito de seus planos como atriz. Emma Traxler fizera cinco filmes desde *Os boches do inferno* e, embora todos eles tivessem dado dinheiro, nenhum se igualara à sua surpreendente estreia. Mesmo assim, Caroline espantava-se de ser uma espécie de musa que os produtores queriam usar. No ano anterior, Fairbanks convidara-a a representar a Rainha Berengária em seu *Ricardo Coração de Leão*; e ela aceitara ansiosa. Mas até então não havia planos para o filme. "Todos me acham contemporâneo demais para filmes de época", ele explicara quando se encontraram no restaurante Sala de Jantar dos Astros, no Hotel Hollywood, onde, surpreendentemente, de vez em quando alguns astros jantavam.

— Tenho planos, ou, melhor dizendo, esperanças de representar Mary Stuart antes de ficar velha demais. — Caroline gostava de usar a única palavra que Hollywood não aceitava.

— Ora, ora, ora — murmurou a Srta. Kingsley, como se Caroline tivesse confessado alguma doença incurável. — Não, não, não — prosseguiu. — Nunca velha. O Sr. Farrell vai dirigi-la?

— Acho que não é a linha dele. Eu gostaria de usar esse jovem diretor alemão, o Sr. Lubitsch.

— Vi o *Madame Du Barry* dele — disse a Srta. Kingsley com ar severo. — Muito europeu, sabe o que quero dizer?

— Mas Mary Stuart também era, e eu também sou — retrucou Caroline, ensaiando uma risada rouca como a de Sarah Bernhardt.

— Parece inteiramente americana, Srta. Traxler.

Depois que a Srta. Kingsley fez seu mais alto elogio, as duas discutiram o filme que Caroline estava rodando, agora em sua segunda semana de filmagem. Hoje ela estava livre porque a companhia estava fazendo uma cena de festa ao ar livre à qual sua personagem não fora convidada. A Srta. Kingsley recusou educadamente o convite para visitar as filmagens.

Caroline então acompanhou-a até a porta principal do estúdio, onde, como sempre, uma pequena multidão de fãs inocentes esperavam para ver os astros entrarem e saírem, não sabendo o que os fãs menos inocentes sabiam: que os astros costumavam entrar pelo terreno da Argyle, a um quarteirão dali. O Sr. Lasky em pessoa cumprimentou a Srta. Kingsley à porta, onde um policial do

estúdio montava "guarda. Lasky parecia um duende gordinho e alegre. Dos produtores judeus, era o único nascido nos Estados Unidos. Enquanto seu sócio, Zukor, era autoritário e rispido, Lasky era simpático e gentil; era apenas uma questão de tempo, todos achavam, até Lasky ser devorado pelo grande predador. Caroline estudava os diversos magnatas do cinema com todo o empenho e a fascinação de um antropólogo.

— Consegui Maurice Maeterlinck, Edward Knoblok, Somerset Maugham e Elinor Glyn.

Esse foi o cumprimento de Lasky à Srta. Kingsley, que respondeu com:

— Viva! Quando é que eles vêm?

— Em janeiro. Consegui todos eles. Quer um, Srta. Traxler?

— Quero, sim. Bernard Shaw.

Lasky franziu o cenho.

— Este não vem. Acho que está resistindo. Mas quando perceber que pegamos todos os escritores famosos, virá correndo, garanto.

Caroline deixou o Sr. Lasky com a Srta. Kingsley e atravessou o prédio para chegar ao terreno dos fundos, onde a rua de casas de granito de Nova York sempre lembrava como ela gostaria de trabalhar em *A casa da alegria*, da Sra. Wharton.

Estavam filmando na rua. Dois pistoleiros saíram de uma loja, atirando na câmera. Caroline escondeu-se atrás da rua, onde uma estrutura de metal segurava as fachadas, que eram tão realistas que não se podia perceber que não eram reais. Graças à Exposição de 1915 em San Francisco, Hollywood adquirira diversos pedreiros italianos de primeira classe, trazidos para construir os falsos pavilhões renascentistas. Em certa ocasião, Griffith contratara todos para construir a Babilônia de *Intolerância*, um cenário que ainda podia ser visto, um pouco descascado — elefantes de trombas erguidas e deusas da fertilidade — na esquina dos bulevares Hollywood e Sunset.

O cenário de Caroline ficava logo atrás da rua de Nova York — uma mansão com um gramado, rodeada de altas árvores do Leste, o que significava que o departamento de arte transformara, artisticamente, aroeiras em carvalhos.

Vinte damas e cavalheiros em trajes elegantes bebiam chá enquanto garçons circulavam com bandejas de sanduíches. O diretor estava sentado à direita do operador da câmera, um chapéu de feltro puxado sobre a testa. Os diretores se orgulhavam da originalidade de suas roupas. O diretor mais famoso de Lasky, Cecil B. DeMille, vestia-se como se fosse jogar pólo; outros, geralmente vindos do teatro, usavam calças listadas e paletós apropriados para um clube masculino em Nova York. Oleg Olmstead, diretor de Emma, estava vestido para jogar tênis, com o acréscimo do chapéu de feltro para proteger-lhe a cabeça do sol onipresente. Acenou para Caroline, que acenou de volta e ficou a observar a cena, na qual a atriz romântica do filme era do tipo ingênuo, uma

criatura louca como jamais se sonhara em qualquer lugar a não ser Hollywood, onde o aperfeiçoamento — e até mesmo a brutal recriação — da natureza alcançava o mesmo nível dos pedreiros italianos.

A festa seria observada pela abatida Emma Traxler em seu luxuoso quarto de dormir, cuja janela dava para o gramado. Ela estava acamada com o que o roteiro dizia ser uma tosse, mas que Emma decretara ser uma febre: o operador de câmara já tinha trabalhado demais com ela sem ter que lidar com um rosto contorcido pela tosse. Quando a personagem de Emma finalmente se convencia de que a juventude sempre procura a juventude, ela, apesar de sua fortuna e posição social, prontamente se suicidava, com um veneno não-identificado mas de ação rápida, que fazia seu rosto relaxar suavemente num doce sorriso final.

Quando a cena terminou, os extras foram dispensados e Mary Hulbert juntou-se a Caroline. As duas mulheres saíram juntas do estúdio.

— Você não imagina o que significa para mim estar trabalhando!

Mary fora uma mulher bonita e jovial, a quem a vida maltratara tanto que ela agora era obviamente triste e acabada. O primeiro marido, o Sr. Hulbert, morreria; o segundo, o Sr. Peck, divorciara-se. Um filho adulto vivia na cidade de Nova York com o dinheiro que ela conseguia lhe enviar.

Uns dez anos antes, Mary morava com a mãe numa encantadora casa nas Bermudas, e foi lá que recebera o reitor de Princeton, Woodrow Wilson, quando ele passava as férias na ilha sem a primeira esposa. Caroline tinha certeza de que os dois tinham sido amantes. Outros achavam que não; afinal, Wilson simplesmente gostava da companhia das mulheres, principalmente das que sabiam recitar poesia e falar dele com imaginação. Por mais de uma década os dois trocaram cartas, e as cartas tinham sido mencionadas na última eleição. O *Tribune* tinha recebido a oferta de cópias. Mas Caroline recusara, alegando que, embora fossem carinhosas, não podiam ser consideradas cartas de amor. Nessa ocasião Caroline conhecera Mary e a achara encantadora. As próprias cartas eram um mistério, no sentido de que Caroline não tinha ideia se a própria Mary estava por trás da venda. De qualquer maneira, elas não afetaram a eleição, e um dos admiradores milionários do Presidente, Bernard Baruch, comprara-as todas.

No ano anterior, Mary apresentara-se no hotel de Caroline em Los Angeles e as duas se trataram como velhas amigas, principalmente porque Caroline adorava o mistério de uma relação que jamais fora segredo para qualquer pessoa, inclusive a primeira Sra. Wilson, que, simpaticamente, convidava Mary à Casa Branca para distrair o Presidente — ao contrário da segunda Sra. Wilson, que ficou muito feliz quando Mary decidiu procurar seu destino na Califórnia como — sucessivamente e sempre sem sucesso — fazendeira, escritora, decoradora e atriz. Caroline arranjara-lhe trabalho no

cinema. Além disso, contratara Mary para escrever um roteiro sobre a rainha Mary da Escócia.

Caroline gostava do conforto de dirigir ela própria seu Graham-Paige preto conversível — nada de motoristas. Quando atravessaram o portão da Rua Argyle, os fãs gritavam "Emma! Emma!". Emma sorria seu fascinante sorriso de Madona e pensava com melancolia na ameaça de seu dentista de extrair um incisivo esquerdo, o que faria, segundo uma dezena de atrizes lhe tinham assegurado, a carne junto à narina afundar-se, o que significaria um rosto assimétrico na tela a não ser que o outro incisivo fosse extraído também — nesse caso, ela poderia ficar com um rosto inteiramente novo e indesejado.

Havia pouco trânsito no que para Caroline ainda era uma aldeia. Ela entrou à esquerda do Bulevar Hollywood, uma rua bastante suburbana, com casas amplas recuadas da calçada. Acima e paralela ao Bulevar Hollywood ficara a rústica Avenida Franklin, onde muitos astros moravam em colinas arborizadas que ainda eram selvagens: corujas, coiotes e tordos tornavam as noites barulhentas.

Na esquina de Cahuenga e Hollywood havia um pequeno grupo de lojas, inclusive a inevitável filial da United Drug Company, um banco e um grande bazar. Atrás dos prédios baixos das lojas, numa colina, ficava a mansão de Longpre, uma casa vitoriana com duas torretas, muito admirada pelos nativos. O dono, um pintor, oferecera a casa a Caroline, que respondera ser demasiado tímida para morar numa casa tão conspicua. Como estava fazendo, seu papel de Emma Traxler, isso era sem dúvida verdadeiro. Outros castelos, geralmente obra de dentistas e advogados de Chicago, tinham se mostrado igualmente impróprios. Ela estava agora confortavelmente instalada no último andar do Edifício Garden Court no Bulevar Hollywood, logo depois de La Brea, assim denominada porque a palavra "brea" significava breu em espanhol, uma lembrança dos famosos depósitos de alcatrão de La Brea, onde antigos residentes do planeta ainda podiam ser observados, mergulhados no breu.

Caroline estacionou diante do Hollywood Hotel pelo lado da Avenida Highland e pensou, como fazia com frequência, que Hollywood com seus trinta mil habitantes tinha todos os encantos de uma aldeia, sem as desvantagens. Apesar da atenção constante da imprensa mundial, era possível desaparecer dentro de casa nas montanhas e tornar-se parte da natureza, ou então pisar triunfalmente o palco do mundo, nos hotéis Hollywood ou Alexandria. Felizmente, no final da tarde, o palco do mundo, representado pela varanda do hotel, não estava cheio, e o único garçom lhes trouxe o chá.

Os automóveis que desciam o Bulevar Hollywood costumavam diminuir a velocidade para ver quem estava entrando ou saindo, ou tomando chá na varanda. Nos dias bons, Caroline gostava de ser reconhecida. Hoje era um desses dias, se não fosse pelo incisivo esquerdo, que agora nunca estava distante

de seus pensamentos enquanto ela imaginava o pesadelo de uma depressão ao lado da narina que poderia enojar as plateias que contemplariam, horrorizadas, a terrível assimetria de um rosto antes perfeito. Não sou realmente vaidosa, pensou ela, comendo um sanduíche de pepino. Sou simplesmente louca, como todos aqui.

— Como é que é ser duas pessoas? — Mary perguntou.

— Não são todos? Pelo menos duas, eu diria.

— Não tão publicamente, pelo menos. Você é uma pessoa na tela, uma mulher misteriosa...

— Um segredo sem esfinge? — fez Caroline, contribuindo para sua própria lenda.

— E é também a Sra. Sanford, que todo mundo conhece.

— Só todo mundo no distrito de Colúmbia, que fica muito longe. Adoro isto aqui.

— Dá para perceber. — Mary acendeu um cigarro. Sua mão, Caroline percebeu, estava trêmula. — Se eu não tivesse tantos problemas...

— Mary Stuart vai resolver isso. — Caroline já lhe dera um adiantamento pelo roteiro.

— Você tem sido muito generosa. — Mary riu, e Caroline vislumbrou o encanto que ela devia ter em melhores épocas. — Eu também fui generosa: não escrevi um livro.

— Talvez devesse fazer isso — disse Caroline Sanford, empurrando Emma Traxler para o lado. — *O Tribune* podia fazer uma série.

— Vou escrever. Um dia. Mas agora não posso. Tenho que esperar até que ele... saia de cena.

— Mas então ninguém vai se interessar.

— Ora, ele é eternamente histórico, não acha?

Um rapaz esguio e belo, com feições espantosamente regulares, cumprimentou Caroline, que lhe perguntou:

— Gostaria de ser Bothwell no meu *A rainha Mary da Escócia*?

— Detesto cavalos — disse ele simplesmente. — Viu o Sr. Griffith?

Caroline disse que não.

— Com certeza está escondido lá dentro. Vamos ter finalmente nossa estreia, no Auditório Clune.

— Nunca consigo me lembrar do nome.

— *O ramallete despedaçado*. — O rapaz riu. — Faço o papel de um chinês.

O rapaz entrou, e Mary comentou:

— Ele daria um Bothwell magnífico.

— Daria mesmo, se fosse vinte anos mais moço.

Caroline, que nunca se importara muito com o envelhecimento, agora o

odiava: se estava passando por isso tão bem, por que tinha que passar por isso? Um bonde elétrico vermelho passou lá embaixo na rua. Uma mulher acenou para Emma Traxler, que acenou de volta.

— Chegou a conhecer a Sra. Wilson?

Mary sacudiu a cabeça.

— Soube que ela tem ciúmes. Não posso imaginar por quê. Afinal, foi ela quem casou com ele.

— Você teria casado com ele?

A risada de Mary era encantadora.

— Ah, teria, sim, mas ele nunca me pediu. Pensei que ia fazer isso. Na verdade, ainda tenho a renda que comprei para o vestido com que esperava casar.

Caroline encarou-a com um interesse renovado. Os enredos dos filmes raramente eram tão inesperados.

— Então você deve ter tido boas razões para achar que ele ia querer casar com você.

— Tinha, sim. Afinal, eu fui a escolha da primeira mulher dele. Durante muito tempo ela soube que ia morrer, e gostava de me ter na Casa Branca para... distraí-lo. Foi o que fiz, ou tentei fazer. Quando eu não estava lá, ele me escrevia todos os domingos, durante anos e anos.

— As afamadas cartas de amor?

— As difamadas, eu diria, e não eram de amor. Mais de carinho do que de amor, e na verdade mais políticas que qualquer outra coisa.

Acho que foi por isso que ele ficou tão nervoso quando o Sr. McAdoo disse que eu estava mostrando as cartas aos outros. Ele sempre foi muito indiscreto a respeito de outros políticos, e estávamos em ano de eleição.

Caroline agora tinha certeza de que o Presidente e Mary Peck Hulbert tinham tido um caso. A brilhante exposição pública de sua amizade era prova disso. Naturalmente o Presidente era um homem muito estranho mesmo, como uma complicada peça de máquina cuidadosamente enrolada em torno de si mesma. No entanto, era mais que suscetível à paixão física; daí a indecorosa rapidez do segundo casamento, apesar das fortes objeções de seus conselheiros, principalmente o coronel House e McAdoo.

— Como foi que McAdoo soube que você estava mostrando as cartas?

Mary colocou um cubo de açúcar no chá e então, heroicamente, retirou-o.

— Ele não soube. Porque eu não estava mostrando. Foi uma conspiração qualquer na Casa Branca. Todos estavam preocupados, pois se o Presidente casasse com a Sra. Galt ele poderia perder a eleição. A coitada da Eilen morrerá apenas um ano antes. E além disso havia eu. No outono e inverno depois da morte de Eilen, ele me implorou que fosse ficar na Casa Branca. Mas eu não

podia. Meu filho tinha perdido muito dinheiro, e eu estava tentando conseguir trabalho como decoradora em Boston, que não é a melhor cidade para esse tipo de coisa...

Caroline murmurou que não, maravilhando-se com a diversidade dos interesses de Mary. Em sua pobreza, ela tentara todas as profissões exceto a óbvia: o casamento.

— Por que não se mudou para a Casa Branca e casou com ele?

— Eu devia ter feito isso — foi a rápida resposta. — Mas estava preocupada com meu filho, e com dinheiro, e estava escrevendo artigos para o *Ladie's Home Journal*. Eles disseram que tinham perdido alguns dos meus artigos, o que eu sabia que era mentira, de modo que fiz o Presidente, que horror, escrever para o editor, que logo encontrou os artigos e os publicou.

Caroline agora chegava à conclusão de que Mary Peck Hulbert era espantosamente, tola. Preocupar um Presidente em época de guerra com algo tão trivial sugeria uma verdadeira megalomania; preocupar de tal modo um homem enlutado e apaixonado por ela era monstruoso. Caroline contemplou Mary com absoluto deleite.

— Conte-me mais coisas sobre McAdoo.

— Bem, parece, não tenho certeza, que ele disse ao Presidente que alguém lhe escrevera anonimamente da Califórnia dizendo que eu estava mostrando as cartas dele aos outros, de modo que isso, e mais o fato de que ele tinha me dado 7.500 dólares, fazia parecer que...

Longe da mesa estava a luminosa Madona Emma Traxler; sentada agora em seu lugar como um anjo da vingança estava Caroline Sanford, jornalista amarela.

— Ele lhe emprestou dinheiro.

— Ah, emprestou, sim. Eu estava completamente dura, entende? De modo que fui à Casa Branca, em... bem, logo depois que o *Lusitania* foi afundado, eu me lembro. Pedi-lhe que aceitasse duas hipotecas minhas de 7.500 dólares, e ele concordou, embora não tenha me dito que estava prestes a casar-se com Edith. Mas acho que eu já desconfiava. Quero dizer, a gente sempre percebe esse tipo de coisa, não acha?

— É, sim. Sempre.

— Preciso ir.

— Ah, não!

— Você tem sido tão boa para mim, Caroline...

As duas puseram-se de pé.

— Vou levá-la de carro.

— Não. São só vinte minutos de bonde elétrico.

— Vai ouvir o discurso dele?

O Presidente iria discursar na noite seguinte no Shriners Auditorium.

— Não vou poder — disse Mary. — Mas vou almoçar com ele e Edith no dia seguinte. No domingo. Estou achando horrível, na verdade.

— Quer que eu vá com você? — Caroline lembrou-se de um tubarão que vira na costa da ilha Catalina e que, como um torpedo, atacara e quase destruíra um barquinho.

— Você iria? — A reação de Mary foi tão simpática e espontânea que sua intenção quase passou despercebida a Caroline. — Sei que você os conhece tão bem...

— Nem tanto assim. Mas o *Tribune* o apóia, de modo que ambos são amáveis comigo.

— Encontre-se comigo na portaria do Alexandria Hotel ao meio-dia e meia. Vou avisar a eles.

Mary então correu para a esquina de Highland e Hollywood, onde um bonde vermelho esperava. Caroline acenou-lhe quando o bonde elétrico partiu para o leste. Três homens subiram os degraus para a varanda. Ela reconheceu um deles. Ele fez uma reverência profunda; ela, uma ainda mais profunda.

— Sr. Griffith... — disse, respeitosamente.

— Madame Traxler... — Ele tinha uma voz melodramática, teatral, e parecia, apropriadamente, uma águia-careca americana. — Deveria estar num palco, trabalhando. Vejo-a parada junto a uma janela. Está amanhecendo. As cortinas brancas e leves atrás de você estão se movendo ao vento...

— De dentro ou de fora? — fez Caroline, sem conseguir resistir.

O grande homem riu.

— Você sabe tanta coisa! Metade dos diretores colocam o vento do lado de dentro. Preciso muito conversar com você. Depois da estreia...

— O Sr. Barthelmess está esperando pelo senhor lá dentro.

— Madame... — Outra reverência ainda mais profunda, e então ele entrou; quando passou, ela sentiu o cheiro do uísque em seu hálito.

No Garden Court, Héloise vivia o que considerava unha vida rústica e rural num apartamento renascentista em Hollywood. O apartamento de Tim era contíguo ao de Caroline, e a gerência não pusera objeções quando uma porta entre os dois fora destrancada. Mas o Garden Court acabara de abrir, e Emma Traxler era a primeira celebridade a fixar residência ali. Héloise ocasionalmente condescendia em cozinhar para os dois; depois, era cedo para as camas separadas. Caroline achava que fazer filmes era muito parecido com ir à escola: acordava-se ao amanhecer, passava-se o dia decorando textos e tentando agradar aos outros, depois ia-se dormir, como se dizia por lá, com as galinhas.

Caroline deitou-se num sofá, uma pilha de roteiros no chão a seu lado. No escritório, Tim fazia anotações para o trabalho do dia seguinte. Na pequena cozinha, Héloise manejava painéis ruidosamente.

Isso era a vida doméstica, Caroline concluiu agradavelmente; e também a

simplicidade. Nunca morara num apartamento antes; nunca vivera sem muitos empregados; finalmente estava livre de verdade, tudo graças à Califórnia e à nova invenção que reunira algumas das pessoas mais extraordinárias do planeta.

— Devo morrer de olhos abertos ou fechados?

— Psiu — fez Tim, sem parar de escrever.

— Abertos, eu acho. Andei praticando. Tudo que é preciso fazer é deixá-los fora de foco bem devagar.

— Você vai piscar.

— Não vou, não. Vou almoçar com o seu novo astro, o Sr. Wilson.

Isso atraiu a atenção de Tim, que pousou seu bloco de anotações.

— Quando? — perguntou ele.

— Domingo. No dia seguinte ao discurso.

— Vou filmar dentro do Shriners.

— Por quê?

— Não sei. Quero dizer, sempre posso usar aquela filmagem dele em Seattle em qualquer história sobre os sindicatos. *Contra* os sindicatos, é claro.

— É claro. Mas por que filmá-lo no Shriners?

— Pode acontecer alguma coisa.

— Acha que vão atirar nele?

— Não seria maravilhoso? — Os olhos azuis de Tim incendiaram-se de prazer. — Mas nunca teria uma sorte dessas.

— Graças a Deus. Gosto muito do Sr. Wilson.

— Ninguém até hoje filmou cenas da vida real, sabe, o Presidente num circuito de comícios pelo país, e depois misturou com uma história inventada.

Caroline vislumbrou as possibilidades — e os perigos.

— O que é, então, a história inventada?

— Ora, alguma coisa política. Talvez até relacionada com a Liga das Nações, mas tem que ter também uma história pessoal.

Caroline pensou em Mary Hulbert, uma história tão maravilhosamente despropositada, no entanto estranha, que a ficção não poderia abarcar, e os amantes na vida real a rejeitariam. Ela tentou visualizar a carta do Presidente para o editor do *Ladies Home Journal*. Então olhou para Tim e imaginou a bandeira vermelha atrás dele, ou, pior, a cruz.

— As possibilidades de termos problemas são infinitas, meu querido — disse, voltando para Emma Traxler, carinhosa, compreensiva, porém delicadamente repreensiva. — A. Mitchell Palmer está louco para colocar você na prisão por traição, e só o *Tribune* conseguiu evitar.

— Continue evitando — respondeu Tim suavemente.

— Por que mexer com política?

Tim assumiu um ar inspirado.

— Porque preciso.

— Você é comunista?

— Poderia ser. Um dia. Por que não?

Caroline suspirou.

— Vai se arruinar.

— Pensei que este fosse um país livre.

— Pensou? Então não *pense*, meu amor, nunca mais. Porque seu cérebro não é a sua qualidade mais... formidável. É o seu coração que o enaltece, e a mim. Estou falando exatamente como um cartão de legenda, e você não vai me escutar.

— Que foi que eu criei? — Tim estava encantado com Emma Traxler, menos satisfeito com Caroline Sanford. — Tenho certeza de que nunca falou assim antes de me conhecer.

— Ninguém fala assim fora do cinema — retorquiu Caroline. — A única liberdade que o americano tem é a de se conformar, como você já percebeu.

Caroline não se importava nem um pouco com a disparidade entre a reluzente imagem que o país fazia de si mesmo e a crua realidade. Estava inteiramente do lado dos dirigentes, por mais ridículos e desagradáveis que tantos deles fossem. Sentia certa pena do povo em geral, mas nada podia fazer por ele exceto revelar assassinatos através da imprensa e cometer suicídio na tela — com os olhos bem abertos, decidiu; e mesmo quando os saís fossem colocados sob suas narinas ela não piscaria, prometeu.

— Deixe a política de fora — concluiu.

— A Warners está indo muito bem com o livro daquele embaixador..

— Isso é sobra de material anti-boches.

Um tordo iniciou sua música do lado de fora da janela; Caroline levantou-se e foi conjtemplar Hollywood lá fora. A distância, as enormes ruínas da Babilônia persistiam em encher esteticamente o céu oriental com elefantes de gesso. Hollywood, ela concluiu, podia estar em qualquer lugar — exceto na terra e no tempo.

O Alexandria Hotel estava positivamente nos Estados Unidos e no tempo presente. O saguão regurgitava de homens do Serviço Secreto, policiais militares estaduais, policiais civis, delegações políticas, todos esperando um sinal do alto indicando que o Presidente os receberia. O intermediário era o homem do Serviço Secreto do Presidente, Sr. Starling, que estava sentado atrás de uma escrivaninha dourada perto dos elevadores. Tinha à sua frente uma lista de nomes e um telefone, e ostentava o ar abstraído de alguém que escolheu a invisibilidade. Na realidade, apenas aqueles que tinham negócios com o Presidente eram apresentados a Starling por um tenso subgerente.

Para surpresa de Caroline, Mary atrasou-se. Quando, esta atravessou o famoso tapete de um milhão de dólares que cobria o chão do saguão, Caroline percebeu que ela mancava levemente.

— Perdi o bonde. Onde eu moro ele só passa de hora em hora.

Mary dirigiu-se ao balcão da recepção, mas Caroline levou-a ao Sr. Starling, que ergueu-se ao vê-la.

— É um prazer revê-la, Sra. Sanford.

— Olá, Sr. Starling. — Caroline sorriu um sorriso Sanford. — Esta é a Sra. Hulbert. Somos esperadas para o almoço.

Starling franziu o cenho para a lista sobre a mesa.

— Pensei que fosse a Sra. Peck.

— Sou a Sra. Peck também.

De repente Mary era a Primeira Dama do Local. Starling dedicou-lhe um olhar longo e curioso, depois levou-as ao elevador.

— Este aqui vai direto ao andar deles. O policial vai fazê-las entrar — informou.

Starling foi ao telefone e as damas subiram.

— O Sr. Griffith mora aqui — comentou Caroline. — Ou morava. Os atores gostam mais de hotéis do que de casas.

— Coitadinhos — compadeceu-se Mary.

Um policial recebeu-as à porta do elevador e acompanhou-as até a sala de estar de uma ampla suíte, onde estava Edith Wilson. Perto de 1,80m de altura, ela podia parecer bastante ameaçadora em carne e osso. Cumprimentou Caroline carinhosamente. Então, com impecável cortesia, esticou inteiramente o braço e apertou a mão de Mary nas suas.

— Muito prazer em conhecê-la, Sra. Peck.

— O mesmo, Sra. Wilson. Sabe, voltei para meu antigo sobrenome, Hulbert.

— Lamento — foi a resposta ambígua.

Brooks, o criado negro, abriu a porta do quarto e o Presidente entrou, muito bem vestido num paletó esportivo azul e calças brancas.

Parecia um pouco queimado de sol; no entanto, não aparentava saúde. Os olhos atrás do pincenê eram vagos. Mas o sorriso era genuíno.

— Mary! — exclamou, e apertou a mão dela durante um longo momento. — Você não muda — acrescentou.

No extremo oposto do aposento, Brooks ajudava um garçom do hotel a preparar uma mesa de almoço para cinco. O Presidente indicou que as duas se sentassem.

— Sra. Sanford, ainda me lembro quando assistimos seu filme com a senhora, e jamais imaginamos que era a senhora que estávamos vendo.

— Eu adivinhei, Woodrow — interpôs Edith, serenamente sábia.

— Você suspeitou — corrigiu ele. — Mas nenhum de nós tinha certeza. Agora a senhora está em todos os filmes!

— Apenas parece que estou em todos os filmes.

— Como é que chora com tanta facilidade? — perguntou Edith. — Quero dizer, nunca tendo representado antes.

— Todos nós representamos o tempo todo em nossa vida...

— Eu sim — fez o Presidente. — Mas pensei que era o único.

— Você é um ator nato — comentou Mary em tom carinhoso. — Nunca vou esquecer o rei Lear que você fez na praia nas Bermudas, só para Mark Twain e eu.

Muito bom, pensou Caroline, olhando de relance para Edith, cujo sorriso parecia ter sido entalhado na manteiga firmê de seu rosto redondo e cheio.

— Eu não fui ao Shriners ontem à noite — Caroline resolveu intervir. — Mas o *Times* adorou, e o Sr. Farrell, lembra-se, o meu diretor?, ele disse que foi emocionante.

Wilson assentiu vagamente, olhos em Mary, que estava acendendo um cigarro. Edith continuava sorrindo.

— Mas não está fazendo discursos demais? Quero dizer, para a sua... — Caroline ia dizer "saúde", mas substituiu: — ...voz?

— Claro que está. — Edith foi firme. — Mas quando resolve uma coisa...

— Tenho que me equiparar à oposição. Hiram Johnson anda por todo o estado atacando a Liga. O pior é o... o...

Wilson interrompeu-se e franziu o cenho. O sorriso de Edith era impenetrável. Caroline suspeitou de afasia, algo de que ela própria sofria quando estava cansada: a palavra necessária, mesmo a mais simples, desaparecia de repente.

— ... a acústica — disse Mary corretamente, para grande desprazer de Edith. — Os painéis de ressonância nunca estão no lugar certo.

— Mas San Diego foi ainda pior — continuou Wilson, feliz por estar novamente na rota. — Eles têm um aparelho novo chamado "fone de voz". A pessoa tem que ficar absolutamente imóvel e falar para dentro dele, e de um modo qualquer ele é ligado a alto-falantes. Como o rádio, imagino. Nunca passei momentos tão difíceis. Gosto de me movimentar, sabem, mas lá estava eu, condenado à morte se me movesse.

— Foi horrível para Woodrow. Mas trinta mil pessoas o escutaram como se ele estivesse falando ao ouvido de cada uma delas.

— Não, não. — Wilson franziu a testa. — Não é verdade. Bem à minha frente havia uma seção que não conseguia ouvir coisa alguma. Absolutamente nada. — O rosto avermelhou-se. Ele sacudiu a cabeça e tossiu. — Asma — murmurou dentro do lenço. — Imaginem, logo agora!

Repentinamente o almirante Grayson estava dentro da sala. Cumprimentou Mary e Caroline, tomou o pulso do Presidente, sorriu e disse:

— O almoço está pronto. Este era para ser nosso domingo de descanso.

Caroline achou que isso era dirigido a Mary, mas enquanto os levava para

a mesa o Presidente descreveu suas aventuras naquela manhã.

— Eu estava querendo visitar uma velha amiga da minha esposa, minha finada esposa, que mora aqui mas não tem telefone. Então, a primeira coisa que fizemos foi sair pela porta dos fundos, fugindo da imprensa e da multidão, e fomos à casa dela, mas ela não estava. Então o homem do Serviço Secreto descobriu que ela tinha ido para a estação ferroviária para me ver, de modo que corremos para a estação e lá estava ela...

— Podem imaginar? — fez Edith. — Nós dois correndo por Los Angeles com o Serviço Secreto muito atrás ou então bem na frente...

— Como Mack Sennet — disse Wilson — conhece-o?

Voltou-se para Caroline, que enviou uma afirmação silenciosa, tipo Emma Traxler.

— Diga a ele que jamais me cansarei do Ben Turpin. Ele me lembra o Senado...

— Ele me lembra você hoje de manhã, tão pouco sério — interpôs Edith placidamente. — De qualquer maneira, lá estava a velha amiga de Eilen no trem na estação, de modo que tivemos mesmo uma conversa íntima, rodeados de milhares de eleitores curiosos. Então corri de volta para cá para providenciar o almoço, e Woodrow veio em seguida.

Caroline entendia por que Edith não estava feliz com a ideia de dividir o dia bíblico de descanso com uma amiga da primeira esposa e uma ex-amante do marido. Mary não aumentou a alegria de Edith ao perguntar a Wilson:

— Lembra-se deste vestido?

Ajudou ainda menos quando Wilson assentiu e respondeu:

— Você o usou em maio de 1915, na Casa Branca.

Edith ergueu o cardápio.

— O que é, ou são, abalone? — perguntou em voz de fúria contida.

Felizmente a paixão do Presidente pelo cinema agora era maior do que a sua antiga paixão por Mary, de modo que Caroline ganhou inúmeros pontos aos olhos de Edith contando todos os casos de Hollywood de que conseguiu lembrar-se. O Presidente estava particularmente interessado no que seu genro, McAdoo, tinha conseguido na United Artists.

Durante o almoço, Tumulty assomava à porta do aposento contíguo e dizia "Convertidos, senhor", e Wilson era obrigado a ir até a outra sala apertar as mãos de delegações de visitantes. Mary e Edith então discutiam os méritos e deméritos da Califórnia, um estado que eles tinham finalmente rejeitado para sua aposentadoria por ser distante demais. Edith não especificou de quê.

Finalmente, liquidados os convertidos e o almoço, sentaram-se na sala de visitas da suíte e Mary contou que pessoas desconhecidas, porém suspeitas, tinham revistado sua casa e roubado as cartas de Wilson.

— Que nossa querida Caroline teve em oferta e recusou, por isso a

convidei.

— Quem foi que as ofereceu? — Edith voltou-se para Caroline, mas seus olhos não se afastaram do rosto cansado do Presidente.

— Um jornalista que conhecemos. Não quis revelar como as conseguiu. Os jornalistas nunca revelam essas coisas. Recusei, é claro.

— Pobre Mary, pensar que você passou por tudo isso por minha causa... — suspirou Wilson.

— Bem, com tanta fumaça com certeza há algum fogo — disse Edith, numa tentativa de humor.

— Mas com certeza você não era amante de von Bernstorff.

A resposta súbita e pesada de Mary tornava claro por que Wilson costumava adorar sua companhia. Antes de se casar com Wilson, Edith realmente conhecera — até que ponto? — o notório embaixador alemão.

Edith apurou o ataque com aparente simpatia sulina que envolvia um simulacro de risadinha negróide, seguida de:

— Juro que as histórias, que inventam sobre nós são mais interessantes que os filmes.

Felizmente Wilson não percebera — ou compreendera — esse diálogo.

— Pensei em renunciar — disse de repente, e levou o dedo aos lábios, num aviso não inteiramente fingido de que tudo isso era segredo.

— Mas está com ótima aparência. — Mary estava interessada agora em seus próprios problemas, e Caroline podia perceber que uma carta do Presidente para, talvez, seu senhorio, seria necessária.

— Não por motivo de saúde. Por causa da Liga das Nações. Se tiver dificuldade com o Senado, e rezo para não ter depois dessa turnê, mas se tiver vou propor que todos renunciemos, o vice-presidente, eu e os senadores que se opõem, e que então tenhamos uma eleição nacional para decidir se a Liga será ou não aceita.

Caroline não podia acreditar que o Presidente estivesse falando seriamente; mas quando viu Edith balançando a cabeça como um Buda, ela compreendeu que Wilson tinha entrado numa fase nova e perigosa.

— Os governadores estão dispostos, soubemos — disse Edith. — São eles que têm que convocar a eleição, estado por estado.

— Então você terá o governo parlamentar que sempre desejou — fez Mary, permitindo-se distrair-se com a história por um momento.

Wilson sorriu.

— Não tinha pensado nisso. Mas imagino que é o que estaríamos fazendo, indo ao país, como dizem os ingleses, e a respeito de um grande assunto, em vez da política de sempre. Seria um prazer tão grande concentrar aqueles cérebros de minhoca do Senado em alguma coisa importante!

Mary então voltou, com gentil persistência, aos problemas financeiros do

filho e ao alto custo de vida em Los Angeles. Edith sorria e espumava ao mesmo tempo.

Caroline sentiu-se embaraçada pela monotonia do egocentrismo de Mary. Por outro lado, o Presidente contemplava-a absorto, como se ela ainda fosse encantadora e ele estivesse encantado. Então Grayson entrou. Era o fim da audiência.

Edith ergueu-se.

— Muito obrigada por ter vindo nos visitar — disse a Mary, que acabava de começar a descrever a possibilidade de entrar em sociedade com a decoradora Elsie de Wolfe, como associada em Los Angeles.

Edith deixou o aposento para buscar o casaco de Mary. Caroline dirigiu-se — deslizou — para a janela, para colocar a maior distância possível entre o casal reunido pelos astros. Tentou não escutar, contemplando Culver City a distância, entre tantas agressivas plantações de cebolas cuja planura era quebrada abruptamente pelo estúdio em estilo de mansão sulina de Thomas H. Ince, o primeiro produtor dela, cujos visitantes não eram recebidos pelo policial costumeiro mas sim por um gracioso mordomo negro em traje completo.

— Que é que posso fazer? — A voz de Wilson era baixa, mas não o suficiente para os ouvidos aguçados de Caroline.

— Você poderia ajudar meu filho. Em Nova York Aqui está. Escrevi o nome e o endereço dele.

— Mas e quanto a você?

— Lindo casaco — disse Edith.

Caroline voltou-se para observar o curioso triângulo. As despedidas foram feitas. Mas Wilson insistiu em levar as senhoras até o elevador. Edith ficou onde estava, em toda a sua plácida imensidão.

Enquanto o policial segurava a porta aberta do elevador, Mary recitou de repente:

— "Com toda a minha vontade, mas bem contra o meu coração, agora nos separamos."

Havia lágrimas nos olhos de Wilson quando as duas mulheres entraram no elevador e as portas se fecharam. Caroline e Mary desceram para o saguão. Perto da janela do caixa, Mary fez uma pausa.

— Conhecem você aqui, minha cara?

— Acho que sim — disse Emma Traxler, conhecida por todos.

— Você poderia me ajudar a descontar um cheque minúsculo?

Estive tão ocupada trabalhando no seu filme, e hoje, naturalmente, é domingo...

Emma Traxler obrigou um funcionário relutante a descontar o cheque. Pelo menos, o Presidente fora poupado da indignidade de endossar o cheque de Mary Hulbert.

O vice-presidente dos Estados Unidos encarou os olhos cegos dó Cícero de mármore enquanto Burden recostava-se em sua cadeira giratória de couro preto, os pés sobre a escrivaninha.

— Esta é a coisa mais parecida com o velho Bryan que eu já vi — Marshall declarou finalmente.

Burden assentiu num gesto grave. Era para ele uma contínua fonte de prazer que ninguém jamais tivesse reconhecido o busto em tamanho natural como sendo Cícero. Todos pensavam tratar-se de Bryan, progenitor político de Burden.

Depois de um dos verões mais quentes da história, o outono também fora quente; e agora, em outubro, as folhas não tinham amarelado, mas simplesmente queimado e caído, e o Capitólio parecia poeirento e nu em sua colina marrom.

Marshall sentou-se perto da lareira e acendeu um charuto que custara mais que o "bom charuto de cinco centavos" que ele certa vez dissera tão memoravelmente que o país precisava.

— Esteve na outra ponta ultimamente?

Assim eles se referiam à Casa Branca, no extremo oposto da Avenida Pennsylvania.

Burden sacudiu a cabeça.

— Tumulty não me deixa falar sequer com a Sra. Wilson.

— Esteve ruim — disse Marshall. — Agora está pior. O Presidente está à morte.

— Quem lhe contou?

O espanto de Burden não era tanto pela alarmante notícia, quanto pelo fato de que alguém conseguira descobrir alguma coisa do que se passava por trás dos portões trancados da Casa Branca.

— Não posso dizer. Tumulty diz que vai esclarecer. Mas não esclarece. Grayson é médico, e eles não falam... a não ser quando falam. A Sra. Wilson é a presidenta... E tudo o que fazem é nos impingir a ladainha oficial sobre um colapso nervoso, seja lá o que for isto, no trem, de modo que tiveram que voltar correndo para Washington. Soa como se ele tivesse tido uma espécie de derrame, por isso não pode aparecer em público. Agora, hoje de manhã ele foi encontrado caído no chão do banheiro, parece que está paralítico e os rins não funcionam, e os filhos da puta se recusam a revelar ao país ou a mim, o vice-

presidente. As notícias que tenho são através dos mexericos.

Embora Burden pessoalmente gostasse de Wilson, a questão agora estava além dos gostos pessoais. Não era um homem que estava doente, e sim um sistema político que estava paralisado.

— Conversou com Lansing?

— Hoje não. Ele está dirigindo o Gabinete de um modo *ad hoc*, e todos continuam cuidando de seus departamentos como sempre fazem, mas, meu Deus, temos uma greve de metalúrgicos nas mãos e uma greve de carvoeiros, e o inverno vindo aí, a lei marcial em Omaha, graças ao linchamento daquele negro, e além disso Lodge...

— Lodge. Se eu fosse você, pegaria Lansing e iria à Casa Branca, pediria para ver o Presidente. Se disserem que não, invoque a Constituição e retire-o do cargo até quando ele estiver capaz de exercer seus deveres.

A posição de Burden era severa e precisa. O governo americano não podia funcionar sem um Executivo, apesar das pretensões dos empavonados senadores.

— Não tenho coragem, simplesmente. — Marshall parecia desanimado. — Lansing mencionou o assunto à Sra. Wilson, e ela quase arrancou a cabeça dele.

Burden pensou em como as coisas seriam diferentes se ele, e não Marshall, fosse vice-presidente.

— Por quanto tempo eles poderão enrolar todo mundo?

— Quem é que vai impedi-los? Você percebe que ele podia morrer e Grayson, Tumulty e a mulher podiam continuar fingindo que ele está ótimo?

— Ele ainda precisa assinar as leis. Hitchcock está com quatro em sua mesa, inclusive a proibição às bebidas alcoólicas, e se não forem assinadas ou vetadas dentro de dez dias, serão leis.

— Droga, Burden. Você e eu sabemos que qualquer das nossas secretárias pode assinar nosso nome tão bem quanto nós.

Os dois homens ficaram em silêncio. A primeira regência americana tinha começado e nada se podia fazer a respeito, enquanto a esposa do Presidente e o seu médico dissessem que ele tinha capacidade. Enquanto isso, a Liga, pela qual Wilson dera, se não a vida, pelo menos a saúde e provavelmente a sanidade mental, ainda podia ser salva. Lodge concordara com o princípio de duas ligas. Uma no hemisfério oriental e outra no hemisfério ocidental, onde a Doutrina Monroe tinha lugar. Juntas, as duas seriam mais fortes e menos perigosas que uma só. Finalmente, por mais que Lodge odiasse Wilson e toda a sua obra — as forças antigas que ele orgulhosamente liderava denominavam-se o Batalhão da Morte —, ele era também um senador internacionalista da Nova Inglaterra e percebia a loucura de perder um instrumento potencialmente tão promissor quanto uma liga mundial liderada pelos Estados Unidos; daí a sua

invenção de um Augusto do Leste e um do Oeste. Mas agora não havia um Presidente com quem lidar, e seu sucessor legal encarava, desanimado, o fogo da lareira de Burden, um charuto de um dólar entre os dentes.

Só em 17 de novembro foi que Burden e Hitchcock foram convocados à Casa Branca. Hitchcock tinha estado lá antes, e avisou Burden para não mostrar surpresa diante do que visse.

— E diante do que eu ouvir?

Hitchcock não respondeu. Os portões da Casa Branca foram destrancados e o comprido Packard estacionou no pórtico norte. O dia estava frio e seco, e em toda parte havia montes sujos de neve antiga, deixada pela recente nevasca costal que sempre coincidia tão direitinho com as greves dos mineiros de carvão. No momento, quase quatrocentos mil mineiros recusavam-se a trabalhar, e o líder deles, John L. Lewis, duvidava publicamente de que os homens do general Wood pudessem cavar com suas baionetas carvão suficiente para aquecer a nação.

A Sra. Wilson e o almirante Grayson esperavam por eles no saguão do andar superior. Ambos mostravam um sorriso incongruente; ambos pareciam não dormir havia uma semana. Fora isso, o corredor normalmente movimentado parecia a ala terminal de um hospital. Nenhuma secretária ocupava a escrivaninha da Srta. Benson, sobre a qual, Burden percebeu, descansavam a bolsa e o tricô da Sra. Wilson. Obviamente ela passava muito tempo à escrivaninha, vigiando a porta.

— Temos ótimas notícias, cavalheiros — disse a Sra. Wilson. — Ele está numa cadeira de rodas, e esta tarde vamos sair pela primeira vez.

— A recuperação tem sido espantosa, realmente espantosa — afirmou o almirante Grayson.

— De quê? — Burden não se sentia nem um pouco cortesão.

Hitchcock lançou-lhe um olhar severo, mas os conspiradores estavam preparados para perguntas.

— Primeiro, exaustão da turnê. Depois o que tínhamos ser uremia. Depois um problema na próstata, que surgiu e, com a medicação, já desapareceu.

— Não queríamos uma operação, Woodrow e eu, embora alguns médicos quisessem. Graças a Deus não quisemos. Agora ele está convalescendo. — Com uma risada alegre, a Sra. Wilson levou-os para o quarto.

O Presidente estava cuidadosamente arrumado numa cadeira de rodas diante de uma janela cuja luz colocava-o em silhueta, de modo que era difícil distinguir as feições do lado direito de seu rosto, ao passo que o esquerdo estava virado para a janela. Usava um xale, de dentro do qual estendeu a mão direita e apertou firmemente a mão de cada senador.

O Presidente estava inteiramente irreconhecível. Para começar, usava

uma comprida barba branca que parecia um acessório de teatro de comédia. O rosto normalmente esguio agora era cadavérico; e a fala levemente arrastada. O boato era verdadeiro, afinal. O lado esquerdo de Wilson estava paralisado. Fosse quais fossem seus outros problemas, ele sofrera um grave derrame.

— Não sou a imagem da saúde — disse, com meio "sorriso. O lado esquerdo do rosto, embora voltado para outro lado, mostrou cair quando o direito ergueu-se. — Porém, comparado com o que eu era há poucas semanas, sinto-me um garoto.

Ele fez um gesto para Grayson com a mão direita, e esse retirou-se com relutância. Para surpresa de Burden, Edith ficou sentada perto deles, tomando notas da conversa. Que pretendiam os regentes?

— Tivemos alguns visitantes importantes. — O Presidente mostrava-se deliberadamente tagarela. — O príncipe de Gales queria saber em que quarto seu avô dormiu, na época de Buchanan. Contei-lhe que seu avô certa noite fugiu pela janela para ir a uma festa. Ele quis saber qual janela. — Wilson ergueu a mão direita e deixou-a cair no colo. — Então o rei e a rainha da Bélgica vieram retribuir nossa visita. Eu estava usando um suéter, que achei menos inadequado que um roupão. A rainha contou à imprensa que eu usava um suéter pesado, o que foi entendido como um suéter rasgado, retratando-me como um pobretão, e centenas de generosas senhoras mandaram novelos de lã para minha esposa me consertar. — A cabeça girou na direção dos senadores. — Quero que o preâmbulo revisto seja retirado do tratado. Se não for, vou vetar o tratado com todas as emendas.

— Então, senhor, devo instruir os senadores de nosso partido a votarem contra o tratado se o preâmbulo permanecer?

Wilson assentiu.

— Não entende que se eu me recusar a vetar, mas não aceitar o tratado com as emendas, deixando-o no fundo da gaveta, Lodge não poderá dizer que matei minha própria Liga?

— Mas não é o que está fazendo? — Por mais sutil que fosse, a lógica que se baseava numa falsa hipótese costumava irritar Burden.

— Não. — A voz do professor de história era neutra e fria. — Ficará claro, quando os senadores demperatas votarem contra o tratado, que o tratado não é mais o que era. Então, quando o Senado entrar em recesso, o público e a imprensa terão tempo para convencer pelo menos dois terços dos senadores de que o jogo de Lodge é simplesmente um interesse partidário e não um reflexo da vontade das multidões que encontrei no Oeste, dia após dia, até... — A voz interrompeu-se.

— Naturalmente um tratado qualquer é melhor que nenhum tratado, a essa altura... — insistiu Burden.

— O Presidente precisa tomar seu remédio — disse a Sra. Wilson, pondo-

se de pé.

Os senadores ergueram-se. Wilson estendeu a mão direita a cada um deles; mais uma vez, o aperto foi surpreendentemente vigoroso.

— Talvez tenha chegado a hora de levantar a bandeira branca — afirmou Hitchcock, sempre inoportuno aos olhos de Burden.

— Deixe que Lodge faça isso. — O velho de barbas brancas parecia entalhado em gelo.

No saguão, a Sra. Wilson voltou-se para Hitchcock

— Acho que o senhor tem razão, senador. Eu aceitaria qualquer emenda para resolver essa coisa horrível, e ele possa ficar bom. Mas ele me pediu. — Os olhos escuros e apertados, olhos de índio, brilhavam com lágrimas. — Ele disse: "Garotinha, não me abandone, eu não poderia suportar. Não tenho o direito moral de aceitar qualquer mudança num documento que assinei sem dar aos outros signatários, até mesmo aos alemães, o direito de fazer a mesma coisa. Não que eu não pudesse aceitar; é a honra do país que está em jogo."

Hitchcock ficou visivelmente comovido. Burden ficou visivelmente irritado — era o que esperava.

— Que é que o coronel House aconselha? — perguntou.

— Não sei. Não estivemos com ele. — Isso confirmava o boato de que House tinha sido excluído da equipe do Presidente. — Disseram-me que ele está em Washington. Mas infelizmente nossa porta está fechada.

— Até mesmo para Lorde Grey?

O secretário de Relações Exteriores britânico chegara no mês anterior para assegurar a todos que o governo de Sua Majestade não criaria fortes objeções às várias emendas de Lodge, contanto que no final houvesse uma Liga das Nações mundial. Mas o Presidente não o recebeu porque, segundo Alice Longworth, cujos mexericos eram sempre escandalosos mas nem por isso menos acurados, um dos assessores da embaixada britânica fizera uma piada imperdoável a respeito da Sra. Wilson (Pergunta: "Que foi que a Sra. Galt fez quando o Presidente lhe propôs casamento?" Resposta: "Caiu da cama"), e quando a Sra. Wilson pedira a demissão do assessor, Lorde Grey recusara, e agora estava sendo castigado e a porta estava fechada para ele também, assim como para o coronel House.

— O príncipe de Gales tocou no assunto! Imagine, envolver um garoto numa coisa dessas! Nós só o recebemos porque os pais dele foram muito bons conosco quando chegamos no meio dos feriados de Natal. De qualquer maneira, não devemos coisa alguma a Lorde Grey; muito pelo contrário.

Uma campainha soou no quarto.

— Não vão — ela pediu, e correu ao quarto do doente.

— Vamos conversar com o vice-presidente — disse Burden secamente.

— Já conversei. Ele não vai mover uma palha. Sabe como é que mantém

contato com ele? — Hitchcock estava agora sussurrando. — Tumulty conta ao seu amigo no *Baltimore Sun* o que está acontecendo aqui e esse amigo conta a Marshall.

— Então talvez tenhamos que ir à justiça para tirar essa gente.

Burden espantou-se com sua própria raiva e sua total falta de compaixão. Ou a nação era séria, ou não era. Ou havia um Presidente trabalhando ou havia uma perigosa ausência, que não podia ser preenchida por uma esposa leal e um médico da Marinha.

— Mas ele não está incapacitado. Vetou a Lei Volstead. Está fora da cama...

A esposa leal retornou.

— O Presidente disse que os democratas devem votar contra o tratado, mas em vez de dizer que estão *derrotando* o tratado, devem dizer que o estão *anulando*.

Com isso, o líder da minoria do Senado e seu vice partiram. Burden via um futuro desastroso e um Presidente republicano no ano seguinte.

3

Jess e a Duquesa estavam sentados com os McLean na galeria do Senado. Mais uma vez, toda Washington reunira-se para ver o Batalhão da Morte esmagar o Presidente e a Liga das Nações. Abaixo deles, W. G. acenou para a Duquesa, enquanto os senadores enchiam o plenário. Na realidade, o Senado inteiro estaria presente para ouvir Lodge apresentar o relatório de seu comitê. Então, depois de um debate, a Liga seria colocada em votação. W. G. já tinha sido convidado por Lodge para abrir o debate pelo lado republicano, em apoio à Liga modificada a qual os democratas iriam então confusamente votar para anular.

— Warren está muito nervoso — disse a Duquesa a Evalyn McLean. — Passou dias ensaiando na frente do espelho.

— Pensei que ele improvisasse na hora de falar.

Evalyn voltara a ser como antes; Ned, por outro lado, estava sóbrio, sinal de algo de novo em sua personalidade, ou em seu figuredo.

Jess observou a galeria apinhada. A autodesignada coronela do Batalhão da Morte, Alice Longworth, estava acompanhada por Ruth Hanna McCormick, filha de Mark Hanna, esposa de Medill McCormick, recentemente eleito senador por Illinois: jovem, agressivo e ambicioso, irmão de Robert McCormick, do

Chicago Tribune. Medill ia ser Presidente um dia, diziam todos, inclusive Alice, que adorava a esposa dele, uma senhora tão agressivamente partidária quanto ela. As duas reinavam no final de uma fila de poltronas. Vários senadores agrupavam-se em volta de Alice, que era como aquela mulher que tricotava junto à guilhotina num dos filmes favoritos de Jess. Sempre que ela passava um ponto, dizia: matem, matem, matem.

Jess chegara a ouvir a Sra. Longworth chamar o senador Lodge de senador Lord, porque ele pretendia estabelecer uma liga não-wilsoniana. Ao mesmo tempo, sempre que algum senador ousava sugerir que o magnífico Theodore Roosevelt algum dia pensara numa liga, ela lhe mandava um severo bilhete da galeria. Alice tinha sido escolhida pelos céus e por ela mesma para ser á guardiã da chama de Roosevelt, assim como a madrinha do herdeiro de Roosevelt, o general Leonard Wood, o candidato republicano progressista que tão pouco tempo antes deliciara o país ao liquidar as greves usando o Exército, em guerra aberta contra o que ele chamava "radicalismo" e a que Jess podia apenas dizer "amém". Mas Daugherty achava que o general Wood ia perder o impulso. Quando isso acontecesse, o partido voltar-se-ia para W. G. Até então W. G. não se pronunciara.

Houve um frêmito no salão quando o vice-presidente entrou pelas portas de vaivém, subiu com passos elásticos os degraus para o trono elevado e murmurou algo para o parlamentar que nunca estava muito afastado dele. Então Thomas R. Marshall bateu o martelo com força. O Senado estava em sessão, e até Alice Longworth sossegou.

O senador Lodge, mais do que nunca parecendo uma abelha esbranquiçada — por demasiado... pólen presidencial? — leu o relatório da comissão de Relações Exteriores a respeito do tratado, com 14 emendas, uma para cada um dos famosos Quatorze Pontos de Wilson. Então o senador Harding ergueu-se para endossar o árduo trabalho da comissão.

Jess achou W. G. magnífico, como sempre. Ele usou todos os seus famosos seis gestos da maneira mais natural. A voz tinha enorme vigor. Os argumentos, bons ou não, arrepiavam Jess e a galeria. Até mesmo Alice Longworth ergueu-se e aplaudiu quando ele proclamou:

— Tenho a profunda convicção de que o Acordo da Liga das Nações, como foi negociado em Paris, ou cria um supergoverno dos países que dele participarem ou mostrar-se-á a maior decepção de nossa era. Não posso acreditar que nossa república deva aceitá-lo em qualquer dos dois casos.

Só a ameaça do vice-presidente, de evacuar a galeria, pôs fim à demonstração de entusiasmo. As pessoas favoráveis à Liga pareciam desanimadas, na melhor das hipóteses. Burden Day foi tão eloquente quanto Harding, mas não recebeu aplausos porque apoiava a Liga original aprovada pelo Presidente Wilson em Paris, e não aquela que Lodge recriara com tanta

habilidade. Day insinuou também que um meio-termo na forma de duas ligas poderia ser aceitável por todos, mas isso foi recebido em perplexo silêncio.

À medida que as horas passavam, Jess ficava cada vez mais exausto, mas a Duquesa não queria sair até tudo terminado. Pouco antes das 11 da noite, o melífluo senador Underwood, rival de Hitchcock na liderança da minoria, propôs uma resolução incondicional de ratificação.

O vice-presidente pediu então uma votação; e a liga do Presidente foi energicamente derrotada a pedido do Presidente, que não aceitaria qualquer coisa vinda de Lodge. Lodge, então, agora senhor de sua própria casa, pediu uma votação sobre o tratado de Wilson, sem emendas. Como todos os republicanos, menós um, votaram contra a Liga, a guerra entre Lodge e Wilson estava terminada; e Lodge era o vencedor.

Enquanto a galeria aplaudia, a Duquesa ergueu-se e aplaudiu o Senado como se tivesse acabado de ver o pano cair depois de uma peça particularmente interessante. Então ela e Jess abriram caminho através da multidão até a rotunda, onde Harding esperava por eles.

— Acabamos de receber um convite — informou ele.

— Vá você. Eu vou para casa — disse a Duquesa em tom firme. — Meus tornozelos estão me matando.

— Bem, acho que errei ao aceitar o convite de Alice Longworth para ceiar na casa dela.

Jess sabia que a recusa da Sra. Longworth, em convidar a Sra. Harding para qualquer ocasião que não fosse o jogo de pôquer irritava profundamente a Duquesa. A primeira reação dela foi de susto.

— Por que agora? — quis saber.

Harding fingiu não ter entendido:

— Porque nenhum de nós jantou. E como ela e a coronela de nosso batalhão, quer alimentar a tropa.

— Bem, se isto a faz feliz... — foi o comentário da Duquesa.

Quando começavam a atravessar a rotunda, o senador Ixdge, à frente do que parecia ser uma procissão de admiradores, parou para apertar a mão de Harding.

— Foi um excelente discurso, senador.

— Espero que não tenha feito estrago — respondeu W. G., com sua costumeira modéstia simpática.

— Não. Só fez bem.

Jess ofegava: tanta história!

— Nunca passei por uma coisa assim antes — afirmou Lodge; então franziu a testa. — Não. A luta para a anexação das Filipinas foi quase tão ruim. — Voltou-se para o senador Wadsworth: — Lembro-me que logo depois da votação encontrei seu sogro, John Hay, exatamente neste local, e ele estava

felicíssimo, nós todos estávamos.

Lodge então seguiu seu caminho. A Duquesa, provavelmente ansiosa para contrariar a Sra. Longworth, insistiu para que Jess fosse com eles.

Quando os Harding chegaram à Rua M, a pequena casa estava cheia de gente. Havia os irreconciliáveis: Borah, Reed, Brandegee, Moses; e os emendistas, Freylinghuysen e os Wadsworth; e o emendista democrata, Gore, o senador cego, com a esposa.

— Bem, aquele discurso .foi um terremoto! — exclamou Alice, cumprimentando W. G. carinhosamente. — A senhora deve estar muito orgulhosa, Sra. Harding.

— Ah, já vi Harding fazer discursos melhores.

— Mas nunca por uma causa melhor.

Jess contemplou atônito todas as cabeças de animal empalhadas e penduradas nas paredes — presas de caça de Theodore Roosevelt. Alice, que nunca se recordava de Jess e tampouco desejava fazê-lo, viu-o de olhos fixos na imensa cabeça de um poderoso cervo.

— Vou colocar a cabeça de Wilson bem ao lado do cervo de papai.

Nick Longworth não estivera no Senado. Jantara em casa com seu cunhado francês. Agora cumprimentava os convidados anunciando:

— A cozinheira foi para casa.

— Temos bastante ovos — disse Alice.

— Eu cozinho.

A Duquesa marchou para a cozinha, deixando a coronela do Batalhão da Morte saboreando sua vitória na sala de estar, seu campo de batalha escolhido, entre seus soldados escolhidos.

Brandegee brindou Alice, que disse:

— Faremos isto de novo em março, na votação final, como a execução da hipoteca do Sr. Wilson.

Embora Jess não compreendesse muito bem por que o processo inteiro teria que ser repetido, estava claro agora que o Presidente perdera sua Liga e W. G. atraíra a atenção do país. Ele mal conseguia esperar os jornais do dia seguinte. Enquanto isso, W. G. estava sentado no sofá entre Nick e Borah, e parecia extraordinariamente satisfeito.

Em agosto, o todo-poderoso. Penrose perguntara a Harding se ele gostaria de ser Presidente, e W. G. respondera, tipicamente, que, não podendo concorrer a dois cargos ao mesmo tempo, preferia manter o que já tinha: concorreria ao Senado. Isso apenas excitara ainda mais o gordalhão. Ohio era a peça mais importante da eleição, e Harding era o filho favorito de Ohio. Depois da atitude imperial de Wilson em relação à guerra e à paz, o país precisava de um descanso, uma volta a um homem do tipo do bom e tranquilo McKinley. Mais tarde, no mesmo mês, numa noite quente na varanda da casa em Marion,

W. G. discutira o assunto com Daugherty e Jess. Depois que a Duquesa recolhera-se com seu rim doente, W. G. expusera todas as razões pelas quais não poderia ser indicado, começando pela favorita de todos, o general Leonard Wood. Daugherty anulara o grande paladino com uma única palavra:

— Dragonas.

— Que significa isso? — perguntou Jess.

W. G. respondeu-lhe:

— Harry acha que nenhum homem que foi general durante a guerra vai conseguir o voto de qualquer homem que não foi general. — W. G. deu uma risadinha. — Pode ser. Mas Wood tem todos os ricos do Leste atrás de si, e eles geralmente conseguem comprar qualquer emprego.

— Desta vez, não. — Daugherty foi incisivo. — Ele não tem seguidores. Ninguém gosta dele. Todos gostam de você.

— Bom, muita gente aqui em Marion e em Washington Court House me acha o máximo, mas tenho a intuição de que há muitos lugares lá em Nevada onde estão se lixando para mim.

W. G. mastigou o tabaco que tinha na boca e depois cuspiu-o por cima da grade num arco perfeito.

Jess invejou-lhe essa habilidade tão necessária ao lidar com pessoas simples. Durante anos Jess tentara mascar tabaco, mas sua tendência natural de salivar demais tinha estragado mais de uma camisa, inclusive várias que não eram suas.

— Além disso, há o governador Lowden. — Harding enxugou os lábios com as costas da mão. — Ele tem o Illinois, e é rico.

— Rico demais. A mulher dele é uma Pullman. Nem mesmo o Partido Republicano vai eleger uma pessoa que tenha dinheiro de ferrovia.

— E Lincoln? — observou W. G. em tom tranquilo.

— Ele era apenas um empregado, um advogado da ferrovia. Lowden casou com a filha do patrão. De modo que só resta você.

— Sabe, Harry, nem nas minhas fantasias eu alguma vez me vi como um outro Lincoln — brincou W. G.

Daugherty riu.

— Vou lhe contar um segredo: nem você, nem ninguém. Mas vou lhe contar outro segredo: este país não deseja outro Lincoln, nunca mais. Ora, ele matou meio milhão de homens e começou todo este problema dos negros. Não, senhor, nós elogiamos Lincoln mas nunca mais elegeremos alguém como ele. A mesma coisa em relação a Wilson. As pessoas agora querem um pouco de sossego para poder ganhar algum dinheiro.

Houve um longo silêncio, rompido apenas pelo som da cadeira de balanço de W. G. Então uma coruja piou numa árvore próxima, e Jess estremeceu; as corujas o apavoravam com seu olhar fixo e seu bico assassino e aguçado que

podia retalhar uma garganta.

Finalmente Harding declarou:

— Acho que devíamos começar a nos movimentar e falar sobre a ideia. Fora de Ohio, não há como eu ser a primeira escolha de alguém, mas, se for a segunda escolha de todos, eu chego lá.

Jess ficou impressionado com a simples clareza de W. G. Até mesmo Daugherty, que preferia ser a pessoa que falava, impressionou-se. Voltou-se na cadeira e ficou de frente para Harding, que agora esticava os braços.

— O único problema é: que é que você vai fazer quando tiver chegado lá e não houver guerra?

— Bem, joga-se a primeira partida de beisebol da temporada.

— Isto é oportuno e agradável — assentiu Harding. — Mas que mais, em tempos de calmaria?

— Rezar para que seja mesmo tempo de calmaria. A vida é cheia de surpresas. Veja Wilson. Ele nunca esperou ser Presidente durante uma guerra ou, talvez, Presidente mundial. De modo que agora está um farrapo. Mas de vez em quando a história vai dormir. Vamos esperar que tenhamos uma dessas sonecas bem compridas.

— E que as pessoas possam ganhar dinheiro — acrescentou Jess.

— Se eu não conhecesse todo mundo na vida pública, diria que não sou suficientemente grande para o cargo, não sou digno. — Harding levantou-se. Mas conheço todo mundo, de modo que... por que não?

— Boa noite, Sr. Presidente — fez Daugherty, quando Harding abria a porta de tela para o interior da casa.

Harding olhou para trás e sorriu; depois sacudiu a bela cabeça e deixou a porta de tela bater atrás de si.

Agora Warren Gamaliel Harding escutava respeitosamente o senador Borah falar sobre o senador Borah enquanto o senador Gore, um homem de aparência juvenil e cabelos brancos, comia ovos mexidos com um garfo que ele segurava na mão direita enquanto usava o dedo indicador esquerdo para ter certeza "de que os ovos estavam bem presos ao garfo. Mas como, perguntou-se Jess fascinado, ele podia saber tão direitinho onde ficava a boca, se não conseguia ver o garfo? De todos os senadores democratas era Gore que Wilson mais odiava. Ao passo que Gore dissera do Presidente:

— Ele fica perturbado se a gente olha acima do terceiro botão do colete dele.

W. G. considerava a Sra. Gore, com seus olhos negros, a mais atraente das esposas dos senadores; diziam que ela tinha sangue indígena. Jess achava graça, pensando nos dois juntos, um meio indígena e o outro meio negro. Ainda bem que o público nunca ficava sabendo de metade dos segredos que Jess Smith

descobrir, a começar por Washington Court House e terminando, por enquanto, bem ali no coração do Senado dos Estados Unidos.

Alice Longworth propôs um brinde:

— Abaixo Wilson!

Todos beberam, exceto o senador Gore, que continuou sua delicada demonstração de equilíbrio. Naturalmente ele era cego desde os dez anos e tinha muita prática.

4

A ampla janela da "casa palacial" de Pamela Smythe, acima da Avenida Franklin, postava-se a maior escritora viva, Elinor Glyn, as costas voltadas para o sol poente. Com muito respeito a Sra. Smythe apresentou Caroline à autora de *Três semanas*, e Caroline quase fez uma reverência à robusta mulher, envolta, como uma poltrona, numa capa de veludo púrpura que de alguma forma diminuía o efeito da turbulenta massa de cabelos da gloriosa cabeleira vermelha repartida no meio da cabeça ursina onde viam-se as feições inteligentes de uma garota irlandesa de olhos verdes, dentes algo compridos.

— Emma Traxler! — A voz era rouca e convincentemente grã- fina, ao contrário da voz da Sra. Smythe, cujos ditongos ocasionalmente sugeriam Liverpool e seu mar acariciante.

A mão de Caroline sumiu dentro das patas de urso, e os olhinhos cintilantes e inteligentes encararam os dela. Cumprido o dever de anfitriã, a Sra. Smythe foi receber os outros convidados, que sempre chegavam na hora do poente, jantavam na primeira hora de escuridão e então, depois de horas de charadas, corriam para casa para deitar-se e poderem apresentar um rosto descansado ao sol benigno e fraco do início da manhã.

— Srta. Glyn, que... prazer para mim!

Caroline escolhera a palavra exata. Do ponto de vista humano, Hollywood era o prazer absoluto. Grão-duques russos de verdade eram vistos com grão-duques inventados, e os falsos eram em geral mais convincentes que os Romanov, explicando assim, como Caroline já observara devidamente, a revolução. De qualquer maneira, apinhadas num espaço relativamente pequeno podiam ser vistas algumas das criaturas mais exóticas do mundo, procurando furiosamente o ouro do cinema.

— A Sra. Kingsley me disse que você nunca esteve tão maravilhosa! E,

segundo o *Kine Weekly*, *Flor da noite* vai faturar três milhões aqui no país, e com os fãs que você tem só na pequena Inglaterra... *ma foi!*

Caroline resmungou modestamente. Pelo canto do olho viu Tim conversando com uma bela garota de cujos famosos três sobrenomes ela nunca conseguia lembrar-se. Mas sabia, como o mundo inteiro sabia, que a garota estava sendo preparada pela Famous Players-Lasky para substituir Mary Pickford, que naquele dia casara com seu amante de longo tempo e atual sócio na United Artists, Douglas Fairbanks, que recentemente construía um já lendário — isto é, com muita publicidade — ninho de amor para os dois numa das colinas menos povoadas de Beverly Hills.

— Eu adoraria *criar* para você — afirmou a Srta. Glyn, toda negócios. — Você é aquela coisa rara, uma mulher *d'un certain âge*... Fala francês, naturalmente?

— Ah, o menos possível.

Mas Elinor Glyn estava agora em plena função de alta sacerdotisa:

— Uma mulher de uma certa idade — traduziu prestimosamente. — Mas com encanto. Possuindo o que eu chamo, na falta de uma palavra mais rica, mais específica, por motivos óbvios: "aquilo"!

— Aquilo?

— Aquilo.

— Aquilo. — Caroline ofereceu à Srta. Glyn seu sorriso de Madona em lugar de um contrato com a Traxler Production. — Eu pensava que só as mulheres em idade de procriar poderiam ter "aquilo".

— Não me refiro ao fluxo menstrual — retrucou a Srta. Glyn, direta e, para a delícia de Caroline, prosaica. — Mas àquele poder de sedução inerente com o qual algumas mulheres nascem, como você, Srta. Traxler, e que as outras mulheres têm de adquirir da maneira mais difícil, como eu...

— Certamente não lhe foi tão difícil — murmurou Caroline.

A Srta. Glyn não estava acostumada a ouvir.

— Oxalá... — disse, como se essa palavra fosse de uso cotidiano e não um botão colhido nas páginas de vívida ficção. — Até mesmo uma mulher com a minha substância essencial, voluntariosa, imponente na aparência, sim, e, talvez, ah, um pouquinho de nada na vida real, ainda pode, quando a lua brilha no céu e há um perfume de flor de laranjeira no ar, fazer um impulsivo Romeu cair de joelhos num êxtase de desejo...

— Uma posição, espero, apenas temporária...

— Romeu tem que começar de joelhos. O resto depende de... Kismet.

— E "aquilo".

— Ele não estaria de joelhos em primeiro lugar se não houvesse "aquilo".

— A Srta. Glyn mostrava-se paciente. — Agora eu soube que o roteiro de *A rainha Mary da Escócia* da Sra. Hulbert é uma porcaria.

— Digamos que houve alguns problemas — respondeu Emma Traxler, com sua generosidade lendária.

— Sou descendente de Mary da Escócia.

A Srta. Glyn jogou ousadamente seu trunfo inglês, que nunca deixava de impressionar os americanos, principalmente os que trabalhavam no cinema. Por outro lado, o artigo genuíno era com frequência olhado com desconfiança, como acontecia com o jovem arquiduque austríaco que acabava de entrar. Desprovido de queixo, na melhor tradição dos Habsburg, Leopold era considerado falso por metade das anfitriãs das colinas de Hollywood.

— Como devem temê-la em Windsor aqueles usurpadores alemães!

— Eles são Stuart também, embora menos que eu. Francamente, gostaria de dar, como vocês dizem aqui, uma "tentada" em Mary. Naturalmente estou sob contrato com a Famous Players, mas você pode se prestar a ele...

— Ou eles nos emprestarem você.

— Agora não, ai de mim! Dentro em breve, talvez. Sabe, estão capitalizando impiedosamente o meu nome, principalmente o Sr. De-Mille, que é realmente lúbrico, não acha?

— Ele chega a...

— No entanto, não se deve ser óbvio demais ao apelar para as emoções mais selvagens. Certamente o homem, o herói, o ator, deve estar sempre sorrindo, e no entanto, é claro, não parecer um débil mental. Deveria sorrir com entusiasmo, e se ele, por... como posso chamá-lo? Não é "aquilo"... por impetuosidade juvenil comete um engano, não o faz deliberadamente.

— Como na vida real.

— Sim — fez a Srta. Glyn, sem escutar.

Seus olhos estavam fixos na linda figura de Mabel Normand, uma das poucas estrelas do cinema realmente interessantes além de eróticas. Natural de Boston, Mabel Normand era considerada mais inteligente do que os costumeiros astros algo bovinos de Hollywood. Gostava de ouvir jazz durante as filmagens, e seu gosto pela cocaína emprestara, como Tim observou certa vez, um novo significado à expressão "empoar-se o nariz". Alguém estava agora ao piano, tocando jazz de Nova Orleans, e Mabel Normand, toda em prateado, marcava o ritmo com o corpo inteiro e eletrizava o salão.

— Estou escrevendo uma série de livretos, *O sistema de escrever de Elinor Glyn*. No devido tempo cuidarei da parte de roteiros para o cinema, mas primeiro preciso dominar esse extraordinário meio de comunicação, coisa que o Sr. Lasky não me dá tempo de fazer, pois está sempre me colocando para posar com o Sr. DeMille e a mundana que eles estejam promovendo no momento. Como anseio fazer *Três semanas* novamente, da maneira certa! Trazer à tela a verdadeira sensualidade, com uma sensibilidade da qual o Sr. DeMille é incapaz, principalmente quando se trata de mostrar nossa aristocracia como ela

realmente é.

— Conheço Lorde Curzon — declarou Caroline, nocauteando a adversária.

— Como? — espantou-se a Srta. Glyn. Era fato sabido que a Srta. Glyn tivera um caso de oito anos com o antigo vice-rei da Índia, e que ele então casara com uma certa Sra. Alfred Duggan, restando à Srta. Glyn ler a notícia do casamento no *Times*.

— Em Londres, eu acho. Nunca me lembro onde conheci as pessoas; você se lembra?

— No caso de um personagem tão importante...

— Isso é ainda pior. Pelo menos para mim. Se a gente ouve falar muito no... no personagem antes de conhecê-lo, então fica tudo uma confusão entre o que se ouviu dele e o que ele é realmente. De qualquer maneira, todos conhecem os Leiter...

A Srta. Glyn suspirou de alívio.

— A Esposa Americana — entoou, como se se tratasse de um cartão de legenda. — Sim, é claro. Uma morte tão trágica... É verdade o que eles falam da Sra. Hulbert e o seu Presidente?

— Que é que eles falam? — A encantadoramente etérea Emma tomava o lugar da durona Caroline. — E quem são eles?

— Boatos. Cartas roubadas. Um romance apaixonado que quase fez à Nave do Estado naufragar nas rochas do desejo louco e irreprímido, nas Bermudas.

Caroline escutou com desgosto enquanto Elinor Glyn ditava-lhe uma página de conjecturas românticas. Quando ela terminou, os amantes sozinhos num recife de coral cor-de-rosa, foi Emma e não Caroline quem declarou timidamente:

— Espero que esteja certa; espero que eles tenham conseguido ter alguma felicidade. Dizem que ela era muito atraente na época.

— Agora não há nem vestígio disso — foi o veredito da especialista.

Durante o jantar Caroline ficou sentada ao lado do mais atraente dos homens, William Desmond Taylor, um diretor inglês que tinha a sua idade. Do outro lado da mesa, Tim estava ladeado por Mabel Normand e a jovem de três nomes que aparecera no recente filme de Taylor, *Jenny, seja boazinha*. Embora a imprensa tivesse previsto que ela nunca tomaria o lugar de Mary Pickford, ela e o filme foram elogiados.

Caroline fez a pergunta do dia:

— Foi ao casamento?

Taylor sacudiu a cabeça.

— Para minha surpresa, não fui convidado, embora Mary e eu nos conheçamos há séculos. Eu costumava dirigi-la, não muito bem, infelizmente...

— Talvez por isso não tenha sido convidado.

Taylor riu.

— Se isso fosse lei por aqui, nenhum de nós iria a lugar algum. Não. A astrologia determinou o dia e a hora, e provavelmente a lista de convidados também.

— Astrologia?

Taylor assentiu. O mordomo negro aconselhou:

— É melhor comer a galinha-d'angola enquanto está quente.

— Obrigado. — Taylor era tão educado com os mordomos quanto com os astros; era considerado o perfeito convidado extra. — Bem, a pedido de Doug, Mary divorciou-se de Owen Moore em algum lugar de Nevada, num dia favorável...

— Ela não é católica?

— Só quando lhe convém. Então o astrólogo de Doug disse-lhe que ele poderia começar uma vida nova, uma vida *fabulosa*, 13 dias depois dos Idos de Março, que é hoje, 28 de março de 1920.

— Acredita em astrologia?

— Só quando me convém.

Os dois riram. Caroline cumprimentou-o por ter sido eleito presidente da Associação dos Diretores de Cinema e ele respondeu cortesmente que sem a ajuda de Tim teria perdido a eleição. Enquanto falavam de negócios, ela percebeu que o achava atraente, coisa que não mais acontecia em relação aos homens em geral. Tim tornara-se menos amante do que irmão mais novo, num relacionamento que sempre se baseara na fascinação mútua por contar histórias através de quadros fotográficos em movimento. Ela agora viciara-se nessa vida misteriosa e fictícia; e ele era apaixonado pela coisa. Ela percebera que as poucas vezes, ultimamente, que ele a achara fisicamente atraente foram logo depois de um longo dia na sala de montagem, olhando para Emma Traxler, cuja beleza etérea e outonal o excitava de um modo que a quarentona Caroline Sanford não conseguia fazer na vida real.

Caroline sentia um agradável espanto diante da tranquilidade — ou seria insensibilidade? — com que aceitava o que parecia ser o fim do romance. Era como se estivesse assistindo um filme estrelado por Emma Traxler, cujo talento de atriz nunca surpreendia a plateia. Eles a queriam nobre, magnânima e corajosa, e ela lhes dava exatamente o que queriam numa bandeja de prata, como diria Marion Davies. O que Caroline Sanford queria era um mistério. Naturalmente ela queria ver o filme até o final; e talvez solucionar uma ou duas vezes num lenço úmido, na escuridão, enquanto Emma, na tela, caminhava resolutamente através da neblina artificial, atravessando os pântanos, o que significava do primeiro ao segundo buraco do campo de golfe do Burbank Golf Club, Porém, depois que as luzes se acendiam, e aí? Golfe?

— Jogo golfe pelo menos uma vez por semana — estava dizendo Taylor, e suas palavras casaram com os pensamentos dela como os sonhos, quando chegam ao final, ajustam-se tão perfeitamente aos ruídos do mundo real. — Você joga?

— Não joga há anos. Preciso voltar a jogar. Sou sócia, isto é, Tim é sócio, do Burbank

Tim estava obviamente impressionado com a garota do *Jenny, seja boazinha*. Caroline perguntou-se quantas vezes ele lhe tinha sido infiel — uma palavra que não fazia sentido quando não se possuía qualquer fé religiosa. Ela própria dissera não a um bom número de rapazes cujo interesse, ela suspeitava, tinha mais a ver com seu poder de projetar a imagem deles numa tela do que com seu encanto fanado. Talvez devesse tentar alguém de sua idade, pensou, olhando para William Desmond Taylor, que dava a impressão de ser, a seu modo jovial-e britânico, o homem — assim como o diretor — perfeito para ela.

— Achei maravilhosa a sua cena de morte — ele disse em voz baixa, como se já houvesse uma intimidade sutil entre eles. — Seus olhos, na filmagem em close, e o modo como a luz desaparece deles, até a escuridão...

Caroline e Emma conheceram o êxtase simultaneamente. Isso era o que significava "ser compreendida".

— Tim e eu passamos dias brigando por causa daquela cena. Morrer com os olhos abertos ou fechados. De modo que fizemos dos dois jeitos. O meu ganhou, felizmente. Como a gente fica vaidosa! — exclamou, lembrando-se de rir bem a tempo.

— Não se trata de vaidade. É profissionalismo. É preciso ter gratidão pelas coisas que se faz bem. Pela beleza, também. Fui ator durante anos, antes de começar a dirigir. É preciso construir com o que se dispõe...

Alegremente os dois conversaram sobre sua profissão.

Depois do jantar Caroline e Taylor foram sentar-se na sala de estar em estilo Tudor da Sra. Smythe, e ela confiou a ele suas dificuldades com *A rainha Mary da Escócia*. Ele disse que conhecia um escritor excelente. Ele próprio adoraria dirigi-la num filme tão especial — isso, naturalmente, se Tim não estivesse interessado. Ela respondeu, corretamente, que Tim jamais se interessara muito por estudos históricos de natureza romântica. A bela cabeça agrisalhada de Taylor assentiu pensativamente por cima do conhaque pré-Proibição que o mordomo lhe trouxera.

— Poderíamos fazer o filme no estúdio de Doug. De Doug e Mary.

Ele sorriu; os olhos eram infantis, uma qualidade que Caroline não apreciava muito nos homens mas no caso de Taylor era compreensível, pois ele fizera vários filmes de muito sucesso sobre figuras americanas bucólicas, como Huckleberry Finn, Tom Sawyer e outras crianças do passado arcadiano não tão distante.

— Poderíamos lançá-lo pela United Artists — continuou ele, olhos fixos na boca de Caroline.

Ela sentiu-se enrubescer.

— Tenho um contrato de quatro filmes com Lasky, através da Traxler Productions — sussurrou, esperava que eroticamente. — Qualquer acordo de empréstimo de Emma Traxler tem que ter a concordância do Sr. Zukor. — Palavras de mel, ela sabia.

— A Associated Producers Incorporated de Tom Ince poderia, através do Sr. Zukor, conseguir um empréstimo em troca de um quinto filme com Lasky, e então, comigo, podíamos montar uma unidade separada na Pickford-Fairbanks com distribuição através da United Artists a 15 por cento menos que o Sr. Zukor cobra para um lançamento pela Paramount.

Alguma mulher já fora cortejada dessa maneira?, pensou Caroline, perplexa. Se Elinor Glyn pudesse escutar a verdadeira linguagem do romance ao estilo de Hollywood...

Mabel Normand aproximou-se deles dançando, os pés virados para dentro, as mãos para fora, sua marca registrada.

— Me dá uma carta boa? Meu jogo está fraco. Oi, Srta. Traxler.

Mabel falava com rapidez, de um modo a que Caroline estava bastante acostumada. Cocainômanos eram tensos e necessitavam constantemente da súbita onda de energia que subia ao cérebro e que — Caroline tinha experimentado — não durava mais que um quarto de hora. A morfina era mais benigna e sonhadora, preferida, pelas senhoras de Washington, ao passo que o ópio era a matéria dos sonhos em Paris. Caroline poderia facilmente ter se habituado ao ópio; seu meio-irmão André era homem de dois cachimbos por dia. Mas nesse arriscado estágio de sua vida ela preferia ter os sentidos inalterados.

Percebeu que Taylor não gostara do pedido de Mabel Normand.

— Chega de cartas para você, minha querida — disse.

Abriu a cigarreira e ela tirou um cigarro escuro, com a ponta dourada. Caroline ficou curiosa: era assim que se fazia? Mabel franziu a testa e afastou-se às pressas. Caroline percebeu que Taylor observava-a com atenção.

— Ê, eu compreendo — disse ela.

— Você não compreende como é duro fazê-la largar isso. Mabel! — chamou ele; a estrela já estava no saguão de entrada.

— Que é? — fez ela, voltando-se à porta.

— ... Seja boazinha. — Ela saiu, e ele voltou-se para Caroline. — "Mabel, seja boazinha" é uma piada nossa, acho que não muito boa.

De repente ele parecia cansado, mas ainda atraente. Nos filmes que Mabel fizera com Chaplin como co-diretor, o nome dela costumava aparecer no título: *O dia ocupado de Mabel*, *A vida de casada de Mabel*, *O novo emprego de*

Mabel. Agora, *A cocaína de Mabel* estava se tornando um problema.

— Isto é curável, não é?

— Para algumas pessoas. Para outras, não. Como a bebida.

— Preciso ir para a cama na hora de sempre — disse Caroline.

Ela pôs-se de pé, e ele, com muita elegância, beijou-lhe a mão.

— Não! — bradou uma voz — Para um efeito romântico completo, você tem que beijar a palma da mão dela!

Elinor Glyn estava sobre eles.

— Talvez, Srta. Glyn, o efeito romântico completo não seja apropriado — retrucou Caroline, com muita expressão no rosto, por força do hábito de ser Emma Traxler.

— É sempre adequado, na melhor sociedade.

— Ah, quanta coisa a senhorita já viu! Ultrapassa as minhas mais loucas fantasias!

— Eu lhe telefono — disse William Desmond Taylor.

Caroline ficou um pouco perturbada por Tim não sentir o menor ciúme. Estavam sentados na sala do apartamento dela, contemplando a vista da Babilônia de Griffith ao luar.

— Eu não deixaria a Srta. Glyn chegar perto da rainha Mary.

— Claro que não!

Caroline olhou para os três roteiros sobre o assunto que ela já adquirira. O pior deles, previsivelmente, era o da Sra. Hulbert, mas na verdade Mary apenas usara o roteiro como pretexto para longas conversas com Caroline a respeito de si mesma, com um pedido ocasional de um pequeno empréstimo. O colapso do Presidente Wilson perturbara-a muito menos que uma das recentes dificuldades financeiras do filho. Tinha sido um alívio para Emma Traxler poder descartá-la, com delicadeza. Mas não antes de Caroline ter conseguido material suficiente para um filme sobre uma mulher muito encantadora e inteiramente egocêntrica que joga fora todas as possibilidades em sua vida porque nunca percebeu que as outras pessoas existem.

Caroline voltou-se para a lareira a gás. A noite era úmida e fria.

— Estou ficando reumática — ouviu-se dizer. — Preciso ir à Sauna Bimini. Onde é mesmo que fica?

— Terceira com Vermont. — Tim estava usando apenas a roupa de baixo; o corpo magro parecia desanimadoramente infantil. Taylor era elegantemente magro, e nada infantil. — É construída em cima de um poço artesiano. Sabe, ele se droga.

— Quem faz o quê?, — Caroline fingiu não entender, enquanto servia o chá de uma garrafa térmica preparada por Héloise, que se adaptara perfeitamente ao hábito hollywoodiano de deitar-se com as galinhas.

— Bill Taylor. Mabel Normand diz que foi ele quem a viciou em cocaína.

— Ela certamente nasceu com um... cheirador, ou como quer que chamem esse negócio, no nariz, como um colher de prata.

— Está pensando nele para a rainha Mary?

— Estou. Afinal, ele faz muito sucesso em filmes históricos. Como *Huckleberry Finn* — acrescentou, e ela própria achou graça. — Poderíamos fazer *A rainha Mary da Escócia* no Mississippi, numa barcaça.

— Fiz uma edição da filmagem de Wilson.

— Tenho que conversar com Blaise.

A menção a Wilson lembrou-lhe seus deveres negligenciados, sua personalidade extraviada, se não perdida, Caroline Sanford. Do *Washington Tribune*. Da eleição iminente.

— Está interessada? — perguntou Tim.

Ela observou que Tim estava bebendo muito uísque.

— Não. Francamente, não. O jornal está bem dirigido sem mim. Mas temos que tomar uma posição qualquer. Blaise com certeza vai se mostrar republicano em demasia. Eu terei que...

— Estou falando da filmagem de Wilson.

— Ah, isso. — Ela soou mais distraída do que pretendia.

— Não está. Vou dormir.

— Não! — Emma Traxler reapareceu em cena, embora cansada. — Desculpe. Tive um dia duro. Os estúdios de Griffith não estão disponíveis, afinal.

Tim parou junto à porta de ligação com a sua suíte.

— O trabalho é sempre duro para quem não está acostumado.

— É uma observação muito estranha para ser feita a mim — retrucou Caroline Sanford, a primeira mulher no mundo dona de um jornal por esforço próprio. — Dizem que sou uma inspiração para todas as sufragistas do país.

— O seu rosto?

— O meu jornal.

— Boa noite.

Ele se retirou. Caroline pensou: o hábito é mais forte que o amor. Ela poderia passar sem o hábito de Tim? Enquanto contemplava a fila escura de elefantes banhados pelo luar cinzento, a buzina de um carro estrangeiro soou lá embaixo no Bulevar Sunset, como um fundo musical numa ópera-bufa. Mas o que era Emma Traxler senão um personagem de Offenbach? Agora sob o risco de transformar-se num personagem de Strauss, Marschallin. Seria melhor voltar para sua verdadeira personalidade, se tal coisa ainda existia. Como se para lembrar a' si mesma dessa verdadeira personalidade, ela pegou a mais recente pilha de páginas da filha — um exacerbado testemunho do completo fracasso de Caroline como mãe.

Aparentemente, o novo filme de Tim seria sabotado pelos anti-comunistas, ao passo que Emma Traxler figurava numa lista de americanos

suspeitos. Emma Sanford escreveu páginas e páginas sobre as maravilhas de se viver num país livre, vangloriando-se, ao mesmo tempo, de todas as publicações que seu grupo conseguira fechar, assim como dos professores demitidos, os políticos derrotados, os líderes trabalhistas aprisionados. A garota estava louca. O país também?

Caroline não tinha uma ideia real do novo Estados Unidos, nem mesmo do antigo. Conhecera apenas a sociedade americana mais rarefeita, os copas de Henry Adams; e adorava o distrito de Colúmbia e ultimamente a excitante irrealidade — até mesmo surrealismo — de Hollywood; mas o que sabia, afinal, dos verdadeiros americanos, a começar por sua filha e seu genro? Haveria muitos outros como eles por lá, com sonhos sinistros de absoluto conformismo com

algum ideal primitivo? Realmente, a antiga nação de camponeses finalmente encontrara a velha Europa civilizada, e a Europa lhe oferecera guerra, revolução e bolchevismo. Não era de se admirar que os camponeses verdadeiros e em potencial estivessem decepcionados. Mas qual era a verdadeira origem de seu pânico irracional? De que os americanos tinham medo? Ela gostaria que Henry Adams estivesse vivo para explicar-lhe tudo isso. Então, na falta da presença dele e da sua sabedoria reconfortante, rasgou a carta da filha e jogou os pedaços na cesta de lixo. Não sentia coisa alguma por sua própria filha. Porém Mlle. Souvestre sempre dizia que quando uma filha não é mais criança, mas uma mulher adulta e casada, as duas mulheres, mesmo uma sendo *demi-creatrix* da outra, devem seguir caminhos separados.

Caroline terminou o chá e foi para o quarto agora tão raramente visitado por Tim. Obviamente chegara a hora de renovar-se; dessa vez com William Desmond Taylor. Afinal de contas, o relógio nunca cessava sua marcha, mesmo quando ela não tinha consciência disso. De uma forma ou de outra, a maior parte do dia já tinha transcorrido.

NOVE

1

Jesse estava gostando mais do brilhante sol de abril que do editorial do *New York Times* que estava lendo:

"Harding está fora. Mesmo que seu nome seja apresentado à convenção..."

Jesse sentiu a saliva começar a escorrer-lhe pelo queixo; enxugou-a com o *Times* e torceu para não ter sujado o rosto. No extremo oposto da varanda, o candidato em pessoa estava sentado, conversando com as pessoas que passavam. Feitas as contas, as duas últimas primárias tinham sido desanimadoras. Harding vencera em Ohio, como filho da terra, mas mesmo assim o general Wood, com todos os seus injustos milhões de dólares, tinha conseguido — melhor dizendo, comprado — nove dos quarenta e oito delegados do estado e, o golpe mais cruel, o próprio Daugherty não conseguira eleger-se delegado.

Uma semana antes, por insistência de Daugherty, Harding entrara na primária de Indiana. Wood, Johnson e Lowden chegaram na frente de W. G., que conseguiu ganhar apenas dois dos 56 condados. Jess sabia a razão: simplesmente não havia dinheiro para Harding. Os banqueiros ricos e os homens de Roosevelt estavam financiando Wood, e a Sra. Lowden estava financiando o governador Lowden. Jess e Daugherty mal tinham conseguido levantar cem mil dólares contra todos aqueles milhões, e era por isso que o *New York Times* podia agora escrever professoralmente: "...todos saberão que ele é um candidato impossível". Embora W. G. estivesse profundamente contrariado com o resultado em Indiana e falasse publicamente de sua própria impossibilidade como candidato, em particular estava surpreendentemente tranquilo. "Tudo isso vai se virar em meu favor, se não houver intervenção divina", dissera a

Daugherty e a Jess, enquanto a Duquesa, reforçada por previsões de teor mais astrológico vindas de Madame Mareia, concordava.

A estratégia de Harding era ser ele próprio. Tinha conquistado a simpatia de Lowden ao prometer não ir atrás de qualquer dos delegados favoráveis a outro, e Lowden, grato, prometera o mesmo. Harding fizera uma simples conta de somar e diminuir e chegara à conclusão de que, se nenhum candidato fosse indicado no primeiro escrutínio, o número dois de todos venceria no centésimo, ou no último de quantos escrutínios fossem necessários. De modo que ele ia cuidar de ser o segundo favorito de todos. Daugherty aceitara a estratégia e os dois viajaram discretamente pelo país inteiro, conquistando a simpatia de todos e sem perturbar pessoa alguma.

— Jess...

Jess baixou o jornal e, para seu horror, ali estava Carrie Phillips. Estava elegantemente vestida, ele observou com o olho clínico de comerciante e árbitro da moda.

— Carrie Phillips — ele sussurrou, de modo que W. G., que tinha as costas voltadas para eles, não escutasse, ou, que Deus os livrasse, a Duquesa, que estava dentro de casa telefonando, sua principal atividade nesses dias.

— Pensei que você não viesse por aqui agora. — A cadeira de balanço de Jess estava na beirada da varanda, e ele conseguia debruçar-se ao ponto de as cabeças dos dois quase se tocarem.

— Saí para dar um passeio, só isto. Estamos num país livre.

Jess sabia que tinha havido uma troca "final" de cartas entre Carrie e W. G. Para começar, Jim agora sabia de tudo. Para terminar, embora a imprensa ainda não tivesse mostrado um interesse especial na campanha de Harding, havia sempre o perigo de que um repórter ambicioso pudesse xeretar antes da convenção, e, com todos em Marion sabendo da vida de todos, a imagem de W. G. como um bom pai de família podia facilmente ser alterada para... para o Sátiro dos chautauquas, pensou Jesse descontroladamente.

— Só quis passar para dizer oi. Só isto. Estou andando na ponta dos pés, está vendo?

Assim, na ponta dos pés, Carrie aproximou-se de W. G., agora solitário em sua cadeira de balanço no outro extremo da varanda, lendo, não o editorial do *Times*, mas a página esportiva. Sorriu largamente ao ver Carrie. Mas ela levou o dedo aos lábios e sussurrou algo que o fez debruçar-se, cabeça baixa e mão segurando a grade da varanda. Agora eram eles quem tinham as cabeças quase se tocando; e Jess sentiu-se mal. Que diria Daugherty? Que faria a Duquesa?

A Duquesa não disse coisa alguma, o que já era um mau presságio. Em vez disso, apareceu à porta da casa e por um longo momento olhou com raiva para o casal adúltero. Como se tivesse olhos nas costas, coisa que ele até podia

mesmo ter quando se tratava da esposa, W. G. recostou-se mas não se virou ou acusou a entrada em cena da Duquesa.

Carrie continuou a falar com W. G. em voz baixa, ignorando a Duquesa, assim como o espanador de pó que de repente veio voando em sua direção. A Duquesa, agora de rosto muito corado, entrou em casa para pegar uma cesta de lixo de metal, que atirou com extraordinária pontaria em cima de Carrie; esta saltou depressa para o lado, enquanto continuava a conversa com W. G., que agora olhava para a Duquesa por cima do ombro.

Quando Florence Kling Harding tornou a entrar para buscar mais munição, Jess olhou em volta para ver quem estava assistindo o espetáculo: vários anciãos de Marion, acostumados a essas demonstrações, e um desconhecido bem vestido, que assistia horrorizado essa cena doméstica. Jess rezou para que não fosse um jornalista.

A Duquesa voltou, trazendo nos braços um banquinho de piano de quatro pernas, cujo assento giratório tinha um peso considerável. Com a força, por assim dizer, de dez pessoas, a Duquesa arremessou a prosaica peça em cima de Carrie. *En route*, a banqueta errou por pouco a bela cabeça do filho famoso e literalmente favorito de Ohio, e só um salto de balé para a esquerda fez com que a loura adúltera conseguisse evitar uma concussão. Derrotada por *force majeure*, Carrie jogou um beijo gracioso para Harding e desceu devagar a Avenida Mount Vernon, aproveitando o sol da primavera. A Duquesa retirou-se em triunfo. Não dissera uma só palavra; e nem era preciso, quando seus atos tinham sido tão eloquentes.

Harding pôs-se de pé com certa dignidade e dirigiu-se às costas da mulher:

— Florence, isto não fica bem, não é apropriado.

Mais tarde, no mesmo dia, Daugherty chegou a Marion e Jess relatou tudo, os dois sentados no bar do Old Heidelberg, agora restaurado, onde uísque em xícaras de chá era servido aos fregueses regulares, em contravenção à 18ª Emenda, que impedia que o cidadão americano, cuja Carta Magna lhe garantia a vida, a liberdade e a busca à felicidade, ingerisse álcool. Jess, que não era perito em direito constitucional, não deixava de se perguntar, de vez em quando, como os Estados Unidos podiam ser, como todos sabiam, o país mais livre da terra, quando havia um governo ocupado em proibir tudo aquilo que ele achava que o povo não devia ter. Na Europa, dizia-se, as velhas raças decadentes estavam rindo de seus recentes salvadores. Felizmente todas as cidades tinham o seu Old Heidelberg, e Jess bebericava uísque escocês importado do Canadá, enquanto Daugherty dizia:

— Temos que tirar a Duquesa... e ele!... da cidade até depois da convenção. Não! — O olho castanho piscou violentamente, ao passo que o azul permanecia tranquilo. — Até depois da eleição!

— Ele? W. G.?

— Não, não. Jim Phillips. Ele sabe de tudo, e não consigo entender por que Carrie continua aparecendo assim a não ser que...

— Queiram dinheiro?

Daugherty assentiu.

— Claro que tinha que acontecer numa época em que acabamos de gastar tudo que tínhamos.

— E quanto a Ned McLean?

Mas o cérebro ativo de Daugherty já passara para outros assuntos.

— Jake Hammon vale um milhão de dólares para nós lá no Oklahoma. Mas o preço dele é um terço das terras petrolíferas da Marinha, e não vejo como possamos prometer isso.

Jess ficara enormemente impressionado com o grande e barulhento homem do petróleo de Oklahoma com sua amante espalhafatosa e suas maneiras extravagantes. Mas não via razão para confiar nele; tampouco Daugherty via.

— W. G. está contando com um impasse. — Daugherty comentou, pensativo. — Se Wood e Lowden empatarem, não conseguirão desempatar, e não há alternativa, senão W. G.

— Johnson?

— Nunca. É uma provocação para os conservadores. Mas W. G. calcula que talvez um quarto, talvez mais, dos delegados se lembrem de que há quatro anos atrás ele fez aquele grande discurso na convenção. Ou mesmo que há oito anos ele indicou Taft, e como manteve contato com muitos deles... Gostaria de ter tanta certeza disso quanto ele tem.

Jess ficou intrigado.

— Pensei que era o senhor que tratava de promovê-lo.

— É como ele quer que pareça. Fica todo humilde e modesto, cheio de "não sou digno" e "não mereço", enquanto eu banco o empresário esperto que o empurra para a frente. É claro que ele é o candidato de centro ideal, que é o que ele acha que o país quer, e se for assim...

— Acha que ele vai conseguir?

Daugherty deu de ombros.

— Como? Todo o dinheiro está com Wood e Lowden, e o Partido Republicano é o partido do dinheiro. Jess, lembra-se de Nan Britton?

Jess assentiu. Toda Marion sabia que Nan, filha do Dr. Britton, quando ainda bem jovem apaixonou-se pelo belo editor do *Marion Star*. Nunca fizera segredo do fato de que costumava recortar retratos de W. G. nos jornais para seu caderno de recordações; chegava até a perambular perto da casa da Mount Vernon, para grande embaraço de W. G. e fúria por parte da Duquesa. Depois da morte do Dr. Britton, Nan mudou-se para a cidade de Nova York; e Jess

imaginava que a essa altura ela estava casada e sossegada.

— Ela está em Chicago. Arranjou um emprego de secretária, e está morando com a irmã Elizabeth.

— Lindas moças, as duas. Imagino que estejam todas casadas e... crescidas — Jess acrescentou distraidamente. Sentia a saliva começar a formar-se em sua boca. Pegou o lenço, preparado para não cuspir, um hábito que enfurecia Daugherty.

— Elizabeth está casada. — Daugherty tirou do bolso um pedaço de papel. — Com um homem chamado Willits. Ele toca violino ou algo assim na Companhia de Ópera de Chicago. Nan está morando com eles. Aqui está o endereço.

— Para quê?

Daugherty terminou o chá e encarou, distraído, o vendedor ambulante no outro* extremo do bar enfumaçado.

— W. G. está tendo um caso com Nan há... Nem sei há quanto tempo. Descobri em 1917, quando ele lhe conseguiu um emprego de secretária em Nova York e costumava fugir até lá para encontrá-la, em diversos hotéis, num dos quais... — Daugherty interrompeu-se. — Não vem ao caso.

— Carrie e *também* Nan? — Jess, incapaz de ser ativo com sua querida Roxy, encheu-se de inveja. Por outro lado, com a Duquesa como esposa um homem precisava de algum alívio. — Ela está criando problemas? — perguntou, pois entendia muito de chantagem.

— Não. Pelo menos, ainda não. Está apaixonada por ele.

— E ele está por ela?

— Que pergunta! — Daugherty encarou Jess com tanto desagrado que instintivamente este enxugou o lábio inferior, só para certificar-se de que ele próprio não era desagradável. — Como é que vou saber? E nem me interessa! Somos políticos, pelo amor de Deus! Amamos o povo, pelo menos os que votam. Tudo que sei é que W. G. ainda tem um fraco por ela. Escreve-lhe cartas.

— Cartas! — Um alarme soou na cabeça de Jess.

— É. Cartas.

— Como o Presidente Wilson fez com a Sra. Peck?

— Essas são um pouco mais domésticas, Jess — ironizou Daugherty. — W. G. jura que não há nada de comprometedor, mas, droga, qualquer carta para uma garota com a metade da idade dele, falando de quartos de hotel, horários e lugares, vai ficar muito mal.

— Quer que eu compre as cartas?

Daugherty sacudiu a cabeça.

— Não. Ela não quer vender. Já tentei. Acho que pensa que um dia a Duquesa vai morrer ou desaparecer e W. G. vai casar com ela. Mas o problema não é este. — Daugherty entregou a Jess um envelope que, pelo

tamanho e peso, continha dinheiro. — Quero que vá a Chicago e lhe dê este dinheiro.

— Então ela está mesmo fazendo chantagem.

— Não. É para o sustento da criança. A filha deles, nascida em outubro.

Jess encarou Daugherty como se este tivesse feito uma piada complicada, que Jess era obtuso demais para entender. Será que devia pedir que o outro repetisse?

— W. G... Ele assume?

Daugherty assentiu.

— Ele vai ajudar no que puder — explicou.

— Mas a convenção vai ser em Chicago. — Jess estava entrando em pânico.

— Muito conveniente, não é?

No domingo, 6 de junho de 1920, Jess encontrava-se pela terceira vez no exíguo vestibulo do apartamento de quatro cômodos dos Willits — Avenida Woodlawn, 6.103, na esquina da Rua 61, em Chicago. Ele tinha decorado o endereço.

Nan estava sozinha e chorando.

— Esperei e esperei na estação Englewood, mas ele não saltou.

Mesmo assim, com os olhos e o nariz vermelhos, ela era uma

- mulher bonita. Não havia sinal do bebê, que estava na casa de uma babá perto dali.

— Bom, é por isso que estou aqui. W. G. ficou muito chateado. Mas a Duquesa ficou com ele o tempo todo, e não houve modo de saltar na estação Englewood. Mas ele me mandou dizer a você que vai tentar amanhã mais ou menos a essa hora. Sendo domingo, a sua irmã...

— Ah, posso dar um jeito para eles irem à igreja ou qualquer outra coisa.

— Nan enxugou os olhos e pegou uma foto, emoldurada em bambu, dela mesma segurando um bebê. — Esta é a Elizabeth Ann no dia em que completou seis meses. Ele não quer vê-la, sabe?

— Bem... — foi o melhor que Jess pôde fazer.

— É a cara dele, não é? Rezo para que ele apareça para vê-la; ou então eu posso levá-la ao parque como costume o fazer, ele pode passar por lá casualmente e dizer oi. Que é que está acontecendo na convenção?

— Só vai começar na terça-feira, e só vão votar na sexta. Ninguém ainda é franco favorito. Imagino que a coisa vai ser decidida em salas enfumaçadas.

Como a maioria do país, Jess apreciava essa expressão, largamente atribuída a Daugherty pela imprensa; ele dera uma entrevista dizendo que, se a convenção chegasse a um impasse logo no início, os magnatas do Senado decidiriam, numa sala enfumaçada, quem ganharia a indicação.

A pesquisa do dia do *Literary Digest* mostrava que Harding semeara o

sexto lugar nos corações de seus companheiros republicanos, ao passo que, pelo número de delegados comprometidos, Harding era o quarto, com Wood, Lowden e Johnson bem à frente. Era um alvo muito alto, e Jess apostava pouco. Daugherty estava agitado, porém pessimista. W. G. estava estranhamente relaxado, como se soubesse algo que os outros não sabiam, ao passo que a Duquesa estava convencida de que os astros já tinham feito a sua escolha. Na semana anterior, Madame Mareia fora enfática, e a Duquesa repetia sem parar:

— Trígono da lua no signo de Aries.

— Andei lendo que ele parou inteiramente de fumar e beber.

— Bom, isso é coisa da Duquesa. Não quer fotos dele com um charuto ou, pior ainda, um cigarro, que é o que os desocupados fumam, de modo que ele mascara tabaco quando hinguém está vendo. Mascar não aparece nas fotos.

Mas Nan não estava escutando; estava parada diante de um aparador onde, em meio à louça, havia, pilhas de recortes de jornal mostrando W. G.

— Acho que ele está um pouquinho gordo demais nesta aqui, Mas aqui, no *Delineator*; ele está lindo. Esta foi tirada quando ele estava num chautauqua, e eu estava na mesma rua, num hotel, onde...

— Querida?

A voz era baixa e inteiramente familiar a ambos. Jess pôs-se de pé num salto, enquanto Nan corria a abrir a porta. Ali estava o senador Harding, que, ao ver Jess, entrou depressa na sala, antes que Nan pudesse abraçá-lo.

— Eu ia passando por acaso — disse, em tom tão casual que Jess, se não soubesse da verdade, poderia ter pensado que um senador de Ohio estava simplesmente fazendo uma visita de cortesia à filha de um correliogonário atualmente domiciliada em outro Estado. — De modo que pensei em dar um pulo até aqui e ver você e Elizabeth. Foi um pedido específico do juiz Scofield, quando saí de Marion.

— Elizabeth saiu. Foi passar o dia fora.

— Bem, então é melhor que e u...

— Não, não. Sente-se. Ela vai voltar a qualquer momento. Quero dizer, e la...

Jess ficou fascinado. Nem mesmo Roxy representara tão bem uma cena por causa dele, como Nan e, W. G. estavam fazendo. Enquanto Jess saía, W. G. comentava:

— Acho que estão todos no Gongress Hotel, nosso quartel-general, no Salão Florentino. O mesmo — voltou-se para Nan — que Theodore Roosevelt usou em 1912.

Jess despediu-se dos amantes, que o ignoraram.

O Salão Florentino era uma maravilha de madeira escura entalhada, couro folheado a ouro e pesados lustres de metal. Em todas as paredes havia retratos de Harding, e as mesas de refeitório estavam cobertas de panfletos,

botões, chapéus de palha. Uma dúzia de voluntários supervisionavam o mostruário, enquanto Daugherty e a Duquesa colocavam-se a um lado da porta principal, como para se protegerem de uma súbita invasão de fãs.

— Onde está Warren? — foi a primeira pergunta da Duquesa.

— Acho que na suíte do La Salle. Estive no Coliseu. — Jess tinha realmente visitado o auditório onde teria lugar a convenção, e ficara muito impressionado com os mais modernos painéis acústicos colocados nos fundos. — Visitei também a suíte que vocês reservaram no Auditorium Hotel. — Ele voltou-se para Daugherty, qualquer coisa para evitar o olhar azul e contundente da Duquesa. — Tudo está preparado por lá. E aqui?

— Temos quarenta quartos aqui — disse a Duquesa. — São 750 dólares por dia durante dez dias. Daugherty está gastando dinheiro como se fosse água...

— Para que mais ele serviria agora? Se gastamos, elegemos...

Nesse momento chegou George Christian, um rapaz de Marion que Harding contratara como secretário. Era um jovem moreno, entusiasmado e eficiente, de uma antiga família de Marion.

— Bem, temos gente em cada hotel onde haja uma delegação. Todas as informações sobre todos os delegados estão sendo atualizadas aqui no quartel-general. Temos quinhentos organizadores em tempo integral, e na sexta-feira esperamos ter quase dois mil. Estamos sendo discretos e otimistas, e esperamos realmente que os senhores se lembrem do senador se houver algum problema...

Nesse momento o som de vozes masculinas cantando em uníssono veio do saguão.

— Meu Deus, que é isto? — fez a Duquesa.

— Você não tem bom ouvido, Duquesa — retrucou Daugherty.

— É o Clube Republicano da Alegria, de Columbus. Todos os dias, a essa hora, vão cantar para nós no mezanino. São 75. Agora estão cumprimentando...

Daugherty ficou escutando por um instante, e todos ouviram uma frase cantada com melancolia: "Wabash, tão distante..."

— ... a delegação de Indiana. Depois, à noite, eles vão rodar todos os hotéis, fazendo serenata para todos os outros candidatos, criando boa vontade.

— Trígono da lua — murmurou a Duquesa consigo mesma. Em voz alta, disse: — Dizem que o preço dos delegados do Sul agora é de cinco mil dólares por cabeça.

— Isto para os que estão à venda — confirmou Daugherty.

— Os comprometidos custam mais caro.

O presidente do Comitê Nacional Republicano entrou no Salão Florentino, seguido por vários membros da imprensa. Will Hays era muito jovem e, aos olhos críticos de Jess, muito feio, com orelhas de abano, nariz pontudo, queixo inexistente e a voz esganiçada, com um forte sotaque de Indiana. Era

supostamente neutro, mas todos sabiam que ele inclinava-se a si mesmo como azarão: era o bichinho de estimação da cabala do Senado.

— Alguém me disse que o senador estava aqui. — Ao ver a Duquesa, dirigiu-lhe um sorriso de roedor e apertou-lhe a mão.

— Sra. Harding, diga ao senador que faremos qualquer coisa ao nosso alcance. O Comitê de Credenciamento fica aqui no hotel, no anexo, e se houver algum problema é só falar conosco.

— Vou dar o recado, Sr. Hays.

— Como estão os sulinos? — perguntou Daugherty.

Hays revirou os olhos comicamente e retirou-se. Jess fixou o olhar no cartaz de Warren Gamaliel Harding na parede à sua frente e perguntou-se o que aconteceria se o mundo soubesse que o nobre senador romano estava no momento na cama com Nan Britton no outro lado de Chicago.

2

Para Jess Smith, aquela semana foi de inteira confusão. Ele foi enviado em várias missões, muitas vezes com envelope de dinheiro para os delegados sulinos. W. G. recebia os visitantes no Sulão Florentino; raramente sorria. Daugherty comandava seus dois mil soldados com grande precisão, mas ninguém sabia dizer com que propósito. Wood e Lowden ainda eram os principais candidatos e Harding era apenas um de uma dezena de outros cavalos no páreo, que iam de pouco cotados a ignorados. Pior de tudo, na sexta-feira à noite ele tinha que decidir se ia ou não concorrer à reeleição ao Senado. Se não se registrasse antes da meia-noite, não poderia concorrer. Se se registrasse, estaria declarando que não esperava ser indicado para a eleição presidencial. Durante toda a semana ele tivera a intenção de registrar-se para o Senado, ao passo que a Duquesa ainda estava sob a influência de Madame Mareia. Agora, na sexta-feira, dia do escrutínio, era ela quem insistia para que ele concorresse ao Senado, e ele ficava enigmático de repente.

Durante algum tempo Jess sentou-se na galeria, com um leque de palha que não apenas não o refrescava quando ele se abanava, mas também deixava-o com mais calor por causa da energia gasta para isso. Todos estavam em mangas de camisa. Lá embaixo as delegações estaduais conversavam entre si em voz tão alta que ninguém conseguia escutar os oradores que apareciam, um

por um, na ponte de comando, como era chamada. Ali, um grande cartaz pedialhes que ficassem de pé dentro de um círculo branco, para que os curvos painéis de som atrás deles, junto com uma complicada peça de equipamento telefônico, pudessem fazer que o orador fosse ouvido pelas 13 mil pessoas do auditório. Mas nenhum sistema de som poderia competir com o tagarelar dos delegados grupados em volta das bandeiras de seus estados.

De repente fez-se silêncio no auditório, quando o presidente da convenção, Henry Gabot Lodge, velho e macilento, apareceu na ponte de comando. Ficou por um instante contemplando o salão repleto. Eram cinco horas da tarde e a temperatura lá dentro devia atingir mais de quarenta graus, pensou Jess. Mas Lodge parecia frio, e a voz era fria.

— Vamos começar o escrutínio estado por estado.

Houve um suspiro geral de alívio e algum aplauso. Jess pegou seu lápis e o bloco de anotações. Os estados foram chamados um por um em ordem alfabética, e o porta-voz de cada um declarava o voto do estado. Havia dez candidatos. Alguns eram filhos da terra, como Nicholas Murray Butler de Nova York e o governador de Massachusetts, Calvin Coolidge, enchendo o buraco até que a delegação estadual pudesse fazer um acordo com o vencedor; outros, como Herbert Hoover, eram apoiados por correligionários desinteressados. Na realidade, Hoover teria sido a escolha do país inteiro, se o povo pudesse expressar sua preferência. Mas o que sucedia era que as galerias — irrelevantes — estavam repletas de entusiastas de Hoover, ao passo que o salão — a única coisa importante — não estava.

Era claro que nem Wood, nem Lowden pretendiam ceder. Wood terminou o escrutínio com 287 votos, Lowden com 211. Johnson teve 133 votos e Harding, 65, 31 menos que o professor Butler de Nova York. Terminada a votação, Jess saiu às pressas do auditório para a suíte de Harding no Auditorium Hotel. Daugherty em pessoa fê-lo entrar. Harding estava estendido num sofá, uma garrafa de uísque e dois copos bem à mão. Parecia exausto. Não tendo se barbeado, parecia pálido como um fantasma. George Christian estava ao telefone. A Duquesa não estava à vista.

— Acho que eu devia ter escolhido a reeleição — disse Harding, mais para si próprio.

Daugherty argumentou:

— Você ainda tem até a meia-noite. Vamos rezar para que ninguém descubra, porque essa coisa não vai se resolver para o nosso lado hoje, talvez nem amanhã.

Harding serviu-se uma dose de uísque. A mão, Jess percebeu, estava firme. Christian largou o telefone.

- Bom, os senadores vão entrar em ação. Uniram-se para impedir Wood — informou.

— Como? — perguntou Daugherty, apanhando outro telefone.

— Vão pressionar seus candidatos para apoiarem Lowden.

— Não se pode ter mais que um vice-presidente. — O tom de Daugherty era amargo, mas quando falou ao telefone sua voz era baixa e cálida. — Por favor, posso falar com o senador Penrose? Aqui é Harry Daugherty, de Chicago. — A resposta foi um a brusca negativa. — De qualquer maneira, muito obrigado — disse ele, e desligou.

— Pertrose está em casa, moribundo — disse Christian.

— Bem, enquanto ele está ocupado morrendo, mantém uma linha especial com a delegação da Pensilvânia. E está usando essa linha. Uma palavra por parte dele... — Um assessor assomou à porta. — O senador Fali gostaria de falar com o senador Harding.

Harding pôs-se de pé num salto, ajeitou as roupas e penteou os cabelos, tudo num único movimento rápido.

— Faça-o entrar.

Jess admirava muito Fali. Para começar, ele parecia um vaqueiro de verdade, com seus olhos penetrantes e o bigode cheio. Era também um dos maiores amigos de W. G. no Senado.

Os dois homens apertaram-se as mãos calorosamente. Então Harding levou Fali para o extremo oposto do aposento, onde ninguém poderia escutá-los, e até mesmo Jess teve dificuldades nisso, porque tanto Daugherty quanto Christian estavam usando os telefones ruidosamente, dando ordens, oferecendo acordos.

Fali estava fazendo o possível para alegrar W. G.

— Borah e Johnson estão ameaçando sair do partido se Wood ou Lowden forem indicados.

— Por quê? — W. G. estava confuso, o que não lhe era comum.

— Estão preocupados com todo o dinheiro que os dois andaram gastando. Borah está particularmente contrariado com o modo como o pessoal de Lowden comprou aqueles delegados do Missouri. Está dizendo que a Presidência não devia ser comprada.

— Um pouco tarde para preocupar-se com isso — disse W. G., uma ponta de sarcasmo na voz.

— Bem, você sabe como eles são.

— Sei que isto é bom para nós — sorriu W. G.

O telefone tocou. Christian atendeu. O segundo escrutínio estava terminado. Lowden conseguira mais 48 votos, Wood apenas dois. Harding perdera quatro votos.

— Bem, nossos colegas senadores fizeram tudo que podiam, por enquanto. — Fali não estava achando ruim. — Só que Nova York poderia ter iniciado um estouro de boiada quando Butler saiu, e não o fez.

— Imagino que vamos ficar aqui a noite inteira — disse W. G. de repente, tranqüilo como sempre.

Mas antes do final do quarto escrutínio Jess observou fascinado a cabala senatorial entrando em ação no palco do auditório. Uma dezena dos homens mais poderosos do país estavam fazendo uma reunião importantíssima, abertamente. A liderança de Wood não caíra, apesar de todos os esforços deles; no entanto, os votos de Lowden não mostravam sinal de uma perda grave. Lodge postava-se na ponte de comando enquanto se somava o quarto escrutínio. Então anunciou o resultado: Wood estava a 177 votos da indicação. Houve aplausos quando os números foram lidos. Os senadores, os verdadeiros chefes — ou pelo menos assim acreditavam — da convenção, do Senado, do país, finalmente tinham chegado a uma conclusão. O solene senador Smoot subiu à ponte de comando e disse em voz alta:

— Proponho que a convenção fique adiada para as dez horas da manhã de amanhã.

Houve um silêncio atônito. Então, antes que pudesse haver reação por parte dos delegados, Lodge disse:

— Aqueles que forem favoráveis ao adiamento digam "sim".

Ouviram-se alguns "sim".

— Os que são contrários digam "não". — Lodge mais que nunca tinha a aparência de ter sido mumificado recentemente.

Os "não" quase derrubaram o Presidente de cima da ponte de comando. Mas Lodge, agarrando-se à mureta, ergueu o martelo e disse, com um sorriso acanhado:

— Os "sim" ganharam, e a convenção está adiada para amanhã às dez horas.

Jess pensou, com um arrepio: aquilo era o poder em sua forma mais crua. Além disso, a profecia de Daugherty estava prestes a ser cumprida. Nessa noite os senadores iriam escolher o próximo Presidente, e sem dúvida os quartos de hotel onde se reuniriam estariam enfumaçados. Mas W. G. emergira da fumaça? Jess ficara profundamente decepcionado com a falta de apelo de Harding até então. Ninguém era apaixonadamente favorável a ele, ao contrário dos que apoiavam Wood, Lowden e Johnson. Por outro lado, ninguém era apaixonadamente contra ele. Essa tinha sido a estratégia de Harding desde o início: se os principais se anulassem uns aos outros, só ele sobraria, pronto para tomar a coroa.

Jess entrou no Blackstone Hotel, onde as delegações mais importantes estavam hospedadas. A suíte de Will Hays era agora o eixo da panelinha senatorial. Ao cruzar a portaria cheia de gente em direção aos elevadores, Jess foi abordado por um homem de aparência distinta, com uma pilha de panfletos na mão.

— Senhor, vejo que é um delegado.

Jess ficou lisonjeado demais para negar.

— Quequiá? — perguntou instintivamente.

— O que há? — O homem sorriu. — Há que um dos candidatos à Presidência é negro, e há que só tragédias podem acontecer a um país branco que elege um negro...

Jess calculou que aquele devia ser o inimigo de Harding, William Estabrook Chancellor, professor na Universidade Wooster, no Ohio. Sempre que Harding candidatava-se a qualquer coisa, Chancellor aparecia com seus panfletos e genealogias, sempre financiado pelo próprio bolso, e embora não tivesse até então causado grandes problemas, Jess sabia que ele poderia fazer um grande estrago numa corrida apertada. Jess recusou o panfleto e dirigiu-se apressado para o elevador.

No quartel-general da delegação do Ohio, Jess encontrou o próprio W. G. Houvera nele uma transformação considerável desde o Coliseu. Harding agora estava bem vestido, recém-barbeado e exalando confiança! Havia agora uns cinquenta homens e mulheres no aposento comprido e estreito, com uma mesa comprida e estreita onde normalmente os vendedores exibiam suas mercadorias. Harding estava confortavelmente sentado à mesa diante de um enorme cartaz de si próprio.

— Agora sei que existe a tentação de acompanhar aquele que vocês pensam que pode ser o vencedor, o general Wood, e sei que há alguns companheiros comprometidos comigo que estão tentando convencê-los a mudar amanhã no primeiro escrutínio e dar a indicação ao general Wood. Mas ele jamais será o indicado. Isto é muito claro. Tampouco o governador Lowden. Ainda estamos na corrida, e ainda somos o estado onde os republicanos precisam vencer para ganhar a eleição...

Jess olhou em volta da sala para ver o efeito que W. G. estava tendo no grande homem da delegação, o velho Myron Herrick; este assentia, concordando. Como o governador Herrick era o fato principal da política do Ohio, W. G. ainda se agarrava a seu estado natal, apesar dos sinais de rebelião.

No extremo oposto da sala, Jess avistou Daugherty sentado de costas para Harding, escrevendo num caderno. Jess foi até ele do modo mais invisível que conseguiu.

— Quequiá? — sussurrou.

— Saberemos dentro de uma hora. Estão todos reunidos na suite de Will Hays.

— W. G. registrou-se para a reeleição ao Senado?

Daugherty assentiu e levou um dedo aos lábios.

— Mas vamos vencer. Aqui. Esta noite.

— Como?

Blaise fez a mesma pergunta a Lodge. Estavam sentados a um canto da suíte que Will Hays compartilhava com o editor do *Harvey's Weekly*, George Harvey, um antigo amigo e agora dedicado inimigo de Woodrow Wilson. Mais cedo, Blaise jantara com Lodge, Brandegee e Curtis, do Kansas, na suíte 404, onde "a coisa" seria resolvida. Uma dezena de senadores estavam agora em sessão mais ou menos permanente enquanto o anfitrião, Will Hays, entrava e saía da sala, falando ao telefone em seu quarto, encontrando-se com misteriosos desconhecidos no quarto de Harvey, fazendo relatórios aos senadores.

Lodge parecia um rei, sentado no centro da sala, uma pintura das Cataratas de Niágara atrás de si. O uísque num aparador de vez em quando era procurado pelos senadores, que tinham, em sua maioria, votado a favor de sua proibição para todos os americanos.

— O "como" é a parte fácil — disse Lodge em tom professoral. — Quando dermos o sinal, os candidatos apoiados por nós vão renunciar, e os delegados vão votar conforme a nossa escolha. O "como" é deliciosamente simples. O "quem" é que está nos causando problemas.

Hays veio do quarto.

— Consegui falar com Penrose.

— Ele está morto? — perguntou Harvey, que mostrava sinais de muito uísque e poucas horas de sono.

— Não que dê para notar — Hays respondeu com simpatia. — De qualquer maneira, ele largou Wood.

Os senadores acharam ótimo. Brandegee ergueu um brinde a Penrose.

— Parece que o velho Penrose pediu a. Wood três cargos no Gabinete e Wood disse que jamais, e Penrose desligou na cara dele.

Wadsworth, de Nova York, interpôs:

— Isto afasta Wood, mas não ajuda Lowden ou Johnson...

— Johnson é impossível — afirmou Smoot.

Brandegee suspirou.

— Ele diz que vai sair do partido. Acha que podemos obrigá-lo a cumprir essa promessa? — Os outros riram, e Brandegee continuou: — E o filho favorito de Massachusetts? — perguntou, olhando para Lodge.

— Fiz setenta anos no mês passado — disse este.

Parecia triste. Blaise perguntou-se qual deveria ser a sensação de passar a vida inteira desejando uma coisa e então simplesmente, por causa do calendário, ver essa coisa desaparecer.

Brandege sorriu.

— Eu estava pensando no outro candidato de lá, o governador, Coolidge.

Embora, como a maioria dos americanos pensantes, Blaise preferisse Herbert Hoover, que não era político — Franklin Roosevelt dissera que Hoover daria um esplêndido Presidente por qualquer dos dois partidos —, Coolidge era uma figura intrigante, muito admirada por todos por ter dito à policia de Boston que eles não tinham o direito de entrar em greve prejudicando a segurança pública.

Smoot sacudiu a cabeça.

— Ele não tem seguidores, e parece um João-ninguém, exatamente o que é na realidade.

— Acho que não devíamos indicar um homem que divide com outra família a casa onde mora — afirmou Lodge; pensativamente.

Harvey declarou:

— Eu apóio Will Hays, naturalmente...

— Eu também — disse o próprio. — Mas não posso ser indicado, pelo menos por enquanto.

Smoot sentou-se no braço de um sofá.

— Acho que Harding é nosso melhor palpite.

Mas não havia grande entusiasmo por Harding. Brandege observou que ele tinha uma aparência presidencial, mas isso seria suficiente? Lodge comentou que em Washington Harding dividia a casa com outra família, de modo que não poderia habitar o senhorial esplendor da Casa Branca.

Blaise permaneceu até a meia-noite escutando os grandes homens discutirem as várias escolhas possíveis. Por volta da uma da manhã, ele percebeu que não apenas eles não tinham um plano comum mas que, apesar da leviana afirmação de Lodge de que os delegados fariam o que lhes fosse ordenado, a convenção estava fora de controle e se Wood e Lowden permanecessem na corrida não haveria meio de romper o impasse até que o cansaço fizesse os delegados escolherem Johnson ou Harding.

Às 2:00h, Blaise saiu despercebido, assim como o senador Smoot.

— Quem vai ser? — perguntou Blaise.

— Bom, vai ser aquele com o menor número de inimigos. De modo que isso deixa Johnson de fora.

A porta do elevador abriu-se. Lá dentro estava um repórter do *New York Telegram*, um homem que Blaise conhecia de vista e o senador Smoot de nome.- Quando o outro lhe fez a inevitável pergunta, Smoot declarou em voz baixa:

— Todos nós decidimos por Harding. Ele é o homem.

— Posso publicar isso?

Smoot sorriu.

— Mas sem dizer a fonte. Por enquanto. Amanhã vamos deixar Lowden concorrer em alguns escrutínios e à tarde indicaremos Harding.

O repórter saiu correndo do elevador e atravessou a portaria em direção a um telefone público. Blaise, perplexo, voltou-se para Smoot.

— Mas não houve decisão de apoiar Harding ou qualquer outro!

— Bem, Sr. Sanford, na política nem sempre se diz o que se quer dizer. Aliás, o político esperto acompanha os acontecimentos. Meu grupo de irmãos lá em cima estava eliminando, e não escolhendo, e embora não digam diretamente "o homem é Harding", é o que estavam fazendo quando rejeitaram Johnson e Coolidge.

Blaise lembrou-se de repente que ele também era jornalista,

— O *New York Telegram* vai publicar na primeira página.

— Foi por isso que falei com o rapaz. Então a Associated Press vai ficar sabendo, e ao meio-dia todos os delegados estarão lendo que nós escolhemos Harding para eles.

— Acha que vai funcionar? — Blaise estava impressionado com a confiante maestria de Smoot ao lidar com os segredos da política.

— Acho, sim.

Os dois se separaram; Blaise foi ao telefone e ligou para Trimble em Washington, com uma história mais plausível, na qual previa, de uma forma ou de outra, a vitória da oligarquia reinante no Senado.

Harding, acompanhado apenas por Jess, entrou na suíte de Hiram Johnson, onde foi carinhosamente cumprimentado por Johnson e mais uma dezena de homens que Jess não conhecia, à exceção do publicitário Albert Lasker, famoso por ter transformado certos biscoitos intragáveis numa iguaria muito procurada, simplesmente mudando-lhe o nome; inventara também a expressão "pele de garota de escola", um estado que só podia ser mantido com o uso constante do sabonete Palmolive.

Cabelos cuidadosamente repartidos ao meio, Johnson parecia resoluto e grave, como sempre.

— Podemos conversar um instante?

Harding era senhor da situação; e Jess perguntou-se por quê. Johnson levou Harding para o quarto de dormir, com Jess junto. Este fechou cuidadosamente a porta, esperando W. G. dizer-lhe para esperar lá fora. Mas W. G. nem mesmo o notara.

— Finalmente foi decidido — disse W. G. com seu sorriso mais encantador.

— Quem decidiu o quê?

— Nossos colegas senadores. Wood está fora. Lowden não vai conseguir chegar lá, como veremos amanhã, isto é, hoje, nos quatro ou cinco primeiros escrutínios. De qualquer maneira, quero você na minha chapa.

A careta de Johnson foi horrível.

— Você...?

— Ohio e Califórnia. É difícil ganhar disso.

— Você... para Presidente?

— Hiram, sei que não pertencço ao seu time, nunca pertenci. Por isso preciso de você. É um dos melhores e mais populares homens públicos...

— Mas não suficientemente popular para Lodge, Brandegee e Wadsworth...

— Bem, sabe como eles são. Você assusta os camaradas. De qualquer maneira, por favor não me feche a porta. Espere um pouco e pense no assunto, está bem?

Harding apertou a mão de Johnson, abraçando-o com o braço esquerdo. Então, seguido por Jess, saiu do quarto, deixando Hiram Johnson entregue ao que, aos olhos de Jess, era obviamente uma fúria assassina.

4

Blaise tomou o café da manhã no Blackstone com Alice Longworth e Harvey, que estava visivelmente de ressaca. Para espanto de Blaise, Harvey declarou:

— Decidimos por Harding. Era a única coisa que podíamos fazer...

— Harding! — assustou-se Alice. — Mas ele é tão... tão...

— Segunda classe — concordou Harvey. — Mas é quem tem menos inimigos. É também o que os delegados querem, agora que Wood e Lowden anularam um ao outro.

— Quando é que isso foi decidido? — quis saber Blaise. — Eu estive lá até uma da manhã, e nada tinha sido resolvido.

— Foi por volta das duas e meia, acho. Chegamos até a chamar Harding, para contar a ele. Então lhe perguntamos se havia alguma coisa em sua vida particular que pudesse prejudicá-lo, e ele disse que não...

— Além do sangue negro — fez Alice.

Harvey riu.

— Alguém mencionou isso a Penrose no telefone, e Penrose disse:

"Considerando-se os problemas que estamos tendo com o voto dos negros, isso poderia ser de grande ajuda"...

Enquanto Alice aliviava-se de um bom número de verdades a respeito de W. G. e da Duquesa, Blaise tinha certeza de que Harvey estava mentindo. Mentira a respeito de Wilson no passado; e agora estava mentindo novamente para poder fazer-se importante no processo da fabricação de um rei. Blaise tinha certeza de que nenhuma escolha fora feita e duvidava muito de que Harding tivesse sido convocado e interrogado, como um candidato a caixa de banco. Por razões próprias, Harvey queria fazer-se essencial à agora famosa previsão de Daugherty quatro meses antes — que por volta das 2:1 lh da manhã, 15 ou vinte homens exaustos voltar-se-iam para Harding.

— Por que não Knox? — perguntou Alice em tom de queixa.

Mas Harvey foi chamado ao "telefone. Voltou com ar de sapiência.

— O primeiro escrutínio já terminou. Lowden está à frente. Wood está caindo, Harding ganha uns votos aqui e ali. Johnson está caindo.

— O senador Borah estava no 404? — quis saber Alice.

— Hum... não, não estava, mas nós o mantivemos informado, e ele... ele concordou. . .

— Concordar não faz muito o estilo dele, não é? — Alice era esperta. Blaise perguntou-se se ela estava acreditando em Harvey. Ela prosseguiu: — De qualquer maneira, por que os velhinhos não aderem logo e colocam Harding na frente no próximo escrutínio? Por que arrastar as coisas?

— Logística — explicou Harvey. — Não havia tempo de falar com todas as delegações antes do início da convenção. Mas a notícia está correndo agora.

— Cabot com certeza não quer Harding. — Alice estava contrariada com os caprichos da democracia.

— Cabot só quer destruir Woodrow Wilson e a Liga das Nações. — Pela primeira vez Harvey foi preciso. — Não se importa com quem seja indicado, contanto que a pessoa não viva numa casa modesta. Na terra natal, é claro.

— Os padrões de Cabot são tão altos! — fez Alice, sem conseguir comer o ovo à sua frente.

Blaise perguntou-se por que ninguém pensara no marido dela como -um candidato potencial. Afinal, Nicholas Longworth era agora líder de bancada na Câmara de Representantes, o que o tornava um homem muito importante. Mas ninguém jamais pensava no simpático e encantador bebedor Nick para coisa alguma.

Se a conspiração senatorial tinha pré-decidiu a convenção, os próprios delegados não tinham sido instruídos. Blaise achou que os primeiros cinco escrutínios lembravam os de sexta-feira. Wood e Lowden alternavam-se em primeiro. Johnson caía e Harding subia imperceptivelmente.

Blaise abriu caminho através do calor equatorial até o palco, carregando sobre o braço o casaco dobrado, tentando não respirar o ar fétido. No palco encontrou Brandegee com aparência doentia.

— Que é que está havendo? — foi a pergunta pouco brilhante de Blaise.

Brandegee balançou a cabeça.

— Nada. É isto que está havendo.

— Pensei que ontem à noite os senhores senadores tinham decidido apoiar Harding.

— Quem lhe disse isso?

— O meu jornal.

— George Harvey, com certeza. É um imbecil. Não tomamos decisão alguma, a não ser que nós todos gostaríamos de ver Hays indicado, de modo que instruí a delegação de Connecticut a apoiar Will Hays no próximo escrutínio.

— Se Connecticut apoiar Hays...

— Connecticut não vai fazer isso.

— Mas o senhor é o senador...

— Mas não sou o estado. Os delegados querem Harding. Mandaram-me ir para o inferno. A coisa está uma confusão danada.

— Acabou-se a cabala senatorial.

— Coisa que os jornais inventaram para nós — disse Brandegee. — Nossa única esperança agora é um recesso. Então convencemos Lowden a dar o fora, e Hays triunfa.

Blaise queria perguntar por que Hays, entre tantos outros. Mas naquele momento a pergunta não fazia sentido. Por que qualquer um?

Lodge anunciou um recesso. Houve poucos aplausos e muitas vaias. Os fabricantes de Presidente agora tinham três horas para indicar Will Hays Presidente. Enquanto isso, espalhava-se o boato de que Harding e não Hays era a escolha do Senado. Blaise perguntou-se para que serviria tanta esperteza. Para tornar a indicação de Harding possível ou impossível?

Enquanto os delegados começavam a deixar o auditório, Blaise viu Daugherty discutindo exaltadamente com Lodge na ponte de comando.

— Não vai conseguir derrotar esse homem assim — Blaise ouviu Daugherty gritar para o imperturbável Lodge.

Este murmurou algo sobre a "união do partido" e virou-se para o outro lado.

Jess reuniu-se a Daugherty num aposento nos fundos do palco, onde W. G. já se instalara em segredo. Daugherty estava suando e nervoso. Harding estava

inteiramente à vontade.

— Onde é que a Duquesa está sentada? — perguntou.

— À esquerda da ponte de comando — esclareceu Jess.

— O próximo escrutínio com certeza vai ser decisivo.

Harding penteou os cabelos diante do espelho e Jess perguntou-se se ele ia aparecer diante da convenção quando fosse indicado. Certamente seria teatral, mas talvez não fosse permitido. Jess não conseguia lembrar-se do procedimento das convenções anteriores.

Bateram à porta e Jess abriu uma fresta. Era Toby Hert, de Kentucky, mestre-sala de Lowden. Atrás dele vinha o governador Lowden em pessoa.

— Entrem! — exclamou Jess, cuspidando em si mesmo.

Harding e Lowden apertaram-se as mãos calorosamente.

— Imagino que saiba por que estou aqui — disse o governador.

— O senhor sempre foi a minha escolha pessoal — disse W. G., generoso na vitória.

Toby foi direto ao assunto.

— Liberamos todos os nossos delegados, e a maioria vai apoiar o senhor. Mas muitos votos lá fora estão sendo comprados para Hays.

— A quanto? — perguntou Daugherty, sempre prático.

— Entre mil e dez mil dólares.

Daugherty assobiou.

— É tarde demais para Hays — disse Lowden. — O senhor é o próximo da fila, e ninguém jamais vai poder dizer que um grupo de senadores forçou os delegados a escolherem-no.

— Ah, muitos vão dizer, sim — sorriu Harding. — Mas nós sabemos que não foi assim. Na verdade, meus amigos no Senado tentaram me deixar de fora. Mas vou perdoar-lhes, pois não sabem o que fazem.

— Amém — disse Daugherty, exausto.

Blaise estava sentado atrás da Sra. Harding quando o novo escrutínio foi iniciado, às 4:50h. Hays não mostrava força alguma; isso liquidava os chefões na sala enfumaçada. Não houve uma mudança significativa em relação ao escrutínio anterior até chegar a vez do Kentucky, cujo porta-voz levantou-se e votou não em Lowden, mas em Harding. Foi o sinal de que Lowden estava fora da corrida. Um brado geral fez-se ouvir.

Severamente Lodge bateu com seu martelo. A Duquesa retirou o chapéu e colocou-o no colo. Na mão direita segurava dois grandes alfinetes de chapéu, como se estivesse pronta para lutar até a morte por aquele que os astros escolheram para Presidente. Então Daugherty sentou-se ao lado dela.

— Ele vai ser indicado no próximo escrutínio. A Pensilvânia agora está conosco — informou ele.

A Duquesa fez um gesto convulso e enfiou os alfinetes na perna de

Daugherty — pelo menos foi o que Blaise imaginou e que Daugherty deve ter sentido, pois ficou muito pálido, porém logo se refez.

— W. G. está lá nos fundos, com Lowden — prosseguiu. — Depois da indicação vamos levá-lo para o La Salle. Já alugamos uma suíte maior, com elevador privativo.

A Duquesa assentiu, emocionada demais para falar.

Jess estava sentado com Nan Britton bem no alto da galeria. Juntos devoravam um saco de amendoins. O calor era sufocante mas nenhum dos dois se importava, pois estava começando o décimo escrutínio. Aparentemente W. G. estivera com Nan três vezes na última semana, e havia até um plano para um encontro no dia seguinte no parque, onde ela estaria passeando com a criança. Jess perguntou-se o que Daugherty diria se soubesse; perguntou-se se deveria ou não contar a Daugherty. Até então, W. G. tomara sozinho o trem elevado para a Rua 61 três vezes, sem ser reconhecido. Nan dissera-lhe que ele era louco de fazer isso, mas ele não conseguiu controlar-se. Paixão.

O grande momento ocorreu quando a Pensilvânia foi chamada e o chefe da delegação, consciente de sua missão histórica, entoou gravemente:

— A Pensilvânia dá 61 votos para Warren G. Harding.

Aplausos exaustos dos delegados e dos assistentes marcaram a vitória de Harding.

Lodge anunciou que a votação tinha sido unânime para Lowden o foi vaiado. Quando disse o nome correto, as vaias continuaram. Wisconsin não apoiaria outra pessoa senão La Follette, ao passo que Wood ainda tinha mais de cem votos.

Com uma careta de desprezo Lodge bateu o martelo com força e gritou com sua rouca voz de fidalgo:

— Warren G. Harding foi unanimemente indicado por esta convenção como candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos!

— Não acredito! — fez Nan.

— Eu sim — respondeu Jess. — Daugherty e eu sempre soubemos que um dia conseguiríamos, e agora conseguimos.

Os candidatos democratas a Presidente e vice-presidente estavam sentados no escritório de Tumulty, que dava para o gramado sul da Casa Branca. Burden fazia-lhes companhia enquanto Tumulty organizava o Presidente. O candidato à presidência, o governador James Cox, de Ohio, era um homem pequeno, de cabeleira rala e rosto redondo e corado; usava um terno de três botões com os três botões devidamente abotoados. Parecia ao mesmo tempo presunçoso e intimidado. O candidato à vice-presidência era Franklin D. Roosevelt, com 38 anos; embora incapaz de sentir-se intimidado diante de alguém exceto, talvez, outro Roosevelt, ele estava nervoso.

— Acha que vamos estar com ela? — perguntou ele a Burden.

— Quem sabe?

Burden mostrava-se menos que simpático. Se alguma vez um partido político escolhera um par de perdedores perfeitamente equilibrado, era ele o arrogante Roosevelt, cuja imitação de T. R. era menos convincente do que a da maioria dos cpmediantes, e o digno, porém mortiço Cox, que recebera a indicação depois de 44 escrutínios durante os quais os dois principais contendores, o inimigo do bolchevismo A. Mitchell Palmer e William McAdoo, destruíram-se um ao outro. Burden fizera o possível por McAdoo, mas o líder natural do partido fora solapado por seu sogro, o Presidente, que deixara escapar que ele próprio gostaria de um terceiro mandato para combater em prol da Liga. Como Wilson no momento encontrava-se incapacitado para desempenhar o trabalho de Presidente, parecia muito improvável que esse inválido fosse receber mais quatro anos. De qualquer maneira, mesmo que Wilson estivesse com ótima saúde, o país, se não o seu próprio partido, o teria rejeitado.

Quando a língua de Harding tropeçara durante um recente discurso, transformando uma volta à "normalidade" em "normalismo", o país em uníssono soltou um grande suspiro de alívio — chega de grandes homens! — e a estranha palavra de Harding foi recebida com absoluta satisfação como uma definição do estado de espírito nacional.

Burden olhou para Roosevelt com leve desagrado. Se um político alguma vez tivesse nascido com todos os trunfos na mão, era essa criatura alta e elegante em suas calças brancas, paletó escuro e sapatos brancos, mais apropriados para uma vigorosa partida de croquet do que para uma corrida pela vice-presidência. Felizmente ele logo seria derrotado e desapareceria do cenário nacional, já que agora havia todos os sinais de que os republicanos, uma vez no poder novamente, poderiam ocupar a Casa Branca pelo mesmo tempo que da primeira vez, de Lincoln a Cleveland.

Em certo sentido Burden ficava feliz por McAdoo e ele não terem sido indicados. Embora fossem figuras mais fortes que os dois homens nervosos sentados diante de si no escritório ensolarado de Tumulty, o país estava querendo normalismo, sono e dinheiro. A corrida de Burden para o Senado mostrava-se

mais difícil que antes, e Kitty já estava em American City dirigindo a campanha. Numa viagem para levantar fundos em Nova York, ele encontrara Franklin fazendo a mesma coisa; a pedido de Roosevelt, ele concordara em ajudá-lo e a Cox com uma difícil reunião com o Presidente, cujo endosso talvez ajudasse menos que a sua inimizade, pois no fundo Wilson era o único tema da campanha. O país era contra ou a favor da Liga? Contra ou a favor de presidentes mitológicos? Contra ou a favor de um papel de liderança num mundo tão misterioso para a maioria do povo quanto o reino dos céus?

— Não fui perdoado pelo Natal. — Roosevelt acendeu um cigarro. Cox fixou os olhos sem expressão no gramado sul da casa onde ele nunca moraria. — O coitado do Lorde Grey ficou sem saber o que fazer. O Presidente não queria recebê-lo por causa da... você sabe, a piada que um dos rapazes da embaixada fez a respeito da Sra. Wilson. De modo que Eleanor e eu o convidamos para passar o Natal conosco, e a Sra. Wilson está criando caso desde então.

— Por que será que ele demitiu Lansing? — perguntou Cox, dando as costas à janela. — Quero dizer, qual foi a verdadeira razão? Não pode ter sido porque ele estava fazendo reuniões do gabinete enquanto o Presidente estava doente.

— Ela nunca gostou de Lansing.

Franklin, na opinião de Burden, tinha uma visão exagerada do papel das mulheres na vida pública de seus maridos, até mesmo uma mulher que era geralmente considerada a verdadeira Presidente naquilo que há mais de um ano vinha sendo uma espécie de regência.

— Foram várias coisas — disse Burden. — Primeiro, o Presidente jamais gostou dele. Segundo, Lansing conversou mesmo com o vice-presidente sobre a possibilidade de destituir o Presidente do cargo...

— Lansing estava envolvido naquilo? — perguntou Cox, intrigado.

Burden alegrou-se por saber algo que o chefe titular de seu partido — até a primeira terça-feira de novembro — não sabia.

— Estava. Marshall também. Eu também. E também, acredite, Cabot Lodge. Foi quando enviamos os senadores Hitchcock e Fali para verem como o Presidente realmente estava.

Wilson fizera um esplêndido espetáculo. Quando os senadores estavam de partida, Fali afirmara, melosamente: "Sr. Presidente estamos rezando pelo senhor"; e Wilson, com a habilidade de um ator teatral, respondera: "Para que me aconteça o quê?"

— Finalmente — continuou Burden —, quando o assessor de Lansing, aquele idiota do Bill Bullit, testemunhou no Senado que Lansing achava que a Liga era inútil, o Presidente resolveu que era hora de Lansing ir para a guilhotina, e foi o que aconteceu.

— Alguns meses depois — acrescentou Franklin.

— Houve o derrame do Presidente...

— E o início da regência — completou Franklin, apagando o cigarro não fumado.

— Não creio que exista uma regência — declarou Burden, espantando os outros dois. — Estive diversas vezes aqui, gosto bastante da Sra. Wilson, e, não importa o que dizem, não acho que ela e Grayson estejam dirigindo o país.

— Então quem está? — perguntou Cox.

— Não contem a ninguém — fez Burden. Em seguida cochichou dramaticamente: — Ninguém!

— Você quer dizer, como se não houvesse um Presidente? — quis saber Cox.

— É exatamente assim, e acho que os republicanos nunca irão mencionar o assunto, porque há uma boa chance de que o pessoal goste da ideia e' resolva abolir o cargo e economizar muito dinheiro ao país.

— Deus nos livre! — exclamou Franklin.

O corpulento e desleixado Tumulty apareceu.

— Ele está a caminho. Vai recebê-los na varanda sul. Viram isto?

Ergueu um panfleto com a manchete "Um Presidente Negro?". Sob a manchete havia uma fotografia borrada de Harding, inteiramente desbotado.

— Claro que sim — respondeu Cox. — Coisa horrível. Mande não ser usado.

— Acha que é verdade? — quis saber Franklin.

— Quem sabe? — A Burden aquilo era indiferente. — De qualquer maneira, toda vez que Harding se candidata a alguma coisa, o mesmo maluco aparece com suas supostas provas.

— Isto nos daria todo o Sul, o Sudoeste, grande parte de Ohio e da Califórnia, coisa de que precisamos desesperadamente... — recitou Tumulty com ar melancólico.

— Já temos o Sul — disse Cox.

— Neste negócio nada é seguro — retrucou Franklin, folheando o panfleto.

— De qualquer maneira, esqueça. O Presidente disse não. — Tumulty suspirou. — Acho que isso elegeria vocês dois, mas quem sou eu? De qualquer maneira vocês vão vencer, mas mesmo assim...

— Que significa o Presidente dizer não? — Os olhinhos frios e apertados de Roosevelt encararam Tumulty, e seu súbito alto nível de atenção realçava a desagradável assimetria do rosto oval.

— Significa, Sr. Roosevelt, que se alguém tentar mandar um destes pelo correio o carteiro vai confiscá-lo.

— Com que autoridade? — perguntou Franklin, agora muito nervoso.

— Sob os poderes de guerra do Presidente, que ainda não foram anulados. Especificamente, a Lei de Espionagem de 1917.

— Precisamos fazer alguma coisa a respeito de todo esse poder ditatorial que demos a César — Burden declarou com um sorriso amigável a Franklin.

— *Depois* do governo do Sr. Cox — riu Franklin. Assou o nariz e perguntou: — Por que será que o Potomac afeta o meu nariz mais que o Hudson?

— O lar é melhor, imagino — sorriu Burden.

Tumulty estava à janela.

— Lá vem ele. Vamos para fora.

Na varanda sul, Woodrow Wilson estava arrumado numa cadeira de rodas de aparência estranha. Apesar do calor do dia, um xale cobria seu lado esquerdo paralisado. À exceção de um homem do Serviço Secreto, ele estava sozinho. Obviamente a Sra. Wilson não desejava aparecer como regente, nem como intérprete. O pescoço do Presidente estava murcho, o rosto emaciado, a boca caída do lado esquerdo. Cox cochichou a Roosevelt:

— Não sabia que ele ainda estava tão doente.

Quando entraram na varanda, Wilson estendeu a mão.

— Estou feliz por terem vindo.

— Sr. Presidente... — começou Cox. Parecia impressionado com a extensão do estrago diante de seus olhos. — Sempre admirei sua luta pela Liga.

Burden considerou aquilo singularmente infeliz. Se não fosse pela luta fatal, Wilson e não Cox seria o indicado e estaria com uma saúde estúpida, como diziam os ingleses. O fanatismo cego de Wilson arruinara a Liga, o partido e ele próprio. Quando se tratava de prática política, o nível de compaixão humana de Burden nunca era alto.

— A guerra ainda pode ser ganha — retrucou Wilson.

Assim dizendo, passava adiante a arma do suicídio; como um guerreiro japonês rendendo-se à geração seguinte — uma espada que servia apenas para ser enfiada no próprio ventre. Burden percebeu que Franklin, embora flutuasse de um lado para outro exalando euforia, fazia apenas ruídos simpáticos, sem dizer coisa alguma a respeito da Liga ou de qualquer outra coisa. Talvez fosse mais inteligente do que Burden suspeitava.

— Vai gostar de morar na Casa Branca — disse Wilson. Sem o lado esquerdo da boca e da língua para ajudar a formar as palavras, a voz ficava indistinta; além disso, mostrava uma tendência a deixar a boca aberta depois que terminava de falar. — Nós gostamos, durante a maior parte do tempo, mas agora, naturalmente...

Cox obviamente não possuía os requisitos necessários para uma cena tão fundamental e dolorosa.

— Sr. Presidente! — discursou. — Vamos estar um milhão por cento do seu lado e de seu governo, e isto significa a Liga das Nações!

Novamente o Presidente tornou a murmurar:

— Fico-lhe grato. Fico-lhe muito grato.

Franklin mostrou a dentadura hereditária dos Roosevelt como se fosse um talismã e pôs-se a desfiar um rosário de palavras amáveis e sem sentido; então ele e Cox apertaram a mão do Presidente e Tumulty levou-os de volta aos escritórios. Burden teria seguido com eles, se Wilson não o segurasse firmemente pelo pulso, dizendo:

— Fique.

Uma vez os candidatos fora de vista, Edith entrou na varanda. Cumprimentou Burden com carinho, embora com cansaço; então ela e Burden sentaram-se de cada lado da cadeira de rodas.

— Tivemos dificuldades em encontrar o tipo certo de cadeira, até que eu me lembrei daquelas maravilhosas de Atlantic City, sabe? Onde os garotos nos empurram pela calçada. Então compramos uma. Só cinco dólares — contou Edith, parecendo orgulhosa de si mesma.

— Já consigo andar — disse Wilson.

— Já consigo ficar de pé e andar sem ajuda — emendou Edith.

— Não consigo levantar a perna esquerda ainda. Mas isso virá logo. Tarde demais! — Wilson golpeou o braço da cadeira. Devia ter lutado. Mas havia o Mac...

Burden agradeceu à entidade que porventura presidisse os destinos dos políticos por Edith e Grayson, e todas as pessoas próximas ao Presidente, terem-no impedido de disputar um terceiro mandato. Ele parecia tão completamente alheio à extensão de sua impopularidade quanto à extensão de sua debilidade física. Chegara a enviar o novo secretário de Estado, Bainbridge Colby, à convenção democrata em San Francisco, para conseguir apoio ao seu terceiro mandato. Burden, como delegado de seu estado, fizera o possível para explicar a Colby a situação política. Mas o Presidente dera suas instruções e Colby era obrigado a obedecer.

McAdoo liderara o primeiro escrutínio. Uma palavra de Wilson, e seu genro teria sido o candidato e provável vencedor. Quando o diretor geral dos Correios, Burluson, telegrafara ao Presidente pedindo que ele apoiasse McAdoo, Wilson transformara-se em Rei Lear sobre a colina. Ameaçou demitir Burluson; depois ordenou a Colby que apresentasse seu nome. No final, nem mesmo Colby ousara apresentar o nome de Wilson à convenção.

— Mac é um excelente executivo, mas não tem o poder de execução.

Edith, que ouvira essa frase muitas vezes, corrigiu:

— Você quer dizer poder de *reflexão*.

— Claro, foi o que eu disse. — Wilson voltou-se para Burden. — Quando

sairmos daqui vou praticar advocacia. Em Washington, com o Sr. Colby.

Burden desejou boa sorte aos novos sócios, enquanto Edith encarava-o com ar estranho, sem saber como ele usaria essa informação.

— Naturalmente vou escrever sobre história. Ou tentar. Estou um pouco sem prática. Ele não é nem um pouco como T. R., certo?

A atenção de Wilson para qualquer assunto não era mais intensa, e as transições eram abruptas e misteriosas. Edith traduziu:

— Woodrow está se referindo ao Sr. Franklin Roosevelt. Eu não gostaria de ser a pobre Sra. Roosevelt — acrescentou.

— Certamente *tudo isso* já passou.

No inverno anterior Lucy Mercer casara com um certo Wintie Rutherford.

— Mas o jeito como ele a trata! Não pense que não soubemos tudo sobre a noite em que ela o deixou numa festa muito animada, foi para casa e descobriu que tinha esquecido a chave, de modo que teve que esperar no vestibulo gelado até ele chegar em casa de madrugada.

— Eu teria tocado a campainha — retorquiu Burden, que também ouvira várias versões da mesma história.

Wilson endireitou-se, com o auxílio do braço bom.

— Foi bondade sua ter vindo — disse.

Burden apertou-lhe a mão.

— Fico contente por vê-lo tão bem.

— É impressionante, não é? — respondeu Wilson.

Estaria sendo irônico?

Edith nada revelou:

— E como ele trabalha! Nós dois trabalhamos!

O rosto prematuramente idoso ergueu-se para Burden; os olhos cinzentos e opacos cintilaram como os de um lobo à luz do sol; os dentes compridos também eram nitidamente lupinos, ao passo que a voz tornou-se de repente um rosnido baixo:

— É horrível ficar incapacitado.

Sim, pensou Burden, o lobo sabia que estava numa armadilha mortal, no entanto ainda queria matar.

Um funcionário acompanhou Burden até o andar principal da Casa Branca, que parecia um hotel deserto fora de temporada. Nos salões Verde, Azul e Vermelho os tapetes tinham sido retirados. Apenas o Salão Leste estava em uso, como sala de projeção de filmes. Todos os dias os Wilson e os Grayson sentavam-se em solitário esplendor, olhos fixos nas imagens trêmulas sobre um lençol pendurado num lustre de cristal.

Burden estremeceu sem querer; e partiu para Rock Creek, onde uma amável viúva esperava por ele na própria casa dele, fechada durante a

temporada. Quando o carro saiu da Avenida Connecticut e entrou no Parque de Rock Creek, ele entendeu por que Wilson proibira o uso das supostas provas da ascendência negra de Harding: queria que Cox e Roosevelt perdessem — a última chacina do lobo.

No 55º aniversário de Warren Gamaliel Harding, em 2 de novembro de 1920, o eleitorado americano fê-lo Presidente. Embora menos da metade dos que poderiam votar o tivessem feito, Jess sabia, pelas cifras escritas no quadro-negro na sala de estar de George Christian, que W. G. estava vencendo quase que pelo dobro. Além disso, tanto o Senado quanto a Câmara de Representantes eram republicanos, e a era de Woodrow Wilson era agora tão remota quanto a de Cleveland.

Jess era um de uma meia dúzia de voluntários de confiança que estavam na casa que Christian alugara, ao lado da dos Harding, e falava pelo telefone com vários agentes em todo o país, para ter uma ideia de quem voltaria ao novo Congresso e quem não voltaria. Vários senadores famosos tinham sido derrotados, e novos nomes tomavam seus lugares.

O telefone tocou. Jess atendeu. Era o simpático herói de guerra Charlie Forbes, ligando de Seattle.

— Diga ao *Presidente* que ele varreu todo o Nordeste — disse ele, soando quase como se não estivesse bêbado.

— Quequiá? — disse Jess; a palavra "Presidente" estava começando a registrar-se.

— Diga-lhe feliz aniversário, e que nós o veremos em Washington.

Este, Jess decidiu, seria seu último telefonema. Largou o telefone. Ouviu a risada de W. G. no aposento contíguo, seguida pela voz da Duquesa, com o costumeiro:

— Ora, Warren!

Na sala de jantar da casa alugada, o Presidente eleito sentava-se à cabeceira da mesa de jantar, à sua frente os restos de um bolo de aniversário.

Daugherty e Christian o ladeavam, ao passo que a Duquesa e o pai de W. G., o velho Dr. Harding, estudavam números à outra ponta da mesa.

— Era Charles Forbes — informou Jess a W. G. — Vitória total no Nordeste.

— Grande Charlie!

Em seu momento de triunfo, W. G. exalava calor humano, ao passo que Daugherty estava relaxado pela primeira vez em mais de um ano. O operoso Christian ocupava-se com os vários jornalistas que vinham pedir um pouco de "cor local", como eles diziam. Até então, a única cor era a do guardanapo que W. G. tinha enfiado no cós das calças e esquecido de tirar.

Foi a Duquesa quem perguntou:

— Por que tão poucos votaram?

— As mulheres, que Deus as abençoe! — O olho azul de Daugherty estava nublado, não de sentimento, mas de cansaço. — É a primeira eleição presidencial delas, e a maioria não chegou a registrar-se para votar.

A Duquesa voltou-se para Christian:

— George, deixei duas garrafas de champanhe perto da porta da frente da nossa casa. Leve-as para os jornalistas. É claro que não fomos nós quem as enviamos, pois obedecemos às leis do país.

Daugherty interpôs:

— Tecnicamente falando, o Presidente ainda não jurou respeitar essas leis, de modo que, como antigo senador e não ainda Presidente, pode cometer uma contravenção em boa-fê.

— Mas nada de mau gosto — ressaltou W. G., mastigando a ponta de um charuto já apagado.

Jess perguntou-se qual seria a sensação de descobrir-se Presidente durante o jantar. Naturalmente não tinha sido só isso. Durante mais de um ano, Daugherty e Harding tinham trabalhado em cada estado, reunindo apoio. Agora, ali estava o resultado.

— Ah, George, não dê coisa alguma ao pessoal do noticiário de cinema — fez a Duquesa, que ainda não tinha terminado. — Já falei a eles que quando estivermos na Casa Branca eles não poderão entrar, depois daquela filmagem que fizeram de nós na semana passada, quando não estávamos olhando.

— Ora, ora, Duquesa — acalmou-a W. G.

— Além disso, fiz uma agenda — disse Florence Kling Harding, os olhos brilhando como holofotes azuis. — Todo mundo que já nos esnobou em Washington está anotado. Essa gente não vai pôr os pés na nossa Casa Branca, fiquem sabendo.

— Coitada da Alice Longworth — observou Daugherty.

— Acho que abriremos uma exceção para ela — sorriu W. G.

— Ora, ela é a pior, ela...

— Querida, Nick é o líder da Câmara. De modo que vamos ter que deixá-los entrar.

— Bem, só quando for absolutamente oficial.

Christian assomou à porta.

— A Associated Press quer saber se quando o senhor foi indicado, em Chicago, comentou: "Bem, jogamos os dados e ganhamos o bolo."

— Claro que não — fez a Duquesa.

Harding suspirou.

— Não vai adiantar — comentou em tom melancólico. — Depois que pregam uma frase dessas na gente, ela nunca mais se desprega.

Daugherty riu.

— Como Hiram Johnson. Dizem que quando você lhe ofereceu a indicação para vice-presidente ele perguntou: "Você colocaria as batidas do seu coração entre mim e a Casa Branca?"

— Tão metido! — fez a Duquesa., — Ainda bem que ficamos com Calvin Coolidge no lugar dele. Coolidge conhece o seu lugar. Infelizmente a mesma coisa não acontece com ela.

Jess estava empoleirado numa cadeira entre Harding e Daugherty. Do lado de fora vinham aplausos, e de vez em quando um carro que passava tocava a buzina. Marion inteira ia passar a noite comemorando.

Mãos juntas atrás da cabeça, Harding resumiu:

— É como aquele grupo do Senado, como é que o sujeito do *New York Times* descreveu? "O soviete do Senado": Dizem que eles se reuniram na suite enfumaçada de Will Hays...

— Esta parte é minha — interpôs Daugherty. — Na primavera passada, consultando minha bola de cristal...

— Então eles decidiram, por vários motivos, todos sinistros, que na manhã seguinte eu seria feito candidato.

Harding franziu o cenho pela primeira vez desde que a glória o envolvera como um Roupão Dragão Chinês Deluxe de Seda e Cordões do Ouro Genuíno do Armazém Smith. W. G. livrou-se do toco de charuto mastigado e deliberadamente acendeu um charuto Havana.

Apesar dos resmungos de aviso da Duquesa, Harding tragou profundamente, com satisfação, e disse, quase sonhadamente:

— No entanto, no dia seguinte, nos quatro primeiros escrutínios, os 13 senadores, que supostamente tinham concordado na véspera que eu seria o candidato deles, votaram todos *contra* mim.

Para surpresa de Jess, Daugherty assentiu, concordando. Geralmente ele se comprazia em tomar para si o crédito do que supostamente acontecera na suite de Will Hays às 2:1 lh daquela famosa madrugada de sábado. Na realidade, Daugherty não soubera da reunião até de manhã, quando outras

forças já estavam agindo.

— Foi por isso que quando Lodge pediu um recesso eu pensei que ia ter um enfarte — disse ele.

— Foi porque você não sabia que Lowden e eu estávamos confabulando sobre o que fazer. — W. G. lançou um olhar benigno a um grupo de jovens parentes de olhos arregalados reunidos em volta da Duquesa. — Até o nono escrutínio meus colegas senadores ainda esperavam indicar Hays. Mas então Lowden e eu já estávamos de acordo. No nono escrutínio, dez dos meus supostos empresários senatoriais votaram contra mim, ao passo que os três que passaram a me apoiar estavam na rede havia muito tempo, como diria a imprensa.

— Mas isto significa — Jess não conseguia controlar-se — que os senadores *nada* fizeram para conseguir-lhe a indicação?

W. G. assentiu.

— Quando os candidatos números um e dois eliminam um ao outro, o número três é geralmente o escolhido. Bem, eu era o número três. Simplesmente isso. Eles não puderam me derrotar uma vez que o governador Lowden e eu nos juntamos. O fato de que somente alguns deles continuavam tentando conseguir a indicação para Hays entre o oitavo e o nono escrutínios mostra o quão pouco sabem sobre essas coisas. Na verdade, as pessoas iam ficar escandalizadas se os senadores tivessem conseguido me derrotar.

— Então, depois que vencemos, aquele blefador do Harvey e alguns outros começaram a falar sobre a suíte enfumaçada, fingindo serem os chefões — disse Daugherty. — Mas não eram. Foi você quem fez tudo. Você foi a escolha da convenção.

W. G. esfregou os olhos.

— E foi exatamente como planejamos. Claro, por um instante tive medo...

Quando o Presidente eleito não completou seu pensamento, Jess perguntou-se se isso podia ter algo a ver com as galerias, com todas aquelas pessoas que realmente queriam Herbert Hoover, que aos olhos do partido nem ao menos era candidato. No entanto elas não paravam de clamar: "Hoover! Hoover!"

Christian entrou sorrindo, e anunciou:

— O governador Cox reconheceu a derrota.

— Não acredite nisso! — exclamou a Duquesa. — Aquele Jimmy Cox é traiçoeiro como o ninguém. George, verifique...

Mas todos estavam agora ocupados demais aplaudindo, quando um grupo de jornalistas e fotógrafos rodeou o Presidente eleito.

Daugherty chamou Jess de lado e entregou-lhe um envelope.

— Ela vai chegar no das 7:00h de Chicago. Vai diretamente para o Marion Hotel. Vá encontrá-la por volta das 8:00h.

— Ela está... sozinha?

— Reze, Jess, Eu também vou rezar. Vou para a cama. Conseguimos.

— Conseguimos — repetiu Jess. Então perguntou-se que diabos iam fazer com Nan Britton nos próximos quatro anos.

Jess encontrou Nan na cafeteira do Marion Hotel. Além de uma mulher de aspecto cansado atrás do balcão, não havia pessoa alguma à vista. Nan estava lendo o *Chicago Tribune*, que devia ter trazido consigo: a manchete da véspera predizia uma vitória dos republicanos. Jess tinha consigo um exemplar do *Marion Star* com a grande notícia: "Harding Conquista a Nação." Automaticamente, Jess cumprimentou perguntando:

— Quequía?

Nan respondeu:

— Que maravilha! Eu estava tão exausta que dormi no trem, e só quando acordei, às 6:30h, foi que perguntei ao funcionário quem tinha ganho e ele disse: "O homem é Harding, madame."

— Vai querer panqueca com geleia como sempre, Jess? — perguntou a senhora atrás do balcão, olhando-os sem curiosidade.

— Com uma porção de filé cortadinho.

Esse fora o desjejum de W. G. no dia da eleição. Enquanto a mulher preparava a comida, Jess entregou a nota de Daugherty para Nan, que leu e guardou-a na bolsa. Certamente ela era bonitinha, Jess concluiu, mas para um Presidente que podia escolher Mary Miles Minter ou Gloria Swanson, ou, por que não? — Mary Pickford, embora esta estivesse recém-casada, Nan era um pouco puxada para o comum e o prosaico. Como se para enfatizar esse fato, atrás da mesa deles havia pilhas da revista *Photoplay* trazendo o casamento e a vida doméstica de Mary Pickford.

— Imagino que você vá continuar em Chicago — Jess jogou verde, nada sutilmente.

Nan assentiu, uma expressão triste no rosto.

— Minha irmã está disposta a adotar Elizabeth Ann, se... — Nan suspirou.

— Tenho certeza de que vão ajeitar tudo direitinho, porque "Meu Deus, Como Entra Dinheiro!"

Cantarolou uma frase da canção popular e dedicou-se à panqueca. Nan pegou uma torrada.

— Que aconteceu com Carrie Phillips? — perguntou, tentando inutilmente assumir um tom casual.

— Bom, ela e Jim partiram para o Japão no verão, para procurar novidades de seda para a loja, e ainda estão viajando, segundo as últimas notícias.

Dizia-se que Albert Lasker, por ordem de Will Hays, dera aos Phillips

cinquenta mil dólares para que ficassem sumidos até depois da eleição. Jess suspeitava que a quantia provavelmente fora menor. Carrie adorava viajar, ao passo que Jim era um homem importante demais para envolver-se em algo tão vulgar quanto um suborno.

— Veja isto. — Nan extraiu do bolso uma grande fotografia de W. G.
— Vou pedir a ele para autografá-la para mim.

— Isto mesmo — disse Jess.

Afinal, isso agora era da alçada de Daugherty, para não mencionar o Serviço Secreto. Ele já fizera seu trabalho de pombo-correio.

— Imagino que eles vão diretamente para Washington — fez Nan, melancólica.

— Não. Para o Texas. Os McLean vão com eles, em seu vagão particular, e dois ou três senadores, e o Dr. Sawyer, que vai ser clínico geral agora, para poder ir para Washington cuidar do rim da Duquesa.

— O Dr. Sawyer, clínico geral?

Nan riu, e a ideia era engraçada: o médico local era um homenzinho insignificante que ninguém jamais notara a não ser a Duquesa, que lhe confiara o destino de seu rim remanescente. Ele lhe salvara a vida uma dúzia de vezes.

— Depois planejam ir ao Panamá. Sabe como W. G. gosta de trabalhar.

— Eu sei? Ora, até mesmo nos chautauquas, logo que chegávamos a uma cidade ele já estava telefonando para a seguinte. "Você não sabe ficar sossegado?", eu perguntava, e ele dizia: "Meu amorzinho, sou um viajante." Ele vai adorar ser Presidente, você não acha?

— Quem não adoraria? — fez Jess, pensando em quanto ele e Daugherty iam gostar do governo Harding.

Quanto a W. G., porém, Jess não tinha tanta certeza. Ele não ia poder escapar facilmente da Duquesa, por exemplo, e tomar um trem para Nova York para encontrar-se com Nan e com Theda Bara no Biltmore. A viagem de julho pelo elevador de Chicago para ver Nan fora provavelmente o último transporte público em que ele poria os pés. De agora em diante, ele era propriedade nacional, vigiado pelo Serviço Secreto e observado pela imprensa, que tinha mais e melhores olhos que até mesmo a Duquesa. De súbito Jess sentiu pena de W. G.

— Ele vai poder ir aonde quiser com seu vagão particular e seu próprio iate — disse a Nan.

— Mas eu nunca vou poder estar com ele, não é?

— Não vai, não, querida. Pelo menos em público.

Will Hays, ainda chefe do Comitê Nacional Republicano, entrou na cafeteria. Mesmo tão cedo ele parecia um rato limpo e de olhos arregalados procurando queijo.

— Bom dia — disse a Jess, reconhecendo instantaneamente o rosto, senão

o nome, de uma parte da comitiva presidencial.

— Quequá? — cumprimentou-o Jess.

Hays sentou-se ao balcão, pediu café e leu vários jornais ao mesmo tempo. Todos diziam que éle estaria no Gabinete. Segundo Daugherty, até mesmo Jess poderia ter um cargo" importante nas altas esferas do governo, mas Jess achava que preferia a liberdade do anonimato. Havia muitos negócios a serem feitos durante os próximos quatro anos, e ele nunca gostaria da ideia de frequentar regularmente um escritório.

2

Através da fumaça as pequenas figuras pareciam fantasmas anões. Blaise piscou para acostumar os olhos ao calor e à névoa, e assim turvou mais ainda a visão. Então encontrou seu anfitrião.

Usando' apenas uma toalha enrolada na cabeça, aquele homem pequeno e musculoso estava conversando com outro homem pequeno e menos musculoso, sem toalha alguma. Embora Blaise não fosse alto, ele se erguia acima de Douglas Fairbanks e de Charlie Chaplin, que estavam discutindo sua empresa conjunta, a United Artists.

— Sr. Sanford. Blaise.

Fairbanks cumprimentou-o com toda a formalidade possível a um homem sem roupa. Com a mão direita apertou a mão de Blaise; com a esquerda cobriu a genitália num gesto de modéstia *pro forma*, que logo em seguida esqueceu. Blaise e Chaplin cumprimentaram-se gravemente, e Blaise não pôde deixar de observar, mais uma vez, como essas pessoas, tão grandiosas nas fantasias do mundo, eram tão pequenas na vida real. Percebeu também que Chaplin, ao contrário do que todos pensavam, não era judeu.

— O senhor está muito bem — disse Blaise.

Como parte dos estúdios do Bulevar Santa Mónica, Fairbanks construiu uma academia de ginástica particular, assim como uma sauna com treinadores e massagistas profissionais sempre a postos. Agora que Fairbanks se estabelecera como um astro atlético com *A marca do Zorro*, trabalhava o corpo constantemente. Aliás, acima da entrada da academia havia um cartaz, *Basilica Linea Abdominalis*, lembrando ao astro e aos seus amigos que a cintura era, pelo menos para Fairbanks, o centro não apenas de seu corpo mas de todo o seu mundo. Como resultado, os quadris de Fairbanks eram facilmente os mais

esguios que Blaise já vira num homem com quase quarenta anos.

De repente, quando o duende Chaplin executava uma pequena dança imitando uma adúltera surpreendida pelo marido furioso dentro do chuveiro quente, reuniu-se a eles o treinador de Fairbanks, alto e deslocado no meio dos pequenos astros, e um belo piloto do exército que fora jogador de futebol americano em West Point. O fato de que o piloto tinha três testículos do mesmo tamanho deliciava os astros e de modo algum embaraçava o oficial, cujo corpo parecia uma escultura feita para ser sempre vista despida e em todos os detalhes, a não ser a piada genital. Como resultado do calor e da companhia excêntrica, a suscetibilidade de Blaise para com o seu próprio sexo foi abruptamente desligada. Além disso, o antiafrodisiaco definitivo, Fairbanks, queria falar de política com o editor do *Washington Tribune*.

— Convidaram-me para me juntar ao grupo de Al Jolson para apoiar Harding na campanha. Mas sempre fui homem de T. R., e não poderia fazer isso, mesmo que Harding tenha sido a escolha final do Partido Republicano. Talvez devesse ter aceito. Mary também sentiu-se tentada. Mas acontece que estávamos realmente torcendo por Mac, e ele não foi o indicado. Então deixamos a coisa acontecer sem nós.

— Melhor assim, eu diria — fez Blaise.

Ele não tinha votado, porque como morador do distrito de Columbia não tinha esse direito. Mas agora, que estava estabelecido na Laurel House, no lado virginiano do Potomac, sem dúvida registrar-se-ia, como Frederika fizera com inesperado entusiasmo ao ver-se finalmente uma Mulher Emancipada. E depois esquecerá de votar.

— Sei que as pessoas são contra os atores de cinema falarem de política — disse Fairbanks. — Mas por que não podemos falar? Também somos cidadãos. Pagamos bastante imposto.

— É muito simples, Dougie. — A voz de Chaplin era curiosamente aguda, e muito inglesa. — Nos filmes nós não falamos, e eles nos amam. Mas se começarmos a tagarelar em público, podem passar a nos odiar.

— Você mesmo nunca pára de falar — observou Fairbanks em tom pensativo.

— Só em particular, com você. Com aqueles que amo. De qualquer maneira, falo apenas para instruir e distrair meus amigos. Mas para o mundo, Carlitos é eternamente silencioso.

Com isso ele saiu da sauna com seu famoso passinho, e mesmo sem os enormes sapatos o efeito era estranhamente cômico.

Depois da sauna seca, do mergulho frio e das massagens, eles foram embrulhados em toalhas e acomodados em espreguiçadeiras de madeira, enquanto um garçom servia sanduíches de tomate e Château d'Yquem, que Blaise odiava e o anfitrião, abstinente nato, não bebeu. Blaise contentou-se com

água tônica.

Fairbanks discutia futebol com o oficial do exército e Chaplin discutia Caroline com Blaise.

— Ele está para trabalhar com um velho amigo meu, William Desmond Taylor, um cavalheiro de verdade, daquilo que se costumava chamar de "velha escola". Tão diferente da nova escola! Eu próprio sou autodidata.

Em imitação a um coelho, Chaplin mordiscou um canto de um sanduíche de tomate.

— Como eu — disse Blaise. — Larguei Yale...

— Para nós, da nova escola de cavalheiros, Yale é apenas outra porta a ser arrombada. Naturalmente venho das ruas de Londres, pobre, porém nunca, jamais, orgulhoso. Agora, o Taylor é um verdadeiro cavalheiro. Irlandês, eu acho. Protestante, é claro. Alistou-se na guerra, com uns 41 anos, ao passo que Doug e eu, jovens e feitos de carne de canhão, fomos dispensados *se* vendemos Bônus Liberty.

— Vocês financiaram a guerra.

— O negócio é o seguinte. — Chaplin encarou Blaise de repente, e este achou altamente desconcertante ser encarado por um rosto que ele próprio contemplara durante tantas horas nos últimos sete anos. Sem o bigodinho de escova de dentes, Chaplin nem mesmo se parecia com Carlitos; no entanto havia algo em seus olhos que prendia a atenção de Blaise de um modo semelhante ao dos olhos do rosto da tela. O homenzinho era todo força e energia, e inteira frieza. — O coitado do Taylor meteu-se numa posição horrível, com duas estrelas e uma dama, ou pelo menos é assim que esta última gosta de se apresentar. Pergunto-me se a linda Emma, a sua Caroline, sabe onde está se metendo.

— Eu tinha a impressão de que ele simplesmente ia dirigi-la em *A rainha Mary da Escócia*.

— É um dos melhores diretores que temos, o que não quer dizer coisa alguma, pois qualquer pessoa pode dirigir e quase todo mundo o faz. Mas ele é melhor que a maioria.

— Melhor que Timothy X. Farrell? — perguntou Blaise.

Afinal, se Chaplin sabia tanto, Blaise não via razão para esconder o que ele próprio sabia, e que obviamente era menos do que qualquer dos contemporâneos de Caroline em Hollywood sabia.

— Diferente. Gosto de Farrell. Mas ele vai ficar encrencado se insistir em fazer filmes políticos. Este país é dedicado demais à liberdade para permitir liberdade de expressão. — O sorriso de coelho de Chaplin foi súbito e inteiramente encantador. — Estou brincando, é claro.

— É claro.

Fairbanks agora estava plantando bananeira, a toalha caída no chão.

— Doug é muito vaidoso, sabe? Todos esses músculos... Ouviu falar em Mary Miles Minter? Minha favorita, depois de Pola Negri.

Blaise assentiu.

— Dizem que é a nova Mary Pickford — comentou.

— Foi o que decretou o grande peleteiro Zukor. Mas o nariz dela é grande demais para a nossa tela, e o talento é pequeno demais. Pior ainda, ela tem uma mãe, a dama a quem me referi. A mãe já foi uma atriz chamada Charlotte qualquer coisa. Colocou Mary ainda criança no palco, e Mary, que ainda tem apenas 19 anos e é gloriosamente casadoura, no devido tempo chegou até aqui. Guiada por Charlotte ela alcançou muito depressa o estrelato e um enorme salário, do qual trinta por cento vão para a mãe.

Blaise perguntou-se por que o outro estava lhe contando aquilo tudo; e por que Chaplin se preocupava.

— Trinta por cento é muito.

— É muito, mesmo. Agora, quando a pequena Mary Duplo M. tinha uns 15 anos, e já era uma estrela, ela teve um caso com um amigo meu, um diretor, de quem ficou grávida. Charlotte avisou ao diretor que se ele tornasse a ver a garota ela o mandaria prender por sedução de uma menor, que era também uma propriedade valiosa do cinema. Então a Triplo M fez um aborto. Agora Mary Miles Minter está apaixonada por meu amigo Taylor, assim como a mãe, Charlotte. Então você está vendo o que Emma Traxler, nascida na Alsácia-Lorena dilacerada pela guerra, de família nobre, porém altaneira...

— Pensei que tinha sido em Unterwalden...

— Não importa. Ela usa, o tempo todo, uma coroa invisível, diante da qual até o jacobino mais vil tira seu barrete frigio. Embora os Três Emes estejam no momento trancados em seu quarto num palácio no Boulevard New Hampshire, mais ou menos como se faz com uma gata no cio, a garota de vez em quando foge para ver Taylor. Enquanto isso, Charlotte, em cio constante e abrasador, joga jóias pela janela dele, emitindo gemidos lancinantes de luxúria insatisfeita.

— Quem é a segunda estrela? — perguntou Blaise, consciente do perigo dessa saga narrada em tom jocoso.

— Mabel Normand. — Com ar de leve desgosto, Chaplin observou Fairbanks dar um salto mortal. — Ele um dia ainda vai quebrar esse pescoço grosso, ou ter um ataque de coração, ou as duas coisas. — Voltou-se novamente para Blaise. — Nós todos amamos Mabel. Eu mais que todos. Já representei com ela, já a dirigi e ela já me dirigiu. É esplêndida na comédia. Em tudo. Mas está passando por momentos difíceis. Goldwyn acaba de mandá-la embora e ela voltou para Mack Sennett, um retrocesso neste nosso negócio. Está também apaixonada, ou pensa que está, por William Desmond Taylor. Como ele dirige todo esse trânsito naquele seu bangalô eu não consigo imaginar. Agora Emma Traxler, a princesa da Transilvânia, junta-se ao... à história.

— Minha irmã é uma excelente diretora de trânsito — disse Blaise, sem faltar à verdade.

— Eu detestaria que acontecesse alguma coisa...

— A Taylor?

— Não. Os homens sabem cuidar de si mesmos. A Mabel Normand. Que é que o traz aqui, Sr. Sanford? — A transição foi rapidíssima.

— Eu tinha ouvido dizer que meu velho amigo Hearst estava tentando comprar o *Los Angeles Herald*. De modo que pensei em fazer uma oferta, para animar as coisas.

— Eu vivo dizendo ao Doug que devíamos usar todo esse dinheiro que ganhamos comprando jornais. Todos eles. Então não haveria mais esses escândalos sórdidos a nosso respeito. Nenhum deles, posso garantir, Sr. Sanford, verdadeiro. Todo artista, seja homem ou mulher, vai para o leito nupcial virgem, e é por causa dessa castidade prolongada que nosso desempenho...

Com um estrondo, Fairbanks caiu no chão.

— Que beleza! — Chaplin bateu palmas. — Coitado do Doug! Você se machucou? — perguntou em voz alta. — Alguma coisa pequena, porém essencial à United Artists, se quebrou?

Um breve olhar a Blaise e este ruborizou-se de vergonha: Chaplin lera seus pensamentos na sauna.

— Meu filho! — Chaplin era agora um velho cigano, girando em volta de Fairbanks ainda caído. — É o sangue cigano! Eu sei. Eu sei. O tocai. Nas estepes. A balalaica. E o fêrvido sangue cigano como mercúrio em suas veias. — Chaplin estalou os dedos como castanholas e dançou por cima de Fairbanks. — Não se pode enganar uma extremosa mãe cigana. Sei por quem você está esperando, pendurado num mero gancho de tenda. É a gloriosa jovem inglesa que deixou seus sentidos enlouquecidos. Oh, meu pobre filho! Nascido para o clero! Um sodomita passivo no Monte Athos por, ah, tanto tempo! E agora Deus o perdeu para um par de picantes olhos azuis!

A velha cigana tornou-se de repente uma orgulhosa jovem inglesa.

— Não posso, sabe? Deixar meu pai, o duque de Quimsberry, agora a bordo de seu magnífico iate ancorado pertinho deste acampamento cigano banhado pelo luar nos Bosques de Viena. — Chaplin "tornou-se um dançarino cossaco. Saltou no ar. — Dance," seu tolo, dance! — rugiu. — Meu sangue cigano está em chamas. Você me enlouquece. Então, se é foder que você quer, é o que vai ganhar, Lady Sybilla. — Então, como Lady Sybilla, gritou — Pensei que você fosse um cavalheiro! É verdade que em suas veias corre sangue cigano, no entanto. . . Corre nas minhas também, agora. Ah, que isto possa nunca terminar! Mas atenção! Que é isso vindo em nossa direção através dos Bosques de Viena? Ah meu Deus! É o iate do meu pai, o duque!

Com isso, Chaplin transformou-se, aos olhos de todos, num grande iate

movido a vapor, abrindo caminho lentamente através dos Bosques de Viena e quase atingindo uma árvore em seu imponente progresso.

— Charlie encontrou sua voz — foi o comentário de Fairbanks.

Embora Caroline insistisse para que Blaise ficasse com ela, ele se hospedara no novíssimo Ambassador Hotel, a meio caminho entre Hollywood e Los Angeles, onde ficava o *Herald*. O hotel em si era muito grande e moderno, e lembrava um pouco um acampamento militar, com guardas particulares e policiais em toda parte. No momento, Los Angeles passava pelo que a imprensa denominava uma onda de crimes, em parte obra de imigrantes que tinham vindo para esse novo Eldorado apenas para descobrir que o melhor ouro já tinha sido empenhado, e em parte obra de criminosos locais em guerra uns com os outros por causa dos vários territórios de distribuição de drogas, nenhum deles particularmente lucrativo, já que uma carta — um grama — de cocaína custava apenas dois dólares. A morfina era cara, porém menos popular. De qualquer maneira, quando se tratava de um crime sério a polícia mantinha-se alheia; ou era subornada, ou intimidada. Mas os imigrantes eram tratados com brutalidade.

O Coconut Grove do Ambassador parecia mesmo com um coqueiral. Ali, no final da noite, em meio aos coqueiros artificiais, cantores populares exibiam-se com uma grande orquestra, cantando, vezes sem conta, *Há males que vêm para o bem*, enquanto os astros e estrelas que não tinham que trabalhar no dia seguinte dançavam. Caroline avisara solenemente a Blaise que a noite de sábado no Grove era o lugar onde ele e Frederika precisavam ser vistos se quisessem ser aceitos como eternamente jovens e grã-finos.

Frederika instalou-se confortavelmente ao lado de um coqueiro, enquanto Blaise bebia gim com leite de coco de uma casca de coco, tudo sob o olhar gélido de policiais à paisana e guardas de segurança do hotel, uniformizados. O Grove estava cheio pela metade com pessoas que jantavam; a orquestra tocava música suave e alguns casais dançavam.

— Compreendo Caroline — disse Frederika, olhando em volta com a fascinação de uma turista. — Só queria ter visto mais filmes, para poder saber quem é todo mundo.

— Tudo isto é um pouco como. . . como o Mardi Gras, ^{5} não é? — comentou Blaise.

Ele não estava acostumado com sociedades tropicais, ou semi-tropicais. Um dia passado com o proprietário do *Herald* tinha sido como o que ele imaginara que era fazer negócios no Taiti.

— É o que torna este lugar tão... diferente, Caroline mostrou-me os cenários de *A rainha Mary da Escócia*. Tudo com ar muito autêntico, a não ser pelos tomates numa cozinha. Lembrei a ela que naquela época os europeus do norte não comiam tomates. Ela deu muitas desculpas.

Blaise ficou intrigado, não com o anacronismo, mas com a cozinha.

— Que é que uma rainha estaria fazendo numa cozinha?

— Ora, querido, afinal trata-se da Escócia. Com certeza ela cozinha *haggis* para Bothwell.

De braços dados com seu mais novo diretor e amante, William Desmond Taylor, Caroline fez uma entrada lenta e majestosa. À porta, permitiu que os fotógrafos tirassem fotos; eles depois se retiraram.

— Você nunca esteve tão radiante — disse Blaise, alfinetando Caroline.

— Sei disso — retrucou ela, dando um beijo na cunhada. — Na realidade, é uma luz interior. Ou a pessoa tem "aquilo", como diria Elinor Glyn, ou não tem.

Blaise achou Taylor encantador — o retrato do cavalheiro inglês que aparecia nos palcos da Broadway. Era alto e magro, e tinha quase a idade de Caroline. Blaise perguntou-se quem ele seria na realidade. Caroline contara-lhe tanta coisa a respeito dos nomes reais e das verdadeiras origens dos artistas que ele suspeitava de todos, particularmente de Emma Traxler, a trágica opala de iogo da Alsácia-Lorena, cuja mãe tinha sido afogada pelos boches em seu próprio castelo. O espírito de Hearst agora informava os estúdios de Hollywood, e o resultado ultrapassava qualquer coisa que o velho jornalista amarelo tivesse sonhado.

— Quando começa a filmagem? — perguntou Blaise, que gostava de se interessar pelos assuntos de Hollywood.

— No dia dos bobos, primeiro de abril — respondeu Taylor, sorrindo para Caroline. — Finalmente conseguimos um bom roteiro. De Edward Knoblock

Blaise assentiu; aparentemente, devia saber de quem se tratava.

— Ele escreveu *Kismet*, aquela peça que ficou tanto tempo em cartaz — esclareceu Caroline. — É de Nova York, mas mora em Londres. Foi um dos escritores que o Sr. Lasky importou, junto com Maeterlinck, Maugham, Elinor Glyn e todos os outros. Está morando com William e trabalhando no roteiro.

Blaise perguntou-se: seria possível que essa fosse mesmo sua irmã-Caroline? A amiga de Henry Adams e Henry James, agora elogiando o autor de *Kismet*? Ou, talvez, em termos mais práticos, se tratasse simplesmente do *Doppelgänger* de Caroline, Emma, uma atriz envelhecida tentando sobreviver num mundo veloz, furioso e nada sentimental? Frederika tinha certeza de que o rosto de Caroline fora esticado por uma cirurgia. Blaise achava que não; por outro lado, ela parecia perturbadoramente perfeita, num estilo que não era inteiramente humano.

Taylor tirou Frederika para dançar, e os dois irmãos pueram conversar.

— O *Herald*... — Caroline começou.

— Caro demais...

— Ouvi dizer que Hearst já comprou. . .

— Através de Barham? Provavelmente. Cheguei tarde demais...

— Culpa minha. Eu devia ter agido no ano passado, mas...

Conversavam em sua linguagem particular, muito rápida; nenhuma elipse precisava de preenchimento. Ele perguntou:

— Que aconteceu com Tim?

— Nada. Ainda está morando no Garden Court. Como você está obviamente curioso, trancamos a porta entre nossos apartamentos.

— Entendo.

— Entende o quê? — Caroline observou Taylor e Frederika valsando decorosamente no centro do salão. — De qualquer maneira, foi tudo muito amigável. Ainda trabalhamos juntos. Ele encontrou alguém mais jovem.

— E você encontrou alguém mais velho. Ele *parece* boa pessoa.

— Blaise ainda pensava na saga de Taylor, as duas estrelas e a mãe.

— Deve ser muito popular.

— Demais — concordou Caroline, sincera como sempre. — Ele está tentando fazer Mabel Normand parar de cheirar cocaína, e impedir Mary Miles Minter de suicidar-se por amor.

— A ele?

— Parece que sim.

— Onde é que você entra?

— Uma mulher de certa idade, carinhosa, generosa... sábia, também, como só uma mulher como ela pode ser. Uma mulher que sabe o que é um coração partido...

— Isso é você ou Emma Traxler?

Caroline riu.

— Um pouco de cada. Não se preocupe. Consigo manter as duas separadas. De qualquer maneira, depois de *A rainha Mary* Emma vai afastar-se da tela prateada. ..

— E voltar para a Alsácia-Lorena?

— Não. Para Santa Mónica. Quero continuar produzindo filmes.

— Com William Desmond Taylor?

O diretor e Frederika voltaram para a mesa. Frederika estava deliciada.

— Gloria Swanson está ali, com alguém que parece o genuíno tipo do amante latino.

— Todos vêm aqui — disse Caroline, olhos postos em Taylor enquanto ele tirava do bolso um envelope e derramava o conteúdo num copo d'água.

— Cocaína? — perguntou Blaise em tom casual.

Caroline encarou-o com raiva. Taylor riu.

— Não — respondeu. — É para a minha úlcera. Ossos do ofício. Depois que as filmagens terminarem, quero ir para o mais longe possível.

— Verão na Europa — acrescentou Caroline.

— Leve-o a Saint-Cloud — sugeriu Frederika.

— Preciso ficar aqui — respondeu Caroline, bebendo chá de verdade

numa xícara de verdade.

— Eddy, isto é, Edward Knoblock, alugou-me sua casa em Londres, e vai ficar com a minha aqui na cidade — disse Taylor. — Já nos conhecíamos — acrescentou, voltando-se para Blaise. — Foi há muitos anos. Você era bem jovem. Eu também, é claro. Num antiquário na Quinta Avenida, número 246: The English Antique Shop, lembra-se? Eu era gerente. Caroline também foi lá. Mas não com você.

— Pensei que você fosse ator.

— Eu era. Mas os atores precisam comer. Você estava com uma francesa...

— Anne de Bieville — murmurou Caroline.

— Você tem ótima memória — disse Blaise, que tinha péssima memória e não se lembrava de Taylor.

Achava também perturbador que Taylor se lembrasse dele depois de tantos anos. Por outro lado, se uma pessoa tivesse vivido vidas diferentes, provavelmente era melhor confessá-las antes de ser desmascarada. Taylor parecia autêntico, apesar de um grande anel de diamante, algo que geralmente não se via na mão de um cavalheiro. Por outro lado, estavam em Hollywood, como Taylor tornou a demonstrar ao exibir, a pedido de Frederika, uma cigareira de platina contendo cigarros escuros com ponta dourada.

A orquestra agora tocava *Blue moon*, uma nova canção que Blaise gostava de cantar quando estava absolutamente sozinho. Ele estava começando a entender como alguém poderia sucumbir diante do encanto taitiano da Califórnia. O único mistério era como conseguir trabalhar naquele ambiente tão langoroso; no entanto, as pessoas em Hollywood nunca descansavam, se pudessem evitar. Um artista podia fazer uma dezena de filmes de longa-metragem num ano e ainda ter tempo para divorciar-se e casar-se novamente. Naturalmente, todos eram muito jovens, exceto Caroline e Taylor.

Enquanto Taylor apontava as celebridades para Frederika, Blaise foi direto ao assunto:

— Você me venderia sua parte no jornal?

Caroline encarou-o por um longo momento, procurando, talvez, o lado bom da proposta.

— Por que agora?

— Por que não agora? Você perdeu todo o interesse nele, em Washington, na política. . .

— Perdi? — Os olhos famosos, até mesmo para o meio-irmão, arregalaram-se. Eram luminosos e estavam algo avermelhados. — Será que adormeci aqui durante cem anos, agora é hora de acordar e não sobrou ninguém?

— Bem, eu estou aqui. Pode parecer cem anos, mas...

— Não. Passou muito depressa. — De repente Caroline ficou séria. — Se quero vender? Não sei. Se quero ficar aqui? Depende.

— Dos próximos cem anos?

Caroline assentiu.

— Falou-se em casamento — disse, mais baixo que a música.

— Então você vai ter que ficar. Não consigo vê-lo... hum... feliz em Washington.

— Falou-se, só isso. — Caroline mostrava-se vaga. — Não sei. Vamos ver o que acontece com o *Rainha Mary*. Aquelas golas elizabetanas, cheias de babados, são uma bênção para os peçoços envelhecidos.

Um amante latino moreno parou à mesa; era o ator espanhol Tony Moreno. Olhos e dentes reluziram durante as apresentações; então Moreno dirigiu-se a Taylor:

— Posso falar com você um instante?

Taylor pediu licença, e os dois saíram da boate.

— Como todos aqui são bonitos! — exclamou Frederika, arrastando as sílabas.

— É porque não permitimos senadores nos lugares públicos — respondeu Caroline.

Ela agora tinha os olhos fixos no saguão, onde, distante dos dois guardas de segurança uniformizados, Moreno e Taylor conversavam absortos. Blaise estava começando a fazer uma ideia do que se passava, e ficava intrigado com todas as possibilidades de desastre que Caroline tão compulsivamente procurava para si. De repente os dois homens não estavam mais visíveis no saguão.

Nesse momento, uma mulher alta, elegante e maquilada com exagero parou à mesa, acompanhada por um rapaz com a metade da sua idade.

— Emma querida! — exclamou. O sotaque era sulino.

— Charlotte Shelby. — Caroline apresentou a dama a Blaise e Frederika. O acompanhante foi ignorado. Blaise simpatizava com o modo como as cerimônias tinham sido reduzidas ao essencial.

— Sr. e Sra. Sanford, vocês precisam vir nos visitar na Casa de Margarita, nossa mansão particular na Avenida New Hampshire, isto é, quando não estamos em casa, na plantação de mamãe em Shreveport, na Louisiana.

— Eu adoraria, naturalmente — disse Frederika, exibindo sua simpatia sulina do distrito de Columbia.

— Cumprimente William e diga que a pequena Mary está melhor.

Como o iate de Chaplin nos Bosques de Viena, a Sra. Shelby afastou-se de velas enfunadas, rebocando o acompanhante.

— Que era *isso*? — quis saber Frederika.

— Uma ex-atriz chamada Charlotte Shelby — explicou Caroline.

— Mais conhecida como a mãe de Mary Miles Minter — concluiu Blaise,

em tom complacente.

— Como sabe disso? — perguntou Caroline, espantada.

— Sempre leio a revista *Photoplay*, sabe, no barbeiro...

— Você sabe das coisas — disse Caroline em tom neutro.

Taylor então voltou, sem Moreno. Caroline cochichou-lhe algo, e ele acenou para Charlotte Shelby do outro lado da pista de danças; ela inclinou a cabeça. Blaise percebeu que, apesar da maquiagem pesada, os lábios dela eram finos, e a boca, presa num sorriso, era triste. Estaria com ciúmes de Caroline? Ou aliviada por Taylor não estar mais apaixonado pela famosa criança?

— ... cartas — disse Taylor, e levou Caroline para a pista de danças.

— Bem... — fez Frederika.

— Bem... — ecoou Blaise.

— Acha que o amante latino estava dando drogas ao Sr. Taylor?

— Frederika! Você foi para Hollywood, como gostam de dizer aqui.

Mas Blaise suspeitava que aquilo podia ser parte de uma transação mais complexa. Começava também a perguntar-se se a própria Caroline poderia estar envolvida com drogas. Obviamente ela não era mais a pessoa que ele conhecera; por outro lado, porém, eles nunca tinham se conhecido muito bem. A meia consanguinidade talvez fosse, em si mesma, o mesmo que nenhuma. "Cartas", Taylor dissera. Cartas de quem? Blaise ficou curioso.

— Ela vai acabar voltando para casa — disse Frederika, parecendo melancólica. — Isto não pode durar para ela, para ninguém. Mas entendo o encanto. Imagine um lugar onde ninguém se importa com quem é o novo procurador-geral ou se o Sr. Harding é fantoche dele.

— Acho que o procurador-geral seria o único político em quem todos eles estariam interessados.

Por entre os coqueiros de *papier-mâché* havia guardas — e criminosos também. Até mesmo o amante latino, Moreno, parecia capaz de rasgar a garganta de alguém simplesmente por prazer. A falsa selva artificial era uma selva bem real, e Caroline podia ficar com toda ela, no que dizia respeito a Blaise. Um macaco de tamanho real, na base de um coqueiro defronte a eles, começou de repente a piscar olhos de luz elétrica vermelha.

3

No terreno da Argyle, agora deserto no final do dia, pedaços do castelo de Edimburgo tinham sido recriados, e Caroline e Taylor passeavam pelos

aposentos.

— Bem, pelo menos agora sabemos o que o Sr. Griffith deve ter sentido quando construiu Babilônia — disse Caroline.

— É mesmo. E sei também o que o banqueiro dele deve ter sentido — retrucou Taylor, franzindo o cenho.

Embora a Traxler Productions financiasse os custos, era Taylor quem mais se preocupava com as despesas. Até então, a produção estava quase cem mil dólares acima do orçamento calculado, e as filmagens ainda não tinham começado.

Tim fora sardônico. "Você poderia ter alugado Edinburgo inteira com esse dinheiro", dissera, e depois desaparecera no Noroeste, para fazer o tipo de filme que iria enlouquecer a filha e o genro de Caroline. Graças em parte aos esforços deles, o filme, com filmagens de Woodrow Wilson intercaladas, tinha sido proibido em quase todas as cidades. Felizmente como o novo procurador-geral, Harry M. Daugherty, não era candidato à Presidência, Tim poderia continuar à solta por mais algum tempo. Até então, houvera apenas uma única cena a respeito de Taylor, cena essa que Caroline tinha "Emma Traxlerado" com uma nobreza digna de uma heroína de Elinor Glyn. Tim deixara-a magoada por não ter ficado enciumado, e sim espantado com a escolha dela.

— Eu passo pelo portão — disse Caroline, imaginando-se a cavalo, montada de lado, uma pluma no chapéu, o apaixonado Bothwell a seu lado.

As tentativas de conseguir Barthelmess para Bothwell tinham fracassado; e um ator mais velho foi contratado para fazer Caroline parecer jovem e indefesa. Quanto à rival de Mary, a rainha Elizabeth, eles quase tinham conseguido Sarah Bernhardt, cuja versão teatral de *Rainha Elizabeth* vinha enchendo os teatros franceses desde a aurora dos tempos. Mas no último momento a divina Sarah decidira não arriscar sua fama legendária pela segunda vez num perigoso filme realista. Então tinham contratado uma distinta atriz de setenta anos, uma garantia de fazer Caroline parecer adolescente. La Glyn tinha oferecido seriamente os seus serviços no interesse da Autenticidade, já que também descendia da rainha Tudor, mas Caroline assegurara-lhe que ela era bonita demais para servir de realce à coitadinha de Emma Traxler; com certa rudeza, La Glyn concordara: "Quanto a isso, madame Traxler, a senhora está certíssima." Para surpresa de todos, Elinor Glyn agora não só escrevia, mas também produzia seus próprios filmes. Tornara-se um sucesso em Hollywood, elogiada pelo *Kine Weekly*.

— Primeiro filmaremos todos os exteriores — disse Taylor.

Ele tomou-a pelo braço e ela ficou satisfeita, como sempre ficava quando ele tomava a iniciativa física. Até então, nada acontecera entre os dois, e pela primeira vez na vida de Caroline ela sentia um pânico repentino e cego à ideia da velhice. E se finalmente houvesse alguém a quem ela desejasse — como

agora — e que não a desejasse? Alguém que preferisse mulheres mais jovens como Mary Minter e Mabel Normand? Que faria ela? A desanimadora resposta era: nada.

Caroline apoiou-se muito de leve contra Taylor enquanto caminhavam pelas ameias onde Mary esperaria em vão por seu amante que, sem que ela soubesse, estava morto. Lágrimas espontâneas de pena de si mesma encheram-lhe os olhos. Mary era um papel que ela teria que esforçar-se muito para não representar.

Juntos estacaram perto do parapeito e contemplaram o muro alto que rodeava o terreno. O trabalho daquele dia terminara, mas em certos cenários os técnicos estavam fazendo alterações de última hora — hora extra!

— Acha mesmo que Mary devia encontrar Elizabeth no parque e não na prisão?

Isto era algo em que os dois não concordavam.

— A essa altura teremos que sair para o ar livre. Temos seis interiores seguidos. A história está ficando um pouco claustrofóbica.

— Mas gosto disso. É como Mary se sentiria. Quero dizer, afinal ela é mesmo uma prisioneira.

O perfil de Taylor era quase perfeito. Durante anos ele sempre pudera escolher seus papéis, mas depois do sucesso em *Capitão Alvarez*, optara por dirigir.

— Edward diz que sempre acontece 'no parque.

Caroline não apreciava muito Edward Knoblock, o gorducho inglês de Nova York que continuava hospedado no pequeno bangalô de Taylor, estorvando bastante, no ponto de vista de Caroline.

— Isto é porque Edward roubou o enredo de Schiller e não lhe deu o crédito.

— Ora, ora — fez Taylor, apaziguador. — Se não fosse por esse tipo de roubo, aliás de muito bom gosto, todos nós estaríamos desempregados. Por que seu irmão não ficou mais tempo?

— Ele pensa que o governo vai parar se ele não estiver lá para guiá-lo. Eu também era assim.

— Não sente falta?

Caroline automaticamente contou até três em pensamento, como fazia para assegurar o efeito de um close; depois falou.

— De vez em quando. Aqui é mais divertido, é claro. Mas um dia não vou mais ser capaz disso.

— Um dia nenhum de nós vai ser capaz de fazer alguma coisa. Por que antecipar?

Nesse momento juntou-se a ele Charles Eyton, chefe de produção da Famous Players-Lasky.

— Apagando as luzes? — perguntou Taylor, sorrindo.

— Não brinque! É exatamente o que tenho que fazer. Tanto desperdício!... — Eyton era um homem muito prático e metódico, que se envolvia com tudo e todos no estúdio, inclusive produtoras de fora como a Traxler. — Aposto que estão loucos para começar — acrescentou, franzindo o cenho ao olhar para o portão do castelo de Edimburgo.

Taylor antecipou-se a ele.

— Nós podemos vender-lhe o cenário, se você não usá-lo até um ano depois do nosso filme.

Eyton assentiu seriamente.

— Ivanhoé vem aí. Mesmo tipo de castelo, acho. Quero dizer, são todos iguais. — Voltou-se para Taylor. — Está tudo resolvido. Mas diga a ela para deixar de ser criança.

— Isto é uma coisa que só a natureza poderá fazer, Charlie. Ela ainda é criança.

Taylor levou Caroline de carro à casa dele na Rua Alvarado. O bangalô fazia parte de um conjunto de construções que crescera, pelo que Caroline sabia, junto com Hollywood: meia dúzia de bangalôs construídos em três lados de um pátio contendo palmeiras e um chafariz. O quarto lado era a calçada e a rua. O proprietário ocupava o primeiro bangalô e funcionava como gerente e guarda armado. Um ator famoso e a esposa, amigos de Taylor, moravam defronte a ele. Caroline gostava da vida de cidade pequena que se vivia no conjunto, apesar da falta de privacidade nas idas e vindas sob as palmeiras. Por outro lado, havia privacidade se se entrasse no bangalô de Taylor pela Avenida Maryland, nos fundos. Caroline viera por ali várias vezes, preparada para o amor; em vez disso, ganhara um jantar à luz de velas, servido por um empregado com cara de mau chamado Eddie Sands; depois jogaram gamão.

Quando Caroline retribuiu, Héloise servindo um jantar à luz de velas com a alegria de Santa Teresa banhando um leproso, a noite terminara novamente em gamão. Caroline passara a odiar Mary Miles Minter, que, do ponto de vista jurídico, ainda era uma criança.

— O problema, na verdade, é só esse — disse Taylor.

Ele preparou um martini para Caroline e ela bebeu rapidamente. Se estava destinada a frustrar-se, podia muito bem anestesiá-la.

— Ela se apaixonou loucamente pelas pessoas... — continuou ele.

— Por você?

— Entre outros. Então escreve cartas indiscretas e o coitado do Charlie Eyton tem que comprá-las, para impedir uma chantagem ou coisa pior.

— Charlotte?

Taylor assentiu.

— A última fornada de cartas era para um diretor, pai do filho de la.

— Mas Charlotte soube de tudo, na época.

A essa altura, Caroline parecia conhecer intimamente a apaixonada Charlotte. Taylor confessara um flerte com a mãe, assim como com a filha. De modo que, quando ficara óbvio que Taylor seria o segundo diretor — e grande amor — na vida de Mary Minter, Charlotte comportara-se como uma Medeia sulina. Em várias ocasiões Mary era trancada no quarto e a mãe de Charlotte ajudava-a a fugir; ela aparecia no número 404 da Rua Alvarado e Taylor então... fazia o quê? CaroliRe não sabia. E ele negava ter tido um caso com a garota. Por outro lado, também negava seu longo romance com Mabel Normand. Pelo que ele dizia, era uma espécie de médico — como Rasputin, Caroline comentara em tom doce. Mas de tanto curar os outros ele adquirira uma úlcera.

— Estou louco para ir para a Europa. Faço qualquer coisa para sair daqui — disse ele, passeando o olhar pela agradável sala de estar.

Knoblock tinha ido jantar fora, e os dois jantariam sozinhos — e, naturalmente, cedo. Felizmente Eddie era um bom cozinheiro, o que melhorava um pouquinho as coisas.

— Talvez eu abra Saint-Cloud, ou você odeia a França?

— Não, não. — Ele sorriu para ela através da nuvem de fumaça perfumada de um cigarro de ponta dourada. — Eu adoraria, e se você estivesse lá...

Caroline esperou, ansiosa, a declaração. Mas Taylor apenas suspirou.

— O problema das duas é que a carreira delas terminou e elas não sabem disso.

— Coitadas!

Caroline odiava "as duas" com uma pureza de que jamais suspeitava ser capaz. Uma era estrela mundialmente famosa de 19 anos e um fracasso; a outra, estrela mundialmente famosa de 26 anos, uma ruína viciada em cocaína.

— É claro que Mary não sabe, ou não liga. Ela odeia o cinema, odeia a vida de la...

— Odeia a mãe?

Taylor deu de ombros.

— Ela diz que sim. Mas se o'diasse mesmo, poderia morar longe dela.

— Uma criança? Uma menor de idade? A Menor Mary Miles Minter?

Caroline imaginou o prazer que teria em arrancar um por um aqueles cachinhos cuidadosamente penteados, feitos especialmente para substituir na tela os de Mary Pickford, os quais, quando finalmente cortados, levaram um país inteiro ao desespero.

— Ela tem a avó —, disse Taylor em tom pensativo. — Mas existe o tal contrato que ela assinou, dando trinta por cento a Charlotte...

Caroline sentia-se entediada como jamais se sentira antes. Disse:

— Já que a pequena Mary era apenas uma ovelhinha quase recém-nascida na época do contrato, ele não é válido, pelas leis deste estado. Diga a ela para entrar na justiça.

— Ainda é menor de idade. Sabe, ela tentou matar-se com a pistola da mãe.

A atenção de Caroline, mas não a sua solidariedade, foi despertada.

— Por que com uma pistola?

— Porque Mary achava que estava apaixonada por alguém e Charlotte não deixava que eles se encontrassem.

— Já tinha adivinhado isso — disse Caroline. — Por que Charlotte tem uma pistola?

— As senhoras do Sul estão acostumadas a proteger-se, e à sua honra, da violação — respondeu Taylor em tom brincalhão.

O tom de Caroline foi ainda mais brincalhão:

— No caso de Charlotte Shelby, imagino que um "não" murmurado suavemente faria o mesmo efeito. Ou talvez — continuou, achando divertido — um "sim" entusiasmado fizesse fugir até "o estuprador mais renitente.

— Precisamos arranjar uma comédia para você — disse Taylor.

— Já arranjei — retrucou ela.

Isto ficou provado mais tarde, depois do jantar. Taylor colocou a mão no ombro dela, como se soubesse exatamente até que ponto ela estava pronta, até mesmo ansiosa.

— Sim, William? — ela sussurrou.

Os dedos dele queimavam-na através da seda da blusa.

— Um centavo o ponto — ele murmurou, e levou-a para a mesa do gamão.

Meu Deus, como entra dinheiro! — cantou Jess, desafiando.

Por mais que tentasse, nunca conseguira aprender o resto dessa canção, ou qualquer outra além daquela única linha do refrão, que resumia perfeitamente sua situação. Na sala acanhada do número 1509 da Rua H, Ned McLean dormia a sono solto no sofá. Desmaiara ali muito antes da meia-noite, quando o jogo de pôquer terminara; e Daugherty telefonara para Evalyn para dizer que Ned estava sendo bem cuidado. Agora Daugherty estava dormindo no andar de cima, enquanto uma faxineira negra retirava garrafas e cinzeiros transbordantes da sala malcheirosa.

Jess estava sentado diante da escrivanhinha de tampa corrediça, fazendo contas. Estava, e sabia disso, muito bem vestido, com um terno marrom-chocolate e um colete lilás. Fora uma desagradável dor no quadrante inferior direito da barriga, ele estava em perfeitas condições, tanto a diabetes crônica quanto a asma fora de ação. Ele então deu o primeiro de vários telefonemas, para o seu — deles — corretor Samuel Ungerleider, natural de Columbus, Ohio.

— Quequá? — anunciou Jess.

Ungerleider, porém, respondeu que a única coisa que havia eram as cifras do mercado na véspera. Sam cuidava dos investimentos dos Harding, de Daugherty, de Jess e de muitos outros conterrâneos. Como Jess estava envolvido numa complicada série de especulações, estava sempre precisando de dinheiro rápido para cobrir as operações que Sam custeava para ele; Sam era tão honesto quanto Jess era escrupuloso em aparecer com o dinheiro dentro do prazo.

— Você vai precisar de uns 11, 12 mil até o meio-dia — Sam anunciou.

— Já está na mão. Como vai o Sr. Daugherty?

— Muito bem. Ele não joga dados, como você, Jess.

— E o Presidente?

— Parece uma viúva...

— É coisa da Duquesa. Ela não deixa que ele arrisque.

— Podendo ganhar tanto dinheiro...

— Sei disso. Vamos continuar ganhando.

O primeiro visitante do dia chegou às sete e meia.

— Quequiá? — Jess borrifou o ar entre eles, mas o homem, um sinistro contrabandista de bebidas da Virgínia, pareceu não notar.

— Muita gentileza sua, Sr. Smith, receber-me tão cedo.

— Qualquer amigo do... daquele cara é meu amigo.

Jess abriu uma gaveta, da qual só ele tinha a chave, e tirou de dentro dela um formulário do Departamento do Tesouro.

— Bem, vou fazer do senhor o agente da Virgínia e do distrito de Columbia para a Companhia Geral de Drogas, com o quartel-general em Chicago, e com esse cargo o senhor gostaria de retirar da custódia federal, para fins medicinais, quanto?

— Mil caixas de uísque escocês. Quinhentas do melhor gim. Setecentas...

— Opa! Opa! Vá mais devagar. Não consigo escrever tão depressa.

— Queira desculpar-me, Sr. Smith. Mas a ideia de ter o melhor para vender aos meus clientes significa muito para mim.

— Para eles também — disse Jess. — É de espantar que metade do estado da Virgínia não esteja à morte de tanta bebida ilegal. Devia haver uma lei.

..

O virginiense disse em tom triste:

— Ah, a lei existe, mas hoje em dia ninguém se importa com leis.

Jess assobiou uma frase de *Chuvas de abril* enquanto assinava o nome de um imaginário funcionário do Tesouro no formulário.

— Pronto. Apresente isto a qualquer depósito interdito pelo governo e eles lhe entregarão a mercadoria diante desta genuína ordem do Departamento do Tesouro.

— Fico-lhe deveras grato, Sr. Smith.

— O Alexandria é o depósito mais fácil. Se houver algum problema, ligue para mim em meu escritório no Departamento de Justiça. São 2.500 dólares, por favor. Em dinheiro, como sempre.

O virginiense pagou e retirou-se. Os dois visitantes seguintes precisavam de orientação interna para conseguirem favores do governo. Cada um deles pagou dois mil dólares. Então, enquanto o procurador-geral dos Estados Unidos descia a escada, o último visitante foi levado à porta. Jess nunca contava a Daugherty sobre seus negócios particulares, e Daugherty nunca perguntara.

Daugherty olhou para Ned McLean e sacudiu a cabeça com tristeza.

— Este rapaz devia se controlar, senão vão interná-lo. Devíamos tê-lo mandado para casa ontem.

— Bem, esta também é a casa dele, não é? — fez Jess, protegendo seu amigo Ned, que gemeu no sono. — Quer tomar café?

— Não. Comeremos qualquer coisa no Departamento.

— Vai haver pôquer à noite?

Daugherty resmungou.

— Pergunte à Duquesa — disse. — Eu tenho um dia cheio.

Ele abriu a porta da rua. Lá fora, o carro do procurador-geral estava à espera. O motorista fez uma continência para Daugherty, chamando-o de "general", o título costumeiro do principal agente da lei no país. Daugherty gostava bastante desse título; e do emprego também. Entrou no carro e foi levado para o Departamento de Justiça, que não era longe.

No dia anterior, Jess recebera um recado da Casa Branca dizendo que a primeira dama queria que ele a ajudasse a escolher fazendas; assim, tendo dado instruções à faxineira de rosto severo a respeito do que fazer quando o dono da casa despertasse, Jess saiu para a clara manhã de primavera e contemplou com seu olhar míope os cornisos floridos no jardim da casa oposta e então, num estado de espírito próximo ao total contentamento, venceu a pé a pequena distância até a Casa Branca.

O contraste entre a mansão agora e na época dos Wilson era marcante. Poucas semanas antes, os portões principais eram trancados a cadeado, o público era mantido a distância e apenas a ala oeste funcionava. Agora os portões estavam abertos e turistas entravam e saíam ("Á Casa Branca é deles", proclamara a -Duquesa ao tomar posse.) Os guardas no portão norte fizeram sinal para Jess entrar, mesmo tendo ele seu crachá do FBI na'mão, um presente do solícito subdiretor, J. Edgar Hoover, um rapaz que tinha pavor de ser substituído por uma das criaturas de Daugherty. Mas Daugherty seguira a cartilha: obedecia todas as leis e a maioria dos costumes.

De vários modos o governo Harding era o mais capaz e o mais notável do século, pelo menos segundo os redatores de editoriais que não apreciavam a pessoa de Harding. Era verdade que um dos homens mais ricos do país, Andrew Mellon, era secretário do Tesouro, mas sua fortuna assegurava que ele não teria que vender uísque contrabandeado para cobrir as despesas com seus corretores. Além disso, todos sabiam que Mellon criaria um ambiente no qual os melhores elementos do país poderiam prosperar. Embora Harding tivesse desejado aumentar o imposto de renda dos ricos, Mellon o dissuadira; Wall Street e seus jornais aplaudiram o Sr. Mellon. Também admirado era o secretário de Estado, Charles Evans Hughes, que concorrera contra Wilson em 1916. Igualmente tranquilizadora era a presença, no Departamento de Comércio, da figura pública mais popular do país, Herbert Hoover, famoso por sua competência e

honestidade, ao passo que Will Hays, como diretor geral dos Correios, seguia seu elevado destino. O secretário do Interior, senador Fall, tinha sido unanimemente aplaudido pelo Senado. Só Daugherty inspirava protestos; mas a todo Presidente era permitido ter pelo menos um empresário político em sua folha de pagamento.

Jess entrou pela porta principal. Um funcionário cumprimentou-o e informou que a Sra. Harding estava na sala familiar do andar superior. Quando atravessava em direção ao elevador, Jess observou que a longa fila de turistas passando do Salão Vermelho para o Salão Azul, o Salão Verde e o Salão Leste estava olhando para ele, perguntando-se quem seria aquele figurão que usava um sobretudo Chesterfield novinho e óculos de armação grossã — para dar uma aparência intelectual. Houve um suspiro de êxtase quando o elevador privativo chegou e ele entrou.

No salão oval, a Duquesa desdobrava metros de pano sobre todos os móveis. Um assustado vendedor da Loja Woodward e Lothrop postava-se à disposição dela.

— Jess Smith, venha cá e comece a trabalhar. Isto aqui é veludo de verdade, ou imitação?

O empregado não ousou dizer coisa alguma. Jess manuseou o material. Havia muito pouco que ele desconhecia a respeito de panos.

— É veludo de verdade.

— Só queria ter certeza. Claro que Donald Woodward jamais tentaria nos enganar, mas às vezes há enganos — declarou ela, olhando furiosa para o funcionário.

Jess ajudou-a a escolher várias fazendas que, ele tinha certeza, ficariam bem nela. Agora que Florence Kling Harding era a primeira dama, pretendia vestir-se de acordo com isso. O resultado não era inteiramente agradável aos olhos de Jess. Para começar, ela dera para usar duas manchas de ruge no rosto cinzento, como a maquiagem dos palhaços de circo, ao passo que os cabelos eram regularmente, impiedosamente/ondulados. Do modo mais diplomático possível Jess afastou-a de brocados de ouro e prata durante o dia e chifons em tons pastel claros durante a noite.

— Mais apropriados, talvez, para a intimidade — disse ele, assumindo inconscientemente o tom lisonjeiro que usava em sua Loja Smith's.

Feitas as encomendas, o funcionário partiu.

— Sente-se, Jess. Warren quer jogar pôquer esta noite na Rua H. De modo que avise aos de sempre. Eu não vou. Isto quer dizer que você vai se encarregar de que ele esteja em casa antes da meia-noite.

Jess garantiu que faria o possível, como sempre.

— Além disso, não deixe que ele masque tabaco. É ruim para ele. Um charuto, tudo bem, quando não há fotografos por perto, mas fique de olho nele se

ele mascar.

— Como faço para impedi-lo?

— Diga-lhe que vai contar para mim e para o Dr. Sawyer. Isto deve bastar.

— Vou tentar, Duquesa.

Jess imaginava que essa missão fracassaria. Tão viciado estava Harding em mascar tabaco que Jess o vira, em várias ocasiões, desmanchar um cigarro e colocar o tabaco na boca.

— Como vai a situação doméstica? — perguntou.

A boca fina abriu-se como uma caixa de correspondência.

— Finalmente consegui colocar a cozinha sob controle. Sabe, os Wilson deixaram tudo desnionorar. Então, quando a Sra. Wilson me disse, foi a primeira coisa, que a governanta era muito eficiente, depois que vi a jcasa a primeira coisa que tive vontade de fazer foi livrar-me dela. Mas ela está se saindo bem. Quem" atrapalhava era a Sra. Wilson. Não se importava com coisa alguma a não ser aquele seu marido doente. Eram pessoas extremamente egoístas.

A Duquesa encontrava-se agora junto à gaiola que continha o muito amado — só por ela — canário.

— Pete, canta pra mamãe. Pete! — ordenou a Duquesa; então ela, e não o taciturno canário, assobiou. — Juro que este passarinho está ficando cada dia mais temperamental. Vive de mau humor. Por que não aceitou aquele emprego que Warren lhe ofereceu?

— Ah, a senhora sabe que gosto de me misturar aos fregueses, como dizemos no comércio.

— Você é a única pessoa do Ohio que recusou um emprego — declarou a Duquesa, e Jess tentou parecer modesto. — É claro que já é bastante rico — acrescentou ela. — Pete canta como um rouxinol quando não está de mau humor.

Na realidade, Jess ficara encantado quando lhe ofereceram o cargo de comissário dos Negócios Indígenas; e ficara triste quando os senadores do Oeste disseram informalmente ao Presidente que ele não servia. W.G. perguntara-lhe então se ele gostaria de ser tesoureiro dos Estados Unidos, um emprego cerimonial que envolvia pouco mais que permitir que sua assinatura fosse impressa nas notas de dinheiro. Mas como Jess tinha outros planos para o dinheiro, agradecera calorosamente ao Presidente e dissera que preferia ser útil ao governo de maneira menos formal.

Laddie Boy, o cão collie do Presidente, entrou de supetão na sala, saltou sobre Jess e latiu para a Duquesa, que disse:

— Cale a boca. Warren está chegando. Ai está ele.

Não era, porém, o Presidente, e sim Charlie Forbes.

— Oi, Duquesa! Oi, Jess! — cumprimentou. Forbes era o bobo da corte

do Presidente, um homem de rosto redondo, óculos de coruja e, apesar dos cabelos, ruivos, uma leve semelhança com Jess. — Vim para o almoço. O Presidente prometeu *wienerwurstels* e *sauer-kraut*, de modo que deixei meus veteranos fazendo farra e vim correndo.

— • Olá, Charlie — fez a Duquesa, que não gostava de alusões sexuais.

Mas Charlie agora brincava com Laddie Boy, e Jess invejou-lhe a simpatia. Jess era chamado apenas para desempenhar tarefas, mas Charlie Forbes era chamado para alegrar a todos. O coronel Forbes, construtor em Spokane, Washington, era um genuíno herói de guerra que recebera a Medalha de Honra do Congresso. Todos concordaram que ele seria a pessoa indicada para diretor da Seção de Veteranos. Democrata na linha de Wilson, Charlie tinha de tal maneira encantado o senador e a Sra. Harding, e ficara encantado com eles, durante uma viagem oficial de senadores ao Noroeste, que mudara de partido e organizara a região em favor de Harding. Finalmente, Charlie era o único dos amiguinhos de W. G. que a Duquesa adorava.

— Espero que Warren consiga o almoço que pediu. A cozinheira faz uma grande confusão cada vez que ele pede *sauerkraut*. E palitos. Meu Deus, quantos problemas estou tendo com Warren! Ele diz ao mordomo que quer palitos na mesa, o que nunca aconteceu antes na Casa Branca...

— O primeiro Presidente com dentes naturais — disse Charlie.

— Eles deviam ficar orgulhosos.

— Então o mordomo vem me procurar e eu digo não; e então Warren chama a governanta e grita... Laddie Boy saiu da sala aos saltos.

— Isso significa que Warren está recebendo cumprimentos no Salão Oval. Meia hora todas as manhãs, de qualquer maneira. E ele gosta, imaginem só!

A Duquesa suspirou. Charlie suspirou, e disse: — Arranjei um comprador para a Avenida Wyoming.

— Sabe o preço?

— Ele paga, não se preocupe. É o meu assessor jurídico na Comissão. Charles Cramer. De primeira classe. Da Califórnia. Uma grande firma de advocacia.

— Vou odiar perder aquela casa...

— Dias muito ocupados — murmurou Charles. Era tão cheio de energia que Jess ficava cansado só de vê-lo dançar pelo aposento.

— Estamos construindo, construindo, construindo! Hospitais por toda parte... Ah, Duquesa! Vamos empregar Carolyn, no Departamento de Pessoal.

— Warren já sabe? — perguntou a Duquesa, de cenho franzido.

— Afinal, é irmã dele.

— Ele está feliz por termos conseguido um lugar para ela. O Presidente e Laddie Boy entraram juntos. — Bom dia, senhores, Duquesa, Pete.

— Ele não quer cantar — informou a Duquesa.

— Jess, diga a Harry que vamos nos reunir na Rua H depois do jantar. Portanto convoque o pessoal.

— Sim, Sr. Presidente.

George Christian apareceu à porta:

— Pode receber "o senador Borah e o senador Day depois do almoço?

— Ora, posso? Você é a pessoa que sabe.

— Pode, sim, senhor. Posso encaixá-los. O senador Borah diz que é importante.

— Tudo do Sr. Borah é importante — interpôs a Duquesa. — É um escândalo o modo como ele e Alice Longworth estão agindo, não que aquele Nickse importe, mas a coitada da Sra. Borah é uma santa...

Harding assentiu para Christian, que desapareceu, assim como Jess. Embora gostasse de dizer que odiava escritórios, adorava o que Daugherty lhe dera no sexto andar do Departamento de Justiça. Não recebia salário, mas podia escrever cartas com o timbre do Departamento de Justiça e, melhor que tudo, tinha acesso aos arquivos. Numa cidade onde a única coisa que importava era quem sabia o quê, ele estava adquirindo muito conhecimento. Finalmente, como braço direito do braço direito do Presidente (Daugherty tinha uma linha direta com o escritório do Presidente), todas as portas estavam abertas para ele em seu negócio, que era manter o dinheiro entrando.

2

A sala de jantar da família cheirava a *wienerns* e *sauerkraut*, um dos pratos favoritos de Burden. O Presidente recebeu-os à cabeceira da mesa já esvaziada. Mastigava um palito e pareceu a Burden ter crescido, literalmente, no posto. Não tanto que estivesse mais corpulento — como uma geleira, o estômago alto elevava-se mais uma polegada costela acima — porém tratava-se mais de uma aura de grandiosidade no grande rosto de bronze, nos espessos cabelos brancos, nas sobrancelhas pretas, na sensação de perfeito equilíbrio. Burden perguntou-se se não teriam sido todos levados a subestimar Harding — levados pelo próprio Harding.

A primeira mensagem de Harding ao Congresso certamente tinha deixado claro que ele não apenas era o Presidente como também não estava disposto a ceder qualquer de seus poderes ao ramo legislativo, particularmente àquele Senado que supostamente o criara. Duas vezes troçara publicamente da ideia de que tinha recebido o cargo dos chefões do Senado; Burden estudara as expressões de Lodge, Brandegee e Smoot, e viu nelas um certo grau de

confirmação. Ultimamente, os republicanos vinham reclamando na sala de descanso que os "crânios" do Gabinete, Hughes e Hoover, estavam exercendo demasiada influência sobre o Presidente. Agora Borah, com ajuda de seu amigo democrata James Burden Day,, estava prestes a exercer um pouco de sua própria influência.

Harding indicou que os dois se sentassem ao lado dele. Serviu-se café. O cão mastigava um osso aos pés de Harding.

— Achei que este seria o local mais tranquilo, assim em cima da hora.

Harding esperou que o mordomo saísse com o café. Quando a porta fechou-se atrás dele, Harding sussurrou:

— Rapazes, saibam que este lugar parece a época daqueles Luíses da França, ou talvez os Bórgia. Todo mundo fica escutando o tempo todo. Quase sempre falamos em código, para não terminarmos nos jornais de Hearst. — Voltou-se para Burden. — Ouvi dizer que você teve uma corrida meio dura.

— Graças ao senhor, quase perdi.

A maioria de Burden tinha sido realmente muito pequena, ao passo que duas das cadeiras que sempre foram democratas tinham se tornado republicanas. Kitty tinha sido inquebrantável, e Burden não estivera em sua melhor forma, com as energias depauperadas desde a gripe. Perguntava-se se algum dia ficaria bom.

— Além disso, Jake Hamon gastou um dinheirão no nosso estado, o que não ajudou.

— Coitado do Jake — fez Harding, sacudindo a cabeça. — Bom, se ele tinha que ser assassinado, foi mais próprio que tenha sido pela amante e não pela esposa.

Borah concedeu cinco minutos para a conversa leve. De algum modo misterioso — pelo menos para Burden — o lobo solitário do Senado tornara-se a sua maior força. Aliás, quando Lodge e sua fraternidade senatorial tinham tentado recriar à Liga das Nações sem Wilson, Burden ouvira Borah avisar a Lodge que, se ele tentasse apoiar qualquer tipo de Liga, Borah o destruiria. Lodge respondera, em tom gélido, que era muita insolência de um jovem como Borah falar de tal maneira com alguém mais velho (e, por inferência, melhor) que ele, ao que Borah respondeu que o pior ainda viria, se Lodge e seus amigos tentassem traír o eleitorado. Quando Lodge ameaçou renunciar ao posto de líder da maioria, Borah trovejara: "Renunciar? Nunca! Nós não deixaremos. Nós o expulsaremos, como exemplo"; era óbvio que naqueles dias todo o drama estava no lado republicano. Os democratas mostravam-se reservados e acrimoniosos por sua derrota eleitoral.

— Sr. Presidente... — Borah começou.

Burden sentiu um arrepio: assim o loquaz tribuno dirigia-se ao Presidente do Senado. Será que iria falar durante horas? De repente Harding tornava a ser

apenas um guerreiro contemplando, hipnotizado, o maior dos chefes da tribo do Senado. Borah continuou:

— Já tivemos nossas desavenças no passado. Não o apoiei até setembro, quando o senhor me assegurou que nunca concordaria com nossa participação em *qualquer* Liga das Nações.

Os olhos de Borah estavam fixos em Harding, que pestanejou, descansou a face na mão direita e pôs-se a mascar a ponta de um charuto apagado.

Borah tomou o silêncio como concordância.

— Meu medo de envolvimento estrangeiros é bem conhecido. Mas não sou avestruz. Sei o que vai acontecer se as nações iniciarem uma corrida armamentista num mundo em paz. Estou aqui para lhe dizer que se houver um fortalecimento competitivo das esquadras, estaremos em guerra com o Japão dentro dos próximos 25 anos, e, francamente, considero tal guerra nada menos que um crime contra a humanidade, provocado por nós em nossa negligência.

Borah calou-se e bebeu um copo d'água. Aproveitando a pausa, Harding endireitou-se na "cadeira e disse:

— Senador, é perfeitamente claro para mim e para o secretário Hughes que os problemas com o Japão já começaram, especificamente na questão de quem vai controlar a ilha de Yap agora que a Alemanha saiu do Pacífico e, de modo geral, na questão de quem vai controlar nosso oceano comum, o Pacífico.

Burden ficou surpreso com o súbito domínio dos detalhes importantes demonstrado pelo Presidente, geralmente uma pessoa vaga. Olhou para Borah pelo canto do olho e viu que este tinha a boca entreaberta — de surpresa? Geralmente, quando Borah estava num aposento, só Borah falava.

— Portanto — continuou o Presidente, largando o charuto — nós por aqui não desejamos deixar todo mundo nervoso outra vez com o Perigo Amarelo, como em 1913, quando quase tivemos uma guerra com o Japão. Por outro lado, entendo seu ponto de vista, senador, sobre a necessidade de entrarmos em acordo com eles fora da Liga das Nações, que o assusta mais que a mim, mas trata-se do nosso modo de ser, o seu e o meu. Para mim, a Liga é uma ideia perfeitamente boa, que provavelmente não funcionaria mesmo que participássemos...

— Sr. Presidente, se entrássemos para a Liga, nossa liberdade seria cerceada...

O Leão de Idaho começara a rugir. Mas o Presidente ergueu a mão e sorriu.

— Ainda não terminei, senador. Certamente conheço sua eloquente opinião sobre o assunto.

Harding olhou para Burden, como se pedisse confirmação. Burden respondeu com um gesto de assentimento. O Presidente prosseguiu:

— Vou preparar uma campanha de desarmamento bem parecida com a

sua lei de 14 de dezembro que me autorizava... ou me ordenava? — o sorriso de Harding era matreiro — ... a convidar os governos do Japão e da Inglaterra a unir-se a nós no corte de cinquenta por cento dos projetos navais. O Sr. Hughes e eu estamos trabalhando nisso desde que chegamos aqui, embora nenhum de nós tenha falado sobre o assunto em público. Descobri uma coisa sobre este emprego. — Harding esticou os braços, depois aninhou a nuca nas mãos. — Alguém, no caso presente o senhor, pode surgir com uma boa ideia que o Presidente aprecia, mas isso nem sempre é o suficiente, porque muitas vezes, mesmo que eu concorde com o senhor a respeito de um modo de agir, tenho que dizer não e esperar, parecendo triste e desanimado, até o senhor me forçar a fazer a coisa certa.

— No caso presente, pode contar que vou forçá-lo, Sr. Presidente.

Borah ficara algo desconcertado com a inesperada compreensão de Harding da essência do poder. Burden muitas vezes observara que muitas teorias boas tinham fracassado na prática por erro na escolha do momento. O Presidente declarou:

— A vantagem neste caso é que o desarmamento é tão popular com os pró-Liga, como Bryan, quanto com vocês que são contra a Liga. Só o Sr. Hearst e a Subcomissão Naval de Burden não gostam da ideia, o que prova que estamos no caminho certo.

Burden sorriu.

— Eu gosto dela, mesmo que o resto da subcomissão queira mais, maiores e melhores navios de guerra.

— Tantos contratos! — Harding sacudiu a cabeça em falso desespero. — Tanta burocracia! Chega a dar dor de cabeça, não é verdade? Agora, cavalheiros: quero que os senhores dos dois lados do Senado mantenham a pressão em cima de mim. Vou parecer sério e preocupado, e vou me perguntar em voz alta como é que vocês podiam ter confiado que os ingleses e Os japoneses iriam manter sua promessa de desarmamento, quando não confiam neles o bastante para participar de uma Liga com eles.

Burden ouviu Borah inspirar com força, quando a alfinetada atingiu o alvo. Mas o Presidente tinha o controle total da situação.

— Portanto vamos manter contato constante nas próximas semanas.

Harding ergueu-se, e os dois senadores o imitaram. Laddie Boy ergueu com elegância uma pata traseira de encontro a uma cadeira. Harding deu-lhe um empurrão e disse em tom melancólico:

— Queria que ele parasse de fazer isso...

Depois voltou-se para Borah:

— Deixe-me terminar minha expedição de pesca com os japoneses. Os ingleses já estão a bordo, é o que eles dizem. Podemos também ter que incluir os franceses e os italianos para que eles se sintam bem. Então, quando estivermos

prontos, eu lhes darei o sinal para encostarem um revólver na minha cabeça com um projeto de lei, e então cederei, e mandaremos os convites para uma conferência aqui em Washington, provavelmente em julho. — O Presidente levou-os até a porta. — Sabem, quero que este país seja conhecido como o defensor da paz em toda parte.

— Nisto nós concordamos — declarou Borah, apertando a mão do Presidente.

— Wilson também — observou Burden. — Mas ele teria feito um discurso brilhante e prematuro. Então teria denunciado todos que discordavam dele e... bem, imagino que teria decretado lei marcial, se pudesse.

— Sou um Presidente mais mole — sorriu Harding. — Como não há chance de ficar conhecido como um Presidente grandioso ou brilhante, como Wilson, só posso esperar ser um dos mais amados, se algum político algum dia puder ser objeto de tal sentimento.

— Tal coisa é bastante possível — disse Borah, obviamente impressionado.

Harding deu tapinhas nas costas de ambos e levou-os ao saguão.

— De qualquer maneira, o que tenho realmente a meu favor é que, como ninguém tem a menor esperança em mim, o que quer que eu faça de bom vai despertar admiração.

Harding então mergulhou num grupo de turistas, apertando mãos e visivelmente espalhando euforia.

Enquanto Burden e Borah esperavam o carro no pórtico norte, Burden afirmou:

— Em princípio, eu diria que o Senado não está guiando o Presidente, como anunciado até agora. Aliás, exatamente ao contrário.

Borah resmungou:

— Quem guia é Hughes e Hoover.

— Não tenho tanta certeza.

— Que diferença faz?

Borah entrou no carro primeiro, embora Burden fosse mais velho. Burden entrou depois. O carro recendia a jacinto, que o motorista colheira em algum lugar — onde? Os jacintos em Rock Creek já tinham murchado.

— Enquanto estivermos indo na mesma direção, tudo bem. Mais tarde, quando discordarmos... — fez Borah, com expressão grave.

Borah fora feito para a oposição. Era eloquente, honesto, inteligente; e Burden achava-o um perfeito chato.

Como uma lagartixa imperial, a rainha Elizabeth corria de um lado para outro por entre as árvores de papelão, as quais, apesar da esplêndida iluminação — sombria! —, pareciam exatamente árvores de papelão com folhas de papel. A rainha Elizabeth era muito, muito velha, e a rainha Mary da Escócia era simplesmente velha. Caroline afundou-se na cadeira e observou-se exibir, um por um, seus não muito numerosos truques. Como eram poucos, no final das contas! E agora todos pareciam estar no final.

À luz pulsante que vinha da cabine de projeção ela percebia que Charles Eyton não estava afundado na cadeira; sentava-se muito ereto, fumando um cigarro cuja fumaça tomava forma de nuvens no raio de luz que levava em seus impulsos as imagens de *A rainha Mary da Escócia* da Traxler Productions, estrelando Emma Traxler. Uma produção "difícil", como Miss Kingsley a chamara no *Los Angeles Times*, cujo orçamento passara de um para quase dois milhões de dólares "sem um enredo de amor jovem para atrair a garotada", nas palavras do *Kine Weekly*. Como Emma era o enredo de amor maduro, Taylor, para grande alívio dela, cortara um subenredo envolvendo dois namorados jovens. Agora ela ansiava por ver na tela lábios orvalhados e pescoços sem rugas — qualquer coisa além de sua obviamente bonita gola de babados e seus olhos cansados e um pouco menos bonitos. Bothwell tinha a idade certa para ela, o que significava que ambos estavam na idade errada para as plateias de cinema, ao contrário do teatro, onde, vistos de longe, eles teriam encantado e convencido.

Caroline fechou os olhos durante o close em que ela atacava a rainha Elizabeth na floresta de papelão. Apesar da iluminação cuidadosa, os olhos luminosos, amados pelos rapazes adolescentes e pelas mulheres lésbicas de todas as idades, brilhavam através de uma delicada rede de rugas muito pequenas, nunca antes visíveis em seu espelho ou, presumivelmente, ao mais caro maquilador do ramo. Agora, como os canais de Marte, elas apareciam na tela trinta vezes maiores que o tamanho real. Caroline estava começando a sentir-se mal. Agarrou a mão de William e achou-a suada. Ele retribuiu o aperto rapidamente, depois desvencilhou a mão e acendeu um cigarro. Houve alguns pigarros vindos do resto da plateia, profissionais que logo estariam tentando vender o muito esperado *Rainha Mary*.

Uma cena de batalha veio como um alívio. Depois, novamente a prisão de Mary, e muitas marchas de um lado para outro, braços jogados para cá e para lá como um moinho holandês na ventania. Enfim o final: uma multidão de extras gritando impropérios e parecendo os mesmos de todos os outros filmes. Dizia-se que os viciados em cinema em todo o país tinham decorado o rosto de centenas de extras e aplaudiam quando um "favorito aparecia lutando na Revolução Francesa ou Americana, ou jogando calmamente no cassino de Monte Carlo, ou empurrando um carrinho nas favelas da velha Nova York.

Finalmente: os grandes portões do castelo se abrem e Mary aparece

sozinha, de preto, segurando uma cruz, uma Bíblia, um rosário. Está majestosa em sua postura, mas de certo modo vulnerável, como estaria quase qualquer pessoa prestes a ter a cabeça cortada fora. De quem ela fazia Caroline lembrar? Mary estava ao pé da escada do cadafalso quando Caroline recordou-se: a Srta. Glover, professora de matemática na escola de Mlle. Souvestre, uma mulher com um resfriado eterno, olhos lacrimejantes e nariz escorrendo.

Caroline estremeceu observando a Srta. Glover, com um lençinho muito usado na mão, subir lentamente os degraus até onde o carrasco encapuzado, segurando um machado, espera por ela. Sabiamente, Caroline decidira manter, a gola de babados até o último minuto. William sugerira que ela o mantivesse mesmo enquanto a cabeça era cortada, pois ninguém saberia a diferença e, além disso, um machado que podia atravessar um pescoço certamente podia destruir um simples babado; mas Caroline achava que a história exigia um certo grau de respeito.

Tomadas da multidão cobriam a remoção do babado. Onde antes zombavam, agora estavam dominados pela piedade, particularmente um escocês corpulento que exibia num pulso peludo um caro relógio Longine. Teriam que cortar aquilo, pensou Caroline. Tim teria visto a tempo aquele relógio. No entanto, para esse? tipo de coisa William Desmond Taylor era melhor diretor. Por outro lado, porém, que era exatamente — ela se perguntou, num início de pânico — esse tipo de coisa?

A rainha Mary da Escócia olha em volta — um último olhar luminoso sobre um mundo que ela agora está prestes a deixar para sempre. Então, ignorando a interpolação de Knoblock sobre a frase "Que pescoço tão pequeno!" de Ana Bolena ("Quem é que vai saber quem disse isto?", ele perguntara), Mary — não, a Srta. Glover novamente — aperta Bíblia e cruz de encontro ao peito. Um cartão de legenda assegura à plateia que ela está a caminho de um mundo melhor, onde a trigonometria é o estudo de triângulos. Então a Srta. Glover — eternamente escrava da Trindade como o triângulo definitivo — aproxima-se do carrasco; ajoelha-se e coloca a cabeça sobre o bloco de madeira.

A piedade e o medo dominam os extras, assim como fará com as plateias, dependendo de quem está tocando o órgão Wurlitzer no Strand de Nova York ou, se tiverem a sorte de serem levados no Capitol, uma orquestra sinfônica inteira, garantindo de despertar emoções fortes em qualquer plateia durante esses últimos minutos em que a Srta. Glover perde a cabeça e a câmara passa dos joelhos do carrasco à sua cabeça encapuzada e daí para a torre do castelo atrás, e para o céu tempestuoso acima, onde o sol emerge de trás de uma nuvem para criar mil prismas na lente da câmara enquanto a alma perturbada da rainha Mary da Escócia é recebida por anjos — hosana, hosana, hosana!

Caroline tinha vontade de assassinar, senão a si própria, Emma Traxler, cuja vaidade cega a colocara naquela situação humilhante.

Quando as luzes se acenderam na sala de projeção, Charles Eyton levantou-se e sacudiu a cabeça, extasiado.

— Nunca vi uma coisa assim. Parabéns a vocês dois!

— Precisa de um certo polimento — respondeu William, sem se alterar.
— Vamos fazer a pré-estreia em Paladena e ver... sabe, como ele se sai.

Charles assentiu e enxugou os olhos.

— Leve-o para Bakersfield também.

Então era tão ruim quanto Caroline suspeitava. Bakersfield significava uma plateia operária, que teria odiado *A rainha Mary* ainda mais se ele fosse bom. A plateia de Bakersfield era também conhecida por falar com' a tela, aconselhando os personagens a respeito de seus próximos atos. Eyton retirou-se, e Caroline aceitou os parabéns de seus colegas fabricantes de sonhos. Nenhum olhar procurou o dela. Ela voltaria para Washington.

Caroline deixou William na casa dele. Embora tivesse vontade de conversar com Tim, que estava fazendo um filme em Culver City, William convidou-a a entrar, um pouco mais insistentemente do que o normal. Felizmente Eddie não estava à vista.

— Quer que eu prepare um chá? — ele perguntou.

Caroline disse que não, que ela própria prepararia uma bebida para si, o que fez, de um móvel cheio de garrafas de cristal e porta-retratos de prata com fotos de grandes astros respeitosamente arrumados, como deuses domésticos romanos. Como em todos os lares de Hollywood, Mary Pickford era a deusa principal. Presumivelmente, quando ela ficasse velha e parecida com a Srta. Glover seu retrato seria retirado de mil móveis e de cima de dez mil pianos, e Gloria Swansen — ou alguém mais — tomaria o seu lugar. Pela primeira vez Caroline percebeu um retrato de uma mulher muito atraente, embora não fosse bonita, com um chapéu de abas largas e enormes olhos escuros.

— Quem é esta?

— Charlotte Shelby. Você conhece. A mãe da pequena Mary Minter.

— A pequena Mary Minter — murmurou Caroline, olhos fixos numa grande fotografia de uma criança de cachos dourados, olhos grandes e nariz batatudo.

A estrela virou-se para o diretor.

— Bakersfield — disse.

Nunca ouvira aquela voz de si própria antes: Lady Macbeth estava agora ao seu alcance. Poderia fazê-la no palco. O diálogo que nunca conseguiria decorar ficava pregado nas costas de cadeiras e colunas, e ela tropeçaria suas falas enquanto caminhava, coberta de sangue, pelo Castelo de Glamis ou onde quer que fosse, na Escócia. Não, Escócia de novo, não. Ela deixara tudo que era celulóide — senão mortal — de Emma Traxler no terreno da Argyle — a Escócia de novo!

— Acho que mesmo em Bakersfield eles vão gostar — consolou-a William. — Você está envolvida demais. É só isso. Acho que o enredo funcionou maravilhosamente.

— Ele funciona, William. Eu é que não funciono. — Caroline sentou-se diante da escrivaninha dele como se fosse a sua. — O calendário me pegou.

— Não seja absurda — disse ele: tudo que ela queria ouvir.

— Vamos estrear no Capitol?

William deu de ombros:

— Por que não? Você é popular lá. É o que eles chamam de classudo, e você também é. Vou viajar em 1º de junho.

William apertou o diafragma. Por mais de um ano ele vinha tendo dores intermitentes, ainda sem diagnóstico.

— Para onde? — perguntou Caroline, sem saber se estava ou não sendo convidada para ir com ele.

— Para Londres. Eu lhe contei. Knoblock emprestou-me a casa dele em Londres e vai ficar com esta aqui. Uma troca. Estarei de volta no outono. Preciso de um descanso.

Ele parecia mesmo cansado. Embora todos pensassem que William Desmond Taylor usasse drogas, não havia sinal disso em seu comportamento, ao contrário de Mabel Normand ou Wallace Reid, a quem o estúdio fornecia morfina na hora do trabalho para que ele pudesse aguentar as filmagens do dia. Hollywood estava ficando cada vez mais viciada, e os vendedores de* drogas — os "distribuidores de cartas de jogo", como eram conhecidos — estavam por toda parte, disfarçados de príncipes russos em jantares elegantes ou como vendedores de amendoim vendendo saquinhos de papel contendo papelotes de cocaína. Caroline tinha com frequência a sensação de estar vivendo numa sociedade codificada em que só a ela faltava a chave do código.

— E quanto a *Tentação verde*?

Aquele seria o próximo filme de Taylor, sem papel para Caroline.

— Adiado. — Ele encarou-a com certa ansiedade. — Por que não vem também?

Tantas vezes William conduzira Caroline pelo caminho coberto de cactus do desejo insatisfeito que ela agora relutava em expor-se novamente a um deserto que não continha mel nem frutas.

— Não sei se posso. O jornal... — Ela sempre mencionava sua outra vida quando a atual se mostrava insatisfatória.

— É claro — fez ele, depressa demais. — Compreendo perfeitamente. Simplesmente achei que você poderia gostar de Londres, dos teatros, do seu sucesso na Europa...

— Um sucesso em decadência, a essa altura.

Enquanto zombava de si mesma, da Europa e dos filmes, ela brincava

nervosamente com uma carta sobre a escrivanhinha. Leu várias vezes a frase em tinta preta no papel de carta azul: "Vou lhe dar um tiro, isto é uma promessa." No entanto, estava preocupada demais com seu próprio desempenho e não apreendeu o sentido das palavras. Eram simplesmente garranchos sem nexo, parte de um enredo diferente daquele em que ela estava envolvida, outro código sem chave. Só depois que ela fez uma meia promessa de não ir, muito mais estratégica do que uma meia promessa de ir, foi que Caroline entendeu o que tinha lido. Porém a essa altura ela estava na cama com Tim pela primeira vez em vários meses. Ele tinha chegado cedo do estúdio. Héloise deixara-o entrar e ele adormecera na cama dela. Caroline aproveitara a oportunidade.

— Que é que ele vê em mim? — ela tornou a perguntar; algumas das respostas de Tim a essa velha pergunta agradavam-na mais que outras.

— Dinheiro — disse ele, deitado ao lado dela: magro, peludo e egocêntrico.

— Por que o meu? Há tantas pessoas aqui que têm mais que eu! Ele quer que eu vá para a Europa com ele. Por quê?

— Para que você o apresente a seus amigos grã-finos.

— Não tenho amigos grã-finos. De qualquer maneira, ele tem mais. Já conhece todas as pessoas do tipo que... que o conhecem — concluiu, com exata crueldade.

— Ainda não levou você para a cama?

Caroline sacudiu a cabeça.

— Imagino que eu seja velha demais. Aquele que reverencia o santuário dos Três Emes não acenderá uma vela sequer para a minha idosa imagem.

— Como você zomba da minha religião!

— Minha também — disse Caroline.

Ela via-se num hábito de freira, voto de silêncio, fazendo caridade numa colônia de leprosos. Então lembrou-se do comentário de Lubitsch, de que toda atriz com mais de quarenta anos queria representar uma freira para poder esconder o pescoço.

— Já lhe ocorreu que ele seja um daqueles? — perguntou Tim.

Ele sempre separava todas as pessoas em duas rígidas categorias sexuais, o que, Caroline sabia, não era possível no mundo real, pelo menos em meio às damas parisienses cujo trabalho na vida era manter em perfeito equilíbrio o marido, o amante e a amada amiga.

— Talvez seja. Às vezes. Mas você acha que um afeminado escreve cartas a outro em caligrafia feminina e papel perfumado, ameaçando matá-lo?

Tim sentou-se na cama.

— Não que eu saiba.

— Que ninguém saiba. Não, era carta de mulher. Dá para saber. Não sei como. A cor do papel, os pontos de exclamação... De qualquer maneira, estava

sobre a escrivanhinha dele, e eu estava sentada ali. Não pretendia ler, mas claro que li, bem na frente dele, sem prestar a menor atenção ao que aquilo queria dizer.

— Falava em "matar"?

— Na verdade, falava em "atirar".

— Só um homem escreveria "atirar".

— Bem, essa mulher-escreveu "atirar".

Tim franziu a testa.

— Dizem que Taylor está muito envolvido com drogas. Um outro traficante, talvez?

— Não sei. Só sei que... quero ficar com ele.

A razão precisa por que Caroline queria ficar dia e noite em companhia de um homem com quem ela não tivera um caso era um mistério não apenas para o paciente Tim, mas para ela própria. Ela já era uma pessoa bastante vivida, e sempre conseguira, por sorte — boa ou má? — ou por instinto basear sua vida em si mesma e não em outros. De Burden a Tim, ela fora capaz de manter um relacionamento tão agradável quanto era possível com homens, não lhes permitindo acesso à sua vida além, por assim dizer, da cama. Agora, sem cama, *por assim dizer* novamente — como tinham zombado do estilo idoso de Henry James, e como era útil quando se tratava de reunir emoções contraditórias para poder classificá-las! Sem cama, ela sentia ciúmes a um ponto que jamais sentira antes. Tinha interrogado todo mundo, esperava que sutilmente, a respeito de Taylor. Tinha lisonjeado a infeliz Três Emes nas festas, e retribuía com calor, porém penosamente, a simpatia de Mabel Normand, simpatia essa que era, como a de tantos artistas naturais, calculada para agradar a ambos os sexos. Mas no centro de todo esse desejo estava William Desmond Taylor, um perfeito enigma. Ele era apreciado por homens "de verdade", até mesmo Chaplin era amigo dele, até o ponto em que aquele estranho espírito mundial poderia tomar conhecimento de alguém que não fosse como plateia. Os profissionais admiravam Taylor; as mulheres sentiam-se atraídas por ele. No entanto, ela não conseguia tocá-lo, muito menos conhecê-lo. Boas maneiras — as dele — impediam-na de jogar-se sobre ele. Normalmente, quando se sentia frustrada, Caroline tinha a sabedoria de passar para outra. Mas dessa vez ela *ficou*. Ele lhe falava constantemente de Mary e Mabel, e ela escutava, solidária, como se fosse mãe delas.

— Acho que o Sr. Eyton não gostou de Mary Miles... isto é, de *A rainha Mary* — disse ela, vestindo o roupão.

— E *você* gosta? — perguntou Tim, deitado na cama, usando apenas uma liga, que ele esquecera de tirar.

— Pareço muito velha.

— Provavelmente não tanto quanto pensa. Lembre-se, você se olha com

muito mais atenção do que a plateia vai olhar. Você reage com exagero.

— Eu represento com exagero.

— Eu teria impedido.

— William tentou — disse çla, defendendo sua paixão. — Acho que eu estava desconfiando que estava feia, parecida com a Srta. Glover, uma professora que eu tinha na escola. — Ela contemplou-se no espelho da penteadeira. — Acho que vou cortar os cabelos bem curtos.

— Então não ia ficar com cara de Emma Traxler.

— Exatamente.

— Esqueça. Vá para a Europa com ele. Saia daqui por algum tempo. Não leia as críticas. Procure a sua amiga Sra. Wharton e compre o novo livro dela, aquele que você gosta e eu não consigo ler. Todos aqueles ricos... Você vai precisar dos cabelos compridos.

Tim alegravá-a tanto física quanto moralmente. Era curioso que à medida que ela envelhecia o ato de amor parecia-lhe cada vez mais necessário do que quando era jovem; no entanto, o estado de espírito ficava mais melancólico a cada novo ano, anos alados, como ela pensava neles, passando cada vez mais depressa, como morcegos ao anoitecer.

Caroline também o alegrava, e ambos jantaram cedo no Sunset Inn na Avenida Ocean, onde ela tentou convencê-lo a desistir de um filme sobre um linchamento no Sul.

— Você está ficando típico, como costumam chamar — ela declarou, contemplando a lua quase cheia a iniciar seu espalhafatoso caminho pelo céu acinzentado do Pacífico.

Abaixo deles, as ondas subiam e desciam lentamente, batendo nos frágeis pilares de madeira do restaurante enfiados na areia. Do outro lado do salão, comendo muito e bebendo demais, havia meia dúzia de atores cômicos e suas namoradas, conhecidas como *starlets*.

— É preciso haver pelo menos um diretor típico.

Mas Tim não parecia muito satisfeito com esse título. Diziam que ele tinha brigado com Ince. Como não havia muitos outros estúdios onde ele pudesse ter tanta liberdade, e como ele se negara a deixar que a Traxler Productions também se tornasse "típica", só lhe restava a Europa, que não era o que ele desejava.

— As cartas insultuosas cessaram — disse ele.

— Coitada da minha filha — suspirou Caroline.

— Emma agora me manda panfletos insultuosos. Como foi que ela ficou assim?

— Como ela não tem pai, imagino que a culpa seja minha. Mas não sei como.

— Washington?

— Talvez seja. É difícil para nós... Bem, para mim... acreditar que todos aqueles discursos que nossos amigos fazem do Senado e que nunca escutam, *eles* escutam...

— O público?

Caroline assentiu.

— E também os senadores que os fazem. Eles insistem em falar tanto no bolchevismo que, acho, acabam acreditando em tudo. Como os boches.

— Exatamente como os boches. — Tim levantou o olhar, e seus olhos se arregalaram. — Aí vem ela.

Caroline voltou-se quando Elinor Glyn fazia sua entrada, com três rapazes, um deles um astro em ascensão cujo nome Caroline nunca conseguia recordar.

O olhar de águia da Srta. Glyn abarcou todo o restaurante. Quando viu Caroline, deixou os amigos e passou perto da mesa dos cômicos, que pararam tudo para contemplar respeitosamente uma lenda.

— Querida Srta. Traxler!

Caroline e Tim levantaram-se.

— Sentem-se, sentem-se. Por favor — continuou a recém-chegada. — Estamos comemorando. Acabei de receber o que chamam de "vá em frente" para o meu segundo filme...

— Sente-se — convidou Emma Traxler, toda negócios, a ironia expulsa pelo profissionalismo.

— Vou filmar perto do *senhor*, Sr. Farrell, em Culver City, com o encantador Sr. Goldwin, que acaba de dizer à imprensa que o meu nome é "anônimo" de apelo sexual. Uma mudança bastante brusca, eu acho, mas pobre não pode escolher muito...

Caroline pediu detalhes."

— Eu produzo — esclareceu Elinor Glyn. — O Sr. Sam Wood dirige novamente para mim. Ele tem um nome ótimo, mas não tem importância. Terei ainda mais liberdade do que tinha com Lasky. Existe um tal de Sr. Gibbons no departamento de arte que já viu uma mansão por dentro e ele próprio é quase um cavalheiro. Chega de palmeiras secas e patas de elefante nas salas de visitas de May fair.

— Tão diferente de Sandringham e Osborne... — comentou Caroline, exibindo seu trunfo.

— *Você* se hospedou *Hessas* mansões?

— Nos velhos tempos da rainha Victoria. — Caroline passara um fim de semana em Sandringham quando o príncipe de Gales, e não a rainha, estava lá. Havia, ela se lembrava, várias patas de elefante contendo bengalas e guarda-chuvas. — Mas quem faz o papel principal? Gloria Swanson novamente?

— Ainda não foi decidido. Mas *ele* eu já tenho! É a personificação

daquilo! Rodolfo Valentino. Ele vem jantar conosco hoje, com suas duas damas. Tão simpático! Você fala italiano?

— Ah, falo, sim! — mentiu Caroline, ou melhor, Emma.

No ano anterior, Rodolfo Valentino tornara-se um astro mundial com *O sheik* e *Os quatro cavalheiros do Apocalipse*.

— Rodolfo é essencialmente puro, intocado pela Maldição da Califórnia, como eu a chamo; A Bruxa Malvada que no final estraga tudo para todos que vêm para cá buscando o ouro dos tolos...

— Mas na realidade o ouro é bem verdadeiro — interpôs Tim, recuperando-se de seu susto ao avistar Elinor Glyn.

— E os tolos também — disse Caroline.

Ela sorriu radiantemente, com a consciência de que ao sorrir seu rosto tornava-se uma teia de rugas e assim, graças àquele cacoete suicida, ela não estaria com Rodolfo Valentino em *Além dos rochedos*.

— Uma história de inocência encontrando-se com a sofisticação. Theodora, jovem, inocente e confiante...

Se não o papel de Theodora, então talvez ela pudesse representar a mãe dela, pensou Caroline, permitindo que seu sorriso desaparecesse com a maior rapidez possível.

— Com Rodolfo como Lorde Bracondale, cansado da vida mundana... — disse.

Elinor lançou-lhe um olhar cheio de suspeitas, e afirmou:

— Os Lambton são muito mais morenos que o adorável Rodolfo...

— Mouros, dizem. Estou falando dos Lambton. A mulher morena de Shakespeare não era parente deles?

— Isto foi antes do meu tempo.

Empertigada, com a peruca apontando para o alto, Elinor Glyn voltou para sua mesa. Não houvera menção a *Rainha Mary da Escócia*.

— Bem, isto decide tudo — disse Caroline. — A Maldição da Califórnia caiu sobre mim. É preciso fugir.

— Para onde?

— Para Washington, onde mais?

— Pensei que você tinha terminado com jornais.

Caroline perguntou-se se não tinha, talvez, terminado com tudo; com a vida, também.

— Posso voltar para a França e me tornar uma velha dama.

Tim sacudiu a cabeça.

— Primeiro você cometeria suicídio. Por que não leva tudo isso mais a sério?

— Tudo isso o quê?

— O cinema. Por que acha que insisto em tentar fazer filme sobre a vida

real?

— Porque você é tolo. Isso não é a vida real. Isso é... divertimento.

Tim sacudiu a cabeça.

— Não, não é só isso. Lembra-se do seu primeiro filme?

— Eu era incrivelmente nobre. E estava maravilhosa.

Tim suspirou.

— Essas atrizes! Então não sabe o que você, o que nós fizemos? O governo queria que todos os americanos odiassem os alemães, e nós, você e eu, acabamos com isso.

— Com certa ajuda de milhares de outros filmes, da imprensa, de George Creel, dos alemães...

— Isso não importa. Em certo momento conseguimos uma... união com o público, como o... o *Zeitgeist*. Conseguimos fazer todos sentirem o que queríamos que sentissem.

Caroline olhou para Elinor Glyn, que tinha os olhos fixos no relógio: Rodolfo estava atrasado.

— Você fala como Chaplin quando ele fala do cinema como um Poder para o Bem.

— Ele está certo. Embora eu não saiba o que ele julga ser o bem. Acontece que estamos dando ao mundo todo tipo de sonhos e ideias. Bom, por que não formamos deliberadamente esses sonhos?

Finalmente Caroline Conseguiu escutar Tim através da grande nuvem alveludada de pena de si mesma na qual ela se envolvera.

— Você é ambicioso — ouviu-se dizer ao começar a emergir da nuvem. — Mas entendo o que quer dizer. Aqui não existe um país real... Em lugar nenhum existe um país real, acho, a não ser em sonhos. Mas o que você quer que eles sonhem?

Tim deu de ombros.

— Com Eugene V. Debs? — sugeriu.

Caroline sacudiu a cabeça.

— Isso é apenas propaganda, e a maioria das pessoas sabe como ignorar um pedido especial. Um sonho é algo mais sutil, universal, invisível na ocasião mas inesquecível depois. O modo como Richard Barthelmess caminha em *Flores partidas*. Mas não vejo como você, nós, qualquer um, possa garantir que isso vai funcionar.

— Ninguém garante. Simplesmente faz. Mostra coisas do modo como elas são, mas de um ângulo bem calculado, como a câmera faz, para que a plateia veja o que você quer que ela veja...

— Que é o quê?

Tim riu, parecendo muito jovem.

— Se soubéssemos a resposta disso, saberíamos tudo e morreríamos

felizes. O negócio é fazer.

Caroline estava começando a entender. Pôs-se a improvisar:

— Até agora deixamos que o governo nos dissesse o que fazer e como fazê-lo. Portanto, por que não reverter o processo — Caroline colocou os pés com muita deliberação na estrada para Damasco — e fazer o governo fazer e ser o que queremos que ele faça e seja?

Tim adorou.

— Os anos de editoriais capitalistas e estúpidos deixaram você bem treinada.

— Não tenho muita certeza de que fossem estúpidos — retrucou ela, serena. — Mas se Hearst inventava notícias sobre pessoas, nós podemos...

Ela estremeceu involuntariamente, sem saber por quê.

— Podemos fazer o quê?

— Eu ia dizer que podemos inventar o povo. Podemos?

— Por que não? Ele está esperando para ser inventado, para que digamos quem e o quê ele é.

Caroline percebeu de repente que ela — e todo mundo — encarava esse novo jogo pelo ângulo errado. Os filmes não existiam simplesmente para refletir a vida ou contar histórias, mas para existirem por conta própria, autônomos, e para olharem de volta, por assim dizer, para aqueles que os fizeram e aqueles que os assistiam. Os filmes tinham sido usados com sucesso para denegrir os inimigos nacionais; agora, por que não usá-los para modificar a percepção que o espectador tinha de si mesmo e do mundo? Assim, ela poderia finalmente ultrapassar Hearst. A pena de si mesma foi substituída pela megalomania do tipo mais agradável. Ela até mesmo tornou a apaixonar-se por Tim. Que bela obra poderiam fazer juntos, agora que sabiam o que era isso! Então, como se as bênçãos não cessassem mais, ela e Elinor Glyn entenderam que Rodolfo Valentino faltaria ao encontro, enquanto os comediantes da outra mesa faziam cada vez mais barulho até que um deles, um homem muito gordo que antes do sucesso tinha sido bombeiro hidráulico, dirigiu-se ao toailete, imitando o caminhar de Elinor Glyn, para divertimento de todo o salão exceto da inventora da paixão, que fez cara feia. Caroline riu com abandono. Inesperadamente, Tim segurou a mão dela por baixo da mesa.

Buden assentiu, e estremeceu. Obviamente, jamais voltaria ao que era antes da gripe; simplesmente continuaria a arrastar-se até o fim. Olhou com melancolia para o caixão de pinho, envolto na bandeira, que continha os restos do "soldado desconhecido", um fetiche corrente no mundo inteiro: os líderes mundiais enterravam um conjunto de ossos não identificados, honrando assim, como eles gostavam de dizer, as multidões anônimas que eles próprios tinham sacrificado à toa. O caixão estava colocado sobre uma mesa escondida por coroas de flores. Burden perguntou-se quem — o quê — estava dentro do caixão.

No palco no centro do anfiteatro, os líderes mundiais ou seus representantes militares ajeitavam-se solenemente. Tinham sido convocados a Washington para a Conferência de Limitação de Armas. Harding apropriara-se da ideia original de Borah; depois, manobrava sutilmente todo o sistema político americano para que este aceitasse uma espécie qualquer de desarmamento. Se Harding e Hughes tinham conseguido convencer os líderes estrangeiros, isso ficaria claro no dia seguinte, quando a conferência iniciasse seu trabalho. Enquanto isso, aquela celebração do soldado desconhecido tinha sido calculada cuidadosamente para influenciar o público de toda parte: nunca mais haveria matança.

Dos dignitários estrangeiros, o mais importante era Aristide Briand, primeiro-ministro da França, todo de negro, contrastando com os militares cheios de medalhas que enchiam a plataforma. Até mesmo o ex-primeiro-ministro britânico, Arthur Balfour, encontrara um vistoso uniforme para usar. Burden pensou com azedume: como os ingleses gostavam de se enfeitar! O estado de espírito de Burden andava bastante azedo. Ele olhou sem interesse para o marechal Foch e o almirante Beatty, para os comandantes chineses e japoneses,

seus "galões de ouro e prata cintilando ao frio sol da manhã. Antes disso, tinham todos desfilaro diante da Casa Branca, e depois, tendo causado um enorme engarrafamento no trânsito, o contingente estrangeiro conseguira atravessar o Potomac para chegar ao cemitério, tendo nesse processo, segundo Borah, perdido o Presidente.

— O carro dele foi visto pela última vez saindo da estrada e entrando no cemitério; um atalho, pode-se dizer, para a imortalidade — declarou o Leão de Idaho, com discreta satisfação.

Borah agora sentava-se ao lado de Kitty, a Sra. Borah ao lado de Burden.

— Viu o coitado do Sr. Wilson? — quis saber a Sra. Borah, com seu ar de ovelha atenta.

Burden assentiu, e Kitty respondeu. As utilidades da esposa de um político eram muitas.

— Parecia abatido, sentado no carro, com Edith, que parecia muito bem. Ela emagreceu uns quilos, eu diria.

— Costuma encontrar-se com eles? — perguntou Borah.

— Não. — Burden não se sentia tão culpado quanto deveria: tinha sido aliado político do ex-Presidente, não seu amigo. — Acho que não estão interessados em visitas. Ele tem sua própria corte.

— Eu não sairia em público se estivesse tão mal — disse Borah, implacável.

Decerto a imagem de Wilson frágil e semiparalisado, passando diante do extremo oeste da Casa Branca no longo cortejo do soldado desconhecido, era contundente. Quando Harding vira seu predecessor passar por ele como um fantasma da guerra, fizera uma profunda reverência, e Wilson erguera a mão comprida e branca, como resposta — o passado e o presente. Quem seria o futuro?

Borah resmungava em tom descontente:

— Não estou gostando da cara disto tudo.

— Estamos apenas honrando os mortos — disse Burden contritamente.

— Não é isso. É esta conferência. Não é o que eu pedi. Não é o que eu queria, de jeito algum. Desarmamento, sim. Para todos nós. Mas isto vai acabar virando outra Liga das Nações. Se acontecer isso, vou fazer oposição. Já avisei a Harding.

Borah estava obviamente ressentido porque o Presidente receberia o crédito do que ele julgava ser exclusivamente ideia sua.

Fossem quais fossem as aventuras que os Harding tiveram ao atravessar o engarrafamento, estavam agora no palco do anfiteatro. O Presidente tinha a aparência nobre e bela de sempre, usando um sobretudo com uma única fileira de botões e portando um chapéu, ao passo que a Sra. Harding vestia-se apropriadamente de negro, usando inclusive um véu.

A banda dos fuzileiros navais tocou o hino nacional. Um capelão exortou Deus de um modo muitíssimo ecumênico. Então, exatamente ao meio-dia, um corneteiro solitário executou o toque de silêncio, e os olhos de Burden encheram-se de lágrimas. Que seria melhor do que morrer na juventude para defender seu país e seus compatriotas? Que era pior que viver até a meia-idade, um estadista periférico? A soprano Rosa Ponselle cantou *Sei que meu Redentor está vivo*, e a tristeza de Burden continuou elevada e pura. Então a banda executou *America*, um hino enérgico e estridente, calculado para matar todos os sentimentos elevados, em Burden ou em qualquer outra pessoa. Ele enxugava os olhos quando o secretário de Guerra apareceu no palco, onde um microfone num pé de metal transmitia a cerimônia por telefone para o Madison Square Garden em Nova York e para o Auditorium em San Francisco, assim como para as multidões ali mesmo em Washington. Seria a maior audiência na história," graças ao aperfeiçoamento do rádio.

— Senhoras e senhores, o Presidente dos Estados Unidos.

Todos se ergueram enquanto Harding, sem o sobretudo, aproximava-se do microfone. Fez um gesto para a plateia: que se sentasse. Como a imprensa gostava de declarar a respeito dos presidentes no segundo ano de mandato, ele tinha "crescido no posto". O senador um tanto rústico, que Lodge chamara de "personagem de um romance de Dreiser a respeito de gente pobre" era agora, com sua cabeleira prateada, a personificação de tudo que era bom, são e normal em seu país.

Harding adotou — quem não o faria em tal ocasião? — um tom que lembrava Lincoln.

— Postado hoje em solo consagrado, consciente de que a América inteira parou para compartilhar esse tributo do coração, da mente e da alma a esse compatriota americano, e sabendo que o mundo percebe essa expressão de nosso cuidado, cabe dizer que o sacrifício dele e dos milhões de mortos não terá sido em vão.

A voz ressonante quase convenceu." Mas Burden sabia, como todos sabiam — almirantes da armada inglesa e marechais da França —, que a vida era tudo que aquela pobre ossada no caixão algum dia tivera; e a perdera para que estadistas suspeitos pudessem redesenhar as fronteiras e os espertos pudessem ganhar dinheiro.

— É preciso que haja, e haverá, uma voz de comando de uma civilização consciente contra a guerra armada...

Burden perguntou-se quantas vezes, depois de guerras semelhantes, os gansos do Capitólio tinham grasnado a mesma mensagem fervorosa, na esteira de alguma matança terrível. Mas era necessária apenas uma geração para que se esquecesse os horrores da guerra e se ansiasse, mais uma vez, pelas emoções e pelos lucros da guerra. Como a raça humana era estúpida, pensou Burden,

olhos postos num príncipe japonês cheio de medalhas que, sabia-se, estava tramando uma guerra no Pacífico. Os japoneses não suspeitavam que a gentil e poliglota república da América do Norte provaira agora o gosto do sangue e não haveria como segurá-la. Guerra significava dinheiro. A guerra era a expressão definitiva daquele orgulho racial do qual a tribo caucasiana branca era tão profusamente dotada. Seria muito mais adequado que Harding executasse uma dança de guerra, com machado e cocar emplumado, emprestados do chefe indígena postado, tão incongruente, junto aos grandes comandantes condecorados. Ao toque dos tambores, todos gritariam "Sangue!", e as guerras continuariam, cada uma mais destruidora que a outra, até que na terra não sobrasse alguém vivo.

— Ao devolvermos esses pobres ossos à sua terra natal, enfeitados de amor e cobertos das condecorações que apenas os países podem outorgar, sinto as orações de nosso povo, de todos os povos, para que este Dia do Armistício marque o começo de uma nova e duradoura era de paz na terra e boa vontade entre os homens. Permitam que eu me junte a essa oração.

O Presidente então recitou o pai-nosso, e as pessoas à volta de Burden rezaram com ele. Senadores e embaixadores tinham as faces molhadas de lágrimas. Burden estava tomado de desprezo por tanta hipocrisia generalizada. O toque de silêncio e uma ossada conseguiram provocar nele a sensação de sua própria mortalidade, de sua semelhança com todos os outros. Mas orações carolas o esfriavam, e um quarteto da Metropolitan Opera cantando *O supremo sacrifício* fê-lo pensar no frio que estava sentindo, enquanto o Presidente prendia a Medalha de Honra do Congresso na bandeira que cobria o caixão. Ele foi seguido pelos outros comandantes de guerra. Enquanto cada um deles acrescentava uma medalha à constelação, Burden voltou-se para Borah:

— Quando teremos nossa próxima guerra?

Borah pareceu espantar-se; depois quase sorriu.

— Dentro de vinte anos, se não fizermos o desarmamento agora — respondeu.

— E se fizermos?

Borah grunhiu, e o próprio Burden respondeu:

— Dentro de vinte anos, se fizermos o desarmamento. Vamos esperar que na próxima vez tenhamos a mesma sorte que tivemos nessa.

Surgiram os encarregados de carregar o caixão. Com Harding à frente, desceram até uma cripta de mármore logo abaixo do anfiteatro.

— Acho que nunca mais vamos encontrar o nosso carro — comentou Kitty.

Ela não se comovera. Por um motivo qualquer, as mulheres nunca se deixavam afetar pelo sofrimento dos guerreiros, ou, mais precisamente, o sofrimento dos dirigentes tribais, que sonhavam com guerras futuras por trás das

A Duquesa estava furibunda.

— É a terceira carta esta semana, e que é que o Serviço Secreto faz? Nada! — exclamou. Depois voltou as baterias contra Daugherty: — E esse seu FBI, que é que ele faz?

— A especialidade do FBI são carros roubados e bolcheviques — começou Daugherty.

Mas a Duquesa estava a todo vapor.

— A vida do Presidente é ameaçada diariamente. — Ergueu a carta. — O dia de Natal será seu último dia na terra, diz esta aqui, e vocês ainda não conseguiram descobrir quem manda as cartas, quem escreve...

Jess sentiu pena de Daugherty, que agora olhava sombriamente pela janela, para a chuva caindo no gramado sul. Um momento antes, o Monumento a Washington desaparecera numa lufada de neve. O mundo lá fora contraía-se, ao passo que a sala estava quente demais para Jess; mas ele jamais conseguira suportar muito calor. Junto com suas outras mazelas, agora era oficialmente diabético, segundo um lúgubre médico que lhe informou que ele não podia comer, beber, fazer coisa alguma. Sua última alegria na vida era servir de "pára-choque" para Daugherty, como se dizia em Ohio, venerar os Harding e cuidar para que o dinheiro continuasse entrando. A vida era injusta, ele concluiu. Deveria estar por cima no mundo, e agora o peso do mundo estava por cima dele. Ultimamente a saúde de Lucie Daugherty vinha piorando, e Jess era obrigado a cuidar dela durante a noite para que Daugherty pudesse dormir um pouco. Os três moravam agora no Wardman Park Hotel, e a porta entre o quarto de Daugherty e o de Jess estava sempre aberta à noite, para que Jess pudesse pedir ajuda caso tivesse um pesadelo, ou Daugherty pudesse convocá-lo para um papo nas horas perdidas das noites em que tinha insônia. Washington Court House era mais divertido e Jess tentava passar pelo menos uma semana por mês em casa, mexericando com Roxy a respeito de sua vida grandiosa que não era assim tão grandiosa, com a diabetes e a saúde de Lucie Daugherty.

Laddie Boy anunciou a chegada do Presidente.

— Não conte a Warren! — ordenou a Duquesa, enfiando as cartas dentro da blusa e mostrando os dentes num aterrorizante sorriso de boas-vindas.

Harding parecia cansado, apesar de seus recentes triunfos. No dia 12 de novembro ele deixara o mundo atônito ao sugerir à Conferência de Desarmamento que os Estados Unidos estariam dispostos a destruir trinta navios de linha. Charles Evan Hughes, secretário de Estado, expusera os detalhes do plano secreto de Harding, para grande consternação dos guerreadores presentes. Inglaterra, Japão, França e Itália eram convidados a livrar-se de navios de guerra no total de quase dois milhões de toneladas.

Harding tinha calculado que se uma só palavra do plano vazasse para a imprensa, os expansionistas militares teriam tempo de influenciar a opinião pública contra o desarmamento. Daí a bomba detonada por Hughes na presença de seu afável criador, o Presidente. Harding tinha a teoria de que, uma vez firmada a opinião pública, os diversos governos não teriam como recuar.

Harding arriscou e ganhou: o mundo ficou fascinado, e no decurso de uma única manhã ele se tornou a figura mais importante do cenário mundial, e a mais admirada.

Mas W. G. não era o histórico Presidente Harding em tempo integral. Na maior parte do tempo era um político apoquentado, casado com a Duquesa. Agora, na sala de estar, ele se deixou cair numa poltrona junto à lareira e descansou a face na mão direita.

— Vou dizer ao Congresso que um único mandato para o Presidente é mais que suficiente. Não aguento mais isto aqui. Hoje em dia ninguém aguentaria. Se eu conseguir que o Congresso limite a Presidência a um só mandato, será que se aplicará a mim?

W. G. voltou-se para o procurador-geral.

— Não — respondeu Daugherty. — Além disso, o Congresso não pode modificar a Constituição. Podem apresentar um projeto de lei pedindo a alteração, mas então caberá aos estados ratificá-lo, e isso leva anos. Se não gosta do emprego, não concorra outra vez.

— Warren, você andou comendo *sauerkraut* de novo? — interrogou a Duquesa com severidade. — Isso lhe dá gases, então você acha que está tendo um ataque do coração e fica todo nervoso.

— Em março de 1929, depois de dois mandatos neste inferno, eu estarei com 66 anos, bem velho, e então?

— É o *sauerkraut*: — A Duquesa massageou a nuca de W. G. — Você está todo tenso.

— Se você vai ficar se sentindo assim quando é o homem mais popular do mundo, como é que vai se sentir quando alguma coisa der errado? — perguntou Daugherty.

W. G. grunhiu, mais de contentamento, enquanto os dedos fortes da

Duquesa trabalhavam os músculos tensos de sua nuca.

— É sério. Estou falando do princípio geral, não de mim. Um mandato de seis anos tornaria possível termos alguns presidentes realmente bons, para variar...

— Warren, como você está mórbido!

W. G. suspirou e fechou os olhos.

— Como o tempo todo tenho que pensar na reeleição, exatamente como todos que já moraram nesta casa, passo a maior parte do tempo, fazendo favores para uns e outros, para que eles me apóiem depois. Bem, não é assim que se governa, subornando as pessoas. É incrível que alguém ainda consiga fazer algumas coisas boas, levando-se em conta a razão por que elas são feitas!

— Exceto por mim, você tem o Gabinete mais admirado do século — retrucou Daugherty.

— Bem, você compensa uma porção de coisas — fez a Duquesa, num de seus inesperados toques de humor negro. — Agora, Warren, quanto ao Natal...

No momento, porém, em que a primeira dama ia mencionar o assunto das ameaças de assassinato, Harding endireitou-se e anunciou:

— Harry, vou perdoar Debs. Antes do Natal.

— Warren! — A Duquesa ficava cada vez mais contrariada. Odiava igualmente o comunismo, agitadores trabalhistas e Alice Roosevelt Longworth. — Já passamos por isso antes!

Isso realmente acontecera, e Jess tinha tomado parte na trama secreta de W. G. para libertar Debs e todos os outros prisioneiros políticos que Wilson trancafiara. Pouco antes da posse, W. G. pedira a Daugherty para ter uma conversa com Debs; se ele não constituísse ameaça aos Estados Unidos, seria indultado. No momento Debs estava cumprindo pena de dez anos numa prisão de Atlanta. Daugherty fez tudo a seu modo pouco ortodoxo: Debs foi colocado num trem para Washington, sem vigilância; Jess o recebeu na estação Union, e achou-o um velhote amável e perspicaz. Juntos foram ao Departamento de Justiça, onde Daugherty teve uma longa conversa com o principal socialista do país, e não encontrou nele defeito grave além de uma afeição perversa e potencialmente perigosa pelo povo em geral. W. G. planejava libertar Debs no Quatro de Julho de 1921, mas o *New York Times* ficou sabendo de tudo e anunciou, severamente, que Debs "está onde tem que estar. É lá que deve ficar". W. G. fez diversos comentários impublicáveis no sentido de que as simpatias pró-Alemanha do *Times* tinham causado muito mais dano à causa Aliada do que o Partido Socialista; depois recuou provisoriamente. Agora o tratado de paz com a Alemanha tinha sido assinado e a guerra terminara oficialmente.

— Voltamos ao normal — disse W. G., iniciando um jogo de encarar com Laddie, que invariavelmente perdia, com latidos desenfreados e muita correria em volta da sala para fugir ao olhar do dono. — De modo que é muito

apropriado fazermos as pazes com nossa própria gente.

— Eles vão derrubar o governo, Warren. Ouça o que estou lhe dizendo.

— Acho que o Sr. Debs não quer fazer isso — retorquiu Daugherty, tentando apaziguá-la.

— A única coisa que ele queria, quando o levei à estação, de, volta para a cadeia, era meio quilo de palitos de dentes — foi a contribuição de Jess à história.

Daugherty sacudiu a cabeça em negativa, o que frequentemente significava "sim".

— Vou redigir o indulto, se é isso que você quer — disse.

— É o que eu quero, Harry.

Laddie Boy soltou um uivo de terror extasiado, e saiu em disparada do aposento.

— Mas todos eles terão que assinar um compromisso de que vão levar uma vida direita e obedecer as leis...

— Não. — W. G. pôs-se de pé e começou a tirar ociosamente os pêlos de cachorro de seu paletó. — Esse tipo de coisa é humilhante. Parece que ele está barganhando conosco para ficar livre, e ele não está. Eu estou.

— Por quê? — quis saber a Duquesa.

— Porque foi para isso que fui eleito: restaurar o país. A guerra acabou...

— A guerra do Sr. Wilson. — Assim, a Duquesa cedeu.

Então um dos homens do Serviço Secreto apareceu à porta e com ar constrangido chamou Jess com um gesto. Os outros, preocupados com o caso de indulto, não perceberam a partida de Jess.

Nan Britton estava no escritório do Presidente, sentada tranquilamente num sofá junto à lareira. Jess perguntou-se qual seria o preço corrente pelo assassinato de uma amante presidencial. Certamente a Mão Negra italiana poderia ser convencida a envolvê-la em cimento e arquivá-la em algum rio.

— Ah, Jess! Eu simplesmente não consegui deixar de vir, depois daquela linda cerimônia em Arlington, que a gente ouviu perfeitamente bem lá no Madison Square Garden, tão longe!

— Quequá? — respondeu Jess com cordialidade.

Mas ultimamente sentia uma leve náusea todo o tempo, e dores no lado direito, que o médico disse não ser coisa alguma; mas sua urina cheirava a maçã, e esse era um sinal de diabetes. Ele tomava comprimidos, tentava fazer dieta, bebia litros de água.

— Bem, Elizabeth Ann está ótima, com a minha irmã. Ainda vou à Escola de Jornalismo de Columbia e eles todos dizem que tenho grande talento como escritora, principalmente quando escrevo sobre emoções.

Isso seria uma chantagem? Jess não sabia. Até então ela não fora particularmente exigente. W. G. sempre a ajudara financeiramente, e ela fizera

várias visitas à Casa Branca em segredo, como essa. Um dos agentes, Jim Sloan, estava em contato constante com ela, e sempre que ela quisesse ver W. G., falava com Sloan. No verão anterior W. G. mandara buscar Nan — pelo menos foi o que ela contou a Jess. Encontraram-se num dos escritórios, num domingo como esse. Mas não tinham lugar para fazer amor. Os guardas que passavam regularmente pela frente das janelas do escritório oval tinham uma visão total do que acontecia lá dentro. Finalmente W. G. encontrara um armário por perto e ali dentro os amantes contrariados pelos astros — melhor dizendo, pela Duquesa — tornaram-se um só por entre sobretudos e guarda-chuvas, um lugar pouco menos assustador para Jess do que seu próprio armário tão sinistro de Washington Court House.

— Mas andei pensando seriamente sobre o futuro.

Nan olhou Jess nos olhos, e ele se perguntou o que W. G. teria visto nela. Era bonitinha, apenas; nada mais que isso. Por outro lado, não havia dúvida de que estava apaixonada por um homem com idade para ser seu pai, e que já o amava muito antes da Presidência; de fato, durante a maior parte de sua vida, Jess perguntou-se como seria ser amado assim.

— Fiz umas visitas aos estúdios de cinema lá em Nova York, e eles acham que mostro um potencial considerável para representar, foi o que disseram, porque, disse o Sr. Hirsham, que trabalha na Cosmopolitan Pictures, tenho as emoções reprimidas que sempre transparecem na tela, como Pola Negri.

— Nan... — começou Jess, tomando cuidado para não parecer assustado demais. — A Cosmopolitan pertence ao Sr. Hearst, cujos jornais fariam qualquer coisa para descobrir sobre você e o Presidente.

— Não seja bobo, Jess. Como poderiam descobrir? Nós não vamos contar a eles. Então, quem vai? De qualquer maneira, representar parece facilímo, se a pessoa tiver essas emoções para a câmara mostrar, como uma radiografia de certo modo. Bem, eu tenho mesmo emoções reprimidas.

Começou a chorar suavemente. Jess observou que ela tomava cuidado para não deixar que os olhos ficassem vermelhos, nem borrar a maquiagem.

— Pronto, pronto — fez Jess, em tom avuncular. Então, quando ela fez uma pausa no desamento, ele perguntou: — Por que aquele agente novo foi me procurar há pouco?

— Porque Jim teve que ir para casa ria última hora. De modo que pediu ao amigo para me trazer. Fingi que vim para falar com você sobre negócios em Ohio. Jim vai deixar o Serviço Secreto, sabia?

— Sabia, sim — afirmou Jess.

Ele próprio tinha conseguido um emprego para Sloan como gerente de Samuel Ungerleider em Washington. Ficava tudo em família, ele explicara a Daugherty, que respondera com um rosnado. Decerto seria impossível deixar Jim Sloan solto no mundo com tudo que ele sabia sobre a vida particular do

Presidente.

— De qualquer maneira, de agora em diante devo escrever aos cuidados de Arthur Brooks, o criado particular, foi o que Jim me disse, e não me importo nem um pouco. Bem — continuou, agora recuperada, os olhos brilhando —, pode ir dizer a ele que estou aqui?

Enquanto Jess se punha de pé, Nan atravessou o aposento e foi até a mesa do Presidente, onde pegou um retrato em miniatura da mãe de W. G.

— Ele gostava muito dela, todo mundo diz. Não está linda aqui? Como a neta, Elizabeth Ann.

Jess voltou para a sala de estar do andar superior. Outras pessoas tinham vindo reunir-se ao Presidente. O general Sawyer, franzino e arguto, dava instruções à Duquesa, que escutava com inteira docilidade, pois ele era o único que compreendia o rim que lhe restara e seus caprichos. Charles Forbes estava deliciando o Presidente e Daugherty com histórias entusiasmadas; o secretário do Interior estava sentado junto à lareira, bebendo chá com expressão de desgosto. Depois de muito debate, o Presidente decidira que em seus alojamentos particulares — especificamente os quartos de dormir da Casa Branca — a lei que proibia o álcool poderia ser desobedecida, mas devia, ser cumprida nas partes da Casa Branca que obviamente pertenciam à nação. Não chegava a ser uma concessão, mas tampouco a Proibição chegava a ser uma lei. Mesmo assim, W. G. levava muito a sério a dignidade de seu posto, e não faria qualquer coisa inconveniente, se pudesse evitar. Agora, naturalmente, não poderia evitar: logo estaria com Nan dentro do armário do vestibulo.

Jess simplesmente encarou o Presidente até que este o percebesse. Calmamente, entre sorrisos, W. G. deixou o grupo que ria com Charles Forbes e dirigiu-se a Jess, que cochichou:

— Ela está no seu escritório.

O sorriso de Harding não desapareceu; mas o olhar tornou-se alerta. Olhou de relance para a Duquesa e o general Sawyer; nenhum dos dois tinha consciência de qualquer coisa no mundo exceto o rim restante. Então o Presidente e Laddie Boy saíram da sala. Só Daugherty percebeu. O olho azul encarou Jess, que assentiu. O olho castanho piscou enquanto Daugherty assentia, significando "não".

Jess sentou-se ao lado do secretário do Interior, que disse:

— Jess, quer saber o que é que há? Bem, há que não vejo a hora de me mandar daqui e voltar para o Novo México, para casa. — Fali tossiu longamente num lenço enorme. — Bronquite — explicou. Ergueu a mão nodosa. — Artrite. E agora pleurisia, disseram.

— Pergunte ao Dr. Sawyer.

— Prefiro consultar um veterinário. — Fali contemplou o franzino médico com desfavor. — Tenho também um buraco no pulmão, que não ajuda as coisas.

Estou sempre pedindo ao Presidente para me liberar, mas ele diz que não ficaria bem, tão no início do governo. Agora fiquei entalado com as reservas navais de petróleo porque Denby não quer se amolar com elas, com todos os vigaristas do país tentando botar a mão em todo esse petróleo do governo.

Fali estava cheio de queixas, e Jess queria ouvir todas, porque tinha — quem não tinha? — amigos muito interessados em adquirir aquelas terras petrolíferas que pertenciam ao governo. A Marinha acreditava implicitamente que, como uma guerra contra o Japão fatalmente estouraria mais cedo ou mais tarde, os navios de guerra americanos precisavam ter acesso imediato a seu suprimento de combustível. De modo que o Presidente Wilson separara terras de reserva petrolífera na Califórnia e no Wyoming. Agora a paz retornara; e as esquadras do mundo, em vez de crescerem, estavam diminuindo, graças a Harding, e o obscuro secretário da Marinha, Denby, passara o problema para o Departamento do Interior — um presente de grego, segundo Fali.

— Agora, desde maio que o problema todo cai em cima de mim. Denby ficou de fora, e eu dentro. Esses favores... Favores especiais! — resmungou Fali dentro do vasto bigode, sacudindo a cabeça melancolicamente.

— Bem, o governo pode ter um bom lucro leiloando essas reservas. É uma solução — aventou Jess, o pulso batendo rapidamente; dessa vez não era a diabetes, e sim o dinheiro, que afetava seu sistema nervoso.

— Se eu puder — respondeu Fali misteriosamente. — Fizemos uma licitação aberta no verão passado para Elk Hills, na Califórnia. Não havia grande coisa para nós. Mas ihuito petróleo... muito dinheiro para o ganhador.

— Edward Doheny.

Fali olhou para Jess com certa surpresa por alguém ter se preocupado em acompanhar um assunto tão insignificante.

— Ele mesmo — disse, lacônico. — O grande problema não é o petróleo. São aqueles malditos conservacionistas, como o jovem Roosevelt.

Fali atacou o subsecretário da Marinha, que, como seu primo Franklin e seu pai Theodore, ocupava o lugar da família no Departamento da Marinha. Jess ficou espantado com a veemência de Fali, considerando-se que o senador era um republicano de Roosevelt, antigo soldado da cavalaria, um verdadeiro progressista, fosse isso o que fosse.

Então anunciou-se o jantar, uma refeição informal para os amigos particulares de W.G. no governo. Como Jess não era convidado para esses jantares com a frequência que desejaria, não se importou de ser colocado junto ao conselheiro-geral da Seção de Veteranos, Charles F. Cramer, um californiano incolor cuja principal distinção era ter comprado a casa dos Harding na Avenida Wyoming. Além disso, admirava imensamente seu patrão, Charles Forbes, um homem de quem tanto Daugherty quanto o Dr. Sawyer desconfiavam, para surpresa de Jess, já que Daugherty jamais desaprovava alguém e o único

interesse do médico em Forbes seria no terreno médico, envolvendo todos aqueles hospitais que, dizia-se, não apenas eram de primeira classe como também altamente lucrativos. Jess suspeitava de um certo grau de ciúmes por parte de Daugherty: Charles sempre fazia W. G. rir, Daugherty geralmente o fazia franzir o cenho.

Nesse momento, W. G., de rosto vermelho, ria de uma das piadas de Charlie. Presumivelmente o encontro com Nan fora satisfatório, embora breve. Cramer voltou-se para Jess:

— Onde está morando agora?

Parecia que todos sabiam que a casa de Ned McLean na Rua H tinha sido abandonada no mês anterior, quando Daugherty, Lucie e Jess mudaram-se para 0 Wardman Park.

— Bem, estou acampado com o general Daugherty — informou Jess, sentindo prazer em mencionar o título do amigo.

— Pensei que você estivesse agora na Rua K — retrucou Cramer, não tão obtuso quanto parecia. — Na casa verde.

Jess sacudiu a cabeça.

— Ali mora meu velho amigo Howard Manning. Estabeleceu-se lá, fazendo negócios, diz ele. Eu o visito de vez em quando.

Aquilo era informação suficiente, Jess decidiu. A operação no número 1.625 da Rua K ia muito bem. Jess e dois velhos amigos eram agentes da sedenta Companhia Geral de Drogas. Também faziam todo tipo de negócios com homens desesperados que queriam imunidade para não serem processados ou, simplesmente, informações constantes dos arquivos do Departamento de Justiça, dos quais Jess, em seu escritório no sexto andar, tinha a chave. Porém não importava quantos negócios eram realizados na casinha verde na Rua K ou no escritório de Jess no Departamento de Justiça. Daugherty, de propósito, não era informado de tudo, ao passo que o Presidente jamais desconfiava que havia algo errado além de um clamoroso tráfico de bebida em noites de pôquer.

— Meu Deus, como entra dinheiro! — Jess cantarolou.

Blaise olhou pela janela da Laurel House e, como Deus antes do Éden, ficou satisfeito com a sua criação. A casa em si era confortável mas não grande

demaís para o campo da Virgínia. O estilo falsamente georgiano tendia à simetria, assim como Blaise, que instintivamente, como Deus ao criar Adão, fazia as coisas em pares — um obelisco de mármore à esquerda do gramado combinava com o da direita. A casa da piscina, agora visível através das árvores despidas de folhas no inverno, era igualmente equilibrada: o pavilhão da, esquerda era dela, o da direita era dele. Só as árvores originais puderam escapar da paixão binária de Blaise; erguiam-se como cortes e arranhões negros, feitos no céu de um cinzento escuro, invernal.

Atrás das árvores, bem abaixo do nível do gramado e da casa, o veloz rio Potomac lançava-se sobre a profusão de pedras que ladeavam as margens íngremes do rio, um sinal da falta de arte e de simetria da natureza. Aqui e ali, por entre as rochas, a água congelara em sólidos lençóis brancos, e à noite, na cama, Blaise gostava de escutar os rangidos e os estranhos estremecimentos do gelo que se deslocara pela ação da água que descia das Grandes Cataratas.

Frederika estava tão encantada de morar no campo que aproveitava qualquer chance para atravessar o rio na ponte Chain e visitar amigos em Washington, sabendo que um paraíso terrestre a aguardava no lado da Virgínia, com seu jardim bem planejado e bosques selvagens cortados por trincheiras da Guerra Civil, pois a Casa dos Loureiros, como se chamava a propriedade, ficava na estrada para Manassas onde por duas vezes o exército da União perdera para os confederados em Buli Run. Perto das estufas — construídas originalmente em L, até Blaise reconstruir a base do L, transformando-o num T bem equilibrado — havia uma cabana de escravos completa, inclusive com o escravo original. Embora libertado muito tempo antes, ele nunca abandonara a cabana onde nascera: pertencia à propriedade, escravizando assim os proprietários, como já fora escravo deles. Blaise mantinha o ancião como uma espécie de faz (quase) tudo e uma fonte de folclore, tanto confederado quanto africano. As duas coisas, Blaise concluíra, eram quase iguais. O ancião tinha um discurso que gostava de recitar para quem quisesse ouvir: sobre os bacanas que tinham vindo de Washington para assistir o exército da União derrotar os rebeldes e tinham passado na porta da cabana dele — ele tinha uns sete ou oito anos, e os aplaudira. "Mas estavam completamente diferentes à noite, fugindo disparados pra casa." Era um filho leal da Virgínia, e odiava todos os ianques exceto Lincoln.

Frederika entrou no quarto dele:

— Feche esta janela, está gelado.

Usava um vestido de verão, impróprio para um almoço de inverno, mas o almoço era uma ceia de Natal no palácio dos McLean na Rua H e qualquer fantasia ficava bem naquela casa de fantasia. Enid e Peter entraram no quarto de Blaise atrás da mãe, e Peter subiu na perna do pai enquanto Enid reclamava que não era justo abandoná-los no dia de Natal, apesar da orgia matinal de abertura de presentes na sala de estar recendendo a pinho; lá fora montada uma

árvore de Natal, a base rodeada por um material grosso e branco, parecendo neve, que continha algo muito parecido com vidro moído que grudara-se à pele de Blaise — que fora o Papai Noel —, fazendo com que ele se retorcesse com o desconforto.

— Voltaremos cedo para casa, meus amores. — Frederika era admiravelmente paciente e serena com qualquer criança, por mais difícil que ela fosse. — Vamos jantar juntos. A Srta. Claypole vai levar vocês para andar de trenó, se houver neve suficiente.

— Há mais que suficiente perto dos estábulos — informou Enid, uma criança morena e de aparência encantadora.

Peter assentiu, mastigando um pirulito vermelho e branco tirado da árvore e que não era para ser comido. Peter estava sempre com fome. Frederika preocupava-se; Blaise, não — que as crianças se divirtam! Mais tarde não teriam muito divertimento, ele dizia, como só um homem cuja vida fora inteiramente fácil e bastante feliz poderia dizer.

Desceram em procissão a escadaria entalhada e chegaram ao saguão decorado com azevinho e visco. A véspera do Natal tinha sido comemorada com amigos e parentes. Apesar da tentativa de última hora de Peter de fazer o pai ler para ele o capitão Marryat, Blaise e Frederika conseguiram partir sem lágrimas.

A neve cobria o solo em rajadas. A estreita estrada para a ponte Chain, estava perigosamente congelada, e a adição de sal mineral à sua superfície não ajudara muito. Frederika mantinha-se alerta enquanto o motorista fazia as curvas como Um esquiador experiente. Blaise, que não tinha medo de acidente — ou morte? — sentava-se recostado para trás, apreciando o calor da coberta de vicunha.

Na ponte Chain, Frederika relaxou, apesar do alerta fornecido por um Ford Modelo A que derrapara e atingira a grade. Abaixo deles o rio estava cheio de pedaços de gelo. O céu acima da cidade estava amarelo como um diamante barato.

— Evalyn disse para não contarmos a ninguém, mas este é o dia em que o Presidente será assassinado.

— Na casa dos McLean?

— Se ele chegar lá inteiro... É muito excitante — respondeu ela em tom tranquilo.

— Quem queria matar Warren Harding?

— O vice-presidente, imagino. Dizem que ele nunca fala, mas quando estou sentada ao lado dele num jantar ele não pára de falar.

— Você causa esse efeito nas pessoas.

— Não em você.

— É uma condição do casamento: longos silêncios sem sentido.

Estavam no meio da cidade quase deserta quando Frederika perguntou:

— Você não acha que vão tentar, acha?

— Quem vai tentar o quê?

Blaise já estava em seu mundo próprio, que, naqueles dias, envolvia Paris, a esposa de um amigo e um quarto particular no Prudhomme onde, durante dois séculos, escreviam-se as iniciais na vidraça da janela com diamantes — brancos ou azuis, mas nunca amarelos.

— Os assassinos, seja quem for. O Serviço Secreto leva tudo isso muito a sério. Por isso é que ficaram contentes de tirar o Presidente da Casa Branca e levá-lo para a casa da Rua I, onde dizem eles, é mais fácil vigiá-lo, mas eu duvido.

— Tenho certeza de que Evalyn e Ned escreveram as cartas, só para garantir a presença dos Harding na ceia de Natal.

Frederika sacudiu a cabeça. Não estava convencida.

— Estão com ele o tempo todo. Talvez os anarquistas tentem explodir a casa, como fizeram com a do Sr. Palmer.

Blaise foi recebido carinhosamente por seu rival no jornalismo. Ned estava num novo regime, que ele denominava "beber à inglesa". Isso envolvia um primeiro drinque às 11:00h da manhã, e depois continuar bebendo a intervalos regulares. O resultado até então era satisfatório. Embora ele nunca ficasse bêbado, tampouco ficava sóbrio, bem à maneira inglesa, conforme Millicent Inverness comentou com Blaise, ela própria uma anglófila declarada, nessas questões.

Evalyn, enfeitada de diamantes azarentos, fazia o possível para competir com o que devia ser a maior árvore de Natal de Washington, cuja estrela atingia o teto da sala de estar, que por sua vez era três vezes mais alta que qualquer outra sala de estar da cidade. O esplendor era o estilo dos McLean, e os Harding pareciam tão à vontade quanto deslocados naquele palácio.

Blaise sentou-se diante do Presidente na frente da lareira, enquanto a meia dúzia de senhoras rodeavam Evalyn.

— Bem, Blaise — fez Harding, segurando um copo de uísque bastante diluído em água —, não consigo imaginar um lugar melhor para ser assassinado.

— Ou uma data tão auspiciosa.

— Melhor que o Dia dos Bobos — retrucou Harding com uma risadinha.

Blaise nunca conseguira calcular a inteligência do Presidente. Harding não lia livros, e a arte o deixava indiferente, a não ser os shows de garotas no teatro do Gayety Burlesque, onde ele gostava de entrar despercebido e ocupar um camarote, para alegria do excitado gerente. Mas cultivar as artes não era sinal de inteligência prática. O sucesso espantoso da carreira de Harding não podia ser atribuído apenas à sorte ou à simpatia. Sem sorte ou simpatia, Harding provavelmente não teria uma carreira política; mas ele tinha sorte, simpatia e mais alguma coisa, difícil de ser definida, por ele ser tão insistentemente

modesto.

— O Sr. Hughes pegou todo mundo de surpresa — disse ele com satisfação, como se o secretário de Estado fosse o único responsável pelos termos da Conferência de Desarmamento. — Achei que o almirante Beatty ia ter um enfarte quando o Sr. Hughes olhou bem para ele e lhe disse quantos navios a Inglaterra teria que destruir.

Harry Daugherty juntou-se a eles.

— Com licença? — pediu ao soberano, que assentiu. Daugherty sentou-se ao lado de Blaise. — Estamos cercados pela imprensa, Sr. Presidente.

— No caso de eu me juntar a McKinley, Garfield e Lincoln lá no céu, quero que Ned e Blaise sejam testemunhas das minhas últimas horas na terra, sem omitir qualquer detalhe hediondo, exceto um. — Ergueu o copo. — O povo jamais deverá saber que morri violando a 18ª Emenda. Isso não seria apropriado.

Então o Harding editor do *Marion Star* sobrepujou-se ao Presidente, e Blaise achou-o. ao mesmo tempo culto e interessante em seu campo comum. Enquanto conversavam, Blaise tinha consciência dos homens do Serviço Secreto no saguão e no aposento contíguo. A atenção deles era dividida irramente entre vigiar o Presidente e observar todas as entradas e saídas concebíveis. O secretário da Guerra, John W. Weeks, teve permissão para entrar, seguido pelo senador Curtis, de Kansas, meio índio, com olhos negros. Faziam parte do que Harding denominava seu gabinete de pôquer. Blaise achou o Presidente uma curiosa mistura de imobilidade quase budista, e a intervalos regulares, uma inquietação de garoto pequeno. Ele devia jogar golfe. Devia jogar baralho, principalmente pôquer. Devia viajar o máximo que o cargo lhe permitia. O movimento constante era-lhe uma distração necessária. No entanto, com a mesma facilidade conseguia permanecer imóvel como uma estátua, sorridente e feliz. Feitas as contas, ele era um mistério para Blaise, mas nem por isso menos agradável.

Como se tratava do dia de Natal, não se falou de política, exceto um comentário amargo de Curtis de que Borah estava outra vez descontente.

— Está furioso porque o senhor está recebendo todo o crédito pela Conferência de Desarmamento, que devia ser dele.

— Que é que posso fazer? — perguntou Harding, parecendo genuinamente preocupado.

— Nada — respondeu Daugherty. — Não há como agradar aquele filho da puta.

— De qualquer maneira, temos os votos. — Curtis piscou um olho negro para Blaise, com um efeito desconcertante. — Seja qual for o tratado que o senhor conseguir, o Senado vai apoiá-lo.

Daugherty dirigiu-se a Harding:

— Graças ao senhor ter feito Lodge delegado. Foi uma inspiração, Sr. Presidente.

— Concorde — fez Harding, com uma risadinha. — Na verdade, fui literalmente inspirado pela recusa do Presidente Wilson em deixar que ele participasse da Liga das Nações. Sabe — Harding olhou de relance para o agente do Serviço Secreto no saguão —, quando Wilson e eu estávamos indo de carro da Casa Branca para o Capitólio, eu estava tentando puxar conversa, o que já não era fácil quando ele estava bem, e muito mais difícil com ele tão doente. De qualquer maneira, não sei como, entrei no assunto de elefantes; lá estávamos nós, descendo a Avenida Pennsylvania e eu contando a ele que os elefantes se apaixonam por seus tratadores e ficam com ciúmes, e, no caso daquela elefanta, quando o tratador morreu., ela também morreu de tristeza. Então olhei para Wilson e ele estava chorando; achei que era um final estranho para uma Presidência. Um início estranho para mim, também, eu acho.

O jantar de Natal foi servido com a costumeira prodigalidade dos McLean. Ned parecia algo estupificado por seu novo regime alcoólico, mas não embaraçou Evalyn, que interrogou Blaise em detalhe a respeito de Caroline.

— Adorei o *Rainha Mary da Escócia* e não entendo por que todos falaram tão mal dele.

Blaise murmurou algo a respeito da inveja; na realidade, ele próprio sentia inveja do sucesso de Caroline no cinema, e perguntava-se porquê. Não que tivesse a mais longínqua ambição nesse campo; no entanto, o fato de mais uma vez ela lhe ter passado à frente era uma fonte de irritação. Felizmente houve o recente fracasso dela, que lhe tinha sido agradabilíssimo. Ele tivera o maior prazer em ler todas as críticas americanas. O veredito: finalmente ela estava velha demais. Naturalmente ele era mais velho que ela, mas não vendia seu rosto nas telas, como ela.

— Onde é que Caroline está agora?

— Não sei. Acho que em Paris. Ela reabriu Saint-Cloud no verão, mas aquele não é um lugar para se passar o Natal sozinho. Imagino que esteja com amigos.

— Não havia um diretor...? — começou Evalyn, ansiosa por um mexerico.

— Dois diretores — corrigiu Blaise, agora compulsivamente desleal. — Mas não creio que ela esteja com um deles. Pode estar fazendo um filme em Paris, onde a idade avançada é uma vantagem — acrescentou, perguntando-se se estaria lançando olhares lúbricos e descontrolados para Evalyn, que agora queria discutir Mary Pickford. Todo mundo queria discutir Mary Pickford!

— Se não quiser jogar pôquer com o Presidente, vou exhibir o novo filme dela, *O pequeno Lord Fauntleroy*.

— Vou assistir — declarou Blaise, que detestava o pôquer ainda mais que

detestava a namorada da América.

— Fiquei conhecendo toda a família dela — Evalyn afirmou.

Ela estava mais envolvida com Hollywood do que Blaise suspeitara. Porém ultimamente todo mundo tinha duas vidas, a própria e a vida nos filmes. Embora Blaise fizesse o impossível para ignorar o novo e triunfante mundo de Caroline, achava-se incapaz de não ler qualquer mexerico a respeito dos artistas, e de vez em quando exibia filmes na Casa dos Loureiros quando ele e Frederika estavam sozinhos — suprema perversão.

— De qualquer maneira, são todos uns bêbados, a turma toda, inclusive Mary, o irmão dela, Jack e aquela maravilhosa velhota irlandesa que é a mãe dela, e que, logo antes da Proibição, saiu e comprou uma loja de bebidas inteira, levou todas as garrafas para o porão e trancou a porta para Jack não entrar.

— Hoje em dia eles são os reis, esses Fairbanks — fez Blaise, sucumbindo novamente a Hollywood.

Caroline levava-o para jantar em Pickfair, onde a ascensão social era assunto constante. Títulos de nobreza pipocavam à mesa, e membros de famílias reais eram chamados pelos apelidos. Naturalmente o rei e a rainha de Hollywood estariam interessados em seus pares. Avisado da queda da Srta. Pickford pela garrafa, Blaise observara-a atentamente, Mas ela exibia a mesma compostura que mostrava na tela, e a impressão que dava na vida real era a de uma garotinha um tanto matronal, ao passo que Fairbanks, agora que se firmara como astro e espadachim atlético, tinha a tendência de trotar pela sala discursando sobre a força, tanto, física quanto moral. A respeito de divórcio, um assunto delicado, ele anunciara: "César e Napoleão eram divorciados, e ninguém pode dizer que eles eram fracos!" Era assim que ele se classificava.

A sogra de Fairbanks era mais divertida, particularmente quando confidenciou a Blaise que "Mary dá o melhor de si como atriz quando tem um bom diretor por cima".

Depois do jantar, os convivas, saciados, acomodaram-se por perto da árvore de Natal, esperando o Presidente ser assassinado. Os homens falavam em voz baixa sobre o escândalo de Fatty Arbuckle — outra vez Hollywood. Harding ficou particularmente fascinado pelos detalhes, que o secretário da Guerra conhecia perfeitamente.

Durante uma festa muito animada em San Francisco, o imensamente gordo comediante Fatty Arbuckle, um ex-bombeiro hidráulico, como a imprensa não se cansava de mencionar, jogou-se sobre uma jovem e estourou-lhe a bexiga — pelo menos era o que se dizia. Diariamente, a imprensa, inclusive Ned McLean e Blaise, trazia histórias horrendas sobre a nova Sodoma e Gomorra, enquanto Hearst exortava diariamente o Todo-Poderoso, senão a polícia, a destruir aquela cidade do planalto e transformar todos os seus habitantes, exceto Marion Davies, em sal. O desafortunado Arbuckle tinha finalmente atraído a ira

coletiva da América Puritana sobre os pecaminosos astros do cinema que, depois de desempenhar toda sorte de imoralidades na tela, quando fora da tela punham-se a romper as bexigas de garotas virginais, e coisas piores. O espírito patriarcal que deixara todos os americanos sem álcool estava agora novamente à solta no país, e Blaise envergonhava-se de fazer parte dele. Mas não tinha escolha: cada jornal acompanhava os outros até que um caso finalmente se esgotasse. Esse não parecia estar perto de seu término. À parte Arbuckle e seu julgamento, havia cada vez mais histórias de artistas viciados em drogas, e todos concordavam que *era preciso fazer alguma coisa*.

Harding repetia o clamor popular, sem muito entusiasmo.

— O pessoal do cinema quer que o governo intervenha e os policie. Mas como podemos fazer isso? Não é a nossa função. Policiem-se vocês mesmos, foi o que eu disse ao Sr. Zukor.

O senador Curtis comentou que o diretor-geral dos Correios tinha sido convidado para tornar-se supervisor do cinema e proteger a moralidade de todos. Curtis deu uma risadinha.

— Vocês podem imaginar Will Hays com todas aquelas *star-lets* sentadas no colo dele? — comentou.

O Presidente, acendendo sub-repticiamente seu primeiro charuto enquanto a Duquesa estava de costas, declarou:

— Tenho certeza de que Will é muito controlado e não fará alguma coisa imprópria, se aceitar o trabalho.

Isso era novidade.

— Ofereceram o emprego a ele? — Blaise perguntou.

Harding assentiu.

— Mas não contem a ninguém por enquanto. Ele ainda não decidiu. E naturalmente não quero que ele saia do Gabinete, principalmente agora.

Blaise sabia que Fali também queria demitir-se, e duas demissões ao mesmo tempo não seria... próprio, para empregar uma das palavras favoritas do Presidente.

Daugherty perguntou se algum filme já encorajara alguém a levar uma vida de crime ou vício. De maneira geral, os homens concordaram que isso era improvável, a não ser que o pecador já tivesse tal predisposição. Mas Curtis ofereceu unia variação interessante:

— Não há dúvida, para mim, que filmes, peças e livros dão ideias às pessoas, inclusive ideias criminosas. Incriminação falsa, por exemplo.

Todos os políticos reunidos junto à árvore de Natal estremeceram como se fossem um só. Harding assentiu gravemente, e disse:

— Não há dúvida de que um daqueles homens do petróleo que o senador Gore pão quis ajudar inspirou-se naquela peça, *Púrpura não-sei-de-quê*.

— *Púrpura intenso* — completou Daugherty.

— Que foi que aconteceu, afinal? — perguntou Blaise, que tinha apenas uma vaga lembrança do julgamento do senador cego.

— Há alguns anos, havia essa peça, muito popular — explicou Curtis. — Todo mundo foi assistir. Um bando de gângsteres incriminou um homem inocente, usando uma mulher. Bem, um dia uma mulher procura o senador Gore para pedir uma vaga em West Point para seu filho, e pede que ele vá ao hotel dela, pois é aleijada. Ele vai, acompanhado do secretário; encontraram-se todos no saguão do hotel. Naturalmente, Gore é cego e não consegue enxergá-la ou perceber o que ela estava planejando quando chamou-o para o mezanino do hotel. Em vez de levá-lo para lá, ela o leva para o quarto, rasga o próprio vestido e começa a gritar "Socorro! Estou sendo estuprada!", e um par de banditos contratados pelo pessoal do petróleo entra correndo e diz: "Nós o pegamos!"

— Podia acontecer com qualquer senador — comentou Harding em tom melancólico.

— Certamente podia acontecer com qualquer senador cego — precisou Weeks.

Daugherty foi ainda mais preciso:

— Principalmente se os sujeitos que querem pegá-lo assistiram *Púrpura intenso*.

Quando Gore recusou-se a ser chantageado, foi acusado de tentativa de estupro. Ele então insistira em submeter-se a julgamento na cidade de Oklahoma. O caso todo fora profundamente melodramático, Blaise lembrava-se agora, até que surgiu uma viúva de Boston que observara tudo da janela de seu hotel. Gore foi absolvido.

— Provando que problemas com mulheres nunca tiraram votos de um homem — afirmou Harding.

— A não ser que a bexiga dela estoure — fez Curtis.

A Duquesa e Evalyn juntaram-se aos cavalheiros. Evalyn disse:

— Conversei com o Serviço Secreto, e eles acham que o lugar mais seguro da casa é a saleta junto ao meu quarto. Ned já está lá em cima, com o baralho.

— Tome cuidado, Warren! — implorou a Duquesa, assustada.

— Ora, querida, sempre tomo cuidado.

Blaise ficou com as senhoras para assistir *O pequeno Lorde Fauntleroy*. Millicent, condessa de Inverness, adormeceu, e pôs-se a roncar. A Duquesa mostrava-se inquieta, e Evalyn de vez em quando segurava-lhe a mão. Blaise devaneava. Apenas Frederika prestava atenção nas aventuras de uma robusta matrona de trinta anos que fazia de maneira muito sinistra o papel de um rapaz púbere.

A princípio Blaise achou que uma bomba explodira no segundo andar. Todos se puseram de pé num salto, exceto a Sra. Harding, que escorregou da

cadeira e ficou estirada no soalho como uma estranha criatura marinha.

— Florence! — chamava Evalyn, puxando a Sra. Harding para que esta ficasse de pê.

— Eu sei. Sei o que aconteceu. Estava escrito nas estrelas. Levem-me a ele. Agora. Aconteceu. Tudinho. Exatamente como ela disse. Ai, meu Deus!

A Sra.. Harding estava agora no corredor, onde um homem do Serviço Secreto tranquilizou-a, sorrindo:

— O vento bateu uma porta. Só isso.

Lá do alto, ouviram a voz melíflua de Harding:

— Não se preocupe, Duquesa. Não me acertaram.

A Sra. Harding, com ar feroz, voltou para a sala.

— Não vejo a graça.

— Pouco digno — disse Blaise, deliciando-se com a outra palavra favorita do Presidente. Depois voltou-se para Frederika: — Acho que ele está a salvo.

Deram boa-noite à Duquesa, que agora estava a todo vapor. Como tantas mulheres fortes de certa idade, sua mente consciente fora gradualmente substituída pela inconsciente; ela agora tinha o costume de dizer tudo que pensava, mesmo quando, na verdade, não estava pensando coisa alguma.

— Sei o que está acontecendo, entende? — disse, olhando para Blaise com os olhos vazios. — Sempre sei. Isso não quer dizer que eu possa fazer alguma coisa. Mas tento. Deus sabe como eu tento. O pior é que estão todos nisso. Até mesmo Laddie Boy, que fica sentado na frente da porta.

Evalyn levou a Sra. Harding de volta para a árvore de Natal.

— Que história foi essa? — perguntou Frederika, intrigada.

— Histeria — disse Blaise. — Coitado do Harding! Acho que ela é maluca.

— Coitada da Duquesa, tão maltratada!

— Como assim?

— Ele tem amantes — anunciou Frederika, puxando a coberta sobre os joelhos enquanto o enorme carro deslizava em direção a Georgetown.

— Por que será que ela se importa? Afinal, ele está com ela.

Era pouco característico de Frederika preocupar-se tanto com um problema que não- era seu.

— Acho que ele não gosta dela, e ela não sabe o que fazer sobre isso.

— A não ser fazer cenas.

— *Chagrin d'amour*: Acho que ter só um não ajuda muito.

— Um quê?

— Rim — fez Frederika, com uma alegria impossível de ser analisada.

TREZE

1

A Srta. Kingsley sempre deixava Caroline de bom humor. Para começar, era fã genuína de Emma Traxler. Além disso, era enciclopédica: nada havia que ela não soubesse, quando se tratava de quem estava fazendo qual filme e por quê. Caroline sempre lhe servia chá, e a Srta. Kingsley sempre tornava uma forma de arte o ato de tirar as luvas enquanto discutia as sutilezas do chá indiano em contraposição ao chinês.

A Traxler Productions atravessava uma boa fase. O lançamento de dois filmes já tinha recuperado o dinheiro perdido com *A rainha Mary*.

— Mas quando é que você pretende voltar à frente das câmeras?

Os olhos bondosos da Srta. Kingsley estavam fixos na orelha esquerda de Caroline, onde o bisturi do cirurgião cortara; a pele então fora puxada e costurada, seguindo a linha natural onde a orelha ligava-se à cabeça. Com os cabelos puxados para trás e em plena luz, a cicatriz ainda era, aos olhos de Caroline, uma ferida horrível, lívida e brilhante. Mas o cirurgião parisiense assegurara-lhe que a cicatriz logo desbotaria e ninguém iria notá-la.

Depois de muito nervosismo, Caroline entrara numa clínica nos arredores de Paris, e a coisa fora feita no início do inverno. Agora ela achava seguro exibir seu rosto restaurado — senão exatamente novo. Tivera sorte. À parte as histórias de horror sobre operações que não tinham dado certo, muitas delas tinham dado tão certo que a pessoa que procurara a beleza eterna ficava atônita ao constatar que ela — ou ele — tinha realmente ficado bela, ganhando inesperadamente o rosto de outra pessoa. Caroline parecia-se com Emma em seus melhores dias, que era exatamente igual, embora não fosse igual, à Caroline original, havia

muito apagada pelo tempo e pela glória de Emma — e agora pela cirurgia.

— Não "tenho planos — disse ela, que tinha muitos planos.

— Foi tão agradável estar de novo em casa na...

— Alsácia-Lorena. Eu sei.

A Srta. Kingsley era muito hábil em decorar todas as mentiras que os artistas lhe contavam. Quando certa vez Mabel Normand comentara qualquer coisa a respeito de sua infância em Staten Island, a Srta. Kingsley lembrara-lhe delicadamente que ela tinha nascido e crescido em Beacon Hill, Boston. Mabel prometeu não cometer tal engano de novo.

— Ah, a saudosa Alsácia-Lorena! — suspirou Caroline. — Sim. Fiz um tratamento de águas, lá, e perdi muito peso.

— Percebo. Você parece espantosamente magra e descansada.

— Essa era a expressão em código da Srta. Kingsley para "cirurgia plástica". — Pronta para aparecer diante das câmeras novamente.

Em código: a estrela agora está pronta para enfrentar uma nova carreira com um rosto novo em folha, tendo perdido o antigo para a malvada entidade do Tempo.

— Talvez Estou conversando com William Desmond Taylor a respeito de um novo projeto. Na verdade, a vida de George Sand.

— Vai usar calças? — A Srta. Kingsley franziu o cenho para o seu bloco de anotações.

— Acho que é preciso, às vezes. Mas ela usava vestidos com mais frequência.

— Francamente, detesto mulheres em roupas de homem. O Sr. Hearst tem uma paixão bastante doentia por essa... perversão; infelizmente não há outro nome para isso. — A Srta. Kingsley ficou cor-de-rosa. — Já conversei com a coitada da Marion, que diz, naquele seu jeito engraçadinho, que é o que "Pops quer".

— Ela não tem um traseiro apropriado para usar calças — fez Caroline, sensatamente cínica.

— Espero que você use uma sobrecasaca comprida...

— Tipo príncipe Albert, sim. E vou apenas fingir que fumo charuto...

— O que vocês, artistas, têm que fazer pela arte! — A Srta. Kingsley sacudiu a cabeça, mais de pena do que de horror. — Ainda planeja comprar ou construir seu próprio estúdio?

Caroline assentiu. Tim reacendera sua ambição. Embora gostasse de representar a papel de estrela de cinema na vida real, não gostava muito de tornar-se uma mulher velha na tela. A reaproximação com Tim, súbita e inesperada, mudara sua rota. Com o auxílio dele, o que Hearst fizera com os jornais ela faria com os filmes. Outros tiveram o mesmo desejo, mas tinham ficado perdidos diante da ideia da arte. Griffith tentara contar a Guerra Civil na

tela em "relâmpagos", como o Presidente Wilson poeticamente definira, mas ele se perdera na política daquele grande acontecimento. Mais tarde, quando fez *Intolerância*, sucumbira ao espetacular em detrimento do intelecto. No entanto, Caroline sabia o que ele estava fazendo ou tentando fazer. Como Griffith, Tim acreditava que a imaginação do público podia ser sitiada e conquistada. Mas ele preferia, perversamente, apelar ao senso de justiça das pessoas, ao passo que Griffith as aborrecia com grandiosas visões de diversos pecados mortais. Caroline sabia que a resposta estava em algum lugar entre essas duas coisas — naquilo que pareceria ser algo não mais ambicioso do que a simples celebração dos fatos comuns da vida americana; e então — graças ao luxo de poder editar os filmes — os sonhos poderiam ser plantados sorrateiramente na cabeça do espectador. Instintivamente, Chaplin fizera isso desde o princípio, e Caroline tinha certeza de que ele perderia sua arte se chegasse a saber o que estava fazendo. A consciência era o pior inimigo dessa estranha forma de narração. Gradualmente, ela e Tim tinham dominado isso de uma forma que nenhum dos dois teria conseguido sozinho. Agora ambos estavam trabalhando arduamente em uma dezena de filmes, cada um deles calculado para agradar o maior número possível de pessoas, no entanto possuindo um certo desígnio intrínseco que, se funcionasse, modificaria sutilmente o modo como as pessoas encaravam o mundo. Onde antes os boches e os comunistas eram atacados, as virtudes humanas seriam endeusadas. O fato de poderem tão facilmente fracassar tornava a tentativa ainda mais excitante.

— Pensamos em comprar Inceville, em Santa Mônica. Ou talvez alguma coisa no Vale — disse ela. — Mas só se você aprovar — apressou-se em acrescentar.

— Meu coração nunca irá até o Vale, mas se você estiver lá eu irei visitá-la. Prometo solenemente.

— Vou sentir saudade da Paramount.

A Famous Players-Lasky era agora cada vez mais conhecida como Paramount Pictures, presumivelmente por ordem de Adolph Zukor, que também pintara o estúdio de verde, sua cor favorita, segundo Charles Eytan. No entanto, Zukor nunca era visto no estúdio; reinava sobre seu império de longe, em Nova York, e deixava o trabalho de fazer filmes para seus empregados — um erro que Caroline não cometeria quando começasse sua nova carreira. Essencialmente, os magnatas do cinema não estavam preocupados com o que passava na tela, contanto que fosse lucrativo. Aqueles que se preocupavam, como Griffith, inclinavam-se à auto-indulgência e à falta de lucro. Mas os magnatas tinham que ser propiciados. Eles — ou, especificamente, Zukor — possuíam as salas de exibição, e Caroline fizera o possível para encantar o grande homem que morava no condado de Rockland, em Nova York, cercado de parentes. Todos os magnatas do cinema eram patriarcas em escala grandiosa, tribal. Casavam os

filhos com o mesmo cuidado com que as famílias reais o faziam, e frequentemente com os mesmos resultados tristes. Não era de se estranhar que todos quisessem fazer *Mayerling*. No momento, Samuel Goldfish — agora Goldwin —, cunhado de Lasky mas inimigo mortal de Zukor queria que Caroline representasse a imperatriz Elizabeth, cujo infeliz filho Rudolph — Barthelmess aceitara o papel — cometeria suicídio na cabana de caça de Mayerling. Hearst agora estava ameaçando fazer seu *Mayerling* com Marion Davies como a trágica Maria Vetsera.

— Naturalmente você tem seus dois diretores favoritos — disse Grace Kingsley, os olhos brilhando. — O Sr. Farrell está lá no Vale, disseram-me, fazendo um faroeste. Devo visitá-lo amanhã.

— Dê-lhe lembranças minhas — disse Caroline.

Até então, sua reaproximação como namorados e sócios era secreta. Tim tinha compromissos pessoais, além de cinematográficos, a serem cumpridos, ao passo que Caroline tinha William Desmond Taylor para... o quê? Ela achara significativo que Tim tivesse assoviado quando ela apareceu no estúdio e ele viu seu novo rosto. "Ficou bom?", ela perguntara. E ele assentira, ao passo que o outro diretor "favorito" dela não tinha percebido sua obra-prima cirúrgica. Ocorria que Taylor estava atarefado, tanto na vida pessoal quanto na profissional.

— Neste exato momento Taylor está na Sala de Projeção C — informou a Srta. Kingsley. — Está editando *A tentação verde*, que parece que vai ser um sucesso.

— Realmente espero que sim — disse Caroline, sorrindo.

Sorria com muito cuidado. Ainda sentia uma certa tensão ao redor da boca, coisa que lhe tinham assegurado que desapareceria quando o rosto novo se acomodasse.

— Ele me disse que mal pode esperar para começar seu novo filme da Traxler. Mas não quis dizer o que seria.

— Temos esperanças de fazer *Mayerling*.

Caroline mentira ousadamente. Afinal, todo mundo, numa ocasião qualquer, tinha anunciado que iria fazer essa história, ou então realmente fizera uma versão dela. A visita agora tinha valido a pena, e a Srta. Kingsley tinha seu "furo". Ela escrevia animadamente, enquanto Caroline citava um elenco ideal — e impossível. Não, eles não usariam Knoblock para o roteiro. Ele voltara para a Inglaterra.

— Bernard Shaw seria o ideal. — Caroline agora deixava-se levar pela fantasia. Havia uma espécie de prazer perfeito em mentir sem propósito específico. — É claro que ele teria que se adaptar à nossa arte, tão diferente do teatro. Mas tenho certeza de que conseguiria. Caso contrário, há sempre Maurice Maeterlinck

Na tão anunciada visita de Maeterlinck a Hollywood, ele oferecera um

roteiro cujo protagonista era uma abelha. Depois voltara para a Bélgica.

— Qualidade: eis a essência de um filme da Traxler — entou a Srta. Kingsley.

— A gente tenta — sussurrou Caroline. — A gente tenta — repetiu, gostando do som da própria voz.

Então, embora ambas fossem damas e a Srta. Kingsley fosse virginal, foram obrigadas a discutir o relato do jornal daquela manhã a respeito do caso Arbuckle. A ruptura accidental da bexiga de Virgínia Rapper acontecera no dia 7 de setembro de 1921. Estavam agora em 1º de fevereiro de 1922 e a imprensa ainda continuava, todos os dias, a inventar novas revelações ou remexer as antigas. Secretamente, quase todo mundo em Hollywood ficara do lado de Arbuckle, mas o resto do país, incitado pela imprensa de Hearst, queria' um auto-de-fê com o gordocho comediante como figura central — uma tocha flamejante em honra da moralidade.

Mais que nunca Caroline estava convencida de que ela e Tim estavam no caminho certo. Enquanto a tática de Hearst era animalizar o público, eles iriam civilizá-lo, ela pensava grandiosamente, embora um tanto preocupada. Decerto teria que refrear o entusiasmo político de Tim. Eles tinham concordado que, na cidade americana imaginária que iriam inventar, a voz da razão venceria e o povo perceberia afinal até que ponto tinha sido manipulado. A cidade tinha que parecer muito real, e em seu centro haveria uma família que o país inteiro iria amar. Acima de tudo, não haveria sermões; se conseguissem fazer seu trabalho da maneira certa, seus fins seriam atingidos subliminarmente. Ambos concordavam que a nobre Emma. Traxler, uma perfeita criatura de romance, nunca poria os pés em sua cidade.

— Acabo de receber informações de Washington — revelou a Srta. Kingsley, colocando as luvas. — O diretor-geral dos Correios não virá para Hollywood.

— Imagino que ele ainda pensa que um dia será Presidente, e que Hollywood...

— ... é, ou será, eu lhe garanto, um cenário altamente apropriado para qualquer empreendimento importante — disse a Srta. Kingsley, uma fervorosa admiradora de sua tão atacada terra dos sonhos.

— Imagino que sim, um dia. Naturalmente ele teria muito poder aqui. Eu me pergunto se ele compreende isso.

Caroline perguntava-se também por que ela própria não tinha pensado com mais vagar nesse assunto. Haveria uma ridícula censura, naturalmente, mas haveria também estímulo para o tipo de coisa que os dois virtuosos conspiradores tinham em mente.. Hays — ou outro alto funcionário federal — poderia atuar como uma ponte entre a política e o cinema. Se Caroline e Tim conseguissem de alguma forma capturar essa ponte, os impulsos que agora vinham de Washington

para Hollywood seriam revertidos, e o Sr. Hays, ou fosse quem fosse, seria o mensageiro deles dois do Oeste para o Leste, dos governados para os governantes. Caroline e a Srta. Kingsley despediram-se à porta da cantina. Então Caroline entrou no refeitório, consciente de que ainda era uma fonte de interesse. Ouviu seu nome em meio ao ruído dos pratos e de várias centenas de conversas. O aposento recendia a ensopado de carne e a naftalina das roupas dos atores dos filmes de faroeste.

William acenou para que ela se juntasse a ele. Estava sentado com sua roteirista, Julia Crawford Ivers, e sua editora, Edy Lawrence. No passado, Caroline observara com certo espanto que todos os amigos íntimos de William eram mulheres e no entanto, pelo que ela sabia, ele não se interessava sexualmente por elas. Gradualmente ela chegara à mesma conclusão que Tim. No entanto ele tivera uma esposa no passado, e agora tinha uma filha, que ele enviara para uma escola muito dispendiosa em Nova York. Teria sofrido uma mudança na meia-idade e passado das ninfas para os faunos? Ou era simplesmente outra vítima da Maldição da Califórnia? Mais precisamente, a vítima seria ela, na época de sua paixão, agora inteiramente extinta, graças ao gamão e à volta de Tim.

Caroline contou-lhes que Hays não viria para Hollywood.

— Então teremos Herbert Hoover — afirmou Julia Ivers. — Dizem que tem que ser um membro do Gabinete.

— Ou do Supremo Tribunal — disse Edy Lawrence, que, como todos em Hollywood, não estava entusiasmada com a ideia de um supervisor vindo de Washington.

— A pior coisa, é claro, será a censura — declarou Taylor.

Seu rosto bonito estava mais pálido do que de costume. Ele fumava um cigarro negro após outro, tirados de uma cigareira de ouro que Caroline julgava ter sido roubada em julho, quando o empregado, Eddie Sands, fugira com a maior parte do conteúdo do bangalô, assim como o carro de Taylor. Knoblock estava no estúdio quando Eddie desaparecera, depois de dizer a Knoblock que pretendia casar em Catalina. Mas Eddie fora para outro local, pois cheques com a assinatura de Taylor falsificada começaram a pipocar em diferentes partes do estado. Taylor notificou a polícia, contratou um empregado negro, Henry Peavey, comprou outro carro e contratou um novo motorista. O episódio todo causara-lhe muitos problemas.

— Onde encontrou isso? — perguntou Caroline, tocando na cigareira.

Taylor franziu o cenho.

— Numa loja de penhores. Onde mais? A polícia me avisou. Parece que ele prefere penhorar do que vender para um receptor.

— Gosto de Hoover — disse Julia Ivers, uma mulher do tipo caseiro, que podia comer a quantidade que quisesse de macarrão com queijo, ao passo que

Caroline mordiscava uma posta de peixe.

— Ele é honesto — disse Taylor sem muita convicção.

— E quanto à censura? — perguntou Caroline, cujo interesse nos problemas domésticos de Taylor tinha sido satisfeito havia muito tempo.

— Não é inevitável? Os Produtores e Distribuidores de Filmes querem alguém para limpar o campo do cinema, seja lá o que for que isso quer dizer, e fazer o mundo esquecer o coitado do Fatty Arbuckle;

— Ganhando 150 mil dólares por ano — informou a Sra. Ivers em tom pesaroso.

Então passaram a discutir o assunto costumeiro — filmes; quem estava fazendo o quê e onde, e por quanto. No final do almoço, Taylor voltou-se para Caroline:

— Acho que tenho um projeto para nós. Charles Eyton e eu tivemos uma conversa pouco antes do almoço.

— Não *Os rochedos de Valpré*. Estou velha demais.

A Sra. Ivers sacudiu a cabeça.

— De qualquer maneira, a história é monótona demais. Não tem ação suficiente.

— Mas há um papel maravilhoso para Mary. — Taylor suspirou. — De qualquer maneira, fui derrotado na votação. Não, trata-se de outra coisa. Posso levá-la em casa? Às cinco? Conversaremos no caminho.

Caroline voltou para o seu escritório para encontrar Tim, vestido de vaqueiro, falando em dois telefones, enquanto a secretária sorria um sorriso vago e feliz. Caroline, distraidamente, deu uns tapinhas na cabeça dele; depois foi para a sua sala, onde havia roteiros empilhados sob ícones de Emma Traxler, sofrendo e envelhecendo de uma estação para outra na estrada da vida. Bem, breve poderia haver um renascimento. Ela parecia jovem novamente; mas ainda se parecia com Emma? Essa era a pergunta cuja resposta, se negativa, viria tarde demais, já no filme. Felizmente os dias de Emma estavam agora contados. Haveria mais um último filme deslumbrante, e então Emma retiraria para sempre seus espetaculares brincos de argolas e passaria para a história.

Tim entrou na sala.

— Terminei cedo. Os faroestes não ficam mais fáceis. Ainda não surgiu um modo novo de se filmar um cavalo, e jamais surgirá.

— Por que não experimentamos pessoas em faroestes? Como Vamos fazer na nossa cidade.

— Esse tipo de filme é estilizado demais. Usamos apenas personagens, e eles já estão praticamente gastos. Ouvi dizer que Taylor arranjou algo para você.

— As novidades se espalham. Ele vai me contar depois das cinco. Acha que estou parecida com a... você sabe, com a Emma?

Tim chegou bem perto dela e estudou-lhe o rosto. Naquele momento, ela era apenas um objeto a ser fotografado, e ele o diretor estudando os contornos da cabeça redonda e pétrea para ver o que precisava de luz, o que precisava de sombra.

— Está parecida, sim. Vai dar uma boa impressão dela.

— Só isso?

— Sempre há alguma mudança. Não se preocupe. Sabe, Taylor está tendo problemas para conseguir um filme para Mary Minter.

— Problemas? Aqui? Impossível. Ela é a estrela da Paramount.

— Querem mandá-la embora. Pagar para que ela saia.

— Por quê? Ela não é pior que as outras.

Caroline sempre tivera dificuldade em distinguir entre as lindas anãzinhas louras. Elas vinham em bando, seguindo a moda, e desapareciam com a mesma rapidez quando o estilo mudava. Só Mabel Normand era diferente do resto; e naturalmente estava ficando impossível de ser empregada. Aparentemente a cocaína prejudicava o desempenho. Aos 29 anos Wallace Reid estava no final de sua carreira, e provavelmente de sua vida, graças à morfina. Devido ao escândalo Arbuckle, a imprensa estava excitada, insinuando nomes; breve as insinuações tornar-se-iam acusações, e muitas carreiras terminariam. Caroline estava agora convencida de que era necessário um supervisor do cinema. No passado, sempre que aqueles no poder resolviam assumir a direção de ferrovias ou de minas de carvão, a imprensa cessava obedientemente suas invenções escandalosas e seus alarmes falsos. Obviamente Hollywood precisava de uma trêgua; e Caroline e Tim, de um aliado.

Nesse interim, Mary Miles Minter e sua mãe davam mais trabalho que lucro. Além disso, à fria luz do comércio, a ideia de substituir Mary Pickford não tinha sido boa. Havia apenas uma Mary Pickford, e não eram necessárias substitutas. Embora Mary Minter, agora com 19 ou vinte anos, pudesse servir por mais uma ou duas décadas como estrela adolescente, o público perdera o interesse em garotinhas de cachos dourados e modos engraçadinhos.

— Imagino que qualquer dia desses vão mandá-la embora.

— Coitado do William — foi tudo que ocorreu a Caroline.

— Ela disse a todo mundo que vai casar com ele — Tim informou.

Olhava atentamente para Caroline, para ver qual seria a reação dela, mas Caroline tomou cuidado para não reagir. Embora não sentisse mais coisa alguma por Taylor, ainda era sua amiga e lhe queria bem.

— Acho que ele não deseja uma segunda filha — disse, olhando para um cartaz de Emma Traxler bebendo um coquetel com um sorriso ardente e apaixonado. O retoque apagara todas as feições, exceto as salientes.

— Principalmente uma filha equipada com aquela mãe.

— Mas Mary Miles vai casar com ele para livrar-se da mãe.

— Acho isso impossível. A Sra. Shelby fica com um terço de tudo que sua adorável filha ganha, enquanto a filha viver; ou, pelo menos, até que os cachos despenquem.

— Coitado do William — fez Tim, levantando-se. — Tenho que ir ver Ince a respeito da compra de Santa Mônica.

— Onde construiremos nossa verdadeira cidade imaginária permanente. Que filme faremos primeiro?

Tim sorriu.

— Que tal "Quem matou o Presidente McKinley?" — propôs.

— Quem foi?

— Theodore Roosevelt e a Standard Oil. Sabe, contrataram um anarquista maluco e lhe deram uma arma, mas ninguém sabe que fizeram isso, a não ser a velha mãe dele, uma senhora bondosa que mora na nossa cidade.

— Você vai acabar na cadeia — disse Caroline.

O carro e o motorista de Taylor estavam estacionados diante da porta principal do estúdio, na Rua Vine, onde os fãs mantinham constante vigilância. O fato de todos terem reconhecido a nova Emma era muitíssimo animador, e Caroline assinou autógrafos enquanto abria caminho para o carro resolutamente, Taylor ao seu lado.

— Importa-se se eu fizer algumas coisinhas no caminho?

Caroline não se importava.

— Para a Loja de Departamentos Robinson's, Fellows — ordenou Taylor. Depois voltou-se para Caroline. — Tenho que comprar um presente para Mabel. Ela está muito deprimida.

— Pensei que ela estivesse trabalhando para Sennett.

— Por isso está deprimida. Está com problemas.

— Drogas?

— Ela fez um esforço imenso. Eu a ajudei o máximo que se pode ajudar alguém... a se ajudar.

Caroline permaneceu no carro enquanto Taylor entrava na Robinson's.

— Pode me dar seu autógrafo, Srta. Traxler? — pediu o motorista.

Era um rapaz jovem e de rosto saudável. O sorriso estonteante de Emma não mais inquietava Caroline. Escreveu o nome de Emma num, bloco da Wool worth. Havia mais uma dezena de autógrafos no bloco, mas ela não ousou folheá-lo, e devolveu o bloco e a caneta.

— É uma grande honra conduzir a senhorita, e todos os grandes artistas — o rapaz agradeceu.

Caroline deu um sorriso breve e perguntou:

— Alguma notícia de Eddie... Eddie Sands?

O rapaz franziu a testa.

— Bom, ele andou assinando o nome do Sr. Taylor nos cheques em Fresno

e Sacramento. Além disso, empenhou algumas coisas numa grande loja de penhores, usando um nome que o Sr. Taylor reconheceu. Mas só isso.

Taylor tornou a entrar no carro.

— Nada que eu quero. Vamos passar no banco — disse a Fellows. — Meu Deus, esse negócio de imposto de renda é um aborrecimento — comentou com Caroline, o pensamento ocupado com o dinheiro.

— E dispendioso.

— Gostaria que você convencesse seus amigos em Washington a nos deixar em paz. — Estavam seguindo uma estrada empoeirada, ladeada de eucaliptos, que no final cortaria o Bulevar Sunset. O dia estava brilhante, azul e frio. — Eu lhe contei que Eddie andou falsificando minha assinatura em cheques...

— Outro aborrecimento.

Taylor soltou uma gargalhada repentina.

— O verdadeiro aborrecimento é que ele é um falsificador tão bom que nem eu consigo distinguir a assinatura dele da minha. Marjorie Berger vai lá em casa hoje à noite com todos os cheques pagos pelo banco.

— De qualquer maneira, você tem sorte por ele ter ido embora.

Taylor lançou-lhe um olhar rápido e curioso. Então disse, num tom ambíguo:

— Tenho mesmo?

Depois do banco e de uma parada na Livraria Fowler's, foram para a Rua Alvarado, onde Caroline foi levada à familiar sala de estar pelo novo empregado negro, um homem simpático, algo nervoso, obviamente devotado a Taylor.

— A Srta. Berger ligou para dizer que estará aqui às 6:30h, senhor. Depois ligou outra senhora, mas não deixou o nome.

— Obrigado, Henry. — Taylor foi até a escrivaninha e pegou um roteiro. — *Monte Carlo* — explicou. — Há um papel maravilhoso para você. O papel principal — acrescentou depressa. — Você é uma grã-duquesa da Rússia branca, trabalhando como criada de uma mulher americana rica e muito vulgar. Você vai para Monte Carlo com ela, e lá está o seu noivo de São Petérsburgo, que supostamente morrerá na Revolução.

— Conheço a história — disse ela em tom que esperava fosse doce. — Que roupas uso?

Ele contou-lhe; ela ficou entusiasmada.

— Acho que desta vez vou realmente conseguir Rodolfo Valentino.

— Aceito — disse Caroline.

Ela relanceou o olhar pelo aposento onde jogara tantas partidas de gamão. Agora não sentia coisa alguma, nada. Taylor sugeriu que ela fosse para casa no carro dele, e ele iria a pé até a sua aula de dança na Rua Orange.

— Estou aprendendo a dançar tango — anunciou, dando-lhe um beijo na

bochecha.

Caroline despertou com o telefone, cujo toque misturou-se, de um modo bastante desagradável, com um sonho a respeito de um trem que partia sem ela; enquanto corria ao lado do trem que saía da estação, o condutor, Eddie Sands, sorriu para ela, tocou um sino e disse, numa língua que parecia alemão — alsaciano? — "Todos a bordo". No entanto a bagagem dela estava dentro do trem, inclusive uma pintura de Poussin e uma boneca de sua infância, com um só braço.

— Tenho que pegar o trem — disse ela ao atender.

— Que foi? — fez uma voz de homem, uma voz conhecida.

Caroline despertou. Consultou o painel luminoso do relógio de cabeceira: 9:30h. Dormira demais.

— Sinto muito. Quem é? — perguntou.

— Charles Eyton. — A voz soava tensa, diferente do tom calmo de sempre. — A polícia telefonou para você?

— A respeito de quê? — perguntou Caroline, sentando-se na cama, agora inteiramente alerta.

— Taylor foi assassinado. Acho melhor você vir para cá, para o meu escritório. Não querer interrogá-la. A polícia. A imprensa, também. Mas não fale com eles. Todos que estiveram com Bill ontem foram interrogados. Felizmente consegui todas as cartas...

— Que cartas? — ela perguntou estupidamente.

— As suas para ele. Não se preocupe. Estão todas comigo. Já estive na Rua Alvarado. De qualquer maneira, temos que redigir uma declaração para você fazer...

— Por que ele foi assassinado? Quero dizer, como ele foi assassinado? — Caroline estava sentindo muita dificuldade em assimilar um fato tão grotesco.

— Um tiro pelas costas, mais ou menos duas horas depois que você o deixou.

— Isso seria depois da aula de tango no curso de danças da Rua Orange. — Em seu estado de choque, Caroline mostrava-se sagaz e precisa.

— Claro. Claro. — Eyton desligou.

Caroline avisou Héloïse para não falar com pessoa alguma durante a sua ausência.

— Houve um acidente — explicou. — O coitado do Sr. Taylor está morto.

— Eu sabia! — exclamou Héloïse, que, quando se tratava de desastres, nunca era apanhada de surpresa.

— Claro que sabia — concordou Caroline.

Saiu do prédio e entrou em seu carro. O jardineiro japonês cumprimentou-a afavelmente. O dia estava frio e perfeito. O Bulevar Sunset estava quase deserto. Muitas vezes ela dirigira assim pelas ruas desertas, indo

para estúdios próximos e distantes, bem como para locações tão distantes que com frequência era' necessário sair de casa antes de o sol raiar. Se alguma vez rememorasse aquele extraordinário período da sua vida, lembrar-se-ia primeiramente do sol erguendo-se por cima da fazenda do estúdio no Vale San Fernando, e depois o brilho torturante das luzes klieg em seus olhos. "Engrenar!" O resto era confusão.

Charles Eyton estava sentado atrás de sua mesa, falando ao telefone. Acenou para que Caroline se sentasse.

— Foi assassinato, sim. A princípio falaram em causas naturais, mas depois o legista rolou o corpo e viu que ele tinha levado um tiro nas costas. Quando? Por volta das 7:00, 7:30h de ontem. É, as coisas vão virar um inferno. — Desligou. — Desculpe incomodar você, mas nós temos que coordenar nossas histórias.

— Nós, sim. O estúdio. O cinema. Isto pode ficar pior do que o caso de Fatty Arbuckle.

— Ah — foi tudo que Caroline conseguiu dizer.

Então pensou na alegria de Blaise quando soubesse que a sua carreira cinematográfica, o que ainda restava dela, terminaria num *Götterdämmerung* tão escandaloso. O escândalo afetaria também o que ela chamava de "uma verdadeira cidade americana imaginária"?

— O homem de cor encontrou-o às 7:00h da manhã de hoje, caído no chão. Na sala. Ele chamou a polícia. E ligou para mim também, graças a Deus. Mandeí nosso pessoal lá para pegar qualquer coisa que prejudicasse o estúdio: uísque ilegal, cartas de amor, objetos femininos.

— Imagino que não haveria muito disso.

Eyton lançou-lhe um olhar severo, mas não fez qualquer comentário.

— Tiramos as garrafas. Eu pessoalmente fiquei com as cartas. Enquanto a polícia estava ocupada interrogando os vizinhos, subi ao segundo andar. — Ele indicou três pilhas de cartas sobre sua mesa. — Cartas suas, de Mabel Normand, de Claire Windsor e de Mary Miles Minter...

— Nada de incriminador, pelo menos nas minhas.

— Não. Mas isso não vai impedir que a imprensa publique fotos de página inteira de você como a tentação estrangeira capaz de qualquer coisa por paixão...

— Não, isso não vai acontecer — disse Caroline em tom desolado. — Afinal, também sou jornalista.

De repente Eyton mostrava total ingenuidade.

— Você pode nos ajudar. Muito. Em primeiro lugar...

— Em primeiro lugar, que foi que aconteceu?

— Quem é que sabe? Taylor foi para casa com você. Saiu de novo, a pé, para a aula de tango, imagino. Vão verificar. Depois' voltou para casa, onde sua contadora, Marjorie Berger, estava esperando por ele. Isso foi às 6:15h. Uma

hora depois, Mabel Normand chegou. O motorista dela ficou esperando na Rua Alvarado, bem visível para qualquer pessoa. Então o homem de cor, que abrira a porta para ela, foi para casa. Por volta das 7:30h, Taylor acompanhou Mabel até o carro. Ela tinha na mão um saquinho de amendoins. — Eyton fez uma pausa para ver se Caroline percebera o significado dos amendoins, mas Caroline preferiu não se manifestar. Eyton continuou. — Então Mabel foi embora no carro, e Taylor voltou para dentro do bangalô, e poucos minutos depois os vizinhos ouviram o que parecia um tiro, e que era mesmo um tiro, o tiro que o matou, mas como podia ter sido a descarga de um automóvel, ninguém pensou em fazer alguma coisa.

— A polícia sabe de Mabel?

Eyton assentiu.

— Isto não vai exatamente ajudar a carreira dela.

— Se nós todos agirmos em conjunto, poderemos ficar de fora deste negócio. Como você sabe, o estúdio pode ter bastante controle sobre a imprensa, se todos concordarmos a respeito do que queremos revelar.

— Você pode controlar a polícia?

Houve uma pausa. Então Eyton deu de ombros.

— Sempre controlamos. Custa caro. É preciso pagar todo mundo, o que significa o promotor também, e ele é caro.

Caroline estava começando a entender a natureza do problema.

— E o que é que temos que dizer?

— Você tem alguma ideia de quem matou William?

O tom era tão casual que Caroline encontrou-se sorrindo polidamente.

— Não fui eu, é claro.

— É claro.

Eyton agora sorria para Caroline, como se uma pré-estreia no Bakersfield tivesse sido inesperadamente boa. Atrás da cadeira dele, um retrato de Adolph Zukor lançava-lhes olhares zangados. Acima do retrato, como um emblema heráldico, havia dois tacos de pólo cruzados — presente de Cecil B. DeMille.

— Mabel também não foi. Então, se foi uma estrela, sobra apenas Mary Miles Minter, não é? — aventou Caroline.

Seu senso jornalístico tinha sido despertado'. Consumida por uma paixão grande demais para sua estrutura minúscula e mais uma vez frustrada em sua luxúria, a anãzinha de cachos dourados jogou no chão o tabuleiro de gamão e disparou sua pistola em William Deámond Taylor, o velho José de sua núbil Madame Potifar.

— Mas por que acha que tem que ter sido um artista? — Mais que uma pergunta, era uma afirmação.

— Porque a imprensa vai insistir que foi um de nós, e por isso você me chamou aqui, não foi?

Eyton suspirou.

— Acho que posso lidar com qualquer artista existente, mas lidar com uma que é também jornalista...

— No verão passado, William recebeu uma carta que eu li acidentalmente. Alguém escreveu que ele... ou ela, pois não vi a assinatura, ia atirar nele. Encontrou essa carta?

Eyton sacudiu a cabeça.

— Não. Mas encontrei uma de Eddié Sands. Carta recente. De chantagem. Ora, acho que ontem à noite Eddie fez uma visita a William; talvez tenha pedido mais dinheiro, houve uma briga e Eddie então. — Eyton de repente apontou o dedo indicador para Caroline, que se encolheu. — Naturalmente é cedo demais para a polícia fazer qualquer afirmação, mas tenho o pressentimento de que estão convencidos de que foi ele. Assim como o promotor, o Sr. Woolwine. Isso quer dizer que estamos fora do fogo, e que haverá uma caçada nacional a Eddie.

— Vão encontrá-lo?

— Não sei. — Eyton tocou nas pilhas de cartas. — Espero que não. Seria melhor se ele tivesse um acidente primeiro. Quero dizer, antes de ser preso.

Caroline e Eyton entreolharam-se. Ela jamais suspeitara que aquele homem tão comum e amável podia ser tão rápido em suas reações, e tão implacável.

— O que é que Eddie sabe? — Caroline perguntou finalmente.

Eyton ergueu uma das cartas.

— Não tenho meios de saber o que ele sabe, mas sei que ele fez ameaças. Se Taylor não retirasse as acusações, ele ia denunciá-lo, diz aqui.

— Homens?

— Garotos. — Eyton sorriu inesperadamente, — Se a imprensa descobre isso, Hollywood está acabada. Graças a Arbuckle, estamos sendo boicotados em todo o Cinturão da Bíblia. Mais um escândalo e...

— Boicote... — Naquele contexto, Caroline achava um humor negro nessa palavra. — Digamos que nós, isto é, que você possa controlar a imprensa; como vai controlar a investigação policial?

— Pagando-lhes. para pegarem Eddie,

— Imagine que o encontrem, e ele conta... a sua história?

— Teremos que pagar-lhes para não o encontrarem... vivo, pelo menos.

— Um acidente?

Eyton assentiu.

— Enquanto isso, vamos transformar Bill num grande conquistador, um verdadeiro Don Juan. Daqui a alguns dias confessarei ter retirado algumas cartas de amiguinhas dele, alegando que não queria que pessoas inocentes fossem envolvidas nessa história tão triste e trágica. De modo que vou entregar todas as

cartas à polícia, exceto as que vou guardar.

— As outras são tão maçantes quanto as minhas?

— As de Mary Miles Minter não são nem um pouquinho maçantes. Aliás, são muito melhores que qualquer dos filmes que ela tem feito ultimamente. Ela escreve que espera que Bill case com ela, para que ela possa livrar-se da mãe que a trancafiava quando suspeita que ela está querendo sair, mas as coisas estão chegando a uma definição, porque na última vez que a Sra. Shelby a trancafiou, Mary pegou um revólver e tentou matar-se.

Caroline reviu a carta na mesa de William, a caligrafia grande e esparramada, a palavra "revólver".

— Isto significa que ela tem uma arma. Isto significa que sabemos quem o matou, não sabemos?

— Sabemos? — repetiu Eyton, em tom tranquilo. — Bem, imagino que sim, para falar a verdade. Foi Eddie, que estava chantageando seu antigo patrão por causa das... amiguinhas dele, como vamos chamá-las. Na verdade, não retiramos as peças femininas que encontramos na casa. Até mesmo deixamos um roupão cor-de-rosa com três emes bordados. De modo que ele vai ser pintado como outro Casanova, o que está bom para o estúdio, e embora várias mulheres famosas venham a ser mencionadas como vítimas possíveis ou em potencial da paixão dele, apenas Mary e Mabel poderão sair disso um pouquinho difamadas, e a coitada da Mabel não estaria envolvida se não tivesse resolvido ir lá pouco antes de Eddie atirar nele.

— Drogas?

— Não encontramos coisa alguma. A polícia também não. — Se Eyton estava mentindo, era muito convincente. — Hollywood é novamente pura e inocente... pelo menos nesse departamento. — Eyton sorriu. — Mas aquele saquinho de amendoins... — acrescentou, sacudindo a cabeça.

Caroline ergueu-se.

— Quando a polícia me interrogar...

— Diga á verdade. Que mais? Mas pode, se quiser, mencionar Eddie como o possível assassino. Seria de grande ajuda se fizesse isso. — Eyton também se pusera de pé, sempre educado. — Sabe, o homem de cor, Henry Peavey, vai a julgamento hoje, e Bill iria testemunhar o bom caráter dele.

— Julgamento por quê?

— Por molestar garotos no Parque Westlake.

— Ele gostava?

— Era para o patrão, é o que diz. A polícia encontrou um molho de chaves que não são da Rua Alvarado. Aparentemente, existe um outro apartamento em algum outro lugar...

— *Uma garçonnière.*

— Infelizmente não falo francês. — Eyton levou Caroline à porta. — Só

Em meados de março Emma Traxler estava novamente frente às câmeras, dirigida por seu megafonista favorito, Timothy X. Farrell, como escreveu Grace Kingsley num longo artigo no *Los Angeles Times*. Aparentemente, Emma Traxler pensara em trocar o brilho das luzes de Hollywood por sua nativa Alsácia-Lorena, onde o nobre castelo da família estava à sua disposição; mas as cartas de fãs de todo o mundo a tinham convencido a voltar para a tela, num filme dirigido por William Desmond Taylor. Caroline estremeceu todas as vezes que via esse nome, o que acontecia várias vezes por dia.

Como Eyton previra, o escândalo fora imenso, mas delicadamente orquestrado. Emma era simplesmente uma das várias estrelas que ele cortejara. Além de um único depoimento para o Departamento de Polícia de Los Angeles, Caroline não fora incomodada. Mas o que a polícia informava ao público e o que Eyton fabricava eram, com frequência, contraditórios. O roupão cor-de-rosa com os três botões foi discutido em todos os jornais; no entanto, a polícia fingia não ter conhecimento dele. Teria Eyton inventado aquilo para envolver Mary Miles Minter mais profundamente na trama? Eyton estava entregando ao *Examiner* as cartas de amor de Mary Minter. Felizmente a própria Mary tinha um alibi perfeito para a noite fatal: ficara em casa, lendo em voz alta para a mãe e a irmã. No entanto, misteriosamente, na manhã seguinte ao assassinato ela fora à casa da Rua Alvarado antes que os jornais tivessem veiculado a notícia da morte de Taylor. Por outro lado, os telefones de Hollywood não tinham parado de tocar durante toda a manhã, e todas as pessoas de alguma forma envolvidas sabiam do assassinato. Enquanto a imprensa continuava a publicar histórias picantes sobre as conquistas de Taylor, a polícia só falava do ladrão, Eddie, que desaparecera.

Caroline estava em seu camarim, contíguo ao local das filmagens, onde o cassino de Monte Carlo tinha sido recriado. Ela mantivera o roteiro de Taylor

para a Traxler Productions. Tendo sido grã-duquesa, era agora criada de quarto, vestida com o esplendor de sua patroa para uma noite' anônima num baile de máscaras.

Caroline recostava-se numa tábua inclinada, para manter os cabelos e o vestido impecáveis. Mais que nunca, sentia-se uma boneca sendo manipulada, de um modo não de todo desagradável, por Tim. Havia comédia, além de tragédia traxleriana, em seu papel, e embora o rosto novo não fosse inteiramente seu, fotografava bem. Decerto ela parecia dez anos mais jovem que a pobre rainha Mary da Escócia, que tinha sido forçada a passar pela única solução da Renascença para o envelhecimento: ter a cabeça cortada pelo machado.

De repente abriu-se a porta do camarim.

— Tim? — fez Caroline.

Ele era a única pessoa que entraria sem bater. Mas não era Tim; era Mabel Normand.

— Em, posso falar com você? — Por uma razão qualquer, Mabel sempre a chamava de Em. Mas era melhor ser simplesmente Em do que o sinistro exagero de três emes.

— É claro. — Caroline voltou-se para a camareira. — Quer esperar lá fora, por favor?

A camareira retirou-se, e Mabel abriu ambas as torneiras da pia.

— É impossível, gravar com a água caindo — explicou.

— Quem iria gravar o quê?

— Qualquer pessoa. A polícia. — Mabel cruzou o aposento, pés virados para dentro, mãos viradas para fora; o efeito, como sempre, era encantador e lembrava curiosamente um rapazola. Teria sido essa a atração que Mabel provocava em William Desmond Taylor? — Faz-me um favor, Em? — O lábio superior alongado parecia-se de repente com o de Huck Finn quando triste.

— Se eu puder... — disse Caroline, cautelosa. Sentia-se uma idiota, deitada sobre uma tábua inclinada, incapaz de mover-se, por medo de perder algumas lantejoulas do vestido ou desmanchar o fantástico penteado, uma enorme colmeia guarnecida de jóias e tranças postiças.

— Você vai jantar em Pickfair hoje à noite, não vai?

— Você também vai?

— Eu? Eles nunca me convidam. Graças a Deus. Mas esta noite é para todos os figurões da Distribuidores e Produtores de Filmes. Agora escute, Em. Existe na cidade uma lista negra. Não é oficial... ainda. Mas todos sabem disso. Por causa desse negócio da Agência Central de Elencos.

O novo comitê tinha anunciado que, para manter os altos padrões morais dentro do cinema, todos os artistas seriam obrigados a entrar para uma associação que de um modo qualquer determinaria se eles eram moralmente dignos de ser transformados em sombras numa tela.

— Achei que era para manter de fora as... as... — fez Caroline.

— As prostitutas. Certo. Mas também tem a ver com drogas, com política e com qualquer outra coisa que eles inventarem. Bem, eu estou nessa lista negra.

— Como é que sabe disso?

— Mack Mack Sennett. Ele me disse. Ele não está preocupado, mas este é o único trabalho que posso conseguir. Ninguém mais vai me contratar sem uma palavra de quem quer que Washington mande para cá. Então, você conversa com essa pessoa? A meu respeito?

— Converso, sim — prometeu Caroline, sentindo-se virtuosa; ao mesmo tempo, revoltava-se com esse novo exemplo da hipocrisia da América em sua força total. — Acha que é por causa de drogas? — perguntou diretamente.

— Não. E por causa de William Desmond Taylor. Sabe, sou uma espécie de suspeita. Quero dizer, para a imprensa.

Mabel sentou-se à penteadeira de Caroline e instintivamente pôs-se a arrumar-se, como se para uma filmagem. Caroline ficou fascinada por sua velocidade de profissional experiente. Mabel sabia mais sobre cinema do que qualquer outra mulher do ramo.

— Mas não suspeitam realmente de você, não é? Quero dizer, a polícia...

— Está brincando? — Mabel soltou uma risadinha. — Já está tudo acertado. O promotor foi subornado; vai continuar procurando Eddie Sands até que a coisa toda esfrie e morra. Aliás, Eddie está morto.

Espantada, Caroline moveu a cabeça, e uma parte da cabeleira soltou-se. Mabel pôs-se de pé num salto, recolheu a trança do chão e recolocou-a eficientemente na colmeia cintilante.

— Foi encontrado no Rio Connecticut. Com uma bala na cabeça. Disseram que foi suicídio.

— Quem disse?

— A polícia de Darien, em Connecticut.

— Por que não avisaram a polícia de Los Angeles?

— Avisaram, sim. Foi assim que soubemos. Só que Woolwine, o promotor, diz que não está convencido de que aquele seja realmente o Eddie, de modo que a caçada continua. A imprensa vai acabar se cansando. Mas eu gostaria de voltar ao trabalho antes disso.

— É claro que vou conversar com os... figurões esta noite.

— Eles todos têm medo de você — disse Mabel, direta e precisa. — Todos os políticos têm medo dos donos de jornal. Nós também. Eu, pelo menos. Sinto saudade de Bill...

— Eu não sei se sinto — retrucou Caroline.

Ela não tinha certeza do que pensava exatamente sobre tudo aquilo. De certo modo, ainda estava literalmente chocada pelo que acontecera. Decerto parecia estranho que nunca mais fosse vê-lo no almoço na cantina ou do outro

lado do tabuleiro de gamão na Rua Alvarado. De repente teve a inspiração de perguntar:

— Quem foi que o matou?

— Você não sabe? — O rosto de garoto adquiriu uma expressão travessa, e os olhos brilharam.

— Como é que posso saber?

— Achei que você tinha chegado a uma conclusão. Eu cheguei, mesmo antes de Mary me contar.

— É claro que ela não o matou.

— Bem... — Mabel estava se divertindo. — Digamos que ela seja a suspeita lógica. A polícia encontrou três fios de cabelos louros e compridos no paletó de Bill. Nem você, nem eu, temos, pelo menos no momento, cabelos louros e compridos.

— Ela não estava em casa lendo para a mãe e a irmã? — Caroline conhecia em detalhes a versão oficial daquela noite.

— Não. Ela estava na casa dele, no andar de cima, quando fui lá.

Caroline, sem poder virar a cabeça, fixou o olhar de soslaio em Mabel, que estava experimentando um par de cílios postiços de Emma Traxler.

— Como é que você sabe disso?

— Ela me contou.

— Por quê? Você seria a última pessoa a quem eu contaria, nessa situação.

Mabel suspirou.

— Não ficam bem em mim, não é? — comentou, piscando os olhos para seu reflexo no espelho.

— Não — concordou Caroline. — São para uma grã-duquesa idosa no cassino de Monte Carlo, não para a "nossa Mabel".

— No dia seguinte, Mary me telefonou querendo encontrar-se comigo. Eu não a suporto, ela não me suporta e ninguém suporta aquela mãe dela, a bela da Louisiana.

— Por que Mary queria ver você?

Mabel retirou os cílios postiços e voltou-se para encarar Caroline.

— Queria saber se Bill tinha dito alguma coisa sobre o fato de ela estar na casa dele quando ele me fez sair às pressas de lá, me levou até o carro e me deu um livro de Freud, dizendo que era melhor do que o que eu costumava ler, o *Police Gazette*. Respondi a Mary que ele tinha me contado, sim. — O sorriso era travesso. — É claro que ele não tinha me contado. Mas ela caiu direitinho. E me contou o que aconteceu. Depois que fui embora, Charlotte entrou na casa. Antes, estava escondida do lado de fora do bangalô, espionando a filhinha. Você pode imaginar como ela ficou surpresa ao me encontrar nas vizinhanças. Então, quando eu já não estava nas vizinhanças, Charlotte entrou na casa e atirou em

Bill, como vinha ameaçando fazer se ele casasse com a sua galinha dos ovos de ouro, que foi o que Mary lhe disse que ele planejava fazer e que ele, coitado, não tinha a menor intenção de fazer. De qualquer maneira, ela atirou nele na frente da filha, o que faz de Mary, tecnicamente, cúmplice.

— A polícia sabe disso?

Mabel assentiu.

— Os três fios louros foram a prova definitiva, e é por isso que, com todas as histórias correndo a nosso respeito, a única prova real nunca foi dada a imprensa, e nunca será. Charlotte está pagando pessoalmente o promotor. Mary diz que Woolwine insiste em receber em dinheiro vivo.

— Como deve ser horrível ter a mãe... a mãe *viva*... assassina. — A mãe da própria Caroline arquitetara a morte da primeira Sra. Sanford, e Caroline nunca conseguiu livrar-se da sensação de ter herdado um pecado.

— Bem, isso lhes dá bastante assunto, imagino.

Bateram à porta.

— Venha filmar, por favor, Srta. Traxler.

O maquilador e a figurinista entraram no camarim, transformando Caroline, primeiro em Emma, depois na grã-duquesa Olga disfarçada.

— Você está mesmo linda — disse Mabel, parecendo sincera. — Gostaria de poder me vestir assim — acrescentou, fechando as torneiras da pia.

— E eu gostaria de saber representar como você — rebateu Caroline, com absoluta sinceridade.

— Representar? Eu nunca representei na minha vida, que eu saiba. Ajude-me, Em.

Mabel jogou um beijo para Caroline e partiu. Caroline então saiu para o local de filmagem e recebeu uma salva de palmas, puxadas por Tim. A orquestra de cordas tocava Offenbach.

— Dê-me uma máscara qualquer — pediu a grã-duquesa à camareira. — Esta noite sou outra pessoa. Gostaria de saber quem...

Às 6:00h daquela tarde, Caroline sabia exatamente quem era: a Sra. Sanford, do *Washington Tribune*. Ela telefonou para o jornal e falou com o Sr. Trimble, que trabalhava até mais tarde, ao contrário de Blaise, que saía cedo.

— Sra. Sanford... Caroline! — A voz agora era a de um velho. — Ou devo chamá-la de Emma...

— Emma Traxler vai se aposentar no ano que vem, e a Sra. Sanford vai se transformar numa produtora de filmes em tempo integral...

— Volte para o jornal...

— Isto aqui é melhor do que um jornal, depois que eu parar de sair nos jornais...

— Estamos colocando panos quentes, o máximo que podemos. Este lugar aí parece ser uma bagunça...

— Exatamente — concordou Caroline em tom brusco. — É por isso que quero que você escreva um editorial, uma de suas ferozes criações tipo Cotton Mathers, ¹⁶ insistindo que Will Hays se torne nosso supervisor para o bem do país, do mundo. Ele já recusou uma vez, mas acho que pode ser convencido se lhe dissermos que a pessoa que limpar Hollywood poderia muito bem ser eleita Presidente por uma nação agradecida. Você sabe como é.

O Sr. Trimble gastou algum tempo, tossindo no outro lado da linha. Então disse:

— Conheço Hays muito bem. Se ele achar que nós, isto é, que você, Blaise e o *Trib*, iriam apoiá-lo para Presidente, provavelmente aceitaria...

— Diga-lhe que apoiaremos. Diga-lhe que Hearst também. Que eu garanto o apoio de Hearst...

— Pode fazer isso?

— Quem sabe? Mas posso conseguir que Hearst escreva um editorial como o nosso, pedindo a Hays para aceitar.

— Imagino que você saiba que aqui estão começando a surgir problemas para o governo, de modo que é uma boa ocasião para sair do Gabinete. Diga-me, como é essa tal de Mary Miles Minter?

— É uma anã de sessenta anos.

Mexericaram por alguns minutos; depois Caroline instruiu:

— Depois que o editorial sair, por que você não vai procurar o Sr. Hays e lhe conta como isso é importante para nós, e assim por diante?

O Sr. Trimble sabia o que era esperado, dele; os dois se despediram.

Tim entrou no quarto, já vestido para o jantar. Pickfair recebia cedo, porém formalmente.

— Acho que vamos conseguir o Sr. Hays — contou-lhe Caroline.

— Como é ele?

— Um anão de sessenta anos. Não, desculpe. Como ele é? Parece um ratinho e é muito ambicioso. Se nós o ajudarmos politicamente, ele vai nos ajudar a... povoar nossa cidade imaginária. Acho que vai ser fácil.

Tim assentiu, e sorriu. Caroline voltara à vida, como Caroline. Ainda não era hora de parar.

Lenta e dolorosamente Jess sentou-se em sua poltrona costumeira, no saguão do Wardman Park Hotel. A cinta que pressionava o corte ainda não cicatrizado em sua barriga estava apertada, e recendia desagradavelmente a hamamélis. Nos últimos dias ele levava uma hora para vestir-se. Quando perguntara queixosamente ao cirurgião se a cicatriz do apêndice algum dia fecharia, o médico dissera que para um diabético o processo de cicatrização era sempre lento. A única notícia boa no que tinha sido um ano impiedosamente ruim fora o surgimento da insulina, um novo remédio que estava salvando a vida dos diabéticos em toda parte. Pela primeira vez em muitos anos Jess podia comer e beber normalmente.

Jess tinha um exemplar do *Washington Tribune* na mão. No caso pouco provável de avistar alguém com quem não queria falar, o jornal lhe cobriria o rosto, enquanto ele estudava cuidadosamente o mercado de ações. Caso contrário, ele simplesmente observava as pessoas que entravam e saíam. Membros do Congresso e altos funcionários do governo moravam no hotel, e era possível fazer um bom número de negócios inesperados no saguão sombrio com seu tapete espesso e antiquadas poltronas pesadas, e cuspidores colocados confortavelmente por perto.

Um congressista de Ohio parou para cumprimentá-lo.

— Foi por um fio, Jess, por um fio.

— Sente-se.

Jess estava ansioso por notícias da eleição, na qual o Partido Republicano perdera 88 cadeiras na Câmara de Representantes e sete no Senado. O Partido ainda controlava ambas as casas do Congresso, mas todos concordavam que o povo estava insatisfeito e que a reeleição de Harding em 1924 não estava de modo algum assegurada.

— Perdemos Frank Mondell, o melhor líder que já tivemos. E Lodge entrou apertado. — O congressista sacudiu a cabeça tristemente. — São os radicais, Jess. E os progressistas, os loucos como La Follette e Norris. Estão se esforçando para incitar o povo à revolução, exatamente como a Rússia.

Jess concordou que se a eleição tinha demonstrado alguma coisa, era que o elemento radical estava crescendo e que o conservadorismo moderado e sensato de Harding estava sendo rejeitado. Mas o revés teve um efeito energizante na Casa Branca. W. G. prontamente convocara o Congresso para uma sessão extraordinária 15 dias antes de 4 de dezembro, quando se iniciavam os trabalhos normais. W. G. finalmente estava prestes a estalar o chicote.

— Só espero que possamos conter aqueles selvagens. — O congressista passou os dedos pela cabeleira invejavelmente dotada de cabelos grisalhos. — Tem visto Charles Eorbes ultimamente?

O coração de Jess pôs-se a bater um pouco mais depressa, como sempre acontecia quando o assunto eram negócios.

— De vez em quando. Ele anda trabalhando muito, este ano. Charlie Cramer está cuidando do escritório para ele. É, eu o encontro de vez em quando. Bom sujeito. Já sabe?

O congressista assentiu:

— Dizem que Charlie Forbes vai pegar o lugar de Fali no Interior quando Fali sair.

— Certo — fez Jess, e nada mais disse, porque não sabia coisa alguma do assunto, e alguém em sua situação, braço direito do braço direito do Presidente, deveria saber de tudo.

— Então Forbes vai para o Interior?

— Bem... — fez Jess, esforçando-se para parecer dissimulado. — É, Fali vai voltar para casa. Está em má forma física e os dois filhos morreram, sabia?

— Bem, acho que Charlie Forbes seria uma pessoa muito dinâmica nesse posto. Sim, senhor. — O congressista deu uma risadinha. — Um amigo meu vendeu à Seção de Veteranos setenta mil galões de uma cera de assoalho que custava quatro centavos o galão, e eles pagaram quase um dólar por galão.

— Setenta mil galões é muita cera — comentou Jess, enfiando a mão dentro do colete e puxando o lado direito da cinta, que estava começando a enrolar-se.

— Cera suficiente para cem anos naqueles hospitais.

Jess fez ruídos amáveis, e o congressista seguiu seu caminho.

Jess conseguira fazer alguns negócios com Forbes, mas não muitos, porque Daugherty detestava profundamente o outro. Sempre havia uma certa quantidade de dinheiro solto num departamento como a Seção de Veteranos, e Forbes estava adquirindo a reputação de ser descuidado quando se tratava de contratar fornecimentos para os novos hospitais. Daugherty assegurava que Forbes era um vigarista completo, ao passo que o Presidente acreditava que ele era, na pior das hipóteses, apressado demais e ansioso demais em criar fama na burocracia para poder subir os degraus até o próprio Gabinete. Jess fazia questão de nunca fornecer voluntariamente qualquer informação a Daugherty a respeito de dinheiro. De modo geral o procurador não era pessoa de fuçar os negócios alheios. Já tinha coisas demais com que se preocupar. Apesar das queixas que W. G. fazia da Presidência, ele estava ansioso para ser novamente indicado e, eleito, e cabia a Daugherty garantir que nada saíria errado. Nesse ínterim, Lucie Daugherty estava no John Hopkins Hospital e o filho alcoólatra, Draper, estava prestes a ser internado, ao passo que o próprio Daugherty via-se obrigado a refutar 14 pedidos de impedimento, obra de um congressista fanático que julgava o procurador-geral brando demais, lento demais em levar os trustes à justiça. Como todos sabiam que o trabalhismo organizado estava por trás das tentativas de impedimento, o Congresso resolveu ignorar todo o assunto. Mas Daugherty estava fisicamente exausto, e Jess não ia aumentar sua carga, se

pudesse evitar; muito pelo contrário.

Durante a hora seguinte, Jess fez inúmeros negócios do tipo que ele arquivava na mente como "conselhos": a quem procurar sobre qual assunto. Então ergueu-se com muito cuidado, por causa da cicatriz aberta sob a cinta, que podia, com sorte, estar fechando. O porteiro do Wardman Park ajudou-o a entrar num táxi, como se ele fosse feito de vidro.

— Para a Casa Branca — Jess ordenou ao motorista: uma ordem que nunca se cansava de dar.

A Duquesa encontrava-se em sua cadeira de rodas; a seu lado estava o minúsculo Doe Sawyer, em seu uniforme de médico do exército. Ambos pareciam um tanto desamparados na ampla sala de estar oval com o fogo luzindo na lareira.

— Bem, Jess, quando a gente fica doente, você some. — A voz alta e anasalada era vigorosa como sempre. — Não pense que não sei.

— Ora, Duquesa, a senhora sabe que vim todos os dias em agosto, não foi, doutor?

— Bem, eu estava em coma, de modo que não me adiantou muito, não é? Evalyn acabou de sair. Trouxe isto para mim. — A Duquesa ergueu uma touca de dormir de renda, cortada no formato de uma coroa. — O doutor diz que vou estar de pé no Natal, mas não vejo como. Estou tão fraca, pareço um farrapo, e além disso estou ficando cheia de edemas. — Com mórbida alegria a Duquesa entou sua lista de sintomas. Mas, como dizia Daugherty, ela tinha adquirido o direito de enfadar a todos com suas doenças, porque em agosto quase morrera quando seu rim restante», se infeccionara. Embora o Dr. Sawyer fosse apenas um clínico homeopata, tinha conseguido, de algum modo, salvar a vida dela novamente. Ou era um médico melhor do que as pessoas imaginavam, ou Florence Kling Harding era dura na queda.

Uma vez terminada a troca de doenças — a Duquesa interessava-se morbidamente pelo corte aberto de Jess —, ela lhe deu meia dúzia de páginas de um bloco de anotações da Casa Branca, cobertas com sua melhor caligrafia.

— Presentes de Natal. Você é a única pessoa que sabe comprar coisas baratas que não parecem baratas. Temos que economizar, você sabe. O mercado de ações... — suspirou ela. Jess sabia exatamente quanto W. G. tinha perdido. — Talvez tenhamos que vender o *Star*.

— Será que ele faria isto? — Jess perguntou.

Harding sem o *Marion Star* simplesmente não era Harding. Mas se pretendia ser Presidente por mais seis anos, acabaria velho demais para dirigir um jornal.

— Tivemos uma boa oferta. De qualquer maneira, veja o que pode fazer sobre esses presentes.

Brooks, o criado do Presidente, apareceu à porta.

— Certo, estou pronta — disse a Duquesa. — Estou exausta. Jess, recebi um telefonema de Madame Mareia. Adivinhe o que ela disse.

— Não faço ideia — disse Jess, sacudindo a cabeça.

— Bem, ela sabia da gripe, mas podia ter lido nos jornais, não podia? De qualquer maneira, o que queria falar comigo era sobre a oposição da Lua ao Sol, e a Saturno, que é muito séria. Porque significa que Warren não pode depender dos amigos. Ela disse que ele deve suspeitar daqueles em quem deveria confiar, e confiar naqueles de quem geralmente suspeita.

— Isto é vago, Duquesa.

— Hã — fez ela, enquanto Brooks começava a empurrar a cadeira de rodas.

— Quer que eu vá também? — perguntou o médico.

A Duquesa sacudiu a cabeça, enquanto Brooks empurrava a cadeira para o corredor.

— 7 Posso me arranjar — ela declarou, colocando a coroa de renda.

Jess chegou para a ponta da cadeira, preparando-se para partir. De repente o médico sentou-se diante dele.

— Quero falar com você, Jess — disse. A voz do homenzinho era fria, e seu olhar deixava Jess nervoso.

— Claro. Quequá? — Jess perguntou automaticamente.

— Charles Forbes é um vigarista. Que é que você sabe disso?

Alguma coisa estava mesmo muito errada se duas vezes no mesmo dia duas pessoas tão diferentes quanto um congressista de Ohio e o Dr. Sawyer acusavam o Bobo da Corte, como a imprensa chamava Charlie.

— Bem, doutor, não estou sabendo disso. Houve aquela confusão no mês passado a respeito de Perryville, em Maryland, mas isso já terminou. Não é?

— Não. — O médico encarou Jess fixamente. — Sou médico militar; trabalho para todo o exército, inclusive os veteranos. Charlie anda vendendo tudo que não está pregado no chão; compra do governo por centavos, e vende por muitos dólares.

Jess agora sentia-se definitivamente mal. O corte em seu lado direito queimava; de repente ele visualizou um "bezerro sendo marcado.

— Pensei que o Presidente tinha impedido as vendas e que Charlie tinha explicado tudo e agora estaria tudo bem, e que a única coisa que andassem vendendo seria entulho velho.

— Você tem negócios com Charlie?

Essa era a questão. O rosto de Jess ficou quente; a boca, seca. Ele ansiou por um copo d'água, um litro de água gelada.

— Doutor, sabe que Daugherty não se dá bem com Charlie, e eu também não. Ah, ele vai à Rua K jogar pôquer e beber uísque, assim como o senhor faz, mas só isso.

— Vou lá para jogar e beber uísque. É verdade. Mas alguns dos outros não, certo?

— Não sei de que está falando. — O medo de Jess estava virando raiva.

— Talvez não. Mais cedo ou mais tarde vou ter que denunciar Charlie Forbes.

— Faça isso. — Jess sabia que o médico não faria coisa alguma sem a aprovação do Presidente.

— Apenas quero ter certeza de que só Forbes está envolvido.

O médico tornou a fixar os olhos em Jess, que desviou os seus. Nesse momento só conseguia pensar em beber água.

— Se Charlie realmente está tramando alguma coisa, não pode estar agindo sozinho. Pode?

— Bem, eu estava excluindo os amigos dele, como Charlie Cramer — disse o médico. — Só espero que ninguém mais da casa da Rua K esteja envolvido, como Mannington.

— Não estão. — Jess tinha certeza quase absoluta de que o que afirmava era verdadeiro.

— Ótimo.

— O senhor sabe: se realmente vai fazer a denúncia, procure o general.

— Daugherty?

Jess assentiu.

— Ele vai ficar feliz em colocar Charlie Forbes na cadeia. Acontece que o Presidente não vai gostar, principalmente agora que vai concorrer à reeleição.

— Ele não vai concorrer — afirmou o médico em tom desolado.

— Vai concorrer, sim.

— Ele pensa que vai. Mas dentro de dois anos não estará mais aqui.

Quando a cinta dobrou-se ao meio de repente, Jess sentiu uma faca quente apunhalando-o.

— Não estou entendendo — declarou.

— O coração dele está piorando rapidamente.

— Como é que sabe? Não é o médico dele...

— É por isso que posso revelar. Ele está perdendo impulso, como um relógio velho. Vejo isso no rosto dele, nos olhos, na dificuldade de respirar quando ele se deita, a não ser que Brooks coloque vários travesseiros dehaixo dele.

— Não pode fazer alguma coisa?

O Dr. Sawyer sacudiu a cabeça.

— Há certas coisas sobre as quais nada se pode fazer a não ser ficar por perto, observar e rezar.

QUATORZE

1

James Burden Day descansou os pés na grade de bronze e ficou a contemplar os carvões em brasa na lareira. Fevereiro era um mês no mínimo melancólico, que um senador só conseguia suportar porque sabia que o Congresso entraria em recesso dentro de poucas semanas, e as reuniões das comissões terminariam — podia ser, naturalmente, que não terminassem. No momento, quem não adoecera de gripe, adoecera simplesmente de tanto inverno e tanta política, ao passo que o próprio "país nunca estivera tão perturbado. Por enquanto a crise econômica tinha terminado, mas a normalidade de Harding ainda era um sonho. Em toda parte os trabalhadores estavam em greve ou ameaçando entrar em greve, e na sala de descanso do Senado havia longas conversas ociosas a respeito das vantagens e desvantagens da revolução, da ditadura, do caos. Enquanto isso, o Presidente convalescia da gripe, e Burden tinha sido chamado.

Na poltrona a seu lado, Cabot Lodge perguntou:

— Qual é o assunto desse seu encontro? Não quero ser indiscreto, é claro.

Ultimamente o fantasmagórico ancião dera para visitar Burden. Estava simplesmente solitário no prédio frio e ventoso do Senado. Embora fosse líder da maioria no Senado, Lodge inclinava-se agora a delegar poderes a outros. Com a morte da esposa adorada e do filho Bay, provavelmente mais adorado ainda, Lodge não tinha a quem amar; e, o que era ainda pior para alguém do seu temperamento, não tinha a quem odiar. O Presidente não apenas era um companheiro republicano, mas também absolutamente impossível de se odiar. Por uma razão qualquer, Lodge sempre tivera simpatia por Burden, mesmo sendo Burden agora, senão no título, pelo menos na prática, o líder da minoria democrata. Caroline era uma ligação, naturalmente;

e havia sempre a corte de Henry Adams, agora tão dispersa quanto a do rei Arthur.

— O assunto será você — disse Burden, sorrindo para Lodge, que permitiu que sua barba branca estremecesse em resposta.

— O Tribunal Internacional?

Burden assentiu.

— Harding quer que entremos...

— É Hughes quem quer, e Harding faz o que ele manda. Hughes é advogado. Odeio advogados. Nenhum advogado consegue resistir a um tribunal, seja qual for. Já observou?

— Depende do foro.

— Exatamente. Bem, isso está amarrado à Liga das Nações, de modo que nós nunca...

— Nunca! Nunca!

— Nunca — sussurrou Lodge com certa satisfação — poderemos entrar!

O rosto pálido e marmóreo enrubescou ligeiramente. Qualquer coisa ligada à Liga das Nações deixava-o de bom humor. — A Comissão de Relações Exteriores está dividida: oito contra oito. Como presidente da comissão, naturalmente vou querer mais tempo para estudar o assunto. De qualquer maneira, logo entraremos em recesso, e não há pressa. Dizem que Hughes está de cama com a gripe.

A Srta. Harcourt entrou com as anotações de Burden sobre o Tribunal Internacional.

— A Sra. Sanford telefonou — informou. — Disse que não era importante. Mas se o senhor tiver um tempinho...

— Ela está na casa dos Loureiros?

— Desculpe-me, senador, eu devia ter explicado melhor. Trata-se da Sra. John Apgar Sanford. Ela está de volta a Georgetown.

Fossem quais fossem as suspeitas da Srta. Harcourt, ela jamais as demonstrava.

— Caroline voltou para casa — disse Lodge, sorrindo diante dessa perspectiva.

— É o que parece. Preciso pedir a Kitty que ligue para ela.

— Que coisa curiosa para uma pessoa se tornar: estrela de cinema! — Lodge sacudiu a cabeça, perplexo. — Ela nunca pareceu ser do tipo que gosta de... se fantasiar. Mas ela foi educada na França, e isso explica muita coisa. — Lodge estava melancólico. O brilhante filho perdido, Bay Lodge, morava no exterior, na França. — Sinto falta de Henry para viajar comigo, por mais horrível que ele pudesse ser, e era muito mesmo.

— Nós somos tão... tão... — Burden não tinha certeza da palavra que combinaria com seu próprio mau humor. Fez uma escolha: — Mediócras, hoje

em dia! Não ser você, é claro.

— E você, Burden. Vai ser Presidente um dia desses, se bem que isso não seja grande coisa.

Burden assentiu:

— Não é mesmo. Neste mundo moderno, parece que nós não temos importância.

Burden percebeu que estava falando como um homem muito velho — muito velho e realmente no fim; mas Burden não era velho, não estava no fim. Nunca duvidara que um dia seria Presidente. Mas esse dia tornara-se gelado e remoto, cada vez menos familiar, e seu lugar dentro dele perdera a importância.

— Os políticos só têm importância quando há uma guerra. Essa observação não é original, mas não deixa de ser verdadeira. A guerra criou Lincoln, Roosevelt, Wilson. — Lodge franziu a testa à lembrança de seu antigo inimigo, que agora vivia como um rei exilado, ferido, na Rua S. Mudou de assunto. — Harding acha que vocês, democratas, vão lhe dar o Tribunal Internacional.

— Imagino que sim. — Burden foi cauteloso. Eram agora adversários políticos. — Você vai entregar-lhe o relatório da sua comissão muito em breve, não é?

— Por que tanta pressa?

— Porque o 67º Congresso encerra-se no domingo, 13 de março.

— Mas quando Hughes responder será a outro Congresso, em outra época. Diga a Harding que estamos com ele, é claro. Queremos um tribunal. Acontece que não queremos esse tribunal em particular, com todas essas ligações com a Liga.

Burden assentiu. Seria novamente a batalha da Liga das Nações. Para surpresa de todos, Harding estava ameaçando entregar a questão para o país decidir. Imperceptivelmente, o senador amável e pacífico transformara-se num Presidente inflexível, ciumentíssimo de seus poderes.

Juntos, Burden e Lodge atravessaram o saguão de teto alto do prédio do Senado. Sendo fevereiro um mês de dias escuros, luzes soturnas estavam acesas, enfatizando a penumbra. Estacaram diante do escritório de Lodge.

— Tem alguma notícia de Fali? — perguntou o ancião.

— Nenhuma. Ele voltou para o Novo México, não foi?

— Andou arrendando as reservas petrolíferas da Marinha para todo mundo, praticamente.

— Era o trabalho dele.

— Sim. É claro. — Lodge entrou em sua sala.

Ainda enfraquecido pela gripe, o Presidente não estava na ala oeste da Casa Branca. Burden foi informado de que poderia encontrá-lo na sala de estar do andar superior. Um funcionário ofereceu-se para acompanhá-lo, mas Burden

afirmou que conhecia muito bem o caminho. *En route*, reconheceu vários funcionários do Serviço Secreto e foi cumprimentado pelo secretário do Presidente, George Christian, que vinha da parte residencial.

— O Presidente está lá em cima — informou.

Quando entrou no saguão principal da Casa Branca, Burden espantou-se com o vazio. Aquilo lembrou-lhe o último ano de Wilson. O fato era que os turistas raramente apareciam nos dias frios de fevereiro, ao passo que os negócios do governo eram levados a cabo na ala oeste.

Enquanto se dirigia ao elevador, Burden ouviu uma voz alta e furiosa, vinda do Salão Vermelho. Simultaneamente, duas senhoras estavam sendo recebidas pelo chefe da portaria na entrada principal. Burden ficou preocupado: elas não deveriam ouvir o que quer que estivesse acontecendo.

Dirigiu-se rapidamente para o Salão Vermelho, onde encontrou o Presidente dos Estados Unidos sacudindo o diretor da Seção de Veteranos pelo pescoço.

— Seu traidor maldito, filho da puta! — vociferava.

Com um último empurrão, Harding, de rosto escarlate, jogou Forbes de encontro à parede forrada de damasco vermelho. Os óculos de Forbes caíram no chão. Os cabelos ruivos estavam despenteados.

— Sr. Presidente... — fez Burden.

Harding olhou para ele às cegas, por um instante, completamente desorientado. Então recuperou-se, voltando à sua postura digna, presidencial.

— Senador Day! — exclamou. — Ah, sim. Temos um compromisso. Vamos para a outra sala.

Nenhum dos dois tomou conhecimento do pálido Charlie Forbes.

No Salão Azul, Harding sentou-se de costas para a janela. Respirava com grande dificuldade.

— Suponho que o senhor queira saber como será a votação do projeto do Tribunal — fez Burden com formalidade.

— É, sim. — Harding respirou fundo, entrecortadamente. — Situação estranha, quando um Presidente republicano tem que confiar nos democratas para que seu programa seja aprovado pelo Senado. — Tentou sorrir, não conseguiu. — Neste trabalho, não é com os inimigos que temos que nos preocupar; é com os amigos. — A referência a Forbes era clara.

Enquanto Burden analisava formalmente o estado de espírito do Senado, perguntava-se o que teria saído errado. Todos sabiam que o Bobo da Corte gastava dinheiro a rodo. Todos imaginavam que ele sem dúvida recebia "presentes" de empreiteiros e fornecedores, um costume venerável por parte dos funcionários do governo que distribuíam contratos. Mas a ideia de que poderia haver corrupção séria não ocorrera a Burden, embora dois de seus colegas senadores, Wadsworth e Reed, tivessem certeza de que algo estava errado.

Burden atribuirá suas suspeitas a um simples zelo partidário.

— Vou fazer uma viagem pelo norte em maio ou junho, terminando no Alasca. Sei que vai parecer que estou em campanha pela reeleição, mas na verdade não estou. Só quero deixar bem claro meus problemas com o Senado.

Burden lembrou-se de Wilson. Como esses presidentes eram extraordinários a seus próprios olhos! Até mesmo o modesto Harding sucumbira ao brilho hipnótico da coroa, e passara a acreditar que, simplesmente exibindo-se para o povo, seus inimigos seriam destruídos.

— Bem, é sempre bom afastar-se de Washington.

— Também acho. — Harding ofereceu um charuto a Burden, que recusou. Harding então tentou acender um, mas suas mãos tremiam e ele não conseguiu. Burden acendeu-o para ele. — A gripe nunca passa realmente, não é? — Soltou uma nuvem de fumaça, como se quisesse desaparecer dentro dela.

— Passa, sim. Mas demora. No meu caso, levei um ano para me sentir bem outra vez.

— É. — A fumaça se dissipou. A pele morena de Harding tinha agora um tom amarelado. Pressão alta, concluiu Burden; causada por excesso de peso. Como se estivesse lendo os pensamentos dele, Harding continuou: — Este ano vou começar uma dieta rigorosa. Nada de uísque, poucos charutos, mais exercícios, embora não tenha mais o pique que costumava ter.

— Isso vai voltar — assegurou Burden.

Era estranho pensar que ele, James Burden Day, era bem capaz de ser indicado como candidato democrata à Presidência em 1924, concorrendo com esse homem simpático. Se os tempos estivessem prósperos, Harding ganharia. Se não, Burden estaria instalado nesse lugar demasiado familiar.

— Vou chamar essa viagem de "viagem de entendimento" — começou Harding; depois interrompeu-se. Em seguida continuou: — Gostaria que você não comentasse o que aconteceu aqui.

— Se me pedir, não comentarei. Mas acho que o senhor deveria contar-me tudo, porque, se se trata de negócios públicos, vou ficar sabendo de qualquer maneira.

Harding descansou a face na mão direita. Fechou os olhos.

— É o caso de Berryville, em Maryland. Charlie me disse que estava tudo certo e eu acreditei. Mas o procurador-geral não acreditou. Acabou de encerrar uma investigação. Charlie vai pedir demissão.

— Isso significa que o Senado vai investigar,

— Imagino que vou ter que fazer isso. Quero dizer — a tentativa de sorriso de Harding foi triste —, vocês vão ter que fazer isso. De vez em quando acho que ainda estou lá no monte do Capitólio e não aqui, no fundo desse maldito, poço. Que época para isso acontecer! — Harding sacudiu a cabeça. — Dajgherty está prestes a ter um colapso nervoso com todos os seus problemas,

e eu mesmo estou um pouco deprimido...

— Bem, há uma coisa boa: daqui a poucas semanas o Congresso entra em recesso. Não vai poder haver grandes investigações antes de outubro, novembro.

— Pensei que conhecesse Charlie Forbes tão bem quanto conheço qualquer pessoa, e aí...

Mas Harding não pretendia contar a Burden o que Forbes tinha feito, nem Burden perguntaria. O Executivo e o Legislativo, para não falar em republicanos e democratas, precisavam manter distância numa época como essa. Burden duvidava de que Forbes pudesse ter conseguido roubar muito num emprego tão visado. Os subornos eram cotidianos no governo, e havia limites traçados para o que uma autoridade podia exigir. Durante a guerra, Burden recebera numerosas ofertas de suborno por parte de empreiteiros navais e recusara todas, com o argumento de que não apenas era uma coisa errada mas também, se descoberta, sua carreira terminaria. Por outro lado, não censurava os outros. O que os outros escolhiam fazer era problema deles, não seu. De modo geral, os grandes jogadores políticos mantinham-se razoavelmente limpos. Harding era honesto, pelo que Burden sabia, e Burden sabia muita coisa: o Senado era um clube relativamente pequeno, e quem ganhava dinheiro de quem era algo conhecido geralmente, senão precisamente. Antes de 1917, pensou-se que Borah, o incorruptível, tinha exigido dinheiro de um certo George Sylvester Viereck, encarregado dos pagamentos em nome do kaiser. Culto e simpático, Viereck tentara encantar Burden, que se esquivara.

Mas as fronteiras eram vagas, e quando se tratava de contribuições para campanhas havia um caos moral. Em 1904, Theodore Roosevelt saíra mendigando a todos os magnatas do país. "Nós o compramos, mas ele não permaneceu comprado", dizia-se que Frick comentara mais tarde. Na verdade, Roosevelt fora suficientemente honrado para compensar o dinheiro gasto. Essa era a regra do jogo, e desobedecer era arriscar-se. Os políticos de Ohio inclinavam-se às ninharias, como Jess Smith, ajudando contrabandistas de bebidas, ou, como Mark Hanna, eram enormes operadores nacionais, vendendo seus presidentes como se fossem petróleo. De todos, Harding era, talvez, o mais honesto, ao passo que o muito difamado Daugherty parecia estar acima da tentação, exceto quando se tratava de levantar dinheiro para Harding; então ele se igualava a Hanna.

— Bem, ainda temos Charlie Cramer na Seção. — Harding esmagou o charuto no cinzeiro. — Ele vai acertar tudo depois que Forbes sair. Burden, eu ficaria muito grato se você não dissesse coisa alguma sobre a demissão de Forbes até que ele realmente faça isso, na próxima semana ou na outra.

— Não direi.

— Ótimo. — Harding sorriu; seu rosto voltara à cor normal. — Dizem que talvez eu concorra contra você em 1924.

Burden riu.

— Ouço isto a cada quatro anos, mas sempre arranjam outra pessoa.

— Pessoalmente, egoisticamente, espero que façam isso de novo. Ia ser difícil derrotar você.

Burden entregou ao Presidente uma pasta contendo suas opiniões sobre o Tribunal Internacional, e partiu.

Burden entrou pela porta lateral da casa dos Sanford na Avenida Massachusetts, agora à venda. Sempre que Blaise ou Frederika desejavam passar a noite na cidade, usavam a parte superior da casa; o resto estava vazio, escuro, frio.

Frederika usava um negligê.

— Entre. Feche a porta. A casa está gelada.

Ela tremia, embora a sala estivesse quente como uma estufa, com um grande fogo aceso na lareira e flores por toda parte: ela gostava que soubessem que levava sua jardinagem a sério. Na realidade, não sabia distinguir uma flor de outra, e preferia florzinhas singelas a crisântemos. As estufas da casa dos Loureiros eram bem cuidadas por jardineiros profissionais, e Frederika nunca chegava perto delas.

Burden sentou-se junto ao fogo enquanto Frederika fazia um coquetel contendo gim. Desde a Proibição, as pessoas se sentiam obrigadas a beber ainda mais que antes. Felizmente nenhum dos era era viciado, ao contrário de metade do Senado — e suas esposas.

— Harding parou de beber.

— Coitado.

— Ele deve isso à Constituição...

— À dele?

— À nossa. Ambas, acredito.

— Esteve com Caroline?

Burden sacudiu a cabeça. A nova amante gostava bastante da antiga amante, que não criava o menor problema. Então, de repente, a porta da sala abriu-se de supetão e ali estava Caroline em pessoa, com Blaise logo atrás.

O susto inicial de Burden transformou-se inesperadamente em humor. Ali estavam os quatro, como uma complicada equação que, com o tempo, ficava enviando novas respostas ou, mais precisamente, novos dados, já que não havia respostas na vida.

— Finalmente você nos pegou — observou Frederika em tom tranquilo.

Beijou Caroline e deu um tapinha no rosto de Blaise. Burden sempre imaginara que Blaise sabia de tudo; agora perguntava-se se podia ser que Blaise não soubesse, porque — triste pensamento! — ele não se importava.

— Bastante aconchegante — comentou ele em tom neutro, sentando-se perto da lareira. — Não tinha ideia de que você estava dando uma festa — disse

a Frederika.

— E eu não estava mesmo. Até vocês dois virem fazer uma. Burden estava me contando tudo sobre o Sr. Forbes e a Seção dos Veteranos...

— Estou em casa — disse Caroline, sorrindo carinhosamente para Burden. — Onde eu moro, você estaria falando sobre quanto

Robin Hood realmente lucrou na semana passada no Capitol... o da Broadway, não o nosso.

— Como é realmente Douglas Fairbanks? — perguntou Frederika.

— Muito atlético.

— Dá para ver isso na tela. Mas... em pessoa?

— Não existe pessoa em pessoa — retrucou Caroline.

Ela parecia alguém que Burden nunca conheceria realmente a não ser na tela. Conseguira simplificar seu rosto até torná-lo apenas um conjunto de feições perfeitas, em estreita harmonia umas com as outras. Kitty tinha certeza de que ela recorrera à cirurgia, mas Burden achava que não. A câmera queimara todas as imperfeições, e a fama fizera o resto.

— Quanto tempo vai ficar? — Q tom de Burden era casual.

— O que for necessário. Preciso esperar que o escândalo passe.

— Como eu a invejo! — Frederika estava sendo inteiramente sincera. — Gostaria de ver meu retrato nos tablóides. Frederika Sanford...

— O nosso nome de cinema é Traxler — interpôs Blaise, olhando pensativamente para Burden, que enrubescceu.

— Está certo. Frederika Traxler, *femme fatale*, a pérola da Transilvânia...

— Alsácia-Lorena, minha cara. — O sorriso de Caroline era deslumbrante.

— Seja o que for. Você foi mesmo a última pessoa a ver aquele diretor?

— A antepenúltima. Pelo menos. — O sorriso de Caroline começou a desvanecer-se, exatamente como nos filmes.

— Quem foi que o matou? — perguntou Burden, voltando-se para ela.

— Dizem que foi Eddie Sands. O empregado. De qualquer maneira, não é o tipo de caso que queiram solucionar. Nós o atribuímos à Maldição da Califórnia.

— O roupão cor-de-rosa de Mary Intiles Minter no armário dele! — Frederika estremeceu de prazer. — Mabel Normand no meio da noite...

— Pouco antes das oito da noite — corrigiu Caroline.

— Achei-o encantador, aquela noite no Coconut Grove. Mas não tinha ideia de que ele fosse tão... sibirita?

— E era mesmo? — quis saber Blaise.

— Não vi sinal disso. — Caroline parou de sorrir e, não sorrindo, começou a parecer uma versão mais jovem de si mesma. — Ele era mais... paternal com as damas do cinema. Era sempre o melhor dos amigos. De qualquer maneira,

meu novo amigo Will Hays está limpando Hollywood, e eu vou ajudá-lo.

Burden perguntou-se como poderia explicar, primeiro, sua partida imediata do "seio da família Sanford, e, segundo, sua presença no quarto de Frederika.

— Estamos tendo mais escândalos aqui do que em Hollywood... — começou.

— Mas b nosso elenco é tão feio... — disse Frederika.

Frederika pôs-se a pentear os cabelos. Caroline observava-a com olho profissional. Blaise tocou a campainha chamando a criada de Frederika, a única empregada na casa.

— O Sr. Harding é muito bonito — retrucou Caroline.

Ela contemplou-se ao espelho de Frederika e viu Burden. Ele ergueu uma sobrancelha — um cumprimento?

— Acho que ele não está envolvido, coitado. — Blaise voltou-se para Burden. — Que é que você acha?

— Harding é honesto. Mas conseguiu cercar-se de todos aqueles vigaristazinhos jogadores de pôquer. Como Charlie Forbes.

Depois do encontro de Forbes com o Presidente, ele fugira para a Europa, de onde pedira demissão, no dia 15 de fevereiro. Como Burden previra, pouco antes do recesso o Senado instaurou uma investigação sobre a Seção de Veteranos. Então o Congresso foi para casa, e os Harding e os McLean foram juntos para a Flórida.

— Forbes não é um vigaristazinho. Ouviu a notícia sobre Cramer, não ouviu?

No momento, a Seção de Veteranos estava sendo administrada pelo conselheiro-geral, Charles F. Cramer.

— Ele também está envolvido? — Burden perguntou.

Blaise assentiu:

— E muito, eu diria. Ou estava. Ontem à noite ele deu um tiro na cabeça, na antiga casa de Harding.

— Cramer está morto? — Burden ficou atônito. Em sua experiência, a política jamais enveredara pelo crime escancarado, pela morte dissimulada.

— Está, sim. Dizem que deixou duas cartas, mas elas desapareceram.

— Ela era encantadora — disse Frederika. — A Sra. Cramer. Como era o nome dela?

Ninguém respondeu. Então Burden disse o que todos estavam pensando.

— Supunha-se que Cramer não estava envolvido nas vigarices de Forbes.

— Ele devia estar sabendo — disse Blaise, enfático. — E, se soubesse, deveria ter denunciado publicamente. Afinal, ele é advogado. Ou era. De qualquer maneira, segundo o meu repórter, que esteve ria casa, havia sobre a mesa dele um recorte sobre a investigação do Senado.

— Ele ia ter que testemunhar... — começou Burden.

Ele se intrompeu, subitamente cômico da possibilidade de um escândalo tão grande que derrubaria o governo. Caroline completou o pensamento dele.

— Mas se alguém não quisesse que ele testemunhasse, poderia matá-lo e fazer parecer suicídio.

— Ou um filme — disse Frederika. — Acho que o nome dela é Nonie.

— Eu tenho vivido num assassinato de cinema — declarou Caroline em tom veemente. — E podem ficar sabendo que não é agradável.

— Onde está Daugherty? — Burden perguntou a Blaise.

— Em algum lugar da Flórida. Está doente.

A empregada entrou com uísque para o dono da casa. Burden usou a chegada dela como pretexto para a sua partida, e despediu-se carinhosamente de seus três amantes.

2

Geralmente maio era a época favorita de Jess em Deer Creek, mas nada lhe agradava agora, pois nada que ele fizesse agradaria Daugherty outra vez. Na maior parte do tempo os dois ficavam sentados em suas cadeiras de balanço, olhos postos nos bosques em plena folhagem. Em silêncio tinham comido as almôndegas que Jess cozinhara. Agora Daugherty bocejava, pronto para seu cochilo da tarde. Ele levava três meses para recuperar-se da gripe. Depois da Flórida, fora sozinho para a Carolina do Norte; depois voltara para Washington

Court House e para o barracão em Deer Creek que os dois tinham usado durante anos para se esconderem do mundo. Mas era impossível esconder-se do mundo quando se era procurador-geral.

— Talvez fosse melhor você continuar aqui — disse Daugherty de repente.

— Aqui? No barracão?

— Não. Em Washington Court House. A outra Washington agora só vai trazer problemas para você. Para mim também.

Daugherty pôs-se a balançar-se mais depressa na cadeira. Jess esperou que o outro lhe contasse qual o tipo de problema, mas Daugherty ficou em silêncio.

— Bem, houve aquela história do Charlie Forbes e o Cramer, mas isso já

acabou. Que mais está acontecendo? — perguntou Jess.

Daugherty grunhiu e pôs-se a balançar-se mais devagar.

— Fali — disse.

Durante um ano os conservacionistas vinham atacando Fali por sua indiferença em relação à natureza, um traço bastante simpático aos olhos de Jess. Então La Follette entrara em cena e pedira ao Senado uma investigação de todas as concessões de petróleo dadas pelo Departamento do Interior. O senador Walsh de Montana recebeu a tarefa de descobrir por que as terras da Marinha tinham sido entregues ao Interior, e em qual princípio Fali se baseara para arrendar as terras a exploradores particulares. Nada de interessante viera à luz. O secretário da Marinha não queria preocupar-se com as grandes reservas petrolíferas que tinham sido estabelecidas na iminência, embora longínqua, de uma guerra com o Japão. O secretário do Interior tinha pedido então para encarregar-se delas, e o Presidente concordara. Tudo isso fora feito às claras. Edward Doheny ficara com a concessão da Reserva Naval Número Um e Elk Hills, na Califórnia, e Harry Sinclair com a Reserva Naval Número Três em Teapot Dome, no Wyoming. Tudo isso tinha sido executado corretamente, ao que parecia. No entanto, a investigação do Senado a respeito de Fali de veria prosseguir quando o Congresso voltasse a reunir-se em outubro, simultaneamente à investigação da Seção de Veteranos.

— Que foi que Fali fez?

— Quem sabe? O que nos importa é o que Walsh pensa que ele fez.

— Como, por exemplo, aceitar uma... uma comissão de Doheny?

— Um suborno. Claro. E de Sinclair também. Agora mesmo aquele maldito idiota está viajando com Sinclair. Pedi para ele não fazer isso, mas ele acha que é Deus na terra, de modo que ele e Harry Sinclair estão juntos procurando petróleo na Rússia.

— Sócios?

— E há quanto tempo os senhores são sócios? — A voz de Daugherty assumiu um tom alto e inquisidor. — Ah, vai ser um inferno. Para o Presidente. Graças a Deus ele vai sair da cidade. Precisa de um descanso. Eu também. — Daugherty pôs-se de pé e bocejou. — Vou tirar meu cochilo.

— Certo, general. Eu tomarei conta do forte.

Daugherty entrou, e Jess ficou a balançar-se, sentindo o movimento acalmá-lo. A cinta incomodava-o menos agora que à cicatriz começava a fechar-se, mas ultimamente ele vinha tendo estranhas tonturas e momentos de confusão quando estava acordado, e sonhos horríveis quando não estava. O médico não ajudara, ao assegurar-lhe que isso era perfeitamente normal num diabético e que ele nada tinha a temer, contanto que se lembrasse de tomar suas injeções de insulina.

Apesar de três meses de convalescença, Daugherty ainda não estava

inteiramente bem. Estava irritável com Jess, algo que nunca fora antes. Para Jess, Daugherty sempre tinha sido o irmão mais velho ideal, sábio, divertido e generoso. Em vinte anos, nunca tinham trocado palavras ásperas. Jess teria cometido assassinato por Daugherty; teria entrado no armário de vassouras sem uma lanterna, se Daugherty lhe pedisse. Como a lembrança daquele armário fazia seu pulso disparar, ele obrigou-se a pensar em algo agradável, como a viagem ao Alasca. A maior parte do Gabinete estaria no trem com o Presidente, e eles fariam paradas demoradas em todo o país, de modo que W. G. pudesse deitar falação e recuperar as forças, renovado pelas multidões que o amavam mesmo se o Senado não o amasse. Jess estaria com o Presidente nos jogos de bridge.

— Jess!

Jess abriu os olhos, assustado. Adormecera na cadeira de balanço. Parado diante dele estava um membro da turma do tribunal de Columbus. Antigo partidário de Harding, ele só aparecia quando queria alguma coisa.

— Quequiiá? — fez Jess.

— Há que eu tenho que falar com o general. Ele está aqui, não está?

Jess assentiu.

— Mas está tirando um cochilo depois do almoço. Volte mais tarde.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não posso. Tenho negócios em Marion. Só quero dar duas palavrinhas com ele.

Finalmente, com relutância, Jess concordou. Entrou no barracão e subiu os degraus carcomidos até o quarto de Daugherty. Ficou um instante escutando os roncos, depois chamou:

— General, um amigo seu veio visitá-lo.

Daugherty levantou-se com um palavrão.

— Merda! — repetiu, enquanto saía do quarto e descia a escada. Assustado, Jess ficou em seu próprio quarto até o encontro terminar, uns cinco minutos depois, quando ouviu o som de um carro afastando-se, seguido pelos passos pesados de Daugherty nos degraus, e então um monólogo do tipo que Jess nunca ouvira antes por parte de Daugherty ou, aliás, de qualquer pessoa.

O assunto parecia ser a sacrossanta qualidade do cochilo da tarde, mas muitas outras coisas foram ditas até que Jess concluiu que provavelmente ainda estava dormindo na cadeira de balanço e aquilo era um típico pesadelo de diabético. Mais tarde ele acordaria. Mas não acordou. Daugherty agora estava vestido e de malas arrumadas, tinha mandado buscar o motorista para levá-lo a Washington Court House.

— Você pode voltar para a cidade por sua conta — disse, batendo a porta da rua atrás de si.

Jess foi ao telefone e ligou para Roxy. Mas ela não estava. Deu mais dois

telefonemas: ninguém atendeu. Então Daugherty abriu a porta da frente e disse:

— Venha, vou levá-lo para a cidade.

A maior parte da curta viagem foi feita em silêncio. Daugherty olhava por uma janela, e Jess pela outra. O motorista estava isolado pelo vidro entre os dois bancos, para dar privacidade.

Quando chegaram à rua principal, Daugherty disse ao motorista para parar perto da loja de Jess. Daugherty evitou os olhos de Jess ao dizer:

— Eu estava falando a sério sobre você ficar aqui, ficar longe de Washington. Está ficando quente demais.

— Eu não fiz coisa alguma. — Jess estava quase que ferido demais para defender-se. Não tinha feito coisa alguma, a não ser o tipo de besteirinhas que praticamente todo mundo em sua situação fazia. — Nunca tive nada a ver com Charlie ou com Fali.

— Há a Rua K, há Mannington. — Daugherty continuava sem olhar para ele. — O Presidente quer você fora de Washington.

— W. G? — fez Jess, atônito.

— Também tenho que lhe dizer que você não vai para o Alasca. Ele me mandou tirar seu nome da lista.

Outras coisas foram ditas. Mas Jess estava confuso. Odiava armas de fogo. Daugherty parecia louco. O carro parou.

Jess saiu do carro às cegas. Vários amigos o cumprimentaram. Apertou meia dúzia de mãos. Então, enquanto o carro se afastava com o procurador-geral, Jess entrou na loja de Carpenter e comprou uma pistola e munição. O proprietário espantou-se.

— Ora, Jess, nunca vi você tocar numa arma antes.

— É para o procurador-geral. Hoje em dia a gente tem que se proteger.

Jess não se importou com o toque frio e rígido da pistola tanto quanto pensou que se importaria. Que mais Daugherty lhe dissera? Ou ele sonhara tudo aquilo? O que pensava que Daugherty tinha dito no carro, ele não podia ter dito. Era só um pesadelo.

Roxy queria ir a um jantar dançante no Scioto Country Club, e Jess fez-lhe a vontade. Agora que tudo estava-decidido", ele se sentia em paz com o mundo, senão com seu próprio corpo, que não estava reagindo à insulina tão bem quanto deveria. Ele estava, cada vez mais sujeito a ataques que o deixavam trêmulo e desorientado. Mas tudo logo estaria bem. Daugherty lhe telefonara naquela tarde para a loja. Eles voltariam juntos para Washington e Daugherty então mudar-se-ia para a Casa Branca, ao passo que Jess voltaria para o Wardman Park para encerrar seus negócios. Era como nos velhos tempos, quase.

A orquestra era boa, e o mais recente sucesso, *Tea for two*, tentou Jess a dançar, mas Roxy objetou:

— Não. É muito esforço para você. Além disso, odeio sentir essa sua cinta

encostando em mim.

— Não vai ser por muito tempo — Jess disse.

Por toda parte havia sinais de prosperidade. Alguma coisa estava acontecendo no país. Os negócios iam bem. Havia um forte cheiro de rosbife e charutos de Havana no amplo restaurante com a orquestra e a pista de danças no extremo oposto. Jess conhecia todo mundo no salão, e todos o conheciam e gostavam dele. Mas como essa noite ele queria ficar com Roxy, manteve os "quequiá" no mínimo.

— Você está bem, não está? — Roxy perguntou.

Ela ficara preocupada na véspera, quando ele estava sofrendo de uma espécie de sonho em vigília no qual as palavras de Daugherty em Deer Creek misturavam-se com visões de pesadelo, de caranguejos, galochas e pistolas, e a escuridão. Ele sabia que tinha dito coisas sem sentido a Roxy. Mas agora estava inteiramente controlado. Os fatos aconteceriam segundo o seu plano, e nenhum outro.

— Que quis dizer com "Eles passaram para mim"?

— Eu estava tendo um daqueles ataques que tenho de vez em quando. — Jess serviu-se um gim-martíni de um bule de café. — Vai sentir saudade de mim quando eu partir?

— Sempre sinto. Pelo menos por algum tempo. Ando muito ocupada.

— Vou dar meu sedã Cole para você.

A orquestra tocou *Yes, não temos bananas*, um título que irritava Jess extremamente. Por que "yes", se não havia bananas?

A viagem de trem de volta a Washington foi como nos velhos tempos, quase. Daugherty estava simpático, como costumava ser. Combinou-se que Jess destruiria todos os seus arquivos, caso as diversas investigações se espalhassem para fora da Seção de Veteranos e as reservas petrolíferas navais. Daugherty achava que o Senado não encontraria coisa alguma além do fato conhecido de que Forbes era um ladrão, agindo por conta própria, ao passo que Fali, um favorito do Senado, não era mais que um bom amigo dos magnatas do petróleo.

— Andamos censurando os telefones do senador Walsh. — Daugherty fixou em Jess seu bem-humorado olho azul; através da janela, a paisagem plana de Ohio dava lugar à montanhosa Virgínia. — Ele não vai a parte alguma, eu diria. Fali é um bicho muito esperto. — O olho azul piscou de repente, sem motivo. — Mas Charlie Forbes vai passar trinta anos na cadeia, se eu puder fazer alguma coisa.

— E Charlie Cramer? — perguntou Jess.

Ele não acreditava na história do suicídio. A pessoa só se matava se estava realmente doente de alguma coisa, como diabetes antes da época da insulina.

— Que é que tem ele?

— Ele estava por dentro, com Forbes?

— Por que outro motivo ele se mataria? — O olho castanho juntou-se ao azul encarando Jess.

— Bem, alguém podia ter dado um tiro nele para silenciá-lo, não podia?

— Burns saberia.

Daugherty tinha muito mais fê em seu diretor do FBI do que Jess ou qualquer outra pessoa. William J. Burns era um velho amigo de Daugherty do tempo de Columbus, onde ele tinha a Agência Nacional de Detetives Burns. Era tão íntimo de Daugherty que finalmente mudara-se para Wardman Park, ficando com um apartamento diretamente abaixo daquele que Daugherty compartilhava com Jess. Como resultado, Jess sempre tivera ciúmes da intimidade entre os dois, e suspeitava que havia segredos que Daugherty compartilhava com Burns e não com ele.

Jess nunca fora um bom jogador de golfe; hoje estava em sua pior forma. Mas os outros eram tolerantes, na partida que disputavam em Amizade, sob um céu escuro. Embora os McLean estivessem na Virgínia, em sua propriedade de Leesburg, os amigos eram encorajados a usar o campo de golfe quando quisessem.

Entre os jogadores achava-se Warren F. Martin, o assistente especial de Daugherty no Departamento de Justiça — um homem que Jess nunca chegara a conhecer muito bem — e o médico pessoal do Presidente, o capitão-de-corveta Boone, um sujeito simpático que finalmente, vendo que Jess estava suando demais mesmo para um dia úmido e abafado, sugeriu:

— Vamos entrar. Jess está tendo uma reação menopáusica.

Mas Jess recusou-se: jogaria até o nono buraco. Depois todos voltaram para a sede do clube. Jess ficou lá algum tempo, mas recusou uma bebida.

— Está ansioso pela viagem no mês que vem? — perguntou Boone, um homem simpático e, pelo que diziam, um bom médico.

— Eu não vou.

Jess olhou para Martin, que desviou os olhos com ar de culpa. Martin sabia da sua queda. Daugherty lhe contara. Quantos outros saberiam?

— Que pena. Parece que vai ser divertido. O general vai?

— Não — respondeu Martin. — Ele vai ficar quieto. Andou afastado do escritório por quase três meses.

Assim Martin respondeu a pergunta endereçada a Jess Smith, pára-choque de Daugherty e seu melhor amigo. A cortina estava caindo depressa. Jess dirigiu seu sedã Cole de Amizade ao Departamento de Justiça, onde foi recebido como se nada tivesse acontecido. Pelo menos Daugherty não tinha dito aos guardas. Jess esvaziou os arquivos em seu escritório no sexto andar; depois foi de carro à Casa Branca, onde, novamente como se nada tivesse acontecido, os guardas acenaram para que ele atravessasse o portão para os escritórios executivos. No saguão de recepção, ele disse ao funcionário de plantão que tinha

um compromisso com o Presidente, o que não era exatamente verdadeiro. Mas não teve que esperar muito tempo. Enquanto descia o corredor, passou pelo armário de casacos e estremeceu, como sempre fazia quando pensava em qualquer armário, tão parecido com um caixão, exceto que naquele armário em particular W. G. e Nan tinham feito amor — de pé? Ou havia espaço suficiente para os dois se deitarem no chão?

O Presidente estava parado de pá atrás da escrivaninha, olhando pela janela para o gramado sul, de um verde radiante à luz do final da tarde. Então voltou-se, e Jess ficou chocado ao constatar como o rosto do Presidente estava acinzentado, como ele tinha engordado. Mas o sorriso era encantador como sempre, e o aperto de mão era firme.

— Bem, Sr. Presidente, estou fazendo o que me mandaram. Vou sair da cidade.

— Sente-se, Jess. — Harding permaneceu de pé, um charuto apagado na mão direita. — Lamento muito que tenha que terminar assim. Você tem sido um bom amigo meu e da Duquesa, mas teremos muitos problemas em outubro, quando o Congresso reabrir. Fui confiante demais, diz a Duquesa. Eu não acho. Acredito que as pessoas que estão se saindo bem fazendo as coisas certas não serão idiotas a ponto de arranjar problemas para si mesmas fazendo coisas erradas.

— Sim, senhor. — Jess sentia-se como se fosse um par de olhos sem corpo descansando lá em cima no lustre, observando os dois a distância. — Acho que nenhum de nós na casa da Rua K...

— Jess, Jess... — O Presidente fez um gesto para que ele se calasse; depois sentou-se à escrivaninha e apoiou a cabeça na mão. — Sei tudo sobre a Rua K. Ou pelo menos tudo que quero saber, e gostaria de não saber o que sei. Não culpo você. Acho que a culpa é minha, de ter pensado que você saberia a diferença entre

Washington e Washington Court House, o que se pode e o que não se pode fazer aqui.

— Bem, fiz o melhor que pude. Para todo mundo. Ou tentei. — Jess esperava que não fosse começar a chorar.

— Eu sei. Eu sei. Se não fosse aquela... confusão da Seção de Veteranos... — O Presidente não continuou; ele também não conseguia pronunciar o nome de Charlie Forbes.

— Que é que devo fazer com os relatórios de Undergleider?

O Presidente deu de ombros.

— Os meus você pode publicar no *Post*, se quiser. Eles só mostram que fui tão azarado no mercado de ações quanto em tudo mais. Estou vendendo o *Star*:

— Lamento", W. G.

De certo modo, a lembrança do *Marion Star* transportou, embora

fugazmente, as duas figuras no extremo do escritório oval de volta a um tempo mais feliz, quando W.G. era um jornalista e Jess era dono de uma loja na cidade vizinha. Tinham percorrido um longo caminho até aquela casa maléfica e aquele final incomum.

— Tive que fazer isso. Precisávamos do dinheiro.

O Presidente levantou-se. Jess voltou para seu corpo doente junto à escrivaninha e apertou a mão de Harding pela última vez.

Era noite quando Jess estacionou seu sedã Cole na garagem do Wardman Park. Então pegou o elevador para o seu andar. Quando destrancava a porta para a sala da suíte, percebeu que alguma coisa não estava certa. Então viu Martin, em mangas de camisa, sentado atrás da escrivaninha, falando ao telefone:

— Só vou saber quando ele chegar aqui. — Então Martin deve ter ouvido o som forte da respiração de Jess, pois falou: — Eu lhe telefono depois. — Martin sorriu para Jess; ele sempre sorria. Era mais de dez anos mais jovem que Jess. — O general estava preocupado com você. De modo que me pediu para dormir aqui, sabendo que você não gosta de ficar sozinho à noite.

— Ótimo — disse Jess.

Havia dois quartos de dormir na suíte, com a sala de permeio. A maleta de Martin estava na cama de Daugherty.

Jess entrou em seu quarto e fechou a porta. Depois abriu sua pasta e retirou todos os extratos bancários, os recibos, as cartas. Tinha recolhido também tudo que se relacionava ao Presidente e a Daugherty. Ao lado de sua escrivaninha havia uma cesta de papéis de metal. Metodicamente, um por um, ele colocou os papéis na cesta e ateou fogo. Uma brisa fresca soprava a fumaça para fora da janela aberta. Um trovão soou a distância. Por que logo Martin, entre tantas pessoas?

De repente Jess teve uma inspiração. Telefonou para os McLean em Leesburg. Evalyn atendeu.

— É Jess — ele anunciou.

— De volta do Ohio?

— Por algum tempo. Escute. Será que posso ir até aí passar uns dois, três dias?

— Claro que pode. Há bastante lugar. Você está bem?

— Estou um pouco chateado. Acho que você sabe: negócios, coisas assim.

— Eu sei — fez Evalyn, que provavelmente sabia muita coisa.

— Vou partir assim que puder.

Jess desligou. Um trovão soou ainda mais alto, e a chuva começou a cair torrencialmente.

Jess cochilou. O último dos papéis tinha virado cinza. Ele acordou com a chuva em seu rosto. Consultou o relógio: mais de 10:00h. Fechou a janela. Depois tornou a ligar para Evalyn e disse a ela que estava chovendo demais para dirigir.

Ela sugeriu que ele fosse de manhã..Ele garantiu que estaria lá às 7:00h. Em ponto. Já estaria claro. Ele não gostava de dirigir no escuro — na realidade, de fazer qualquer coisa sem uma luz acesa em algum lugar.

Jess tornou a cochilar. Sonhou com monstros, armários, horrores que ele podia sentir mas não conseguia ver. Sonhou que ouviu uma chave girando numa fechadura e uma porta sendo aberta. Então um trovão explodiu, um relâmpago, a escuridão.

3

Warren T. Martin e o capitão-de-corbeta Joel T. Boone puseram-se de pé de um salto quando Brooks anunciou:

— Senhores, o Presidente.

Harding entrou na sala de estar oval. Usava pijama e roupão, e apenas metade do rosto barbeado. Com uma toalha retirava a espuma do lado não barbeado.

— Que foi que aconteceu?

Acenou para que se sentassem.

— Bem, senhor — começou Martin, puxando nervosamente os dedos da mão direita com a esquerda. — Mais ou menos às 6:30h da manhã ouvi o que parecia ser uma porta batendo, ou talvez um trovão, porque houve uma tempestade horrível durante a noite inteira. Tentei voltar a dormir mas não consegui. Então levantei-me para ver como Jess estava. A porta do quarto dele estava aberta, olhei para dentro e lá estava ele, caído no chão, a cabeça na cesta de lixo cheia de cinzas, com a pistola na mão. Tinha dado um tiro na cabeça, no lado esquerdo.

Harding segurou o lado direito da própria cabeça, como se para protegê-la de uma segunda bala.

— Deixou uma carta, qualquer coisa?

— Não, senhor. Ele queimou um monte de papéis na cesta, antes de... — Martin tinha a boca seca. Engoliu com força. — Então telefonei para o Sr.- Burns, que mora no andar de baixo, e ele ligou para o senhor, e o senhor mandou o capitão Boone, como médico, e ele examinou o corpo.

Harding olhou para Boone..

— Você tem que fazer uma declaração à imprensa. Diga a eles que... ele

se matou porque... — Harding esfregou os olhos.

— Porque, senhor, ele estava em crise de depressão diabética, e vinha sofrendo dessa depressão desde o ano passado, quando operou o apêndice e o corte custou a cicatrizar. Como não havia motivo para autópsia, entreguei o corpo para o Sr. Burns do FBI.

— Ele vai mandar os restos para serem enterrados em Washington Court House — informou Martin.

Harding ergueu-se.

— Capitão, desça ao escritório da imprensa e faça a sua declaração. Obrigado a ambos.

Harding apertou a mão de cada um e levou-os até a porta. Depois sentou-se junto à janela e contemplou o Monumento a Washington, como uma agulha branca ao brilhante sol matinal. Ouvia uma porta bater no corredor, depois ouvia a voz de Daugherty:

— O que há de errado com o telefone do meu quarto? Não consigo falar com o Sr. Smith pela minha extensão.

O Presidente não conseguiu escutar a resposta do funcionário. Mas pela expressão de Daugherty era óbvio que ele tinha acabado de receber a notícia: ficou parado no meio da sala oval, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Jess se suicidou — disse Harding. — Primeiro queimou muitos papéis. Não sobrou coisa alguma no quarto dele. Nenhuma carta, nada.

— Ele se matou com a arma que comprou na semana passada em Washington Court House.

— Com uma pistola, disseram. Martin o encontrou. Telefonou para mim. Mandeí o Dr. Boone até lá. Depois Burns se encarregou. O corpo está a caminho de casa.

— Onde foi que ele atirou?

Harding colocou a mão esquerda no lado esquerdo do rosto:

— Aqui.

— Mas Jess não era canhoto — interveio a Duquesa. Ela estava parada à porta, usando um enfeitado roupão de seda.

— Talvez eu tenha entendido errado — respondeu o Presidente. Ele sacudiu a cabeça. — Primeiro Cramer. Agora Jess. Há uma maldição sobre nós, eu juro que há.

— E logo esta noite os Sanford vêm jantar. Vou cancelar.

— Não, não. Não seria apropriado,

— Ou sábio. — Daugherty soltou um longo gemido, sem parar para respirar.

Blaise e Frederika tinham ficado surpresos ao receberem o convite para um jantar familiar na Casa Branca, e ainda mais surpresos porque o jantar não foi cancelado depois da notícia de primeira página do suicídio de Jesse Smith.

O Presidente comportou-se com grave cortesia, mas nada mais. Parecia distraído. O procurador-geral mal falou. A primeira dama fez o possível para manter uma conversa leve. Como um jornalista lembrava-lhe outro jornalista, ela passou algum tempo discutindo Ned McLean.

— Acho que ele se saiu muito bem no *Post*. Sei que as pessoas acham que ele não é sério. Mas a quantidade de anúncios, foi três por cento maior do que no último trimestre — disse ela.

Blaise lembrou-se que a Sra. Harding dirigira um jornal durante anos. Falaram sobre taxas de publicidade, enquanto Frederika tentava divertir o Presidente.

— Algum Presidente já esteve no Alasca antes?

Harding encarou-a com os olhos vagos; depois pareceu repetir a pergunta dela em pensamentos.

— Não. Serei o primeiro. Estou ansioso para sair daqui, eu lhe juro.

— Acabei de ver o seu itinerário, Sr. Presidente. O senhor é muito ambicioso. Todas aquelas paradas no caminho, com esse calor...

A isso, a Sra. Harding ergueu os olhos.

— O Dr. Sawyer não quer que você vá. Diz que é demais. E eu concordo.

— É o meu trabalho.

Blaise observou a cor pardacenta do rosto do Presidente, e também a papada que começava a derramar-se sobre o colarinho rígido quando ele baixava a cabeça. Blaise perguntou-se se haveria algo verdadeiro na história do sangue negro de Harding; perguntou-se também se Jess Smith teria mesmo se suicidado. O repórter do *Tribune* achara muito suspeito o fato de ninguém ter visto o cadáver a não ser um médico da Casa Branca e o diretor do FBI. Além disso, era muito conveniente que Jess se matasse na suíte do hotel de Daugherty com um agente do Departamento de Justiça no quarto contíguo e o Sr. Burns do FBI no andar de baixo. Então, em vez de um exame pelo legista da polícia, como mandava a lei, um médico naval da Casa Branca tinha sido chamado. Mas por que, Blaise se perguntava, Daugherty queria seu melhor amigo morto? Por que, perguntara o repórter, havia tantos papéis queimados, e a única pessoa que sabia o que continham estava morta?

A Sra. Harding propôs que assistissem um filme no segundo andar, e todos se sentiram aliviados por não haver mais necessidade de conversar.

Enquanto Frederika e Blaise seguiam o Presidente e a Sra. Harding para o local onde cinco poltronas tinham sido arrumadas, Frederika cochichou a Blaise:

— É como uma noite com os *Macbeth*.

— Cale a boca — respondeu Blaise.

O filme era *Monte Carlo*, estrelado por Emma Traxler.

— Espero que ainda não tenham visto este — disse a Sra. Harding.

— Não — respondeu Frederika. — Caroline pediu-nos para não ver.

Enquanto Emma Traxler entrava, de vestido de baile, no Palácio de Inverno, a Sra. Harding observou:

— Acho que esta sua irmã é a jornalista mais bonita de Washington.

Pela primeira vez na noite todos riram, exceto Daugherty, que soltou um longo gemido.

QUINZE

1

Burden e seu vizinho cego, o ex-senador Thomas Gore, contemplavam os bosques enluarados onde Gore estava construindo uma casa. Derrotado em 1920 depois de três mandatos no Senado, Gore estava advogando em Washington, e ganhando dinheiro pela primeira vez na vida.

— A casa vai ficar escondida, uns duzentos metros a nordeste daquela colina.

O homem cego apontou corretamente coin sua bengala. Burden sempre se admirara do modo como Gore segurava um manuscrito na mão enquanto discursava e de vez em quando fingia consultá-lo, como se estivesse confirmando um dado estatístico ou as palavras exatas de uma citação latina. Embora dois acidentes o tivessem deixado cego aos dez anos de idade, dizia-se que ele fora eleito o primeiro senador de Oklahoma por meio de fingir não ser cego. Daí fingir ler, enxergar.

Durante o jantar as esposas conversaram, e agora continuavam conversando na sala enquanto os homens aproveitavam a cálida noite de agosto. Vagalumes piscavam no bosque escuro. A lua estaya escondida atrás das nuvens. Burden fechou os olhos para ver como era ser cego: intolerável, concluiu. Conversavam sobre a investigação a respeito de Fali.

— É um velho amigo meu — disse Gore. — Não vou especular sobre o que ele fez ou deixou de fazer, mas Sinclair e Doheny não desistem quando têm alguém em sua mira.

— Bem, o senhor os denunciou.

Alguns anos antes, Gore criara sensação no Senado ao revelar que uma companhia petrolífera lhe oferecera suborno. Ninguém fizera isso antes, e a

excentricidade de Gore foi deplorada na sala de descanso. "Eu morreria de fome, se não fossem os amigos!", exclamara um estadista sulino.

— Agora eu me pergunto se teria feito o que fiz se estivesse tão quebrado quanto Fali está. Ninguém pode dizer o que faria se estivesse no lugar de outra pessoa.

— Acho que nem eu, nem o senhor aceitaria um suborno — declarou Burden com convicção.

— Mas e as contribuições? — Gore suspirou. — É onde as coisas ficam confusas. Sabe, em 1907, na minha primeira campanha, eu não tinha dinheiro algum. Literalmente. Aliás, estava devendo, porque em vez de advogar eu estava fazendo política para conseguir que Oklahoma entrasse para a União. De qualquer maneira, depois que fui indicado, estava parado na frente de uma barbearia em Lawton, pensando na má situação em que me encontrava, quando um desconhecido me abordou dizendo: "Tome isto aqui", e me deu um envelope. Depois foi embora. Bem, dentro daquele envelope havia mil dólares. — Gore riu. — Adoro contar essa história porque nunca encontrei alguém que acreditasse nela. Mas foi assim que aconteceu.

— Pretende voltar, não é?

Gore virou-se para ele. Seu único olho, de vidro, brilhava ao luar, enquanto o olho cego era opaco, não refletia a luz.

— Quando fui derrotado, na vitória de Harding, achei que era o fim do mundo. Depois pensei melhor, e disse a mim mesmo: "Bem, você está com cinquenta anos de idade, é senador desde os 37 e nunca teve oportunidade de ganhar um centavo. De modo que tire umas férias. Construa uma casa no Parque Rock Creek. Depois volte. Escrevi um bilhete e o escondi no plenário do Senado, dizendo que um dia estaria de volta. E engraçado — ele ergueu a bengala à sua frente como se fosse uma vareta de adivinhação —, logo depois que escondi aquele pedaço de papel saí para a sala de descanso para juntar minhas coisas, pois era o último dia de sessão, e de repente senti dois braços me rodearem num forte abraço. Perguntei quem era, e uma voz respondeu: "É só um malandro velho, a caminho da força", e era Harding.

Burden lembrou-se da alegria de Harding em seu último dia como senador, brincando com os senadores que tinham tomado a si todo o crédito pela eleição dele. Agora estava doente num quarto de hotel em San Francisco. Oficialmente tivera uma intoxicação por ptomaina; mas esse tipo de intoxicação passava logo, e o Presidente estava doente havia cinco dias. O resto da viagem tinha sido cancelado. Falava-se em problemas de coração.

— Ele teve tanta sorte, durante tanto tempo, e agora o povo está prestes a voltar-se contra ele — disse Burden.

— Mais cedo ou mais tarde o povo se volta contra todo mundo — suspirou Gore. — Eu lhe juro, se houvesse outra raça que não fosse a humana, eu entraria

para ela.

Burden esquecera-se do quanto sentira falta do humor negro de Gore. Quando foi forçado a tomar posição no caso da Proibição, algo muito perigoso para um político do Cinturão da Bíblia, Gore declarara achar a 18ª Emenda uma coisa ótima porque "agora os abstêmios têm a sua lei, os que bebem têm o seu uísque, e todo mundo está feliz".

Kitty saiu para a varanda.

— A Casa Branca está no telefone; é o escritório do Sr. Christian.

— Tão tarde assim? — Burden foi até o saguão e pegou o aparelho. — Senador Day falando,

Uma voz não-identificada disse:

— Lamento incomodá-lo tão tarde, mas o Sr. Christian acha que o senhor deveria saber que o Presidente está morto.

— Morto? Que foi? — Burden sentou-se sobre a mesa comprida, algo proibido pelas leis de Kitty.

— Apoplexia, dizem. O Sr. Christian queria que o senhor soubesse antes que os jornais publiquem.

Burden agradeceu ao desconhecido. Depois telefonou para Lodge. Lodge ouvira as notícias? Não. Quando Burden lhe contou, Lodge exclamou:

— Meu Deus, isto é terrível! Impensável!

Ele parecia realmente perturbado.

— Ora, é, mesmo, terrível, tão novo ainda. Mas eu não sabia que vocês dois eram tão amigos.

— Não éramos. — A voz de Lodge recuperara seu frio equilíbrio de costume. — Estou perturbado porque Calvin Coolidge vai ser o Presidente agora. Calvin Coolidge! Que humilhação para o país, aquela criaturazinha horrorosa naquela casinha horrorosa, dividida em duas!

Na sala de estar, Kitty e os Gore reagiram com mais solidariedade. Kitty não se surpreendeu.

— Dava para perceber que no ano passado ele estava cada vez mais doente. Tinha sempre uma cor horrível, e parecia tão inchado... Tenho certeza de que foi enfarte.

Gore achou que Harding provavelmente estaria melhor assim, Era um homem bom demais para a Presidência.

Burden sentou-se no sofá e bebeu uma Coca-Cola.

— Sabe, ele não ia ter Coolidge em sua chapa outra vez — revelou.

— Quem é que ele queria? — perguntou a Sra. Gore.

— Charlie Dawes. Pelo menos foi o que o próprio Dawes me contou. Ele não suportava Coolidge. Ninguém suporta. No Gabinete, ele fica mudo o tempo todo.

— Agora ele é o chefe — disse Gore. — Você vai concorrer contra ele,

eu imagino.

— Se for indicado...

Burden sentiu a costumeira onda de ambição erguer-se dentro de si. Quem mais havia? Cox não seria aceitável depois de sua desastrosa derrota em 1920. Franklin Roosevelt era um aleijado, por causa da paralisia, e nunca mais poderia andar — muito menos concorrer à Presidência. O governador de Nova York, Al Smith, era católico. Hearst estava politicamente morto para todo mundo, exceto ele próprio. McAdoo não tinha apoio. James Burden Day contra Calvin Coolidge parecia agora inevitável, com o resultado inevitável. Burden estremeceu de contentamento e medo; e pensou em seu pai.

2

Caroline postou-se no terraço da Casa dos Loureiros e baixou os olhos para o rio.

— É véspera de Finados — observou para si mesma.

Blaise e Frederika tinham decidido dar uma festa para todo mundo de Washington e por um motivo qualquer escolheram a noite de 1º de novembro, quando as almas dos mortos estavam vagando, ou talvez dormissem em algum lugar, esperando ser apaziguadas — ela não conseguia lembrar-se exatamente. Mlle. Souvestre afastara toda religião da sua alma, inclusive as interessantes religiões pagãs.

A noite estava ominosamente abafada, e uma última tempestade de verão aproximava-se da casa. Tempo do equinócio, pensou ela; tempo de mudança. Mas o que *era* mesmo o equinócio? O professor de ciências não tinha conseguido preencher os nichos em sua mente que Mademoiselle tão implacavelmente esvaziara de seus ídolos.

Tim saiu para o terraço. Usava roupa de noite e parecia mais velho do que era.

— A única coisa que fazem aqui é falar de política?

— Os fidalgos falam sobre cavalos e linhagens. As deles e as dos cavalos. Papai falava de música — acrescentou ela, perguntando-se como aquela excêntrica figura tinha de repente surgido em sua lembrança. — Finados — disse, numa explicação para si mesma. — A alma de papai está vagando esta noite. Mas eu preferia ver a de mamãe.

— Sua xará.

— Em parte. Emma de Traxler Schuyler d'Agrigente Sanford. É comprido demais para uma marquise de cinema.

— E para uma vida?

— Acho que ela não pensava assim. Mas não sei. Não me lembro dela.

Do terraço inferior um casal emergiu da escuridão. Obviamente vinham do pavilhão da piscina.

— Jovens apaixonados... — fez Caroline, levantando o pincenê que era ao mesmo tempo um enfeite e uma necessidade.

— Não tão jovens — disse Tim, cuja acuidade visual complementava a miopia dela.

— Caroline! — exclamou Alice Longworth com um sorriso radiante. — Que festa ótima! Que lugar lindo! Que linda estrela de cinema você é! Represente para nós.

— Já estou representando para vocês. Estou sorrindo com tolerância e recordando as febres da minha juventude longínqua. Finalmente sou Marshallin.

O senador Borah não achou graça naquilo tudo. Apertou solenemente a mão de Caroline e de Tim.

— Estamos conhecendo a casa — disse. — Não sabia que era tão grande.

— O pavilhão da piscina é um grande sucesso — respondeu Caroline. — É véspera de Finados — ajuntou, voltando-se para Alice, muito bonita em azul e tão feliz quanto podia ser aquela inquieta criatura.

— É mesmo. Acho que a essa altura já conheço todos os mortos. Afinal, todas as pessoas interessantes estão mortas. Nós devíamos ir para junto delas. No inferno, imagino.

— Você faça isso. Eu vou entrar. — O Leão de Idaho abriu a porta-janela e entrou na sala apinhada,

— Acha que a maternidade é gratificante? — Alice perguntou.

— Minha filha está aqui hoje — foi a não-resposta de Caroline.

— Lembro-me de quando você a teve, há muitos anos. Perdi alguma coisa?

— Muitos problemas.

— Tenho quase quarenta anos. — À meia-luz que vinha da sala, Alice parecia pálida, como um fantasma, uma alma sem descanso.

— Bom, faz maravilhas para a pele. Mas você já tem uma pele perfeita. De modo que não precisa... reproduzir-se.

— Que palavra horrível.

Com isso, Alice entrou na casa.

— Ela está preocupada — observou Caroline.

— Com medo de ficar grávida? Do senador Walsh?

— Borah. Não. Petróleo. Os irmãos dela, Ted e Archie, estão envolvidos

com o Sr. Sinclair. Se ele se envolver nas audiências sobre a reserva de Teapot Dome... Por que é que falo dessas coisas, se estou fora delas?

O rosto de Tim estava metade na sombra, de modo que ele sorriu a meias para ela. Através das portas-janelas eles viam os convidados movimentando-se no que parecia ser uma dança hierática.

— Acho que você está mais dentro de tudo isso agora do que jamais esteve. Isto é, se conseguirmos.

Caroline não fizera a ligação, mas naturalmente ele tinha razão.

— Porque de agora em diante estaremos agindo, em vez de reagindo, como a imprensa geralmente tem que fazer. Aí vem o nosso transmissor.

Will Hays saiu para o terraço. A luz às suas costas emprestava um brilho cor-de-rosa às enormes orelhas bastante destacadas da cabeça de roedor.

— Meus dois produtores favoritos — disse, com uma demonstração de carinho de proprietário.

— E nosso favorito candidato à Presidência — respondeu Caroline com sua antiga habilidade, mais Sanford do que Traxler.

Hays ergueu a pata de roedor.

— Ora, ora, isso ainda está muito longe, se é que está em algum lugar. — As orelhas brilhavam como rubis. — Sabe, gosto muito do primeiro filme de vocês, pelo menos na leitura, embora não entenda, muito dessas coisas. Mas tem muita emoção, parece coisa de Booth Tarkington,¹⁷¹ de que eu realmente gosto muito, sabem, cidade pequena, vida em família, crianças crescendo, a coisa toda é muito verdadeira...

— Porém... — fez Caroline, que conseguia detectar uma ressalva mesmo no elogio mais entusiasmado.

— Porém... bem, eu estava pensando naquilo que você disse sobre as coisas que acontecem nessa sua cidade serem como o que acontece no país, só que vocês vão de certa maneira mostrar talvez o que é errado e o que não é inteiramente correto. De modo que eu andei pensando sobre esse problema realmente sério que temos hoje em dia com as drogas, e que vocês poderiam mostrar que as drogas podem matar os jovens...

— Sr. Hays — Tim acudiu em auxílio —, a principal intenção desse tipo de filme é não melodramatizar as coisas. As drogas são um problema sério nas vizinhanças do Bulevar Hollywood, mas ninguém saberia onde encontrá-las na nossa cidade, e acho que não devemos estar dando ideias aos espectadores.

Hays ficou calado por um instante; depois assentiu:

— É, acho que você tem razão...

— Além disso — continuou Caroline —, a experiência do garoto com cigarros, quando ele fica enjoado, é exatamente a mesma coisa que tomar drogas, só que é mais típico.

Hays abandonou o assunto.

— Gostei também do velho editor do jornal. Ora, a minha vida inteira conheci esse tipo de pessoa: alguém que está sempre tentando fazer o bem. Mas é sempre um trabalho árduo.

Caroline e Tim riram. O velho editor do jornal, que sempre conseguia estar orgulhosamente errado em todos os assuntos, era baseado em um ano de cuidadosa observação, por parte de Caroline, de Will Hays em ação. Através da janela mais próxima Caroline avistou sua filha Emma fazendo um sermão para um senador de aparência aterrorizada.

— Quando é que vocês vão lançar o primeiro filme, esse que eu li?

— Em janeiro de 1924 — disse Tim. — O primeiro filme do Sanford-Ferrell Studio estreará no Strand de Nova York no Dia de Ano-Novo. Vamos chamá-lo *Cidade natal*.

— Acabou-se a Traxler Productions? — Hays, como McAdoo antes dele, enfronhara-se bastante na parte comercial da indústria do cinema.

— Emma Traxler morreu no meio do ano — disse Caroline, com serena alegria. — Em Monte Carlo. Bebeu champanhe demais e dançou valsas demais. Simplesmente adormeceu e soltou seu último suspiro, de olhos fechados.

— Vamos sentir saudades dela — disse Hays com sinceridade, como se ela fosse alguém de verdade.

Emma Traxler era realmente alguém de verdade para muita gente, inclusive para Caroline em certos dias de loucura.

— Vocês estão construindo um belo estúdio em Santa Mônica — continuou Hays.

Frederika surgiu à porta:

— Todos querem conversar com o senhor, Sr. Hays, a respeito de Fatty Arbuckle. O senhor precisa vir contar tudo.

— Espero que queiram ouvir algo mais agradável que isso — respondeu ele.

Hays entrou, e Frederika sorriu para a cunhada.

— É verdade que vocês dois vão se casar?

— Não — respondeu Caroline. — Daria prazer demais à minha filha e ao Sr. Hays,

— Ótimo. Assim nunca vão precisar se divorciar.

Frederika voltou para a sua festa, e Caroline estremeceu.

— Os mortos sentem frio em sua noite de perambulação. Agora vou arranjar dinheiro para o nosso estúdio.

Antes que Tim perguntasse como, Caroline tinha entrado.

Millicent Inverness, agora Sra. Daniel Truscott Carhart, cumprimentou Caroline carinhosamente.

— Parei de beber — anunciou. — Faz parte da minha nova vida.

— Você parece muitos anos mais jovem — Caroline mentiu com

desembaraço.

Sempre escrupulosa, Millicent esperara o conde estar morto para casar-se novamente. O Sr. Carhart era uma obscura figura da Nova Inglaterra, ligado de uma forma qualquer ao Instituto Smithsonian, que por sua vez era um dos mistérios de Washington que Caroline não desvendara — e, na realidade, nem tentara desvendar.

— Vi sua filha, há poucos minutos. Parece que ela se divorciou daquele rapaz bonzinho. Tenho alguma dificuldade em compreender o que ela diz. Ela fala tão depressa!

Emma realmente divorciara-se. Agora estava trabalhando com o FBI, denunciando os comunistas que conseguiram infiltrar-se no governo. Mãe e filha encontravam-se o mínimo possível. Emma recusava-se a falar com Tim, por motivos morais e políticos. Emma também encontrara Deus e ia regularmente à missa, onde Héloïse a encontrava e recebia as notícias que porventura houvesse.

— Ela está tentando fazer uma reparação por sua mãe leviana

— afirmou Caroline. — Ela é séria, eu sou frívola.

— Ah, não é, não, doçura — contestou Millicent Carhart, acomodada em seu novo americanismo e parecendo mesmo a sobrinha de um Presidente bastante simplório — mas qual?

Blaise achava-se sentado no escritório de paredes forradas de madeira, onde estava pendurado o retrato de Aaron Burr, ancestral de Caroline mas não de Blaise; no entanto, ele era um personagem importante para ambos. Blaise conversava com o envelhecido Trimble, que agora raramente saía de casa.

— Aqui estamos os três — comentou Caroline. — O *Tribune* em carne e osso.

— Eu vou me livrar dos meus logo, logo — queixou-se Trimble. — Não imaginava que a velhice fosse tão ruim.

Caroline sentou-se com seus colegas de jornal.

— Estou interrompendo alguma coisa? — perguntou.

Blaise sacudiu a cabeça. O belo corpo de pônei tinha desaparecido debaixo de carne nova: ele estava definitivamente gorducho, e o rosto antes pálido mostrava-se avermelhado. Parecia um burguês. Ela pensou com curiosidade na vida particular do irmão. Devia haver alguém; caso contrário, ele não teria aceitado tão facilmente o caso de Frederika com Burden.

— Parece — disse Blaise — que no verão passado, quando nosso finado Presidente estava em Kansas City, a Sra. Fali visitou-o secretamente no Muehlbach Hotel. Ninguém sabe o que ela lhe disse, mas ele nunca mais foi o mesmo. Então, quando estava no Alasca, recebeu uma mensagem em código da Casa Branca, e isso deixou-o muito agitado, segundo Herbert Hoover, que estava lá. De modo que devia estar sabendo isso que nós agora estamos descobrindo.

— Só sabendo? — perguntou Caroline. — Ou participando também?

- O problema agora é como passar isso tudo para o público.
- Apesar da idade, Trimble nunca deixava de ser um editor sagaz.
- Harding morreu sendo um dos presidentes mais populares da história.
- As audiências do Senado modificarão isso — disse Blaise.

— Forbes vai para a cadeia. Fali também. Talvez Daugherty, se metade do que dizem dele for verdade.

— Ele assassinou Jess Smith? — Para Caroline, o caso Smith era o mais intrigante de todos.

— Daugherty estava dormindo na Casa Branca quando Smith foi morto — disse Trimble. — É claro, o amigo dele estava no apartamento. Então o Sr. Burns do FBI subiu, pegou a arma que o matou e a perdeu, diz ele.

Frederika surgiu à porta, esplêndida em branco e dourado.

— Venham, vocês três. Já conspiram demais lá no jornal. O Presidente chegou.

No saguão, a pequena orquestra estava tocando *Viva o Chefe*.

— Ah, meu Deus! — fez Blaise. Os três se levantaram. — Eu prefiro passar uma hora no dentista do que cinco minutos tentando conversar com esse homem.

Quando, em certa ocasião, Millicent Carhart sentara-se ao lado do novo Presidente, à mesa de jantar, ela dissera: "Acabei de fazer uma aposta de dez dólares de que consigo fazer o senhor dizer mais de três palavras." O Presidente então virara sua cabeça de maçã murcha em direção a ela e, com seu sotaque ianque tão fácil de imitar, dissera: "Você perdeu."

A porta da biblioteca, Caroline reteve Blaise. Trimble seguiu para o saguão onde um grupo reunira-se em volta dos Coolidge.

— Ainda quer comprar minha parte do *Tribune*?

Blaise dirigiu-lhe um olhar longo e cheio de curiosidade; então assentiu.

— Ótimo. Vou mandar meu advogado conversar com o seu. Vai ser como nos velhos tempos.

— Por quê?

— Por que não? Cheguei ao fim desse negócio. Só isso. Além disso, preciso de dinheiro para o Sanford-Farrell Studio.

— Vai realmente se estabelecer por lá?

Caroline assentiu.

— Afinal, é o único mundo que existe agora: aquele que a gente inventa.

— Inventa, ou reflete?

— O que nós inventamos os outros refletem, se formos suficientemente bons, é claro. Hearst nos mostrou como inventar notícias, coisa que fazemos, algumas vezes, por boas razões. Mas nada que fazemos penetra muito profundamente. Não penetramos nos sonhos das pessoas, do modo como Os filmes fazem... ou podem fazer.

— Do modo como você e Tim pretendem fazer. Bem, deve ser agradável ser tão... criativa.

— Está com inveja?

— Estou.

— Fico contente.

Blaise então dirigiu-se ao saguão para cumprimentar o Presidente, que, como um paladino justiceiro — pelo menos para a imprensa — estava purificando a vida política da nação, exatamente como Will Hays estava fazendo em Hollywood, só que Coolidge não tinha conselheiros secretos e Hays, sem que ele soubesse, tinha.

Confortavelmente, Caroline, agora inteiramente ela própria, finalmente uma só pessoa, fixou os olhos no fogo da lareira e pensou em todas as almas que tinha conhecido. Se elas realmente estivessem vagando essa noite, seriam fogo e ar, luz e sombra, tão fixadas em sua memória que ela poderia, se quisesse, transferi-las para uma fita de celulóide que o mundo inteiro poderia então imaginar para sempre, até o fim do rolo.

FIM

Notas

- [1] Tammany Hall — o Diretório Central do Partido Democrata, em Nova York (N. da T.)
- [2] Chautauqua — palestra ao ar livre, seguindo o modelo das escolas de verão da cidade de Chautauqua, no estado de Nova York (N. da T.)
- [3] O paraíso na mitologia nórdica. (N. da T.)
- [4] Wobbly (pl. Wobblies) — membro da organização industrial Workers of the World. O nome deriva da maneira como os chineses pronunciam as iniciais IWW: "I Wobble Wobble". (N. da T.)
- [5] Mardi Gras — O Carnaval em alguns países da Europa. (N. da T.)
- [6] Cotton Mathers: teólogo e escritor americano (1663-1728). (N. da T.)
- [7] **Newton (Booth) Tarlington — Romancista americano (1869-1946). (N. da T.)**

Fonte .doc



Formatação .ePub

lubinho

The logo consists of a square containing a white, textured letter 'C' on a dark grey background. To the right of this square, the word 'lubinho' is written in a grey, lowercase, sans-serif font.

2013